

Ana Vitola

Luz



Luiz

Ana Vitola

Prólogo

– Nós íamos sair as oito horas e são oito horas em ponto. – Joana falou com aquele tom de voz sempre alegre que possuía.

– Poderíamos sair um pouco mais tarde. Ainda estou quebrado do plantão duplo para conseguir essa folga.

– E eu estou com sono. – A filha deles, Luiza, de dez anos entra no carro no banco de trás com o seu travesseiro.

– Parem de reclamar os dois. – A esposa fala sorrindo, pois sabe que os dois são iguais quando estão com sono. – E vamos de uma vez para aproveitar o dia na fazenda. Não é sempre que temos esse final de semana prolongado longe de casa assim.

E então seguiram viagem rumo à fazenda dos pais dele, localizada na saída norte da cidade em que moravam.

O feriado era uma data esperada por todos daquela casa. Ele por ter alguns dias de folga com as suas gurias e com o seu pai, aquele que sempre idolatrou e seguiu os conselhos fielmente, e que ultimamente o seu quadro de [Alzheimer](#) estava começando a entrar em uma fase crítica. Às vezes ele confundia a nora com a neta e isso começava a preocupar Luiz com o futuro que a doença o reservava.

Joana, estava ansiosa pelo feriado ao lado do marido. Por mais que eles se vissem todos os dias e fizessem, ao menos, uma refeição por dia juntos com a filha, nada era comparado a ter ele por mais algumas horas. Ela o amava, o mais profundo e sincero amor que alguém poderia sentir por outra pessoa. Havia passado por problemas, enfrentado uma gravidez quando ainda eram novos demais para saber o que essa responsabilidade significava, mas tinham conseguido com maestria conciliar a chegada de Luiza com a faculdade de medicina dele e outros sonhos que construíram juntos.

Sabia que o marido andava cansado, porém, cada vez que via ele saindo para o plantão com o seu jaleco branco nos braços, sentia o orgulho no peito e a felicidade em saber que ele tinha conseguido o que os seus irmãos achavam impossível, se formar em medicina e ser um médico exemplar no hospital que trabalhava.

Joana acompanhou, desde cedo, a luta do Luiz com os irmãos e de como foi a reação deles quando souberam que o irmão caçula, com diferença de quinze anos para o mais velho e dez para o segundo, havia passado no vestibular para medicina, nos primeiros lugares. Apenas o seu pai e ela vibraram e acreditaram no seu potencial.

Foram tempos difíceis. Tudo aconteceu muito rápido. O “namoro” que nunca passou de apenas curiosidade entre adolescentes, pegou todo mundo de surpresa quando os sintomas da gravidez floresceram. Houve brigas, discussões acaloradas de ambos os lados, medos e quase nenhuma esperança de que poderia dar certo, mas cá estavam eles hoje. Dez anos após tudo isso e formavam uma pequena família feliz. E era isso que importava para eles.

Aprenderam juntos a superar os olhos que os julgavam, principalmente ela, filha do primo bastardo do sogro, aquele que vivia nas costas de quem pudesse o sustentar. Todos na região

falaram que o pai usou a filha para engravidar do filho mais novo e assim garantir um futuro promissor, pois a cada dia que passava, a escola que o pai do seu marido fundou com tanto trabalho dava mais lucros do que conseguiam administrar.

Claro que isso não era verdade. Joana e Luiz, além de serem primos de segundo grau, foram criados juntos. Os empregados da fazenda sofreram muito na mão de ambos quando eles decidiam colocar tudo abaixo em alguma brincadeira altamente perigosa. Sempre o “cabeça” da situação era ele, e mesmo sendo dois anos mais novo, havia dias que ninguém o aguentava tantas ideias mirabolantes que ele tinha.

Luiz sempre foi, o que hoje podemos chamar de hiperativo. Naquela época, diagnósticos desse tipo não existiam. Eram confundidos com crianças inquietas e, uma boa surra dos pais, era o que faltava para se comportarem. Ele apanhou muito de sua mãe, mas no outro dia voltava a escalar a casa e tentar se atirar do telhado com uma corda amarrada na árvore da frente.

Joana até tentava colocar algum juízo na cabeça do primo, puxava a atenção dele para alguma coisa, mas nem sempre tinha tanto sucesso. Então ela se designava a ficar na escuta para saber se alguém estava por perto para flagrar a péssima ideia.

Na escola, mesmo sendo o filho do dono, como alguns colegas e professores proferiam, a história sempre foi a mesma. Tanto que as grades no segundo andar tiveram que ser postas em um período de férias, porque ele havia se pendurado em uma e caído, resultando em uma fratura no braço direito e deixando ele um bom tempo à mercê dos professores, porque é destro e não poderia fazer as atividades.

Mas nem por isso deixava de tirar notas altas ou reprovar em nenhuma matéria que fosse. O terror das professoras da época, poderia ser uma praga como pessoa, mas era um excelente aluno e ainda ajudava os outros explicando, às vezes, até mesmo melhor que seus professores. E isso era o maior orgulho do seu pai quando ele via, em primeira mão, o boletim exemplar do filho.

“– Enquanto ele for um bom aluno, nada me obriga a negar alguma coisa a ele. Educação é o que vai mudar a sua vida.” - dizia o pai quando questionado a cada malandragem do filho.

Os anos passaram e juntos os dois cresceram. Afastaram-se um pouco quando Joana, por ser mais velha, começou a desenvolver-se mais do que ele. Enquanto ela estava colocando corpo de mulher e tendo sua atenção desviada para maquiagens e coisas do tipo, Luiz ainda estava mais interessado em descer a maior lombada da cidade com bicicleta e sem as mãos.

A amizade se distanciara, mas sempre que podiam eles estavam juntos. Os assuntos entraram em desarmonia e o que um achava interessante, para o outro, não era nenhum pouco atrativo.

A única coisa que era do interesse de ambos era quando Luiz sentava ao velho piano do pai e começava a tocar. Joana, sempre que podia, sentava ao seu lado e ficava observando o amigo tocando. Era calmante, principalmente para ele, e bonito aos olhos dela, ver o jeito que ele se concentrava em olhar para o papel cheio de símbolos e as teclas rapidamente.

Ele tentou, várias vezes, ensinar o básico. A posição do dó nas teclas, a leitura das partituras mais simples, mas tudo em vão. Joana era sempre a espectadora do seu concerto solitário.

Os anos passaram para ele também, e Luiz se desenvolveu como a genética de sua família. Passou de um metro e oitenta em um pulo, os olhos, que dependendo do dia, variavam de um cinza claro ao azul combinavam perfeitamente com os cabelos cor de cobre.

Aos poucos, começou a chamar a atenção nos corredores da escola, para desespero de Joana, que via todas elas como umas oportunistas, porque quando ele era mais novo, nenhuma dela suportava a presença dele por perto. Fato esse justificável fruto de muitas brincadeiras, algumas sendo relatadas como de mau gosto, que ele fez com cada uma delas. A única que não foi alvo dessas brincadeiras era Joana.

Ela se formou na escola e como não tinha condições de bancar uma faculdade particular e nunca permitiria que o seu pai pedisse dinheiro ao primo para isso, resolveu trabalhar por conta própria. Ajudava na fazenda onde eles moravam e muitas vezes, como babá de filhos de amigos do tio.

E nesse momento, começaram as desavenças entre os primos de segundo grau. Primeiro Luiz queria que ela fosse para a faculdade de licenciatura, pois teria emprego garantido para a vida toda na escola do seu pai, com certeza o tio bancaria os estudos dela sem se queixar, até porque naquela casa era tratada como filha.

Depois, ela começou a namorar um rapaz da idade dela, o qual conheceu enquanto ajudava a cuidar de um irmão mais novo dele. Na primeira apresentação, Luiz fez questão de ser tão intragável como eram quando mais novo. Fez de tudo, com o seu humor ácido, para que o rapaz ficasse sem jeito e fosse embora mais cedo do que pretendia.

Joana ficou possessa com a atitude de primo, e quando o questionou, ele só disse que ele não era bom o suficiente para ela. E que se ele tentasse fazer alguma coisa com sua prima este iria conhecer a intensidade que seu soco poderia ter.

– Isso é idiotice, de marca maior! – disse ela irritada.

– Não, Jô! Isso é realidade. E quando esse desgraçado menos esperar, ele vai pisar na bola contigo e tu vai me chamar para eu acertar as contas com ele.

E com isso, ela virou as costas e saiu pisando duro para a sua casa dizendo que quem iria conhecer o poder de um soco era o Luiz, e ainda acompanhado de um belo joelho naquele lugar.

Não demorou muito para o Luiz atender o telefone no meio da noite com a voz chorosa da prima. Mesmo sendo menor de idade, e ainda não possuindo habilitação, pois aprendeu a dirigir na fazenda com um dos empregados, ele pegou o carro do irmão do meio, e saiu até a cidade. Encontrou a prima com um pedaço da blusa rasgada e assustada.

Aquilo deixou ele puto da cara. Jurou, mentalmente que iria acertar as contas com aquele desgraçado algum dia. Porém, naquela noite, ele focou a sua atenção nela. Dirigiu para casa em silêncio e não deixou que ela saísse da sua casa até o sol nascer. Mesmo estando acostumados a dormirem juntos, pois eram primos, moravam perto e foram criados tomando banho de açude, algo diferente aconteceu.

Luiz passou a noite pensando no que havia mudado dentro dele. Ainda era um guri que nem sabia direito o que fazer quando tivesse uma mulher tão perto dele assim. Aquela noite

descobriu que banho frio pode ter mais alguma utilidade....

A confusão na sua cabeça e os hormônios aflorando, deram a ele uma noite insone. Sabia que a prima era bonita, até já tinha xingado alguns amigos pelas palavras de duplo sentido que eles proferiam quando ela aparecia, mas para ele, ter essas “incomodações” com a prima, era uma coisa fora de questão.

Tentava fechar os olhos e pensar em muitas coisas alheias, como a prova final de química que se aproximava, mas a cada movimento na cama sentia os seios da prima sobre o seu peito, ou então a perna dela roçando um pouco abaixo da sua cintura.

No meio da noite, depois do banho gelado, ele foi até o piano velho e descarregou todas as frustrações nas teclas. Sorte que o quarto dos pais e do irmão do meio era afastado e ele pode tocar até adormecer em cima das teclas.

Joana acordou sozinha na cama espaçosa do primo. A noite havia sido horrível, e graças a ele, ela estava bem. Nunca mais iria colocar os olhos naquele desgraçado. E resolveu aceitar a ajuda do tio para começar a estudar licenciatura e assim, futuramente, ser incluída no quadro de funcionários da escola da família.

O tempo passou, e Luiz ainda não podia ver a prima sem se lembrar das sensações que ele tinha experimentado naquela noite. E ainda mais depois que a prima o abraçou e colocou o seu corpo no dele quando acordou no outro dia. Ele passou noites acordadas tentando descobrir o que faria dali para frente quando a visse. Ainda mais no verão, quando ela sempre estava ao seu lado nas férias seja na nova piscina que instalaram, ou no açude retirado que ambos iam de bicicleta com uma cesta de comida que a empregada da casa fazia.

E lá estava ela, no auge dos seus dezenove anos, e ele com dezessete. Luiz tentava desviar o olhar para cada vez que Joana saía da água com aquele biquíni azul, que deixava muito para a sua imaginação que sempre foi acelerada e muito rica em detalhes. E ela, alheia a tudo isso, mas desconfiada se o primo estava doente, ou algo do tipo. Ele sempre preferiu ficar se atirando na água de todas as formas possíveis e impossíveis, e naquele dia não havia saído nem para comer. Alguma coisa estava acontecendo.

Joana começou a faculdade naquele mesmo ano. Estava realizando um sonho antigo, se tornar professora. Estudava com afinco e ainda trabalhava na casa para ajudar todos os empregados que podia. Via o Luiz de relance quando ele ia para a escola, estava no seu último ano do ensino médio. Ele tentaria entrar na faculdade de medicina, como tinha revelado apenas para ela e o pai, já que se contasse para os seus irmãos, seria a guerra em casa. Eles iriam querer justificativas do porquê de ele não seguir a carreira do pai, e deles na escola.

Para apaziguar os ânimos, depois que acabou o ensino médio e não conseguiu obter a nota necessária para ingressar na faculdade, Luiz teve que começar a trabalhar na escola. Ia pela manhã cedo com os irmãos e o pai, ficava trancado em uma sala, olhando a vida passar pela janela e a noite se enfiava nos cadernos estudando. Ele estava surtando com a pressão que não queria para si mesmo.

Por mais que amasse o pai, e, à sua maneira, os irmãos, ele detestava aquela escola com todas as suas forças. Sabia do amor incondicional que o pai tinha e tentava passar para o filho mais novo, mas não era aquilo que ele ansiava. Por isso estudava até dormir em cima dos livros,

noite após noite.

Joana acompanhou todos os estágios do primo. Desde o início, onde ele tentou, e ela era prova disso, com todas as forças exercer o ofício que lhe era imposto, mas não conseguiu. O estresse de ter que fazer um trabalho que não lhe agradava em nenhum ponto, chegava a um nível insuportável para ele. Estava irritadiço ao extremo, cansado por estudar e, ainda por cima, sonhando coisas que não deveria habitar sua mente com a prima.

Foi em uma noite em que ambos saíram juntos para algum lugar na fazenda, um dos mil pontos escondidos que só eles sabiam que existia, quando estavam sentados observando as estrelas e o luar. Joana estava com um livro nos seus braços, enquanto Luiz recitava a matéria para ela.

Ela observava o primo com a luz do luar deixando os seus cabelos cor de cobre mais acentuados, e os seus olhos brilhantes. Por um impulso, quase não contido, ela passou os dedos nos cabelos dele para saber se eram tão macios ainda como ela se lembrava de quando eram pequenos e ela fazia ele de filho e cuidava dele como uma mãe coruja.

Perdeu-se no meio da leitura, observando Luiz e imaginando coisas absurdas sobre o primo. Essa não seria primeira vez que teria aqueles pensamentos e sabia que não seria os últimos a serem dispensados. Ele havia colocado um corpo invejável, e sabia que não demoraria muito para que ele apresentasse alguma namorada a sua altura. E não a filha do primo bastado, que viva às custas da família, e ainda por cima, o seu pai lhe pagava a faculdade. Uma dívida eterna que ela pagaria com toda a vontade.

Após concluir o que falava sobre a matéria que estava recitando, Luiz percebeu que a prima ainda não tinha falado nada sobre a sua performance. Virou-se para encará-la e perdeu o rumo dos pensamentos sobre o que quer que fosse que ele estava falando.

Encontrou a prima a poucos centímetros dele. Seu semblante banhado pela luz da lua e o fato de estarem juntos, e de como isso trazia paz para ele, depois de uma semana tão desgastante naquela escola.

Foi como em um passe de mágica, onde quando percebemos o truque foi realizado e não conseguimos acompanhar com os olhos como foi feito. Beijaram-se como se nada ao redor importasse. Uniram-se em comum acordo, pois sabiam que depois desse passo dado, outra porta se abriria para eles.

Entre beijos escondidos e roubados, começaram um relacionamento. Discutiam com mais frequência do que o normal. Ficavam dias sem se falar por causa das brigas mais sem sentido que se possa, e quando percebiam, estavam perdidos um nos braços dos outros.

Não demorou muito para elevarem o posto de apenas beijos para algo além disso. Luiz sempre foi intenso e gostava de viver sobre o risco. E agora estando controlado com o trabalho, estava mais imbatível que nunca. Conseguia arrastar Joana apenas com simples toques e algumas palavras, não que ela reclamasse disso, ou então não o tentasse na mesma proporção. No entanto, naquela época, os métodos contraceptivos não eram tão acessíveis como são hoje em dia.

A aprovação no vestibular veio como esperada. Joana sabia que era uma questão de tempo e estudo, sabia do potencial de Luiz em conseguir correr atrás do seu sonho. Porém, ninguém esperava que a notícia da gravidez viria junto. Quando a desconfiança começou a bater, ela

entrou em desespero. Sabia que se fosse verdade, muita coisa entre eles iria mudar. E temia que o sonho dele ser médico poderia estar ameaçado.

Luiz nunca foi bobo, sabia que algo estava acontecendo com a prima. E quando soube que a ação deles havia rendido uma gravidez, ele ficou estático. Tinha apenas dezenove anos, uma bolsa na faculdade de medicina e não sabia nada sobre crianças, e muito menos de como criar uma, já que ele era praticamente uma ainda.

A primeira pessoa que ele recorreu foi o seu pai. Aquele que sempre o apoiou e agora poderia ficar completamente desapontado com o filho mais novo. O pai havia lhe dado a carta branca para não ter que trabalhar naquela escola que ele tanto odiava entrar. E Luiz estava pagando com uma moeda não muito justa com a que havia recebido.

Sentiu o peso do mundo nas costas aquela manhã quando entrou no escritório do pai. Seu humor ácido estava inerte, seu sorriso de escárnio havia abandonado o seu rosto e a máscara de preocupação havia tomando conta por completo.

Contou ao pai, sempre tão quieto, que o escutou e viu limpar as lágrimas de arrependimento. Falou do relacionamento com a prima e de como tinha sentimentos concretos por ela, estava apaixonado por ela. O seu sorriso ainda lhe causava coisas que nem sabia explicar. Falou da gravidez em andamento e pediu, com um quê de implorar, ao pai algumas palavras para saber o que fazer a partir daquele ponto, pois o seu coração estava dividido em duas partes.

O pai, já desconfiando de tudo que acontecia sobre o teto daquela coisa, apenas sorriu para o filho e disse que confiava nele para fazer a escolha mais certa naquele momento. Apoiaria o filho em qualquer âmbito que ele precisasse, a escola que o filho tanto odiava, estava rendendo bons frutos e poderia arcar com todas as despesas que ele viesse a precisar.

Luiz não pensou duas vezes. E quando comunicou a Joana que estava desistindo da bolsa de medicina em prol das duas, ela não deixou.

Joana rejeitou o seu lado que deveria agradecer por ter ele ao seu lado nessa nova jornada, aquele completamente egoísta. Ela não poderia gerar e criar um filho com um Luiz infeliz ao seu lado. Ela escutou todas as vezes que ele falou de como era horrível ter que passar os dias trancafiado entre papéis ao invés de estar estudando para fazer o bem para todas as pessoas.

Quando a bomba explodiu, ela estava pronta para ser julgada e apontada por todos. Aguentou no peito, largou a faculdade, poderia recomeçar novamente depois que a calmaria retornasse e ficou ao lado de Luiz quando ele mais precisou. Assim como ele ficou ao seu lado no altar enquanto casavam, no auge dos seus seis meses de gravidez, e também na sala de parto quando a filha veio à luz trazendo lágrimas aos olhos de todos que presenciaram.

Luiza era encantadora, sorriso fácil do pai e a personalidade amável da mãe. Cresceu deixando os dois cada vez mais apaixonados pela filha que fizeram juntos. Juraram se dedicarem à família.

O tempo passou, Luiz se formou com louvor na faculdade de medicina e estava feliz com a carreira que havia escolhido. Sua próxima meta era a especialização, a qual estava dando uma pequena dor de cabeça para a escolha. E também, de que faria a esposa retomar aos seus estudos para enfim concluir a sua faculdade, Luiza já estava grande e tudo ao redor estava calmo.

Como sempre, todos os anos, eles saíam para um destino diferente, escolhido pelos três. Dessa vez, Luiza e Joana queriam ir para esse destino, claro que ele nunca iria se opor às suas gurias. Curtiram o máximo que a viagem poderia lhes oferecer. Luiz e Joana voltaram para casa com os votos de casamento e uma família unida refeitos e cada vez mais sólidos que nunca. Porém, na vida temos apenas uma certeza...

A curva na estrada, o motorista na contramão alcoolizado e uma árvore no acostamento tiraram deles uma peça importante. No momento em que o carro foi atingido, Joana sabia que não sairia viva.

Sentiu o corpo se deslocar da alma e acompanhou tudo de cima. Viu os médicos chegarem nas ambulâncias, e rezou para que eles salvassem seu marido e sua filha. Assistiu retirarem Luiz das ferragens e fazerem a ressuscitação cardiovascular nele aos prantos, ele não poderia morrer. Quem cuidaria da Luiza? Por mais que gostasse das cunhadas, não era justo que isso acontecesse.

Desceu e foi até onde estava o corpo dele, lutando contra a vida. Aproximou-se e disse para ele ficar. A filha precisava dele, mais do que nunca agora. Colocou a mão em cima do seu rosto e aproximou-se para o último beijo, aquele que ele nunca sentiria novamente.

Capítulo 1

– Nós íamos sair as oito horas e são oito horas em ponto. – Joana falou com aquele tom de voz sempre alegre que possuía.

– Poderíamos sair um pouco mais tarde. Ainda estou quebrado do plantão duplo para conseguir essa folga.

– E eu estou com sono. – A filha deles, Luiza, de dez anos entra no carro no banco de trás com o seu travesseiro.

– Parem de reclamar os dois. – A esposa fala sorrindo, pois sabe que os dois são iguais quando estão com sono. – E vamos de uma vez para aproveitar o dia na fazenda. Não é sempre que temos esse final de semana prolongado longe de casa assim.

E então seguiram viagem rumo à fazenda dos pais dele, localizada na saída norte da cidade em que moravam.

O feriado era uma data esperada por todos daquela casa. Ele por ter alguns dias de folga com as suas gurias e com o seu pai, aquele que sempre idolatrou e seguiu os conselhos fielmente, e que ultimamente o seu quadro de [Alzheimer](#) estava começando a entrar em uma fase crítica. Às vezes ele confundia a nora com a neta e isso começava a preocupar Luiz com o futuro que a doença o reservava.

Joana, estava ansiosa pelo feriado ao lado do marido. Por mais que eles se vissem todos os dias e fizessem, ao menos, uma refeição por dia juntos com a filha, nada era comparado a ter ele por mais algumas horas. Ela o amava, o mais profundo e sincero amor que alguém poderia sentir por outra pessoa. Havia passado por problemas, enfrentado uma gravidez quando ainda eram novos demais para saber o que essa responsabilidade significava, mas tinham conseguido com maestria conciliar a chegada de Luiza com a faculdade de medicina dele e outros sonhos que construíram juntos.

Sabia que o marido andava cansado, porém, cada vez que via ele saindo para o plantão com o seu jaleco branco nos braços, sentia o orgulho no peito e a felicidade em saber que ele tinha conseguido o que os seus irmãos achavam impossível, se formar em medicina e ser um médico exemplar no hospital que trabalhava.

Joana acompanhou, desde cedo, a luta do Luiz com os irmãos e de como foi a reação deles quando souberam que o irmão caçula, com diferença de quinze anos para o mais velho e dez para o segundo, havia passado no vestibular para medicina, nos primeiros lugares. Apenas o seu pai e ela vibraram e acreditaram no seu potencial.

Foram tempos difíceis. Tudo aconteceu muito rápido. O “namoro” que nunca passou de apenas curiosidade entre adolescentes, pegou todo mundo de surpresa quando os sintomas da gravidez floresceram. Houve brigas, discussões acaloradas de ambos os lados, medos e quase nenhuma esperança de que poderia dar certo, mas cá estavam eles hoje. Dez anos após tudo isso e formavam uma pequena família feliz. E era isso que importava para eles.

Aprenderam juntos a superar os olhos que os julgavam, principalmente ela, filha do primo bastardo do sogro, aquele que vivia nas costas de quem pudesse o sustentar. Todos na região

falaram que o pai usou a filha para engravidar do filho mais novo e assim garantir um futuro promissor, pois a cada dia que passava, a escola que o pai do seu marido fundou com tanto trabalho dava mais lucros do que conseguiam administrar.

Claro que isso não era verdade. Joana e Luiz, além de serem primos de segundo grau, foram criados juntos. Os empregados da fazenda sofreram muito na mão de ambos quando eles decidiam colocar tudo abaixo em alguma brincadeira altamente perigosa. Sempre o “cabeça” da situação era ele, e mesmo sendo dois anos mais novo, havia dias que ninguém o aguentava tantas ideias mirabolantes que ele tinha.

Luiz sempre foi, o que hoje podemos chamar de hiperativo. Naquela época, diagnósticos desse tipo não existiam. Eram confundidos com crianças inquietas e, uma boa surra dos pais, era o que faltava para se comportarem. Ele apanhou muito de sua mãe, mas no outro dia voltava a escalar a casa e tentar se atirar do telhado com uma corda amarrada na árvore da frente.

Joana até tentava colocar algum juízo na cabeça do primo, puxava a atenção dele para alguma coisa, mas nem sempre tinha tanto sucesso. Então ela se designava a ficar na escuta para saber se alguém estava por perto para flagrar a péssima ideia.

Na escola, mesmo sendo o filho do dono, como alguns colegas e professores proferiam, a história sempre foi a mesma. Tanto que as grades no segundo andar tiveram que ser postas em um período de férias, porque ele havia se pendurado em uma e caído, resultando em uma fratura no braço direito e deixando ele um bom tempo à mercê dos professores, porque é destro e não poderia fazer as atividades.

Mas nem por isso deixava de tirar notas altas ou reprovar em nenhuma matéria que fosse. O terror das professoras da época, poderia ser uma praga como pessoa, mas era um excelente aluno e ainda ajudava os outros explicando, às vezes, até mesmo melhor que seus professores. E isso era o maior orgulho do seu pai quando ele via, em primeira mão, o boletim exemplar do filho.

“– Enquanto ele for um bom aluno, nada me obriga a negar alguma coisa a ele. Educação é o que vai mudar a sua vida.” - dizia o pai quando questionado a cada malandragem do filho.

Os anos passaram e juntos os dois cresceram. Afastaram-se um pouco quando Joana, por ser mais velha, começou a desenvolver-se mais do que ele. Enquanto ela estava colocando corpo de mulher e tendo sua atenção desviada para maquiagens e coisas do tipo, Luiz ainda estava mais interessado em descer a maior lombada da cidade com bicicleta e sem as mãos.

A amizade se distanciara, mas sempre que podiam eles estavam juntos. Os assuntos entraram em desarmonia e o que um achava interessante, para o outro, não era nenhum pouco atrativo.

A única coisa que era do interesse de ambos era quando Luiz sentava ao velho piano do pai e começava a tocar. Joana, sempre que podia, sentava ao seu lado e ficava observando o amigo tocando. Era calmante, principalmente para ele, e bonito aos olhos dela, ver o jeito que ele se concentrava em olhar para o papel cheio de símbolos e as teclas rapidamente.

Ele tentou, várias vezes, ensinar o básico. A posição do dó nas teclas, a leitura das partituras mais simples, mas tudo em vão. Joana era sempre a espectadora do seu concerto solitário.

Os anos passaram para ele também, e Luiz se desenvolveu como a genética de sua família. Passou de um metro e oitenta em um pulo, os olhos, que dependendo do dia, variavam de um cinza claro ao azul combinavam perfeitamente com os cabelos cor de cobre.

Aos poucos, começou a chamar a atenção nos corredores da escola, para desespero de Joana, que via todas elas como umas oportunistas, porque quando ele era mais novo, nenhuma dela suportava a presença dele por perto. Fato esse justificável fruto de muitas brincadeiras, algumas sendo relatadas como de mau gosto, que ele fez com cada uma delas. A única que não foi alvo dessas brincadeiras era Joana.

Ela se formou na escola e como não tinha condições de bancar uma faculdade particular e nunca permitiria que o seu pai pedisse dinheiro ao primo para isso, resolveu trabalhar por conta própria. Ajudava na fazenda onde eles moravam e muitas vezes, como babá de filhos de amigos do tio.

E nesse momento, começaram as desavenças entre os primos de segundo grau. Primeiro Luiz queria que ela fosse para a faculdade de licenciatura, pois teria emprego garantido para a vida toda na escola do seu pai, com certeza o tio bancaria os estudos dela sem se queixar, até porque naquela casa era tratada como filha.

Depois, ela começou a namorar um rapaz da idade dela, o qual conheceu enquanto ajudava a cuidar de um irmão mais novo dele. Na primeira apresentação, Luiz fez questão de ser tão intragável como eram quando mais novo. Fez de tudo, com o seu humor ácido, para que o rapaz ficasse sem jeito e fosse embora mais cedo do que pretendia.

Joana ficou possessa com a atitude de primo, e quando o questionou, ele só disse que ele não era bom o suficiente para ela. E que se ele tentasse fazer alguma coisa com sua prima este iria conhecer a intensidade que seu soco poderia ter.

– Isso é idiotice, de marca maior! – disse ela irritada.

– Não, Jô! Isso é realidade. E quando esse desgraçado menos esperar, ele vai pisar na bola contigo e tu vai me chamar para eu acertar as contas com ele.

E com isso, ela virou as costas e saiu pisando duro para a sua casa dizendo que quem iria conhecer o poder de um soco era o Luiz, e ainda acompanhado de um belo joelho naquele lugar.

Não demorou muito para o Luiz atender o telefone no meio da noite com a voz chorosa da prima. Mesmo sendo menor de idade, e ainda não possuindo habilitação, pois aprendeu a dirigir na fazenda com um dos empregados, ele pegou o carro do irmão do meio, e saiu até a cidade. Encontrou a prima com um pedaço da blusa rasgada e assustada.

Aquilo deixou ele puto da cara. Jurou, mentalmente que iria acertar as contas com aquele desgraçado algum dia. Porém, naquela noite, ele focou a sua atenção nela. Dirigiu para casa em silêncio e não deixou que ela saísse da sua casa até o sol nascer. Mesmo estando acostumados a dormirem juntos, pois eram primos, moravam perto e foram criados tomando banho de açude, algo diferente aconteceu.

Luiz passou a noite pensando no que havia mudado dentro dele. Ainda era um guri que nem sabia direito o que fazer quando tivesse uma mulher tão perto dele assim. Aquela noite

descobriu que banho frio pode ter mais alguma utilidade....

A confusão na sua cabeça e os hormônios aflorando, deram a ele uma noite insone. Sabia que a prima era bonita, até já tinha xingado alguns amigos pelas palavras de duplo sentido que eles proferiam quando ela aparecia, mas para ele, ter essas “incomodações” com a prima, era uma coisa fora de questão.

Tentava fechar os olhos e pensar em muitas coisas alheias, como a prova final de química que se aproximava, mas a cada movimento na cama sentia os seios da prima sobre o seu peito, ou então a perna dela roçando um pouco abaixo da sua cintura.

No meio da noite, depois do banho gelado, ele foi até o piano velho e descarregou todas as frustrações nas teclas. Sorte que o quarto dos pais e do irmão do meio era afastado e ele pode tocar até adormecer em cima das teclas.

Joana acordou sozinha na cama espaçosa do primo. A noite havia sido horrível, e graças a ele, ela estava bem. Nunca mais iria colocar os olhos naquele desgraçado. E resolveu aceitar a ajuda do tio para começar a estudar licenciatura e assim, futuramente, ser incluída no quadro de funcionários da escola da família.

O tempo passou, e Luiz ainda não podia ver a prima sem se lembrar das sensações que ele tinha experimentado naquela noite. E ainda mais depois que a prima o abraçou e colocou o seu corpo no dele quando acordou no outro dia. Ele passou noites acordadas tentando descobrir o que faria dali para frente quando a visse. Ainda mais no verão, quando ela sempre estava ao seu lado nas férias seja na nova piscina que instalaram, ou no açude retirado que ambos iam de bicicleta com uma cesta de comida que a empregada da casa fazia.

E lá estava ela, no auge dos seus dezenove anos, e ele com dezessete. Luiz tentava desviar o olhar para cada vez que Joana saía da água com aquele biquíni azul, que deixava muito para a sua imaginação que sempre foi acelerada e muito rica em detalhes. E ela, alheia a tudo isso, mas desconfiada se o primo estava doente, ou algo do tipo. Ele sempre preferiu ficar se atirando na água de todas as formas possíveis e impossíveis, e naquele dia não havia saído nem para comer. Alguma coisa estava acontecendo.

Joana começou a faculdade naquele mesmo ano. Estava realizando um sonho antigo, se tornar professora. Estudava com afinco e ainda trabalhava na casa para ajudar todos os empregados que podia. Via o Luiz de relance quando ele ia para a escola, estava no seu último ano do ensino médio. Ele tentaria entrar na faculdade de medicina, como tinha revelado apenas para ela e o pai, já que se contasse para os seus irmãos, seria a guerra em casa. Eles iriam querer justificativas do porquê de ele não seguir a carreira do pai, e deles na escola.

Para apaziguar os ânimos, depois que acabou o ensino médio e não conseguiu obter a nota necessária para ingressar na faculdade, Luiz teve que começar a trabalhar na escola. Ia pela manhã cedo com os irmãos e o pai, ficava trancado em uma sala, olhando a vida passar pela janela e a noite se enfiava nos cadernos estudando. Ele estava surtando com a pressão que não queria para si mesmo.

Por mais que amasse o pai, e, à sua maneira, os irmãos, ele detestava aquela escola com todas as suas forças. Sabia do amor incondicional que o pai tinha e tentava passar para o filho mais novo, mas não era aquilo que ele ansiava. Por isso estudava até dormir em cima dos livros,

noite após noite.

Joana acompanhou todos os estágios do primo. Desde o início, onde ele tentou, e ela era prova disso, com todas as forças exercer o ofício que lhe era imposto, mas não conseguiu. O estresse de ter que fazer um trabalho que não lhe agradava em nenhum ponto, chegava a um nível insuportável para ele. Estava irritadiço ao extremo, cansado por estudar e, ainda por cima, sonhando coisas que não deveria habitar sua mente com a prima.

Foi em uma noite em que ambos saíram juntos para algum lugar na fazenda, um dos mil pontos escondidos que só eles sabiam que existia, quando estavam sentados observando as estrelas e o luar. Joana estava com um livro nos seus braços, enquanto Luiz recitava a matéria para ela.

Ela observava o primo com a luz do luar deixando os seus cabelos cor de cobre mais acentuados, e os seus olhos brilhantes. Por um impulso, quase não contido, ela passou os dedos nos cabelos dele para saber se eram tão macios ainda como ela se lembrava de quando eram pequenos e ela fazia ele de filho e cuidava dele como uma mãe coruja.

Perdeu-se no meio da leitura, observando Luiz e imaginando coisas absurdas sobre o primo. Essa não seria primeira vez que teria aqueles pensamentos e sabia que não seria os últimos a serem dispensados. Ele havia colocado um corpo invejável, e sabia que não demoraria muito para que ele apresentasse alguma namorada a sua altura. E não a filha do primo bastado, que viva às custas da família, e ainda por cima, o seu pai lhe pagava a faculdade. Uma dívida eterna que ela pagaria com toda a vontade.

Após concluir o que falava sobre a matéria que estava recitando, Luiz percebeu que a prima ainda não tinha falado nada sobre a sua performance. Virou-se para encará-la e perdeu o rumo dos pensamentos sobre o que quer que fosse que ele estava falando.

Encontrou a prima a poucos centímetros dele. Seu semblante banhado pela luz da lua e o fato de estarem juntos, e de como isso trazia paz para ele, depois de uma semana tão desgastante naquela escola.

Foi como em um passe de mágica, onde quando percebemos o truque foi realizado e não conseguimos acompanhar com os olhos como foi feito. Beijaram-se como se nada ao redor importasse. Uniram-se em comum acordo, pois sabiam que depois desse passo dado, outra porta se abriria para eles.

Entre beijos escondidos e roubados, começaram um relacionamento. Discutiam com mais frequência do que o normal. Ficavam dias sem se falar por causa das brigas mais sem sentido que se possa, e quando percebiam, estavam perdidos um nos braços dos outros.

Não demorou muito para elevarem o posto de apenas beijos para algo além disso. Luiz sempre foi intenso e gostava de viver sobre o risco. E agora estando controlado com o trabalho, estava mais imbatível que nunca. Conseguia arrastar Joana apenas com simples toques e algumas palavras, não que ela reclamasse disso, ou então não o tentasse na mesma proporção. No entanto, naquela época, os métodos contraceptivos não eram tão acessíveis como são hoje em dia.

A aprovação no vestibular veio como esperada. Joana sabia que era uma questão de tempo e estudo, sabia do potencial de Luiz em conseguir correr atrás do seu sonho. Porém, ninguém esperava que a notícia da gravidez viria junto. Quando a desconfiança começou a bater, ela

entrou em desespero. Sabia que se fosse verdade, muita coisa entre eles iria mudar. E temia que o sonho dele ser médico poderia estar ameaçado.

Luiz nunca foi bobo, sabia que algo estava acontecendo com a prima. E quando soube que a ação deles havia rendido uma gravidez, ele ficou estático. Tinha apenas dezenove anos, uma bolsa na faculdade de medicina e não sabia nada sobre crianças, e muito menos de como criar uma, já que ele era praticamente uma ainda.

A primeira pessoa que ele recorreu foi o seu pai. Aquele que sempre o apoiou e agora poderia ficar completamente desapontado com o filho mais novo. O pai havia lhe dado a carta branca para não ter que trabalhar naquela escola que ele tanto odiava entrar. E Luiz estava pagando com uma moeda não muito justa com a que havia recebido.

Sentiu o peso do mundo nas costas aquela manhã quando entrou no escritório do pai. Seu humor ácido estava inerte, seu sorriso de escárnio havia abandonado o seu rosto e a máscara de preocupação havia tomando conta por completo.

Contou ao pai, sempre tão quieto, que o escutou e viu limpar as lágrimas de arrependimento. Falou do relacionamento com a prima e de como tinha sentimentos concretos por ela, estava apaixonado por ela. O seu sorriso ainda lhe causava coisas que nem sabia explicar. Falou da gravidez em andamento e pediu, com um quê de implorar, ao pai algumas palavras para saber o que fazer a partir daquele ponto, pois o seu coração estava dividido em duas partes.

O pai, já desconfiando de tudo que acontecia sobre o teto daquela coisa, apenas sorriu para o filho e disse que confiava nele para fazer a escolha mais certa naquele momento. Apoiaria o filho em qualquer âmbito que ele precisasse, a escola que o filho tanto odiava, estava rendendo bons frutos e poderia arcar com todas as despesas que ele viesse a precisar.

Luiz não pensou duas vezes. E quando comunicou a Joana que estava desistindo da bolsa de medicina em prol das duas, ela não deixou.

Joana rejeitou o seu lado que deveria agradecer por ter ele ao seu lado nessa nova jornada, aquele completamente egoísta. Ela não poderia gerar e criar um filho com um Luiz infeliz ao seu lado. Ela escutou todas as vezes que ele falou de como era horrível ter que passar os dias trancafiado entre papéis ao invés de estar estudando para fazer o bem para todas as pessoas.

Quando a bomba explodiu, ela estava pronta para ser julgada e apontada por todos. Aguentou no peito, largou a faculdade, poderia recomeçar novamente depois que a calmaria retornasse e ficou ao lado de Luiz quando ele mais precisou. Assim como ele ficou ao seu lado no altar enquanto casavam, no auge dos seus seis meses de gravidez, e também na sala de parto quando a filha veio à luz trazendo lágrimas aos olhos de todos que presenciaram.

Luiza era encantadora, sorriso fácil do pai e a personalidade amável da mãe. Cresceu deixando os dois cada vez mais apaixonados pela filha que fizeram juntos. Juraram se dedicarem à família.

O tempo passou, Luiz se formou com louvor na faculdade de medicina e estava feliz com a carreira que havia escolhido. Sua próxima meta era a especialização, a qual estava dando uma pequena dor de cabeça para a escolha. E também, de que faria a esposa retomar aos seus estudos para enfim concluir a sua faculdade, Luiza já estava grande e tudo ao redor estava calmo.

Como sempre, todos os anos, eles saíam para um destino diferente, escolhido pelos três. Dessa vez, Luiza e Joana queriam ir para esse destino, claro que ele nunca iria se opor às suas gurias. Curtiram o máximo que a viagem poderia lhes oferecer. Luiz e Joana voltaram para casa com os votos de casamento e uma família unida refeitos e cada vez mais sólidos que nunca. Porém, na vida temos apenas uma certeza...

A curva na estrada, o motorista na contramão alcoolizado e uma árvore no acostamento tiraram deles uma peça importante. No momento em que o carro foi atingido, Joana sabia que não sairia viva.

Sentiu o corpo se deslocar da alma e acompanhou tudo de cima. Viu os médicos chegarem nas ambulâncias, e rezou para que eles salvassem seu marido e sua filha. Assistiu retirarem Luiz das ferragens e fazerem a ressuscitação cardiovascular nele aos prantos, ele não poderia morrer. Quem cuidaria da Luiza? Por mais que gostasse das cunhadas, não era justo que isso acontecesse.

Desceu e foi até onde estava o corpo dele, lutando contra a vida. Aproximou-se e disse para ele ficar. A filha precisava dele, mais do que nunca agora. Colocou a mão em cima do seu rosto e aproximou-se para o último beijo, aquele que ele nunca sentiria novamente.

Capítulo 2

Um barulho ao fundo, como se fosse um mosquito enchendo o meu saco e perturbando o meu sono. Me viro de lado, pois sinto o meu braço completamente dormente e tento voltar a dormir. Caio em um sono profundo novamente por alguns segundos, e a porra do mosquito volta a zumbir perto do meu ouvido. Dou um soco no ar e sinto alguma coisa quente ao meu lado gemer.

Mas que porra...?

Abro um olho, com uma luz infernal me cegando por alguns segundos e vejo alguém seminu ao meu lado. Dou um pulo, seja lá onde eu me encontre, e caio de bunda no chão com um barulho seco.

Ai.

Pisco algumas vezes para me situar em que lugar no planeta Terra eu me encontro no momento. Respiro algumas vezes e começo a me recordar da noite passada.

A despedida de solteiro do AC.

Eu, Noah, André e AC aqui em casa, tocando o terror com tudo que quatro homens podem querer. Bebida, comida e idiotices. De todos os tipos que alguém pode imaginar.

Olho para o sofá da sala aberto, como cama e o Noah só de cueca ao meu lado. Jesus Cristo.... Que merda nós fizemos ontem à noite?

Levanto cambaleando, tonto do efeito da noitada regada à álcool de primeira qualidade. Para o AC tudo do bom e melhor, e a dor de cabeça de hoje que se rale.

Saio da sala em direção à sala de jantar e vejo o André deitado em cima da mesa abraçado com uma almofada e dormindo de boca aberta. Caminho até o banheiro e esvazio o meu corpo, acho que nunca mijei tanto na minha vida como agora.

Me observo no espelho enquanto lavo as mãos e me pergunto: que porra aconteceu ontem à noite aqui? Tento procurar alguma explicação, mas sou freado de toda a capacidade de raciocinar com o meu meio neurônio que está acordado nesse momento porque o barulho da campainha é altamente ridículo e ameaçador aos meus ouvidos.

Vou até a porta e quando abro dou de cara com uma guria baixinha e com uma expressão de quem não está nenhum pouco feliz com essa recepção.

– Já estava chamando a polícia para arrombar essa porta! – Ela esbraveja. – Tem noção de que horas são? Elas estão em pânico lá na fazenda tentando entrar em contato com vocês e nenhum atende ao telefone. A Su estava com vontade de pegar um carro e vir aqui ver o que aconteceu!

Dou espaço para a pequena foguete entrar na minha casa enquanto ela continua a falar mil coisas ao mesmo tempo. Devagar aí guria, que eu estou meio lento aqui nesse momento. Deixa eu tomar um banho, comer alguma coisa e de preferência me dopar com analgésicos, depois continuamos essa conversa tão animada...

– Cadê eles? – Ela se vira rapidamente, quase me deixando tonto.

– Eles? Quem?

Uma revirada de olhos e uma mão na testa. E eu acho que vou vomitar.

– Noah, André e AC. Ou vocês esqueceram que hoje é o casamento dele? Tem noção alguma de que horas são?

O casamento. Puta que pariu!

Me escoro na parede e o resto dos meus neurônios começam a fazer as sinapses e ligar um mais um. Essa é a Carla, funcionaria bonitinha da Su que vai de carona conosco até a fazenda. Acorda, Luiz!

– Que horas são? – Pergunto.

– Quase meio dia! – Recebo uma resposta irritadíssima.

– Ohh merda! – Praguejo, prevendo que é hoje o dia que eu vou conhecer a ira da Su.

Prometi que chegaríamos às dez da manhã na fazenda dos pais da Elis com o AC intacto e pronto para ser enfeitado de noivo para o casamento dele, hoje à noite.

– É uma merda mesmo! – Olho para a guria baixinha, mas irritada. – E se alguma acontecer de errado vou dizer para a Su que a culpa é toda tua! Eles já acordaram?

Nego com a cabeça, que ainda roda com a situação toda.

– Então vai acordar eles! – Dou um pulo de susto e saio caminhando pelo corredor da minha casa em busca dos outros, que não devem estar tão bem como eu.

A primeira vítima é o André. Atirado em cima da mesa e podre. Empurro ele, que geme e se vira para o outro lado. Grito para ele que dá um pulo e se senta na mesa tentando se encontrar no mundo.

– Estamos atrasados. – Ele passa a mão no rosto, ainda dormindo. – Muito atrasados! – Friso a frase e consigo chamar a sua atenção.

– Que horas são?

– Quase meio dia!

– Caralho!

Ele sai de cima da mesa em um salto. Minha próxima vítima é o seminu do Noah, que estava dormindo ao meu lado no sofá-cama. E isso sim que eu chamo de um desafio, porque ele demorou um século para acordar. E procurar a roupa dele foi outro parto. Agora, eu espero que não me perguntem por que ele estava desse jeito...

– Pronto. – Noah diz, arrumando os cabelos com os dedos. – Todos aqui.

– Não. – Carla fala respondendo e olhando para nós três, definitivamente um pior que o outro.

– Cadê o noivo? – André, comendo o resto da comida que sobrou de ontem, questiona.

Nós quatro nos entreolhamos e cada um corre para um lado da casa a procura do noivo desaparecido. Meu primeiro lugar de busca é a piscina. Sei lá que merda fizemos ontem à noite, mas solto um pouco do peso nas costas quando não vejo ninguém boiando de bruços na água.

Iria ser épico eu chegar para a Elis, com uma gravidez de risco e dizer que o noivo dela morreu bêbado afogado na minha piscina. Acho que ela não iria gostar de nenhum pouco da notícia.

Caminho pelo pátio, vendo as mesas que utilizamos ontem e as garrafas vazias pelo caminho. Perdi a conta de quantas foram. As bandejas de comida, sem nenhuma migalha se quer e a caixa de charutos sem nenhum para servir de testemunha de como os outros foram tragados.

Abro a porta da casa auxiliar que tenho, para guardar os equipamentos da piscina, como a boia de tubarão que a Luiza comprou quando estava no último verão aqui. Incrível como ela consegue montar naquela coisa e eu não consigo ficar um segundo que seja. Ainda consigo escutar a risada alta dela a cada vez que eu caia na água e quase me afogava... Olho dentro do banheiro e nada do AC.

Escuto alguém gritando dentro de casa e imploro que não seja uma péssima notícia. Entro pela janela gigante que dá acesso à parte da piscina e subo as escadas.

– Acho que ele está bem mau ainda. – Noah fala vendo o amigo sentado no chão agarrado no vaso sanitário.

– Pelo menos está inteiro. – André conclui. – Eu acho.

Me abaixo até ele, e verifico o seu pulso. Vai que tenha se engasgado no vômito, mas sinto o seu coração batendo forte. Bom. Tento acordar ele, mas a gelatina AC, não responde a nenhum estímulo.

– Devemos levar ele ao hospital? – Olho para a guria que está parada na porta observando tudo. – Preciso saber que horas vamos chegar, porque a programação tem que ser alterada.

– Não comprei diploma. – Digo indo até o armário do banheiro e tirando um aparelho de glicemia de uma das gavetas.

Tiro a taxa de açúcar do AC e espero o tempo do aparelho funcionar.

– Ele não está em coma alcoólico, apenas com a taxa de glicose baixa. Vamos dar uma coisa para ele comer no meio do caminho que ele vai acordar alguma hora. Não dou garantia sobre o estado, mas ele vai estar de pé para o casamento.

– Podemos ir? – Noah fala. – Não quero nem saber do esporro que eu vou tomar da minha mulher por causa desse atraso. E tu te prepara para sofrer nas mãos da Elis, Luiz. Aquilo grávida é pior que uma bomba atômica.

André e eu carregamos o noivo bêbado direto para o meu carro. Noah é o encarregado de dirigir, depois que eu me garanto que ele está em plenas faculdades mentais e sem nenhum traço de álcool no seu organismo. Sorte que deixamos o carro pronto para sairmos hoje pela manhã cedo. Senão seria um outro Deus nos acuda até conseguirmos arrumar tudo.

Saímos dividindo uma caixa de salgadinhos que sobrou da noite. Dou quase um copo inteiro de refrigerante ao AC, como uma mãe dá ao filho pequeno enquanto ele dorme e ressona ao meu lado. E do outro, a pequena foguete, que contou que estava desde as oito e meia da manhã tentando entrar em contato conosco sem sucesso nenhum.

– Nós desligamos os celulares. – Noah responde à pergunta.

– E o fixo? A Su disse que tentou ligar milhares de vezes.

– Deve estar no meu quarto, estava conversando com o plantonista do hospital ontem à noite e o celular estava sem bateria.

– Alguém sabe o que nós fizemos ontem à noite?

– Lembro do karaokê. – André responde me passando alguns salgadinhos. Estou morrendo de fome. Se o AC não tivesse perigo de se afogar, socaria um na boca dele.

– Eu me apaixonei pela pessoa errada, ninguém sabe o quanto que estou sofrendo. – Começo a cantar lembrando da gente, já meio alto. – Sempre que eu vejo ele do seu lado, morro de ciúmes estou enlouquecendo! – André me acompanha desafinadamente.

– Chora André! – Começo a rir quando ele disse que aquela seria a versão brasileira das músicas da “sofrência” dele quando via a Liv com o AC na faculdade.

– Alguém trouxe a faca para eu cortar os pulsos? – Começamos a rir dentro do carro. Até a gurua ao meu lado balançou a cabeça com um sorriso nos lábios. E do nada, ele começa a cantar de novo. – Princesa! A deusa da minha poesia. Ternura da minha alegria, nos meus sonhos quero te veeeeeeeeeeeeer.

Começamos a cantar novamente todas as músicas de corno que cantamos ontem. Realmente o Karaokê com nós dá o que falar. Tanto, que até o pudim de álcool do meu lado geme.

– Bela adormecida. Bem-vindo de novo.

AC olha para mim com aqueles olhos de cores diferentes e joga a cabeça para trás como se estivesse com uma baita dor de cabeça.

– TÁ DOENDO A CABEÇA? – Grito ao seu lado, bem na altura do seu ouvido.

– Cala a boca, Luiz! – Ele me empurra.

– ISSO É PARA TI APRENDER A NÃO FAZER ISSO COM OS OUTROS!

Ele me bate e volta a se virar, dando de cara com o vidro do carro. Quem manda ele me acordar sempre desse jeito delicado e rindo da minha cara? Um dia eu iria pagar com juros.

– Onde estamos? – Murmura.

– No carro, indo para a fazenda. – Noah responde lá da frente.

– Fazer o quê?

– Te amarrar com a Elis. – André se vira e fala sorridente para ele.

– O casamento. – AC geme. – Que horas são?

– Bem depois da que era para nós chegarmos à fazenda.

– A Elis vai me matar. Ou pior, a Su vai me trucidar. Ela disse que a minha programação começava à uma da tarde.

– Que programação? Vamos te enfiar em um terno quente pra cacete e tu vai para o altar. – Falo e enfio alguma comida nele. – Pelo menos foi isso no meu. Um calor desgraçado e eu fazendo uma sauna natural.

– Nem me fala que eu já estou com calor agora só de camiseta e bermuda, quem dirá com

milhares de roupas. Vai acabar o casamento e eu vou começar a tirar tudo de mim. – Olho para o Noah de costas para mim.

– Como tu fez essa noite? Pensa no meu susto ao te encontrar de cueca ao meu lado no sofá.

– Isso que eu desisti de te abraçar porque estava muito quente. – Ele retruca e eu vou até o meio dos bancos e dou um tapa na cabeça dele.

– Olha o respeito, guri.

O silêncio se instala no carro por alguns segundos. Observo o AC fazer caretas tentando curar a sua ressaca a tempo para o casamento. Deito a cabeça para trás vendo que tudo deu certo, mais uma vez.

– Ai droga. Eu vi o piercing do André. Alguém me alcança um ácido para eu limpar meus olhos.

– Quem mandou me seguir até o banheiro onde eu estava mijando, AC.

– Nunca na minha vida que eu ia desconfiar que tu tivesse um piercing no teu...

– Hey! Nós não estamos só entre homens aqui no carro... – Aponto para a guria ao meu lado, que misteriosamente ficou calada de uma hora para outra.

– E aí, Carla! – AC fala, meio se desculpando.

– Noite longa, AC?

– Nem imagina como... – Ele volta a escorar a cabeça no banco e fechar os olhos. – Luiz, pensei que tu estava grudadinho em mim para me cuidar. Estou me sentindo desolado nesse momento. Chega para lá então que eu estou apertado aqui.

Chegamos à fazenda como crianças pegas no flagra. Em silêncio e pisando em ovos. Porém, fomos descobertos com uma pequena Liv surtando na direção do André, que chega a gemer de medo quando a vê.

– Vocês querem matar a Elis do coração? – Liv já começa a falar alguns metros antes de chegar até nós. – Tem noção de quanto ela já fez drama? Ela pensou que o Cae tinha abandonado ela no altar e queria cancelar tudo. Porque não atenderam o telefone? E... Meu Deus, André! Porque tu não tomou um banho antes de sair de casa?

– Se todos nós tomássemos banho, não teríamos saído de casa. Tu sabe quanto tempo o Noah demora se arrumando? Os celulares descarregaram e nós dormimos mais do que devíamos. Foi só isso. – Ele responde e a Su aparece já com uma cara de quem não está nada feliz com o nosso atraso.

– Vocês beberam tanto que estão fedendo a suor e álcool! – Su fala, vendo o estado do seu marido e se afastando dele.

– Vou lá ver como a Elis está. – AC, ainda meio trôpego tenta se levantar, mas é barrado pela Su.

– Ela está se arrumando. E tu não pode ver a noiva antes do casamento. Acho bom alguém te fazer um café bem forte e tu ir tomar um banho gelado para dar um jeito nessa cara amassada.

Ou a Elis vai te matar no altar. E ela está raivosa.

– Vem cá que eu te ajudo. – Puxo ele pelo braço em direção ao corredor dos quartos.

Já vim à fazenda dos pais da Elis. É uma casa gigante, e me faz lembrar da casa que a minha família tem, a casa na qual eu fui criado. Já faz mais de dez anos que eu não sei o que é pisar lá.

– Pai! – Sarah aparece no meio do caminho.

– Oi minha linda, tudo bem por aqui?

– Sim, a mãe está meio louca da cabeça, mas tudo vai dar certo. A vó Lalá deixou eu fazer um bolo para as crianças do casamento. Ele é de cenoura com chocolate. Ficou lindo.

– Eu quero um pedaço. – Ahh se a Sarah soubesse que eu amo bolo de cenoura com chocolate. – Agora!

– Não pode, tio Luiz. É só para as crianças e na hora do casamento.

– Mas eu quero um pedaço, prefiro esse tipo de bolo do que os de casamento sem gosto. Aposto que o teu deve estar bem melhor.

– Eu vou ver se consigo pegar um pedaço para ti, porque tem eu, Yago, Perereco e a Fofinha. Ahhh e o Cabritinho dentro da mãe para comer ele, então não sei se vai sobrar.

– Ok, então quando começarem a servirem o bolo, eu vou para a mesa de vocês e tento pegar um pedaço. Combinado? – Estendo a mão para a Sarah.

– Certo. – Ela aperta fortemente para uma criança de treze anos. – Vou pedir para cortar os pedaços pequenos para todo mundo experimentar. Vou lá chamar o Yago para começar a nos arrumar. Olha as minhas unhas. – Ela mostra as mãos com um esmalte claro. – Fiz com a mesma manicure da mãe agora, vamos estar iguais até nisso.

– Vão ser as mais lindas de todas. – AC fala, já com os olhos se enchendo de lágrimas.

– A gente se vê depois, pai. No altar! – Ela sai correndo. E ainda arremata falando animadamente. – Vai ser tão lindo!

Carrego o AC para o quarto e dou um banho gelado nele. Ah a vingança é um prato doce e no ponto certo. Fui xingado por ele em todas as belas palavras que ele poderia proferir. Me vinguei com luxo, pois nem dei o jato quente que eu sempre recebo o banho gelado. Sou mais malvado.

Deixo o AC tremendo enrolado na toalha enquanto vou ao meu carro e pego os nossos ternos, todos bem empacotados de dentro do porta-malas para não ter perigo de amassarem. Volto para o quarto com ele ainda enrolado em uma toalha e tomando o café mais forte que eu já experimentei na vida.

– Cortesia da Dona Eulália! – Ele diz ainda tremendo de frio. – André já está no banho, porque tem que tirar as nossas fotos de padrinhos.

– Pode colocar uma cueca pelo menos? Já basta aguentar o Noah assim.

A porta se abre e chega o dito cujo.

– Já tomei esporro da mulher. Agora sim, posso começar bem o dia.

Depois de todos de banho tomado e barba feita, começamos a nos arrumar com o André tirando fotos nossas. Digamos que é uma coisa que tivemos que ter algumas dicas do Noah para ficarmos mais à vontade. Nunca vi uma pessoa não se importar tanto em tirar foto de cueca na frente de um bando de homem e ainda fazer poses.

– Esqueceu que eu ganhei a vida fazendo isso? – Ele retruca depois de rirmos um pouco mais da cara dele.

– Nada contra. – Dou os ombros. – Mas que é estranho, ninguém pode negar.

– No início é estranho sim. Demorei um bom tempo até me acostumar, mas depois é automático.

– Não sente falta disso? – André pergunta tirando uma foto do AC ajeitando a manga da camiseta.

– Um pouco. Às vezes sinto falta de abrir uma revista e ver um anúncio meu. Mas quando eu me lembro da vida que eu levava antes de conhecer a Fofa e o Yago, vejo que hoje em dia sou uma pessoa bem melhor do que antes. Ser pai me mudou muito. E para melhor.

Vejo o reconhecimento do pensamento entre o AC e Noah, que trocam um olhar cúmplice e também me incluo nesse pacote.

Filhos, ou no meu caso filha, é a salvação para muitas pessoas. Na minha foi com toda a certeza do mundo. A pessoa que me transformei entre os dezenove e vinte anos foi a que me deu base para aguentar toda a barra que eu passei até hoje.

O nascimento da minha filha foi um divisor de águas na minha vida. A melhor coisa que eu já fiz.

As fotos continuam até que a porta se abre com a Carla acompanhada de mais dois guris para o nosso pequeno clã: Yago e Antônio vestidos a caráter para o casamento, com traje completo.

– Uma palavra da Su para vocês – Carla fala antes de fechar a porta. – Qualquer grama de sujeira em qualquer um deles e vocês vão limpar com a língua.

Aviso dado, recebido e armazenado com sucesso.

Por reflexo, já tiro a bandeja de comida que deixaram para nós aqui no quarto e a champanheira que nós ganhamos e estamos arrematando aqui a espera da grande hora. Nada melhor do que curar um porre do que começando outro.

– Cara, tu não vai começar a chorar agora, não é? – André dá mais um clique na câmera.

– Vai estragar a maquiagem. – Noah completa abraçando o filho pelas costas.

– Calem a boca. – AC estende a mão para o filho, uma miniatura dele de smoking.

Enquanto os dois tiram sarro dele, eu tenho vontade de chorar. É uma cena linda de se ver, ainda mais devido a história do AC e da Elis. Se não fosse esse serzinho aqui, nada disso teria acontecido. Ainda seria amigo deles e veria de camarote a derrocada sem fim de um casamento sem amor nenhum, além do fraternal, entre o AC e a Liv. E nunca veria a ascensão da Liv contra

a sua depressão com o André ao seu lado. Então, deixem o cara chorar, ele é emotivo e sei que vai se derreter todo quando vir a Sarah entrando carregando as alianças, e nem falo da desidratação dele quando vir a Elis e o Otávio entrando juntos. Aposto que até o Noah vai ter um treco quando vir a filha entrando como daminha.

Eu tive um quando vi a Luiza, na mesma idade que ela, sendo a encarregada das flores no casamento do meu irmão do meio. Ela estava tão lindinha que eu tenho a foto dela na sala até hoje.

Quando a hora chega, eu e o Noah, como padrinhos, somos encaminhados para nossos lugares. Fico sozinho à espera do meu par, Olívia, que vai entrar com o AC e conduzi-lo até o altar. Noah e Su começam a discutir alguma coisa sobre o calor e eu vejo a esposa dar um olhar mortal para o marido afim dele parar de mexer na gravata para não estragar o nó. Rio baixinho com a situação de como eles estão sempre implicando um com o outro.

As atenções se voltam para o corredor central quando Liv e AC aparecem de braços dados na entrada. O olhar de cumplicidade dos dois não nega que, mesmo tendo sido casados por forças das circunstâncias, eles nunca foram um casal e sempre vão ser mais que amigos. São irmãos de mães diferentes.

Aprendi mais sobre irmandade com os dois do que os meus quarenta e tantos anos com os meus dois. Com o meu mais velho, até consigo manter uma relação amigável, até certo ponto, mas com o meu do meio... Só faço a social por termos as mesmas origens. Ele me odeia com todas as forças, e ainda me culpa pelo fracasso do seu casamento. Apenas dei o conselho para a Vivi, se ela resolveu abandonar ele, o problema não é meu...

Liv chega ao meu lado e eu estendo o braço para ela assumir o seu posto de madrinha comigo. E então a marcha nupcial começa a tocar e eu entro em um estado emocional à flor da pele, que fazia um tempo que não sentia.

Conforme as crianças e a Elis avançavam pelo corredor, eu revivi as cenas do meu casamento, há mais de vinte anos atrás. Tudo aconteceu tão rápido que, desde quando descobri que a Joana estava grávida até o casamento em si e alguns meses depois, são um borrão para mim.

Até então não tinha me dado por conta que eu casei na fazenda dos meus pais, em um dia quente e com ela grávida. Porque eu tive que recordar tudo isso agora?

– Tudo bem? – Liv cochicha para mim, sem fazer alarde.

Tomo uma respiração profunda.

– Não muito, mas vai passar. – Digo no mesmo tom, e ela aperta a minha mão.

– Lembranças?

– Sim... Meu casamento foi quase nessas mesmas circunstâncias. Só fiz as comparações agora.

– Sinto muito. – Liv olha para mim de relance.

– Foi há muito tempo. – Tento parecer indiferente, mas sei que não engano ninguém com essa minha falsidade.

A cerimônia se encerra e ninguém conseguiu conter as lágrimas de tão bela que foi. Nem eu, que aproveitei a onda e chorei por alguns motivos, incluindo a felicidade pelo meu melhor amigo, saudade da minha filha que estava longe de mim e outras coisas mais que sempre retornam para me lembrar de como eu cheguei até aqui.

Depois das fotos e cumprimentos aos noivos eu preciso de alguma coisa para me acalmar.

Saio às escondidas em direção à cozinha e encontro tudo abandonado lá dentro. Abro uma caixa e retiro uma das garrafas de whisky e pego o primeiro copo que encontro e tiro uma dose generosa, que derrubaria qualquer pessoa.

Me sento em uma das cadeiras e penso que só faltava um cigarro para ficar completo. Porque eu tive que prometer para a Luiza que eu deixaria de fumar?

Tomo a minha dose e espero o álcool fazer efeito, para que eu possa enfrentar essa noite sem ser um completo idiota. Pelo menos bêbado eu consigo sorrir.

– Algum problema? Está faltando alguma coisa? – Olho para trás e vejo a Carla me questionando.

– Nenhum. – Tomo mais um pouco do meu whisky sem gelo.

– Se precisar de alguma coisa pode pedir para os garçons, eles podem resolver tudo. – Ela me oferece um sorriso estático, puramente profissional.

– Obrigado, mas já encontrei o que eu queria. – Aponto para a garrafa.

– Certo... Eles vão servir o bolo em poucos minutos.

Levanto da cadeira e com o meu copo ainda cheio passo por ela dizendo:

– Tenho um bolo de cenoura com chocolate me esperando nesse momento então.

Capítulo 3

– Oh, oh, oh! Sweet child o' mine! – Canto em plenos pulmões dentro do carro, preso no trânsito.

Sorte que ele está calmo a minha frente, o dia está bom demais para ser estragado assim. O sol está brilhando lá fora, eu dormi bem a noite passada e consegui acordar antes do telefone entrar em colapso por ter ficado tempo demais no modo soneca, despertando loucamente.

Quem nunca fez isso na vida? Eu faço quase todos os dias...

Síndrome da mente inquieta, ou sei lá, geralmente à noite é quando eu fico mais ativo e penso em todas as teorias que podem mudar a vida no planeta Terra.

Olho no relógio do painel e vejo que saí cedo do hospital, após ver os meus casos. Tenho meia hora até chegar ao shopping e almoçar com o André e a Olívia. Estou louco para saber qual é o assunto dos dois que não quiseram argumento nenhum para me falarem sobre o que é. Fizeram isso de propósito, pois sabem que eu sou um pouco ansioso, ainda mais quando começam a conversa com “tenho uma coisa para te falar amanhã”. Para que falar amanhã? Fale hoje e me poupe o sofrimento.

Passo por uma avenida movimentada e vejo a ambulância estacionada socorrendo um ciclista atropelado. Um arrepio me sobe os braços em direção à cabeça e eu olho para frente e sigo o meu caminho. Pelo pouco que eu vi, o ciclista estava bem e sentado na porta da ambulância por precaução. Nada de mal, Luiz. Acidentes simples acontecem. Ainda mais nesse trecho, aqui os motoristas não sabem que não podem cruzar a ciclovias quando der na cabeça deles.

Chego ao shopping com minutos de antecedência, mando uma mensagem para a Liv avisando que já vou pegando uma mesa para nós três e aproveito tempo para incomodar a minha filha do outro lado do oceano.

Luiz: Olha como eu estou lindo hoje... (imagem anexa)

Luiza: Não me diga que tu saiu de casa desse jeito? Pai! Cadê aquelas roupas lindas que compramos aqui? Não usei tudo o que aprendi sobre moda para te ver usando essa blusa branca manchada e uma bermuda que já viu dias melhores.

Luiz: Hahahaha! Aquelas roupas são horríveis de usar. Essa são mais “folgadas”.

Luiza: Eu não acredito! Calma! Tô fazendo as contas de fuso e, POR FAVOR, não me diz que tu está em algum lugar?

Luiz: ...

Luiza: Pai, essa bermuda está rasgada. Mesmo a milhões de quilômetros eu percebi isso!

Começo a rir para o celular e deixo a Luiza surtar mais um pouco.

Claro que eu não estou vestido desse jeito. Peguei uma foto antiga que eu tirei quando estava jogando com o AC e as crianças lá em casa no último feriado. Apenas fiz isso para encher

o saco mesmo.

Por estar estudando moda e estagiando em uma loja renomada na Itália, a Luiza surta quando me vê desse jeito, desarrumado e desleixado assim. Ela diz que não posso ficar me descuidando dessa forma. Preciso andar sempre na beca, ou pelo menos, com a barba feita a cada dois dias.

Desculpa filha, mas às vezes não dá. Prefiro mil vezes uma calça velha e confortável do que uma caríssima a qual tenho que ficar me cuidando a cada coisa que eu encosto a minha bunda para não tirar fio, ou então rasgar.

Luiza manda mais mil e uma mensagens e eu tiro uma foto minha atual. Por sorte até me barbeei hoje pela manhã e a minha camisa social branca ainda não teve contato com nada que pudesse deixar marca.

Luiz: Pronto, ô esquentadinha. Papai limpo, cheiroso e bonitão aqui. Só mandei a foto para te incomodar mesmo.

Luiza: Estava pronta para pegar um avião e ir te colocar em umas roupas decentes!

Luiz: Calma aí que eu vou trocar de roupa então :P

Luiza: Seu bobo! Deixa eu trabalhar! Mais tarde conversamos. *Ti amo* <3

Luiz: Eu também, filha. <3

Fuço o celular mais um pouco a espera dos dois. Começo a ficar inquieto, sentado, mexendo as pernas sem parar. Eu detesto quando fico assim. Pareço que voltei aos meus treze anos e estava de castigo, mas louco para fugir de lá e aprontar alguma coisa.

O celular toca e eu vejo no visor o nome do meu irmão mais velho no visor. Meu dia estava bom demais para ser estragado.

– Alô. – Digo sem a mínima vontade.

– Preciso que tu venha aqui hoje.

– Tudo certo comigo, Gê, e contigo? Como vai a Lena? Porque quer que eu vá ai hoje?

– Uma pequena reunião. Às quatorze horas. Em ponto e sem atraso. – E assim desliga o telefone.

Até perco o meu tempo olhando no visor para ver se a chamada falhou ou algo do tipo, mas não. É apenas o meu irmão sendo ele mesmo. Uma mula manca em pessoa.

– Chegamos! – Liv deixa a bolsa na cadeira e vem me abraçar.

– E aí pequena coisa, tudo bem com vocês? – Solto ela e cumprimento o André.

– Tudo certo, eu estou morrendo de fome! – E começa a olhar todos os restaurantes da volta, animadamente.

Sorrio vendo ela assim, tão bem. Depois de tudo que ela passou na vida saber que ela teve forças para recomeçar e se abrir para um novo relacionamento é o sonho de todo médico que

acompanha o estado psicológico de um paciente.

Eu sei que a Liv não é uma paciente minha, mas eu acompanhei de perto todo o sofrimento e a depressão dela. Encaminhei para a Fabi, uma psicóloga de confiança e também quero créditos por isso. Ai de quem falar alguma coisa!

Escolhemos um restaurante simples e pedimos nossos pratos. Vejo os dois juntos, como um casal e felizes. Percebo isso no olhar deles. E acho uma coisa fascinante, pois todos saem ganhando. Olívia alguém para segurar a barra junto com ela e dividir o fardo do seu passado sem julgamentos e eu um novo amigo, companheiro de farra e afins.

Almoçamos conversando, mas eu sinto alguma coisa no ar. Eles estão com um olhar cúmplice, mais que o normal. E a minha desconfiança apita.

– O que vocês querem me contar? – Digo assim que pedimos a sobremesa, e eu vou na mesma escolha do André. Sorvete de flocos com calda de Nutella.

Liv e André trocam um olhar onde o sorriso deles já alcançou o brilho.

– Não podemos nem fazer suspense? – André me fala entregando a bolsa para a Olívia.

– Vocês não conseguem disfarçar que estão aqui sobre algum outro assunto. Então desembuchem logo antes que eu entre em estado de ansiedade aqui. E vai ser um dos piores do que os da Liv. – Brinco e ela sorri para mim me alcançando uma caixa.

– Presente. Abre agora que daqui a pouco eu mesma que vou ter um ataque.

Pego a caixa e sinto o seu peso. Faço uma cara de quem está desconfiado e abro. Encontro um envelope branco com alguns detalhes em rosa claro.

– O que é isso aqui? – Ignoro o cartão e quando pego no papel que esconde o meu presente, Olívia me dá um tapa na mão.

– Não estraga a brincadeira – André me adverte. – Primeiro o cartão e depois o presente.

Reviro os olhos para os dois e abro o cartão novamente. E quando leio o conteúdo, quase que eu “despiroqueio”, como eu falo quando alguém tem algum surto.

Parabéns, você foi promovido a Dindo!

As atribuições você já sabe, aconselhar, visitar, abençoar, apoiar, ajudar, incentivar, abraçar, alegrar, proteger e acima de tudo AMAR!

Aceita o cargo?

Alternos os olhos entre o André e a Liv, não acreditando no que eu estou lendo. Eu sei que sou cego como uma porta, mas estou de lentes e com as revisões em dia. Perco as palavras, devido ao tamanho do meu choque duplo. Primeiro, nem sabia que a Liv estava grávida, e agora promovido a dindo? É muita coisa para o meu coração velho de guerra aqui.

Outra folha cai de dentro do envelope e eu vejo a ultrassonografia com a imagem inconfundível de um bebê e com uma corozinha de montagem em cima da sua cabecinha: princesinha Bianca.

– Sério isso? – A minha pergunta chega a soar idiota perante as provas na minha frente. – Vai vir uma coisinha pequena?

– Vai. – Liv me responde já limpando as lágrimas de felicidade.

Droga, nem eu contenho as minhas. Em menos de um ano esse é o segundo apadrinhamento para mim. E filho dos meus melhores amigos. Caramba, vou ser o dindo mais bobão de todos com esse caszinho que vem por aí.

– É claro que eu aceito. Eu... – malditas lentes que saem do lugar e me deixam lacrimejando à toa. – É óbvio que vou ser o dindo da Bianca, a coisinha pequena, filha da pequena coisa e do emo! – André e Liv riem junto comigo.

Termino de ver o meu presente e encontro uma caneca com os dizeres: Dindo da Bianca e uma coroa de princesa ao lado do seu nome. Vai fazer par com a do Otávio que eu recebi há alguns meses atrás.

– Ai de ti se não aceitasse! Só por tua causa que ela está vindo. Não sei se te abraço ou te dou um soco, Luiz. – André diz, também emocionado.

Olho para os dois assustado, não entendendo a referência sobre ela estar grávida por minha culpa se quem está com ela é o André.

– Errei o antibiótico, não é? – E a lembrança da Liv com uma infecção na garganta e eu receitando um remédio para ela.

Claro que ela me perguntou se cortava o efeito, e eu, sabendo tudo de antibióticos, disse que não. Esse era da nova geração, estudos avançadíssimos para isso não acontecer. E agora cá estou eu promovido a dindo.

– Muito. – Liv responde. – Mas eu ainda acho que te abraçar é o melhor que a gente pode fazer nesse momento.

Liv levanta e mal tenho tempo para ficar de pé para receber mais um abraço dela.

– Parabéns, Liv. Eu sei que tu vai ser uma mãe incrível. A Coisinha vai ser a melhor parte tua. Tenho certeza disso.

Largo a Liv e dou um beijo nos seus cabelos, em sinal de afeto. Amo essa guria como se fosse minha própria filha.

– Parabéns, o emo mostrou serviço.

– Serviço de primeira. – Dou um abraço de homem no André, com direito a tapinhas nas costas e tudo. Ele é um bom “genro”.

– Quantas semanas? Já foi ao médico? E como tu está?

– Primeiro de tudo. – André se intromete. – Pede para ela parar de procurar artigos sobre depressão pós-parto.

Olívia faz um olhar feio para ele que dá os ombros.

– Liv, sem pensamentos sobre isso, certo? Tu não vai cair em uma depressão pós-parto,

vamos trabalhar juntos para que isso não chegue a ser nem uma possibilidade.

– Eu sei. Só que além de estar muito animada com tudo isso, também estou assustadíssima com essa possibilidade. Não quero fazer nenhum mal à Bibi, ou...

– Liv. – Falo mais firme que o normal com ela chamando a sua atenção. – Não vai por esse caminho. Não pensa em tudo que pode acarretar. O André vai estar contigo te apoiando, ou então eu quebrarei a cara dele, eu vou estar te acompanhando junto com a Fabi e qualquer coisa que tu precisar de ajuda até o AC vem para te ajudar. Aposto que ele e até a Elis vem trocar figurinha contigo porque vai ter passado tudo isso com o Otávio.

– Eu sei. – Ela fala, arrependida.

– No início parece assustador – falo francamente – tu não vai saber para onde te virar com uma criança de colo, mas depois que pega o jeito, vai sentir falta de quando ela só chorava, sujava as fraldas e dormia.

Olívia ri do meu comentário. Bem melhor do que aquele semblante carregado de dúvidas que estava presente no seu rosto.

– Nem me fala. – André se intromete. – Já comecei a pesquisar preço de armas nucleares para quando a Bibi crescer. Ninguém vai chegar perto da minha filha.

– Tenho alguns endereços dos orçamentos que eu fiz na época da Luiza. Não foram poucos, mas eu consegui me virar bem quando alguém tentou chegar perto da minha filha com péssimas intenções. Até hoje, mesmo estando longe, eu ainda sei apavorar um cara pela câmera do Skype.

Me despeço dos dois, desejando as mais sinceras felicidades que um jovem casal pode ter e que a gravidez da Olívia seja bem mais tranquila do que a da Elis está sendo.

Acho que a sua depressão não me assusta tanto quanto essa possibilidade. A Olívia pode estar estável, bem e harmonizada consigo mesma, mas se uma tragédia dessa proporção atingir ela, provavelmente ela cairá em depressão novamente.

Mas não vamos pensar por esse lado da questão. A Liv vai seguir todos os passos do médico à risca e não vai ser nenhum pouco teimosa como a Elis é. Tudo vai dar certo e eu vou ser padrinho de mais um.

Amo os meus afilhados. Tenho dois, os filhos dos meus irmãos. Maurício filho do meu irmão mais velho, com pouca diferença de idade da Luiza e a Ju, uma espoleta no auge dos seus quinze anos que vive com a mãe em outro estado.

Sou o dindo da folia. Sempre que algum estava comigo a bagunça era certa. Tudo o que os pais deles negavam, o Tio Luiz dava um jeito de fazer. Como da vez em que o Maurício queria ir no parque andar naqueles brinquedos que viravam de ponta cabeça e ninguém quis levar a criança.

Lá foi o tio Luiz, mais criança que a própria criança levar o afilhado no brinquedo. Resultado, não sei qual de nós dois saiu mais vomitado. Quem mandou o Maurício querer passar na barraca de churros antes de irmos para a fila do brinquedo? E quem disse que eu tenho pulso firme com eles? Com a Luiza eu tinha que ter, era meu dever como pai a educar com afinco e ser

até chato. Mas tem momentos que temos que relaxar e deixar as crianças serem crianças.

Com a Ju eu não tenho tanto contato como tive e tenho com o Maurício, mas sempre que ela está aqui para visitar o pai ela fica aqui em casa nem que seja por uma noite. Ou uma semana inteira, como foi da última vez e o seu pai quase me matou por isso.

Quem mandou ele ser um chato e eu ser o dindo legal?

Levei ela a todos os programas que uma adolescente de quatorze anos pode querer ir aqui na cidade. Até em um show daquelas bandas que ela curte eu fui. E achei interessante o “cordão” de pais em um lado do evento e os jovens do outro.

Por uma decisão mútua e muito discutida, eu e a Joana nunca cogitamos a ideia de ter outro filho. Pelo simples fato de que a genética de irmãos na nossa família nunca foi fraternal. Até casos de morte envolvendo irmãos tem na história antiga da família, então imagina o desastre que seria a combinação genética de primos de segundo grau nisso tudo.

Então nos dedicamos, o tempo todo que estivemos casados, para ela. E depois que a Joana se foi, eu cumpri o meu papel de pai chato e ainda faço uso dele sempre que eu posso.

Agora, voltando a ser dindo novamente, minha cabeça já entra em parafuso só de pensar em tudo que eu vou poder fazer com essas pobres crianças que nem sabem quem as espera aqui do lado de fora. E vou começar a colocar em prática amanhã com as crianças que mesmo não sendo dindo no papel, sou tio de coração.

Antônio, mais conhecido como o Perereco safado, Ana Bella - a Fofinha - Sarah e Yago, os maiores.

Todos eles na minha casa para passarem o dia e darem uma folga aos pais, AC e Elis, Noah e Su.

Roteiro do dia: nenhum. Vamos fazer o que nos der na cabeça. A única exigência, de minha parte, foi o bolo de cenoura com cobertura de chocolate que a Sarah faz. Quase morri comendo no casamento do AC aquele bolo. Adorei a ideia e as crianças ficaram mais encantadas com o bolo de dois andares do que com aquele glacê, que, na minha opinião, não tem gosto nenhum totalmente enfeitado com mil coisas. Ganhei a festa com aquele bolo dos deuses.

Já fiz todas as compras para abastecer a geladeira lá em casa. Se elas vão se divertir, eu não sei, mas que vão comer até não aguentar mais, isso eu não tenho dúvida nenhuma.

Capítulo 4

Exatamente às quatorze horas eu entro na sala onde o Gê trabalha. A porta aberta e o ambiente vazio me deixam explorar o local no qual eu só entro para situações como essa.

Não mudou muita coisa desde que o meu pai ainda era o chefe da coisa toda. Uma estante de livros com edições no idioma original e mais alguns que ao longo dos anos ele foi adicionando. Nem preciso comentar que eu e os meus irmãos fomos forçados a ler cada um deles, e dependendo do livro, mais de uma vez.

As fotos de nós três em idades diferentes. Infância, adolescência e adultos. Cada um com o seu jeito de ser em pessoa. Olho as minhas com um sorriso no rosto. Uma eu naquelas fotos de recordação da escola, com uns sete anos, com uma cara feliz. Tive que ser subornado por uma bicicleta nova nesse dia. Outra com a Joana no seu aniversário de quinze anos quando entrei com ela no salão. As outras três que mais me chamam a atenção, e na minha opinião, as mais bonitas. A primeira no meu casamento, a foto oficial comigo e com a Jô atrás do bolo. Eu estou ridículo, a única coisa que realmente salva a foto é a noiva.

A segunda minha com a Luiza com apenas alguns dias de vida no meu colo, e eu com o sorriso mais besta do mundo por estar com a perfeição em forma de pessoa comigo, e a última, o quadro da minha formatura. Aquele em que eu apareço olhando para o nada como um idiota, a foto de todos os colegas, ano e número da turma.

Lembranças de quando tudo era bom. Às vezes, queria voltar o tempo para reviver todos esses momentos novamente e dar mais atenção a cada um deles. Se soubéssemos o que nos aguarda no futuro, com certeza, naqueles dias de chuvas que ficamos até mais tarde na cama iríamos aproveitar mais junto de quem a gente ama. Ou então muitas das brigas desnecessárias nem teriam acontecido.

– Luiz? – Me viro e dou de cara com a minha cunhada, Lena.

– E aí? – Dou um abraço nela e a levanto do chão.

– Qualquer dia vai me derrubar no chão fazendo isso!

– Desde que a gente se conhece e eu passei do teu tamanho, eu faço isso. Nunca vou te deixar cair, tu sabe disso!

– Eu sei, mas mesmo assim... Como tu está? – Ela dá uma checada geral em mim. Algumas coisas nunca mudam...

Acho que eu a conheço desde sempre. Como eu e o Gê temos quinze anos de diferença e a Lena é sua namorada desde os vinte, não precisa ser bom em matemática para fazer as contas. Tenho-a como uma irmã que muito me ajudou quando eu precisei e que se preocupa comigo, mesmo quando nem eu mesmo faço isso.

– Estou bem. Teu marido me ligou mais cedo para uma “reunião”, sabe do que se trata?

– Provavelmente sobre alguma coisa aqui da escola. O Beto deve estar chegando também.

– Ahh, que agradável reunião nessa tarde. – Ironizo.

– Não começa, e deixa os dois quietos. Sem implicância.

– Eu não implico. Eles é que não vão com a minha cara.

– Mentiroso. – Lena encosta a ponta do dedo no meu peito e não esconde um sorriso. – Tu sabe que o Gê é todo estressadinho com tudo, e o Beto... Ok, ele é um caso à parte, mas são teus irmãos. E o Gê sempre fala muito bem de ti.

– Certo, Lena. – Me aproximo dela e dou um beijo na sua testa. – Eu sou a ovelha negra da família e o incompreendido.

– Não é para tanto, mas está chegando perto.

Conversamos mais um pouco até o Gê e o Beto entrarem na sala. Lena se despede de mim, lembrando mais uma vez, que eu devo passar na casa deles de vez em quando, nem que seja para dar um oi de dentro do carro. E então ficamos nós três sozinhos dentro da sala.

Os três filhos. Observo como o Gê está cada vez mais parecido com o nosso pai. Os traços dos olhos e a entrada calva dos cabelos. Beto puxou mais a família da nossa mãe, mas os olhos não negam a genética. Um traço carimbado nosso.

– Estamos aqui. – Beto diz sentado em uma cadeira à frente de mesa do Gê.

– Sim. – Olho no relógio. – Com um atraso de quinze minutos. Nada mal.

– Certo, sem brincadeira. – Até o mesmo tom de voz do meu pai quando estava trabalhando é o mesmo. – Chamei os dois aqui porque recebemos mais uma proposta de venda para a escola.

Depois dessa, até eu sento na cadeira ao lado do Beto.

– O valor da proposta foi bem... – Gê hesita – considerável. Ainda mais perante o momento de crise que o país está vivendo.

– O país está vivendo, não nós aqui. – Digo e recebo um olhar de reprovação por ter me intrometido no assunto.

Uma vez irmão mais novo, sempre irmão mais novo. Sua opinião nunca é levada em conta. Para nada.

– Continuando... Chega a ser quase o dobro da última que recebemos. Então, estamos aqui para conversar sobre isso. O que vocês acham? Eu posso tomar conta da empresa em si, mas no papel somo os donos, e isso não cabe somente a mim.

– Por mim, pode vender. – Beto fala, sem nem pensar direito no assunto. – Se o valor da última proposta já era alto, imagina a dessa.

– Tudo tem seus prós e contras, Beto.

– Que seja, Gê. – Ele dá os ombros. – Isso aqui já deu o que tinha que dar. Educação hoje em dia não está mais nas mãos de famílias e sim das grandes corporações. Vamos vender enquanto ainda estamos por cima, não vamos esperar que o mercado nos consuma até não valermos mais nada.

Vejo o Gê se afundar na cadeira e focar o seu olhar para o nada.

Assim como toda a empresa passamos por períodos bons e ruins. Nossa escola é considerada uma das melhores da cidade. Temos os maiores índices de aprovação no ENEM e

vestibulares concorridos. Turno inverso para os estudantes virem para a escola tirarem as dúvidas com professores auxiliares e fora tantos outros extras que a escola oferece. Eu mesmo dei a ideia de uma quadra nova de squash para as crianças terem aulas. Fora as oficinas de música, teatro, artes e tantas outras coisas mais que oferecemos.

Temos um método de ensino diferenciado de muitas escolas particulares concorrentes. E uma dos principais diferenciais é o ensino rígido, onde quem “manda” em sala de aula é o professor, e não o aluno. O que tem de casos onde a sala de aula é comandada por alunos na rede privada hoje chega a ser ridículo. Aqui não. Prezamos pelo ensino do aluno e a má educação, ele que vá receber de casa.

Mantemos o professor em um status elevado. Eles que dão o show e são recompensados por isso. Damos benefícios e prêmios pelos seus trabalhos, reconhecidamente, nada fácil. Eu mesmo não teria condição nenhuma de ensinar uma sala cheia com mais de trinta alunos. Isso é um dom e são poucos que conseguem realizar esse trabalho com maestria.

E vender tudo isso, todo o trabalho que o nosso pai teve para erguer cada parede dessas construções é debochar da sua morte. Uma falta de respeito inexplicável.

– Não. – Eu digo. – Não vamos vender a escola. Eu não assino papel nenhum autorizando essa barbárie.

– Olha quem fala! – Beto solta uma risada irônica. – O doutor que nunca pisou aqui para fazer nada. Nenhuma coisa que seja.

– Não interessa se eu fiz ou não. – Revido. – Sei o quanto é trabalhoso manter a escola em funcionamento. Por isso que eu digo, e repito, não.

– Então, antes de ficar falando merda, vem para cá e resolve um problema que seja. Fica aqui dentro vendo tudo acontecer, e não só de camarote e recebendo o dinheiro no final do mês na conta, Luiz. – Não respondo. – Viu só... Na hora do trabalho pesado ele corre para o hospital para ficar com os doentes dele ao invés de ficar aqui.

– Beto, cala a boca. O Luiz escolheu a carreira dele, assim como nós escolhemos ficarmos aqui ajudando o pai. Eu tenho plena consciência da minha opção. Se tu não está satisfeito com a tua, tem tempo de ir embora. Ninguém vai te obrigar a trabalhar aqui.

Troco um olhar de agradecimento com o Gê, afinal, não é sempre que ele me protege desse jeito.

– Eu já disse o que pode ser feito perante esse caso. Uma direção escolar que não envolva vocês. Temos funcionários aqui quase há mais tempo que nós, eles sabem como comandar tudo sem problema. Gê pode afrouxar o nó da gravata e só comandar, assim como tu Beto. – Meu irmão mais velho analisa o que eu falo.

– É uma opção, Luiz. – Sinto a falta de um “mas...” na sua frase, no entanto, entendo pelas entrelinhas.

Assim como o nosso pai, ele cresceu aqui dentro e foi um dos braços direitos dele nesse processo. Sair para ele é quase a mesma coisa que vender, pois foi ensinado a fazer todos os processos aqui e a não depender de ninguém.

– Então a reunião está encerrada, é isso? – Beto se levanta da cadeira e olha para nós. –

Nem sei por que perdi o meu tempo aqui se vocês dois resolveram tudo.

E sai batendo a porta com um barulho alto e sem necessidade.

– E assim termina mais um encontro emocionante dos meninos da família Lavorini. Pelo menos não teve briga dessa vez. – E com isso consigo arrancar um sorriso do meu irmão.

Gê me fala o que eu já imaginava. Por ele também não venderia a escola. Dois votos contra um. Porém, sua conduta não seria justa se ele não falasse isso para nós dois também. Apesar de eu não ser um membro ativo na escola, tenho parte dela e minha opinião é válida.

Estranhei quando soube que nós partilhávamos da mesma ideia. Vender isso aqui seria um ato ingrato de nossa parte como filhos. Era jogar todo o trabalho do nosso pai no ralo.

– Eu queria falar mais uma coisa antes do Beto sair daquele jeito. É sobre a casa na fazenda. Ela está atirada lá já faz um bom tempo.

O peso nos meus ombros aumenta consideravelmente com essas duas últimas frases que ele fala.

– Vocês não têm ido? – Disfarço o meu desconforto.

– Não muito. O Beto também não e tu...

Ele deixa subentendida a frase e eu entendo o recado.

Desde que a Joana morreu, nem eu e nem a Luiza colocamos os pés lá. Pelos simples motivo de que foi indo para lá que nos acidentamos e encarar a casa em que nós fomos criados sem ela ao meu lado não tem sentido nenhum. O verde da grama e o azul do céu seriam apenas um borrão cinza e sem definição.

– Tu quer vender? – Questiono.

– Ia perguntar isso. O caseiro disse que está tudo atirado.

– Podemos reformar ou deixar para as crianças decidirem.

– No caso o Maurício e a Luiza, porque a Júlia só tem quinze para dezesseis anos.

– E então a Luiza ficaria com o coração na mão pelo meu passado com a mãe dela, o Maurício por ter crescido boa parte lá e a Júlia nem se importaria?

– Exatamente.

Um ciclo sem fim. Se os pais já ficam na dúvida, quem dirá os filhos.

– Pensei em reformar. – Gê fala novamente. – Deixar os traços originais e mudar algumas coisas. Pode ser que assim os ares mudem e a gente comece a frequentar mais.

– Pois é... – hesito. – É uma ideia, quer que eu mande um arquiteto ou algo do tipo para ver o que dá para fazer?

– Vou pedir para a Lena fazer isso, com certeza ela vai saber o que mexer e o que não mudar.

– É uma boa. Me manda a conta depois que eu ajudo. – Gê assente com a cabeça e eu dou a conversa por encerrada.

Levanto para ir embora e quando toco a maçaneta ele me chama novamente.

– Será que assim tu iria para lá, reformado?

Me viro para ele e não consigo responder. Por mais que eu tente, algo dentro de mim sabe que será uma tarefa complicada. Passar pela curva novamente sem ter pensamentos sobre o que aconteceu vai ser impossível, é uma coisa intrínseca e difícil de conter com tanta facilidade.

Meu irmão espera a resposta que eu não consigo dar. Desvio o olhar dele e saio pela porta em direção ao meu carro.

.

– Colocamos pouco fermento. Não vai crescer e vai ficar solado.

Estamos nós três, eu, Yago e Sarah, em frente ao forno observando o bolo de cenoura assar.

– Não colocamos não, foi a medida certa. A mãe me ensinou.

– Acho que está começando a crescer, olha ali a bolha de ar subindo. – Yago fala, olhando atentamente o bolo.

– Talvez ele esteja com vergonha. Não está acostumado com tanta gente olhando ele crescer assim. – Desligo a luz de dentro do forno.

As crianças chegaram hoje pela manhã aqui. E desde então eu não parei um segundo que fosse. Minha casa está cheia de risos e conversas para todo os lados. Como se ela estivesse literalmente viva.

O almoço foi uma bagunça. As crianças escolheram o cardápio. Bife com batata-frita e eu fui para a cozinha. Todo o pai que se preste tem que saber fazer o melhor bife com batata-frita do mundo, a Luiza que o diga.

As crianças são uns buracos sem fundo. Quase que faltou batata-frita para elas e a carne foi toda. O sono bateu no Antônio e Fofinha e eles deitaram no sofá com o ar-condicionado ligado e daqui estou escutando os dois roncarem.

E nós três viemos para a cozinha fazer o bolo de cenoura com cobertura de chocolate tão amado da Sarah. Ela quase me bateu quando eu disse que tinha comprado um bolo de caixinha, e não quis nem saber dele, partiu mesmo para o bolo com todos os ingredientes mesmo.

Resultado de tudo isso: uma pequena bagunça na minha cozinha que eu quase nem uso. Praticamente só fico em casa para dormir e como quase sempre fora.

– Vou fazer a cobertura de brigadeiro. – Sarah anuncia já pegando uma panela no armário.

– Não tem perigo de te queimar? – Indago vendo ela e o Yago tomando conta de tudo.

– Não, eu faço sempre para a mãe a tarde. Ela diz que o Tavinho ama brigadeiro de panela.

Começo a arrumar a bagunça lavando a louça. Bem que o AC poderia vir aqui ajudar com a louça, não iria reclamar disso. Eu lavo e o Yago seca e guarda enquanto a Sarah termina de

fazer a cobertura.

Terminamos com o cheiro de bolo de cenoura nos atiçando.

– Já podemos comer? – Pergunto quase hipnotizado pela cor laranja dele.

– Ele está quente, e comer bolo quente dá dor de barriga.

– Quem disse isso?

– A vó Lalá.

– Ahh, ok. Se a D. Eulália falou, quem sou eu para discordar.

Deixamos o bolo descansando e vamos para a sala onde os pequenos estão dormindo com a bunda para cima e curtindo o geladinho do ar. Cada um vai para um sofá e esperamos o sol e todas aquelas batatas-fritas descenderem um pouco para irmos para a piscina.

Quando chega a hora, todos já estão descansados para tirarem o meu couro na água. Dou uma camada reforçada de protetor solar, coloco as boias nos pequenos e aviso:

– O último que chegar na água vai ficar sem bolo. – E saio correndo junto com elas para dentro da água.

Coloquei essa piscina gigante aqui em casa para aproveitar o pátio maior ainda que tenho. A Luiza devia ter uns oito anos quando isso aconteceu e desde então, se tornou um dos lugares favoritos dela no verão. Todo dia era uma amiga, ou várias, gritando e se atirando na água a tarde toda. Os pais amavam, pois elas chegavam quase mortas em casa de tão cansadas.

Eu comprava todas aqueças boias, de todos os tipos de animais que existem. Até hoje, quando ela vem no verão, faz questão de ter um tubarão ou jacaré inflável para ficar montando naquilo. Até tenho um aqui que está sendo o motivo de tantos risos dentro da água.

Antônio deu sentido a expressão “mijar de tanto rir”. Ele estava na borda, se preparando para pular com as suas boias verdes de sapo, e começou a rir do Yago lutando contra o tubarão inflável. Ele riu tanto que quando percebeu estava se mijando e ainda completou com a frase: fiz xixi, e com os olhos de cores diferentes arregalados.

Aí quem começou a rir fomos nós dentro da piscina até não querer mais do Perereco, rindo até se mijar.

Deixei as crianças dentro da piscina e aproveitei o fato de que estava todo molhado para lavar o coitado do meu carro, que já tinha visto dias melhores. Só faltava a frase: “por favor, lave-me” no vidro traseiro. Liguei a mangueira no poço artesiano aqui de casa e fui jogar uma água no veículo.

Tive dois trabalhos, deixar as crianças dentro da piscina e depois ficar molhando elas com a mangueira, já que acharam aquilo mais divertido do que a piscina. No final, meu carro foi lavado a cinco mãos, e eu vou ter que deixar ele em algum posto para lavar de verdade. Porém foi a coisa mais divertida de ver os quatro brincando e correndo com uma mangueira pelo pátio.

Essas crianças sem uma infância de verdade. Na idade deles eu tomava banho de mangueira e tanque todos os dias. Aquilo sim que era brincadeira para a idade.

No final da tarde eu estava morrendo de fome e nada deles quererem sair de dentro da

água. Ou melhor, pararem de brincar com a mangueira dentro da piscina. Nada melhor do que água com mais água.

Postei a mesa na sombra com refrigerante, bolo e outras coisas para eles e nunca vi uma mesa ficar vazia tão rápido na minha vida.

Até o bolo, com uma receita dobrada foi em um piscar de olhos. Jurei que amanhã ainda iria comer dessa coisa boa, mas não! Nenhuma migalha foi deixada para contar história! Eles (e eu, confesso) comeram tudo. Por pouco não comem a mesa.

A noite chegou e nada deles esgotarem a energia. Até eu já estava cansando. Foi então que o frio começou a bater neles e todos foram para o banho quente. Aí começou o meu dilema, pois tudo que eu havia comprado de comida já tinha ido. E o que eu daria de janta para as crianças?

– Pizza, hambúrguer ou o que para jantar?

– Pizza! – Yago e Sarah falam simultaneamente.

– Iza! – O Mijãozinho fala e a Fofinha concorda.

Encomendo as pizzas e o telefone dá uma chamada em espera. Não uma, mas três vezes seguidas enquanto eu faço a ligação.

– Meu Deus, para que esse desespero todo? – Digo quando atendo a ligação do AC.

– Um dia inteiro sem notícias e nenhum pedido de socorro, vai dizer que não é de desconfiar? Como estão as crianças?

– Antônio e Fofinha estão lavando o banheiro, e o Yago e Sarah cortando a grama desde que chegaram aqui. Essas crianças de hoje em dia são muito lentas. Antigamente elas limpavam e trabalhavam mais rápido.

– Deixa de ser idiota, Luiz. Estou no viva-voz e a Su e Elis estão te matando mentalmente aqui.

– Hey crianças – grito tirando o celular de perto de mim. – Checagem rápida de vocês, depois voltem ao trabalho e sem reclamar!

Todas elas falam com os pais e dão boa noite.

– Pronto, todas vivas e bem. Sabia que eles são uns mortos de fome, comeram toda a minha comida! Tive que encomendar pizza para a janta.

– Não está me falando nenhuma novidade. – Su fala pelo viva-voz.

– E o Antônio se mijou de tanto rir. Literalmente se mijou e anunciou para todo mundo.

– Normal. Esqueceu que ele é filho da Elis? – Noah diz. – Não sei como ela não usa fralda até hoje. E o Antônio tem que ficar cuidando, uma risada a mais e a mijada é certa.

– Cala a boca Noah. Já levei o Perereco no médico e ele disse que isso é normal para a idade. Ele é feliz assim.

Conversamos mais um pouco, as crianças voltam para dar boa noite aos pais e as pizzas chegam. E não sobra nenhuma para comer fria amanhã durante o café da manhã, que me ocorreu que não vai ter nada para comer. Acho que vou ter que ir ao mercado aqui perto reabastecer tudo

antes deles irem embora.

Desço dois colchões de casal do andar de cima e arrumo tudo para dormirmos na sala enquanto olhamos um filme.

Sinceramente, não vi nem dez minutos do filme, mas escutei as risadas e a conversa para trocarem de filme lá pelas tantas da madrugada.

Também acho que alguém foi à cozinha fazer mais pipoca, o barulho de coisa caindo é inconfundível. O problema é que eu fiz um pacote inteiro daquelas de fogão, nada de micro-ondas, mas os esfomeados devem ter comido tudo antes da metade do filme.

Ou talvez, tudo isso seja parte de algum sonho distante, já que eu realmente apaguei na cama recebendo milhares de chutes do Perereco Mijão ao meu lado.

Capítulo 5

– Não dá cara. A Liv está vomitando até as tripas e o Leco está em pânico aqui com isso. – André me responde. – Leco! Sai daí seu fedorento! – Escuto ele gritar. – Vou ter que desligar, bom porre!

E encerra a chamada.

Estou sozinho. Abandonado. Largado e esquecido por todos.

Noah está de pai, já que a esposa está trabalhando. AC não fica longe, mas cuidando da Elis que passou o dia com dores na barriga. E o André vai ter que ficar com a pequena coisa, já que a coisinha pequena está colocando para fora tudo o que ela ingere. Ahh, esses meus amigos fisgados pela paternidade.

O lado ruim de ser mais velho que todos é esse. Já passei por todas essas fases deles. De acompanhar cada vômito e mal-estar, ajudar a confortar nos últimos meses, nos dias que faltam posições para descansar e cuidar dos filhos. E agora estou aqui, abandonado, sozinho e largado por todos.

Foco o teto branco da minha sala, o som da TV em algum canal idiota me deixa enjoado. Ou talvez seja o álcool já no meu organismo fazendo o seu trabalho.

Hoje é sexta, estou de folga do plantão e sem nada para fazer em casa. A semana foi... diferente, por assim dizer. Começou com a notícia do apadrinhamento da Bibi, passando pela reunião amigável com os meus irmãos e os quatro furacões que passaram por aqui. Agora bateu a *bad* e eu estou agarrado a uma garrafa de whisky olhando para o nada.

Que noite animada. Hora de fazer alguma coisa para mudar isso.

Tomo um banho, me arrumo e vou para o bar aqui perto de casa, pelo menos lá tem agitação e comida.

Chamo um táxi, porque nem a pau eu fico atrás de um volante depois de ingerir alguma gota de álcool, e abomino qualquer pessoa que pense em fazer isso. Será que eles não têm amor a sua vida e ao do próximo? Os índices de acidentes causados por estarem altos pelo álcool é cada vez maior, e eu não quero virar, novamente, uma estatística negativa no conjunto direção, álcool e volante.

Chego ao bar e o movimento já é intenso. Pego uma mesa no fundo para ficar observando a todos e bebendo em paz.

– E aí tocaio? – o barman, também Luiz, já me entrega um copo com gelo com uma dose. – O de sempre?

– Por favor. E só para mim, o resto do clã foi fisgado hoje.

– Que pena! Sem apresentação épica de karaokê essa noite?

– Não. Deixa para a próxima.

Ele me entrega a comanda e sai para buscar o meu pedido: uma porção de batata-frita com queijo e acompanhamentos. A melhor da cidade.

O ambiente com a música alta e pessoas se espremendo em uma minúscula pista de dança me fazem relaxar vendo a interação entre as pessoas. E quando a hora chegar, filosofando sobre a vida alheia comigo mesmo.

Claro que eu chamo a atenção em um bar jovem, bebendo e comendo sozinho em um canto. E geralmente as pessoas, nesse caso, mulheres levam isso como uma indireta, bem direta, para chegarem em mim para conversar.

Nesse quesito sou mal-educado, me desculpa, mas ignoro todas as investidas que recebo. Não me levem a mal, mas só quero tomar o meu porre semanal em paz, não quero ninguém ao meu lado tentando me impressionar para me levar pra casa, transar e nunca mais ver a pessoa.

Sou antiquado, admito e me orgulho disso. Não sou interessado em casos de uma noite, tampouco, a longo prazo. E não, eu não sou gay.

OK corrigindo, utilizo desse artifício para afastar qualquer pessoa que venha para o meu lado, mas mesmo assim eu não sou gay. O tiro já saiu pela culatra eu fiquei em uma saia justa quando um cara me abordou.

Simplesmente, aceitei o fato de que sou uma frigideira. Uma panela sem tampa e tantas outras coisas que se fala nessa ocasião.

A única pessoa que eu me relacionei e que me aguentava em todos os aspectos era a Joana. E como ela morreu, levou com ela essa capacidade.

Eu sei que todo mundo, sem exagero, fala que eu tenho que tocar a minha vida, conhecer pessoas novas, sair com alguém e coisas do tipo. E juro que tentei, com todas as minhas forças, eu tentei.

Saí com uma colega da especialização, mas só falávamos sobre a residência que estávamos fazendo. Tudo acabava em Freud e tantos outros pensadores da psiquiatria. Não era uma coisa que fluía naturalmente, até porque discutíamos vários pontos filosóficos das doutrinas. E depois de mais alguns fracassos, eu joguei tudo para cima e abracei o celibato de uma vez. Antes sozinho do que mal acompanhado, já diz o velho, mas correto, ditado.

Agora eu bebo e observo as outras pessoas sem nenhum problema de demonstração de afeto. Vejo a reação dos homens chegando nas mulheres e vice-versa. Se bem que o método adotado por elas é mais interessante. Posso ser quase celibatário, mas não cego. Ok, sou cego também, mas dá para entender o propósito que eu estou falando aqui. (Acho que já comecei a cruzar a linha entre alegre e bêbado...)

Enfim, voltando à tática de ataque das mulheres. Primeiro de tudo: a roupa. Ou a falta dela. Minha filha me abandonou aqui para estudar moda e essas pessoas usam o mínimo possível, e ainda passam a noite toda se puxando dentro da roupa para não descer demais ou subir e mostrar “todo o conteúdo”. Qual o problema de comprar roupas com o número certo? As menores são mais baratas do que as normais?

Segundo: maquiagem a ponto de não reconhecer a pessoa sem, ou levar um susto. Cadê a autenticidade? Linhas de expressão ou sardinhas no rosto? Não exagerem pessoal, fica feio. Às vezes elas erram feio a mão e na luz artificial parece maquiagem de palhaço. E eu assumo que desde pequeno tenho medo deles. O Beto me fez o favor de me assustar com um quando pequeno

e até hoje não vou com a cara deles. Luiza sempre me pedia para levá-la ao circo, mas eu pagava pro Maurício fazer isso por mim. Palhaços lá e eu aqui. Longe um do outro.

Terceiro ponto, e o meu favorito. O jeito de chamarem a atenção para si. Ora dançando até o chão, ou caras, bocas e bicos para conseguir o que querem. E quando chamam a atenção dos homens, que eu já vou chegar neles, se fazem de difícil. Vai entender uma lógica dessas! Só faltam escrever na testa que querem o cara, mas vão negar até a morte para não parecerem fáceis. Amiga, se tu quer o cara foda-se o que o povo pensa!

Só uma dica do tio bêbado aqui.

Agora vamos aos meus companheiros.

Porque camisas abertas ou tão apertada nos braços que quase cortam a circulação? Eu sei que temos instintos primitivos dentro de nós. Reflexo de quem nós somos que os anos de evolução não apagam, e o macho sempre quer se mostrar fodão para as mulheres. Como se dissessem: olhem como eu sou forte e grandão, consigo caçar e alimentar a prole toda que nós vamos ter. Só não exagere, ok? Confiança demais pode ter um fundo trágico no fundo.

Não comento nada sobre outros tópicos e ações que deveriam ser mencionados nesse meu monólogo silencioso. Viro mais uma dose e levanto o copo para o tocaio vir me servir mais. A noite é uma criança, e eu ainda estou pensando demais aqui.

Alguém canta uma música em inglês trocando as letras, outras dançam na pista e eu aqui, observando tudo do canto, até que vejo uma raridade na pista.

Uma mulher. E ela está de calça jeans e com boa parte do corpo coberto. Aposto que deve estar com o namorado. São raros os tipos que vão para a pista de dança assim. Geralmente os casais ficam na parte mais clara do bar.

Sigo observando ela dançando. A guria leva jeito. Joga as mãos para cima e se conecta a música perfeitamente. Qual será a história dela, para estar ali, sozinha e sem ninguém na sua volta?

Minha mente vai à loucura com as mil e umas possibilidades que essa história pode ter. Gosto de passar o meu tempo assim, observando as pessoas e criando histórias para elas, invento alguns fatos que podem tê-las levado para um lugar como esse.

Perco um bom tempo a observando de longe. Parece uma coisa meio psicótica de se fazer, como se eu fosse algum assassino em série procurando a próxima vítima e imaginando todas as coisas que eu posso fazer com.... Ok, chega de bebida para mim por essa noite. Vou pegar um refrigerante, já que não tenho AC para me curar a ressaca amanhã cedo.

Caminho até o bar, para esticar as pernas. Peço uma coca-cola com gelo e limão e volto para a mesa. No meio do caminho um flash de luz foca no meu alvo de observação da noite e eu tenho uma revelação interessante.

É a pequena foguete. Aquela que quase me matou com o olhar no dia do casamento do AC quando eu atendi a porta sem nem me dar por conta que estávamos terrivelmente atrasados, e que me deu um sorriso automático e profissional no meio da festa quando ela me encontrou no paraíso das bebidas alcoólicas.

Realmente interessante, pois não havia me dado conta de que era ela. Eu devo estar mais

bêbado do que imagino, porque sempre a vejo por aqui e ela nunca me chamou a atenção como hoje.

Sento-me novamente e volto a observar o ambiente em si, evitando o local em que ela está. Mulheres se encolhendo nas roupas e se puxando, bebidas para todos os lados, homens demonstrando que são fodões, música alta em um canto, com luzes piscando aleatoriamente. Do outro lado, alguém cantando desafinado, casais juntos comemorando alguma conquista em casal, ou pelo simples fato de ser sexta e quererem descansar de uma semana agitada no trabalho, roda de amigos falando besteira, assim como eu faço com os guris. Dois grupos distintos e ela no meio da pista dançando sozinha.

Carvalho, Luiz. Deixa a guria em paz, ela deve ter a idade da Luiza. E tu não queria que tivesse um velho olhando para ela assim. Mas não estou olhando com malícia nem nada, digo para mim mesmo, só estou querendo saber qual é a dela e coisa do tipo. Mesmo assim, aqui nesse fundão sozinho e tendo essa conversa ridícula contigo, dá para imaginar isso sim.

Cala a boca, Luiz.

Cala a boca tu e vai para casa dormir que tu ganha mais!

Meu Deus! Tenho que parar de brigar comigo mesmo desse jeito. Qualquer dia uma parte de mim tenta matar a outra esgoelada...

Levanto, com a minha comanda, e a minha coca pela metade, e vou até o barman Luiz.

– Encerrando cedo? – Entrego a comanda para ele e o meu cartão.

– Depende para quem é esse cedo.

– Para mim ainda é cedo. Não saio daqui antes do sol raiar e tudo pronto para amanhã à noite. – Ele me entrega a máquina e eu digito a senha.

– Então é relativamente cedo.

O tocaio me entrega o cartão e o recibo e eu começo a me mover em direção à saída quando sou empurrado e quase caio no chão. Olho para trás e vejo a guria empurrando um cara que está a encurralando em um canto, perto do local em que o pessoal vai para se agarrar.

Ela tenta se esquivar e o cara a agarra pelos ombros e a empurra em direção à parede, e quando eu vejo isso, não me seguro e começo a caminhar em direção a eles.

– Larga ela! – Digo, mas com o som alto, ninguém me escuta.

Caminho até chegar a escutar ela falando para a deixar em paz e encosto no ombro do cara.

– Ela mandou tu largar! – Grito. – Está surdo?

– Não te mete tio. O papo aqui é com a gostosa. – E eu a vejo dar um tapa na cara do homem.

– Gostosa é a puta que te pariu! Se encostar a mão em mim de novo, vai acabar no hospital!

A guria sai em disparada para a saída e eu atrás, desviando de todos a nossa frente. Ela entrega a comanda limpa para o segurança, enquanto eu ainda estou chegando perto.

– Calma aí. – Digo chegando perto dela e vendo que esqueci do comprovante para entregar na saída. – Está tudo bem?

Ela me responde com um aceno de cabeça e se vira em direção à saída. E eu ainda preso aqui por causa do maldito pedaço de papel que esqueci de pegar para sair.

Aviso ao segurança que havia pago para o Luiz, o caixa, e mostro o comprovante do cartão, mas o cara não deixa eu sair. Nem parece que eu venho quase todas as semanas aqui. Tenho que esperar o tocaio vir com a porcaria do papel e saio do bar olhando para todos os lados.

Tenho que me certificar que aquele desgraçado não fez nada para ela. Se fosse a minha filha em um bar e sofresse alguma coisa desse tipo, ficaria agradecido por alguém verificar ela. Opto por um lado e começo a caminhar e quando chego a esquina vejo-a atravessando a rua sozinha no meio da madrugada.

– Hey! Calma aí! Tu não está me reconhecendo? – Chego perto dela, embaixo de um poste de luz.

– Sim claro, desculpa é que...

– O cara foi um idiota. Carla, esse é o teu nome, não é?

– Sim, e o teu é... – ela hesita.

– Luiz, sou amigo do AC.

– Claro, o que perdeu ele dentro de casa e quase fez o casamento se atrasar todo.

– Esse mesmo! E não foi tão exagerado assim. O casamento saiu na hora prevista e entreguei o noivo quase intacto. Somente trocando as pernas.

Ela ri. E eu me pego sorrindo também.

– Trocando as pernas foi o jeito que eu encontrei vocês no outro dia. O AC estava mais prejudicado.

– Óbvio, ele era o noivo. Pior seria se nós fôssemos para Vegas e eu o perdesse em um hotel de luxo e nos metesse em vários problemas.

– Tipo o “Se beber não case”?

– Exatamente.

O silêncio se instaura sobre nós e eu percebo ela fazer um semblante do tipo “e aí tio, qual é a boa?”. Então, desanuvio a minha cabeça e resolvo falar novamente.

– Só queria saber se tudo estava bem. Eu vi o cara te forçando e tive que ir atrás.

Ela começa a caminhar e eu sigo ao seu lado.

– Não foi nada. – vejo o seu dar de ombros.

– Foi sim. Um tapa no rosto dele foi pouco.

– Homens sendo homens. Alguns não aceitam um não. Ele não aceitou, mas sentiu no rosto.

Exatamente. Penso comigo mesmo. “Mim homem fodão que não aceita não”. Começo a rir

porque essa idiotice rimou.

– Vou para casa. Obrigada por ter ajudado, foi a deixa que eu precisava para me livrar dele.

– De nada e quer que eu pegue um táxi? Te largo em casa e sigo para a minha.

– Não precisa, moro aqui pertinho. Vou de a pé mesmo.

– Desculpa, mas acabei de ver um cara te forçando, não vou deixar tu ir sozinha para casa no meio da noite.

Será que ela não sabe dos riscos que corre? Por mais que esse seja um bairro, teoricamente, seguro, hoje em dia não dá para arriscar assim. Se bem que a primeira vez que eu a vi, ela estava montada em cima de uma moto gigante e sem medo nenhum do que aquele para-choque humano é capaz de fazer com alguém. Talvez ela goste de viver a vida no limite. Infelizmente para ela, hoje não vai ser um desses dias.

– Sério, não precisa mesmo. Não vou atrapalhar o teu caminho.

– Carla, eu tenho uma filha com a tua idade. Minha responsabilidade ética me faz te acompanhar até em casa, para me certificar de que nada vai acontecer contigo no caminho até a tua casa. Penso que poderia ser ela na mesma situação e não tivesse ninguém para ajudá-la em um momento desse. Não sou um fodão, fortão e coisa do tipo, mas posso evitar algumas coisas.

Ela analisa os fatos e hesita soltando uma respiração como se soltasse o peso do mundo das suas costas. Porque fazes isso, guria foguete? Qual o mal que te aflige nesse momento?

Minha vontade é de perguntar. Sério. Quase que não consigo calar o meu cérebro que manda eu falar essas merdas. Minha curiosidade nata mais alimentada pelo fato de que eu a fiquei observando o tempo todo não é vista como uma coisa saudável por muita gente. E imagino que o momento também não é propício para tais coisas.

Começamos a caminhar pela calçada abandonada em direção à sua casa. Ficamos em silêncio por algum tempo, até que ela é a primeira a quebrá-lo.

– Qual o nome dela?

– De quem?

– Tua filha. Tu disse que ela deve ser da minha idade.

– Ah sim. É Luiza. Ela tem vinte e dois.

– Dois anos. – Ela diz olhando para frente. – Dois anos de diferença. Tenho vinte e quatro.

– Dezoito anos. Tenho quarenta e dois.

– Mas pelo o que a Elis diz, age como se tivesse menos. Não é?

– Depende do ponto de vista.

– Claro. O dela sempre como menos.

– E o meu como se tivesse certo.

– Claro. Ela está convivendo com o AC demais. Qualquer dia vai começar a ficar maníaca como ele é chato.

– A Elis? Não. Aquela ali não tem mais jeito. Só nascendo de novo para se arrumar.

Dobramos uma esquina e ela me aponta uma casa grande à esquerda.

– É essa aqui. Obrigada pela companhia. Foi bem melhor do que as estrelas que sempre me acompanham.

– Foi uma honra e um alívio. – Digo. – E será um prazer sempre que precisar. Frequento aquele bar seguidamente e confesso que já havia te visto várias vezes.

– Sério? Eu vou ali seguido também, gosto do ambiente e das músicas que tocam. Às vezes aparecem uns idiotas querendo estragar com tudo, mas sempre tem um cara legal para me ajudar e ainda me levar para casa com segurança em nome da responsabilidade ética por ter uma filha quase da minha idade.

– Esses são os melhores tipos.

O sorriso dela fica espontâneo. Diferente do que eu recebi no casamento do AC. Gostei mais desse, combina mais com a sua idade, e pelo pouco que percebi, com a sua personalidade.

– Uma boa noite. – Carla abre o portão com a chave que estava no bolso da sua calça.

– Boa noite, e sempre que precisar de alguém com ética paterna, me avisa que faço as honras.

– Pode deixar. Da próxima eu dou um grito.

E entra fechado o portão. Sigo o meu caminho até em casa, até porque é menos de duas quadras daqui e se alguém tentar vir me assaltar agora, eu dou uma de “mim homem fodão”, entrego o meu celular e saio correndo como se fosse um maratonista.

Capítulo 6

Por Carla

Desço as escadas e encontro a minha mãe na sala.

– Bom dia, filha. Não vi a hora que chegou ontem. Como foi com as tuas amigas?

Finjo um sorriso amplo. Afinal, os filhos mentem quando saem com as amigas, e não do jeito contrário que eu faço. Saio sozinha, me divirto e volto para casa.

– Ótimo. Voltamos cedo, a Carol tinha que trabalhar hoje pela manhã. E eu tenho evento à noite.

– Quando tu vai trazer ela aqui em casa? Vocês são amigas há tanto tempo e eu não a conheço. Aposto que a mãe dela deve te conhecer.

– Um dia eu trago, mãe. Eu juro.

– Isso! Aproveitem o calor e a piscina aqui de casa. Quando o teu irmão ainda morava com a gente essa casa vivia cheia de pessoas. Eu quase morria na cozinha fazendo lanche para todos os guris que ele trazia para a piscina. E contigo é o contrário. Sempre é na casa delas e nunca aqui.

Acordar com uma mãe com ciúmes das tuas amigas imaginárias era tudo que eu pedi para o dia de hoje.

– Vou falar com a Carol e as meninas mãe, aí trago elas para cá e podemos experimentar os teus dotes com lanches até não aguentarmos mais. Ok?

– E rápido.

Dou um beijo na sua bochecha e saio para a cozinha tomar café.

– Bom dia, delegado Denski.

– Bom dia, filha.

Sento ao seu lado e começo a tomar o meu café enquanto o pai luta com o *tablet*, meu presente de natal em conjunto com o Diego, para ler o jornal. Nem preciso dizer que isso foi um alívio para a minha mãe e as milhares de folhas de jornais que eram espalhadas pela casa.

– Filha, como eu faço para fazer as palavras cruzadas aqui? Não tem como escrever.

– Baixa um aplicativo para isso. Deve ter milhares na PlayStore.

– Sério? Baixa um aqui para mim então.

Viciei ele em jogos para o *tablet*. Comecei com o clássico 2048, passei para o Paciência, e quando eu percebi ele estava jogando *Angry Birds* no aplicativo pré-instalado no *tablet*. Se antes a briga era pelas folhas atiradas, agora é com o barulho dos pássaros explodindo e os porquinhos grunhindo.

– Plantão hoje à noite? – Pergunto quando deixo o meu prato e caneca na pia.

– Sim, evento hoje?

- Aniversário de quinze anos.
- Então hoje é o dia em que a tua mãe quase tem um treco por ficar sozinha dentro de casa.
- Boa sorte, porque eu estou saindo para dar uma volta de bike.
- Bom passeio e te cuida. Já começamos o ano com acidentes naquela região das ciclovias.
- Pode deixar, vou me cuidar sim.

Pego a minha bike, vejo a calibragem dos pneus, coloco os meus fones de ouvido e seleciono a *playlist* criada para essa finalidade. Saio de casa com a música explodindo nos meus ouvidos e pedalo como se não houvesse amanhã.

Duas rodas sempre foi o meu maior gosto. Assim que comecei a andar de bicicleta, quando tinha uns quatro anos, não parei mais. E quando fiz dezoito anos, comecei a economizar para a minha primeira moto. Um Biz caindo aos pedaços, mas completamente minha.

A vermelhinha, como eu a apelidei, me ajudou muito, e também me deixou na mão quando eu mais precisava. Porém, fiquei nostálgica quando me livre dela há mais de um ano atrás e comprei a minha Kawasaki Ninja 650. Foi amor à primeira vista. Ela toda pretinha e eu caidinha.

O meu pai quase teve um infarto, e a minha mãe, promessa para tudo que é santo quando eu e o Diego chegamos em casa com a pretinha. Até o cara da concessionária riu de mim quando eu disse que queria esse modelo de moto. Ela não é nada feminina, bem pelo contrário, é gigante, pesada, mas conquistou o meu coração na primeira acelerada.

Gosto da sensação do vento no meu corpo. É como se eu estivesse voando. Livre, sem nada me prendendo e a dose de adrenalina cada vez que eu escuto o seu motor é todo o remédio que eu preciso. Cura qualquer mal.

Que meu pai nunca descubra quando eu coloquei mais de 150km/h nela e nem que andei na garupa com o meu irmão mais rápido que isso.

O que é a vida sem alguns riscos desse tipo?

E quando não estou nela, me contento com a minha magrela nas ciclovias da cidade. A liberdade e o vento que passa pelo meu corpo não é o mesmo, mas o princípio de ser um remédio para todo o mal é de princípio homeopático. Além de ser um exercício para o corpo.

Queria estar mais dolorida, mas o meu plano de não conseguir me segurar em pé hoje foi trapaceado por um desgraçado ontem no bar perto de casa. Era para eu ter dançado até o meu corpo não aguentar mais. Só chegar em casa quando o sol estivesse nascendo e não no meio da diversão solitária que eu estava tendo até então.

Não foi a primeira vez que eu fui abordada daquele jeito no bar. Porém, das outras eu conseguia me livrar na boa, sem entrar em pânico e ficar quase sem reação como eu fiquei ontem.

Quando o cara começou a me empurrar para a parede eu fiquei sem reação. Fui salva desse momento de apagão de minha parte pelo amigo do AC, marido da Elis, o Luiz.

Quando ele chamou a atenção do cara para ele, recobrei a consciência e dei um belo tapão na cara do idiota que não entendeu o meu não para as suas investidas ridículas.

E com isso acabou a minha noite no bar dançando. Peguei a minha comanda em branco, não tinha conseguido cansar nem para tomar uma água, e fui embora. Minha cabeça estava a mil com todas as possibilidades que poderiam acontecer se eu não conseguisse me afastar do cara, e fui abordada pelo Luiz quando já havia dobrado a esquina e atravessado a rua.

No primeiro instante fiquei assustada com a sua abordagem. Pensei que fosse o filho da puta novamente e nunca imaginaria que fosse ele. Conversamos um pouco e consegui me acalmar com a conversa que tivemos.

Gostei do fato que ele se manteve na dele, em nenhum momento invadiu o meu espaço pessoal ou fez alguma coisa que eu não iria gostar. Falou que ia me levar para a casa e que tinha uma filha quase da minha idade e se fosse ela no meu lugar, iria querer que alguém a acompanhasse com segurança em casa.

O caminho é relativamente curto, eu, sendo filha do delegado e conhecida por todos os marginais da redondeza, estava mais do que segura naquelas ruas, porém, vi a preocupação dele comigo e isso me chamou a atenção. Foi um ato fofo da sua parte e me comoveu.

Conversamos até o portão da minha casa e algumas quadras da casa dele. Até me surpreendi de como a conversa entre nós fluiu. Não sou uma pessoa fácil de conversar, já que as únicas pessoas que eu faço isso são meus pais, Diego, e o pessoal do trabalho. Me despedi com um sorriso no rosto e quase me esquecendo do que havia acontecido no bar.

E esse quase, foi o que me deixou rolando na cama por alguns minutos até conseguir pegar no sono. Fiquei imaginando as mãos do cara que me agarrou passando pelo meu corpo, sua boca imunda na minha e ele se esfregando em mim enquanto eu sentia repulsa de tudo isso.

Eu não sou uma pessoa frígida, ou eu penso que não seja assim, mas não consigo ser como as outras mulheres são, que se entregam assim de primeira e a qualquer toque que recebem.

Talvez seja porque nenhuma delas passou pelo o que eu vivi e não teve o corpo violado de maneira errada por um médico desgraçado.

E por conta disso, eu me afastei de todo mundo que era meu amigo e minto descaradamente para os meus pais que sou uma guria de vinte e quatro anos e saio com as amigas sempre que tenho oportunidade. Não preciso de gente ao meu lado para ser quem eu sou. Consigo ser eu mesma sem ninguém junto comigo.

E assim todos ficam felizes. Meus pais acham que eu estou recuperada e cheia de amigos e eu sou feliz com a minha solidão. Nada melhor do que nós mesmos para nos acompanhar. Se eu tenho vontade de sair, saio e não dependo da boa vontade ou animação de alguém para me pilhar. Se quero ir embora, vou. Ninguém para me deixar esperando em alguma cadeira em um banheiro feminino qualquer até a festa acabar, ou ao contrário, a companhia querendo ir embora e eu ainda gostando da festa. Não deixo de curtir a minha vida, seja na garupa da minha moto, ou no bar dançando sozinha e até no meu trabalho.

Desde os meus dezessete anos, assim que conclui o ensino médio e comecei a faculdade de administração, eu trabalho. Comecei como repositora em um supermercado aqui perto e quando fiz dezoito, como garçonne em eventos, e de lá para cá eu mostrei serviço e acabei me apaixonando pelo o que faço.

Ganhei espaço com a Su, minha patroa e a melhor que existe. Passei de simples garçomete a uma das organizadoras e hoje, até posso chegar a dizer, me considero uma promotora de eventos, fecho contrato com clientes assim como ela.

Aprendi tudo o que eu sei com ela. Sou sua discípula assumida, não nego isso para ninguém. E entrar nesse ramo, foi uma ótima escolha que eu fiz na minha vida. A agitação, entrada e saída de pessoas pelas portas, a felicidade das pessoas ao verem o seu sonho se tornando realidade e o agradecimento sincero em cada noite acabada é espetacular.

Tenho escalas de trabalho. Às vezes reunião com possíveis clientes e durante a semana vou às festas para ver o andamento da organização e distribuição das tarefas entre os funcionários. E pego junto no trabalho na mesma proporção que eles. Uma das coisas que eu aprendi com a Su, nada melhor do que nós mesmos fazer do que mandar os outros e ficar decepcionado com o trabalho final.

Quer melhor do que os outros podem te oferecer? Faça e dê o seu máximo para chegar aonde quer. Simples assim e uma regra que todo mundo deve seguir todos os dias. Aliás, acho que essa frase deveria estar estampada em cada teto de quarto, assim a primeira coisa que a pessoa leria seriam essas palavras. O mundo viraria um lugar bem melhor para se viver.

.

– Elis, o que tu está fazendo aqui? – Pergunto vendo ela arrumando uma bandeja escondida e com a boca cheia.

– Fugi de casa.

Ela enfia mais alguns salgadinhos da festa na boca e geme.

– Isso aqui é o paraíso.

– Tu não deveria estar em casa deitada com a barriga para cima e descansado?

– Deveria, mas eu não aguento mais. Pedi para o AC me trazer e ele está no banheiro. Daqui a pouco ele aparece para me vigiar.

Elis coloca a mão na barriga de sete meses de gravidez e sorri para mim.

– Confessa que tu estava com saudades de mim aqui. Vamos lá, me conta todos os barracos que teve nas festas enquanto eu estava fora. A Su fica tão focada no trabalho que nem para me contar direito o que se passa aqui enquanto eu estou deitada naquela cama. Acredita que já tenho a marca da minha bunda no colchão?

Elis continua a falar como uma matraca até que o seu marido aparece com uma cadeira para ela sentar.

– Viu só. Não é à toa que a minha bunda está quadrada, Carla. Eu não posso dar um passo sem ninguém estar na minha cola sem falar “Elis cuida dessa barriga. Não sobe no sofá, desce da cadeira e não dança com as crianças na sala”.

– Calma, Linda. O Tavinho está quase nascendo e depois que isso acontecer tu pode se pendurar no lustre lá de casa que eu vou deixar.

– Ah AC, tu sabe que eu já ando pendurada no lustre há mais três meses, porque andando pelas paredes é pouco para mim. Quando o Otávio sair, outra coisa vai entrar.

Ok, conversa muito íntima para eu ficar escutando aqui. Pego a minha prancheta de anotações sobre o andamento das coisas e começo a analisar o progresso de tudo.

Se tenho a Su como orientadora e mentora, posso considerar a Elis como o avesso de tudo isso. As duas começaram esse negócio juntas, e a Elis, como formada em nutricionismo, comanda a parte da cozinha, elaborando os cardápios e oferecendo receitas alternativas para um banquete exclusivo para cada cliente.

Apesar de toda a loucura da Elis, esse é o único exemplo de amizade que compensa ter na vida. As duas se completam de uma forma inexplicável. Nenhum pouco falsa e com outros pretextos. Coisa rara e difícil hoje em dia.

Por Luiz

Sento na cadeira da sala em que estou atendendo e fecho os olhos por alguns instantes. Da última vez que eu olhei o relógio da sala de emergência, onde eu estava dando pontos em um cara, eram mais de três horas da manhã.

O movimento acalmou no pronto socorro e eu posso descansar um pouco, já que ainda não dormi o suficiente para me recuperar de ontem à noite. Acordei cedo e fui ao asilo onde eu visito alguns pacientes com Alzheimer.

Comecei a fazer isso depois que atendi um paciente mal diagnosticado por um colega de profissão que quase levou o paciente a óbito. Quando eu questioneei a supervisora do asilo o porquê de deixar o senhor naquele estado eu fui apresentado a uma realidade que todos nós ignoramos: o descaso dos asilos públicos, ainda mais nos que atendem pacientes de saúde mental.

Na primeira visita que eu fiz, há uns dois anos atrás, lembrei de um professor meu na especialização que levou um vídeo antes da reforma psiquiátrica no Brasil no final da década de setenta. Lembro da discussão que isso gerou em sala de aula e de como o professor nos chamou de “médicos por status” porque alguns colegas não aceitavam o fato de que existiam casas desse jeito e que se negavam a entrar em instituições desse tipo.

O estado de abandono, não chegava ao nível dos antigos e extintos manicômios, mas se continuasse no ritmo que estava, era possível que daqui há alguns anos o futuro seria esse.

Comecei a atender de graça lá, por puro amor a camisa, e ainda fazer doações frequentes para a melhora dos pacientes. Dar conforto a cada um deles que foram largados pelos filhos, pelo simples fato dos pais serem um “fardo” nas suas vidas tão ocupadas. E eu não aguento e nem engulo nenhuma dessas histórias.

Hoje em dia, o asilo está bem melhor do que quando eu entrei pela primeira vez nele. Os pacientes me reconhecem e quando me veem, já se aproximam para conversar, ou contar alguma novidade que aconteceu, como quem está namorando com quem. E por incrível que pareça, isso acontece com frequência. Alguns pelo estado avançado da doença, onde eles pensam que estão de volta à adolescência ou por amor mesmo.

É muito raro algum deles sair de lá. Os que não chegam por abandono, são por maus tratos. Inquietos e agressivos, tendo que ficar amarrados para a sua própria segurança e a das

funcionárias do asilo. O trabalho é árduo, mas nem por isso desistimos.

Abro os olhos novamente não conseguindo descansar. Só vou conseguir dormir mesmo na minha cama depois de um bom banho quente e no quarto escuro sem nenhum sinal de luz.

Pego o meu celular para checar as horas. Quatro e cinco, só falta duas horas e cinquenta e cinco minutos para trocar o plantão e depois disso um domingo inteiro reservado a minha cama.

Aproveito o tempo de ócio, e checo o meu celular. Uma mensagem de “bom plantão, te amo” da Luiza e respondo com um *emoji* de beijo com coração. Alguns *spams* na caixa de entrada do *e-mail* e bobagem no *Facebook*.

Quando abro o aplicativo e rolo algumas postagens, sem interesse nenhum, paro na foto da Elis com o AC e ao lado, ela e a Carla, a pequena foguete que eu acompanhei até em casa ontem.

O sorriso dela na foto, ainda era o espontâneo que ela me deu depois de algumas palavras trocadas. Bom saber disso, algumas pessoas não conseguem mudar a máscara do trabalho para a vida real e acabam tendo uma cara de bunda todos os dias. Mas aqui temos um caso diferente.

A foto toma todo o visor e eu sigo a marcação do perfil dela e encontro ele aberto. Sem nenhuma privacidade, o que é irônico nessas redes sociais, porque as pessoas postam até a cor da calcinha que estão, e ainda reclamam de não terem privacidade. Realmente o ser humano e a sua capacidade de pensar e agir me interessa muito, nem com anos de estudos conseguirei, um dia, entender certas pessoas.

Poucas postagens e mais algumas fotos dela com um rapaz, que pelo sorriso e sobrenome, deve ser seu irmão, porém nada de relevante como mensagens de auto estima, publicações de indiretas do tipo “hoje ele está contigo, mas amanhã eu sei que vai me ligar”, e tantas atrocidades que vemos nas redes sociais.

Mando um convite de amizade. Nem pensei porque fiz isso, mas mando mesmo assim. Vá que ela algum dia precise de algum protetor da ética paterna? Agora ela pode me mandar uma mensagem *inbox*.

Será que não seria um abuso da minha parte? Eu a conheço pouco, e até já tive uma pequena discussão sobre a sua moto, quando estava prejudicado. Ok, duas pequenas discussões, a outra foi quando eu a encontrei na minha porta antes do casamento do AC... Porém ela é amiga do AC, Noah, Su e Elis, e todos eles são meus amigos. E eu sou uma pessoa que quero estar a parte de tudo, porque sou chiclete e o *Facebook* é meu.

Envio o convite de amizade para quem eu quiser. E vejo que estou certo quando recebo a notificação que Carla Denski aceitou o seu pedido de amizade. Sou foda nas redes sociais, e todos querem ser meu amigo. Acho que vou fazer um textão sobre isso.

Ai Luiz, cala a boca cara...

Balanço a cabeça e coloco o celular no bolso da calça. Vamos tentar dormir que é mais interessante do que isso.

Fecho os olhos e reclino a cadeira. Respiro fundo para tentar relaxar e começo a desligar de tudo na minha volta para dormir. E quando eu consigo uns cinco minutos de sono, dou um pulo na cadeira com o alarme de urgência soando pelos corredores. Levanto em um salto, coloco o jaleco e me preparo para atender a mais um caso.

Saio à porta e encontro as enfermeiras e técnicas em enfermagem em prontidão à espera da ambulância. E já sou avisado por uma que está ao meu lado.

– Tiro. Confronto com a polícia. Boa coisa não deve ser.

Ela sai para arrumar a sala de espera e eu fico à espera do paciente. E fico pensando no que ela me disse “boa coisa não deve ser”, porém, nós aqui no hospital não temos distinção nem fazemos julgamento se a pessoa é boa ou ruim, nosso trabalho é atender com dignidade cada pessoa que entra aqui, indiferente da sua cor, religião ou ato.

As luzes da ambulância e o barulho da sirene inconfundível deixam todos a postos, e quando a porta se abre, começamos o atendimento ao paciente. O médico da ambulância me passa todas as informações que preciso saber e me entrega a vida de uma pessoa para eu cuidar.

Entramos com maca e tudo para o fundo da sala de emergência e esquecemos do mundo lá fora, porque para nós, o que interessa nesse momento é a pessoa que estamos atendendo.

Capítulo 7

Estou morrendo.

Meu corpo inteiro reclama a cada passo que eu dou. Sinto meus músculos ardendo e o meu coração batendo forte sobre o meu peito.

O calor está insuportável e eu resolvi sair para correr, pensei que o sol já havia castigado a Terra por hoje e agora deixaria para terminar de fritar o resto do asfalto. Mas não. O tirano ainda quer dar a última cozida em nós para acabar o dia rindo da nossa cara frita.

E mesmo assim, eu sigo o ritmo da minha corrida, já que o AC não pode jogar squash comigo essa tarde, pois está terminando de arrumar o quarto do Otávio. E como eu preciso me cansar para deitar e dormir hoje como uma pedra saí para rua e comecei a correr. Quero chegar ao ponto onde o mundo pode cair lá fora que eu vou estar deitado e enterrado entre as minhas cobertas.

Não quero nem beber. E veja como isso é um milagre. Só quero desligar e acordar amanhã com o rosto amassado.

Saí do plantão um bagaço de pessoa. O paciente que chegou baleado pelo confronto com a polícia morreu na sala de operação e isso estragou o resto da minha noite e o dia todo.

No momento em que eu vi o ferimento e o local atingido apenas liguei para o plantão cirúrgico e encaminhei o paciente para lá. Não estava mais nas minhas mãos salvar aquela vida. E eu sabia que se ele sobrevivesse ao procedimento já seria um milagre.

Por mais que eu soubesse que não dava para fazer muita coisa, fico aliviado em saber que, pelo menos, ele estava inconsciente quando chegou para mim e anestesiado na hora da morte. Não há nada mais chocante, e aterrorizante, do que um paciente saber que está morrendo e sentindo dores nessa hora. É como se o sofrimento deixasse a hora da morte atrasar, aumentando mais a agoniação.

É traumático para qualquer pessoa que acompanha esse momento. E mais ainda para os parentes que sempre têm um quê de esperança infinita, acreditando que tudo irá melhorar e o corpo irá se curar.

Cabe ao médico tranquilizar o paciente, por mais irônico que isso seja, acalmar alguém que está morrendo... Mas o contexto não é esse, e sim de ter um pouco de piedade e alma para fazer os últimos suspiros serem em paz.

Quando o meu pai estava nesse estágio eu via a sua angústia e o pânico nos seus olhos perante a morte. Por mais que eu negasse todos os fatos que a medicina me ensinou, a minha esperança sempre falava mais alto. Dizendo que era apenas um ataque e que tudo se resolveria.

O médico responsável pelo seu caso teve que me chamar a atenção para a realidade. Deixar a minha dor de filho de lado e acionar o meu lado médico para a situação que eu não queria acreditar. Meu pai estava morrendo e, além disso, sofrendo com isso. Eu, na minha ânsia de querer ficar mais alguns instantes ao seu lado, deixei de ver o seu sofrimento.

Naquele dia, eu, em conjunto com os meus irmãos, tivemos que tomar a decisão mais

difícil das nossas vidas. A opção de deixar ele em coma até o seu corpo desistir de lutar. Foi a decisão mais humana e dura que eu tive em toda a minha vida. Presenciei a hora em que os medicamentos foram injetados e segurei a sua mão até ela perder as forças.

Foram dois dias apenas escutando o barulho dos equipamentos o monitorando e a certeza de que quando a morte chegasse, ela seria leve e ele não sentiria mais nada.

Toda essa situação que eu vivi com ele, começou a levantar dúvidas sobre o meu acidente anos atrás. Eu apaguei na hora do impacto, acordei algumas horas depois com o meu corpo todo arrebentado e recebi a notícia que tiraria o meu mundo de órbita por completo: a Joana não tinha resistido. Depois de passar a fase de negação, eu perguntei se ela havia sofrido.

Ninguém soube me responder. O socorro quando chegou, disse que ela já estava sem vida dentro do carro. Mas essa dúvida eu ainda carrego comigo, e espero, com todas as minhas forças, que a sua morte tenha sido instantânea, sem dor, agonia ou consciência do que estava acontecendo. E também que ela não tenha tido a dúvida que a Luiza e eu estávamos vivos ou mortos.

Se fosse ao contrário e eu tivesse sido atingido, ficado com a consciência até a hora da morte e esperado ela vendo as duas pessoas que eu mais amava feridas e sem saber se estavam vivas ou não, seria o pior tipo de morte que eu teria.

Por isso, sempre quando eu passo por alguma situação dessas, tenho a dignidade de deixar a pessoa confortável para esperar a morte. Falar para os familiares que, apesar de tudo, ele não sofreu nenhum pouco e morreu como se estivesse dormindo. Com um semblante calmo e sereno.

São “ossos do ofício”, como dizem, mas sempre que perco algum paciente, independente se foi em minhas mãos ou não, fico desorientado e revivendo esses momentos sombrios da minha vida.

A morte é inegável. A única certeza que temos nessa vida. O mal irremediável e tantas outras coisas mais que todo mundo fala. Mas vivenciá-la e presenciá-la é outra história, por mais que saibamos desses ditados, em nenhum momento somos preparados para conviver com ela.

Assim como os acidentes. Somos apresentados a milhares de notícias sobre eles, com as causas mais distintas que sejam. Porém, nas reportagens, elas sempre acontecem com outras pessoas, outras cidades e outras causas. Escutamos, lamentamos por alguns segundos e voltamos a nossa vida normal. E quando uma fatalidade dessas atinge a nossa família, a história muda completamente de rumo.

No primeiro momento, ocorre a negação. “Não! Isso nunca poderia acontecer comigo! Com a minha família, minha esposa e minha filha! Acontecer com os outros é normal, mas comigo não. Está errado. Vou sair daqui agora e quando abrir a porta de casa vou encontrar a Joana brigando comigo porque esqueci de colocar o lixo na rua ontem à noite.”

O segundo passo é ver todo mundo, de conhecidos, ou não, lamentando a morte de uma mãe de família. Todos querem saber “da novidade” e ficam conversando entre si e, muitas vezes, falando inverdades sobre o caso. “*Eu soube que ele estava bêbado na noite anterior*”. Sim, eu bebi na noite anterior, mas não seria um irresponsável e arriscar a nossa vida e sair bêbado na estrada com elas. “*Falaram que a guria corre o risco de ficar paraplégica*”. Não a Luiza só desmaiou e teve uma concussão, nada de grave, graças aos céus. “*E agora, quem vai cuidar da*

guria?”. Quem mais além de mim? Ou as pessoas pensaram que eu iria abandonar a minha filha no momento em que eu mais preciso dela e ela de mim? “*Não dou um ano e ele já estará casado de novo, vai chover pretendentes no quintal dele.*” Choveu, realmente choveu. Milhares de mulheres pretensiosas que queriam estar comigo pelo meu nome e a minha conta bancária. Tive que comprar um guarda-chuva gigante para proteger a minha casa, e acreditem só, já estou há mais de doze anos sem ninguém.

Ninguém sabe, ou está preparado para encarar a morte. Por mais que ela esteja ali na esquina nos esperando.

Sento em um banco da praça, ponto de retorno para a minha casa, e vejo o suor pingar do meu rosto em direção ao chão. Bom trabalho Luiz, agora é só voltar para casa, te atirar na piscina e ficar lá até o calor passar. Espero que até amanhã de manhã eu consiga sair de dentro d’água. Não! Lembrei que tenho que passar no mercado e comprar umas coisas para hoje à noite ainda.

Fico tentando controlar a minha respiração para encarar o retorno, quando percebo alguém sentando ao meu lado, nada feliz...

– Malditas pessoas que quebram garrafas e deixam os cacos espalhados por aí.

Olho para a minha companheira de banco da praça e reconheço no mesmo instante.

– E aí, Carla. Curtindo um derretimento como eu?

Ela olha para mim e percebo o seu emburramento.

– Nem me fala, agora tenho que ir caminhando para casa e carregando a bicicleta. – Ela aponta para a coitada com um pneu completamente arriado.

– Furou?

– Furou é pouco. Um caco de vidro estragou por completo o pneu. Fico imaginando o que leva uma pessoa a quebrar uma garrafa de cerveja no meio da praça. E se fosse uma criança que encontrasse? Quase cai quando o vidro estourou o pneu.

– Te machucou? – ela nega com a cabeça.

– Está tudo bem, só indignação e o calor mesmo.

– Sei como é isso.

Levanto, com protesto do meu corpo e faço sinal para o carrinho que está vendendo água.

– Quer água? – Pergunto educadamente para ela que está analisando o estrago do pneu.

– Não, obrigada. – Vejo o suor dela pingando mais que o meu, e sabendo onde ela mora, ainda tem uma boa caminhada pela frente.

Compro duas garrafas, com o dinheiro que trouxe no bolso da bermuda e entrego uma para ela.

– Desidratação leva pessoas saudáveis ao hospital. Uma garrafa de água é melhor do que uma picada e soro direto na veia.

Ela hesita, mas depois de eu ficar quase enfiando a garrafa no seu rosto, ela aceita. E bebe mais da metade de uma vez.

– Não disse. – Ela revira os olhos para mim e volta a beber.

– Obrigada. Não sabia que estava com tanta sede assim.

Carla levanta e fica ao meu lado. Pega a sua bicicleta e começa a caminhar. E eu vou ao seu lado.

– Te importa? Estamos indo para o mesmo lado.

– Não.

Caminhamos por um tempo e eu resolvo tirar a camiseta para limpar o suor do rosto. Acho que se eu demorar muito a chegar em casa viro uma poça de suor.

– Bela tatuagem. – Carla fala e eu percebo que foi um ato impensado, pois seus olhos se arregalam e ela volta a olhar para frente e reta.

– Obrigado. Foi a Olívia que fez.

Tenho uma nada pequena tatuagem que cobre as cicatrizes que eu fiquei de quando o carro bateu em uma árvore e o vidro da janela do motorista quebrou sobre o meu lado esquerdo. Ela vai de baixo do meu braço até a metade da minha coxa esquerda.

– Já vi alguns desenhos dela, mas esse ficou lindo.

Eu sei. Acompanhei todo o processo de criação da Olívia. Desde os primeiros rascunhos até quando ela pedia para eu tirar a roupa e medir onde ficavam as cicatrizes para incorporar no desenho. O resultado de tudo isso é que quando as pessoas veem o desenho, as cicatrizes ficam invisíveis, como se fosse parte do desenho em si. Sofri umas três sessões e mais uma de retoque depois da cicatrização inicial. Me senti uma cobra descamando quando a minha pele começou a cair nesse processo.

– Porque um dragão? – Sinto o olhar dela percorrendo a extensão visível dela, até o cós da minha bermuda.

– Sabedoria, força, poder, proteção e riqueza. – Respondo, mas lembrando de cada significado real por trás disso.

Sabedoria para conseguir enfrentar tudo. Força para me manter firme em todas as decisões. Poder para realizar tudo o que me é apresentado. Proteção para mim e a Luiza e riqueza de bons sentimentos para harmonizar todos os outros significados.

– Tem alguma? – Ele balança a cabeça empurrando a bicicleta.

– Quero fazer, mas ainda não sei o que ainda e nem onde.

– Só não me faz aquelas coisas.

– Que coisas?

– Símbolo do infinito com pai e mãe no meio, borboleta e essas coisas.

– E dragão é uma coisa bem difícil de encontrar por aí, não é? – Ironiza. Touchê.

– Pode até ser, mas nenhum tem esse desenho fodástico e personalizado para o meu corpo. O que se tem por aí são cópias. – Digo triunfante e com o peito estufado de orgulho da minha tatuagem.

E com isso, ela começa a rir da minha cara no meio da rua.

Me vejo rindo também. Por algum motivo desconhecido. É como uma luz no meu dia de merda.

Continuo a observar a Carla enquanto rimos como duas crianças no meio da rua, com milhares de pessoas passando ao nosso lado. O jeito como o sorriso dela se molda no seu rosto é tão perfeito que eu não cansaria de ficar observando ele por longas horas.

Por Carla

Desato a rir quando ele me falou sobre a tatuagem fodástica que ele tem.

Realmente, ela é incrível e muito bem trabalhada no seu corpo. Até tenho uma vontadezinha de conhecer o resto dela de baixo daquelas bermudas e...

Paro.

Vendo o papel de besta, e os pensamentos que estavam me acometendo, paro de rir e caminhar por alguns segundos. Só o tempo da minha cabeça voltar a funcionar do jeito correto novamente.

Luiz não percebe o meu pequeno lapso de sanidade mental e continuamos a andar em direção às nossas casas. Então decido ir por uma conversa mais calma, e que me veio à cabeça ontem depois que recebi o seu convite de amizade no *Facebook*.

Tenho aquela conta só por formalidade. Não converso com ninguém e nem sou muito de postar coisas. Uso ela para entrar na página da empresa, responder às mensagens, postar fotos dos eventos e coisa do tipo. Às vezes, fuço em algumas coisas e olho as fotos que o meu irmão postou para mostrar para os meus pais.

Ontem quando estava indo para cama, vi a solicitação de um tal de Luiz Lavorini e antes de excluir a notificação a foto abriu e eu reconheci ele por trás da touca e a manta com as luzes da torre Eiffel iluminando a neve no chão. Aceitei e as fotos dele começaram a aparecer na minha *timeline*. A maioria com uma guria, praticamente da minha idade, abraçada com ele. Deduzi que era a sua filha. Mas o que realmente me chamou a atenção foi o sobrenome, Lavorini, o mesmo da escola onde eu e o meu irmão estudamos.

– Teu sobrenome – hesito por alguns milésimos de segundo, mas continuo – tem a ver com a escola?

– Alguma coisa. Conhece alguém que estudou lá?

– Sim. Eu e o meu irmão. – Ele olha para mim.

– Sério? E como foi a experiência?

– Foi ótima. Tirando o professor Gerson e Roberto. De resto, sem reclamações.

– É os dois são difíceis de lidar. – Continuo a falar, já que o meu ponto não era exatamente esse.

– Não nesse sentido. Eles eram rígidos, mas legais. Só não deixavam a gente fazer bagunça no meio da aula e nos colocavam no trabalho. Exigiam notas boas e coisa do tipo. Mas quando tiravam para serem legais, eram os melhores. Deixavam o pessoal fazer guerra de bexiga de água

na última aula do ano e no dia do estudante as brincadeiras das gincanas eram as mais mirabolantes possíveis.

Luiz concorda com a cabeça rindo.

– Essa função da guerra de bexigas fui eu quem começou, há milhares de anos atrás. Eu devia ter uns treze anos e levei escondido do pai para jogar em um professor de matemática na hora da saída. O Beto descobriu e mandou eu encher que todo mundo ia jogar em mim. Resultado, todo mundo começou a atirar uns nos outros. No outro ano eu fiz novamente e depois continuei até me formar, e parece que a tradição ainda continua até hoje.

Lembro-me que o mês de dezembro chegava e na escola a gente já começava a se preparar juntando a mesada do mês para comprar as bexigas e começar a armar planos de quem queríamos atingir. No último dia de aula, todos os alunos compareciam, mesmo os que já estavam de férias há alguns dias. A escola encerrava as atividades meia hora mais cedo, e o resto, o tempo que faltava para os pais e os ônibus chegarem, era todo preenchido com água e bexigas para todos os lados.

Nem os professores e funcionários escapavam da tradição. Lembro de quando o professor Gerson ia na nossa turma, uns dias antes com o bilhete avisando os pais dessa festa, ele sempre falava que isso era uma ideia do....

– Tu é o irmão mais novo do professor Gerson e Roberto! – Digo depois que a minha ficha caiu por completo.

– Luiz Lavorini, o irmão mais novo em carne, osso, tatuagem, calor e suor.

Minha boca abre e eu quase não consigo fechar de tão impressionada com essa informação que eu estou.

– E não, eu não sou tão chato como os meus irmãos. Pode relaxar que eu sou um cara normal. Aliás, eles quando não estão na escola também são. Menos o Beto ele é um idiota sempre.

Caminho e pisco algumas vezes tentando me adaptar a essa nova realidade a que fui exposta. Se eu soubesse que estaria ao lado de um dos homens com mais dinheiro no ramo educacional da cidade, nem teria sentado naquele banco. E fora que todo mundo conhece a história dele, de como perdeu a esposa tão cedo.

– Eu não imaginava. – Digo perplexa e fico muda por alguns segundos.

Nunca pensei na minha vida que poderia conhecer ele. Meu pai diz que ele é um dos melhores médicos do plantão do hospital, que atende os bandidos baleados e machucados nos confrontos da polícia com um respeito, como se eles fossem pacientes particulares no hospital mais caro de todos. E para ele falar uma coisa dessas é porque não é coisa pouca.

Meu pai já tem certa idade, está um passo da aposentadoria e preza os bons costumes. Não tolera qualquer tipo de discriminação e diminuição da pessoa por quem ela é. Uma coisa que ele fez questão de ensinar lá em casa.

– Acho que a minha revelação foi chocante. Tu ficou quieta de uma hora para outra. Se soubesse teria dito que era um primo bastardo deles. – O sorriso dele volta ao seu rosto.

– Não é isso, é que... – Fico sem palavras.

Até então todas as pessoas ricas que eu conheço são as dos eventos que eu trabalho. Geralmente elas são narizes empinados e olham para nós, os funcionários com um certo ar de superioridade. E cá entre nós, até o Noah fez isso comigo naquele evento em que ele esqueceu o celular. Era um dos meus primeiros eventos grandes e eu estava morrendo de medo de tudo e todos. Até hoje ele se desculpa comigo por aquela noite e me agradece imensamente por ter entregado o celular dele para a Su.

Mas o Luiz eu percebi que é diferente, quase estranho. O jeito que ele conversa, age com os amigos e como ele me levou para casa aquele dia à noite e agora.

E isso me assusta e me intriga. Dois sentimentos que quando andam juntos podem resultar em uma catástrofe.

– Não pensei que fosse uma pessoa temida assim, Carla. Esquece o meu sobrenome, ok? Não vou te fazer mal nenhum, não tenho descendência psicótica assim. Pelo menos eu nunca soube desse lado sombrio da família. Acho que vou pesquisar naqueles sites de antepassados na internet. Uma vez achei uma descendência real.

– Uma vez achei uma antecendência de um pirata saqueador.

– Incrível como a gente acha essas coisas mais sem noção na internet. – Ele balança a cabeça com um sorriso no rosto.

Chegamos em frente à sua imensa casa e ele se vira para mim.

– Agora eu vou me atirar na piscina para não derreter, e depois ir n
ao mercado para comprar as coisas e fazer feijão. Já pedi para mudarem o refeitório de perto do pronto socorro. Saio de cada plantão com o cheio de comida que começam a fazer cedo para o almoço. E hoje aquele cheiro de feijão caseiro, logo pela manhã, me atçou de um jeito incrível.

– Vai fazer feijão? Como?

– Sim! Apreendi a fazer já faz uns anos. A primeira vez eu explodi a panela de pressão, agora faço melhor que muito restaurante. Está convidada para vir comer feijão comigo. Aparece aí mais tarde.

Arregalo os olhos. Meu cérebro meio que entra em colapso com a mudança de assunto assim tão repentino.

– Estou falando sério, assim tu não fica com a impressão que eu sou chato como os meus irmãos. Posso ser chato, mas sou um chato legal.

– Tenho compromisso hoje. – invento a desculpa mais esfarrapada que eu posso.

Luiz perde um pouco da animação, mas recupera em dois toques.

– Fica para a próxima então. Oportunidades não vão faltar, já que a gente mora no mesmo bairro, frequentamos o mesmo bar e ainda temos os mesmos amigos. Um dia que o pessoal vir aqui para casa tu vem junto. Ainda mais que agora somos amigos.

Meu Deus, eu pensava que a Elis era louca, mas esse aí supera tudo. E por incrível que pareça, eu entro na loucura dele e acho engraçado. Acho que tomei sol demais na cabeça, isso

nunca aconteceria comigo.

– Claro. – Dou um sorriso tão espontâneo que tenho que pensar sobre ele mais tarde.

Me despeço do Luiz e continuo o meu caminho para casa rindo de tudo que aconteceu.

Caramba, gostei daquele cara.

Capítulo 8

Por Carla

Querido diário, quanto tempo não é mesmo? Pelo o que eu vi nas folhas de trás, quase oito anos que eu não aparecia por aqui. E aí, como tu está? Ainda se lembra de mim? Eu confesso que não me lembrava de ti e me vi relendo as páginas quando te encontrei no fundo daquela gaveta de bugigangas que eu tenho e fazia anos que não mexia.

O que eu posso dizer que mudou de lá para cá? Muitas coisas e outras ainda continuam na mesma.

Naquela época eu namorava. Passava horas e horas escrevendo declarações de amor nessas páginas e contando tudo o que acontecia entre nós. Lembra, diário? Como isso era um porre, porque não me avisaste?

Enfim, vamos aos fatos que mudaram da última vez que eu escrevi aqui para os dias de hoje...

Lembra que eu escrevi que tinha perdido a minha virgindade com ele e achado o máximo? Pois é, agora uma confissão que eu demorei para entender. Foi horrível. Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida, entreguei tudo de bandeja para ele e fingi para mim mesma que foi uma coisa estilo conto de fadas.

Ah como eu era idiota naquela época...

Aconteceu, querido diário, que eu nunca me senti à vontade com ele. Em nenhum momento. Os beijos dele me enjoavam e eu não conseguia ficar muito tempo com ele enfiando a língua dele na minha boca. Era nojento. Porém eu dizia nessas páginas que eram a melhor coisa do mundo.

Falei que ele havia me tratado como uma princesa, e era mentira. Em resumo: ele tirou a minha roupa, me beijou daquele jeito nojento e se enfiou dentro de mim não ligando se eu estava sentindo dor ou não (mesmo que eu tenha dito para ele parar). Fiquei olhando para o teto do quarto dele enquanto ele gemia e falava coisas escrotas para mim.

Eu tive vontade de chorar, sabe? Mas fiquei firme e mentindo para mim mesma que ia melhorar e a primeira vez deveria ser assim para todas.

Depois disso, tudo o que aconteceu foi como um furacão na minha vida.

Lembra da minha “melhor amiga”? Aquela que me incentivava a conversar com ele quando nos conhecemos? Que dizia que éramos o casal mais top da escola e todas tinham inveja de mim por estar namorando com ele? É, essa mesma! Ah diário, eu sabia que tu ia lembrar tudo isso.

Pois é, ela era a minha melhor amiga. Eu contava tudo e mais um pouco para ela (sim diário, eu contava mais coisas para ela do que para ti, me desculpe). Confiava a ela todos os meus segredos, medos, dúvidas e coisas que vivíamos. Ela me aconselhava, me escutava e se intrometia na minha vida como se fosse dela para cuidar. Era minha amiga, tínhamos dezesseis anos e era normal dividirmos algumas coisas.

Só que ela levou isso tão a sério que também quis dividir o namorado comigo.

Eu sei. Não precisa me falar. Já escuto todo mundo dizendo que essa é uma história clichê e coisa do tipo. Mas eu fui tão burra e idiota que eu me deixei cair nessa armadilha tão velha como andar para frente. E acredite se quiser, muita gente, ano após ano, ainda cai nessa armadilha tão conhecida por todos.

Depois disso o meu mundinho cor-de-rosa caiu por completo. Eu era a corna da escola. Alvo de todas as piadas e coisas do tipo. Me senti péssima, acho que foi por isso que eu te esqueci, diário. Tu me lembrava cada passo que eu havia dado com os dois e, enquanto a apaixonadinha aqui escrevia folhas e mais folhas sobre o namorado e a amiga, os dois se agarravam embaixo do meu nariz.

Mas isso foi só o início, diário. Pode ter certeza que nada do que aconteceu até essa parte da história me preparava para o que viria mais tarde.

Naquela trágica noite em que eu havia perdido a minha virgindade, o meu “amado” namorado, o qual eu confiava plenamente, me disse que usar preservativo atrapalharia a coisa em si. Já que era a minha primeira vez e eu não entendia nada.

Eu entendia, diário, juro que entendia. Via propagandas e mais propagandas falando dos riscos que podemos correr quando se faz sexo sem camisinha. Eu tirei a nota mais alta no trabalho de Biologia sobre DST's! Argumentei com ele que ficaria mais segura se ele usasse, mas não adiantou. Ele me acusou de que eu não confiava nele e que isso era uma coisa grave e sem fundamento. E eu, a tonta da história, mais uma vez cedi e o inevitável aconteceu.

Algumas semanas depois de ter descoberto que era traída pelos dois, eu passei mal. Minha mãe, sempre cuidando de mim com todo o amor, me levou ao hospital e eu tive a notícia que estava grávida.

Meu mundo caiu, diário.

Eu tinha dezesseis para dezessete anos, estudante e com mil sonhos para o futuro. E todos eles foram devastados por aquela notícia.

Entrei em choque. Decepcionei os meus pais e o meu irmão. E acima de tudo, fiquei decepcionada comigo mesma, por ter sido tão ingênua e burra a ponto de cair em cada conversa, acusação e palavras que escutei deles. E agora lá estava eu, grávida e sem saber o que fazer.

No final daquela semana, depois de muitas lágrimas, gritos trocados entre eu e os meus pais, eu não aguentei mais. Cheguei para os meus pais e disse que se eles quisessem eu faria um aborto. Eu estava assustada e sozinha nessa situação, qualquer coisa que me oferecessem eu aceitaria.

Meu pai saiu da sala quando eu proferi essas palavras, eu notei o olhar trocado com a minha mãe enquanto ele se retirava. Ficamos nós duas e o silêncio entre nós. Esses foram os segundos mais difíceis, diário. Eu só queria um abraço de alguém que me dissesse que tudo ficaria bem, era a única coisa que eu precisava naquele momento.

E como se ela lesse pensamentos, foi o que eu recebi da minha mãe naquele momento. Ela veio na minha direção, e eu pensei que levaria outra bofetada na cara, como ela tinha dado há alguns dias atrás naquela mesma sala. Mas não. O abraço que eu recebi dela foi o que me deu forças para continuar.

Conversamos muito àquela hora. Conteí para ela o que realmente havia acontecido e como eu havia chegado àquela situação. Disse que estava arrependida e fui calada com mais um abraço.

Minha mãe disse que a única coisa que não devemos nos arrepender é dos filhos que temos. Eles não têm culpa nenhuma das nossas ações e tudo o que temos que fazer é amá-los, cuidá-los e instruí-los a não cometer o mesmo erro que nós quando chegarem a essa idade.

Naquele momento eu vi que a escolha do aborto era egoísta. Porém, nem todas as decisões realmente estão nas nossas mãos...

Aceitei a gravidez. Passei a escutar mais o que o meu corpo me dizia, e ficava me olhando no espelho nua cada vez que saía do banho para ver se eu notava alguma diferença física, além dos meus peitos ficarem maiores.

Meu pai e irmão foram à casa do meu “namorado” contar a novidade e cobrar responsabilidade por parte dele. Um advogado e um estudante de direito conseguem persuadir qualquer pessoa e deixar um mauricinho de uma figa se borrando nas cuecas com algumas palavras difíceis...

Tudo estava entrando no eixo e na primeira ecografia que eu fiz, me apaixonei por aquela vida que estava se formando dentro de mim.

E agora tu deve estar me perguntando, diário, onde se encontra essa criança? O que aconteceu com ela? Porque até agora eu não mencionei ela aqui? Calma... Eu já vou chegar nesse ponto, só me dê alguns segundos para recuperar o fôlego.

E ah, não estranhe se algumas palavras saírem borradas, ainda não consigo controlar o choro quando lembro dessa parte...

Acordei um dia pela manhã com algumas dores, mas não dei tanta importância, já estava acostumada e o médico me disse que elas eram normais. Poderia ser pela movimentação da criança dentro de mim no meu corpo ainda adolescente, e não preparado totalmente para a maternidade.

Elas continuaram e começaram a ficar mais fortes, até eu sentir o sangue escorrendo pelas minhas pernas. Meu irmão me levou para o hospital no mesmo instante, junto com a minha mãe que ligava para o plantão da delegacia para avisar o meu pai.

Dei entrada no pronto-socorro obstétrico na mesma hora. E com poucos minutos lá dentro eu mudei a minha vida por completo.

Eu tinha sofrido um aborto. O que eu havia sugerido aquela vez tinha se concretizado. Eu chorei. Meus pais choraram. Meu irmão chorou.

Eu estava em pânico e com medo de tudo que estava ocorrendo ao meu redor. Um médico falando, e gritando com todos na volta, milhares de enfermeiras me tocando e perguntando coisas que eu não sabia responder.

Eu só tinha dezesseis anos, diário. Um ano antes eu estava brincando de boneca no meu quarto e escrevendo em ti e, naquele momento, eu só queria a minha mãe do meu lado dizendo que eu iria ficar bem e que logo nós iríamos para casa. Mas não, a realidade é que eu estava em uma mesa ginecológica com um médico enfiando a mão dentro de mim e não ligando para os meus gritos de dor.

Fui enviada à um bloco cirúrgico, anestesiada e novamente exposta ao médico que não respondia a nenhuma das minhas perguntas. Ele me mandava calar a boca e deixar ele trabalhar em paz, e ainda disse que na hora que eu abri as pernas para fazer o filho eu deveria ter gostado.

Isso não foi uma coisa muito digna de se falar para uma criança, não é diário? E o que eu poderia ter feito naquela hora além de chorar como uma?

Foi o que eu fiz, chorei e fui xingada por todos que estavam naquela sala.

E então eu senti uma dor dentro de mim que nem a anestesia consegui bloquear e a sala começou a rodar na minha frente. Os gritos do médico se voltaram para a equipe e me administraram um medicamento para eu apagar naquele momento.

Acordei no quarto no outro dia e com a revelação que mudou tudo.

O médico havia rompido o meu útero na hora da curetagem e não conseguiu reverter a situação. Passei por uma histerectomia vaginal enquanto estava anestesiada, ou seja, arrancaram o meu útero para conter a hemorragia que havia se formado.

De uma futura mãe eu havia passado para uma pessoa que nunca mais poderia gerar filhos.

Não vou entrar em detalhes sobre como eu fiquei depois disso.

Mas, em resumo, eu aprendi a não confiar em mais ninguém além de mim mesma e da minha família. Se as pessoas que eu pensei que gostassem de mim foram capazes de me trair desse modo, e se um médico que deveria me cuidar havia me feito isso, quem dirá as pessoas que não gostassem de mim!

Me fechei para amizades. Aprendi a contar comigo mesma para tudo, salvo as vezes que o Diego, ou meus pais, me ajudaram e ainda ajudam. De resto, nada melhor do que eu mesma. Aprendi a confiar mais em mim, não depender da opinião dos outros para fazer as coisas: se eu quero fazer, vou lá e faço. Simples e objetivo assim. E muito mais prático. Vai por mim, diário. Aprender a caminhar com as próprias pernas nos derruba com muita facilidade, mas depois que pegamos confiança nos nossos pés, percebemos que todos os tombos que caímos são para a nossa aprendizagem.

Porém hoje, relendo as tuas velhas páginas, tive vontade de contar para alguém a minha história. De como eu passei do meu mundinho cor-de-rosa para a realidade de hoje. Por isso peço desculpas novamente diário, eu deveria ter confiado mais em ti do que nas pessoas. Porque eu sei que quando eu te fechar, e colocar na gaveta das bugigangas, tu não irá sair correndo e contar isso para todo mundo.

Acho que vou voltar a te usar, será que eu e a minha caneta ainda somos bem-vindas?

.

Fecho o diário e limpo as lágrimas que escorreram enquanto eu escrevia cada palavra nas suas páginas.

Coloco ele novamente dentro daquela gaveta esquecida e volto a limpar o meu quarto. Retiro as roupas que não uso mais, calçados e afins e deixo tudo separado para doação. Todos os anos nós fazemos isso aqui em casa. E dessa vez eu resolvi abrir até aquela gaveta, que há tanto

estava esquecida.

Quando reencontrei o meu antigo diário, não o reconheci. E no momento em que abri as primeiras páginas, eu me sentei no chão e reli até o dia em que perdi a minha virgindade e narrei como se fosse a oitava maravilha do mundo.

Como eu era uma idiota naquela época.

Hoje, percebo que passei meses em um “relacionamento” abusivo. Ele me xingava, me humilhava e me forçava a fazer coisas que eu não queria. Como eu pude ser tão besta a ponto de chegar a acreditar que sentia alguma coisa por ele?

Percebi que não sentia nada demais, quando peguei os dois na casa dele em cima da sua cama. Naquela hora o meu coração se desacorrentou do fio do medo de ficar sozinha, que contava muito no auge dos meus dezesseis anos, e eu pude ver com clareza o que estava na minha frente.

E depois de tudo o que aconteceu eu aprendi a mais dura lição de vida que eu poderia ter.

O pós foi um período tenso. Eu me foquei nos estudos e virei um robô. Casa, escola, estudo. Meus pais ficaram preocupadíssimos com essa situação, me levaram a um psicólogo, mas não permaneci por muito tempo.

O meu problema não era psicológico, e sim o tempo que levava para aceitar as mudanças que haviam ocorrido.

Por isso assim que saí do ensino médio arrumei um emprego. Precisava sair de casa, ocupar a minha cabeça com coisas mais úteis do que apenas pensamentos sobre o que aconteceu.

E isso funcionou. Funciona até hoje. Cada vez que me pego pensando no que aconteceu, abro uma planilha no computador e começo a fazer mais um planejamento para um cliente. O trabalho me tira todo o desejo pelas respostas que sempre me surgem. E eu agradeço por isso. Não teria aguentado se não fosse assim.

Eu ainda sinto aquela dor quando saio com a minha mãe e ela encontra alguma amiga feliz contando que irá ser avó.

Meu Deus, como isso machuca! Em mim por saber que nunca terei filhos e pelos meus pais por saberem que não terão netos de mim, e se depender do meu irmão, ainda vai demorar.

Vejo os olhos da minha mãe se apagarem e o seu sorriso automático vir à tona parabenizando a felizarda. Isso me mata. Em todos os sentidos da palavra, em todos os aspectos, e mais ainda, por quem leva essa dor junto comigo.

No fundo, acredito que fui abençoada por ter uma família tão perfeita comigo. Pais que se amam e são carinhosos um com o outro. Nunca vi o meu pai levantar a voz para a minha mãe. Nos educaram com pulso firme e nunca nos deixaram impunes pelo o que fazíamos. A única vez que eu apanhei mesmo, foi quando explodi após a descoberta da minha gravidez. E até hoje a mãe ainda sente muito por aquele episódio.

Tenho um irmão que é a fonte do nosso orgulho. Formando em advocacia, assim como o nosso pai, e voltou os estudos para concursos. Depois de alguns fracassos, e advogando autonomamente, a aprovação chegou. Policial Federal, nunca foi primeira opção, mas foi bem

aceita. Com os anos e os aperfeiçoamentos, conseguiu o título de especialista em armamento pesado e militar. Um orgulho, mas também é uma constante preocupação para os nossos pais, já que está escalado para aquele batalhão contra o tráfico de drogas em uma das maiores cidades do país.

E eu? Sou a moça que mente sobre amizades para fazer os meus pais felizes e menos preocupados comigo. Eu devo isso a eles. Por diversos fatos e não me arrependo do que digo.

Como falei para o meu diário, me afastei de qualquer pessoa que tentasse alguma coisa comigo. Perdi a confiança na humanidade. Perdi a capacidade de conseguir me apoiar em outra pessoa, além da minha família. Antes só do que mal acompanhada, já diz o ditado.

Se isso me traz algum malefício?

Acredito que não, me deixou mais forte e acreditando em mim mesma. Claro que não foi de primeira. Meu coração não virou pedra de um dia para o outro. Aliás, ele ainda não está completamente duro, pois eu choro em cada propaganda de manteiga que vejo. Porém, com o passar dos anos vou aperfeiçoando quem eu sou e focando nos meus objetivos.

No início, fiquei insegura. Eu evitava os confrontos e fugia dos obstáculos. Foi assim quando comecei a trabalhar nos eventos. Lembro até hoje da minha crise de choro depois de cair no meio de um jantar para uma agência de modelos, onde a convidada me fez cair e derrubar toda a bebida no seu vestido caríssimo. Fiz o papel de ridícula, eu admito. Mas foi mais uma lição para mim, não abaixar a cabeça para nenhum filho da puta que me bloquear.

Hoje eu ignoro. Se a pessoa me tratar mal, problema é dela. Continuo a fazer o meu trabalho com um sorriso falso para enganar, e sigo o meu caminho.

Termino de arrumar o meu quarto e desço as sacolas com as doações. Deixo junto com as que a mãe fez com as roupas dela e do pai e vou para a cozinha ver o que tem para comer.

Preparo um sanduíche, e mando uma mensagem para o meu irmão perguntando sobre uma peça para a minha moto que eu encomendei e iria para a casa dele, o frete compensa bem mais. Olho as notificações dos comentários das fotos dos últimos eventos que eu postei ontem à tarde e vejo uma mensagem diferente no meio de tudo isso.

Luiz: Só para avisar que tu perdeu o melhor feijão já feito na face da Terra.

Começo a rir e sou surpreendida com a minha mãe olhando para mim da porta.

– Esse sorriso aí tem nome?

– Carla Denski. – Digo e mordo mais um pedaço do meu sanduíche.

– Sei. – Ela passa por mim com um sorriso cheio de pensamentos que não existem.

Continuo a olhar a mensagem e penso no que escrever.

Carla: Poxa, se soubesse não teria perdido. :(

Envio e bloqueio a tela do celular e termino o meu lanche totalmente sem gosto naquele momento.

Volto a relembrar a cena de ontem, com ele me convidando para comer feijão e fico pensando: quem na vida convida alguém para comer feijão na sua casa? Tem que ser um baita de

um feijão para um convite desses.

Capítulo 9

– E toma! – Jogo a bola longe para o AC buscar. – Está difícil manter a concentração no jogo?

– Um pouco. Milhões de coisas na cabeça ao mesmo tempo.

– Nossa que novidade. – Bufo e começamos a jogar novamente. E eu começo a pegar mais leve com ele.

AC perde mais uma bola e eu decido encerrar o jogo. É extremamente irritante jogar squash com ele assim. A cada raquetada que eu dou é um ponto, e isso não tem graça nenhuma.

Vamos para o vestiário e tomamos banho em silêncio. Somente quando saímos no estacionamento é que eu resolvo falar com o meu amigo.

– Preocupado com a Elis e o Otávio? – Ele me dá um aceno rápido enquanto coloca a mochila dentro do carro.

– Tento não parecer preocupado em casa. Mas quando estou fora, não consigo parar de pensar em tudo.

– Eu percebi. Ontem tu estava em outro país lá no terraço enquanto estávamos com as crianças.

Ele vai para o seu carro e eu o sigo.

– Estou com medo do parto. Ou até chegar lá.

– Obstetrícia não é a minha área, mas acho que o pior já passou, cara. A Elis já está com sete meses, se acontecer alguma coisa a partir de agora os riscos são mínimos.

– Eu sei, o médico dela já nos falou isso. Disse que eu sou “pai de primeira viagem” e a Elis, por não ter passado isso com o Antônio, acha que as gravidezes são todas iguais.

– Ela é teimosa, isso sim.

– Tem dias que ela faz mais birra que o Antônio e a Fofinha juntos.

– Respira fundo que são os hormônios, o Otávio nasce e ela se acalma. – AC olha para mim sério e eu remendo. – Ok, acalmar não é a da Elis, mas ela melhora.

– Essa é a minha esperança. – Ele olha para mim com um sorriso no rosto. – Ontem, quando estávamos dormindo, a Elis estava agarrada em mim com a barriga dela nas minhas costas e eu fiquei sendo chutado pelo Otávio a noite toda. Será que quando crescerem o Antônio ou Otávio vão ter como hobby ficar me chutando a noite toda enquanto dormem?

– É possível. A genética de vaca dando coice da mãe é inegável.

Faço o meu amigo rir e isso melhora o seu semblante.

– E as coisas lá na agência? – Mudo de assunto.

– Tudo tranquilo. Vamos mudar de gerência. Pode ser que melhore algumas coisas lá.

– E tu, quando vai te candidatar a gerente?

– Tenho que crescer muito para tentar almejar isso. Não sou o funcionário mais ativo nas “rodinhas” que tem lá. Prefiro fazer o meu trabalho bem feito do que ficar falando da vida dos outros, ou babando ovo para chefes que só estão lá por indicação.

– Mas não era uma meta tua?

– É uma meta, mas às vezes eu vejo coisas lá dentro tão mesquinhas e falsas, que prefiro a minha mesa organizada a tudo isso.

Continuamos a conversar, até o tempo que jogamos ser menor que o papo no estacionamento. Me despeço do AC, falando que se a Elis precisar de alguma coisa é só me chamar que eu apareço em pouco tempo.

Entro no pátio e deixo o carro de qualquer jeito. Se me der vontade, coloco na garagem. Recolho a minha roupa do varal, que eu deixei hoje pela manhã antes de sair para o meu consultório, onde eu atendo algumas vezes na semana.

As pessoas estranham quando descobrem que eu faço o trabalho de casa. Moro sozinho, nem é tanto trabalho assim colocar a minha roupa na máquina de lavar e estender no varal. Claro que às vezes eu esqueço a roupa por uns três dias dentro da máquina e depois tenho que lavar novamente, mas quem nunca fez isso?

Uma vez por semana, quando a casa está muito suja, eu chamo uma pessoa para fazer a limpeza mais bruta, mas, de resto, eu me viro super bem. Cozinho, lavo, limpo e faço bagunça na mesma proporção. No verão, coloco água do poço artesiano na grama e nas plantas e ainda passo o troço de tirar as folhas da piscina quando entra muita sujeira nela. Sou um cara prendado.

Aprendi tudo na marra. Não sabia esquentar uma água, mas me vi em apuros quando a Luiza falava para mim que estava com fome em horários loucos e eu tinha que fazer alguma coisa para nós comermos do nada. Não dava para sobreviver apenas comendo bobagens e nos restaurantes da região. Às vezes, nem eu conseguia comer o que fazia, mas hoje já me viro bem melhor e arrisco algumas coisas mais complexas.

Por exemplo, hoje eu estou com vontade de comer stroganoff.

Ligo a música no meu celular, sirvo uma taça generosa de vinho e começo a preparar uma janta para mim.

Hoje é sexta, estou de folga do plantão e ainda sem nenhum paciente internado para ter que visitar nesse meio tempo. Vou aproveitar o tempo para dormir e não fazer nada até segunda. Eu mereço pela semana agitada que tive.

Terça fui à escola novamente a pedido do Gê. Desta vez era só nós dois, sem o Beto para encher o saco na nossa volta. Fui chamado para conversar sobre a casa na fazenda que era dos nossos pais e está abandonada desde que os dois faleceram.

Ele me passou o orçamento para a reforma geral, e eu me assustei com o valor. Não que vá diminuir o quanto eu tenho, mas enfim... O fato em questão era ver se valia a pena investir esse dinheiro para ficar lá atirada por mais dez anos sem ninguém colocar os pés por mais do que alguns dias por ano.

Eu mesmo sou um que não vou lá há doze anos. E não tenho a mínima vontade de ir pelos próximos doze que virão.

Proposta de compra é o mais fácil de arrumar, por um preço até maior do que pediríamos. A área onde se encontra a fazenda é muito valorizada. Porém, o pensamento de outras pessoas estarem morando em uma casa tão repleta com as nossas lembranças, estampadas em cada canto, ainda me causa mais náuseas do que eu a visitar.

Podem me chamar de saudosista, materialista ou coisa do tipo. Mas o meu apego nostálgico está acima de tudo isso. Lá foi o lugar onde eu cresci, onde a Luiza comemorou do seu primeiro ao décimo aniversário. O local do meu casamento e se caminharmos um pouco mais, vamos encontrar a árvore da qual eu cai de cabeça no chão e tive uma convulsão aos sete anos.

Também foi onde o Gê pediu a Lena em casamento e o Maurício deu o primeiro beijo, em uma festa da sua turma no final do ensino médio. Até o Beto tem lembranças em cada pedaço de grama da frente da casa. Lembro quando ele estava aprendendo a dirigir e enfiou o carro novo do pai dentro do jardim da mãe e quase foi deserdado por isso.

São fatos que fazem uma vida ter lembranças e me doeria o coração saber que não estariam mais com a gente.

Aceitei o valor depois de conversar muito, relembrar alguns desses momentos e rir de outros que não lembrávamos direito. Nenhum valor real poderia pagar tudo o que aquela casa e fazenda representam para nós.

Termino de jantar sabendo que já tenho comida para amanhã o dia todo. Pego a garrafa de vinho, porque a taça eu deixei cair dentro da pia e quebrou - ainda bem que estava vazia - ligo o meu notebook e sento na frente do piano com ele aberto.

Abro o Skype e vejo o status on-line da Luiza. Não precisou chamar duas vezes para ela atender a chamada e sorrir para mim pela webcam.

.

Por Carla

Chego da bike suando. Subo direto para o meu quarto, tomo um banho e coloco o pijama mais velho que tenho.

Desço e janto com os meus pais, divido uma cerveja com ele e jogamos palavras cruzadas no *tablet* até ele cansar e dizer que aquilo ia acabar com os olhos dele.

Quando fico sozinha e o silêncio da casa confirmando, volto para o meu quarto e escrevo novamente no meu diário sobre o que eu tinha feito na semana.

Tenho a sensação de que regredi uns dez anos fazendo isso, mas a sensação de que o peso do mundo nos meus ombros havia diminuído depois de escrever, acabou com esse sentimento de infantilidade.

Coloquei nas páginas as conquistas da semana, junto com as minhas frustrações e coisas que eu tenho que melhorar no trabalho, ou na minha vida. Escrever torna tudo mais real, e dá um significado de que o dia foi produtivo, ao contrário do que eu pensava.

Às vezes eu sinto falta de ter alguém para conversar. Partilhar alguns pensamentos e ser compreendida, ou não. De ter uma pessoa ao meu lado que me conheça melhor do que eu mesma e me dar algumas dicas do que fazer com a minha vida. Me aconselhar e opinar em alguns passos que eu tenha que dar. Ou pensando bem... Só me escutando já está de bom tamanho.

Por mais que eu tenha ótimos pais e um irmão sempre disponível para mim, não posso contar cem por cento da minha vida e tudo que me aflige.

Desligo as luzes do meu quarto e pego o meu celular para ver se eu havia recebido alguns e-mails de pedidos para os próximos eventos. Abro o Facebook para perder o meu tempo até o sono vir e passo por mil e umas fotos, textos, informativos e coisas sem sentido.

Rolo a tela até parar em uma foto, no mínimo esquisita. Do Luiz fazendo careta e a tela do computador ao fundo com alguém também fazendo a mesma coisa que ele. A legenda é um emoji com um olho piscando e a língua de fora, e eu acho que combina muito com o Luiz.

Curto a foto e continuo a minha rolagem de tela até passar por mais de vinte testes do tipo “qual a profissão ideal para você”, “o ano de morte de fulano e a causa será...?”, “descubra aqui qual o nome dos seus netos”... E mais milhares que a imaginação nem consegue acompanhar o ritmo de lançamento.

Uma notificação nova chega e eu abro para ver o que é.

Luiz: O que fazer quando o vinho acaba na melhor parte?

Carla: Passa para outra bebida?

Luiz: Só tem água. E não é mineral, esqueci de comprar.

Carla: Olha, devido às condições do saneamento básico da nossa cidade, acredito que a água deve dar mais barato do que qualquer bebida alcoólica. Até mais que absinto.

Luiz: Vou testar e já te aviso.

Começo a rir com essa conversa de louco que estamos tendo nessa hora da noite.

Depois do fatídico convite do feijão, nós começamos a conversar mais por aqui. À noite, quando não estamos trabalhando, algum de nós inventa um papo desse nível antes de dormir. É bom, me faz dar algumas risadas.

Ele é uma boa pessoa. Esses dias me mandou uma foto no plantão com uma criança que havia cortado o braço e estava bem animada ao lado dele porque agora iria ficar com uma “cicatriz maneira”. Não sabia se ria da história, ou da cara do Luiz na foto.

Recebi também um vídeo dele no asilo em que ele é voluntário. Fiquei admirada quando ele me contou essa história depois do envio do vídeo, de uma senhora dizendo que ele era o seu noivo e que eles teriam que fugir da sua babá (a enfermeira de plantão) para se casarem. Foi emocionante o Luiz contornando a história dela, dizendo que não poderiam fugir naquele momento porque ele estava devendo um dinheiro na venda da esquina e tinha que pagar primeiro antes de fugir, ou o dono iria atrás deles.

Aquele dia foi uma exceção. Luiz me contou do seu trabalho voluntário e um pouco da sua rotina com os pacientes com Alzheimer. De como eles “saíam da casinha” e “despirocavam”, e de como ele tinha que entrar na onda sem se envolver, como fez naquele dia. Li o quanto ele

gosta de fazer o seu trabalho e é engajado com os seus pacientes e pelo bem-estar deles.

Fiquei um pouco triste em saber, na pele, literalmente, que não há muitos médicos como ele.

Luiz: Fiz o teste, acho que só vou ganhar uma visita ao banheiro. E não do jeito que eu pretendia. Colocar os bofes para fora pelo álcool. Não por uma disenteria ou virose.

Carla: E agora?

Luiz: Vou ter que sair a procura de álcool. Vamos para o bar?

Pisco algumas vezes e encaro a tela do meu celular. Olho o relógio, dez para uma da manhã de sexta para sábado. Está na hora certa de sair, se formos pensar por esse lado.

Luiz: Não vou fazer nada. Só beber para tentar matar as bactérias que ingeri com álcool de dentro para fora.

Carla: E funciona?

Luiz: Não sei. Tenho que testar. Se tu não for, amanhã eu te falo.

Carla: Ok, vamos testar essa ideia.

Luiz: Passo na tua casa e vamos juntos...

E com isso eu dou um pulo da cama e coloco a primeira roupa que eu vejo na minha frente. Aviso os meus pais que irei sair com a Carol, já passou da uma da manhã e eu não vou contar quem é Luiz há essa hora para eles. Carol tem costas largas e segura mais essa ponta para mim.

.

Suor escorre pela minha pele enquanto eu pulo e danço como uma louca na pista de dança.

Luiz chega com mais algumas doses, brindamos e bebemos juntos. O DJ está fazendo um remake do David Guetta das antigas e nos pegamos dançando junto e cantando com a música.

You know I know how
To make em stop and stare as I zone out
The club can't even handle me right now
Watchin you I'm watchin you we go all out
The club can't even handle me right now (yeahh)

Você sabe que eu sei como
Fazê-la parar e olhar conforme eu viajo
A balada nem me aguenta agora
Vejo você, estou vendo você, nós todos saímos
A balada nem me aguenta agora (yeahh)

Luiz coloca a mão na minha cintura e dançamos juntos quando o refrão volta com toda a força e mais um “Put your hands up!” (jogue as mão para cima) e deixamos o álcool fazer efeito nos nossos corpos enquanto dançamos todas.

Sempre gostei de dançar. Nos aniversários de quinze anos que eu ia, na minha época, eu era uma das últimas a sair da pista e hoje tenho que me controlar para não sair dançando nos eventos em que eu trabalho. Nem fico feliz quando a aniversariante pega os funcionários e os leva para a pista de dança. A Su nunca vai, mas eu e a Elis damos show, sempre.

Por isso eu gosto desse bar. Ele tem uma pista pequena, mas as músicas que tocam são as melhores para dançar. E então eu me joga, algumas vezes bebo, como hoje, e, em outras, venho apenas para dançar e sentir a música me transportar para outro lugar.

Sempre venho sozinha. Uma vez trouxe o Di, mas ele ficou sentado me olhando da outra parte do bar, a perto do karaokê, onde ficam as mesas para os casais e pessoas que não sabem o que estão perdendo aqui na pista com as luzes piscando no seu rosto.

O DJ anuncia que é a última música da noite e todos protestam. Os auto-falantes começam a explodir com a música, One Love, do David também, o DJ escolhido da noite. Todos da pista se mexem e empurram um aos outros e eu me sinto livre. Abro os meus olhos e vejo o Luiz tão perdido como eu cantando o refrão da música.

One Love. This is the way we found
One Love. Even though they'll let you down
One Love. Nobody's perfect now
One Love. Don't let that hold you down
One Love. Lets stick together now
One Love. We got to stand our ground
One Love. It's easy to believe in
One Love. Believe in you and me
One Love

Um Amor. Esta é a maneira que nós encontramos
Um Amor. Mesmo que eles nos deixarem pra baixo
Um Amor. Ninguém é perfeito agora
Um Amor. Não deixe te colocarem para baixo
Um Amor. Vamos permanecer juntos agora
Um Amor. Nós conseguiremos nos manter
Um Amor. É fácil acreditar em
Um Amor. Acreditar em você e eu
Um Amor

O DJ encerra a música e as luzes do bar se acendem. Luiz, ainda com a mão na minha cintura me puxa até um lugar mais reservado. O barulho das pessoas bêbadas e falando alto impede que nós conversemos bem. Então, sinto ele se aproximando do meu corpo e ficando bem mais próximo do que pretendia. Sinto o seu perfume e ele falando perto do meu ouvido para ficar ali que ele já voltava.

Me escoro na parede e fico ao lado da janela onde um vento fresco entra e espanta um pouco do meu calor. As pessoas começam a sair do bar e eu fico à espera do Luiz.

Estou um pouco alta, não bêbada. Sei os meus limites e quando começo a sentir os efeitos do álcool eu paro por completo. Mesclei bebida com água e refrigerante para dar uma amenizada nos efeitos amanhã.

– Pronto, vamos embora. – Luiz volta me dando um susto, já que eu estava olhando pela janela. – O táxi já está esperando.

– Eu vou para casa a pé. – Digo vendo o Luiz carregando uma sacola cheia de long neck.

Ele abana a cabeça para mim dizendo não e pega na minha mão.

– Ainda está cedo e eu tenho bebida. Vamos!

– Tenho que pagar a minha conta.

– Já paguei. Vamos de uma vez. – Luiz abre a porta do táxi para mim e eu entro.

Ele conversa com o taxista, que pelo jeito já o conhece de longa data, e em poucos minutos paramos na frente da sua casa.

Desço do carro e sigo Luiz até o portão eletrônico que ele abre com uma chave. Entramos na casa pela cozinha e ele coloca a sacola em cima da mesa, pega duas e me alcança uma.

– A noite ainda é uma criança. Vamos beber que a gente ganha mais.

Abrimos nossas garrafas, brindamos e bebemos.

Capítulo 10

Por Carla

Diário, eu sei que estive aqui há poucas horas, mas preciso contar o que aconteceu nesta noite. Ou melhor, no que vem acontecendo de uns dias para cá.

Eu conheci um cara.

Na real, conhecer não é o verbo adequado. Fomos apresentados, ou tivemos a coincidência de estarmos nos mesmos lugares e conhecermos pessoas em comum.

Mas o que interessa não é isso, e sim o que vem agora.

Nossos dois primeiros encontros nem valem a pena ser mencionados aqui de tão irrelevantes que são. Focarei nos outros dois que tivemos antes na noite de ontem.

O primeiro foi no bar perto de casa onde eu vou sozinha para dançar e esquecer da vida por alguns momentos. Eu estava de boa, na minha, dançando alegremente quando um cara me abordou. Disse não para ele, mas não funcionou, diário. E eu temi pelo pior quando ele me tocou e tentou me levar para um canto escuro.

Por mais que eu diga que não passou de um susto, eu fiquei em choque com as possibilidades que passaram na minha cabeça por milésimos de segundos.

Me vi sendo violada por outra pessoa novamente. Tocada sem o meu consentimento e ter que aguentar outra dose do peso de uma pessoa em cima de mim, dentro do meu corpo, me machucando enquanto buscava o seu próprio prazer.

Eu sei que fantasiei demais, diário, mas as manchetes com esse tipo de notícia é o que mais vemos hoje em dia.

E foi aí que ele apareceu para me salvar. Quando ele desviou a atenção do energúmeno que estava me empurrando, eu recobrei a consciência destes pensamentos e agi dando um belo tapa na cara dele.

Em resumo, depois disso, o Luiz me levou para casa de a pé e me fez esquecer o acontecido por alguns momentos. Fiquei agradecida por isso.

Nosso segundo encontro ocorreu alguns dias depois. O pneu da minha bike estourou e ele estava correndo na mesma praça que eu, voltamos para casa conversando todo o caminho, e naquele momento eu percebi que gostava dele como pessoa.

Estamos conversando há alguns dias pelo facebook. Apenas trocas de mensagens bobas e divertidas. Nada além disso, tu saber que eu sou uma pessoa fechada depois do que me aconteceu.

As conversas sempre têm essa pegada, alguma coisa idiota ou engraçada. Nada muito sério e que se leva à pensamentos e aberturas de brechas para perguntas mais complicadas. Uma coisa leve, sem compromisso e boa de se fazer.

Ele é mais velho (bem mais velho), tem quarenta e dois anos e uma filha dois anos mais nova que eu. Viúvo há doze, em decorrência de um acidente de carro. Médico com residência em

psiquiatria, mas acredito que isso não significa que tenha mudado alguma coisa no seu comportamento, porque ele não bate bem da cabeça.

Sabe o porquê eu digo isso, diário? Por que ele não é certo e, às vezes, eu chego até me esquecer da nossa diferença de idade e penso que estou falando com alguém mais novo do que eu em vários sentidos. E confesso que foi isso que não deixou eu mandar ele para longe, como eu sempre faço quando alguém começa a se aproximar de mim.

Gosto do fato dele ter um humor ácido, peculiar e modo que isto me faz rir. Tem noção de quanto tempo fazia que eu não me divertia com outra pessoa assim, diário? Pois é só olhar as datas das primeiras folhas e o que eu escrevia aqui para dizer...

Ontem nós saímos juntos. Não foi um encontro ou coisa do tipo, foi uma saída para o bar perto da nossa casa para beber. E foi isso que fizemos. Aproveitamos a noite para ficarmos nos divertindo e dançando como loucos na pista de dança ao som de músicas agitadas.

Tu sabe que eu sempre gostei de dançar, não é? Então, com ele a história foi a mesma. Eu me senti livre, leve e solta ao som da batida do DJ. Pulei, dancei e ri como nunca.

Luiz é uma ótima cia, além de ficar sempre ao meu lado e afastando qualquer pessoa que pudesse chegar para me atrapalhar. Me senti como se tivesse um guarda costa profissional, e a sua ordem principal era deixar eu me divertir e curtir a noite.

Eu fiz isso, diário, e ainda confesso: adorei a companhia dele ao meu lado naquelas horas.

Isso foi um choque até para mim de quanto me agradou. Tu sabe da minha desconfiança com as pessoas, mas com ele, tudo parece tão normal, que eu nem dei bola quando ele me tocava ou me puxava para perto dele para dançar.

Nunca dei esse tipo de liberdade para ninguém, desde os fatos ocorridos.

Mas com ele é tudo tão natural, sem forçar a barra momento nenhum. E isso me cativou inesperadamente, do jeito mais agradável que eu poderia imaginar.

Quando o bar encerrou as atividades da noite, fomos para a casa dele. Eu nem pensei o que isso pode soar, mas confie em mim diário, me dê um voto de confiança, e saiba que nada que há entre nós pende para o lado da malícia.

Como eu disse, é natural. Conversas, risos, histórias sem pé nem cabeça e a certeza de que todas acontecerem em alguma época da vida de alguém.

Bebemos, confesso que matamos todas as garrafas de cerveja que ele comprou no bar, e se elas não tivessem acabado, estaríamos bebendo até agora.

Ficamos sentado na mesa da cozinha conversando, e quando a fome da madrugada bateu, ele me apareceu com uma panela de stroganoff frio e duas colheres. Raspamos até o fundo e ele ainda me jurou que foi ele quem fez.

Tenho minhas dúvidas diário, neste quesito...

Saí de lá quando o sol estava ameaçando a apontar no horizonte. Luiz me trouxe até a porta de casa, mesmo que ele tivesse tropeçado na calçada na frente de casa e quase quebrado o pescoço.

Acho que fiz um amigo, diário. Será que posso dividir o meu tempo entre vocês dois? Tu para eu

escrever sobre coisas tensas da minha vida e ele para eu esquecer de todas.

Será que rola essa parceria entre nós três?

Aguardo a tua resposta nos próximos dias, agora vou dormir, porque mais tarde marcamos de eu andar de bike e ele correr.

.

– Conseguiu chegar vivo em casa? – Pergunto quando ele sai da sua casa pronto para correr.

O dia está dando lugar à noite, hora perfeita para sair e se exercitar.

– Sim, o problema foi acordar hoje pela manhã e não ter nada para comer. – Luiz diz olhando para mim, com uma cara de bravo, que não dura dois segundos até eu perceber o tom de brincadeira. – Nunca mais te convido para comer na minha casa. Não deixou nem a sujeira na panela.

– Quem mandou oferecer. – Subo na minha bike, começo a pedalar e ele acompanhar o meu ritmo ao meu lado.

– Fui educado. Não sabia que estava de frente com uma morta de fome. Tu não tem comida em casa?

Rio alto.

– Ah se a minha mãe escuta isso.... Vai levar como ofensa aos seus dotes. E outra coisa, ainda tenho que experimentar teus outros pratos, não mandei fazer propaganda. E dessa vez vou acompanhar todo o processo para não ter perigo de fraude. Ainda desconfio de quem foi o autor daquele strogonoff.

– Além de comer tudo, ainda não acredita nos meus dotes! Isso sim que é ofensa. Estou extremamente ofendido nesse momento. – Ele finge fazer uma cara de repúdio, mas falha miseravelmente quando abre um sorriso gigante.

Continuamos o ritmo e conversando até chegarmos na praça onde sentamos e nos hidratamos.

Cada minuto que eu passo ao seu lado, sou surpreendida com uma faceta diferente dele. Já passei do pai devoto que fica falando horas sobre a filha, e não ser chato por isso, do médico apaixonado pela sua profissão, à criança peste que ele era na infância e ele por ele mesmo.

Não sei como ele me aguenta, não sou nem meio por cento de agitação dele e empolgação em tudo que eu faço. Apenas escuto ele falando e comento nas horas mais impróprias para responder, fazendo ele se perder na conversa e ter que voltar do início para lembrar do que estava falando. Isto me faz rir de uma forma tão lívida que chega a dar mais leveza para a minha alma.

Gosto dessa sensação. Ter alguém para conversar sem dramas envolvidos no meio, e olha que se juntar as duas histórias tem drama suficiente para horas e horas de choro livre para todos os lados.

Mas não é o que acontece com a gente. É extremamente ao contrário.

Me sinto à vontade com ele, mais do que com qualquer pessoa da minha idade, ou qualquer idade que seja.

– Vamos trocar. – Ele me empurra e pega a minha bike.

– Não, detesto correr.

– E eu nem sei se me lembro como se anda de bicicleta, nem vou falar quantos anos devem fazer que eu não monto em uma que é para não passar vergonha. Mexe essa bunda e vamos lá, Carla. Corre aí do meu lado e me segura se eu cair.

– Bem capaz que eu vou te segurar, seguro a minha bike e deixo tu cair no chão. – Rio.

Luiz faz uma cara de deboche para mim e começa a pedalar, tremendo o guidão para todos os lados e quase caindo depois das primeiras pedaladas.

– Vamos lá, homem. Quem anda de bicicleta nunca se esquece!

– Bicicleta era o que eu tinha. Aquelas com a barra circular dentro do quadro. Não essas daqui cheia de marchas e essa coisa aqui marcando o sei lá o que. Isso aqui é mais cheia de coisas que o meu carro.

– É um ciclocomputador para medir distância. A essência da bicicleta é a mesma. E cuidado com os freios, é tipo carro novo. Mal encosta e para, e não me inventa de frear com os da frente, vai capotar.

– Viu só! A minha nem freio tinha. Eu gastava a sola dos tênis, ou anda ficava descalços e me machucava todo.

E é desse tipo de conversa que eu gosto com ele. Divertida, leve, espontânea e que me faz rir como ninguém.

Por Luiz

– Tenho que ir para casa, fazer alguns relatórios e coisas para os eventos da semana que vem.

Reviro os olhos para a Carla e quase perco o equilíbrio na sua bicicleta e caio, de novo. Ninguém precisa comentar o quase tombo que levei...

– Hoje é sábado. Sem trabalho.

– Para ti que é rico. – Ela faz uma carinha de emburrada. – Para nós pobres mortais, todo dia é dia de labuta.

Pego o controle do portão de casa e o aciono para abrir.

– Então, tchau!

Pego impulso na bicicleta dela e entro no portão de casa. Paro, aciono o portão para fechar e ainda abano para a Carla em cima da sua bicicleta. E só quando o portão está quase fechado ela se dá conta que estou com a sua bike.

Rá!

Ela começa a bater e gritar no portão da frente.

– Me devolve a minha bike, Luiz! Vou te denunciar para a polícia por roubo!

– Pode denunciar, conheço quase todos lá do plantão do hospital.

– Meu pai é o delegado, ele vai mandar eles te prenderem mesmo assim. E o meu irmão sabe manusear uma arma militar como ninguém.

Abro o portão e vejo a pequena foguete, a mesma que me acordou com a cara de poucos amigos no dia do casamento do AC.

– Sêrio que o teu pai é o delegado? – Pergunto quando ela entra no meu pátio atrás da sua bicicleta.

– Sim, delegado Denski. Há mais de vinte anos.

Fico boquiaberto com a revelação.

– Conheço o teu pai. Já tive que assinar vários laudos de liberação para os pacientes que chegam de confronto com a polícia.

– Pois é ele mesmo.

– Não liguei o nome à pessoa. E sou péssimo com nomes. Qual é o teu mesmo? Carlina?

Ela ri.

Caramba, como eu gosto de fazer ela rir assim. Fica tão bonito o seu rosto quando ela faz isso. Combina bem mais com a real idade dela.

– Sim. Agora devolve a minha bicicleta que eu tenho que ir para casa.

Desço e entrego para ela.

– Trabalhar demais faz mal à saúde. Tu é nova, vai te divertir com as tuas amigas ao invés de ficar na frente do computador.

Carla desvia o olhar de mim por alguns segundos hesitantes.

– O que foi? – Pergunto intrigado.

– Nada, não. – Ela monta na bicicleta e faz a volta ao meu redor.

– Posso não te conhecer muito Carla, mas tenho alguns truques que uso no consultório para saber o que deixa as pessoas desconfortáveis.

Deixo o meu lado amigo de lado, e entro um pouco no do psiquiatra. Adoro quando eu faço isso.

– Alguma amiga tua te traiu, ou coisa do tipo?

E bingo! Mil pontos na conta do tio Luiz Lavorini aqui!

A reação dela era a confirmação que eu precisava.

– Algo do tipo. – Ela fala olhando para mim tentando soar como se não fosse nada, mas eu sei que por traz daquele olhar, deve ter mil coisas escondidas.

E a minha artéria curiosa começa a pulsar mais rápido com isso tudo. Veia é pouco para o que eu sinto.

Calma aí Luiz. Devagar amigo, muita calma nessa hora e muita hora nessa calma para ti...

– Eu não sei o que aconteceu, mas tu tem vários amigos, Carla. A Su e a Elis sempre falam em ti e de como te convidam para sair com elas. Tu sempre nega.

– Elas são as minhas patroas. Seria estranho.

– Teoricamente o Noah também é meu funcionário. E nada disso impediu o fato dele acordar seminu ao meu lado na despedida de solteiro do AC. Trabalho não é só trabalho, sempre tem um algo a mais. E vocês fazem mais do que apenas os seus serviços. Vocês três tem uma cumplicidade imensa. Não se esqueça disso.

– Eu sei, só que ainda não consigo dividir as duas coisas.

– Tu ainda é novinha. Com o tempo vai aprender. – Me aproximo dela. – E outra coisa que eu vou te dar de conselho.... Droga, já estou ficando velho mesmo, olha o que eu acabei de falar... Que dá conselho são pessoas de 1500 antes de Cristo...

Mais uma risada, e essa eu peguei de close, já que estou a centímetros dela.

– Não ri da minha velhice. Um dia tu vai chegar nesse estado. Quando perceber, vai começar a colocar pilhas para aparelhos auditivos na tua lista de compras. – Balanço a cabeça entrando na onda da história. – Triste realidade.

– Chega de lamúrias – Carla continua sorrindo para mim. – Qual é o conselho.

– Ah sim! Não trabalhe demais, o dinheiro não é tudo na vida.

Me aproximo mais dela, até conseguir ver todas as cores dos seus olhos e beijo a sua testa.

Carla sai poucos instantes depois me deixando sozinho em casa. Tiro a roupa, fico só de cueca e me atiro dentro da piscina. De costas e boiando olhando para cima fico pensando nela. No porquê da sua hesitação, quando eu toquei nesse assunto, no medo de ela possa ter e além de tudo isso, não me perguntem por que eu pensei também na cor dos seus olhos...

Capítulo 11

Dou um pulo de susto, já que estava quase dormindo aqui no sofá esperando o tempo passar para sair até a escola. Meus irmãos querem falar comigo sobre alguma coisa.

Pego o causador o meu susto, o celular, e vejo duas mensagens diferentes: uma avisando que o meu cartão de crédito foi utilizado e outra da minha filha.

Luiza: Passagens compradas! \o/

Luiz: Percebi pela mensagem de uso do meu cartão de cartão.

Luiza: <3

Eu deveria perguntar do porquê ela ter usado o meu cartão ao invés do dela, mas se é para ela vir para cá, pagaria até o triplo do valor do euro.

Luiz: Me passa as datas para eu me programar aqui.

Luiza: O que tu anda aprontando para se programar com a minha visita?

Luiz: Coisas que os pais não devem falar com as filhas 3:)

Luiza: Ok, depois dessa nem quero saber mesmo. Bjs meu véio, em breve estaremos juntos de novo :*

Bloqueio a tela do telefone e coloco ele na guarda do sofá. Fecho os olhos e adormeço no sofá novamente. Nada melhor do que dormir no meio da tarde antes de uma noite inteira no pronto socorro correndo de um lado para o outro...

.

Saio de casa com bastante tempo de sobra para escutar os meus irmãos e chegar a tempo no plantão. Ligo o som do carro e começo a cantar a música que está rolando. Born This Way da [Lady Gaga](#).

Gosto dessa música, passa uma mensagem legal e agitada para se cantar dentro do carro. Estou feliz e isso aumenta mais ainda a minha empolgação para cantar essa música. Viva os vidros escuros do meu carro, ou todo mundo pensaria que eu sou um discípulo da *Mother Monster* e que estou saindo do armário nesse momento.

A Luiza voltará para casa! Depois de mais de três anos comigo sendo obrigado a enfrentar aeroportos e aviões para poder vê-la, finalmente ela virá para casa, como era o combinado desde o início dessa sua estadia na Europa. Pelo menos uma vez no ano ela deveria vir para cá e eu ir para lá após seis meses. Assim ficaríamos juntos duas vezes pelo ano, mas alguém andou esquecendo dessa parte do acordo.

Viajar é legal, mas eu gosto da minha casa, da minha cama e do meu país. Somos muito mais legais que os europeus, e a neve não é tão fantástica assim quanto pensam. Já conheço todos os pontos turísticos de lá, seja eles com sol, dia nublado, calor, frio e caindo o mundo em chuva. Nada se compara ao trânsito caótico no horário de pico, como eu estou agora, e os sons das buzinas educadas das pessoas que pensam que colando a mão ali, vão fazer o carro da frente se teletransportar para a suas casas. Fantástico isso.

Com a Luiza voltando tudo fica mais tranquilo. Aqui é a sua casa, ela se sente à vontade no seu quarto, o mesmo que ela deixou quando saiu de casa, conhece as ruas e os locais todos, não precisa de mim para ir em algum lugar, ela simplesmente pega o carro e vai. Ao contrário de mim que fico pior que uma mosca tonta sem saber colocar o nariz para fora de casa sem se perder.

Ainda me lembro da primeira vez que eu fui para o seu apartamento na Itália. Ela saiu para a aula e eu fiquei dentro de casa sem nada para fazer. Resolvi sair por contra própria e..... Bem eu reapareci no outro dia, depois de me perder e ter que ir dormir em um hotel e ligar para ela para saber como voltava para casa novamente.

Agora, das últimas vezes que eu fui, já sabia como me locomover melhor por lá, mas ainda levava em um papel escrito o endereço dela. Se acontecesse alguma merda, só entregar o papel para o taxista e chegar em casa sem danos nenhum.

Geralmente, as datas de férias dela, nunca coincidem com as minhas. Então aproveitávamos os finais de semana para viajar ou fazermos alguma coisa junto. E quando ela me levava ao aeroporto, no meu retorno, eu sempre ficava com a impressão que poderia ficar mais tempo com ela do que eu fiquei.

Agora a história vai ser diferente, porque quem faz os meus horários sou eu, e os plantões são à noite, vou ter os dias inteiros para ficar com a Luiza. Tanto que ela vai me mandar desgrudar dela, como sempre faz.

Continuo dirigindo e cantando quando eu vejo a ambulância parada na praça que serve de ponto de retorno quando eu vou correr. O carro continua a avançar, eu acompanho

com o olhar a cena do acidente e quando vejo a bicicleta retorcida no meio da rua eu paro. Escuto as buzinas e os xingamentos dos motoristas atrás de mim, mas não ligo, porque eu travei.

Meu corpo reconhece os sinais de pânico. E é exatamente o que eu começo a sentir, porque eu conheço aquela bicicleta estendida no chão. É a mesma que eu andei há alguns dias atrás.

Estaciono o carro de qualquer jeito e desço antes mesmo de me certificar de que poderia fazer aquilo. Empurro as pessoas que estão bisbilhotando ao redor e vejo a maca com a Carla em cima dela, desacordada.

– Luiz? – Me viro e vejo alguns conhecidos socorristas que trabalham na ambulância.

– Qual – minha voz falha e eu tento novamente. – Qual o estado dela?

Há princípios éticos que todos os médicos devem seguir. E para mim, um dos principais que sempre devem entrar em pauta, é nunca atender pacientes que conhecemos. Por motivos óbvios. A gente tranca e o nosso cérebro para de agir no automático e tranquilo para começar a ficar preocupado e inquieto.

Perdemos a voz da razão, e isso é um prejuízo para qualquer manobra que precisamos tomar em um momento de urgência, e isso pode acarretar alguma coisa para esse paciente-parente. No caso do meu pai foi assim, eu via o seu sofrimento antes de morrer, mas o meu lado filho não queria o colocar em coma.

– Estável. – A enfermeira fala quando se abaixa para ajudar a levantar a maca. – Estamos enviando para o hospital para ver os ferimentos. A princípio ela está desacordada, com um tornozelo torcido e algumas escoriações.

Demoro para assimilar tudo isso, minha capacidade de pensamento rápido foi afetada pelo fato da Carla estar desacordada e a maca toda suja de sangue.

– Vamos enviar para o teu hospital e estamos sem um enfermeiro. Quer ajudar no transporte?

Respondo com um aceno de cabeça e quando percebo, estou subindo a bordo da ambulância com a Carla. Coloco a mão no seu rosto desacordado. Merda, isso parece uma faca entrando no meu peito.

– Carla? – A chamo enquanto a enfermeira anota os seus sinais vitais.

– Conhece ela? – Me pergunta sem tirar os olhos da prancheta.

– Sim, é quase minha vizinha e amiga. Ela anda de bicicleta nessa região.

Vejo ela gemendo e tentando abrir os olhos.

– Hey, guria. – Abro um sorriso quando ela pisca algumas vezes e olha para mim. – Sabe onde estamos?

– O que aconteceu? – Sua voz fraca me faz quase chorar de emoção em saber que, aparentemente, ela está bem.

– Tu te apaixonou pelo asfalto e quis beijar ele na frente da praça toda.

– Eu sabia que ele não gostava de mim... – Vejo o seu sorriso fraco.

– O que aconteceu de verdade? – Sussurro para ela.

– Não sei. Quando vi, um carro apareceu na minha frente e eu não consegui desviar.

Ela revira os olhos e volta a desmaiar. A enfermeira começa a fazer alguns testes e me confirma que apenas é um reflexo da sua batida de cabeça no chão.

Levamos a Carla para uma sala de emergência do pronto socorro, assim que chegamos minutos depois. A enfermeiras fazem a triagem enquanto eu encaminho ela para o RX do seu tornozelo e uma tomografia da sua cabeça, por via das dúvidas. O horário do meu plantão ainda está longe, então eu acompanho os exames de perto, sem nunca sair do seu lado, já que ela está meio grogue.

Pego os exames e consigo respirar mais tranquilo em apenas ver a entorse no tornozelo. Vou até a sala de curativo, na qual ela está esperando para ser atendida.

– Boas notícias. Tu ganhou um tornozelo torcido e um galo na cabeça. Além de ter deixando dez por cento da tua pele no asfalto.

Vejo ela totalmente acordada, mas com os olhos em pânico e assustada olhando para mim.

– Está tudo bem, Carla? Está sentindo alguma coisa?

Me viro e pego a lanterna para testar a dilatação das suas pupilas para ver se apareceu algum dano. Coloco a luz nos seus olhos e vejo que está tudo normal.

– Eu não.... Não gosto de hospitais. – Respiro aliviado.

– Não é o melhor local do mundo, mas tem o seu charme. Vem aqui para eu te limpar esse machucado antes que infeccione e aí tu vai ver o que é bom para a tosse. – Pego um par de luvas e calço.

Com hesitação ela deixa eu me aproximar da sua coxa, onde o sangue já parou de sair, e está seco.

– Isso vai doer um pouco, Carla. E eu acho melhor tirar os teus shorts, já que ele rasgou todo enquanto tu te arrastava no asfalto.

Carla se contrai toda quando eu falo isso, e por conhecer essa reação me afasto.

– Hey, sou eu. Teu amigo, Luiz. Calma aí, Carla. Não vou fazer nada. Só quero ver o machucado e limpar para o curativo. Olha para mim.

Depois de alguns segundos, Carla volta a olhar na minha direção. Sorrio em sinal de amizade e volto a me aproximar.

– Tu confia em mim?

Por Carla

Luiz olha para mim tão profundamente que eu chego a me assustar, mais do que eu já estou.

Minha ficha caiu de onde eu estava, quando fiquei sozinha nessa sala. O cheiro de hospital ainda é o mesmo daquela minha última visita aqui. E eu não tenho nenhuma recordação agradável.

Me acidentei de bicicleta. Não sei como isso foi acontecer, quando dei por mim, estava voando por cima de um carro e acordei dentro da ambulância, com o Luiz tão em cima de mim

que pensei que ele estava me velando.

Vimos para o hospital, mas eu não lembro de o que ocorreu aqui. Só sei que o meu tornozelo está doendo, assim como as minhas costas e a minha coxa. Olho para ela e vejo o rasgo nos meus shorts de andar de bike e o machucado vermelho do sangue seco na superfície.

– Tu confia em mim?

Ele me pergunta vendo a minha hesitação perante a ideia de ficar sem roupa na sua frente.

– Se quiser eu chamo uma enfermeira para fazer isso, mas vai demorar porque elas estão atendendo outros casos. Eu estou aqui porque meu plantão não começou. Mas entendo se tu preferir uma mulher para te ajudar.

Ainda em silêncio eu fico observando ele e lembrando da última vez em que uma enfermeira tocou em mim, não foi nada agradável e digno. Lembro dela arrancando as minhas calças e calcinha juntas enquanto eu, assustada, gritava.

– Não. – Digo forte, até assustando o Luiz. – Eu não quero uma enfermeira.

Luiz volta a se aproximar de mim, lentamente. Suas mãos tocam o meu corpo e eu tremo por dentro. Pelo menos isso ele não observou, ou se fez isso, ignorou, para o meu alívio momentâneo.

– Acho mais fácil, cortar. Já que tu está com o tornozelo prejudicado.

Ele se volta para a bancada ao fundo com milhares de coisas e volta com uma tesoura. Com cuidado, ele corta o que sobrou dos meus shorts e me deixa só de calcinha e blusa na sua frente.

– Não sou muito delicado, ou faço curativos bonitinhos e altamente certinho como as gurias, mas o que vale é a intenção, não é?

Aceno com a cabeça atenta a todos os movimentos dele.

Grito de dor quando o soro entra em contato com a minha pele machucada.

– Desculpa. Preciso mesmo limpar isso aqui. Tem até um pedaço de chiclete da rua. – Ele faz uma cara de nojo, tudo para me acalmar, mas eu ainda continuo assustada.

– Alguém avisou os meus pais?

– Eu pedi para o atendente do plantão ligar para a delegacia e pedir o contato da casa de vocês. Eles já devem estar sabendo.

– Obrigada.

– Não há de quê. – Ele se volta para mim. – Agora vamos fechar isso e ver o de trás.

Com uma calma, Luiz coloca um remédio no meu ferimento da coxa e fecha ele.

– Vou precisar que tu tire a camiseta, ou pelo menos, a parte que foi atingida.

Levanto a blusa, mas não tiro totalmente. Luiz fica atrás de mim e passa a mão enluvada por perto do ferimento, me fazendo tremer com a dor.

– Esse aqui foi mais feio. Posso abrir o teu sutiã? A alça está bem em cima dele.
– Confirmo com um pequeno aceno de cabeça.

Sinto as suas mãos nas minhas costas e me esquivo quando ele abre o fecho. Seguro o meu corpo com a camiseta e o sutiã na parte da frente e deixo ele fazer o curativo enquanto falava besteiras, como ele sempre fala. Isso me acalma um pouco, e até rir consigo algumas vezes.

– Luiz? – Uma enfermeira chega na porta. – O Doutor do plantão quer falar contigo um pouco. Quer que eu termine?

Vejo ele largar as coisas, retirar as luvas e se virar para mim. Luiz se aproxima de mim e sussurra.

– Tenho que ir, se importa dela terminar? Eu confio no trabalho dela, é melhor que o meu, pode ter certeza. – Aceno que sim com a cabeça e ele sorri para mim.

Sua mão toca o meu rosto delicadamente e recebo um beijo na testa dele.

– Pode terminar aqui, por favor? Daqui a pouco eu volto.

Fico na sala com a enfermeira que começa a falar comigo sobre os meu ferimento e coisas do tipo. Ela volta a trabalhar em mim e muda de assunto completamente.

– Deu sorte de pegar o Luiz no meio do caminho. Ele não saiu do teu lado aqui. Um dos melhores médicos que eu trabalhei. Não deixa ninguém chamar ele de “doutor”, diz que todos aqui estamos no mesmo nível, e pega no trabalho páreo com a gente.

– Ele é meu amigo. – Digo.

– Um ótimo amigo.

Ela termina o meu curativo e sai, me deixando na sala novamente, deitada na maca.

Uma lágrima desce do meu olho, mas eu a enxugo antes que dê razão a outras para saírem. Agora não, em casa, deitada na minha cama eu choro tudo o que tenho que chorar...

Por mais que esteja tudo bem comigo, me fazer lembrar tudo o que passei aqui ainda me machuca. Principalmente que para cada lugar que eu me viro, hoje em dia, eu enxergo uma mulher grávida.

Lembro quando a Su engravidou e como isso me abalou. Eu era mais nova e não acostumada ainda com a condição que havia ficado. A via quase todos os dias e acompanhei o crescimento da Fofinha dentro dela. Todos os eventos que nós fazíamos junto, eu acabava o dia chorando no meu travesseiro, por saber que nunca iria sentir tudo aquilo que ela me contava.

Quando o Antônio nasceu, além do choque inicial, vi a Elis cuidando do filho sozinha com uma ponta de inveja, porque nunca teria um filho meu para chamar de Perereco.

Com o tempo, fui me acostumando a ter crianças, papos de mãe na minha volta e essas coisas. Amo aquelas crianças como se fossem meus sobrinhos, já perdi as contas de quantas vezes brinquei com os dois no salão na piscina de bolinhas ou na cama elástica.

Quando a Elis contou que estava grávida, de novo, foi como se eu tivesse levado uma facada no peito. Eu estava feliz por ela, e infeliz por mim. E no momento em que ficamos sabendo dos seus ameaços de aborto, eu sai do evento, me escondi no banheiro e chorei até conseguir me acalmar novamente.

Nenhuma mulher merece passar por isso.

Mas por mais que eu diga que está tudo bem com isso, eu percebo a mentira que conto para mim mesma.

Nunca estará tudo bem. Eu perdi a capacidade de gerar uma vida e sentir todos os sentimentos que eu vejo as pessoas falarem. De receber um pequeno milagre nos meus braços depois de nove meses sendo gerado dentro de mim. De cuidar de uma pessoa e dar o meu melhor para o mundo, uma criança. Ensinar uma vida a respeitar o mundo em que vivemos e todos a nossa volta. Ajudar em cada momento difícil, passar inúmeras noites em claro para zelar pelo sono perfeito para ele.

Ter a alegria de comemorar cada sorriso e feito alcançado. Dar beijos milagrosos que saram qualquer machucado e além disso, ter alguém para mim. Que quando eu precisar, estará lá com abraços e beijos de amor inquestionável e inabalável, que mesmo se eu falhar, estarão a minha disposição sempre que eu precisar.

Eu sei que há a opção de adoção. E pode ter certeza que eu acredito nisso com todas as minhas forças. Acompanhei de perto a adoção do Yago e a Sarah, mas o meu problema é mais profundo. Já que eu tive a experiência, nem que pouco tempo, de ter uma criança dentro de mim. Eu vi a sua forma entre os borrões da ecografia, ouvi seu coraçãozinho batendo acelerado e ritmado. Cheguei a ganhar algumas poucas peças de roupas e imaginei elas preenchidas em um futuro não tão distante que me aguardava. E isso foi tirado de mim com um pesar tão grande levando junto uma parte minha.

Ainda me pego pensando, nos dias que eu acompanho festas infantis ou tenho a presença constante de uma criança, como seria a minha vida se nada disso tivesse acontecido. Faço as contas mentalmente com quantos anos o meu filho, ou filha, estaria. Crio situações

imaginárias que passaríamos juntos, como aniversários, natais, dia das crianças e outras datas comemorativas. De quando ganhasse a sua primeira bicicleta e ensinaria ele, ou ela, a andar na calçada na frente de casa, do mesmo jeito que o meu pai me ensinou. Imagino o meu irmão sendo um dindo, um quase exemplo de pai e os meus pais sendo avós em tempo integral junto comigo. Fico pensando nas características que teria. Cor dos cabelos, dos olhos e personalidade.

Minha vida seria diferente. Acredito que ainda estaria trabalhando nos eventos, como hoje em dia, mas teria a certeza do mundo, que seria bem mais interessante e emocionante da que eu levo hoje.

– Voltei! – Luiz chega sorrindo e eu tento disfarçar o meu. – O que houve, Carla? Por que está chorando?

Oh merda! Porque ele foi falar isso? Agora que eu começo a chorar de verdade!

Em milésimos de segundo, Luiz chega ao meu lado na cama. Ele me ajuda a sentar e quando eu fico reta, eu estou em seus braços e soluçando.

– Foi um acidente, Carla. Poderia ter sido bem pior, mas não foi, graças aos céus. – Ele me abraça forte, mas evitando encostar onde estou machucada. – Sai do carro voando quando eu vi a tua bicicleta atirada na via.

Continuo abraçada nele enquanto eu controlo o meu choro.

– Fiquei quase em choque quando te vi na maca e o sangue ao teu lado. Pensei que... – sua voz falha. – Não quero nem imaginar no que eu pensei. Nada disso importa, o que interessa é que está tudo bem. Um pouco de ti ficou no meio da rua, mas vamos conviver bem sem aquele pedaço de Carla.

Luiz me solta e limpa as minhas lágrimas. Ah se ele soubesse que elas não são por causa desse acidente, e sim de uma coisa bem além disso. E que ao contrário do que ele disse, eu não vivo tão bem sem “aquele pedaço” de Carla.

Nunca contei isso que passei para ninguém, além dos meus pais e Diego, que cuidaram de mim no pós. Porém, se hoje eu fosse contar para alguém o que aconteceu comigo, eu escolheria o Luiz.

Capítulo 12

Sento no sofá da sala de reunião do Gê e olho no relógio. Quinze para as duas da tarde, e isso significa o que? Que eu estou podre de cansado, com fome, sujo e ainda tenho que esperar os meus irmãos.

Meu plantão foi péssimo. Não, não no sentido de perder pacientes ou alguma complicação. Bem pelo contrário, neste quesito foi perfeitamente bem. Me refiro ao meu estado para atender as pessoas com a minha cabeça focada no quarto de recuperação três.

Fiquei à noite toda indo lá a cada atendimento que eu fazia. No final, o seu pai já estava olhando estranho para mim. Mas eu não conseguia ficar afastado dela, queria estar ali do seu lado para o que ela precisasse.

Porquê desse desatino todo?

Nem eu sei...

Só sei que fiquei nervoso, abalado e preocupado ao extremo com a Carla, ainda mais depois que presenciei aquele ataque de choro incessante dela nos meus braços. Ela pensa que me engana, mas ninguém trapaceia com o velho Luiz aqui. Posso ser cego, míope a ponto dos meus óculos serem quase fundo de garrafa, porém as minhas lentes de contato estão ajustadas para o meu grau. E aquilo não foi choro sobre o acidente.

Tem outro fundo, e nem preciso dizer que estou com o meu lado curioso em cólicas profundas para saber o que tudo o que aquela mente brilhante esconde de mim.

Começando pelo pulo que ela deu quando eu me aproximei dela. Um receio deste para não ser tocada em um momento de insegurança tem mil e um motivos, e eu espero que pelo menos, uns novecentos e noventa e nove deles eu esteja redondamente enganado.

Seu pai chegou minutos depois dela ter parado de chorar. Realmente eu conhecia ele, o delegado Denski. Quando se trabalha atendendo pacientes de confronto com a polícia, começamos a conhecer quase todo mundo dessa área. Deixei os dois sozinhos por alguns instantes para assumir o plantão.

Não autorizei a ida da Carla para casa, até eu ter a plena consciência de que ela não teria nenhum sintoma tardio. Ela passou a noite aqui na emergência embaixo dos meus olhos, eu estava preocupado, então usei de todo o meu “poder plantonista” para apaziguar isso.

Eu poderia ter liberado ela depois dos curativos realizados. Era o procedimento correto a se fazer. Assim era a rotina do pronto socorro, paciente estabilizado e sem problema nenhum, tchau.

Pois é...

Estou cansado demais para gastar neurônios no que eu fiz isso. O fato é o seguinte, eu nunca fiquei tão nervoso como me vi na cena do seu acidente.

Eu não podia acreditar no que eu estava presenciando. Ela em cima da maca, o sangue ao redor e tudo o que isso poderia implicar. Não poderia ser verdade. Há poucas horas nós estávamos conversando por mensagens sobre coisas idiotas um com o outro.

Ela havia me dito que iria dar uma volta de bike, e ainda me convidou, mas como eu tinha

que vir à escola e depois para o plantão, recusei e fui dormir um pouco. Se eu estivesse junto, pode ser que nada daquilo tivesse acontecido. Ou provavelmente eu estaria preso por ter socado a cara da pessoa que fez aquilo e fugiu, como o seu pai me disse quando eu perguntei sobre o culpado do acidente.

Liberei ela no final do meu plantão. Assinei os papéis da alta, receitei analgésicos e tudo mais que ela precisaria para ficar confortável nos próximos dias. Até disse para o seu pai, que se ela precisasse de alguma coisa, era para não hesitar em me ligar para pedir o que é que fosse. Largaria tudo que estivesse fazendo para ir em seu socorro.

Sai do plantão e percebi uma coisa. Meu carro havia ficado no local do acidente, junto com o meu celular. Que maravilha.... Peguei um táxi e óbvio que não encontrei o meu carro onde eu havia estacionado, era um local proibido e provavelmente ele havia sido guinchado para algum pátio de depósito.

Percorri dois depósitos até encontrar o meu carro. Paguei a hospedagem e mais as taxas que me cobraram e sai de lá. Quando vi o meu celular, sem bateria, nem dei bola, mas em casa, quando eu coloquei ele para carregar e vi as milhões de mensagens do Gê e Beto, eu lembrei que havia esquecido por completo de passar aqui.

Resultado: pelo tamanho das mensagens a minha visita era de suma importância e por esse motivo deixei de, pelo menos, tomar um banho e tirar o cheiro de hospital que eu estou.

Preciso comer, nem a cantina eu consegui visitar essa noite. Quero a minha cama e o cheiro dos lençóis limpos que eu troquei depois que acordei ontem. Meu travesseiro, meu cobertor e...

– Acorda, Dindo! – Dou um pulo quando sinto o empurrão.

– Puta merda, Maurício, vai acordar a mãe desse jeito.

Ele ri e senta ao meu lado.

– Eu estava em outra dimensão já.

– Escutei os teus roncos quando passei aqui na frente para pegar a chave da minha sala. E ainda pensei, só pode ser o Dindo que está aqui.

– Para de dizer que eu ronco, é mentira.

– Não foi o que a Luiza me disse. E outra, o pai ronca igual. – Bufo.

– Blasfêmia.

– Ela me mandou o vídeo. Não tinha nada de blasfêmia nisso. Era bem real, por que ela narrou ainda.

– Eu ressono alto, ok? Quando tu chegar à essa idade vai ser a mesma coisa.

– Espero que não.

– E cadê o teu pai, estou morrendo de sono. Estava em plantão e só passei em casa para colocar o celular para carregar. Vi as milhares de mensagens e vim para cá. Esqueci de passar aqui ontem.

– O tio Beto está uma fera, parece que ele tinha “compromisso” ontem à noite e ficou aqui te esperando até o pai mandar ele embora.

Gemo.

É hoje o dia que eu escuto ele falar de boca cheia como eu sou irresponsável, sem compromisso com a escola e coisas do tipo.

Estou velho e cansado demais para escutar essas merdas do Beto hoje, espero que só veja o Gê, explique a situação de ontem, ele entender e aí eu ir para casa e mofar em cima da minha cama até amanhã de manhã. Simples, sem complicações e encheção de saco gratuita.

– E ele está aqui? Ou só o Gê.

– Vi os dois hoje pela manhã. Então...

– A probabilidade de ver os dois hoje são altíssimas. – Concluo a sua frase e gemo novamente.

– Sim. Mas vamos falar de coisas boas para ti, Dindo. A Luiza me mandou uma mensagem dizendo que está vindo para cá.

– Ela comprou ontem as passagens e... – Me viro para ele. – O que vocês dois tanto conversam por mensagens?

– Minha priminha do coração. Tenho um grupo com ela e a Júlia. Primos Lavorini, o nome. Se tu não fosse da outra facção até te colocaria nele.

– Sei... – Lanço o meu olhar de pai ciumento para cima do Maurício, mas ele ignora com maestria.

Ainda quero saber o que tanto esses dois conversam. Da onde que tiram tantos assuntos e coisas do tipo. Primos, uma coisa que sempre os pais têm que estar de olho.

Não observaram direito eu e a Joana, e o resultado veio nove meses depois...

A porta se abre e eu vejo os dois entrando e olhando para mim.

– Olha, olha quem apareceu. Antes tarde do que nunca, não é Luiz? – Beto fala irônico.

Evito de olhar para ele e me volto para o Gê.

– Eu tive um problema ontem à tarde, e fui direto para o plantão. Meu carro foi guinchado com o celular dentro para avisar e só vi quando cheguei em casa. Não tomei nem banho para vir para cá o mais rápido possível. E agora estou aqui.

– Tudo bem Luiz, não era tão importante assim. – Ele me dá um sorriso de quem entendeu a situação e vai para a sua mesa.

– Tu sempre tem algum problema, Luiz. – Beto continua a falar. – Sempre inventa alguma coisa para dar motivos aos teus esquecimentos.

Não respondo. Ligo um mantra na minha cabeça e deixo ele falar o quanto quiser.

– Queria ver o dia em que tu tivesse um pinga de responsabilidade nesta cara de mais de quarenta anos. Se tivesse avisado talvez ninguém teria perdido horas aqui te esperando.

– Eu já disse que tive um problema e o celular ficou dentro do carro. Desculpa, mas essas coisas acontecem. Sinto muito se estraguei a tua noite, a minha também não foi a das melhores e essa manhã e início de tarde também não estão sendo.

– E acima de tudo é debochado e insolente.

– Beto... – Gê fala, mas é ignorado com sucesso.

– Beto nada. Olha Gê, eu estou cansado de ficar escutando as merdas o Luiz desde sempre.

– Meu Deus, tu estás com a raiva reprimida desde que eu nasci? Qual é o teu problema, cara? Vai procurar um médico, um psiquiatra de preferência para te tratar e esquece da minha vida.

E com isso eu chego a levantar. Porra, passei a noite de cão, preocupado com o que poderia ter acontecido com a Carla. Trabalhei como um louco para dar o melhor de mim para cada paciente que precisava da minha ajuda e agora tenho que aguentar o Beto dando piti por causa disso? Ah, vai se foder!

– Se quiser te indico alguns.

– Luiz... – Gê me adverte.

– O quê? Estou falando sério..., mas porra! Trabalhei a noite toda, não tive tempo de chegar em casa para comer ou tomar um banho e vim direto para cá para escutar as merdas do Beto? Desculpa, mas se é para isso, eu perdi umas horas de sono à toa.

– Só estou falando a verdade, Luiz. – Beto se vira para mim e eu chego a respirar entredentes para não me avançar nele.

– A verdade é que tu deveria estar com algum encontro marcado para comer alguém e eu atrapalhei isso. Eu estava na porcaria do hospital cuidando de pessoas que precisavam de mim. Era isso que eu estava fazendo ontem à noite, Beto. E atrapalhei os grandes planos que tu tinha, que injustiça.

– Era exatamente isso que eu ia fazer, Luiz. Mas sabe o que é melhor disto tudo? Eu posso ligar para ela e remarcar de novo, e tu? Ainda batendo punheta para a morta da Joana?

E eu me avanço de soco na cara do meu irmão.

– Segura eles! – Ouço o Gê gritar quando o Beto me dá um soco no olho e eu parto para cima dele.

– Parem com isso! – Maurício me segura pela cintura enquanto eu me debato todo.

Nunca. Falem. Mal. Da. Joana. Na. Minha. Frente!

– Tira ele daqui!

Sou arrastada pelo Maurício ainda me debatendo até o banheiro. Ele me atira em cima do vaso e tranca a porta.

– Vocês dois estão loucos? – Maurício cochicha enquanto eu escoro a minha cabeça na parede. – Se atracarem de soco no meio da sala de reunião assim.

– Cala a boca, Maurício, e me deixa sair daqui, ou vai sobrar para ti também. – Bufo com o meu coração batendo a mil no meu peito.

Ele conseguiu. Me irritou até eu explodir por completo. Ele estava merecendo uma dessas para deixar de ser um filho da puta há muito tempo, desde que ele me acusou de ter um caso com

a Vivi, ex mulher dele.

Eu aguentei, relevei, entrei na brincadeira das provocações, mas quando ele ousou em falar o nome da Joana, ainda mais daquela forma, eu surtei por completo. Quero arrancar a cabeça dele e jogar dentro de um triturador para ver se montava de novo e ele visse as merdas que ele anda fazendo.

Ele diz que eu sou ou o louco, mas quem não deixou a esposa sair de casa para trabalhar e estudar foi ele. Quem só lembra da existência da filha nos momentos em que é necessário não sou eu. Eu apenas aconselhei para a Vivi ir seguir o seu sonho, estudar para ser uma baita de uma neurologista e não deixar que o fato de se esposa e mãe atrapalhasse isso. Se eles optaram pelo divórcio e a Vivi levando a Julia com ela, não é minha culpa.

E a insanidade de acusar que eu estava tendo um caso dela quando eu passei algumas semanas na casa delas, quando eu estava entrando em quase um quadro alcoólatra foi o prego que faltava para fechar o caixão.

Minha mão, e o meu rosto, começam a doer e eu me levanto para ver o estrago. Maurício cola na porta para me impedir de sair e eu me viro para o espelho.

– Vou pegar gelo. – Digo colocando água gelada da torneira na minha mão.

– Não. Tu só vai sair daqui quando o pai mandar.

– Eu não vou me atracar de soco no Beto de novo, só quero colocar gelo para não ficar roxo isso.

Ele nega com a cabeça e eu pego a porcaria de uma toalha para tentar amenizar o estrago. E não é que o desgraçado tem um belo soco de direita?

Maurício fica de olho arregalado para mim todo o tempo que ficamos dentro do banheiro à espera do Gê liberar a minha saída. Que esse tempo sirva de lição para ele perceber o que pode acontecer com ele se caso pensar em alguma coisa com a Luiza...

A porta se abre e eu me levanto rápido. Gê olha para mim e começa a falar.

– Se tu tentar avançar no teu irmão de novo eu deixo vocês dois se matarem aqui sozinhos.

– Foi ele que começou e... – ele me cala com um olhar. O mesmo que o meu pai dava para mim quando eu aprontava.

Gê faz um contato visual com o filho que sai do banheiro deixando nós dois sozinhos no banheiro.

– O que aconteceu aqui hoje foi inaceitável para dois homens da idade de vocês. Parecia que eu tinha voltado a uns vinte anos atrás para aguentar vocês dois se debicando pelos cantos. Eu sei que o que Beto pegou pesado na última frase dele, ele mesmo já se arrependeu de falar isso, e vai te pedir desculpas. Mas mesmo assim, Luiz, se agarrar de soco com ele?

– Eu já pedi desculpas por ontem. Eu estava vindo para cá quando vi uma amiga de bicicleta atropelada na praça perto de casa. Acompanhei ela até o hospital e emendei com o meu plantão. O carro ficou no local do acidente do jeito que eu deixei estacionado em local proibido e foi guinchado.

– Uma amiga, é?

Suspiro. Por favor, será que dá para me deixarem em paz hoje, ou está difícil?

– A Carla é funcionária dos eventos das esposas dos meus amigos, do Noah e AC, certo? Eu conheci ela por intermédios deles e viramos amigos. Fiquei perturbado quando vi a cena e tudo, tu sabe, mais que ninguém como essas coisas me abalam. Trabalhei a noite toda me dividindo entre ela e o resto do plantão. Foi estressante e cansativo.

– Tudo bem, Luiz. Eu já entendi o teu ponto aqui, e também entendi os do Beto. Tu sabe de tudo isso, não é?

– Sei, ele pensa que eu tive, ou tenho um caso com a Vivi, mas isso é mentira. Nunca encostaria um dedo tanto nela como na Lena, meu Deus, elas são minhas cunhadas. É tão difícil acreditar nisso?

– Não, realmente não é, mas tu sabe como o Beto é ressentido com tudo isso. Ainda mais que ele ligou para a Julia e convidou ela para passar uns dias com ele e ela disse que viria só para a tua casa. Ele ficou irritado com isso. Te põe no lugar dele, Luiz. E se a Luiza vir agora e só quiser ficar na casa dele?

– Não compara, Gê. Todo mundo sabe que ele e a Julia nunca foram exatamente o modelo de pai-filha que se espera. No momento em que a Vivi saiu de casa ele meio que abandonou as duas por conta própria. Nós tivemos que ajudar as duas.

– Ego ferido. Ele nunca pensou que a Vivi fosse sair mesmo de casa.

– E saiu. Com todo o direito que ela tinha, aliás, elas tinham. O que ele fez foi cafajestagem.

Meu irmão olha para mim e eu vejo que, mesmo por fora estando em cima do muro, no fundo ele compartilha o mesmo pensamento que eu.

– Te levanta daí e vem fazer uns pontos no teu irmão, tu arrebitou com o supercilio esquerdo dele e não quero ver mancha de sangue nessa sala.

Toma desgraçado. Mil a zero para mim depois dessa. O que é um olho roxo e uma mão doendo, quando o “inimigo” está sagrando para cacete depois de uma briga?

Capítulo 13

– Acorda, AC! – Digo quando vejo ele quase dormindo em cima do seu prato.

– Noite difícil, Cae? – Liv questiona.

– Desde que a Elis parou de trabalhar por completo e só fica em casa, ela tem trocado o dia pela noite, e quer que eu acompanhe o ritmo dela. Aí quer conversar comigo, ou então com o Otávio a noite toda. Ele pega livros para ler, canta música de criança e conversa..., meu Deus, ela conversa a noite toda sozinha. Ri, conta piada e ainda quer que eu participe ativamente às três da manhã dos papos entre mãe e filho.

– Viu, e tu reclama que só vomita, princesa. – André sorri para Olívia.

– Ai, não fala isso, André. – Liv faz uma cara estranha. – Senão eu vou correr para o banheiro e colocar esse almoço para fora.

E o papo de filhos pequenos e gestação continua por um bom tempo.

– E fora que eu cheguei à conclusão de que o Otávio vai ser dramático igual a Elis. Já começou a gestação com os ameaços de aborto, descolamento de placenta e afins, tudo para a atenção ser voltada para ele. E... Luiz, está aqui com nós ainda? E o que houve com o teu olho, andou apanhando de alguém?

– Fui pegar uma coisa na parte de cima do guarda-roupa e uma fivela de cinto caiu em cima de mim. – Dou os ombros e tomo um pouco do meu refrigerante.

– Fivela, sei. E ela está bem?

– Levou dois pontos, mas sobreviverá.

André e AC riem, e eu sinto um olhar penetrante da Olívia sobre mim. Ela é inteligente, e deve saber que, com toda a certeza do mundo, aconteceu alguma coisa entre eu e os meus irmãos.

Continuamos a almoçar até o horário de pausa do AC acabar. Dou uma carona para ele até a sua agência e sigo para o consultório onde eu tenho alguns pacientes agendados. Atendo até o final da tarde e dirijo para casa.

Subo as escadas para colocar uma bermuda e me atirar na piscina quando escuto o meu telefone tocando com alguma mensagem.

Luiza: Sério que tu deu um soco no tio Beto?

Envio uma foto para a minha filha do roxão no meu olho.

Luiz: E deixei uma cicatriz de dois pontos que eu mesmo tive que remendar.

Luiza: HAHHAHAHAHHA depois dessa até vou dormir mais relaxada por essas risadas extras. Só vocês mesmo, o Maurício me contou e eu não acreditei.

Luiz: Mauricio, sei....

Luiza: Deixa de ciúmes, tu sempre vai ser o meu favorito da parte masculina dos Lavorini.

Luiz: Ai de ti se não fosse.

Luiza: Beijos, meu véio. Te amo, boa noite <3

Luiz: Contando os dias, filha. Te amo.

Me atiro na piscina e nado até começar sentir meus músculos começarem a doer. A semana foi complicada, e domingo tenho plantão. Ainda estou pelos efeitos de tudo que eu vivi esses últimos dias, começando pelo acidente da Carla e acabando na porrada com o Beto.

O primeiro fato, eu ainda estou intrigado com a minha reação de como eu fiquei abalado com aquilo que vi. Me apeguei a guria de um jeito especial. Tenho meus amigos, mas com ela a coisa é diferente.

Queria ir mais a fundo para saber o que isso pode significar. Não que eu seja um velho tarado atrás de companhias de novinhas, longe disso.

Gosto de ser sozinho. Morar aqui sem dar explicação para ninguém do que eu faço ou deixo de fazer. De poder andar peladão pela casa sem problema nenhum ou dormir no sofá quando estou com preguiça de subir as escadas no meio da madrugada. Tenho até cobertor e travesseiro aqui dentro de um armário da sala para essa função.

Minha casa é gigante. Dois andares, três quartos e todos com suíte na parte de cima, na parte de baixo, duas salas, uma com a televisão e outra social com o piano no canto, e um escritório onde eu deixo os meus livros e afins. Sem contar a cozinha gigante que eu não uso nem a metade dela. Fora a casa auxiliar que temos com outra cozinha menor e fica as coisas da piscina, como cadeiras e afins. Realmente uma casa familiar e que só restou eu nela.

Já pensei em vender e me mudar para um lugar menor. Menos trabalho e mais aconchegante, mas do mesmo jeito que eu sou apegado à fazenda, posso dizer que também tenho muito o que lembrar em cada parede dessa casa. Começamos a construção, eu e a Joana, assim que nos casamos. Terminamos quase cinco anos depois, com a colocação da piscina gigante no pátio. Nem preciso comentar que usamos muito pouco, juntos, tudo isso.

Depois, eu e a Luiza usamos boa parte dela. E mesmo assim, já achávamos grande, quem dirá agora que eu moro sozinho aqui. Já pensei em adotar um gato, ou cachorro para me fazer companhia. Ou talvez não, eu sou um lobo solitário...

Porém, às vezes, bate uma depressão de ficar aqui sozinho olhando para as paredes. Ficar bebendo não me leva a lugar nenhum, e as saídas no bar, para beber e dispensar todas as pessoas que chegam até mim, também não ajudam neste quesito.

Sei que o sonho da Luiza é me ver com alguém. Ela deixa isso bem claro sempre que pode. Até me arranjou um encontro quando eu estava na sua casa da última vez. E eu fiquei completamente sem ação quando cheguei lá.

Quem me conhece sabe o jeito criação que eu sou. Tenho uma teoria própria para isso. Assumi responsabilidades com família, muito cedo. Eu era uma peste, aprontava todas, e de um dia para o outro, eu virei pai e marido. Isto atrapalhou o meu desenvolvimento e amadurecimento completo. Então virei uma mistura de ambos. Um pouco adulto com responsabilidades e a outra parte o adolescente que nunca cresceu.

Meu humor é ácido e peculiar. Às vezes nem os meus amigos, e eu mesmo, me aguentam por muito tempo. Eles mandam eu calar a boca com mais frequência que o habitual. E também,

eu já passei por tudo que eles estão passando.

Gestações, casamento recente, filhos pequenos e trabalho. Ok, essa última parte nem tanto, porque faz poucos anos que eu realmente assumi um trabalho e se quiser posso parar de trabalhar e ficar em casa sem fazer nada o dia todo. Não preciso disso para me sustentar, assim como quase todos necessitam.

Eu e o Noah temos a mesma ideia sobre o trabalho. Passar o tempo e se tornar, de alguma maneira, útil para alguma coisa. Ele com as crianças no orfanato e na escola como professor de inglês nos anos fundamentais, e eu, com médico voluntário no asilo e fazendo alguns plantões por semana.

Ser útil, fazer alguma coisa para não enlouquecer com pensamentos sobre o passado e sobre o que seria se nada tivesse acontecido. Tento evitar eles por quase doze anos, e a única maneira de conseguir burlar eles, é com trabalho.

Mas quando as noites sozinhas chegam, muitas vezes é difícil afastar elas dos pensamentos. Ainda mais quando eu sento ao piano e começo a tocar para as paredes.

Por Carla

– Pode ir mãe. Eu estou bem, já disse.

– Mas tu vai ficar sozinha em casa, teu pai está na delegacia.

– Eu tenho vinte e quatro anos, mãe. Sei me virar sozinha, e com esse tornozelo desse jeito, não consigo ir muito longe.

Escuto o seu suspiro pelo outro lado do telefone.

Mães, nunca deixam de ser uma. Até quando os filhos já estão bem crescidos...

– É só uma noite. Amanhã tu e o pai já vão estar aqui comigo. Te diverte com as tuas amigas que daqui a pouco eu já vou para cama.

– Certo. Nos vemos amanhã e qualquer coisa me liga, filha. Vou estar com o celular ao meu lado o tempo todo.

– Tchau mãe, te diverte e até amanhã.

– Chama a Carol ou alguma das tuas amigas para te fazerem companhia hoje. Tchau.

E com isso eu desligo o telefone, antes que ela pudesse esperar a minha resposta sobre convidar alguma amiga para passar a noite comigo. Já estou ligando para todas virem nesse momento...

Meu corpo todo dói. Como se eu não tivesse apenas caído no asfalto e sim um caminhão tivesse me atropelado com tudo. Meu tornozelo está uma bola de inchado, eu não consigo achar nenhuma posição para dormir e colocar roupa, ainda mais camisetas, está insuportável. Tive que optar por colocar uma parte de cima de biquíni como sutiã, pelo menos não tem alça para ficar castigando bem em cima do machucado.

A única coisa que me ajuda a dormir melhor, são os remédios fortes para a dor que o Luiz me receitou. Santos medicamentos...

Aliás, ainda não tive a oportunidade de agradecer a ele pelo apoio aquele dia. Depois do meu ataque de choro, vergonhoso, por assim dizer, não o vi sozinha. Meu pai chegou instantes depois que o meu desespero passou, e deixando assim tudo mais calmo.

Uma das primeiras perguntas dele, depois que o Luiz saiu da sala nos deixando sozinho, foi se tudo estava bem comigo. Eu sei que aquela pergunta não tinha nada a ver com o fato do acidente de mais cedo, e sim pelo jeito que me trataram no hospital.

Disse que todo foi tranquilo. Fui tratada da melhor forma possível, o Luiz pode ter alguns parafusos a menos, ser um brincalhão incurável, mas um perfeito cavalheiro quando se trata de mim. Em nenhum momento foi além do que devia ou malicioso comigo. Me tratou como uma paciente e, acredito, que mais cuidadoso do que eu imagino que ele atenda as outras pessoas.

Seu cuidado comigo foi além do que eu esperava. Ele disse ao meu pai que se sentiria mais seguro se eu passasse a noite em observação no pronto socorro com ele acompanhando o meu caso de perto. Tão de perto que a cada meia hora ele passava no quarto que eu estava para olhar como eu estava.

Sai de lá pouco antes da sete da manhã, hora que acabava o seu plantão. Cheguei em casa com a minha mãe em pânico e, ao mesmo tempo, aliviada por saber que eu estava bem.

Agora eu estou de molho em casa. Luiz fez questão de avisar a Su o meu estado e me deu quinze dias de atestado por telefone, e ainda disse que, se eu voltasse a trabalhar antes desse período era para ligarem para ele mesmo me buscar e me levar de volta para casa. E eu estou cumprindo isso com afinco, já que tenho a minha mãe para ficar me cuidando vinte e quatro horas por dia.

Por isso hoje eu obriguei ela a ir nessa festa do clube de mães daqui. E exigi que ela passasse a noite com as amigas dela, me deixando respirar um pouco sozinha dentro de casa.

Converso com o meu irmão, outro ser sufocante sobre o meu estado, o deixo a par de todas as minhas dores e mando as fotos dos meus machucados para ele. Começo a rir quando ele diz o que vai fazer com a pessoa que me atropelou com todas as armas que ele sabe usar com maestria. Ainda bem que a pessoa fugiu, senão estaria mais furada do que peneira. Coloco o meu celular em cima da minha barriga e volto a olhar o filme, que eu não sei nem sobre o que se trata.

Sinto ele vibrar em cima de mim e imagino que seja mais uma bobagem do Diego para mim, mas quando vejo o que é, chego a ficar acordada de novo. Uma mensagem do Luiz só com aquele emoji de olhos, observando a tela. Mando um igual e espero a resposta.

Luiz: Como está?

Carla: Dolorida, mas bem. O médico me deu alguns remédios fortes, esses dias vi um gnomo no meu quarto.

Luiz: Médico amador, se fosse dos bons seria um unicórnio vomitando arco-íris.

Carla: Bom saber, da próxima vez que eu o ver, vou reclamar.

Luiz: Se quiser reclamar agora, aposto que ele está com tempo de folga para escutar...

Carla: Sério? Vou ver na minha agenda se eu estou disponível nesse momento. Minha vida anda muito agitada nestes últimos dias.

Luiz: HAHAAHAHAHA imagino.

Carla: Só tem um problema, eu não consigo caminhar muito tempo. Deixa para quando eu melhorar...

Luiz: Ainda não comecei a beber (estou guardando para o jantar), quer que eu te busque aí?

Olho para o teto da sala e penso: uma noite com o Luiz me fazendo rir, ou em casa, mais uma vez sem nem colocar o nariz para fora de casa...

Carla: Estou te esperando.

,

– Hey, noventa por cento de Carla, já achou os outros dez por cento no asfalto?

– Ainda não, agora deve ter se multiplicado e formando uma irmã gêmea do mal. – Luiz me cumprimenta com um beijo no rosto. E eu noto uma coisa diferente nele. – E tu? Andou brigando na rua e apanhou?

– Quase. – Ele coloca o carro em movimento. – Digamos que eu sai ainda bem da briga. – Começo a rir. – Brincadeira, fui pegar uma coisa no meu guarda roupa, na parte de cima, e uma coisa caiu em cima de mim.

– Claro. – Finjo acreditar. – Com certeza...

– Estou falando sério. Tu sabe que eu já sou velho demais e a minha cegueira chegou a esse ponto.

– Não era surdez?

– Viu só, já cheguei a parte em que perco a memória. Qualquer dia coloco fogo na casa por esquecer o fogão ligado.

E só com esses poucos minutos juntos, eu já me sinto bem melhor do que estava.

Chegamos a sua casa e Luiz me manda sentar enquanto ele faz o jantar para nós. Fico sentada, de expectadora, vendo ele se virar na cozinha, com certa destreza e atrapalhão.

Conversamos, muito. Gosto como os assuntos com ele fluem de uma forma incrível. Sou uma pessoa muito chata e me canso rápido de certas coisas, mas com o Luiz, tudo muda de sentido. Consigo ser eu mesma, sem ser a Carla automática que eu me tornei depois que tudo aconteceu. Meu riso é genuíno de alegria, e não forçado como eu aprendi a fazer no trabalho.

Luiz é um caso à parte na humanidade, já me convenci disso. Ele não me assusta e nem me enoja quando me toca. Tive bastante tempo para refletir isso enquanto estava com a perna para cima em casa. Até escrevi no meu diário sobre esse assunto, e isso me atingiu como um carro (brincadeiras à parte...).

Sinto como se alguma coisa dentro de mim mudasse a cada vez que eu fico ao seu lado. Uma ponta de curiosidade, misturada com medo e ansiedade toma conta do meu corpo e eu não

sinto vontade nenhuma de recuar. Bem pelo contrário, chego a ficar um pouco fascinada pelo jeito que ele me olha, como seus cabelos são sempre uma bagunça, como se um pente não visse aquele caminho há um bom tempo, e mais ainda no seu sorriso, que não consegue ser pela metade.

Terminamos de jantar e eu me ofereço para lavar a louça e sou impedida de qualquer movimento que envolva ficar sentada. Só que a minha bunda já está doendo de ficar sentada e nem falo nada da inveja que sinto de ver ele caminhando de um lado para o outro na minha frente.

– Não aguento mais ficar sentada! – Me levanto e caminho, mancando, até a bancada ao seu lado. – Deixa eu fazer alguma coisa, já basta a minha mãe me deixando embaixo da asa dela o dia todo.

– E como ela deixou tu sair hoje? – Pego um pano de prato e começo a secar a louça.

– Ela não está em casa e o meu pai na delegacia.

– Então quer dizer que eu estou com uma fugitiva?

– Sim. Cuidado comigo, daqui a pouco a polícia e as forças armadas, a mando do meu irmão, irão bater aqui e enfiar bala em tudo que é canto.

– Ui. Que medo. Será que eles mandariam bala em um velho? Posso buscar a minha bengala, para dar mais veracidade ao fato.

– Não sei, acho que o Diego não pouparia ninguém...

– Ohh Deus, de uma briga eu me saio bem, mas com tiroteio? Nenhuma chance para o véio aqui.

Começo a rir e levo o Luiz na minha onda.

Terminamos o trabalho e ele se vira para mim bem sério.

– Quero ver os teus machucados. Posso?

Aceno e me viro para ele levantando a minha blusa, sem hesitar um segundo que fosse. Eu confio em ti, Luiz. Sei que não fará nada de mal, além de olhar o meu curativo e dizer como ele está.

Com cuidado ele remove a camada de gaze com remédio. Me arrepio com a ardência do seu contato e ele me acalma dizendo que não irá tocar.

– Está cicatrizando bem, daqui uns dias já vai criar aquela casca nojenta e deixar de ficar fechado assim.

– O médico já havia me dito isso.

– Bom saber que pelo menos de curativos ele entende. Posso ver o outro? – Ele olha para as minhas pernas.

– Sim.

Levanto a parte de baixo da minha saia deixando exposto o curativo que eu fiz, completamente sem jeito, para ele. Luiz se ajoelha na minha frente e abre o ferimento com uma

delicadeza extrema.

– Esse aqui eu já havia falado que era o “menos pior”. – Ele brinca e corre a mão pela minha perna em direção ao meu tornozelo. – Está inchado ainda. Colocando gelo?

– E sempre com ele para cima.

Luiz se levanta e fica com o corpo quase que colado com o meu. Fico prensada entre ele e as gaveta de talheres que eu estava guardando.

Meu corpo para com a aproximação, mas não de um jeito protetor e com medo. É uma sensação diferente dentro de mim. Fico hipnotizada com a cor azul acinzentada dos seus olhos. Minha boca fica seca em questões de segundos.

Suas mãos vão para a minha cintura e ele se aproxima mais de mim. Consigo sentir o seu cheiro e se me esforçar um pouco, até escuto as batidas do seu coração, acelerado assim como o meu.

Eu sei que ele vai me beijar. Meu corpo pressente isso, e por isso, eu coloco as minhas mãos ao redor da sua cintura. E quando a boca dele encosta na minha, eu não tenho nenhum motivo para impedir isso.

Capítulo 14

– Está fazendo o que aqui sentado no chão? – Liv me pergunta assim que me vê.

– Pensei que tu ainda não tinha chegado do orfanato e resolvi esperar. – Levanto do chão e entro no seu apartamento.

– Já faz um tempinho que cheguei. Estava no banheiro vomitando mesmo. – Dou um beijo no seu rosto e me atiro no sofá.

– Bibi dando trabalho?

– Sim. – Ela coloca a mão na barriga, que começa a aparecer. – Nem o remédio que o médico me deu adianta. Não vejo essa fase passar. O Leco entra em pânico quando eu começo a vomitar como a guria do exorcista, late na volta do André para que ele faça alguma coisa.

– Ele é um irmão prestativo. Falando nele, cadê o Leco e o André?

– Foram correr um pouco. E aí, o que te traz aqui numa tarde de sábado?

– Trouxe um presente para a minha afilhada. Estava no shopping e não resisti quando eu vi.

Entrego a sacola rosa para ela que se senta ao meu lado como uma criança recebendo o seu presente de natal.

– Ahh que lindo!

Olívia coloca no colo o *body* rosa com um ponto de exclamação amarelo e em volta escrito: Perigo! Dindo Ciumento.

– Que fofinho! Obrigada, dindo! – Ela me abraça.

– Comprei um para o Otávio também, Keep Calm and chama o Dindo!

– Eles vão ficar lindos vestidinhos assim!

Vejo o sorriso da Olívia e me contagio.

Geralmente ir ao shopping nos finais de semana não é o meu forte. Em todos os casos, a essa hora, eu estou recém acordado, e geralmente com uma filha da mãe de uma dor de cabeça de beber na noite passada. Mas como eu não bebi ontem, e nem consegui dormir direito, eu tive que sair de casa para fazer alguma coisa.

Eram sete horas e eu já estava correndo na rua. Tinha desistido de tentar dormir há muito. Na real, não sei se conseguir pregar os olhos por mais de meia hora. Estou agitado.

O motivo disso?

Simples.

Eu e a Carla nos beijamos ontem. E não foi só apenas uma vez, eu perdi as contas...

Foi um momento único. Quando eu coloquei os meus olhos nela, percebi que precisava fazer alguma coisa. Parei de pensar em tudo a nossa volta e me concentrei na sua boca.

E caramba.... Eu nem me lembrava como era se sentir tão bem, e vivo, assim com outra

pessoa.

Fui bem recebido, ou pelo menos assim eu acho, porque em nenhum momento eu fui negado, afastado, levei um tapa na cara, ou um “joelho” no meio das pernas. E eu sei que a Carla poderia fazer qualquer uma dessas coisas para me afastar, já presenciei ela batendo na cara de um homem.

Perdi a noção do tempo de quanto tempo ficamos ali, encostados na minha gaveta de talheres, perdidos um no outro. O mundo parou, a paz mundial reinou e a cura de todos os maus foram resolvidas enquanto estávamos nos beijando.

E continuamos, por um tempo, mais uma vez e novamente dentro do carro quando eu fui a levar para casa.

Porém, eu só fui me dar conta das proporções de tudo isso quando estava em casa. Eu havia beijado uma guria que tem idade para ser a minha filha, aliás, ela e a Luiza têm dois anos de diferença. Parabéns, Luiz, agora tu é um velho tarado por novinhas.

E diante dessa concepção, veio a contraproposta...

Em todo esse tempo em que eu andei com a Carla, em nenhum momento parecia que eu estava diante de uma guria de vinte e quatro anos. Não sei se é ela que tem uma idade mental acima da sua cronológica, ou eu que tenho uma idade mental retardatária.

E também não vou perguntar isso para ninguém, por que é capaz da pessoa dizer que a criança sou eu e não ela, e na melhor das hipóteses, dizer que ambos temos idades mentais diferente das físicas. E se esse for o fato, o meu dano é maior.

Mas enfim, voltando a analisar os meus motivos que me levaram a fazer isso...

Quando eu estou com ela, posso ser um Luiz que poucas pessoas conhecem e convivem. Eu mesmo, puro e concentrado em uma solução altamente saturada.

E o que eu gosto, nisto tudo, é que ela entra na minha onda como ninguém. Suas piadas são parecidas com as minhas e é como se eu tivesse uma alma gêmea do sexo feminino, e isso me conquista de uma forma esplêndida.

Me encanta, me atrai, me causa curiosidade para expor meus outros lados e ser compreendido e, além de tudo, ela corresponde com maestria cada uma delas do jeito que eu aprovo sem pensar duas vezes.

E abro um parêntese, altamente particular, mas que merece ser compartilhado. Ela é linda. E por mais que eu seja um cara respeitador, e míope, não sou completamente cego. E que atire a primeira pedra o homem que nunca olhou, descaradamente e ao mesmo tempo, discretamente para o corpo de uma mulher.

É genético e está escrito nos nossos genes. Fazíamos isso há milhares de anos, e vamos fazer isso daqui há bilhões de anos para a frente. É instinto. Assim como as mulheres sempre olham para os homens, nós homens sempre achamos uma oportunidade para dar aquela checada básica na pessoa que estamos juntos.

Aprendi que “jogo é jogo, treino é treino”, já que a minha profissão lida com isso diretamente. Além de que, vejo pessoas em posições e situações constrangedoras quase o tempo

todo nos plantões, e aprendi a controlar isso. Mas por mais que a gente conviva com exposição de corpos a sua frente, nós sempre vamos olhar para as outras pessoas.

Por exemplo: se me perguntarem qual era a cor da calcinha e do sutiã da Carla no dia do seu acidente, eu não me lembro, e ontem, enquanto eu via os seus curativos, também não me chamaram a atenção.

Claro que falando isso, parece que eu dou mais razão ao título de velho tarado, mas acredite em mim, não há idade para fazer tais coisas.

Porém o fato de eu ter rompido a fase de “só uma olhada para conferir” para o que fizemos ontem, me fez pensar em muitas coisas ao mesmo tempo.

E agora, o que vai ser de nós? Será que isso atrapalhará a nossa amizade? Não queria que isso acontecesse, gosto de estar ao lado dela, seja bebendo no bar ou na minha casa conversando. Sei que tenho a amizade dos guris, mas encontrei na Carla uma coisa única.

E se ela se afastar de mim, por causa disso? Sei que fomos pegos no impulso. Mas se ela não quisesse me beijar, teria me afastado.

E se tudo se encaixar? Nossa diferença de idade não iria atrapalhar o andamento das coisas?

São tantos “e se....” que eu chego a ficar tonto com as possibilidades.

E a única coisa que eu tenho certeza, neste momento, e desde quando eu tomei a iniciativa de beijá-la, é que eu gostaria de tentar um algo a mais, para ver no que dá.

– Está tudo bem? – Liv me pergunta.

– Sim.... Não.... Não sei.

Ela faz uma careta estranha para mim. É eu sei, nem eu me entendo neste momento.

– Quer conversar sobre isso?

– Não sei.

– Tu sempre me escuta, e faz falar quando eu estou assim, às vezes é bom retribuir. Pelo menos não faz eu me sentir sempre a maluca da história toda.

Rio.

– Sério, Luiz. Semana passada tu me escutou durante mais de uma hora falando sobre as minhas paranoias com a minha depressão e esta gravidez. Eu sei que tu deve achar isso um porre de tão chato.

– Não acho, Liv. Senão não teria escolhido essa profissão. Ou tu acha que eu não pego alguns desses casos onde as pessoas só vem até mim para contar seus traumas e coisas do tipo.

– Eu entendo, mas também te conheço e sei que a tua área não são os problemas psicológicos das pessoas, e sim os neurológicos.

Confirmo com a cabeça.

– Desembucha, Luiz. Ou melhor, vai juntando as ideias na cabeça enquanto eu faço um chá e tento comer algumas bolachas salgadas, é a única coisa que a Bibi tem aceitado.

– Certo, eu também faço companhia nas bolachas e no chá.

Vamos para a cozinha e depois que fizemos o chá eu conto para a Liv a história toda.

– Então quer dizer que tu te agarrou com uma guria de vinte e quatro anos na tua casa? – Ela chega a engasgar quando fala isso.

– Nos agarramos não, nos beijamos. – Reviro os olhos.

– Que seja. Isto é....

– Nojento? Um velho com uma guria mais nova e que tem uma filha quase da idade dela.

– Não, eu ia dizer fantástico. E tu está sendo preconceituoso contigo mesmo.

– Não é preconceito, é um fato.

– Um fato, claro. Mas não deve ser colocado acima de todos os outros. Eu não conheço tanto a Carla, como as gurias, mas elas me falam super bem dela. E acho que se ela não quisesse ter te dado um beijo, teria te empurrado.

– Foram vários. – A corrijo.

– Então. – Liv chega a ter os olhos brilhantes. – Isto é um fato mais incontestável que a idade de vocês. E outra, tu não é tão velho assim. Sabia que o André tinha ciúmes de ti? Ele achava que a gente tinha um caso.

– Sério? Por que ele achava isso?

– Pelas nossas histórias parecidas e de como sempre estávamos juntos.

Agora quem se engasga com o chá sou eu. Começo a rir da tese do André. O emo enciumando comigo.

Sempre vi a Liv como mais que uma amiga. Quase uma filha adotiva. Nossas histórias, em certos pontos se cruzam, e nos compreendemos em muitas situações que vivemos.

– Aí eu disse que já tinha te visto pelado e que nunca tinha acontecido nada entre nós.

– Quando tu me viu pelado?

– Em alguma das sessões da tua tatuagem. Quando estávamos trabalhando na parte perto da tua virilha. Digamos que tu não parava quieto para o cara trabalhar e....

Ela dá os ombros e se esconde atrás da sua xícara de chá. Não disse, todo mundo dá a checada básica....

– E agora? Como vai ser entre vocês? Chegaram a falar nisso?

– Não. – Pego mais uma bolacha salgada e sem gosto nenhum.

– Hmmm....

– Dois....

Liv ri da minha besteira.

– Estou falando sério. O que tu quer?

– Tu sabe que eu não faço nada sem que eu queira, não é? Mas o problema não sou eu

nessa história.

– Então o “x” da questão é ela....

– Exatamente. Vá que ela só tinha o fetiche de beijar um cara mais velho e agora que experimentou desistiu?

– Ou então gostou e quis mais algumas doses...

Liv pisca para mim.

– E eu, se te conheço bem, – ela volta a falar – deve ter pensado “naquilo”, não é?

Coloco a minha xícara em cima da mesa e me escoro na cadeira.

– Um pouco.

– Sei como é. No início, logo quando eu comecei a ficar com o André, eu ficava em casa pensando no Jaime.

– De estar colocando alguém no lugar dele? – Ela me confirma. – Nós dois temos uma carga, Liv. Eu mais ainda por causa da Luiza. E a pessoa que estará com a gente, tem que ser consciente de toda a nossa bagagem. O André é surpreendente neste quesito. Ele te ama mesmo sabendo que tu tem um passado e aceitou isso de uma forma incrível. E fora o fato que tu deixou ele na geladeira por um bom tempo, pensava que o coitado era gay e tudo. Ele até colocou um piercing no “amigo” dele para provar que é macho.

Olívia volta a gargalhar.

– Eu já pedi desculpas inúmeras vezes por causa disso.

– Acredito, mas nunca vou deixar de zoar da cara dele. Mas voltando ao assunto, sim Liv. Eu pensei em tudo isso. Sou uma carga ambulante. Tenho quarenta e dois anos, uma vida vivida. Tenho minhas manias, predileções e tudo mais. A Carla tem vinte e quatro e uma vida inteira pela frente. Duvido muito que ela queira amarrar o bode dela por esses tocos alheios.

– Só tem um jeito de saber, não é? E eu particularmente, acharia a Carla uma louca se não amarrasse o bode dela.

.

Luiz: Oi. Tudo bem? Está colocando gelo no tornozelo como eu receitei? E com ele para cima? Ontem tu ficou um bom tempo com ele para baixo, então por favor, siga as orientações médicas. O cara é fodão e sabe dos assuntos, ok?

Hahahahah

Brincadeiras à parte, Carla. Sei que o que quero falar/escrever, não deveria ser dito pelo celular em forma de inbox no facebook, porém essa é a minha única opção, já que não tenho o número do teu telefone e nem poderia ir à tua casa sem soar muito estranho. Poderia ligar para a Su ou a Elis e pedir o teu número, mas achei isso muito invasivo da minha parte, então estou pedindo agora, tens como me passa o teu celular? (Enviado às 18:37)

.

Luiz: Ok, vou ser chato, já que sutileza nunca foi o meu forte e nem a paciência um dom que herdei. Dizem que é coisa de família, ainda quero fazer um estudo genético para saber se é verdade, mas enfim...

Não sei se tu recebeu a minha mensagem, espero que não tenha e por isso não esteja me ignorando. Mas se for isso, por favor, Carla, vamos conversar e resolver isso como pessoas adultas. Posso ter a idade mental de uma criança de doze anos, mas sei reconhecer meus atos e arcar com as consequências de cada um deles. Aprendi isso com o meu pai, e levo sempre comigo essa lição.

Como eu disse, não queria tratar isso pelo facebook, mas já que é a única fonte que eu tenho, lá vai:

Primeiramente, nos beijamos. E cá entre nós, eu gostei muito. Acredito que eu me sai muito melhor voltando a beijar do que andando de bicicleta. Pelo menos eu não cai no chão e nem fiquei com a minha bunda doendo pelo fato do teu banco ser horrível de duro. Hahahahaha

Segundo, eu gosto de ti. Muito, diga-se de passagem. Talvez seja a nossa afinidade de pensamento que elevem esse meu status contigo. Ninguém compreende o meu humor e entra na onda dele tão bem como tu Carla, e isso me encantou. E se tu acha que te beijar tenha sido um erro e impeça a nossa amizade, eu peço perdão pelo que fiz. Tua amizade é importante para mim.

Posso ter tido apenas um lapso de sanidade mental, mas também, me conheço a ponto de saber o que eu quero da minha vida. Se fiz o que fiz, é porque achei que vale a pena, e acredite em mim, tu vale a pena.

Não quero contar vantagem (e nem fazer o papel de dramático, deixo isso para a Elis), mas já fazia um bom tempo que eu não beijava alguém como ontem à noite. Tu foi a primeira (e admito que única) mulher que me chamou a atenção em anos. (Enviada às 19:03)

.

Luiz: Eu li o que escrevi, por favor ignore tudo. Tentei parecer sutil, mas foi pior que um elefante andando de patins dentro de uma loja de cristais. E olha que eu nem comecei a beber ainda! Imagina se eu fizer isso!!!!!! Se eu mandar mais alguma mensagem depois dessa é porque eu estou bêbado, então ignore mesmo, ok? Vou ali me matar dentro do fogão aqui com o gás. (Enviada às 19:15)

Carla: escrevendo....

Capítulo 15

Por Carla

– Filha? Acorda?

– Ah? Que foi, pai? – Abro um olho pela metade e, nebulosamente, vejo o meu pai da porta.

– Eu e a tua mãe vamos ao mercado, quer alguma coisa de lá?

– Um modem novo será bem-vindo.

– É o item principal da lista. Qualquer coisa, liga.

– Ok. – Ouço a porta fechar e me enterro de novo no travesseiro.

Do meu quarto, escuto o barulho da porta do carro do pai e o portão se abrindo. Eles saem e o silêncio volta a reinar na casa. Estico a mão, ignorando a ardência do meu ombro do machucado e olho as horas no celular.

Quase sete horas da noite. Que maravilha, dormi desde as três da tarde...

Milhares de coisas para resolver no celular e o modem resolve queimar, levando com ele toda a internet aqui de casa. E para variar, eu estou sem um centavo de saldo, nem para colocar aqueles pacotes péssimos de internet 3G para dar conta de resolver as coisas mais simples.

Levanto da cama, ainda mancando um pouco e desço as escadas lentamente me agarrando no corrimão. Tudo o que eu preciso nesse momento é cair da escada como uma abóbora e quebrar o pescoço.

Vou para o sofá, ligo a TV em algum canal aleatório e fico pensando em nada por alguns momentos. Meus pensamentos voltam à noite passada e quando o Luiz me beijou. Um sorriso se forma no meu rosto com as lembranças do corpo dele colado com o meu.

Eu sabia que ele iria me beijar, mas não imaginava que ia me levar na onda tão bem. Nem eu mesma me reconheci quando estava participando ativamente do beijo e sem nenhuma vergonha.

Desde que eu acabei o meu “namoro”, eu tinha tentado algumas poucas vezes me relacionar com alguns caras legais, mas o encanto acabava quando nos beijávamos pela primeira vez. Eles se transformavam em pessoas completamente diferentes e só queriam saber de pular essa parte e ir direto aos “finalmentes” comigo. E aí eu pulava fora da barca e deixava eles na mão, literalmente.

Mas ontem a história foi diferente. Ele não me forçou a barra entre nós e nem insinuou nada além de beijos. Gostei disso. O fato dele não ser um homem que só pensa com a cabeça de baixo me animou.

Eu sei que todo o homem pensa nisso o tempo todo, mas eu sou uma pessoa diferente. Passei por uma violação no meu corpo, que também pode ser considerada uma agressão, já que pela falta de delicadeza de um médico, eu perdi o meu útero. Por isso tenho esse pânico de

pessoas me tocando, ainda mais as que não conheço.

Mas com o Luiz, desde a primeira vez, notei que não tenho esse asco. Ele me passa um ar de confiança e tranquilidade que eu nunca tinha experimentando com outras pessoas. Isso me deixa à vontade quando estamos juntos.

Posso ser eu mesma, sem me preocupar em que as pessoas estão fazendo ao meu redor. Consigo relaxar e aproveitar a companhia dele sem estar com a minha mente a milhão por hora pensando em todas as oportunidades que eu tenho que me esquivar para que a pessoa não invada o meu espaço pessoal.

Ontem o que eu tive, foi a experiência mais emocionante que eu vivi nos últimos tempos. Ficar com alguém que me trazia todos esses sentimentos e ainda consegui me sentir uma pessoa querida e adorada. Com todas as pessoas que eu estive desde então, eu só me considerada usada e enojada de mim mesma.

Cheguei, até ontem à noite, desistir de tentar procurar alguém que me fizesse parar de sentir esse sentimento de ser usada para o seu próprio prazer. Porém agora tenho uma chama de esperança dentro de mim acendendo outra vez.

Canso de ficar olhando para a TV, com os seus programas patéticos, e resolvo dar uma volta na rua. Já que a minha bike está em um lixo de sucatas e andar de moto com o pé desse jeito é arriscado demais. Chega de acidentes sobre duas rodas.

Pego os meus fones de ouvido, ligo as músicas no celular e coloco ele dentro do bolso da saia que estou usando. Caminho, sem rumo por alguns minutos até sentir o meu celular tocando desesperadamente no meu bolso.

Cato ele e vejo as milhares de notificações chegando ao mesmo tempo. O sinal do WiFi funcionando e eu me pergunto: que sinal divino é esse?

Minha resposta é dada quando eu olho em frente de qual casa que eu estou. Claro que é a do Luiz. Meu celular conectou o WiFi automaticamente e agora eu vou ficar aqui escorada um pouco para ver quais assuntos mais urgentes eu posso responder aqui na frente enquanto roubo, descaradamente, a sua internet sem fio.

O celular tranca, o tempo passa, e quando eu consigo voltar fazer ele funcionar, a primeira coisa que eu vejo são as mensagens dele para mim. Leio com aquele sorriso no rosto de volta.

Coitado! Está desesperado a minha procura e eu sem internet para responder. Pensei que, no mínimo, ele viria atrás de mim, ou eu atrás dele, depois de um dia, um dia e meio no máximo. Mas parece que alguém é bem ansioso nessa história.

Carla: *Estou sem internet em casa, sorry por não responder na hora.*

Luiz: *E como está respondendo agora?*

Carla: *Pq estou roubando o teu sinal de WiFi aqui da frente.*

Começo a contar mentalmente, e no treze eu vejo o portão eletrônico da frente abrindo.

– O que tu está fazendo aqui? – Luiz de bermuda e sem camiseta me recepciona.

– Fui dar uma caminhada, não aguentava mais ficar em casa olhando para as paredes. – E pensando em ti, completo mentalmente.

Ele se escora no portão, cruza os braços sobre o peito e corre os olhos por toda a extensão do meu corpo. Sabe a sensação de nojo quando alguém faz isso? Pois é, mais uma vez ela não veio.

– E esse tornozelo aí? Daqui estou vendo o inchaço dele. – Reviro os olhos.

– Já basta a minha mãe me falando isso. Se quiser posso ir para casa...

– Não. – Ele sai da sua posição de estátua e dá faz sinal para que eu entre. – E caminhar tudo isso de volta? Nem pensar.

Passo por ele que pega a minha mão. Ficamos nos encarando por alguns segundos, como se não soubéssemos como agiríamos daqui para a frente. Encaro aqueles olhos azuis acinzentados que estão focados na minha boca. Parece que eu não sou a única pessoa que perdeu boa parte da noite, e do dia, pensando naqueles beijos que trocamos ontem.

Dou mais um passo em sua direção e vejo quando ele chega a engolir à seco com a minha aproximação. Coloco a minha outra mão, no seu pescoço e deixo os meus dedos entranhados naqueles cabelos que não veem um pente desde ontem de manhã, e colo a minha boca na dele.

Pelo jeito que ele reage, com certeza não estava esperando esse meu ataque inesperado, mas eu precisava sentir de novo aquelas coisas de ontem à noite para saber se não era um sonho, ou apenas ilusão da minha cabeça.

Luiz se recompõem e começa a me beijar de volta, e sim! Nada do que eu senti ontem foi coisa da minha cabeça.... Tudo é real entre nós.

– Nós precisamos conversar. – Ele diz baixinho enquanto distribui alguns beijos pelo meu pescoço.

Minhas mãos exploram as suas costas e a sua tatuagem de dragão no seu lado esquerdo do corpo. Respondo com um sim, quase inaudível, e isso faz ele se afastar de mim, mas não muito.

– Vamos entrar e fechar esse portão, antes que alguém veja isso e coloque naqueles sites de vídeos. Velho tarado agarra novinha manca. Vai bater recordes de visualizações.

– Não estou preparada para ser uma subcelebridade assim. – Rio e o Luiz fecha o seu portão.

Entramos dentro da sua casa e vamos para a sala, onde a TV está ligada.

– Estava olhando um filme, mas quem eu gostava já morreu. Então não tem mais graça. – Ele desliga a TV e se vira para mim sorrindo.

– Li as tuas mensagens.

– Acredita que o celular estava no bolso, sentei em cima dele e escrevi aquilo sozinho?

– Tu tem uma bunda muito dotada das palavras. – Luiz se vira e tenta olhar a própria bunda.

– Sério? Pensei que a única utilidade dela era parar o trânsito enquanto eu corria.

– Tem essa opção também? Se eu soubesse teria usado ela de semáforo com o carro de que atropelou.

– Deixa de ser boba, guria. Tu queria beijar o asfalto que todo mundo sabe.

Começo a rir, e o Luiz sorri daquele jeito que cobre todo o seu rosto.

– Brincadeiras à parte, sim, eu escrevi aquilo mesmo. Queria ter sido mais sutil, mas não consegui. Parece que esse não é o meu forte. – Ele faz uma cara de culpado.

– Eu gostei. – Digo e isso chama a sua atenção. – Gostei do que li, de saber que eu valho a pena e que fui a única mulher que te chamou a atenção.

– É verdade. As duas coisas. E tudo aquilo mais que escrevi. Eu não queria te assustar com tudo isso, mas eu não consigo. Tem alguma coisa em ti que me chama a atenção.

– Sei como é isso. – Falo e sou recompensada com um olhar fixo nos meus. – Temos muitas afinidades.

– Sim. Isso me fascina, sabe? Muitas pessoas acham o meu jeito de ser estranho, mas tu não.

– Gosto do teu jeito de ser. Por que a pessoas acham isso?

– Sei lá. – Ele dá os ombros. – Para mim só faço o que acho certo. Não devo nada para ninguém.

– Exatamente. E é isso que me chamou a atenção. Quando eu estou contigo, sinto que posso ser eu mesma. Não preciso me esconder atrás de um sorriso falso ou palavras não ditas para não ser interpretada errada.

– E por que se esconder atrás de sorrisos falsos, Carla? O primeiro que tu me deu foi assim, e sabe o que eu pensei? O que será que essa pequena foguete esconde por trás desse olhar? E quando te vi dançando aquela vez, queria descobrir o que te levava a ficar solta lá e retraída em outros lugares.

Luiz caminha em minha direção ainda com o olhar fixo em mim.

– Gosto mais da Carla que fica comigo. Que entra na minha onda de maluco e entende os meus papos melhor que eu. Brinca, bebe, dança comigo e me faz sentir vivo outra vez. – Sua mão toca o meu rosto.

– Eu também gosto dessa Carla. – Sussurro.

– Vamos gostar dela juntos. – Ele volta a me beijar e eu sinto uma explosão dentro de mim. E acredito que vai ser impossível de juntar os meus pedaços por aí espalhados.

Por Luiz

– Ainda não terminamos de conversar. – Digo quando consigo me desgrudar dela.

Carla fecha os olhos e encosta a testa dela na minha enquanto controla a sua respiração.

– Eu percebi. – Ela ri e me abraça. Beijo os seus cabelos e a puxo para o sofá.

Ficamos sentados, um ao lado do outro observando os dois. Um misto de orgulho sobe ao meu peito ao ver os lábios vermelhos dela e um pouco do rosto, já que eu não vejo uma lâmina na cara há uns bons dias.

Já estava entrando em um pequeno estado de pânico por não ter tido nenhuma resposta dela no meu facebook. Estava pronto para começar a lavar e polir o meu carro para ver se o tempo passava mais rápido, mas sabia que o risco de eu ficar parando de lavar a cada dois minutos para ver o meu telefone era um risco a ser corrido.

Quando ele tocou, quase que eu joguei ele para cima, de tão nervoso que fiquei. Não consegui desbloquear a tela de primeira, e nem de segunda. E senti um alívio em saber que eu não estava sendo ignorado.

Assim que coloquei os meus olhos nela, diante do meu portão, quase desmaiei de felicidade. Não imaginaria que ela viria para mim tão rápido assim. Na verdade, àquela altura do campeonato, pensei que ela já tinha de bloqueado e quando me visse na rua, se jogaria no asfalto novamente.

Mas não. Ela está aqui, vermelha dos meus beijos e olhando fixamente para mim.

– Pensei que tu fosse me ignorar.

– Por que eu faria isso? – Uma ruga de preocupação aparece entre os seus olhos.

– Sei lá. Vai ver que tu estava com pena de mim e foi fazer um ato de caridade alheia. – Dou os ombros.

– Capaz! Eu faço isso com as pessoas que não tem dentes e afins. Esses sim precisam de atenção e essas coisas. – Ela fala tão séria, que se não conhecesse a figura, diria que é verdade.

– Olha aí! Eu disse! Para a tua informação, os meus dois dentes da frente são implantados. E não é mentira, tenho um raio-x comprovando isso.

– Sério? – Vejo ela observar os meus dentes.

– Sim, bati o rosto no volante durante o acidente e eles tiveram perda de raiz. Levou uns cinco anos, mas chegou em um ponto que eu tive que fazer os implantes. Fiquei desdentado na frente por um dia, queria matar a Luiza rindo de mim por isso.

– Não parece. São bem naturais.

– Pelo preço que eu paguei, eles têm que ser mais naturais que os meus verdadeiros. E fora que eu sofri bastante.

Vejo o olhar da Carla vacilar e decido, de uma vez por toda, tocar no assunto.

– Nesse quesito também, Carla. – Ela volta olhar para mim. – No meu acidente, o carro bateu no que vinha contramão e foi arremessado por uma árvore do meu lado. O vidro e os pedaços da porta fincaram no meu corpo, por isso que tenho a tatuagem desse lado. A Liv fez um desenho como se as minhas cicatrizes ficassem escondidas em baixo dela.

O seu olhar cai para o meu dragão por alguns instantes e retornam para mim.

– Para onde estamos indo, a partir de agora, – continuo a falar – eu preciso que tu sabia que eu tenho uma história de vida. Ela não é pequena e nem bonita, em certos pontos. Sou o reflexo do que eu passei. E como eu te disse, tu foi a única mulher que me encantou desde a Joana.

– Por que?

– Não sei e nem quero pensar nisso, mas posso te dizer que todas as que eu convivi e

quiseram alguma coisa comigo, não estava ali por minha causa. E por mais machista e estereotipado que possa parecer, todas elas só queriam o meu dinheiro. Então eu entrei em um estado celibatário. Até ontem à noite. Confesso que não pensei antes de agir em todos os momentos, mas eu vi em ti, como eu já disse, e volto a repetir, uma coisa que não encontrei em mais ninguém. Tu é única, Carla. E preciso que tu entenda esse meu passado.

– Eu sei de tudo isso, posso ser “nova”, mas não sou burra.

– Não estou te chamando de burra, longe disso, e bem pelo contrário. Tu é uma mulher inteligentíssima. – Ela sorri para mim. – Isso encanta, fascina e...

Ouçó o meu telefone tocar. Droga, e pelo toque diferenciado, não é coisa que posso deixar de atender.

– Deve ser algum problema, te importa...?

– Não, claro, sem problemas.

Levanto e atendo a enfermeira do asilo em que eu atendo de graça. Ela me narra o quadro de um paciente que está em observação constante. Ele está agitado e a medicação sem fazer efeito.

– Eu tenho que sair. – Digo me desculpando e vendo o olhar dela cair. – Fica aqui me esperando, é rápido. Só tenho que alterar a medicação de um paciente, e por telefone não tenho como fazer isso. São raríssimas as vezes que isso acontece, e eu te peço mil desculpas.

– Capaz. Não te preocupa comigo, eu tenho que ir para casa e...

– Não, me espera. Por favor. Precisamos conversar mais ainda. Eu trago alguma coisa para a gente comer e continuamos.

Ela hesita, mas acaba cedendo.

– Fica à vontade. A casa é tua, se quiser mexer nas gavetas não me importo, só cuidado com a terceira do meu quarto, é onde eu guardo as revistas de mulher nua. – Carla ri para mim. – Mentira, nem tem terceira gaveta no meu quarto.

Me aproximo dela e a beijo demoradamente.

– Eu volto logo.

– Acho melhor colocar uma camiseta antes de sair.

Olho para o meu corpo e volto para pegar a primeira camiseta que eu encontro atirada pela sala e saio.

Capítulo 16

Por Luiz

Um dos sintomas do Alzheimer é a agressividade. Os pacientes ficam instáveis pela confusão mental que acontece dentro do seu cérebro. E isso pode acarretar em danos para todos os lados. Já peguei pacientes em surtos psicóticos, onde se avançavam nos enfermeiros e médicos que estavam ao seu redor para ajudar.

Tinha um professor da faculdade que para explicar um surto usava da seguinte história: tinha um cara que possuía um carro, e utilizava ele para se deslocar para a faculdade todos os dias. O carro não era lá essas coisas, mas, para esse trabalho, funcionava bem. Um dia, o cara resolveu subir a serra com o automóvel, o carro não aguentou a subida e quebrou.

Imagine que o carro agora seja a pessoas, e assim se dá um princípio de surto psicótico. A mente, acostumada a fazer sempre a mesma coisa, sem perigo nenhum, não falha, mas quando exposta à um a mais, pode entrar em colapso e quebrar.

Isso é mais comum do que se imagina. E uma das cenas mais chocantes que presenciamos.

Cheguei ao asilo e escutei os gritos no andar de cima. Encontrei uma enfermeira, sendo amparada por outra, pois havia levado um chute do paciente no abdome tentando o conter na cama para administração de medicamento, mais conhecido como sossega leão.

Quando eu cheguei ao quarto vi que aquilo já tinha extrapolados todas as barreiras e não poderíamos mais conter aqui no asilo. Já estava atrapalhando o sono dos outros pacientes, e alguns estavam na porta, assustados como crianças.

Entrei no quarto e fui ajudar enquanto outro enfermeiro, que junto com outra, tentava conter o paciente na cama para amarrar. Pode ser um tratamento jurássico, mas era o que tínhamos no momento, até a ajuda vir, e também, antes que o paciente machucasse mais alguém e a si próprio.

Os gritos, como se alguém tivesse o machucando, torturando ou até matando, eram horríveis enquanto ele se debatia e tentava se desvencilhar de nós. Realmente uma cena nada agradável para ser apreciada.

Porém, cabe aos profissionais da saúde saberem lidar com tudo isso. Mesmo com poucos recursos, pacientes sem cuidado familiar e riscos de machucarem, colocarem o bem-estar do paciente acima do seu, em quase todas as vezes. Não levar para o lado pessoal, eles estão em surto, não respondem pelas suas ações. Amanhã, eles retornarão para cá e não lembrarão de nada disso...

Entro no meu carro, após transferir o paciente para o hospital à ala psiquiátrica, com mais recursos e cuidados, e volto para casa cansado. Fisicamente e mentalmente. Por mais que a gente separe o lado profissional do pessoal, um sempre se mistura com o outro.

Entro na minha sala e vejo a Carla deitada no sofá dormindo calmamente. Não tenho coragem de acordá-la e por isso vou para o banho, até cuspidor pelo paciente eu devo ter sido.

Tomo o meu banho e encomendo alguma coisa para nós comermos. E então eu não resisto.

Me sento na guarda do sofá e toco, de leve, no seu rosto. Nada acontece. Mexo novamente e ela faz uma careta e se esquivava. Começo a rir e pego uma mecha do seus cabelos e passo no seu rosto a fazendo gemer.

– Sai. – Carla fala e coloca as mãos sobre o rosto.

– Acorda, bela adormecida. – E quando eu falo isso, ela arregala os olhos e se senta, assustada.

– Quer horas são? – Carla levanta rapidamente, se desequilibrando um pouco.

– Quase dez. Demorei um pouco mais porque tive que esperar a ambulância para levar o paciente ao hospital.

– Tenho que ir para casa. – Ela pega o celular de cima do sofá e olha a tela. – Merda, meus pais vão me matar! Sai de casa sem avisar para onde ia.

Olho para ela.

– Que? Enquanto eu morar embaixo do teto deles e com o meu pai pagando água, luz e outras coisas tenho que dar satisfação da minha vida para eles.

– Bom saber disso. Também concordo.

– E nesse momento, eu estou em uma enrascada. Não sou de sair sem avisar, e muito menos, não atender o telefone quando eles me ligam.

Vejo ela colocar o celular no ouvido.

– Oi mãe, não vi o telefone tocando, desculpa... É eu sei... Estou com a Carol, ela me pegou para darmos uma volta de carro, já que eu não posso caminhar assim... Daqui a pouco ela me leva de volta. Beijos.

Fico sentado no sofá olhando a cena. Carla desliga o telefone e volta a olhar para mim.

– Problema amenizado.

– Com uma mentira? – Carla abre a boca para me responder e logo fecha.

– Melhor do que eu dizer que estava na tua casa e ter que responder mil e uma perguntas sobre o que eu estou fazendo aqui. Confia em mim, ainda não.

– E quem é Carol? Uma amiga?

– Quase. – Observo sua hesitação.

– Carla?

– Carol era a minha amiga imaginária quando eu era pequena. E agora está sendo a minha amiga de anos. Minto para os meus pais para eles não se preocuparem comigo. Já dei preocupações demais para eles e não quero dar mais esse trabalho.

– Como assim?

– Longa história. Não quero falar disso agora, e nem hoje. Por favor.

– Pensei que estávamos indo para algum lugar que essas conversas não existiriam. Que teríamos uma coisa aberta e sincera entre nós.

– Eu sei. – Seu olhar vacila. – É que... é complicado para mim. Não quero carregar isso que temos, é exatamente por me sentir mais leve e que eu gosto de ficar ao teu lado.

Isso me derruba por completo. Um balde de água fria em mim.

Eu sei reconhecer traços psicológicos nas pessoas. É o meu trabalho. E desde aquela vez em que ela se afastou do meu toque, milhares de luzes piscantes ligaram na minha cabeça. E agora, as sirenes vieram junto.

Me levanto e, calmamente, vou para o seu lado. A puxo para um abraço e beijo os seus cabelos diversas vezes. Sinto ela relaxar com o meu abraço e tento me acalmar para não começar a perguntar mil e uma coisas e a forçar a falar. Eu poderia fazer isso, apertar os botões certos e fazer ela explodir, mas isso seria o fim de tudo para nós. E eu não quero isso.

– Tudo bem, Carla. – Sussurro para ela. – Eu vou estar aqui quando tu quiser me contar o que aconteceu.

– Obrigada.

Puxo ela para um beijo e somos interrompidos pela buzina de uma moto com a nossa janta.

– Hambúrguer da melhor qualidade. Com direito a maionese caseira e um alvará sanitário com procedências duvidosas, mas eu garanto que tu nunca comeu um igual a esse.

– Por um acaso não é aquele perto da agência onde o AC trabalha? – Digo que sim. – Caramba, eu amo esse hambúrguer!

Não faz assim não Carla, que assim eu gamo de vez....

.

– Meu Deus, hoje é o dia que não vão me deixar quieto? – Meu celular toca, novamente quando eu termino de comer.

Olho no visor e vejo o nome da Vivi piscando na tela. Pisco para a Carla, que ainda está comendo e atendo.

– Fala pessoa.

– Por que tu anda dando soco na cara do meu cafajeste? Só eu posso fazer isso. – Escuto a minha cunhada, ou ex-cunhada falar.

– Ele mereceu.

– Não Luiz, a única coisa que ele tem de bonito é a cara e tu ainda me estraga? Assim não dá certo...

– Ele me provocou. E eu levei um também. O desgraçado tem um belo soco de direita. – Ela ri do outro lado da linha.

– Quem mandou provocar. Mas e aí, me conta o que aconteceu.

Tento desconversar a Vivi, não quero que a Carla saiba que eu me atraquei de pau com o meu irmão.

– Está tudo bem? – Droga, nem disfarçar eu consigo.

- Sim.
- Tu está bêbado?
- Não, acabei de internar um paciente até. Estou bem sóbrio.
- Então o que está acontecendo, Luiz? – O silêncio do outro lado me faz ficar com medo.
- Tu está com alguém aí?
- Sim.
- Teus amigos?
- Olho para a Carla e analiso a situação.
- Defina amigo.
- É uma mulher?
- Com toda a certeza do mundo não é homem. – Carla levanta os olhos para mim.
- EU NÃO ACREDITO! – Tiro o telefone de perto de mim para não ficar surdo, ou mais do que eu já sou. – Luiz, tu está com alguém. Ai meu Deus! Sério isso? Vou mandar a Júlia recolher a roupa, vai vir outro dilúvio para o mundo.
- Coloco em cima da mesa, já que até os meus vizinhos estão escutando o escândalo da Vivi. Faço uma cara de quem está se desculpando com a Carla, que começou a rir.
- Viviane... – ela fala mais alguma coisa. – Vivi, calma.... calma aí. Deixa de escândalo, por favor. Ela está te ouvindo e eu quero me esconder nesse momento.
- Desculpa. Mas tu tem noção de como eu estou feliz. Quando eu vou conhecer ela.
- Fazendo esse escândalo todo, acho que nunca, porque eu vou encerrar a chamada e ela vai embora só por ter te escutado.
- Deixa de ser bobo, Luiz. Me liga mais tarde para a gente conversar. A Júlia está sem saber o que vai fazer depois da tua ligação para ela.
- Eu imagino. Te ligo mais tarde.
- E desligo o telefone antes que ela possa falar mais alguma coisa.
- Minha cunhada, ou ex-cunhada.
- Ela parece ser legal.
- Ela é, o único defeito é que casou com o meu irmão.
- Foi ele quem fez esse roxo, o “cinto”.
- E fui pego com estilo. Aceno que sim com a cabeça e conto a história entre eu e o Beto, claro que deixo por fora a parte em que eu estava virando um alcoólatra. Se ela tem uma história que não quer ainda me contar, também posso ter as minhas.
- Sou o filho mais novo. – Termino de contar a história toda. – Então entre os dois sou o que menos tem voz ativa sobre tudo. De início me incomodava, mas agora que eu tenho a minha própria vida, nem dou bola mais.
- Sei como é isso. Mas no meu caso é diferente. Sou a irmã mais nova, filhinha do papai

e irmãzinha do coração. Tudo que eu faço eles ficam em cima de mim com mil e uma preocupações. Achava isso sufocante no início, porque eu sempre decepcionava, por mínima coisa que fosse.

– Por que tu achava que decepciona? – Vejo ela dar os ombros.

– Porque sim. Meu irmão sempre foi o exemplo. Primeiro em tudo, na classe, na faculdade e depois concursado. Até hoje ele é um dos melhores no que faz. Já eu, me contento com o básico, dou o melhor de mim, sempre. Mas vejo que eles sempre esperaram mais.

– Não acredito que eles pensam isso de ti, Carla. Todo o pai e mãe é orgulhoso do filho, por mais que ele não se dedique a uma coisa com afinco. O mínimo que ele faça já é um motivo de orgulho. Sei que o teu trabalho é excelente com os eventos, já ouvi muitos elogios da tua pessoa pela Su e a Elis. Aposto que eles se orgulham disso.

– Não era a opção que eles queriam para mim de início. Mas eu amo o que eu faço.

– Minha filha estudar moda há bilhões de quilômetros de mim também não era o que eu queria para ela, mas me orgulho do que ela já conquistou. E faço questão de demonstrar isso para ela. Posso te fazer uma pergunta? E entendo que se tu não quiser responder.

– Claro.

– Por que tu ainda mora com eles? Com os teus pais?

– Sou “rapa de tacho”, filha de pais velhos. Quando o meu irmão saiu de casa eles sofreram demais com isso. Minha mãe chorava pelos cantos e foi uma depressão feia lá em casa. E eu passei por alguns problemas – vejo ela colocar um fio de cabelo invisível atrás da orelha em sinal de desconforto. – Eles me ajudaram muito, mais do que deveriam até. Então eu vejo que sair de casa e deixar eles sozinhos vai ser doloroso também para a minha mãe e o meu pai, e ambos já são velhos. Sinto que eu perderia alguns momentos com eles.

– Sei como é isso. Mas tu iria para outra cidade ou ficar aqui?

– Ficaria aqui, claro. Não largaria o meu emprego com a Su. Amo o que eu faço, e largar tudo é loucura. Ainda mais na atual crise que estamos. Então junto o útil ao agradável. Fico com eles, cuido dos dois e economizo dinheiro.

– E mente para eles por pequenas coisas, como onde tu está, por exemplo.

– Não é como se eu dissesse que estava com amiga e me drogando pelas ruas, Luiz. Apenas minto que tenho uma amiga e não levo preocupação sem fundamento para eles. Eles merecem uma filha que seja perfeita.

– Ninguém é perfeito, Carla. E se eles descobrirem, não será pior? Preocupação de pais é eterna, e mentir sobre isso é tão grave quanto se drogar nas ruas. Tu teve um quadro de depressão?

– Não tão avançado, como o da Liv. Frequentei psicóloga, mas ela me deu alta.

Analiso todas as respostas dela, e ainda falta alguma coisa. A chave principal que dê motivo para que ela seja assim. Minha artéria curiosa pulsa mais alto, mas tento controlar ela conversando aos poucos. Eu sei que não deveria fazer isso, mas eu sou um livro aberto. Todo mundo conhece a minha história, e eu conheço tão pouco a dela.

– E como vai ser, Carla? Nós dois? Tu vai mentir sobre isso também? Me fazer de um segredo sujo. – Ela ri.

– Tenho que preparar o terreno. Meu pai gosta de ti, pelos plantões que faz no hospital, mas a minha mãe vai ser um pouco mais difícil. Só peço um tempo, ok? Vamos com calma.

– Ah droga! Já tinha até mudado o status do facebook e te marcado! – Ela olha para mim assustada. – Brincadeira, Carla. Também tenho que ir com calma, especialmente com a Luiza.

– Ela é capaz de vir da Europa para tentar aterrorizar a minha vida?

Pego o meu copo de refrigerante e quase engasgo escutando essa frase.

– A Luiza? É capaz dela vir para cá para ficar contigo, mas do que comigo. O sonho dela é que eu me relacione com alguém. A única filha que quer isso para o pai. Geralmente é o contrário.

– Menos mal.

– Sou vou dar a notícia assim, com calma e tranquilo para ela não fazer duas mil perguntas sobre ti e essas coisas. Ela pode ser uma pessoa bem indiscreta, pior que a Vivi.

– Mais que o pai? Ou tu acha que eu não saquei dessas perguntas à lá psicólogo?

– Que perguntas? – Sorrio para ela.

– Essas que eu fingi não sacar de nada. Tu não engana, Luiz...

E nem tu, Carla.

Capítulo 17

Por Carla

Diário, eu voltei. Disse que não ia te abandonar novamente, ou pelo menos por tanto tempo. Gosto de como as coisas funcionam contigo. Posso ser verdadeira comigo mesma, mais do que consigo ser com os meus pensamentos. Isto me traz calma e algumas respostas que sozinha não consigo entender.

Voltei algumas páginas atrás para me localizar de onde havia parado na história e recordei que foi com o nosso beijo.

E o que mudou desde lá para cá? Algumas coisas...

Entramos no consenso de que estamos juntos e que vamos com calma, para lá onde seja que estamos indo. Isso é uma coisa boa. Sem pressão, cobranças e afins, tu sabe que eu sou uma pessoa desconfiada por natureza, diário, e o que não quero para mim uma coisa abusiva que me deixe sufocada.

Eu sei, com todas as minhas forças, que o Luiz é uma pessoa diferente de todas que eu poderia encontrar. Ele é único. Em pouco tempo de convivência, consigo confiar nele mais do que em muitas pessoas da minha idade. Eu sei que ele nunca fará nada para me prejudicar, nunca irá brincar com os meus sentimentos e me machucar.

Ele é uma pessoa ótima, com uma vida formada e não deve satisfações para ninguém. Solitário, assim como eu, com problemas reais e mesmo assim não se deixa abalar por eles, ou se já deixou e hoje consegue ser uma pessoa mais resolvida.

Acredito que convivendo com ele, diário, posso aprender a ser mais resolvida na minha vida. Chegar ao nível de aceitação que ele possui é a minha meta. Aprender a viver com os problemas, mas sem se importar com eles com tanto afincamento como anos atrás. Como ele me disse em alguma das nossas conversas, conviver de bem com o passado é o melhor remédio para seguir em frente com a vida.

Luiz sofreu um baque e tanto. Perdeu a esposa, sua melhor amiga, quando ainda jovem. Isso o abalou tanto. Eu também perdi uma coisa jovem, e talvez essa seja a química da coisa que rola entre nós. Duas pessoas solitárias que desistiram de procurar alguma coisa e acabaram se encontrando quando ninguém mais esperava.

.

– Carla, pode me ajudar aqui?

– Claro. – Vou até o outro lado do salão e ajudo o garçom daquela área.

Estava com saudades do meu trabalho. Da correria dos eventos, agitação por trás dos bastidores e tudo mais.

Meu pé ainda dói, mas eu menti dizendo que estava ótima e pronta para outra. E cá estou eu, acompanhada com a minha pretinha de duas rodas, correndo de um lado para o outro para atender tudo o que as pessoas precisam para terem uma festa perfeita.

Pelo andar da carruagem, mais duas horas e eu consigo fechar o salão. E aí ir para casa e dormir, porque amanhã tem mais uma rodada.

Essa semana foi cansativa pelo fato de não ter nada para fazer. Ficava os dias em casa como um peso morto. Isso me deixava irritada a um ponto extremo, tanto que eu evitava até falar com a minha mãe.

Meu único ponto de equilíbrio, onde eu conseguia relaxar e sorrir novamente, era quando estava falando com o Luiz. Ele me descontraía com o seu jeito de ser. Me fazia esquecer que eu estava em casa de repouso, e quando ele estava em casa, eu ia para lá.

Estamos bem. Ainda aos poucos e nos conhecendo, mais profundamente. Claro que eu ainda continuo um mar de águas rasas perto da imensidão que o Luiz me apresenta. Ele fala sobre tudo, sem medo de ser julgado ou mal interpretado por suas ações passadas. Mas eu entendo. Entendo cada uma das escolhas que ele fez.

Luiz me narrou como foi perder a esposa, e toda a história deles. Foi linda, digna de um belo livro com uma narrativa impecável vindo dele. Ele não poupou nenhum sentimento quando estava se abrindo para mim, e eu me senti meio invasiva em tantas memórias de família.

Eu ainda não consegui me abrir com essa naturalidade e tanto. Ainda temos os olhares de pena à minha volta, e isso não me leva a um bom lugar dentro de mim mesma. Por isso, pedi um tempo para conseguir ir me adaptando aos poucos com essa nova situação. Sei que o Luiz merece a minha total história, mas como ele já percebeu, ainda tenho uma ferida aberta, e quando começo a sangrar, demoro a cicatrizar novamente.

Mas nada são apenas dramas. Temos nossos momentos de brincadeira, no meio de tudo isso. Como aquela vez em que ele começou a me mandar áudios cantando Katty Perry dentro do carro preso no engarrafamento. Minha mãe pensou que eu estava tendo um ataque epilético com o telefone no ouvido àquela hora. Eu não conseguia parar de rir.

Às vezes, momento como esses são os únicos que nos fazem esquecer tudo a nossa volta e conseguem nos mostrar outro lado das coisas com uma leveza tão incrível.

.

Por Luiz

- Quero cantar Amy Winehouse. – Digo e viro mais uma dose de bebida.
- Eu aceito! – André é o primeiro que fala, enquanto o Noah e o AC ainda olham a lista de músicas.
- Óbvio que tu iria querer cantar ela, para ti é diva. – Noah caçoa.
- Diva é a Amy Lee. Confundiu.
- Parem de brigar e qual música vai ser? Daqui a pouco é a nossa vez. O que acham de Valerie? – AC olha para nós e espera a resposta.
- Dá até para fazer passinho de dança. – Falo.

– Por mim. – André dá os ombros, e com isso fechamos a escolha, três votos de quatro.

Ele aponta o número da música para o garçom, tocaio, Luiz que programa a música. Esperamos a último terminar de cantar e eu entrego o meu celular para o tocaio gravar a performance.

Subimos ao palco e a música começa a tocar. Noah e AC se perdem no meio da música e quase brigam por causa do microfone, enquanto eu e o Emo cantamos a plenos pulmões e algumas doses de bebidas à mais na cabeça.

Somos aplaudidos pela performance, saímos pulando um nos outros como quatro adolescentes na puberdade. Eu mesmo, me atiro nas costas do AC e ele me carrega até a mesa e ainda quase me derruba no chão. Imagina se estivéssemos bêbados. Ou melhor, mais bêbados que já estamos.

Fazia alguns dias que eu não bebia assim. E hoje, como consegui reunir o meu clã de amigos, resolvemos enfiar o pé na jaca por completo.

– É hoje que eu vou dormir no sofá. – Noah geme quando eu peço mais uma rodada de bebida.

– Sofá? Cara, tu não tem uma Elis lutando boxe contigo a noite toda. – AC comenta.

– Eu tenho um Gato assassino. E um cachorro maluco.

– Falando em cachorro. O Leco gosta mais da Liv do que de mim. E acho que a Liv gosta mais dele do que de mim – André diz desolado. – Fui trocado por uma bola de pelo gigante e fedorenta.

– O Gato estava deitado em cima da Elis esses dias, olhando para mim do mesmo jeito que ele olha para o Noah. Será que eu corro risco de vida?

– Sim, muito. – Noah bebe mais um pouco. – Quando o Otávio nascer ele não vai deixar tu chegar perto dele. Com a Fofinha o Gato me arranhava sempre depois que eu largava ela no carrinho, como quem dissesse: largue ela humano, tire suas mãos inundadas da minha rainha.

– A Luiza tinha um hamster que quando eu pegava, ele se mijava todo. E aquela coisa fugia da gaiola o tempo toda e eu tinha que ficar de bunda para cima atrás do bicho. Uma vez ele entupiu o aspirador de pó, porque eu estava passando em baixo do sofá. Só vi o barulho do coitado gritando, ainda bem que consegui tirar ele de lá.

O garçom me entrega o meu telefone e eu envio o vídeo que ele fez para a Carla. Que está trabalhando hoje, e por isso eu consegui sair com o Noah e AC juntos, já que a Elis está em casa e a Su junto para cuidarem das crianças.

Carla: Terminaram com o estoque de bebida do bar?

Luiz: Ainda não. Deve ter uma garrafa ou duas ainda.

Carla: Acho bom. Indo para casa.

Luiz: Vem para cá terminar com a gente.

Carla: Estou de moto, e cansada. Amanhã nos falamos. Beijos.

Luiz: Não gosto dessa moto. Tenho ciúmes do asfalto. Te cuida, me avisa quando chegar em

casa. Beijos.

Sinto um olhar por cima do meu ombro, me viro e vejo o AC olhando descaradamente para o meu celular.

– Que foi? – Pergunto para ele e desligando a tela.

– Não vi quem era, só peguei as palavras ciúmes, asfalto e beijos.

– Como assim? – Noah e André, de repente, se metem na conversa.

– Não sei, peguei o Luiz trocando algumas mensagens agora, sei que não era com a Luiza, senão ele iria tirar uma foto nossa e mandar junto, como sempre faz.

– A Luiza está viajando a trabalho. – Os três olham para mim.

– Então? – Noah é o primeiro a se manifestar.

– O que? – Finjo não entender, mas não consigo esconder o sorriso.

– Luiz está com alguém? Como isso pode ter acontecido? Quanto tempo eu dormi? – AC faz uma cara de quem não está entendendo a situação.

– Se o emo conseguiu, por que não eu? – André levanta o copo na minha direção, brindo com ele e tomamos juntos.

É estranho o fato de “estar com alguém” novamente. Sou apegado demais nas pessoas. E já sinto que a Carla está se tornando bem mais do que eu imaginava. Sempre que posso estou mandando mensagens para ela, ligando ou fazendo alguma coisa pensando nela.

Para quem pensou que esse lado de mim estava atrofiado, cada dia que passa eu vejo uma nova faceta dele. Me sinto mais alegre cada vez que vejo uma resposta dela, ou quando ela me chama para conversar do nada. Faz com o que o dia fique mais ensolarado do que os outros.

Encerramos as nossas contas no bar e me despeço dos três quando eles entram no táxi. Resolvi ir de a pé para casa. Respirar um pouco dessa poluição nossa de cada dia. Nada melhor para os pulmões que isso. Passo pela casa da Carla no momento em que uma moto para no portão.

– Se fosse programado não ia dar tão certo. – Falo para ela que grita de susto enquanto tira o capacete.

– Caramba, Luiz. Vai assustar outro! Pensei que estavam me assaltando e iam me roubar a pretinha! – Puxo ela para um abraço e ela me beija.

Bom. Muito bom!

Envolvo os meus braços no seu corpo e a puxo para mim. Me deixo ser levado por ela em todos os sentidos, até que eu não consiga mais raciocinar corretamente de tão envolvido, e bêbado, que estou. Desço a minha boca para o seu pescoço e sinto ela se derreter nos meus braços. As mãos dela sobem as minhas costas e acham o caminho dos meus cabelos enquanto percebo a sua respiração, e a pulsação, ficarem aceleradas.

– Aqui não. – Ela suspira. – Deixa eu te levar para casa. – Ela me empurra e eu fico

tentando voltar ao planeta Terra. – Sobe na moto.

Vejo a Carla montar naquela coisa gigante e olha para mim.

– Não. Não subo nesse troço. Já sou um desastre com dois pés, quem dirá em duas rodas.

– Deixa de ser bobo, eu não bebi e são só duas quadras. Te agarra em mim que não tem perigo. Pode ficar com o meu capacete se quiser.

– Não! Fica tu com ele. Eu vou de a pé no teu lado então.

– Correndo? – Ela ri de mim.

– Sim, sou parente do Usain Bolt. Primo de milésimo grau.

– Notei a semelhança. – Debocha. – Vamos, Luiz, senão daqui a pouco o meu pai acorda e vem ver que confusão é essa na frente de casa, e ele sempre vem armado.

Olho para a casa e volto a olhar para a Carla. Analiso as opções que eu tenho e começo a caminhar. Não vai ser nessa vida que eu vou subir num mostro desse. Escuto a Carla bufar e voltar a abrir o portão da casa dela.

– Espera aí, medroso. Vou colocar a pretinha na garagem.

Paro e espero ela voltar. Alguns segundos depois ela aparece e vamos até a minha casa de mãos dadas.

Abro o portão e não perco tempo em atacar ela enquanto entramos. Mãos e bocas se misturam em uma coisa só. Caímos no meu sofá comigo por cima da Carla e beijando a maior parte que consigo dela.

Meu corpo vibra com o contato.

Abro os meus olhos e vejo o rosto contorcido da Carla, e não consigo decifrar.

– Algum problema. – Digo espalhando beijos no seu rosto.

Ela continua quieta e com os olhos fechados.

– Carla? – Paro de beijá-la e começo a ficar preocupado. – Eu te assustei?

Ela abre os olhos e foca nos meus. Sua mão toca o meu rosto e eu beijo a sua mão delicadamente.

– Eu não... – gagueja. – Eu não sei o que fazer.

– Como assim? – Indago curioso.

– Com isso tudo. Nós... Aqui... Eu... Eu não sou virgem, mas é que...

Rio e beijo ela novamente.

Posso estar meio bêbado, mas nunca forçaria ninguém a fazer o que não quisesse comigo. E fora que: faz muito tempo que eu não sei o que é ter um contato mais íntimo com alguém, fora a minha mão, mas isso não vem ao caso neste momento. E não vai ser pileque que eu vou fazer isso.

– Relaxa, Carla. A gente ainda vai fazer isso, um dia, não hoje. Ainda estamos na fase de amassos quentes no sofá. Um esquentar para o futuro.

Volto a beijar ela novamente, só que mais delicado e menos urgente desta vez. Ela volta a suspirar e me deixar mais calmo depois do susto.

Suas mãos voltam a explorar as minhas costas e eu sinto ela relaxando aos poucos sobre o meu toque. Deixo ela comandar o espetáculo e me permito ser usado do jeito que ela deseja.

Meio sem jeito, trocamos de posição e ela fica em cima de mim. Sinto ela abrir os primeiros botões da minha camisa e começar a explorar o meu corpo. E eu me deixo ser submisso aos seus toques, deixar ela criar confiança nela mesma e ver o que faz comigo quando estamos assim.

Isso a deixará mais forte e confiante em si mesma e em mim. Tudo o que eu mais quero é ser recebido e entregue da mesma forma, e já percebi que ainda falta uma parte dela desabrochar para mim. Eu vou ser paciente, mesmo não sendo da minha natureza, porque sei que com ela, vai valer a pena.

Ninguém me entende como ela fez quando eu contei toda a minha história de vida alguns dias atrás. A maioria das mulheres querem atenção total e não admitem homens falando das suas ex com tanto entusiasmo como eu faço. Não posso deixar, e nem esquecer essa parte da minha vida. Ela é parte fundamental para quem eu sou hoje. Seja como pessoa, como profissional ou até mesmo como homem.

Carla aceitou esse meu passado de uma maneira que nem eu acredito. Comecei a falar aos poucos, e com ela tão atenta, nem percebi quando contei mais detalhes do que pretendia, me empolguei, como sempre faço quando falo do meu passado.

Não acreditei que estava com uma pessoa que me entendia com tanta compaixão como a Carla faz. Ela comentou coisas que fizeram o meu coração apertar com uma saudade daquela época. E isso, levou os meus pensamentos a mais teorias sobre o que ela ainda não me contou da sua vida.

Ela me falou de perda de uma forma, como se já tivesse passado por isso também. O jeito que ela tocou no assunto, foi tão delicado e intenso, como se soubesse quais as palavras certas para serem colocadas naquele momento.

– Dorme aqui. – Digo no seu ouvido a deixando arrepiada.

Ela hesita, mas volta a me beijar.

– Só dormir mesmo. Na minha cama, eu faço o café da manhã. – Sorrio e tiro uma mecha dos seus cabelos.

– Por que não falou antes? Nem tinha pensado duas vezes se essa proposta tivesse sido feita de início.

Com um pulo, levanto a Carla e a levo no colo para o meu quarto.

Capítulo 18

Minha mão percorre os cabelos dela espalhados pelo travesseiro ao meu lado. São cinco horas da manhã, e eu aqui ainda sem conseguir dormir direto observando ela.

Parece até coisa de assassino em série, observando cada movimento dela, mas é puramente curiosidade e um pouco de álcool na cabeça que, às vezes, podem me confundir. Nunca tive alucinações na vida, porém, nunca se tem idade para começar, não é?

De princípio não acreditaria que ela iria aceitar o meu pedido. E quando escutei ela falando que aceitaria, eu não pude ficar mais feliz. Claro que ela teve que avisar os pais que iria ficar na casa de uma amiga, mas tirando esse fato (que ainda me dá cócegas para saber do que se trata e que tive de conter para não estragar a noite) tudo se saiu muito bem.

Deixei ela a vontade no banheiro da Luiza, enquanto eu tentava me acalmar no meu. Tomei um banho, para ver se conseguia ficar um pouco mais sóbrio e encontrei ela na porta do meu quarto vestindo uma bermuda e uma camiseta minha. Claro que cabia duas Carlas dentro das roupas, mas eu só foquei de como aquilo caiu bem nela.

Começamos a conversar e a falar besteiras um com o outro até que ficamos alguns segundos em silêncio e quando eu a chamei, ela estava babando ao meu lado. E aí eu fiquei babando aqui junto, observando ela.

A única pessoa com quem eu divido a cama é com a Luiza quando estamos juntos. O apartamento dela é pequeno, apenas um quarto, e como o sofá dela é péssimo, e eu já um senhor velho, durmo com ela. Mas isso não é uma coisa que nova para nós.

Depois que enterramos a Joana, e nós dois voltamos para a casa e encontramos ela do jeito que havíamos deixado antes de sairmos para viajar, entramos em choque. O nosso quarto, com a cama desarrumada, uma blusa da Joana deixada lá em cima e a presença constante das suas coisas era um fardo demais para eu carregar aquela época. E a Luiza, por ter apenas dez anos, estava assustada e não compreendia muito bem o que havia mudado na nossa vida.

Não consegui voltar ao meu quarto por um bom tempo, só subia as escadas para tomar banho e me vestir no closet. Evitava o que tinha atrás da porta a todo custo. Então comecei a dormir na sala. Primeiro no sofá, e vendo que a Luiza não conseguia ficar no andar de cima sozinha, acabei comprando um colchão de casal e deixando permanentemente por lá.

Dormíamos juntos. Fizemos isso por quase um mês. Esperei um pouco a poeira abaixar, para então voltar a frequentar o meu quarto. Deixei a Luiza ir para a escola e então abri a porta novamente. Mais uma vez, as coisas delas zombavam da minha cara, dizendo que a Joana nunca mais iria voltar para esta casa e muito menos para as nossas vidas.

Eu chorei. Entrei em prantos quando vi todas as suas coisas de cabeceira, como o livro que ela nunca acabou de ler, a nossa foto da última viagem em família, que tínhamos feitos há pouco tempo, e por todas as lembranças que vieram para a minha cabeça na velocidade da luz.

Naquele momento eu percebi como a vida era uma coisa tão frágil. Bastava apenas um erro, como uma pessoa dirigir bêbada e errar uma curva, para que tudo acabasse. Para que uma mãe nunca mais abraçasse a sua filha novamente, que uma esposa nunca mais beijasse o marido

e uma amiga nunca mais desse um conselho.

Eu estava perdido. Naquele momento eu duvidei de mim mesmo que conseguiria dar conta de tudo. Voltei a ser um adolescente com medo do que pudesse acontecer amanhã, e não desse conta do recado de terminar de criar a minha filha com a devoção que ela precisava. Já que eu estava mais desolado do que ela, que ainda tentava assimilar tudo que havia mudado para nós.

Depois de um mês, lutando e me esquivando de qualquer lembrança, eu finalmente havia entrado no primeiro estágio do luto: a negação. E fiquei mais frustrado em saber que ainda faltava mais 4 estágios para passar.

A raiva foi a que me mais me atingiu. Me carregou para um beco sem luz e quase me espancou até a morte. Na minha mente, tudo era motivo de irritação. Comecei a evitar o contato com pessoas, inclusive a minha própria família. Sentia uma raiva descomunal pelas palavras de consolo que eles tentavam me dizer. Aquilo, para mim, soava como ofensa e ironia. Me reclusei em casa, cuidando da única pessoa que me restava. Só ela me entendia, assim como somente eu entendia a minha filha. A cabeça dela, de dez anos, era mais sensata do que a das outras pessoas.

Ela falava da mãe com saudade, não com pesar, como as outras pessoas. Podíamos juntos, relembrar os nossos melhores momentos com nostalgia, e assim, cultivar a memória da Joana em paz.

A negociação, terceira fase do luto, quase me levou à loucura. Nunca fui um homem religioso. Dormia nas missas e fui quase expulso da catequese por colocar sal dentro do vinho que o padre iria beber, mas nesta fase eu comecei a barganhar qualquer coisa.

Ok, vocês me tiraram a Joana? E aí, o que eu vou receber em troca? Quero saúde e felicidade para a minha filha e uma velhice longa para o meu pai, e depois de tudo isso ajeitado, podem me levar de uma vez. Já passei por muitas provações na minha vida...

As fases do luto, não tem tempo predestinado para acontecer. Com algumas pessoas pode ser rápido. Em um ano, ou meses, a pessoa pode estar completamente curada e vivendo a última fase com tranquilidade. Porém, em outros casos, passam-se anos e ainda estamos vivendo as fases.

A minha da barganha e raiva, andaram por muito tempo juntas, e acredito que só passaram, por completo, quando eu fiquei sozinho em casa. Aí eu entrei na fase do luto da depressão.

Foi o meu período mais longo e doloroso que passei. Nesta fase eu percebi que, além de ter perdido as duas pessoas que eu mais amava no mundo, a Joana e o meu pai, havia perdido sonhos futuros, idealizações e também, a felicidade na minha vida.

Transitei neste meio por mais tempo do que gosto de lembrar. E quando estava me reerguendo, voltando a trabalhar, residente em psiquiatria, a Luiza me abandonou. Eu sei que não deveria falar isso desse jeito, meu lado de pai orgulhoso e feliz pela filha ainda fala mais alto que este depressivo, mas não consigo o calar totalmente. Ele sempre vai ser uma parcela de mim.

Meu mundo era a Luiza. Tudo que eu fazia era para ser o melhor exemplo de pai, o mesmo tipo que o meu foi para mim. Meu trabalho ajudando as pessoas, era voltado para o sorriso dela que me recebia todas as manhãs após um plantão carregado. Eu me sentia feliz e realizado com a felicidade da minha filha. Mas não estava preparado para voltar a ficar sozinho nesta casa sem

ela.

Por isso que voltei a beber como um condenado. Era o que me restava e a depressão ainda me consumia. Precisei passar por um período de consciência de que o que eu estava fazendo com a minha vida não era o que queria para mim. Ainda havia coisas por quais eu lutar, e a principal dela ainda era a minha filha. Queria encontrar com ela todos os anos, ver o seu crescimento profissional na área que havia escolhido e a certeza que ela voltaria para casa, ou pelo menos, para mais perto de mim.

A última fase do luto, é a aceitação. Aceitar as perdas que tive, com paz e tranquilidade. Ainda me considero um transitório entre das duas últimas fases. Me pego pensando no passado e apegado em algumas coisas. Mas vou melhorar, eu sei disso.

Tento dar mais valor aos momentos que estou vivendo no agora. Em cada situação em que coloco os meus sentimentos à prova e sou recompensado com coisas positivas na minha vida. Como por exemplo, ser capaz de dividir a cama novamente com uma mulher. Não no cunho sexual da coisa, isso ainda é outro patamar que tenho que vencer, e pelo que percebi ontem, é uma batalha a ser lutada a dois.

Voltar a me relacionar novamente, me deixa a um passo a mais da aceitação completa. Ficar livre da fase de depressão e pronto para tocar a minha vida, claro que sempre lembrando de quem fez parte dela. Não seria nada sem eles, mas com a certeza de que tudo que passei foi apenas um treinamento específico para o que vem logo à frente.

Um dia desses, conversando com a Liv, ela me disse uma coisa que me marcou muito, e comecei a levar mais em consideração o seu significado. Nem só de dias nublados vivem o mundo. Se fosse assim, as flores não desabrochariam e o verde dos campos não seria tão vivo. Todos precisamos de sol para sobreviver. E tenho certeza que as minhas nuvens começaram a se dissipar.

.

– Bom dia, filha!

– Paaaaaaaai! Que saudade! – Tenho um baque ao ver a Luiza na tela do computador.

Ela está cada vez mais parecida com a mãe. O sorriso, trejeitos e a voz. A única coisa minha é a cor dos olhos.

– E aí, guria. Como está tudo por aí?

– Tudo ótimo! Acabei de acordar para fazer algumas coisas na rua, abri o computador para colocar umas músicas. Está tudo bem?

– Sim. Tudo tranquilo.

– Está com uma cara de cansado. Eu vi que tu estava na farra com os guris, chegou agora? Bebeu demais e veio chorar as pitangas comigo?

Rio.

– Não, na verdade nem bebi muito. Ultimamente não ando bebendo muito. Só tomei algumas doses.

– Então deixa eu chegar com alguns vinhos daqui, vamos beber juntos até não querer

mais.

– Ressaca europeia, é uma ótima. Eu topo!

Quando a Luiza foi morar fora, não bebia uma gota de álcool. E olha que ela tinha o exemplo em casa.... Mas foi só criar asas e experimentar vinho de lá, que bate uma garrafa de vinho, mais rápido que eu. Fiquei preocupado com isso. Tanto que na primeira vez que vi ela bebendo, tive uma longa e incansável conversa sobre isso. Até porque eu estava passando por um período de dependência, e não queria ver a minha filha indo para o mesmo buraco que eu estava me direcionando.

Fiz ela me jurar que nunca colocaria a mão em um volante de carro caso bebesse, e a resposta dela foi que me fez ver que o meu trabalho a educando, saiu melhor do que o esperado. Ela me disse que já bastava o que tinha acontecido com a gente e que nunca seria responsável por uma morte tão idiota assim.

– Podemos tomar umas então. – Digo.

– Não essa água suja que vocês chamam de bebida aí. Acho que vou ter problemas na alfândega por excesso de bebida. Será que tem algum problema?

– Acho que não. Só o fato de te acharem uma pinguça. – Luiza começa a rir.

– Filha de peixe, peixinha é.

Conversamos mais um pouco sobre besteiras. A conversa com a Luiza sempre flui bem. Acho que sou um pai abençoado por ter uma filha tão comunicativa comigo deste jeito. Nunca tivemos problemas para conversar sobre nenhum assunto que fosse.

Falávamos sobre tudo. Sem nenhuma exceção. Desde o choque de descobrir que ela estava virando uma “mocinha”, que o seu corpo estava abandonando os traços infantis e colocando um de mulher. O choque veio, de verdade, quando ela menstruou pela primeira vez e eu não sabia o que fazer.

Ela estava em pânico por estar sangrando e eu assustado por perceber que aquilo estava acontecendo com a minha filha, que ainda brincava de bonecas e fazia roupas para elas na velha máquina de costurar que era da sua mãe. No mês anterior ele havia me levado à uma loja de tecidos e feito comprar alguns pedaços para a noite de gala que iria fazer com as suas bonecas.

Resolvi a situação e tive que conversar com ela sobre algumas coisas que começariam a mudar no seu corpo. Não era uma conversa agradável para ter com a filha, geralmente as mães que tinham essa intimidade, mas não era uma opção no nosso caso. Eu sabia a parte teórica da coisa. Como acontecia, o que causava e afins, mas nunca na vida tinha pegado um absorvente na vida, e, muito menos, como colocar ele.

Foi um período de assistência vinte e quatro horas, digamos assim. A Luiza me ligava sempre que acontecia alguma coisa. E como eu não trabalhava naquela época, fazia tudo que ela me pedia. Muitas vezes tive que buscar ela na escola por que ela não tinha colocado o absorvente direito e havia vazado pelas suas roupas. Ela chorava, de medo, vergonha e coisas da idade, e eu tentava apaziguar os ânimos, dizendo que era uma coisa normal e quem ria dela hoje, amanhã passaria pelas mesmas coisas.

Claro que todas as outras tinham uma mãe para explicar essas coisas, mas eu não

comentava isso.

Passamos por essa fase, mas outras vieram. E nenhuma delas foi agradável, pelo menos para mim.

Tivemos a das saídas com as amigas para o shopping. Ela me achava chato por que eu não deixava ela sair de casa sozinho. Então eu ligava para as outras mães e dizia que levaria todas as gurias para o shopping, e ficava de guarda-costas observando elas.

Do primeiro aniversário de quinze anos de uma amiga. Em que ela foi sozinha, longe dos meus olhos. Vi ela sair de casa dentro de um vestido, um sapato com salto médio, já que eu não deixei ela comprar o que queria, explicando que ela ainda era muito jovem para usar aquele tipo de sapato, e a maquiagem que ela fez num salão perto de casa, já que eu não sei a diferença entre um batom e rímel. Nem preciso dizer o quanto ela estava linda, mesmo me xingando quando eu a abracei e quase quebrei as suas costelas.

Alguns dias depois deste evento, que ela chegou às quatro da manhã, e eu só consegui relaxar quando ela se deitou ao meu lado na cama para contar como havia sido a festa, eu a chamei para conversar sobre dois assuntos que todos os pais devem conversar sobre os seus filhos, por mais que confie neles de olhos fechados.

Sexo e drogas.

Não foi fácil, até porque a mente da Luiza ainda era de criança, mas era preciso. Antes ela saber certas coisas por mim do que aprender de outras formas.

Lembro até hoje dos olhos da minha filha, arregalados, a cada frase que eu falava. Conversei sobre o risco de DST's, gravidez antes do tempo (neste caso eu disse que para mim e a mãe dela, foi um presente e tanto, mas ser pais cedo, não é fácil), abuso e agressão. Disse sobre o efeito de drogas, inclusive de bebidas, que se ela quisesse, poderia experimentar alguma coisa com álcool, desde que fosse comigo. E que não aceitasse nada de amigos, por mais confiáveis que eles fossem.

Acredito que fiz um ótimo trabalho com a Luiza. Em conjunto com a Joana nos seus primeiros dez anos, e depois sozinho. Hoje ela tem vinte e dois anos, e só bebe. Nada demais, já que eu faço isso com certa frequência.

E quando a vejo, sinto o meu peito sair fora de mim, de tanto orgulho que tenho da minha filha. Sei que ela não é perfeita, mas aos meus olhos, não existirá outra melhor.

– Pai? – Ela me chama. – Tudo bem mesmo?

– Claro, só me perdi em alguns instantes aqui te observando. Tu está a cara da tua mãe na tua idade. Só os cabelos dela eram mais compridos. Por que cortou?

– Queria mudar um pouco. Não gostou? – Ela faz uma careta bonitinha.

– Já disse que gostei. Só me questiono porque tu sempre usou cabelo comprido, e agora está menor. – Dou os ombros. – É difícil de acostumar.

– Olha quem fala, há quanto tempo os teus não veem um pente? – Passo as mãos nos meus.

– Mais prático. Não preciso ficar me cuidando com isso. Só passo as mãos e pronto.

– Então, os meus mais curtos também são mais práticos. Tu vai ver quando eu chegar em casa e tu não vai reclamar em dormir ao meu lado e acordar sufocado por eles.

E falando em dormir, lembro da Carla com os seus cabelos esparramados no travesseiro ao lado do meu. E aí eu tento encontrar um jeito de encaixar isso na conversa.

– Eu preciso te contar uma coisa, filha.

– Sabia que coisa boa não era para tu ter me chamado por vídeo no Skype, ainda mais nesse horário. Que horas são aí...?

– Seis e meia.

– ...Em pleno o sábado às seis e meia da manhã, depois de ter saído com os guris. Não me diz que é alguma tragédia...?

– Não! – Falo rápido, sem hesitar. – É uma coisa boa, eu acho... – Suspiro. – Só tu para dizer isso na verdade.

– Desembucha, pai. – Ela revira os olhos, igual como a mãe dela fazia nestes momentos.

– Eu conheci uma pessoa.

Vejo a reação da Luiza, e por alguns instantes, penso que a conexão caiu, porque ela ficou estática na tela. A única coisa que burlou esse pensamento, foi o seu celular tocando ao fundo com alguma mensagem.

– Luiza? Está aí, filha?

Os segundos passam e eu olho o ícone da internet no notebook, funcionando está.

– Como assim uma pessoa? – Sua voz sai baixa.

– Uma pessoa, quarenta e seis cromossomos divididos em vinte e três pares. Feita de inúmeras mitoses e meioses para a divisão celular. As primeiras células são totipotentes com alto poder de diferenciação. Depois elas começam a se dividir dando origem a vários tecidos especializados, e esses dão origem à órgãos e os órgãos à sistemas e estes a pessoas completas. Sabe como é, tipo eu e tu. De carne, ossos, sentimentos e afins. Acho que deve ter algumas aí no lugar que tu mora, elas não são tão difíceis de serem encontradas assim.

– Pai, deixa de ser idiota, me explica isso direito.

E aí, eu vejo a minha filha de volta na tela. Sorrio para ela e continuo a falar.

– Nem eu sei, na verdade ainda não consigo explicar ainda, só sei que eu conheci alguém e gosto muito de ficar ao lado dela, conversar, rir e essas coisas.

– Ok, sem detalhes sórdidos. Há quanto tempo?

– Algumas semanas..

– E só agora tu está me contando? Que história é essa, Luiz Lavorini?

– Não vem encher o meu saco, Luiza Lavorini. Tu também me aprontou uma destas quando eu fui para aí.

– Nem compara que não era a mesma coisa. Era só um casinho, ele apareceu aqui de surpresa. Nem falo mais com ele. E não muda de foco aqui nesta conversa. Pode despejando

todas essas palavras aí...

Conto para a Luiza alguns momentos chave entre eu e a Carla e ela escuta me cortando em algumas partes para eu me aprofundar no assunto. Por quem será que ela puxou tão curiosa assim?

– Ok, mas quantos anos ela tem?

– Vinte e quatro. – Luiza faz um “uau” silencioso.

– Ela tem dois anos a mais que eu.

– Minha filha é um gênio da matemática! Não me diz que percebeu isso sozinha!?

Ela me mostra o dedo do meio. Rio.

– Na verdade, ela aparenta, mentalmente, ter mais que isso. E fazendo a média das idades mentais...

– É... vocês regulam então.

– Exatamente. Eu gosto dela, filha, sério. Não consigo encontrar nada nela que não me encanta. Desde o jeito que ela lida comigo a quando estamos conversado, e tu sabe o jeito que eu sou.

– Sei... O meu medo é ela te machucar, pai.

– Acho que já sou grandinho, Luiza. Sei me cuidar.

– Ahhh pai, tu pode ser grandinho sim, mas não está acostumado com pessoas a esse nível. Tua única namorada foi a mãe. E isso já foi há um bom tempo. Tu sabe que eu fico muito feliz em estar a par disso, mas ao mesmo tempo vou me preocupar. Tu é um anjo de pessoas, e às vezes, pode ser até meio ingênuo, nada para ti é feito sem cem por cento de dedicação. Tu abdicou a tua vida para me criar. Assim como tu te preocupa comigo, eu me preocupo contigo. Somos nós dois juntos para sempre. Eu te amo, pai. Estou super feliz e louca para conhecer a Carla. Tenho certeza que vamos ser grandes amigas, porque gostamos do mesmo cara, mas me promete que vai te cuidar também.

Sorrio para a câmera do computador, comecei a conversa preocupado com a minha filha e acabo ela com a minha filha preocupada comigo.

Realmente eu fiz um ótimo trabalho com a nossa filha, Joana. Não acha?

Capítulo 19

Por Carla

Abro os olhos e não reconheço o lugar em que estou. Demoro alguns segundos para me dar conta que estou na casa do Luiz, especificamente, na sua cama, e totalmente sozinha.

Me viro na cama e tento voltar a dormir, só mais um pouco. Estes quinze dias em casa me deixaram desacostumada aos horários de festas. E as minhas pernas reclamam ainda das diversas horas em cima de um sapato social fechado e com um salto pequeno. Meu tornozelo ainda não está cem por cento curado.

Fecho os olhos e me enterro no travesseiro macio que está embaixo da minha cabeça. Respiro por ele e sinto o perfume do Luiz impregnado nele. Bom, muito bom, e agora eu dou jus ao que a Elis sempre fala, um homem cheiroso tem o seu charme.

Ainda não consigo creditar que eu estou aqui. Na cama dele, por mais que não fizemos nada de mais, além de uns amassos no sofá. Nunca tinha dormido com alguém, além de algumas amigas do colégio. Isso foi uma experiência nova para mim.

Quando ele me convidou, eu hesitei. Claro que eu fiz isso, não esperava este convite. Pensei por alguns segundos, enquanto o meu corpo ainda queimava pelas mãos dele, que estavam nas minhas costas acariciando de leve a minha pele por baixo da camiseta. Ele argumentou e eu liguei o “foda-se” legal.

Eu queria ficar aqui, passar a noite com ele. E foi isso o que eu fiz. Apenas liguei para casa para avisar que estaria na casa de uma amiga e cá estou eu, deitada, usando as roupas dele na sua cama.

Senti os olhos do Luiz em mim, quando eu ligava e conversava com o meu pai sobre passar a noite fora. Disse que a Carol (sempre ela, coitada), havia levado um pé na bunda e estava inconsolável. E eu, como sou uma amiga muito devota à amizade, iria fazer companhia para ela. Vá que ela tivesse um ataque e quisesse ligar para o cara no meio da noite? Eu iria impedir isso com todas as minhas forças.

Trágico.

Percebi que o Luiz também ficou chocado quando eu aceitei. Aliás, chocado não foi a expressão correta, ainda tenho que encontrar a palavra certa para o que eu vi. Ele me pegou no colo e me levou até a parte de cima da sua casa, eu só conhecia a parte onde encontraram o AC agarrado no sanitário.

Não tinha reparado nos detalhes. Como as fotos espalhadas pelas paredes. E a porta rosa, indicando o quarto da sua filha. Luiz me deixou à vontade no quarto da Luiza para que eu me trocasse para dormir.

Fiquei estática absorvendo tantos detalhes que ali estavam. Um mural com milhares de fotos e recortes, grudados com imãs bonitinhos, alguns ursinhos de pelúcia e outros brinquedos. Uma cama gigante, tão arrumada que deu inveja a minha, que eu nem arrumei pela manhã. A escrivaninha com alguns livros, como os do Harry Potter, e tantos outros que eu li na minha adolescência, ao lado do computador e outras coisas que eu reconheci e a nostalgia da minha

adolescência bateu.

Um quadro gigante, com uma foto. Luiza, eu acredito que seja, onde só as suas costas nuas e aparecendo em uma posição de lótus. Ela em preto e branco, e com diversos panos, esses coloridos, ao seu redor. Uma tatuagem, no ombro esquerdo com os dizeres “aqueles que nos amam, nunca nos deixarão de verdade”, junto com as letras JL enlaçadas com um coração.

E como uma fã de Harry Potter, eu identifico a frase na primeira lida. É um dos meus momentos favorito do filme três, quando o Sirius Black fala dos pais do Harry e solta essa frase linda. E, sabendo do que aconteceu com o Luiz e a Luiza, aposto que deve ter o mesmo significado.

E vendo, o quarto eu realmente entendi que estava com alguém que tinha, praticamente, a idade para ser o meu pai. Que havia passado por diversos problemas e tinha uma filha quase da minha idade. Meu deus, eu poderia ter sido colega dela na escola. Aposto que eu devo conhecer ela dos corredores. Já que todo mundo meio que se conhecia naqueles prédios.

Me sentei na cadeira da escrivaninha, também rosa, e comecei a pensar em todos os julgamentos precipitados que iria receber sobre isso. O principal de todos é que eu sou nova demais para me interessar por um homem mais velho, que vai acarretar com o fato de que ele tem dinheiro e eu não. Vão falar aos quatros ventos que eu estou com ele por simples interesse.

Para as pessoas, é mais fácil apontar o dedo e falar da pessoa pelas costas do que realmente saber o que se passa entre elas. Ninguém imagina o que o Luiz sofreu quando perdeu a sua esposa, e ninguém imagina a minha dor quando eu vejo uma mulher grávida na minha frente.

E agora, explicar que ele me traz essa calma e paz quando estou ao seu lado, não vale a pena. As pessoas não acreditam que possa haver sentimentos entre pessoas tão diferentes. Achem que a posição social e tantos rótulos que coloca entre as pessoas, fazem serem diferentes das demais, e sentimentos, uma coisa completamente inviável a esses dois mundos.

Aprendi, com os anos de trabalho, e tendo uma mestra nessa parte, a não abaixar a cabeça para as pessoas que me tratem mal, seja no meu trabalho, ou em qualquer parte. Por trabalhar em eventos, lido com todo o tipo de pessoas. Desde as que ficam extremamente gratas pelo nosso trabalho, as que colocam defeito em tudo, só porque estão pagando, menosprezam os demais funcionários.

Não fui, nem uma, e nem duas vezes, em que fui maltratada por convidados em festas, por estar trabalhando e servindo. Aprendi a ignorar. Deixar que falassem, me xingassem e até me humilhassem, se fosse o caso. Se eu soubesse que estava certa com as minhas ações e, ciente de que estava fazendo, não precisava me preocupar com a má educação, soberba e ignorância das pessoas que se acham melhor que os outros. A única pessoa que eu tinha que me justificar era a Su, e ela me ensinou tudo isso com maestria. Ela é o meu exemplo máximo de tudo que falei, de que os sentimentos não escolhem por quem se apaixonar, e que se for de verdade, vai dar certo, independente de quem seja.

O que levo para mim é isso. Pessoas são todas iguais, todos temos as mesmas funções corporais e acabaremos de baixo da terra, como qualquer outra no mundo. Ninguém é melhor que ninguém, e não há dinheiro do mundo que irá mudar isso. Espírito e alma são incorruptíveis, isso é o que vale realmente.

E julgamentos precipitados podem gerar fofoca, mas se o que sentimos é de verdade, não será abalado por nada.

Meus olhos se abrem novamente com um barulho lá do andar de baixo. E com isso, eu desisto de dormir. Pelas cortinas do quarto, percebo que já deve ser dia alto, e o sol está torturando a todos por mais um dia. Levanto e vou até o banheiro da Luiza, onde deixei as minhas coisas. Tento dar um jeito no meu rosto amassado e desço as escadas.

Encontro o Luiz com a origem do som. Ele concentrando, de costas para mim e tocando piano. Uma partitura a sua frente, mas nem preciso me esticar para saber qual é a música que ele está tocando. Fix You, do Coldplay. Uma das músicas que eu mais escutei na minha vida.

Ele termina a música e se vira para mim.

– Bom dia, guria. – Ele dá um espaço para eu sentar no banco do piano ao seu lado.

Aceito o convite e estranho o fato dele estar de óculos e com os olhos avermelhados. E antes de eu fazer alguma pergunta ele já fala.

– Não estava fumando maconha nem nada, só esqueci de tirar as lentes para dormir. E digamos que ontem e antes de ontem eu também esqueci, então irritou. Aí tive que pegar os fundos de garrafa para não ficar cego.

– Cego, surdo e sem dente? Não acredito que passei a noite contigo!

– Decepcionante, não é? E não esquece dos amassos no sofá.

E com isso ele me puxa para um beijo com gosto de café.

Me agarro na coisa mais próxima que encontro, porque fui pega de surpresa com a intensidade do beijo que o Luiz me dá. As teclas do piano gritam desencontradas quando eu tento encontrar apoio nelas. E começo a rir.

– Coitado do piano. – Luiz fala e me dá mais um beijo rápido.

– Nem percebi quando tu saiu da cama. – Digo me escorando no seu ombro.

– Foi cedo. Levantei porque queria conversar com a Luiza, e conhecendo bem ela, sabia que esse seria o melhor horário.

Sinto o meu corpo ficar tenso com a tão chegada hora da verdade. Em todo esse tempo em que eu estou com o Luiz, todas as vezes ele falou na filha. Seu maior orgulho e feito. Vejo o brilho nos olhos dele todas as vezes que toca no seu nome. E sei que se ela não “aprovar” que estamos juntos, será uma pedra e tanto no nosso caminho.

– E então? – Levanto os olhos e foco nos deles por trás das lentes.

– Ela já gosta mais de ti do que de mim. Depois que ela me deu um sermão, invertendo os nossos papéis, me fez falar um monte de coisa sobre ti e olhando o teu facebook enquanto eu narrava as coisas.

– Sério? Ainda bem que eu quase nem compartilho nada nele. Senão ela já teria me boicotado na hora. – Luiz ri e me abraça.

– Nunca, a Luiza é igual a mãe dela, gosta de todo mundo. E não vê maldade em ninguém, até descobrir. Aí ela vira uma onça e ninguém faz ela mudar de ideia.

– Então acho que vamos ser boas amigas. Sabe que eu me dei conta que quase poderia ter sido colega dela na escola. E devo conhecer ela dos corredores de lá.

– É provável. Ela sempre foi mais tranquila em sala de aula do que eu. O Gê sempre me disse que não era justo eu ter uma filha tão comportada sendo uma peste do jeito que era. Acredito que ela sempre foi na dela na escola.

– Eu já era mais nerd. Sentava nas primeiras filas e respondia tudo. Mas também aprontava as minhas. Uma vez a turma inteira aprontou e fomos para a sala do professor Gerson. Ninguém dava um pio.

– Professor Gerson. – Ele começa a rir. – Nunca imaginei escutar isso. É hilário.

– Para de rir de mim, era como todo mundo conhecia ele. E o professor Roberto também. Os dois colocavam medo, e quando estavam juntos então, todo mundo ficava controlando até os passos no chão para não fazer barulho.

E com isso, o Luiz começa a quase chorar de tanto rir.

Ele me contou das divergências entre os três irmãos. Realmente, nunca achei que eles pudessem se dar tão mal assim. Essa nunca foi a imagem que a escola passou, onde eles mesmo prezavam o entrosamento da família em todas as aulas que tinham com a gente.

– Falar é fácil, guria. Em casa a história era outra por completo. Começando pela minha mãe. – Luiz, que nessa hora, já tinha me levado para a cozinha, onde estávamos tomando café.

– Nunca vi tu falando nela, só no teu pai.

– É porque ela nunca me viu como filho.

Encaro ele sobre a minha caneca de café enquanto ele come um pedaço de pão.

– Se eu não visse tanta semelhança entre ti e os teus irmãos diria que tu é adotado, mas sei que esse não é o caso.

– Com certeza não. Só que eu sou o filho mais novo. Tenho muitos anos de diferença entre os dois. E quando a minha mãe pensou que já tinha dado ao meu pai o que ele queria, filhos e ambos homens, imaginou que desse “mal” – ele faz o sinal das aspas com os dedos – não iria mais sofrer. E aí, eu apareci na história, dentro do útero dela.

Engulo à seco o meu pão, com essa menção, e finjo que nada aconteceu.

– Enfim, naquela época, quinhentos anos atrás, a depressão pós-parto não era nem imaginada, quem dirá reconhecida. Pelo o que me falaram, a gravidez já foi um problema para ela, e depois que eu nasci a coisa não foi diferente. Ela nunca me aceitou como fez o Gê e o Beto, eles sempre foram os filhos dela e eu, apenas o Luiz. E a depressão pós-parto, diagnosticada por mim, não tratada levou a isso. Fui criado pelos empregados da casa e pelo meu pai, este sempre fez questão de me tratar como os outros dois, e como eles dizem, até melhor. Na infância eu não entendia isso, porque não tinha ninguém para comparar. Fui criado no meio da fazenda, fazendo tudo que me dava na cabeça. Só fui virar gente quando comecei a escola, e aí

eu já era uma peste. Não tinha mais o que fazer. Ela só falava comigo para me xingar ou bater porque eu havia aprontado alguma. E eu apanhei bastante, merecidamente. Se a Luiza aprontasse a metade do que eu fazia, eu ia estar perdido.

Luiz dá os ombros e volta a comer. Fico pensando em como uma mãe faz isso com o próprio filho. Me perco nos meus pensamentos por alguns instantes. Especialmente quando eu imagino um Luiz pequeno sem um abraço de mãe ou carinho, como eu recebi.

– Claro que para algumas pessoas, e muito abordado nos livros e programas, filhos rejeitados, ficam insolentes e se tornam uns cafajestes por marca maior. Comigo não aconteceu, adoro crianças, meus afilhados, até os que não são, mas que considero, e amo ser pai, mesmo ela sendo uma mula manca de teimosa. Tive uma boa educação, por assim dizer. – Ele ri e balança a cabeça. – Fui criado pela mulher que cuidou dos meus irmãos. Até hoje vejo ela mais como minha mãe do que a própria. Essa semana ela me ligou me xingando e reclamando que eu não dou mais bola para ela.

– Ela mora perto?

– Ainda está lá na fazenda. Seguido está aqui na cidade e eu passo o dia com ela. Eu, Gê e o Beto já demos a ideia de ela vir para cá, até para a minha casa, ou fazer rodízio entre as nossas, mas não, ela disse que o lugar dela é socada lá e cuidando da casa. Mesmo que ninguém vá visitar lá.

Questiono com os olhos para ele.

– Eu não vou por motivos óbvios. Foi indo para lá que nos acidentamos, e eu tenho um bloqueio naquela área. Aliás, eu dirijo bem na cidade, ritmo lento e tranquilo. Adoro um congestionamento, assim ninguém pode correr demais. Porém na estrada, eu detesto. Não gosto de dirigir e não escondo isso de ninguém. Ano passado inventei de ir para a praia com a Liv e foi uma péssima ideia. Dois traumatizados dentro de um carro com o trânsito intenso não é uma boa experiência.

– Sinto muito, – murmuro. – Eu não imaginava que era indo para lá que havia acontecido o acidente.

– Não precisa se desculpar, Carla. Já passou. Faz muito tempo e agora eu já consigo falar sem me engasgar e ter um ataque de pânico pelo que aconteceu.

– Mesmo assim. Pelo o que tu me contou vocês dois eram bem unidos.

– Eu e a Jô? – Confirmo com a cabeça. – É, nós éramos sim. Ela morava na propriedade menor na frente da nossa. Era só atravessar a estrada que estava na casa dela. Ela não conheceu a mãe e o pai que tinha era uma escória humana, mas ajudou o meu pai quando ele precisou para formar a escola. Então ele via a Joana como uma filha também. Acho que foi por isso que a minha mãe me odiava mais, se eu fosse uma guria, talvez ela teria me aceitado, mas enfim, isso não vem ao caso.

Luiz volta a falar da infância e adolescência empolgadamente. Cada história e coisa que ele se lembra, reflete no brilho dos seus olhos. Fico encantada por escutar alguém falar com tanto carinho assim de uma pessoa que já se foi.

Depois do café, ele me leva para dar um tour pela casa gigante que tem, paramos em

todas as fotos que a casa possui espalhada e me conta a história de cada um, até a dos quinze anos da Luiza que eles viajaram, sendo o Luiz o único pai no meio de uma excursão para a Disney e o Mickey passou a mão na bunda dele.

– Eu tenho que ir embora. – Digo vendo a expressão dele cair alguns graus de animação.

– Acho que me empolguei demais conversando sobre mim, não foi? Pode ser sincera. – Nego com a cabeça.

– Não, gosto de te escutar falando essas histórias. Me faz perceber que a minha vida foi uma chatice perto da tua.

– Chatice? Acredito que não. Quando tu começar a me contar as tuas travessuras vamos bater corrida junto para qual dos dois foi mais peste que o outro. Esse teu sorriso malicioso não me deixa dúvidas que tu também não foi santa.

Encaro ele e fico parada. Eu sei que sou um livro fechado, com um cadeado que se perdeu a chave há alguns anos. Em comparação com ele que fala tudo com tanto entusiasmos. Porém me vi conversando hoje, bem mais do que qualquer outras vezes e com outras pessoas. Isso é um progresso e tanto.

– Tive os meus momentos. – Falo por fim.

– Eu imagino. Alguém que anda numa moto daquelas, não poderia ser toda certinha assim.

– Hey, não fala da minha pretinha. Ainda vou te levar para dar uma volta nela. Prometo que ando dentro do limite de velocidade e não empino ela a cada esquina.

– Meus pés estão firmes aqui na terra.

– Nunca me acidentei de moto. – Luiz olha para mim e cruza os braços. – Eu falei moto, e aquela vez não foi minha culpa, certo? Sou uma ótima motorista. Vamos lá, Luiz. Dez minutos em cima da minha moto e tu sai de lá outra pessoa.

Ele hesita. Seus olhos, através dos óculos, me analisam de cima abaixo. Fico apreensiva quando ele faz isso lentamente. Meu corpo se contrai todo e eu lembro do que ele pode fazer comigo, como fez ontem à noite, me trazendo sensações que eu nunca tinha conseguido sentir na minha vida. E de como aquilo foi bom.

– Dez minutos? – Ele pergunta e eu confirmo. – Se eu pedir para parar tu vai fazer isso?

– Claro, está me achando com cara de torturadora?

– Não sei qual o teu nível de tortura. O que fizemos ontem no sofá, para mim, foi uma tortura. Para ti não?

Toques, suspiros, mãos e pele. Minha boca seca por alguns segundos, tempo suficiente para ele abrir um sorriso presunçoso.

– Foi não é? Ainda não perdi o jeito. – Ele vibra.

– E aí, vamos ou não?

– Amassos no sofá? – Ele dá um passo na minha frente e agarra a minha cintura.

– Eu estava falando do passeio de moto. – Seu nariz passa pelo meu pescoço, lentamente e acaba com ele sussurrando no meu ouvido.

– Pode ser os dois. Amassos agora e a coisa de duas rodas amanhã. – Ele beija o meu pescoço e eu sinto o seu cheiro, o mesmo que senti no travesseiro quando acordei hoje.

Me deixo ser seduzida e quando dou por mim, estou atirada no sofá da sala com o Luiz em cima de mim e fazendo o meu corpo inteiro se contorcer por tudo o que ele está fazendo comigo. Ainda bem que eu só preciso trabalhar hoje à noite.

Capítulo 20

– Não vou subir nisso. – Digo imitando as crianças que eu atendo no hospital quando as enfermeiras tentar colocar eles nas macas de RX.

– Tu disse que ia andar comigo, nem que seja dez minutos. – Carla escora o capacete preto dela na cintura.

– Eu falo muitas coisas. – Rebato e cruzo os braços.

– Isso é trapaça. Fiquei aqui contigo ontem até quase a hora de ir trabalhar. Só passei em casa para tomar um banho e sai de novo. Vamos lá Luiz, dez minutos não vai nem esquentar o motor.

– Agora sabendo que tu ia andar bem mais para esquentar o motor que eu não vou subir. – Ela revira os olhos.

– Então eu vou sozinha. – Ela deixa o outro capacete no chão e coloca o dela. – Daqui a pouco eu volto.

Vejo ela subindo na moto gigante e ligar o motor.

– Última chance. – Ela manobra e fica de costas para mim. – Ia poder me agarrar de costas de graça, agora eu vou começar a cobrar por isso.

Mas o que?

Ela não pode fazer uma coisa dessas, ou pode? Por que eu fui falar que gostava de agarrar ela assim? Bem feito, seu burro. Agora vai ter que pagar com juros, correção monetária e ainda convertido para o dólar. Com certeza ela é dura na queda e cumpre o que fala.

Meu corpo ainda está travado, mas dentro de mim, alguma coisa passa a ideia de que estou sendo um idiota por não estar fazendo isso. O trauma fala mais alto e a consciência rebate. Parece eu e o AC jogando uma partida valendo o lanche da noite na carrocinha da esquina. Nenhum dos lados quer perder e ter que pagar para o outro.

Confesso que fiquei, muito, receoso depois do acidente. Meu carro deu perda total, mas isso não era nada perto de outra coisa que eu havia perdido e não tinha nenhuma forma de recuperar ou comprar novamente.

Levei quase um ano para voltar a dirigir. Meu carro novo ainda estava com os plásticos nos bancos quando eu peguei ele. E só fiz isso porque a Luiza estava doente e eu precisa fazer uma medicação intravenosa nela urgente, antes que ela entrasse em estado de desidratação de tanto vomitar por uma intoxicação alimentar que ela estava.

Fui perdendo o medo aos poucos, porém, sempre respeitando o poder de um carro. Antes eu até cometia algumas imprudências básicas, mas hoje sou o cara mais chato no trânsito que possa haver.

E agora, eu me sinto em uma sinuca de bico. Eu sei que a Carla nunca iria me colocar em perigo em cima da sua moto. Já escutei o AC e o Noah falando que ela é uma ótima motorista, e ambos já mataram a curiosidade de estar andando nesta potência de moto com ela por algumas quadras, mas comigo a coisa é mais embaixo. Morro de medo, não nego, e agora neste momento,

vendo ela tão confortável nesse veículo de duas rodas, a minha curiosidade aumenta mais do que o normal.

– Vou indo. – Ela acelera a moto, que faz um barulho alto e eu toco na sua cintura.

Vejo um sorriso maroto surgindo naquela boca que eu já conheço cada centímetro dela. Sua manipuladora!

– Eu vou. Mas com algumas condições. – Carla revira os olhos para mim. – Se eu pedi para parar, tu vai parar, certo?

– Já tinha dito isso ontem, e ao contrário das pessoas, eu cumpro o que digo sem colocar nenhum empecilho no meio. – Ignoro a indireta bem direta.

– Não vamos correr e nem fazer outro tipo de loucura, certo? Eu sei que tu tem uma queda pelo asfalto, mas eu não.

– Sobe de uma vez, Luiz.

Coloco o capacete e ela me ajuda a fechar embaixo. Aperta a tira e eu monto na moto atrás dela. Aproveito a situação e agarro a sua cintura com força e colo o meu corpo no dela. Até aqui, esse passeio está sendo bem agradável.

– Pronto?

– Por mim ficaria só nessa posição. É bem confortável, e o banco não é nada mal também.

Sinto a Carla rir com o meu comentário e acelerar a moto.

Ohh droga, eu não deveria ter topado isso. Estou vendo que vou me arrepender aqui na esquina já.

Ela dá um impulso e eu fecho os meus olhos quando sinto a moto começar a se movimentar. Aperto mais a Carla contra mim e apoio o meu capacete nela. Vão ser dez minutos de olhos fechados, imaginando que a gente está em uma ilha paradisíaca cercada de terra para todos os lados e o mar azul na nossa frente.

Nunca pensei na minha vida que um dia eu estaria em cima de uma moto assim. Sempre detestei esse tipo de veículo. Se um carro já não é seguro, cheio de dispositivos para a nossa proteção, quem dirá esse para-choque humano aqui?

Se eu contasse quantos acidentes de moto eu já atendi nos plantões a fora, iriam se apavorar com o número mínimo que eu tenho. O mais básico de tudo, é alguma parte do corpo quebrada, nem que seja uma costela, ou um dedo a pessoa vai fraturar. Quando os acidentes não são fatais.

Sinto o vento atravessando o meu corpo e continuo com os olhos fechados e esmagando a Carla contra mim. Só ela para me convencer, com armas traiçoeiras, para eu fazer esse tipo de coisa.

– Desgruda de mim e abre os olhos, Luiz. Não vai doer nada. – Ela grita.

– Não, está bom aqui. Tenho medo de perder uma lente.

– Fecha a viseira.

E soltar ela para fazer isso? Nunca! Prefiro não enxergar nada com os meus sete graus de miopia em um olho, e seis e meio no outro.

Gosto do corpo dela grudado no meu. Do jeito que eu fico louco quando ela começa a beijar e vai descendo o meu pescoço. E do jeito envergonhado que a Carla fica quando percebe que o meu corpo tem vontade própria. Até porque não sou de ferro, e faz muito tempo que eu estou cozinhando em fogo brando.

A moto para e a Carla mexe os ombros para eu levantar. Abro os olhos e percebo que estamos na praça perto da nossa casa.

– Já andamos bastante e agora falta pouco para chegarmos em casa? – Pergunto esfregando os olhos.

– Não, nós recém chegamos aqui na praça. Não dá para andar muito com a moto indo a menos de trinta quilômetros por hora.

– Essa é uma velocidade excelente! Vamos dar meia volta?

Carla se volta para a moto, bufando de raiva, e eu me agarro de novo nela. Já disse que gostei dessa parte do passeio?

Andamos por mais alguns minutos, e eu ainda agarrado nela, como se fosse adiantar alguma coisa se cairmos no asfalto. Quando descemos da moto, eu sinto o alívio de estar com os meus pés firmes. E quando vejo a Carla na minha frente, soltando os cabelos do capacete eu tenho um soco no estômago, vendo que tudo que eu achava sobre estar junto havia caído por terra.

Eu estava seguindo para um caminho sem volta. Meu coração, tão fechado, cadeado, lacrado e cercado por arame farpado, que só de tentar acessá-lo, doía, começou a afrouxar os nós.

Tinha acabado de enfrentar um dos medos com ela. E foi mais fácil do que imaginava que seria. Tudo sempre fica mais descomplicado quando se trata da Carla. Meu Deus, eu havia até dito para a Luiza que estava com ela!

E mesmo sabendo da reação da Luiza, e escutando as perguntas dela sobre a Carla, me deixou mais certo do que eu estava fazendo aqui com ela.

Tudo estava entrando nos eixos. Eu estava entrando de cabeça nesta relação. Faria de tudo para dar certo, pois gostar da Carla era pouco para o que começava a mudar dentro de mim. Eu sei que enquanto estamos nessa fase “escondidos”, tudo era mil maravilhas, no momento em que as pessoas comessem a saber de nós, tudo começaria a mudar.

E eu estava preparado para enfrentar tudo ao lado dela. Queria mostra para todos que estávamos juntos, e que não era brincadeira nem nada. Por mais que eu seja um brincalhão, abobado e até meio palhaço, quando se tratava de sentimentos eu lidaria como a coisa mais séria do mundo.

– Vamos tirar uma foto para registrar o momento?

– Que momento? Tu enroscado em mim como uma cobra, e eu tentando lutar para respirar?

– Já disse que essa foi a melhor parte do passeio para mim. – Pego o meu celular, abro a

câmera e puxo a Carla pela cintura até mim.

Ela estava com o capacete na mão e eu ainda com o meu na cabeça. Vejo a foto e mostro para ela.

– Somos lindos juntos. – Ele pega o meu celular e fica observando a foto.

Ela sorri e dá zoom na foto antes de me entregar o aparelho. Os seus olhos brilham e ela continua com um sorriso no rosto, não tão grande como no da foto, mas mesmo assim, ainda lindo.

– Que foi? – Questiono sorrindo. – Por que desse sorriso aí?

– Fazia anos que eu não via uma foto minha sorrindo assim. – Ela dá os ombros e me abraça. – O passeio foi uma porcaria, mas mesmo assim, obrigada pelo voto de confiança em mim.

A solto do abraço e a puxo para um beijo leve.

– Eu sou um medroso com essas coisas, mas foi agradável. Dá próxima vez acho que já posso abrir um dos olhos.

– Vamos começando aos poucos, quando tu perceber, vai estar em uma concessionária de moto pegando uma maior que a minha.

– Veremos.

Coloco o capacete em cima da moto e abro a porta de casa.

– Vai postar a foto? – Sinto um quê de medo quando ela me pergunta isto.

– Pretendo, algum problema? – Abro a geladeira e pego uma garrafa de água e tomo direto nela. Esse é uma das coisas que se pode fazer quando se mora sozinho...

– Nenhum, só que as pessoas vão perceber que estamos juntos.

– E nós não estamos? Acho que os amassos dos últimos dias deixaram isso bem claro.

– Não, não é isso. – Ela ri, se aproxima de mim, rouba a minha garrafa de água e toma um pouco. – Eu sei que estamos juntos, só quero esclarecer quando eu chegar em casa e sentir a inquisição espanhola me perguntando coisas.

– Corro risco de precisar de um colete à prova de balas?

– Mísseis, facas, bombas e muitas coisas.

Olho para a Carla, tão à vontade na minha casa. Como eu nunca pensei que fosse ver outra mulher, a não ser a Joana e a minha filha. Vejo ela abrir a geladeira e recolocar a garrafa no seu interior.

Acho que preciso comprar um colete mesmo, porque esse risco vale a pena se correr. E levar um tiro, nem pode doer tanto assim como falam...

Por Carla

Estaciono a minha moto ao lado do carro do meu pai. As luzes estão apagadas e eu entro pé

por pé dentro de casa.

Já passa da meia noite, e quase que eu não consigo resistir a mais um convite do Luiz para passar a noite com ele. Tive que usar todo o meu controle para não ceder as suas investidas sobre mim, literalmente sobre mim, já que eu estava no sofá com ele em cima do meu corpo e me levando à loucura com a sua boca, e a barba no meu rosto.

Descobri, do melhor jeito possível, que eu ainda posso ser atraída por alguém, e desperto atração. Desde o meu “namoro”, eu nunca estive tão próxima de uma pessoa como estou com o Luiz, porém se for comparar um com o outro, posso ficar um bom tempo falando, mas posso ressaltar alguns importantes.

Primeiro de tudo, ele faz eu me sentir diferente. Cada vez o Luiz conversa alguma coisa, ou me oferece algo, eu percebo que é além da sua educação. O brilho nos seus olhos e a expectativa, como se fosse uma criança pequena, para saber se está me agradando, confirma isso com todas as certezas do mundo. Sempre que ele me olha, eu sinto isso. Ele preza o meu bem-estar, antes até do dele, como foi em alguns casos, e isso me conquista sempre.

Também há o fato de que eu gosto da companhia dele. No fundo somos dois solitários que encontramos nas nossas diferenças alguns encaixes e muitas semelhanças. Ele gosta de falar pelos cotovelos, eu de escutar. Gosto de ficar em casa, ele também. Bebemos as mesmas coisas. Saímos sozinhos, sem dar a importância se estamos acompanhados, ou não, o que vale é estarmos nos divertindo, seja ele sentado observando as pessoas e eu dançando. Gostamos de trabalhar à noite. Enquanto o mundo dorme, nós funcionamos.

Nesses últimos dias, quando tudo começou a ficar mais “intenso”, eu tive a prova real de que o Luiz era tudo do que eu preciso. Em nenhum momento ele me forçou a fazer coisas que não queria. Diferente da minha outra experiência, em que ele brigava comigo, até fazia uma certa pressão psicológica para fazer certas coisas que eu não queria. Agora a situação é ao contrário. Completamente.

Sei que o Luiz não é uma pessoa burra. Com toda a certeza do mundo, ele já percebeu que tem alguma coisa de errado em mim. E o fato dele saber disso, e respeitar o meu silêncio, vale mais do que qualquer declaração espalhafatosa. Para mim, levar em consideração o que eu quero e estou disposta a fazer, é uma coisa que eu gosto.

Ele me deixa à vontade. Luiz, por si só, já é uma fonte de tranquilidade. Perto dele posso ser eu mesma, sem medo de me expor demais e acabar revelando o que eu não quero.

Hoje, ele me deu o seu maior voto de confiança de todos. Eu sabia que ele iria se opor a subir na minha moto, ainda mais que ela é intimidante à primeira vista. E tendo em vista o seu passado, e de como ele perdeu a esposa em um acidente, e lida com isso no hospital seguido, eu achei que foi a maior prova que ele gostava de mim e também se sentia seguro na minha companhia.

Não foi um passeio completamente agradável. Tive que controlar a minha respiração, pois ele estava me agarrando com uma certa força. Mas eu entendo o medo dele e apenas fiz uma volta até a praça, como prometido, em menos de dez minutos. Quando desci da moto, vi os seus olhos espantados, mas, como sempre, no momento em que ele levantou o olhar para mim, sorriu.

Aquilo mexeu comigo de uma forma inexplicável. Saber que eu era fonte de confiança

dele, me fez ver o que tínhamos de um panorama diferente. Não se tratava apenas da vontade de ficarmos juntos, de simplesmente ficarmos por ficarmos, de minha parte, já tinha evoluído nesse momento para uma coisa a mais.

Não sei o que podemos enfrentar daqui para frente, ainda mais que agora, todo mundo já sabe que estamos nos encontrando. Luiz postou a nossa foto saindo da moto, e eu com um sorriso inegavelmente feliz, já que era um momento sublime para mim descobrir aquele fato.

Agora as cartas já estão na mesa. Milhares de julgamentos serão lançados. Vou passar de ser apenas uma funcionária de uma promotora de eventos conceituada, para a “acompanhante” do Luiz. Um dos homens mais ricos da cidade, mas que poucas pessoas imaginam que ele dorme com as roupas rasgadas e mesmo limpa a piscina da sua casa. Eu, a guria de vinte e quatro anos, com um homem, viúvo de quarenta e dois, mas que se colocar as idades mentais no papel, ele bate junto com a minha.

E acima de tudo isso estará nós dois. Duas pessoas que se gostam e a cada dia descobrem o quanto apreciam a companhia um do outro.

Abro a porta do meu quarto, e vejo que está na hora de passar pela primeira prova de fogo do nosso relacionamento, pois encontro a minha mãe em cima do meu diário, lendo com a luz de cabeceira tudo o que já coloquei naquelas páginas.

Capítulo 21

Acendo a luz do meu quarto, minha mãe dá um pulo da minha cadeira, ela me encara e eu vejo os seus olhos acompanhados pelos rastros de lágrimas que descem o seu rosto.

Fico em silêncio. Caminho até a minha cama e deixo a chave da minha moto e o capacete caírem no colchão, junto com o meu corpo.

Eu sempre soube que não era a filha perfeita para eles. Meus pais sempre quiseram um filho para fazer companhia ao Diego. Tentaram por anos, alguns tratamentos e outras gravidezes que não vingaram. Quando desistiram, eu apareci de intrusa na história.

Era o “pequeno milagre”, a guria que nasceu e lutou pela vida até o último segundo. Nasci em uma família abençoada, mas dentro de mim, nunca consegui ser o motivo de tantas expectativas deles.

Meu irmão sempre foi o primeiro em tudo, desde a pré-escola até a faculdade, quando recebeu o prêmio por melhor aluno da turma. Até hoje, sempre quando liga nos fala de algum feito fascinante no trabalho que lhe dá credibilidade no que fez.

E eu no meio disso tudo? Fui colocada no mesmo patamar que ele, mas nunca cheguei a metade do que ele é. Fui péssima na pré-escola, tanto que a professora queria me deixar mais um ano lá para sair reforçada, mas meus pais não aceitaram. Quase rodei na quinta em matemática e na sétima em português. Muito difícil eu me safar de alguma recuperação no final do ano, e muito tive aulas particulares em química para conseguir me formar no ensino médio.

Nunca consegui ser a primeira da classe, por mais que eu me esforçasse. Era mediana, passando para mim, já estava na conta. E sinônimo de alívio.

E depois do que aconteceu comigo, tudo deslanchou de vez. Passei por alguns períodos em que eu estava mais relapsa do que o normal, percebi que nunca seria a filha perfeita que os meus pais sempre quiseram, e mereciam. E então eu resolvi formar uma para eles.

Inventei histórias. Conteí mentiras e fazia os meus pais felizes com as minhas realizações. Dizia que era uma das melhores alunas da classe de administração, o curso que eu havia escolhido para mim. Mentira, meu sonho era odonto, mas depois de muitas bombas no vestibular, eu desisti e entrei em uma coisa mais fácil de conseguir vaga. Falava que as minhas notas eram perfeitas e os professores só me elogiavam, mais uma história, já que tive que ficar um semestre a mais para recuperar as matérias que conseguia passar.

Inventei amigas, e uso essa desculpa até hoje, para meus pais não se preocuparem com a minha solidão. Fiz uma vida social completa para que eles ficassem maravilhados com o que a filha havia se tornado.

Mas a realidade era que eu apenas conseguia ser uma promotora de eventos, que trabalha por comissão, que prefere a solidão (embora de uns dias para cá a história esteja mudando) do que a presença de outras pessoas da minha idade. E que, tirando os eventos que eu ajudo a promover, a minha vida não é nada emocionante e nem digna de entrar para uma história e virar best-seller.

A filha perfeita, que eles tanto merecem, só existe dentro dessa casa. Faço de tudo pelos

meus pais. Não há coisa que eles não me peçam que eu não me desdobre em mil para conseguir.

Eles já estão em uma etapa da vida em que começam a sentir os sinais da idade. Minha mãe não gosta de dirigir mais, pois acha o trânsito caótico e rápido, então eu a levo em tudo que é lugar, no carro dela. Meu pai, mesmo trabalhando como delegado, e exerce a profissão com maestria, em casa já apresenta alguns problemas com a tecnologia e, por mais que eu explique como funciona tais coisas, e eu explico, quantas vezes ele precisar.

Por isso que nunca tive planos de sair de casa, como Diego fez. Não aguentaria ver eles passarem pela velhice sem a minha companhia ao lado deles os ajudando e sendo a filha perfeita que eles sempre sonharam. Já basta a decepção em não terem netos da minha parte, uma coisa que afeta a todos nessa casa. Sei que o sonho da minha mãe era uma neta para ela mimar, e o do meu pai, um neto para ele construir mais uma casa na árvore nos dias de folga dele, assim como fez para alguns filhos dos meus primos.

Mas agora nada disso importava, porque pelo o que vejo da minha mãe, toda a minha farsa, anos e anos de mentiras, foram descobertos pelo diário que eu esqueci de esconder hoje pela manhã quando escrevi nele novamente.

Sabia que a história de ter um lugar para escrever era uma idiotice. Quem na minha idade tem um diário, onde conta todas as coisas que aconteceu desde a minha perda? Só uma pessoa idiota como eu, que pensava que isso seria uma grande ideia. No início, quando eu descarregava minhas frustrações e medos naquelas páginas, tirava um peso da minha alma por estar “compartilhando” com alguém tudo que me afligia. Era um desabafo limpo. Eu falando por mim mesma, sem a máscara das histórias que inventava ou fingia que viva.

E neste momento, tudo foi por água abaixo.

– T..Todos estes anos, tu mentiu para nós? – Ela pergunta com a voz fraca.

Apenas aceno com a cabeça, e já sentindo as lágrimas chegando aos meus olhos.

– Por que, Carla?

Dou os ombros e fito o meu tapete azul, aquele que tenho desde os meus quinze anos.

– É verdade o que está escrito aqui?

– Sim.

E essa palavra destrói a minha mãe. Ela volta a chorar e eu me sinto a pessoa mais infeliz do mundo, por fazer ela chorar deste jeito.

– Eu estou lendo isso aqui já faz tanto tempo que não consigo mais conhecer a minha própria filha.

– Sinto muito. – Murmura.

– Sente, Carla? Tem certeza? Pois não foi isso que eu vi nesse diário. Só li uma filha que me mente sobre a vida que leva para não magoar eu e o teu pai? Eu estou me sentindo a pior mãe do mundo com essas palavras aqui.

Mais lágrimas escorrem do meu rosto.

– Olha para mim, filha.

Hesito, mas quando ela senta ao meu lado, eu crio coragem e fito os olhos da minha mãe, o mesmo que herdei.

– Se eu soubesse que tu estava passando por tantas coisas, desde que... Bom, desde que tudo aconteceu, nós teríamos tomado alguma providência.

– Eu não precisava de providência. Só queria ficar na minha, lambendo as minhas feridas e esperando elas cicatrizarem sozinhas. Mas eu via o olhar triste teu e do pai.... Aquilo me doía mais que a falta que eu estava sentindo. Vocês sempre esperavam mais de mim, e eu... – minha voz falha e eu volto a chorar.

– Para nós, tu sempre foi perfeita, Carla. A nossa guria, aquela que chegou quando nós já estávamos certos que não teríamos mais filhos.

– Eu nunca consegui deixar vocês orgulhosos pelo o que eu era. E eu ainda...

– Não, Carla. – Ela me sacode. – Tu sempre foi o nosso motivo de orgulho, assim como o teu irmão. Ele pode ter tido uma aptidão acadêmica, mas tu tinhas outras coisas, filha. Tu sempre foi amorosa, paciente e atenciosa com a gente. E qualquer outra pessoa. Eu vejo as minhas amigas reclamando das filhas que não fazem a metade do que tu fez, e ainda faz por nós.

Fico em silêncio enquanto ela continua a falar.

– Tu passou por tudo tão jovem, mas com uma garra que eu não consegui quase enfrentar quando sofri meus abortos. Eu me sentia um lixo de pessoa, filha. E tu, – ela coloca uma mecha do meu cabelo para trás do meu ombro – com dezesseis anos passando por aquilo e ainda está firme e forte aqui.

– Eu precisava ficar bem para vocês.

Ela me nega com a cabeça.

– Tu não tinha que ficar boa para nós, filha, e sim para ti mesma. O papel de uma mãe é se preocupar com os filhos para sempre, seja eles com dias de vida, ou com mais de trinta anos na cara. Esta é a nossa sina.

Rios e rios de lágrimas caem dos meus olhos.

– Nós pensávamos que tu estava bem. Mas nunca paramos de nos preocupar contigo, Carla. Nunca vamos parar. Agora, lendo todas as páginas e confissões que eu vi, percebo que tu ainda não te recuperou. Que, apesar de ser uma filha perfeita – ela enfatiza a palavra com o olhar – ainda tem muito que andar para chegar lá. Não quero que tu minta para nós, filha. Por mais que a gente confie em ti, também queremos que tu confie em nós.

Ela me abraça e eu me permito sentir aquele aconchego que só uma mãe sabe dar aos seus filhos.

– Eu sempre tive um pé atrás com a história das tuas amigas. Já fazia anos que tu dizia que saia com elas, mas nunca trouxe elas aqui em casa. Onde tu te enfiava, Carla? Estava com alguém...?

Rio. Com certeza ela deve estar querendo saber quem é o tal do Luiz que tanto vem ocupando lugar nas páginas daquele diário.

– Até alguns dias atrás, eu saia sozinha mesmo. Ia me divertia no barzinho aqui perto,

dançava e voltava para casa. Mas agora...

Saio do abraço da minha mãe, e limpo, nada delicadamente, o meu nariz na manga do meu casaco.

Tomo uma respiração e começo a falar do que mudou na minha vida nessas últimas semanas.

– Conheci uma pessoa.

– Eu li no diário. Tu escreve muito sobre ele, Luiz o nome, não é?

Concordo com um aceno de cabeça leve.

– Ele é mais velho e tem uma filha da tua idade. – Faço o mesmo movimento e começo a falar.

– Ele é mais que isso. Já passou por uma perda também. É viúvo há mais de doze anos e...

– E esse é o meu medo. – Ele me interrompe. – Pelo o que eu li, vocês têm andado bastante tempo juntos. E isso me preocupa muito...

– Não mãe, agora que tu não precisa se preocupar comigo. O Luiz não é uma pessoa normal, ele nunca brincaria com os meus sentimentos, assim como eu não faria isso com ele. Somos duas pessoas que passamos por problemas e nos encontramos agora. Tudo perto dele fica mais tranquilo e fácil. E sinto que para ele também.

– Ele é rico.

Se a mãe soubesse que ele tem uma parte do guarda-roupa só com roupas para ficar em casa, considerando estas, aquelas que nem para doação servem, ela ficaria impressionada com a simplicidade do Luiz. Ontem mesmo ele estava com uma bermuda que estava tão puída que quando ele entrou na piscina, aparecia a cueca dele inteira.

– Dinheiro não é sinônimo de caráter, ou a falta dele. – Rebato.

– Eu sei, Carla, mas mesmo assim. A diferença de idade de vocês, a condição de vida dele, tudo é alarmante hoje em dia. Eu acabei de descobrir que a minha filha não tem nenhum amigo, mas se relaciona com um homem dezoito anos mais velho que ela. Não me peça para não ficar preocupada, filha. Neste momento é altamente impossível.

Sorrio para a minha mãe e dou um beijo na sua bochecha.

– Eu sei mãe, eu já disse que sinto muito, só queria passar a imagem que era a filha perfeita que vocês precisavam e merecem...

– Tu é Carla, nunca duvide disso.

Suspiro, mais uma vez tenho a prova que não mereço essa família perfeita que tenho.

– O Luiz é um caso raro. Impossível definir ele em palavras. Se fosse um livro, uma foto dele com o título de Luiz já definia a história. O pai o conhece dos plantões do hospital, ele foi o que me cuidou quando me acidentei de bike.

– Eu percebi. Tu pai falou que ele é um bom médico. – Olho para ela como quem

dissesse “se o pai disse, como vamos contrariar?”. – Certo, vou dar esse voto de confiança para vocês dois.

– Obrigada. – Falo crente de que não merecia esse voto.

Minha mãe sai do meu quarto, depois de conversarmos mais um pouco. Tomo um banho, choro mais um pouco embaixo do chuveiro e quando volto para a cama, checo o meu celular e as milhares de notificações que começam a chegar.

Abro o meu facebook e me deparo com a nossa foto, minha e do Luiz, de hoje mais cedo circulando na rede com uma legenda simples, mas com milhares de significados. Apenas um emoji de coração azul e aqueles olhos, que ele sempre gosta de começar a conversa.

Diversas curtidas e alguns comentários. Rolo a tela e me divirto com alguns...

Elis Anzelloti Reniè: WTF?

Noah Backer respondeu: WTF? (2)

Olívia Santstevan respondeu: Assunto velho já...

Luiz Lavorini respondeu: ??

Meu celular toca novamente e dessa vez é algumas solicitações de amizade. Tremo nas bases quando vejo o nome da Luiza entre elas. Adiciono sem hesitar, mas com algum temor dela vir puxar assunto comigo inbox e começar a dizer que eu não sou perfeita para o seu pai e coisa do tipo.

Olho algumas coisas a mais, e resolvo ligar para o Luiz, mesmo não estando há tanto tempo sem falar com ele.

– Fala, guria. – Ele me atende no primeiro toque. – Já senti saudade de mim? Eu disse que tu deveria ter ficado aqui em casa. Poderíamos ter feito uma pipoca e rido junto do pessoal enlouquecendo com a nossa foto. Dá última vez que olhei estava bombando. Somos o assunto do momento.

– Sempre quis ser o assunto do momento. – Escuto ele gemendo do outro lado. – O que tu está fazendo?

– Nem te digo. – Luiz começa a rir. – Estou na frente do espelho, tentando tirar uma lente. Ah droga, perdi uma aqui. E se não encontrar vou ter que ficar cego.

Escuto ele praguejando e espero ele voltar.

– Pronto. Achei a bendita. Onde estávamos mesmo?

– Sabia que tem cirurgia para correção de miopia?

– Claro que sabia, evito perder as lentes para não ter que escutar esse papo do oftalmo todas as vezes que eu vou lá.

– E por que ainda não fez? – Espero a resposta que nunca vem. – Não me diz que tu tem medo da cirurgia.

– Não estou dizendo nada, quem está constatando é tu. – Começo a rir.

Só o Luiz para me fazer rir depois dessa noite cheia de lágrimas aqui no meu quarto.

– Não acredito.... Um homem desse tamanho com medo de uma cirurgia simples....

– Tudo que remete a olho é sensível, minha cara. E nos meus não. Em todos eles.

Aí mesmo que eu rio mais.

– Nem exame de próstata? Tu já não está na idade de fazer?

– Eu faço.... nos outros. Ou quem tu acha que fez nos senhores do asilo? Mas em mim? Faço o checkup com o de sangue. Mais tranquilo, simples e sem precisar cobrar um jantar do médico pelo menos, onde já se viu ir entrando sem ser convidado desse jeito.

– Só tu para me fazer rir agora, Luiz. – Suspiro e me agarro no travesseiro gigante que tenho.

– Aconteceu alguma coisa? – Ele pergunta de mansinho, mas com um tom de preocupação.

E eu não resisto. Conto para ele da minha ideia idiota do diário e de como eu encontrei a minha mãe lendo algumas coisas que eu não queria que ela soubesse, e sobre nós.

– Não concordo com a parte de escrever o diário ser uma idiotice. É uma forma da pessoa se autoconhecer excelente. Como tu mesma disse, colocava tudo que estava te incomodando no papel, isso é uma coisa ótima, Carla. Carregar as coisas para si mesma é prejudicial, e com o diário tu podia fazer isso de uma forma que, teoricamente, não iria machucar ninguém. Porém, o fato da tua mãe ter lido é uma coisa que falhou, acredito que ela não deveria fazer isto, mas enfim, vai da consciência de cada um.

– Eu sei, mas nem tive tempo de pensar nisso. Agora já foi, ela sabe de tudo. – Fito o meu teto. – Ela me disse para ter cuidado contigo. Acho que vou aceitar essa ideia.

– Ah é? E o que ela disse de mim?

– Coisas horríveis, – brinco – que tu seduzias moças mais novas para o teu bel-prazer e depois as descartava e ia atrás de novas vítimas. E também o caso de seduzir virgens para beber o sangue puro delas.

– Eu sou fodão mesmo. – Escuto a risada dele. – E essas das virgens está me dando uma dor de cabeça terrível, não encontro mais. É artigo raro.

– Então por isso está te divertindo com as novinhas?

– Claro! É mais prático, elas não resistem ao meu charme. Ainda mais quando eu converso com elas e passo fio-dental na frente do espelho.

– Nossa! Fiquei arrepiada aqui. Certamente esse teu charme é encantador. Até vou ligar o ventilador aqui de tão calor que fiquei.

– Isso mesmo, novinha. Durma sonhando comigo que eu vou fazer o mesmo aqui do meu quarto.

E é isso que eu faço. Me despeço decentemente dele, coloco o meu celular na mesa de cabeceira e adormeço. Sonho com ele, com os meus pais felizes e todo mundo junto, comemorando alguma coisa que eu não consegui decifrar.

Capítulo 22

– Então... – AC saca a bolinha, que rebate na parede e vem na minha direção.

Dou uma raquetada perfeita, jogando a bola para o lado contrário e deixando o meu amigo sem condição de conseguir jogar novamente para mim. Ponto!

– Tu e a Carla... – Ele termina a frase. Pego a bolinha do meu bolso e pego a do chão, trocando elas de lugares.

– Pois é. – Quico ela algumas vezes no chão com a parte de baixo da raquete. – Quem diria.

Jogamos mais um pouco, até que percebemos a nossa espectadora, fã e torcedora número um, acabou a sua aula de squash para a idade dela. E digamos que eu estou cantando o professor para a escola, já falei com o Gê que eu me responsabilizaria pela construção da quadra, e estamos só esperando o desenho do arquiteto para as obras começarem.

– Como foi a aula, Sarah? – AC pergunta para a filha, que entra no nosso box com o equipamento que eu dei para ela de natal.

– Agora sim eu vou jogar squash com uma pessoa que saiba realmente o que fazer. Sai fora, AC que eu vou jogar com a Sarah um pouco.

– Vamos jogar os três! – Ela volta para pegar a sua raquete, e eu e o AC nos entreolhamos e damos os ombros.

Nos espremendo, jogando lento e dando dica para a Sarah, encerramos o nosso horário na quadra. Deixamos ela no vestiário feminino, para arrumar as suas coisas e vamos para o masculino.

Tomo o meu banho, visto a minha roupa e encontro o AC olhando para mim, sentado no banco do vestiário.

– Então...

– A Sarah está progredindo bem no squash. O saque dela está poderoso, só a defesa meio baixa, mas o treinador dela já disse que estava trabalhando isso com ela. Rumo as olimpíadas de 2024, pode ser que conseguimos entrar no quadro de esportes até lá.

AC revira os olhos para mim e me atira a toalha molhada dele.

– Estou falando de ti e a Carla o idiota, que a minha filha é ótima no squash eu sei. Ela tem por quem puxar.

Penso em explicar alguns conceitos básicos de genética para o meu amigo, mas sei que o seu coração de pai não vai aceitar nenhum deles. Nada vai mudar o fato de que a Sarah é filha dele. E isso é uma das inúmeras qualidades que eu admiro no AC.

Quando eu fazia a minha residência em psiquiatria, trabalhei em um centro onde tinha todos os casos imagináveis. Era um lugar ótimo para se ter como escola. Lidávamos com o paciente e o seu problema na raiz. E um dos casos que eu acompanhei era de um filho adotivo, onde a família o adotou para, literalmente, trabalhar para eleS.

O paciente entrou em uma depressão profunda, mil vezes pior do que a da Olívia. E estava lá, depois de mais uma tentativa de suicídio. A família adotiva já havia o abandonado, e não havia nenhum motivo real para que ele lutasse. E então me colocaram para estudar o seu caso.

Passei horas conversando com ele. Escutei todas as histórias que ele havia vivido, desde a entrada no orfanato à saída com a esperança de uma criança que teria pela primeira vez um lar, e como isso foi estripado dele, já que arrancado é uma palavra fraca, perto do que ele tinha passado.

Sai daquele estudo de caso abalado. Não imaginava onde a maldade com uma criança poderia chegar e confesso que ainda me impressiono com os casos que escuto...

Quando o AC começou a interagir com as crianças no orfanato, onde a Elis é voluntária, eu me pegava pensando nesse caso em especial. E no momento em que soube da pretensão dele em adotar, eu tive que ter uma conversa com o AC, de homem para homem. E acima de tudo, de pai para pai.

Ele já era pai do Antônio havia alguns meses, mas a grande maioria do tempo, o Sr. Perereco mijão, ficava com o furação loiro da sua mãe. Então meu amigo ainda era inexperiente nesta parte, e eu, tendo anos e mais anos nessa tarefa, tive que conversar com ele. Assim como o meu pai conversou comigo quando eu contei que a Joana estava grávida.

O que vi no AC, foi o que eu já imaginava desde o início. Ele iria aceitar a Sarah como sua filha legítima, sem distinção entre ela, Antônio e Otávio, que ainda nem nasceu. E cada dia que eu vejo os dois juntos, eu me convenço mais.

– O que eu quero falar, além do arraso da minha filha, – ele se gaba e eu atiro a toalha nele novamente. – É desse teu rolo com a Carla. Já que eu e a Liv tivemos que te narrar cada passo nosso em relação a Elis e André, nada mais justo do que retribuir. E como eu já ando sabendo, estou sendo o corno desta história. Até a Liv já sabia e eu não.

– Quer privilégios?

– Claro que quero. Sou teu amigo, o primeiro de todos em anos. E tenho que ter algum bônus. – Ele cruza os braços sobre o peito.

– Que pretenciosismo. – Ironizo.

Pego a minha mochila e sento ao lado do meu amigo.

– Pois então é chagada a hora, querido AC. Eu e a Carla estamos de... como foi que tu disse...?

– Rolo.

– Isso. No meu tempo chamávamos diferente. Nem vou comentar de que para não revelar a minha tenra idade.

– E porque eu só estou sabendo disso agora?

– Por que nem eu mesmo sabia que estávamos de rolo.

AC pisca para mim aqueles olhos com heterocromia e eu explico.

– Não foi intencional. Eu juro. Tu sabe que tu e a Liv são mais que meus amigos, os

primeiros e únicos. Mas aconteceu tão rápido, e tu envolvido com a Elis e o Otávio, não quis colocar coisa a mais na tua cabeça com isso. Eu sei que tu te preocupa demais, até comigo. – Deito a minha cabeça no ombro dele. – Me perdoa, migo?

AC mexe com o ombro e me tira de lá. Rio para ele que levanta e fica olhando para tudo que é lado, como se tivesse medo que alguém tivesse visto o nosso pequeno afeto no meio do vestiário masculino.

– Perdoo, mas com uma condição. Vamos lá para casa beber hoje. A Liv, Su e Elis vão estar arrumando as roupas do Otávio, e eu preciso relaxar um pouco. Fiquei três dias dentro daquele quarto montando o berço com o Antônio na minha volta pegando as peças e escondendo de mim.

.

– Precisamos conversar. – Su me pega pela camiseta e me leva até a cozinha onde a Elis está cortando a coitada de uma batata.

Com movimentos leves e calmos, tomo um gole da minha bebida e espero a conversa começar. Nem preciso ser um gênio para descobrir sobre o qual é o assunto.

Elis desce a faca na coitada da batata fazendo as duas partes caírem em para fora da superfície de onde ela está. Se isso não for uma intimidação, eu não sei mais o que poderia ser.

– Desembucha. – O furação loiro fala para mim e pega outra batata.

– Sobre?

– Não te faz de desentendido, Luiz. Sobre a Carla. Ela é minha funcionária mais antiga e a melhor que eu tenho. Aliás, confio nela para tocar os meus eventos, sem ela não estaria onde estou agora.

– Concordo. – E RIP mais uma batata. – Ela é uma das mulheres mais inteligentes que eu conheço. – Admito.

– E por isso... – Su volta a falar, mas eu a corto.

– Que eu estou com ela. Não sou criança gurias. Posso agir como uma as vezes, mas nunca faria mal a Carla, assim como ela nunca faria mal para mim. Gosto dela, realmente eu gosto, e concordo que a situação é diferente pelas nossas idades, mas confiem em nós. Podemos manter um relacionamento sem problema nenhum. Vai ser até interessante. Ela é conhecida de vocês e não preciso trazer ninguém de fora para cá.

– Não disse. – Elis larga a faca em cima da bancada. – Eu ainda comentei para a Su que ia apresentar vocês dois um dia. Chupa, vaca.

Arregalo os meus olhos para a Elis que, com essa barriga gigante, ainda consegue pular e irritar a Su como ninguém.

– Ainda bem que tu não fez isso, Elis. Senão eu nunca teria reparado nela. – Me aproximo da Elis e dou um beijo na sua testa. Dá Su eu não tenho coragem de fazer isso, senão capaz dela pegar a faca da Elis e ainda enfiar dentro de mim.

É extremamente indelicado e irritante, saber que as pessoas estão querendo te enfiar pessoas à goela abaixo. Sempre tem algum parente, amigo, conhecido solteiro que pode te

interessar. Na boa, se interessar, nós mesmo vamos correr atrás das informações sobre a pessoa. Não precisamos de um santo casamenteiro para resolver a nossa “situação” e se quiséssemos, nós vamos pedir ajuda, pode ter certeza.

Isso é uma situação encabulante para todos os lados, a pessoa empurrada e quem está sendo apresentado. Sério, quando me faziam isso, eu nem olhava para a pessoa que estava na minha frente, geralmente elas me comiam com o olhar e eu perdia ali qualquer interesse que pudesse ter.

Obrigado, Elis, por não ter me apresentado a Carla. Só assim para eu estar com ela hoje, comigo mesmo a notando e percebendo todas as diferenças delas que me atraem.

– Agora estamos todos em pares. Su e Noah, Elis e AC, André e Liv, eu e a Carla. Até as crianças, Yago e Sara, Perereco e Fofinha, Otávio e Bibi. Todos amigos que se conhecem, se amam e afim.

– Alguém falou em Bibi? – Liv entra na cozinha com um sorriso no rosto, iluminado pelas bochechas rosadas da gravidez.

– Agora estamos todos completos. E eu vou tomar mais uma dose de bebida em comemoração à essa linda história que estamos vivendo.

Saio da cozinha e escuto a risada das três da minha cara.

.

Por Carla

Ligo o motor da minha moto e sigo para casa. O ar da madrugada está fresco, dando um quê a mais de liberdade quando eu o corto com a velocidade.

A semana passou estranha. Sentia os olhares da minha mãe, quase sempre acompanhados de um sorriso. Não tocamos mais no assunto do meu diário, e eu parei, definitivamente de escrever nele. Até porque, agora tenho com quem conversar quando eu preciso.

Eu e o Luiz estávamos indo na mesma onda. Ontem fomos para o bar e ficamos entre a pista de dança e as mesas para descansar. Saímos de lá e fomos direto para a sua casa, onde eu passei a noite.

Acordei sozinha naquela imensidão de cama e de casa. Ele tinha que passar no asilo para ver um paciente e alguns outros marcados no consultório. Então eu aproveitei e me esbaldei nos seus lençóis cheirosos e macios, já que só precisava estar pronta para trabalhar à tarde em uma reunião com cliente.

Cheguei em casa e encontrei a minha mãe e o meu pai almoçando. Eles não precisaram juntar um mais um para saber por onde eu andava, e como eu sei que eles conversam muito entre si, meu pai já deve estar sabendo que eu estou saindo com o Luiz. Ele até convidou ele para jantar um dia desses aqui em casa, para “oficializar” tudo.

Luiz conquistando um aliado forte logo de cara, isso é só para quem pode, hein...

E do lado dele, ainda não tive nenhuma mensagem da Luiza sobre isso. Só um comentário de “divirtam-se” na foto que postamos ontem no bar, nada demais. Só uma foto nossa com as luzes LED piscando ritmicamente ao som da música.

Sua cunhada, Viviane e Julia, sua afilhada, também me adicionaram e foram mais enfáticas nos comentários como “precisamos de apresentações”. Claro que eu fiquei aflita, mas só serviu para o Luiz tirar uma com a minha cara, já que a cunhada é do “lado negro” da família assim como ele.

E assim estamos vivendo. Todas as horas um mandando mensagem para o outro, implicando, e quando estamos juntos, agarrados um no outro e, de minha parte, percebendo um novo lado da minha vida quando estou com ele.

Chego em casa, tomo um banho e coloco o meu celular para carregar, já que ele estava desligado sem bateria no meio da festa, e eu não tive tempo nem de ir ao banheiro, quem dirá ficar de conversa com o Luiz por besteira a noite toda.

E como eu já desconfiava, tem dezenas de mensagens dele. Foto das crianças com o Gato, JB e até o Leco, o husky siberiano do André. Vídeos do Luiz enchendo o saco do AC e milhares de outras bobagens. Olho todas e quando a última, há quase uma hora atrás, dizendo que era para eu ligar para ele quando chegasse ao lado de um emoji de coração. Me sinto uma adolescente idiota no seu primeiro namorado. Só que desta vez, eu sei que a história não vai ser a mesma.

– Oi. – Ele atende meio dormindo ainda.

– Só para avisar que eu já cheguei. Estava olhando as mensagens, adorei as fotos do Antônio montado no Leco. Está em casa?

Ele geme alguma coisa incompreensível.

– Não. Tô no sofá do AC, a Coisa Pequena e o André estão na casa do Noah e Su. O Leco está roncando aqui comigo.

– Sinfonia essa noite então. Para ver quem ronca mais?

– Shiiiiu, eu não ronco, ressono.

– Ah sim, desculpa.

A linha fica em silêncio por alguns segundos e eu acho que caiu. Tiro o telefone do ouvido e antes de desligar, escuto a voz do Luiz baixinho.

– Queria estar dormindo contigo, ao invés desse cachorro fedorento. Gostei de acordar hoje e tu estar lá abraçada em mim.

Sorrio, porque eu dormi agarrada nele e vice-versa. Nunca me senti tão bem para dormir como a noite passada. Era um misto de segurança com carinho em níveis absurdos, aquele que cura qualquer mal e acaba com as preocupações para o dia seguinte.

– Eu também gostei. – Digo em fim e ouço o sorriso dele se formando do outro lado do telefone.

– Vem para cá dormir comigo no sofá. Aposto que o Antônio e a Fofinha vão acordar a gente delicadamente com um tapa na cara, como sempre. – Rio.

– Não posso invadir a casa da minha patroa para dormir contigo.

– Pode sim... – A voz dele fica mais distante. – A Su não vai se importar, ela tem aquela cara de vaca brava, mas não resiste aos meus encantos. Sou irresistível a qualquer pessoa...

– Vai dormir, Luiz. Amanhã a gente se vê. Esqueceu que vamos ir ao cinema.

– Não... mas eu queria tu agora. Vem, guria....

– Amanhã eu durmo na tua casa. Vai descansar para me aguentar.

– Vou sim... Vou ficar inteiro para ti amanhã...

Escuto a respiração dele e quando, novamente, tento encerrar a chamada, ele continua a falar.

– Carla?

– Oi...

– Meu coração não dói quando estou contigo... Ele parece mais leve do que é. Gosto disso. Promete para mim que vai deixar ele desse jeito para sempre?

A ligação cai, deixando a pergunta do Luiz sem resposta, mas não preciso retornar a chamada para saber que eu também sinto a mesma coisa que ele. Meu coração é outro na sua presença e sim, eu prometo fazer de tudo para deixar a dor dele ir embora, se com ela, a minha ir junto.

Capítulo 23

Escuto o barulho do portão eletrônico abrindo e o inconfundível de um motor de moto potente. Me enrolo na toalha de banho e vou para o closet me vestir, até porque já estou atrasado para o filme que vamos ver juntos.

– Luiz? – Escuto a voz dela lá de baixo.

– Aqui em cima. – Grito.

Ainda estou meio lento de ontem à noite. Minha cabeça está um pouco anestesiada de remédios, e cansada pelos atendimentos que fiz hoje no consultório e o asilo. Eu não gosto de atender de ressaca, não é uma coisa que me orgulhe muito, mas ontem à noite eu bebi com os guris. Estávamos alegres e com uma garrafa de vodka cheia implorando para ser tomada. E nós quatro como ótimos cavalheiros que somos, não íamos deixar a pobre bebida em apuros...

Acordar com o Antônio e a Fofinha olhando TV a todo volume, não é muito agradável. E a risada, inconfundível, da Elis por trás de tudo isso, deixou as coisas bem mais doloridas para a minha cabeça.

– Cheguei.... – Carla fica parada me olhando só com a toalha no corpo e dá meia volta. – Te espero aqui fora.

Rio e caminho atrás dela.

– Deixa de ser boba, estou de toalha e não pelado. Mas podemos mudar esse panorama agora, se quiser. – Puxo ela, que dá uma risadinha, para um beijo e a empurro até a parede para ter mais apoio.

Minhas mãos grudam na cintura dela e o meu corpo começa a agir no automático. Mãos, bocas e hormônios trabalhando em sintonia perfeita em duas pessoas. Carla molda o corpo dela ao meu e geme baixinho quando eu desço um pouco e aperto a sua bunda naquelas calças jeans grudadas.

Suas mãos sobem as minhas costas e eu começo a perder controle da situação. Começo a explorar, por cima da roupa dela, o contorno da sua cintura, até subir mais e parar em cima dos seus seios, e quando escutei o gemido de aprovação dela, marco um ponto e tanto.

Peito e bunda, as preferências nacionais, e eu estou bem servidos de ambos aqui. Muitas pessoas não sabem, ou ignoram, a questão evolutiva por trás de tudo isso. Há milhões de anos atrás, quando ainda nem falávamos, só tínhamos um jeito de comunicação: visual.

O macho, sempre iria olhar para as fêmeas com o quadril largo, pelo simples fato de que esse indicativo era prelúdio para partos e com isso, aumentar a população. Quanto maior a população, mais chances de dominarem o ambiente sobre outras espécies gerando mais variabilidade genética entre eles para terem filhos mais fortes e assim sucessivamente.

E a questão dos peitos, a mesma coisa. Nossa primeira e mais completa fonte de alimento. Quanto mais saudáveis os seios das fêmeas, mais fortes eram os filhos. Uma fêmea desbundada e despeitada não era sinônimo de prole forte e saudável.

Tudo uma questão de sobrevivência, que ainda carregamos nos nossos genes mais antigos

do nosso DNA. E um fato, homem sempre vai olhar para peito e bunda, não importa a ocasião.

Mas melhor do que olhar, com toda a certeza do mundo, é tocar. Sentir a carne macia, que cabem dentro das mãos com perfeição e trazem uma grande satisfação à mulher. E consequentemente, ao homem.

Caramba, Luiz. Para de filosofar sobre essas coisas e volta a atenção para o que tu está fazendo aqui, que está bem mais interessante...

– Se tu descer a mão – que está logo a cima da toalha – mais um centímetro, eu esqueço qualquer outro plano que a gente tenha para essa noite.

Carla ri do meu comentário, e ao invés de abaixar a maldita mão, ela sobe em direção as minhas costas e eu gemo, desaprovando o gesto.

– Muito boa a proposta, mas eu juro que quero ver o filme.

– Sua estraga prazer. – Dou mais um beijo nela. – Já tinha até me esquecido do maldito filme. – Resmungo.

Ela me empurra e sai do meu abraço, me deixando, mais uma vez, frustrado.

– Mas não desanime. – Ela aperta a minha bochecha. – A noite ainda é muito comprida. – Pisca um olho e sai rebolando, com aquela bunda linda, do meu closet.

Ai.

.

– Gostei do filme. – Admito.

– Muito bom, eu disse que tu ia gostar. – Carla rebate enquanto eu coloco no lixo da saída do cinema, o pote gigante de pipoca que brigamos o filme todo para dividir.

Eu disse que um só para nós era pouco. Sou viciado em pipoca, assim como a Luiza. Tanto que pensei em plantar um pé de milho lá em casa uma época, de tanto que comíamos.

– Tô com fome. – Carla se vira para mim, como a guria do Exorcista fazendo a rotação do pescoço.

– Sério? Quase morremos comendo pipoca, e tu ainda está com fome?

Dou os ombros.

– Eu avisei que gostava de pipoca, só serviu para abrir o meu apetite.

Puxo a Carla pela mão no meio do shopping. Resolvemos vir neste cinema porque eu tenho que passar no mercado e comprar algumas coisas para sobreviver os próximos dias. Eu sei que deveria manter um nível mínimo de comida em casa, mas a preguiça de vir ao mercado fala mais alto que tudo. Então uni o útil ao agradável, e trouxe a Carla comigo para me fazer companhia.

– Tem um restaurante ótimo aqui, e o vinho deles é importado. O que acha?

– Que não estou vestida apropriada para um restaurante deste nível? – Corro os meus olhos por ela. Calça jeans, sapatilha e uma blusa de banda de rock dos anos oitenta, meio desbotada, sem falar nos cabelos, completamente amassados da poltrona do cinema.

– Está melhor que eu de bermuda jeans, tênis e camiseta. Vamos sim, por isso viemos de

táxi. Podemos jantar, beber e depois fazer as compras.

Ela não gosta muito da ideia, mas vem atrás de mim, quando eu a puxo pela mão. Entramos no restaurante e o ambiente chique deixa a Carla aflita. Relaxa, guria. O nosso dinheiro é igual ao das pessoas que vem aqui arrumados como se estivessem indo à premiação do oscar.

Sentamos em uma mesa perto de uma das janelas, com vista para um pequeno jardim. Pedimos uma taça de vinho francês e a nossa comida. O garçom anota os nossos pedidos e se retira, dando o tempo de espera de, em torno, vinte minutos.

Fico conversando com a Carla, para deixá-la mais à vontade. Suas mãos estão frias e eu as esquento com as minhas, em sinal de proteção e companheirismo. Alguns minutos depois, a sinto mais relaxada e até rindo das minhas piadas, como sempre faz.

Gosto de ver que consigo acalmá-la assim com a minha presença. É uma tarefa prazerosa de se fazer. Sentir que a pessoa se sente segura ao seu lado, é uma forma de confiança esplêndida. Muitos tentam chegar a esse patamar com o tempo, mas poucos conseguem obter êxito.

Mas eu ainda sinto, lá no fundo, que a Carla ainda me esconde alguma coisa. E quando ela se abrir comigo, neste ponto, vai estar comigo por completo. Confiando e me passando confiança simplesmente pelo fato de estarmos juntos. E eu mal espero a hora desse momento chegar. Por isso eu aguardo, ansiosamente por ele, porque quando isso acontecer, nada mais poderá ficar entre nós.

– A Elis nos convidou para passar o final de semana lá na fazenda dos pais dela. Parece que os seus pais, e a Dona Eulália, vão para um retiro e querem levar as crianças.

– Todas? – Ela dá uma engasgada com o vinho.

– Foi o que me falaram. Parece que é de uma semana, e vai coincidir com o parto do Tavinho. E sem as crianças por perto, tudo vai ser mais tranquilo. O AC já está pirando com a data se aproximando. Então vão despachar as crianças para não terem que se preocupar com elas durante esses dias tensos.

– É uma boa ideia. Mas não sei, Luiz.

– Por que? Todos foram bem receptivos com a nossa notícia. Um final de semana em uma fazenda. É um sonho, posso te ensinar a andar a cavalo.

– De moto tu não anda, não é? – Desdenha, com um sorriso sacana.

– Quatro patas versus duas rodas? – Faço uma pausa dramática de como se estivesse pensando no assunto. – Nem digo qual eu prefiro mais....

– Não esquece que amanhã vamos dar mais uma volta. – Ela pega a taça para tomar mais um pouco do seu vinho.

– Nem me lembra. – Gemo. – Mas podemos fazer um acordo. – Me endireito na cadeira e me aproximo dela.

– Tenho a impressão de que não vou gostar disso...

– Vai sim, guria. Um passeio de moto, completo, pelo final de semana na fazenda dos pais da Elis. E eu pago a minha parte à vista. Podemos fazer isso amanhã.

– Defina completo. – Carla me observa com um certo receio e um misto de curiosidade.

Entro na onda dela e fito os meus olhos no fundo dos delas, a deixando hipnotizada em mim.

– Tu que faz as regras, guria. Me deixa ficar nas tuas mãos, desde que respeitando as regras da nossa primeira saída de moto e...

– Mas é uma baita coincidência te encontrar aqui, Luiz.

Me viro rapidamente e me dou de cara com o Beto, meu irmão, com algum amigo desconhecido.

Mas que merda. Tudo que eu precisava essa noite era a presença dele aqui. Carla percebe quem está atrás de mim, e eu vejo ela engolir à seco com a presença do meu irmão.

– Olá, Beto. – Sorrio falsamente para ele. – Está na hora de tirar os pontos. – Aponto para o estrago que eu fiz no seu rosto depois dele insultar o nome da Joana na minha presença.

– Acho que preciso de um médico para fazer isso. – Ele ironiza.

– Bom, caso tu não saiba, eu sou formado em medicina há um longo tempo, e continuo morando no mesmo lugar há mais tempo ainda. Creio que ainda tenha o endereço. Ou então pode pegar um avião e ir até a casa da tua ex-esposa e da tua filha. A Vivi também é médica. Aposto que nenhum de nós irá te cobrar uma consulta psiquiátrica, ou neurológica para a realização de um procedimento tão simples como esse.

Sorrio, petulantemente para o meu irmão.

– Com certeza que eu sei a formação acadêmica de ambos, Luiz. E pode ter certeza de que vou te procurar brevemente para resolvermos a situação dos meus pontos.

– Estarei esperando ansiosamente. – Levanto a minha taça e tomo mais um pouco.

Beto me encara por alguns segundos até correr os olhos para a Carla, que está em silêncio observando o jardim à nossa frente. Meu irmão olha para ela com uma coisa no olhar que desperta os meus instintos assassinos em segundos. Se ele continuar assim, com certeza os míseros dois pontos no supercílio vão parecer brincadeira de criança com o que eu sou capaz de fazer com o rosto dele.

Carla nota que está sendo fiscalizadas com os olhos e pega a sua taça de vinho lentamente, para disfarçar o constrangimento.

– E quem é a moça? – Beto volta a olhar para mim desafiadoramente.

– Carla, esse é o meu irmão do meio, Beto. – Começo as apresentações e espero que depois disso, ele vá embora. – Beto, essa é a minha namorada, Carla.

O espanto na cara do meu irmão, e do acompanhante dele, categoricamente ignorado, é notável. Alguns segundos se passam, até ele voltar a sua consciência e esticar a mão na direção da Carla.

– Prazer, Carla. É muito bom te conhecer. – Eles trocam um aperto de mão breve e quase me intrometo para ele não chegar perto dela.

Ela é minha, e não merece ficar perto dele nem por dez metro. Ainda mais depois de tudo

que ele pensou de mim com a sua ex-esposa. Se ele foi capaz de achar que eu tive um caso com a Vivi, não quero nem imaginar o que ele pode fazer para fazer uma vingança.

Sai Beto, a Carla não é para o teu tipo. Ela se dá ao respeito e dá um banho de classe em qualquer mulher que só está contigo pelo teu dinheiro.

– Encantado em te conhecer. Precisamos marcar uma pequena reunião em família para as apresentações formais, Luiz. Tenho certeza que a Lena não se importaria em fazer um jantar para todos nós na casa deles.

– Claro. – Desdenho ironicamente, mas sem aparentar. – Vou ligar para ela e marcar alguma coisa.

– Aguardo o convite. – Ele se vira para o amigo e se despede de nós.

Observo eles irem em outra direção ao salão e entrarem em uma área privativa do restaurante, e só depois de não conseguir nem enxergar a sombra dele é que consigo respirar aliviado.

– Hey. – Carla estala os dedos na minha frente. – Tudo bem?

Respondo com um resmungo identificável para a língua portuguesa, e qualquer outra língua moderna.

– Relaxa, Luiz.

Termino a minha taça de vinho e peço para o garçom me encher outra.

– Tu me pintou um monstro de sete cabeças com o Profes... – olho para ela que se corrige rápido – Beto.

– Ele é um idiota isso sim, ficou te comendo com os olhos.

– Dada as circunstâncias que eu estou, e eu tenho um espelho na minha frente, vou considerar isso um elogio. Se soubesse que viríamos aqui tinha, pelo menos, colocado uma escova de cabelo na bolsa para domar a juba.

Carla passa as mãos nos cabelos e, por incrível que pareça, eu rio. Só ela para me fazer rir quando eu realmente quero socar a cara do meu irmão.

– Acho que o que presenciei foi uma bela cena de irmãos, que cresceram se alfinetando pelos cantos. Quantos anos de diferenças vocês tem mesmo?

– Dez.

– É, foi isso que eu vi aqui. Eu e o Di temos um pouco menos, e sempre estamos nos matando quando ele vem para casa. – Ela termina o seu vinho também. – Faz parte a implicância um com o outro. E acredito que vocês dois são a prova viva disso.

– Pode ser. – Falo não concordando muito com isso.

– E eu aposto que os pontos dele tem a ver com aquele roxo no teu olho de alguns dias atrás.

– Que guria perspicaz. Estou encantando com isso. – Ela ri.

– É só apenas uma das minhas habilidades.

Ela pisca para mim. E eu me esqueço completamente da visita inesperada do Beto a nossa mesa.

Os nossos pratos chegam à mesa acompanhados de mais doses de vinhos, e dessa vez eu pedi para a garrafa ficar na nossa mesa. Jantamos, ignorando o fato de estarmos em um restaurante chique, já que eu ataquei o prato da Carla várias vezes, e ela atacou o meu. Terminamos dividindo uma bomba gigante de chocolate e encerramos a noite depois que esvaziamos a última gota de vinho da garrafa.

Paguei a conta, com uma pequena discussão sobre a divisão dos valores. A conta foi relativamente cara, dada à origem do vinho e a sofisticação dos pratos, por isso achei mais que justo que eu bancasse tudo. Tenho mais dinheiro para esbanjar aqui do que a Carla gastar o que ganha em um evento em apenas um jantar após o cinema.

Esquecemos de passar no mercado. Ou seja, amanhã, quando acordarmos, ainda vamos ter que sair para comprar alguma coisa para comer, porque a última vez que eu chequei a geladeira, só tinha uma garrafa de água, já pela metade, e algumas latas de cerveja. E acho que não dá para começar o dia enchendo a cara assim, já que no meio da noite, alguém, aceitou a minha proposta indecente de um final de semana na fazenda versus o passeio de moto com ela no comando e eu sem reclamar.

Acho que foi uma troca justa para mim. Vou ficar agarrado nela na traseira da moto e, mais ainda, no final de semana na casa dos pais da Elis.

Capítulo 24

– Bom dia. – Vejo o reflexo amassado do Luiz pelo espelho e aproximando de mim e me abraçando por trás enquanto eu escovo os dentes.

Resmungo alguma resposta para ele e continuo o trabalho. Ele enfia as mãos dentro da minha blusa do pijama e deixa as mãos esparramadas por cima da minha barriga enquanto começa a beijar o meu pescoço.

Acordamos cedo para o Luiz cumprir a parte dele no acordo. Um passeio completo de moto por um final de semana na fazenda dos pais da Elis. Uma troca injusta, já que quem vai perder o medo de andar de moto é ele, ainda ficar agarrado em mim (palavras deles, mas eu não discordo) e também ter a minha companhia durante o final de semana inteiro.

Minha única ressalva é estar indo para a casa da Elis em si. Ela é quase minha patroa. E convenhamos que isso é estranho, já que vou estar com ela, sua família e a da Su. Não quero extrapolar a linha entre patrão-empregado assim. Eu vou, mas só para o Luiz não me incomodar com isso, e vou ficar nas sombras de tudo.

– Dormiu bem? – Mantenho o contato visual com ele e faço que sim com a cabeça.

– Eu dormi muitíssimo bem. – Ele volta a me beijar e me apertar, até começar a virar cócegas.

Grito e rio ao mesmo tempo, sabendo que vou fazer a maior bagunça com a espuma da pasta de dente se ele continuar a fazer cócegas assim. Essa sempre foi a minha fraqueza, e arma de suborno do Diego. Não foram poucas as vezes que ele utilizou dessa artimanha.

Me esquivo dele, pelo menos para ter tempo de enxaguar a minha boca. E foi exatamente o tempo que ele me deu para voltar a me atacar. Largo a minha escova de dentes em cima da bancada da pia e saio correndo como uma criança com o Luiz atrás de mim me ameaçando de me matar de cócegas.

Consigo protelar o ataque até ele me encurralar no seu quarto e ficarmos só com a cama nos separando.

– Agora não vai ter para onde fugir, guria. – Luiz sobe em cima da cama e pula na minha frente, e eu já estou acuada no canto e rindo sem parar disso.

Ele me joga na cama e sobe em cima de mim, me deixando totalmente à mercê dele. E eu deixo ele fazer o que quiser comigo, pois sei que tudo será ótimo.

Luiz começa a explorar o meu corpo com a maestria de sempre. Sinto o corpo dele, quente, começar a derreter os meus músculos e eu viro só em um amontoado de sensações. Sua boca explora cada pedaço de pele que ele encontra. E eu sinto que isso não é o suficiente.

Minha falta de experiência nesse campo, se notada, foi ignorada com sucesso, porque o Luiz faz questão de me deixar consciente de o quanto ele me quer.

E bota consciência nisso...

Solto um gemido, nada elegante quando suas mãos atingem as minhas costelas em direção aos meus seios. Sim, por favor, não para, Luiz...

Desajeitada, começo a retirar a blusa do seu pijama e me atrapalho toda, tanto que ele tem que tirar as mãos de mim (não!) para conseguir terminar a complicadíssima tarefa. Ele atira em qualquer lugar do quarto e volta para mim.

Luiz coloca a testa dele junto a minha e nossas respirações ficam se chocando pelo ritmo acelerado de ambas.

– Tu me faz perder a cabeça e o controle por completo. – Ele sussurra me deixando arrepiada.

– Tu também. – Digo prensada embaixo dele, e vendo que não há lugar nenhum melhor que esse para estar nesse momento.

Já havia aceitado o fato que a minha vida sexual tinha se encerrado naquele quarto, do meu “ex”, comigo olhando para o teto e engolindo o choro. Eu estava sentindo nojo de mim, nojo dele e do que ele tinha acabado de fazer comigo.

Mas agora, depois que conheci o Luiz, e comecei a me relacionar com ele a história pode ter mudado um pouco de panorama. O jeito que ele me beija e me toca, faz algumas partes do meu corpo começarem a gritar. Não sei bem o que elas falam, mas com certeza deve ser uma coisa ótima, porque o barulho é ensurdecedor. Cala a minha mente e ainda faz ela ficar afastada de tudo.

Acredito que a confiança que eu deposito no Luiz seja uma grande aliada nesse processo todo.

Confiança, prazer sentido e dado, bons sentimentos e outras coisas mais, a mistura perfeita para uma química inegável.

Luiz agarra a minha bunda, e com um impulso, trocamos de posições e ele ainda senta na cama comigo em uma posição bem encaixada para nós, que soltamos gemidos quase na mesma hora.

Aproveito a brecha, e tiro a minha blusa, ficando só o meu sutiã branco de algodão de dormir, e vejo o Luiz engolir a seco, com a minha exposição na sua frente. Seus olhos brilham em direção aos meus peitos e eu me sinto como a mulher mais bonita do mundo.

Minhas mãos vacilam ao chegar no fecho de trás da minha peça de cima. Me movimento um pouco, e ele joga a cabeça para trás com o atrito que crio. Isso é magnífico. Ver o poder nas minhas mãos me dá sede de mais, já que a recompensa é bem-vinda.

E quando o meu sutiã cai no chão, ficando esquecido, junto com as nossas blusas, eu percebo que avançaremos mais um passo na nossa relação.

– Eu quero que isso seja bom para ti. – Luiz fala quando me coloca deitada na cama novamente com ele em cima de mim. – Mas tenho a impressão de que não vai ser uma coisa muito demorada. Por isso já vou me desculpar desde agora. Mas eu te recompenso, de algum jeito ou de outro, certo?

Aceno que sim. E depois disso, nós nos entregamos completamente.

Por Luiz

Minha mão acaricia a cintura da Carla, enquanto ela está deitada em cima do meu peito.

Nossos corpos estão se acalmando juntos, os corações acelerados e as respirações frenéticas, deixam lugar ao mar de tranquilidade que só a exaustão de um bom exercício físico pode deixar.

– Posso falar uma coisa bem devassa? – Ela ri e meio geme.

– Eu tenho escolha?

– Não, então eu vou falar do mesmo jeito. Eu estava indo no depósito pegar alguma coisa, que eu não lembro o que é lá no hospital.

– Hmm...

– Aí eu abri o armário de medicamentos e vi a caixa de preservativos. Sabia que eles têm uma caixinha na recepção para distribuição? O SUS dá de graça, só chegar e pegar. Interessante, não? Fica ao lado de onde o paciente faz a ficha de atendimento. Aí imagina a cena: a pessoa está chegando com um ataque cardíaco, AVC ou uma perna quebrada, está fazendo a ficha e vê a caixa de preservativos. Claro que eles deixam a dor ou o medo de estarem morrendo para pegar alguns.

Carla ri.

– O que isso tem a ver com a caixa do depósito que tu viu?

– Voltando ao assunto.... Eu vi a caixa, com milhares de preservativos lá e eles me olharam. Aí pensei que talvez a gente fosse precisar deles em alguns dias. Então lembrei naquele ditado, um homem prevenido vale por dois, e enchi os bolsos das calças. Não quis colocar no jaleco para não ficar tão evidente assim.

Ela olha para mim séria.

– Tu assaltou o depósito de preservativo do hospital?

– Assaltar é uma palavra forte. Eles veem para serem distribuídos gratuitamente, e eu sou cidadão também. Pago impostos como todos os outros. E eles foram úteis agora. Imagina se não tivéssemos nenhum há pouco? Que lástima não iria ser.

– Uma lástima grande. Por isso está perdoado. – Ela volta a se deitar no meu peito e beija a minha pele.

A abraço mais forte, e fico completo de uma forma que fazia muito tempo que eu não conseguia me sentir assim.

Apesar de ter começado cedo, e entrado de cabeça na parte de ter filhos, nunca fui lascivo, a ponto de me deixar ser levado por esse sentimento. Sou homem, sei das minhas necessidades, mas nunca usei de ninguém para saciá-las.

Tanto que com quarenta e dois anos na cara, só transei com duas mulheres na vida, sendo que a segunda, ainda está deitada sobre mim curtindo um pós-orgasmo.

Não acredito que eu seja uma aberração, mas nunca consegui me ver tendo relações por ter. Apenas pelos benefícios. Quando me entrego, faço isso de corpo e alma. Assim como eu estou fazendo com a Carla, ela sabe tudo de mim, e eu sei quase tudo dela. Nos damos bem e já

elevamos o nosso status de começando a nos conhecer para um namoro. Como eu falei ontem para o Beto quando a apresentei.

A Carla até questionou sobre isso quando chegamos em casa ontem à noite. E eu respondi que não havia nada, pelo menos da minha parte, que impedisse a confirmação deste fato em questão. Já sou velho demais para ter rolos, ficantes e afins. Na real, acho que nem idade para o status de namorado eu tenho, mas enfim... Antes a Carla ser a minha namorada do que a minha “peguete”.

E o que fizemos hoje, comprovou a minha teoria de que sexo não é apenas sexo. Ele tem um a mais que poucas pessoas conseguem enxergar. É além da necessidade física de prazer.

Considere o corpo como uma casa. Nós a arrumamos, conservamos e cuidamos por toda a nossa vida. É o nosso santuário, pois sem ele, estamos perdidos. E assim, como o nosso lar, nós não deixamos todas as pessoas entrarem. Só convidamos quem gostamos, temos afinidade e nos fazem bem.

Acredito que no sexo seja a mesma coisa. Não vou convidar ninguém que não conheço, e não confie “para a minha casa”, assim como eu não aceitaria o convite para entrar na casa de alguém que eu não conheça.

Nada melhor do que aceitar o convite de quem gostamos. A visita se torna bem mais agradável. Mas quando o convite é negado e a pessoa forçada a aceitar a outra pessoa....

– Posso te fazer uma pergunta? – Carla levanta o rosto para mim, novamente e acena que sim.

Tento encontrar as palavras certas para não a assustar e ela sair correndo da minha casa como uma louca. Tomo uma respiração profunda e começo a falar, lentamente.

– Tu me disse que não era virgem...

Comecei tão bem que já senti a Carla se contrair aqui. Leve, Luiz, como tu não consegue ser sempre.

– Sim. – Ela me responde cautelosamente, já tentando imaginar a minha pergunta.

– Por um acaso ele... – Ela começa a se remexer em cima de mim, e não é das melhores formas possíveis. – Eu só preciso saber se ele te forçou ou algo do tipo. Um sim ou um não me basta. – Solto de uma vez, e meio que imploro.

Isso está me matando por dentro. Eu sei que disse que ia esperar por ela se decidir me contar, mas a minha ansiedade fala mais alto. Não imagino qual seja a resposta, faço apostas para as duas, pelo o que eu noto do seu comportamento, mas a cada coisa que eu observo, minha ideia muda. Isso me deixa mais frustrado que o possível.

– Não. – Ela fala.

Sonoramente, solto a respiração aliviado.

– Eu sei que tu tem alguma coisa que ainda não me contou, mas fico extremamente aliviado em saber que não é nada relacionado a te forçar a fazer o que tu não queria.

Descarrego de uma vez, aliviado, em partes. Acho que se a sua resposta fosse sim, eu não sei o que teria feito. Com certeza, alguma coisa envolvendo alguns instrumentos cortantes que eu

aprendi na faculdade nas aulas de cirurgia com o feitor disso.

– Não fui forçada. – Ela continua a falar. – Mas não foi nenhum pouco agradável. Acho que fui levada pelo momento, era nova demais e pensava que estava apaixonada.

– Quantos anos tu tinha?

– Dezesseis.

– Realmente, nova. Tinha quase dezessete e meio na minha, e a Jô com dezenove. Dois virgens sem saber o que fazer na realidade.

– Antes dois virgens do que uma virgem com um cara que achava que era fodão.

Carla se ajusta e deita em cima de mim. Coloco as minhas mãos em cima das suas costas nuas e desço até o final da sua coluna.

– Se eu tivesse esperado, poderia ter sido melhor. Me arrependo muito de ter feito aquilo, se tivesse me escutado, como eu faço hoje, a história poderia ser outra.

Ela para e pensa em alguns pontos e volta a me fitar.

– É estranho falar isso, porque se tudo tivesse sido diferente, eu não estaria aqui contigo e, no momento, eu não vejo outro lugar melhor para estar.

E com essa declaração, eu inverte as nossas posições e começo a beijá-la novamente.

.

– Tem certeza que não quer que eu ligue para a Su e invente um atestado falso? Já fiz isso para o AC na agência uma vez. A Elis e o Antônio estavam doentes e ele ficou em casa cuidando deles.

– Sem atestado falso. – Carla fecha o meu armário, onde estávamos guardando as compras que fizemos no mercado. – É uma formatura, isso realmente precisa de alguém lá, sempre dá problemas.

– Hmm.. E eu preciso me incomodar com os problemas masculinos da festa? – Ela olha para mim.

– Como assim?

– Sei lá, uma funcionária de uniforme preto sempre arrasa corações alheios. Me lembro vagamente de um episódio nosso, eu meio bêbado e tu me chamou a atenção.

– Já fui abordada por vários clientes bêbados, mas agora temos seguranças. Se alguém vier para o meu lado eu chamo e sou socorrida

– Me lembra de dar uma conversada com esse segurança? Tenho algumas recomendações para ele.

– As mesmas que o Noah e o AC já deram? – Ela me desafia com um olhar.

– Posso ser mais enfático em alguns pontos. – Dou os ombros.

Carla ri de mim e saímos da cozinha. Ela caminha até a porta e pega o seu capacete preto

enquanto eu faço bico por ter que estar me despedindo dela.

Por mim, ela ficaria aqui comigo. Nem voltaria para casa dos pais dela. Só de saber que eu vou ficar aqui, sozinho, nesta casa e ainda ir dormir com os lençóis com o seu cheiro, já me bate a depressão.

– Ahh, já ia me esquecendo. – Carla abre a mochila dela e me entrega as chaves da minha casa, junto com o controle do portão.

– Não. Fica com elas.

– Capaz, Luiz. Toma, se tu perder tem a reserva.

Começo a rir da ingenuidade dela.

– Bem pelo contrário, guria. Se eu perder a minha, sei onde encontrar a reserva. E outra coisa, se bater a saudade, tu pode me visitar no meio da noite e se enfiar na minha cama sem me acordar para avisar. Vai ser uma surpresa e tanto.

Ela hesita, mas acaba colocando as chaves dentro da mochila novamente. Agora eu vou morrer na ansiedade de uma visita noturna inesperada...

– Vou lá então. Amanhã saímos para dar a volta de moto, pode ser? Já que tivemos uma mudança de planos hoje.

Ohhhh mudança de planos ótima essa. Por mim, poderia incluir esses novos planos em todos os nossos dias de hoje em diante.

– Estarei contando os minutos para isso.

– Mentiroso.

Puxo a Carla para um beijo.

– Te cuida, ok? – Mais um beijo.

– Tu também. – Outro.

– Me liga quando chegar em casa, ou passa aqui... – De novo.

– Tenho que ir para casa mesmo, amanhã minha mãe quer que eu a leve em um lugar. – E o último.

Carla sobe na moto, liga e sai, me deixando sozinho. Observo o portão se fechando e entro dentro de casa.

Pego uma taça na cozinha e uma garrafa de vinho que comprei, e sigo para a sala onde se encontra o meu piano. Ao fundo, abro as gavetas do armário onde guardo algumas coisas e procuro por algumas partituras.

Geralmente as músicas que eu toco são tristes e melosas, mas hoje, eu estou afim de tocar alguma coisa mais alegre. Vasculho até encontrar algumas folhas velhas, e volto para o piano onde as apoio e estudo a partitura por alguns minutos para me situar nas teclas.

E quando começo a tocar, e cantar junto, até me surpreendo com o tom que sai. Gravo no celular alguns áudios e mando para a Luiza, do outro lado do oceano. Ninguém melhor que a minha filha para partilhar algumas músicas diferentes das que eu costumava a tocar.

Capítulo 25

Termino a taça de vinho de uma vez só. Continuo a tocar uma música aleatória quando escuto a minha campainha tocar. Ela é tão utilizada aqui em casa, que nem me lembrava da sua existência.

Olho no celular e vejo que já são quase onze horas da noite. Quem será que bate na porta da esperança esta hora da noite?

Cambaleio até a porta e vejo que ela está sem a chave, e vai eu lembrar a essa altura do vinho onde ela está. Sempre quando entro em casa uso o portão eletrônico, não a porta “social”, como o arquiteto falou há anos atrás.

Rio do meu próprio comentário.

– Porta social... – É, eu acho que já estou começando a ficar bêbado.

Abro uma das janelas para ver o vulto atrás da porta e tenho um pequeno susto ao ver quem é a pessoa do outro lado.

Nem nos meus maiores porres eu imaginaria quem estaria aqui.

– E então, vai ficar me olhando com essa cara de idiota, ou vai me deixar na rua?

– Acontece alguma coisa, Beto?

– Não que eu saiba, mas tu disse para eu procurar um médico para tirar os meus pontos. Nada mais justo de quem fez eles terminar o trabalho.

– Pode ser...

– E então...

– Então o quê? – Olho para o meu irmão pela janela.

– Vai me deixar na rua?

Fecho a janela na cara dele sem explicação nenhuma. Vou até a cozinha, cato as minhas chaves e aciono o portão eletrônico. Saio na rua e encontro ele quase entrando dentro do seu carro. Acho que ele pensou que eu não o deixaria entrar. Até poderia fazer isso depois do que ele falou da Joana, e ontem com a Carla, mas o álcool está no meu organismo e quando isso acontece, eu tenho umas ações que não entendo depois.

Beto me vê na rua e dá meia volta. Entramos dentro da minha casa e eu aproveito que passei pela cozinha e pego outra garrafa de vinho. Porque né....

Encho duas taças e tomo a metade da minha de uma vez só.

– Pelo o teu estado, com certeza, essa não deve ser a primeira da noite.

– Olha Beto, se tu veio até a minha casa para ficar falando essas coisas de mim, perdeu o teu tempo. Não estou afim de joguinhos ou coisas do tipo.

– Ok, desculpa. – Paro a taça no meio do trajeto para a minha boca.

Já estou tão bêbado que escutei o Beto se desculpar comigo.

– Como? – Preciso me certificar do meu nível de bêbado.

– Desculpa. – ele repete.

Caramba....

– E eu não vim aqui só pelo fato dos pontos. Também queria me desculpar por outras coisas. Inclusive o episódio que eu falei da Joana. – Ele limpa a garganta e eu fico de boca aberta, com a taça ainda na metade do caminho e olhando para ele embasbacado. – E sobre o passado.

Me escoro na mesa, largo a taça ali e ainda não entendo nada do que está se passando aqui, neste exato momento.

– Eu acho que bebi demais hoje... – Digo.

– Pelo menos espero que consiga retirar os pontos. Não aguento mais eles em mim...

Subimos as escadas em direção ao meu banheiro, onde eu guardo os meus materiais do tempo de estudante. Nada de muita coisa, algumas pinças para sutura e outras coisas básicas. Coloco o meu irmão sentado na borda da minha banheira e pego os instrumentos.

– Eu estava brincando, se tu não estiver bem eu posso voltar amanhã.

– Vou retirar dois pontos, não de fazer uma vasectomia. Relaxa.

Firmo a cabeça do Beto contra o meu peito e retiro os dois pontos em menos de um minuto. Entrego um pouco de papel higiênico, já que a região é muito vascularizada e voltou a sangrar.

– Pronto. Não comprei diploma e ainda consigo fazer esses procedimentos básicos.

Saio do banheiro em direção à minha taça de vinho esquecia. Trabalho feito, agora ele pode ir para casa e me deixar em paz.

Termino a minha taça e volto a encher outra quando ele aparece atrás de mim.

– Podemos conversar um pouco? – Ele me pede com a voz bem abaixo da normal.

Apenas dou os ombros.

– Te vi aquele dia jantando. É verdade ou era para implicar comigo?

– Tenho cara de quem inventa essas coisas para implicar?

Ele não responde.

– Por favor, Luiz. Sem hostilidades. Somos irmãos e...

– Tu vai completar dizendo que se preocupa comigo?

Faço uma cara de deboche para ele.

– Acho que já passamos da fase em que eu queria muito escutar isso. Pelas minhas contas há mais de trinta anos, Beto. Não me venha com falsidade nesta hora da noite. Tu e o Gê, vocês tinham ideia de como eu idolatrava vocês quando pequeno?

Ele engole à seco.

– Vocês eram o meu ideal de vida. Filhos mais velhos, andavam com o pai para todos os

lados. Trabalhavam com ele e a mãe se orgulhava de vocês como se fossem os melhores filhos do mundo. Tem noção de como eu me decepçionava dias após dias quando os dois chegavam em casa e eu queria o mínimo de atenção dos meus irmãos mais velhos, e tu te lembra o que vocês falavam para mim?

Meu irmão desvia o olhar.

– LEMBRA, BETO? – Grito.

– Que – ele evita de me encarar – tu nunca ia chegar onde nós estávamos e...

– Que a escola não era lugar de pessoas como eu. E até hoje eu não entendo o que “pessoas como eu” significava. Já que eu também era filho dos mesmos pais que vocês dois. E aí eu cresci e a realidade mudou, eu percebi que nunca na minha vida iria me tornar uma pessoa como vocês. E graças aos céus eu consegui.

Puxo uma cadeira e me sento.

– Vocês acabaram com qualquer possibilidade de que eu acabasse trancafiado naquela escola, e quando saia de lá, agia como vocês. Eu lembro até hoje do que vocês dois aprontavam quando eu era pequeno. Maltratavam os funcionários da fazenda, os mesmos que ajudaram a me criar, falavam mal do pai pelas costas dele e tantas outras coisas. O Gê, pelo menos melhorou quando começou a namorar a Lena, e quando se casou era uma pessoa diferente, mas tu, Beto...

– Eu sei...

– Ainda bem que tu sabe, porque se eu fosse a Vivi, nunca mais olharia na tua cara. Tu deixou ela quase sucumbir. Queria que ela ficasse quase como uma escrava e sem exercer a medicina, sendo que tu sabia, e ainda sabe, que ela é uma médica brilhante. E depois que ela saiu de casa ameaçar a tirar a Julia dela sem direito a visitas.

Olho para o meu irmão que está de cabeça baixa.

– E no final de tudo isso.... Ainda me acusa de estar tendo um caso com ela? Tu pode ter sido um irmão filho da puta, mas eu nunca faria isso, Beto. A Vivi, e incluso a Lena nesse meio, são como irmãs para mim. Elas me ajudaram quando a Jô morreu, me auxiliaram quando eu não tinha com quem deixar a Luiza para estudar.

– Eu já pedi desculpas. Foi por isso que eu vim aqui.

Bato palmos ironicamente para ele.

– Claro, vamos pedir desculpas para o Luiz quando der na cabeça. Sem importar que quando eu acusei ele falsamente... como foi a palavra mesmo? Ahh sim, comendo a tua ex mulher em um almoço com quase toda a família reunida, inclusive a minha filha, quando ela estava de férias depois do primeiro ano de faculdade e longe de mim...

Jogo a porra da taça no chão e ela se espatifa em mil pedaços. A raiva, misturada com o álcool, nunca foram uma combinação perfeita, pois eu sempre perco a cabeça quando as duas se encontram.

– Eu sei de tudo isso. – Beto fala depois do meu ataque.

Tento controlar a minha respiração para não me atracar nele de soco no chão cheio de cacos de vidro.

– E por isso que eu quero te pedir desculpas por tudo isso. – rio ironicamente. – Sérico Luiz, não devia falar tudo aquilo de ti, e nem feito o que eu fiz com a Vivi. Mas eu não posso negar que sempre morri de ciúmes de vocês dois. Em todos os aspectos.

– Da onde....

– Tu já falou, agora é a minha vez. – Ele me cala. – Tu disse que eu e o Gê não te tratávamos direto, mas tu tem noção de como a gente te invejava? Tu foi o único que escapou das garras da escola. Tu não foi criado com um venda lateral nos olhos que te impedia de olhar para qualquer outra coisa que não fosse a escola. O Gê até gosta de lá, eu sinto isso, mas eu...

– Vocês tiveram o poder de mudar, o pai nunca iria negar isso para vocês. Assim como ele não me negou, mas impôs as regras deles.

– Sim, o pai nunca faria isso. Eu sei disso, mas o problema lá em casa nunca foi ele. Tu sabe isso mais que ninguém.

Minha mente, afetada pelo álcool, me leva aos meus tempos de criança, onde eu via as mães cuidando dos filhos e a minha me chamando de todos os xingamentos possíveis.

– O casamento deles só tinha um objetivo, todo mundo sabe disso. O pai precisava do dinheiro dela para realizar o sonho e queria filhos. E a mãe fez isso, deu dois filhos homens e ficou colocando nas nossas cabeças que nascemos com a finalidade de cuidar da escola. E fomos criados com isso sendo repetido todos os dias, Luiz. E acredito que tu sabia o efeito que isso pode ter em uma mente infantil.

A boa e velha lavagem cerebral, concluo mentalmente, em sincronia com o Beto. Onde a pessoa coloca ideias na mente alheia chegando a impor que ela pense e aja de tal forma. Como diz o ditado, água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. A repetição de fatos absurdos repetidamente leva à pobre pessoa que está sofrendo isso a começar a acreditar. E se tratando de uma criança, que ainda está em formação, o caso fica bem pior. A ponto de, às vezes, nem ter mais solução, e sim apenas um contorno ou aceitação de novas realidades.

– E então tu apareceu. A mãe te rejeita categoricamente e eu e o Gê ficamos abismados com o fato dela não colocar a ideia que tu nasceu para fazer tal coisa, assim como nós fomos. O pai nunca se meteu nesse assunto, deixava tudo bem aberto, mas nunca te viu menos filho do que nós. Tu foi criado com o mundo de possibilidades, Luiz. Fez e aconteceu naquela casa, e na tua vida. E nós, principalmente eu, te invejávamos por esse fato, de ter a liberdade que nós nunca tivemos.

Fico parado com as palavras do meu irmão. Realmente, eu nunca parei para observar esse lado dos fatos. Simplesmente me deixava acreditar que eles não iam com a minha cara e pronto. Mas ouvir, principalmente, do Beto, que eles tinham inveja da minha liberdade em casa, não é nenhum pouco agradável.

– Enquanto tu cursava uma faculdade, de medicina ainda, nós estávamos trancado naquele prédio resolvendo problemas sobre a educação dos outros. Em um “emprego”, por assim dizer que não dava nenhuma alegria ou satisfação. E quando eu chegava em casa, com a minha esposa, aguentava ela falando sobre ti ou algum assunto que te envolvia no meio. Era demais para mim. E esses dias escutar da minha própria filha, que ela prefere ir para a tua casa do que a minha...

– Eu conversei com a Julia sobre isso. – Interrompo.

– E é exatamente esse ponto que eu estou falando. Tu falou com ela.

– Talvez ela ainda tenha em mente o que o pai fez para ela e a mãe alguns anos atrás. – Me defendo com um bom argumento.

– Concordo, mas mesmo assim me machuca escutar o que os meus erros fizeram. Por isso que eu estou aqui, Luiz. Quero te pedir desculpas por tudo, e espero, de coração, ou melhor, de sangue, que tu aceite o meu perdão.

– Isso por um acaso é um daqueles arrependimentos porque a morte iminente está chegando? Já vi vários desses casos com pacientes, até com alguns meus.

Beto ri.

– Não Luiz. Fiz um checkup há alguns dias e está tudo bem comigo. É remorso mesmo. Como eu disse, o fato dos meus erros estar me respondendo desse jeito. Como dizia o pai, todo mundo colhe o que planta. Plantei algumas coisas ruins e estou colhendo isso e percebendo que foi um erro, mas quero consertar isso. Começando por ti.

– Porque? – Ele dá os ombros.

– Quanto te vi ontem. Com aquela mulher. Carla, não é? – Concordo. – Eu conseguia observar vocês dois por um espelho no outro lado do salão. Mais uma vez fiquei com inveja. Ela não é nenhum pouco parecida com as mulheres que eu saio. Nenhuma delas iria a um restaurante daquele tipo, sem no mínimo tirar um dia no salão de beleza. Ela parecia a vontade de estar contigo, mesmo que ambos estivessem desarrumados em um ambiente daqueles.

– Meu dinheiro era igual ao das pessoas que estavam lá todos chiques.

– Eu sei, Luiz. Aprendemos isso com a mesma pessoa, mas é estranho quando vemos isso em outras pessoas. Eu fiquei observando vocês o tempo todo. A cumplicidade, brincadeiras e o jeito que vocês riam o tempo todos. Pareciam felizes.

– Não parecíamos, estávamos. – Digo meio que na defensiva.

– E eu senti inveja novamente. Porque a única pessoa que eu tinha isso, eu fiz ela correr de mim. Entende o que eu quero dizer em colher o que plantei? – Aceno que sim. – Plantei a discórdia com a Vivi e colhi a solidão e relacionamentos desagradavelmente fúteis.

Beto se caminha em direção a minha porta.

– Sei que cheguei sem avisar e larguei a bomba, mas espero que tu aceite as minhas desculpas, Luiz. Quero que tu seja feliz, eu sei o que tu plantou sempre dará bons frutos.

E com essa deixa, ele sai da minha casa, me deixando sozinho com os meus pensamentos inquietos.

Cambaleando, subo as escadas e me atiro na cama, aquela que ainda está com o cheiro da Carla nos lençóis. Minha cabeça está à mil. A mistura dos acontecimentos mais o álcool embaralham meus pensamentos e ponto de eu não conseguir me focar em um só.

Tudo gira. Minha cama, minha cabeça, minha vida.

Fechos os olhos e flashes disparam se misturando e formando imagens difusas. Me agarro

com o travesseiro da Carla e afundo o meu rosto afim de sentir o seu cheiro até a minha mente se aquietar. Fico alguns minutos apenas respirando e tentando não entrar em colapso, até que finalmente, eu adormeço...

Capítulo 26

– Luiz!? Acorda!

Sinto alguma coisa me empurrar e gemo protestando.

– Vamos lá que está todo mundo atrás de ti!

– Sai. – Me viro de costas e tento dormir mais um pouco.

– O que houve aqui ontem à noite? A porta da cozinha aberta e cacos de vidro no chão. Pensei que tivessem assaltado a casa, ou coisa do tipo. Quase estava ligando para o meu pai para chamar os policiais para invadir o pátio, mas resolvo subir as escadas e vir ao teu quarto. E te encontro aqui jogado de roupa e tudo em cima da cama.

Sinto alguém subir em cima das minhas costas. Mãos entram por dentro da minha camiseta e eu me arrepio com o contato.

– Luiiiiiz – cantarola e eu abro um sorriso com a cara enfiada no travesseiro. – Acorda...

– Hmmm...

Carla começa a distribuir beijos sobre as minhas costas em direção ao meu pescoço. Por mais dias acordados assim!

– Te liguei umas três vezes ontem à noite, e algumas mensagens, tu nem me respondeu. E acordei com o AC me ligando, porque a Luiza tinha falado com ele perguntando se tu estava lá, pois não atendia o telefone e nem o fixo.

– Os dois são chatos por natureza, imagina quando se juntam...

– Podem ser chatos, mas assim como eu, estavam preocupados contigo.

Tomo um impulso, meio desajeitado, derrubo a Carla na cama e prenoço ela abaixo de mim. Me deito em cima dela e descanso a minha cabeça na curva do seu pescoço. Bem melhor, e uma fonte mais forte do seu perfume do que o travesseiro. Aliás, dizer que o travesseiro tem o cheiro dela é ofensa, nada se compara com o original e direto da fonte.

– Ainda bem que eu já avisei os dois, já que fiquei presa aqui em baixo.

– E daqui não vai sair. – Completo.

– Cheguei, te vi dormindo aqui, vi que estava vivo e não morto afogado no próprio vômito, palavras da Luiza para o AC, não minhas, e avisei a todos.

– Ainda bem que a Luiza é minha filha, imagina se não fosse, o que iria falar de mim? – Carla ri e volta a falar.

– Te deixei dormindo aqui, juntei aqueles cacos de vidros e as garrafa e meia de vinho tomado. Tu bebeu tudo sozinho?

– Acho que sim. Nem lembro o que aconteceu ontem à noite...

Saio de cima da Carla, e me deito ao seu lado, puxando ela para mim.

– Tu saiu, eu fiquei sozinho, tomei uma garrafa de vinho enquanto tocava piano e aí...

Se eu não estivesse deitado, esse seria o momento em que um buraco se abriria abaixo dos meus pés. Começo a lembrar do meu irmão aqui em casa e de nós conversando, brigando e colocando algumas coisas em pratos limpos.

Eu dizendo o quanto ele e o Gê, que eu tinha como um exemplo para mim, no auge da infância, me desprezavam e me magoavam com a indiferença. Eu era um guri que a mãe nunca aceitou como filho, já que para ela, a “fábrica” já tinha fechado as portas e o trabalho estava feito. Dois filhos, homens, para dar continuidade ao trabalho do nosso pai com a escola.

E eu só fui entender isso, depois de muitos anos. No princípio, achava tudo normal. Meus irmãos nunca estavam em casa mesmo, então não presenciei a infância deles e como eles eram tratados pela nossa mãe. Apenas pensava que os empregados eram que tinham a missão de me cuidar e ponto final.

Porém, quando os anos se passaram, eu comecei a notar certas coisas, e quando questionava a senhora que me cuidava, ela apenas fazia algumas das minhas vontades em troca de respostas. E geralmente eram ligadas à comida. Mas eu dei um jeito de conseguir as minhas respostas...

Era mais um dia que eu estava aprontado, como sempre, nem lembro o que era em questão, mas fui pego pela minha mãe e não deu outra. Ela me bateu até eu me machucar feio. A única pessoa que intervia por mim nessas horas era o meu pai, e como ele não estava em casa, os empregados deixavam a cena rolar, com medo de perderem o emprego caso apartassem. Consegui escapar das garras dela e sumi para cima da primeira árvore que eu encontrei para chorar. Foi então que vi duas empregadas conversando sobre o que haviam acabado de ver: o meu espancamento.

Lembro de uma delas, a mais antiga na fazenda, contando de quando a gravidez foi descoberta. Minha mãe disse que não queria mais filhos e que iria acabar com aquela história de uma vez. Só que meu pai a proibiu, falou que se ela fizesse alguma coisa desse sentido, iria mandar ela para fora de casa sem direito a nada. Concluindo que não autorizava nem do Beto e o Gê a ajudá-la, se caso isso acontecesse. E como, naquela época, uma mulher fora de casa era sinônimo de escândalo mundial, ela teve que “aceitar” a ideia.

Ela passou a gestação inteira aos cuidados da mulher que realmente me criou. Nilza passava relatórios para o meu pai sobre o que a minha mãe fazia e montou todo o meu enxoval, já que se dependesse da minha mãe, eu nunca nasceria. Com medo que ela fizesse alguma coisa na hora do parto, e como os dos meus irmãos foram feitos por parteiras em casa, meu pai tomou a decisão, junto com um médico, de fazerem uma cesariana para que eu nascesse. E isso não deixou a minha mãe, nenhum pouco contentem já que a recuperação a mil anos atrás, não era a mesma de hoje em dia.

Mas enfim, eu nasci e fui criado, praticamente, pela Nilza. Tanto que até hoje a considero mais que a minha própria mãe. E quando eu contei que havia escutado as duas empregadas falando sobre isso, a primeira pessoa que eu fui questionar a veracidade dos fatos, foi ela. Lembro até hoje do abraço que ela me deu e dizendo que não importa se ela gostasse de mim como filho ou não, eu era amado por todos naquela fazenda. Pena que ela esqueceu de mencionar que os meus irmãos não estavam incluídos neste pacote.

Agora, analisando os fatos de outro ponto, eu consigo ligar um mais um e ter uma resposta

para esse quebra-cabeça. Tanto o Beto como o Gê foram criados pela minha mãe, acreditando em tudo que ela dizia, fazia ou mostrava para eles. E sendo assim, se ela não gostava de mim, claro que eles iam ter a mesma opinião, até porque, a lavagem cerebral dela era potente.

Meu pai trabalhava intensamente. Muitas vezes eu só conseguia ver ele nos finais de semana, pois saía antes de eu acordar e chegava quando eu já estava dormindo. Então quando eu via o Beto ou o Gê, queria ficar ao lado deles para ter atenção ou imitar alguma coisa que ambos faziam, aliás eles eram meus irmãos, quinze e dez anos mais velhos que eu, e na minha cabecinha de minhoca, quando crescesse, ia ser iguais a eles. Trabalhar com o nosso pai, na escola, receber o meu próprio dinheiro e ter o meu carro para ir onde eu quisesse.

Mas cada vez que eu chegava perto dos meus irmãos era destrutado de um jeito ou de outro. Seja pela indiferença ou palavras agressivas. E isso foi matando o meu sonho infantil utópico de que quando chegasse a minha hora, eu seria igual a eles. Chegou uma época, que eu não conseguia me aproximar deles, com medo do que eles poderiam fazer comigo, e então, assim como eles tiveram a sua lavagem cerebral pró-escola, eu tinha a minha, só que contra.

Fiquei com medo de tudo relacionado a ela. Só ia para lá para estudar, e mesmo assim, ainda aprontava todas que podia, só para ser expulso da sala de aula e ficar na sala de reuniões de castigo vendo o meu pai. Ele sim valia a pena observar, e como eu quase não conseguia fazer isso em casa, tinha que dar um jeito no único lugar que eu tinha tal atenção.

Acredito que no fundo ele percebia isso, pois nunca brigou comigo a respeito dos dias que eu ficava na sua sala o observando e conversando sobre coisas que não envolviam a escola. Mas quando os estudos começaram a me cobrar mais responsabilidade, ele teve que conversar sério comigo sobre isso, e eu acatei o seu pedido.

Por isso quando eu fui pai, disse que nunca iria colocar o meu trabalho acima da Luiza. Primeiro ela, depois o resto...

– Luiz? Tudo bem? – Carla se apoia em mim.

– Quê?

– Não sei, tu estava conversando comigo e depois ficou parado olhando para o teto como um peixe morto.

– Lembrei o que aconteceu aqui. – Digo abraçando ela junto a mim.

Conto sobre a visita do Beto e o que ele me disse. Descemos e tomamos café enquanto conversávamos. Carla é uma boa ouvinte, se não fosse formada em administração e amasse o trabalho com os eventos, poderia ser uma ótima psicóloga. Porém descarto a ideia só em saber que ela escutaria o problema dos outros, quero que ela fique escutando só os meus. Rindo da minha cara e dizendo as coisas mais absurdas que eu deveria fazer.

– E aí, como foi a formatura? – Pergunto vendo ela lavar a louça enquanto eu seco.

– Tranquila, ganhei duas cantadas e um telefone em um papel de boca. – Ela olha para mim, sorrindo inocentemente, enquanto eu estou quase tendo um AVC com isso.

– Como?

– O de sempre. E ainda fomos chamados para a pista de dança no final da festa. E tu sabe

como eu gosto de dançar, né? Não recusei.

Abro a minha boca para falar alguma coisa, mas não sai. Carla continua a suspirar e a terminar de lavar a louça enquanto eu estou tendo uma quase síncope aqui, só de imaginar ela de preto, com aquele uniforme grudadinho e ela dançando do jeito que eu sei que ela faz e todo mundo para olhar.

– Acho que vou ter uma conversa com a Su. – Digo enfim. Ela olha para mim e eu termino.
– Para te deixar só nos eventos infantis ou durante o dia. Noturno nunca mais, ainda mais os que envolve pessoas adultas e bebidas.

Ela termina de lavar a louça, calmamente, deliga a torneira, seca as mãos no pano de prato que eu estou usando e ainda tem a audácia de me dar um beijo.

– Ciumento. Trabalhei tanto ontem que não tive nem tempo de ir ao banheiro, quem dirá ver se alguém estava me jogando charme. – E sai rebolando.

Ahh ela me paga.... Será que ela não sabe que não se brinca assim com o coração de anciões como eu? Uma parada cardíaca na minha idade já pode ser fatal. E ela ainda abusa da minha saúde...

Largo o pano de prato em cima da pia de qualquer jeito e saio à cata dela. Encontro ela subindo as escadas e antes de chegar ao topo, ela já está sobre o meu ombro e, gritando e rindo, como uma louca. Dou um tapa na bunda dela e ameaço.

– Isso é para não matar o véio do coração aqui. Onde já se viu isso. Cadê o respeito e a educação?

– Ohh, por favor, senhor véio, não me machuque. – Ela se contorce rindo e finge estar preocupado com o seu destino nas minhas mãos.

Carrego ela até o meu quarto e a jogo no meio da cama. Subo em cima dela e começo a tortura. Se ela pode quase me matar de ciúmes, eu posso quase matar ela de outras formas melhores...

Por Carla

– Já fecha a viseira para não ficar de olho fechado. Assim não tem risco de as lentes saírem, mesmo que isso seja uma coisa impossível de acontecer. – Abaixo a sua viseira do capacete enquanto ele revira os olhos.

– Já disse que a melhor parte disso tudo é que eu vou estar agarrado em ti. – Subo na moto, ligo o motor e olho para o Luiz que ainda está descobrindo como se monta.

– Como se tu não estivesse agarrado em mim há pouco tempo. – Depois de mais alguns segundos ele resolve se sentar atrás de mim e todo desajeitado.

Espero ele se firmar, agarrar a minha cintura, com mais força que necessário e completar.

– Te agarrar, nunca é demais, guria. E tu também estava agarrada no véio aqui que eu sei. Aliás, acredito que vou ficar com uma marca tua.

– Isso vale pelo o que eu tive que ficar passando maquiagem a semana inteira para não

ficar visível.

– Então estamos quites.

E depois dessa eu dou partida na pretinha com o Luiz me impedindo de respirar. Pelo menos dessa vez ele não está escondido no meu pescoço como uma criança.

Meu corpo ainda está em chamas, hipersensível e letárgico. Nunca sonhei que pudesse ficar assim depois de ter passado a noite, em todas as partes significativas dessas palavras.

Realmente agora entendi porque todo mundo diz que existe uma grande diferença entre fazer sexo e “fazer sexo”. Não que eu tenha grande habilidade nas duas opções, mas consegui notar uma grande diferença entre elas.

Talvez o fato de quem estivesse me acompanhando mudado essa forma de pensar. Nem tenho como comparar o Luiz com o meu “ex”, já que o Luiz é um homem e o meu “ex” era um fedelho que achava que sabia de tudo.

Vivi a experiência, mesmo que estando em latência por alguns anos. Pode ser que o ditado que falam que nunca se esquece como se anda de bicicleta se aplique ao sexo, já que eu estou tendo ótimas experiências com o Luiz neste quesito.

E não tenho nada que me queixar, nem do roxo que ele deixou no meu pescoço depois de um beijo mais animado que o comum. Era um lembrete todos os dias pela manhã quando eu me via no espelho do meu quarto.

“Hey, eu transei e foi ótimo! Parabéns para mim, eu merecia. ”

E agora repetir a dose, foi tudo que eu esperava e passava além do que imaginava que conseguisse.

Só saímos da cama porque fomos convidados para ir até a praça onde os amigos do Luiz vão estar, ou seja, minhas patroas, os maridos, filhos e a Olívia com o André. Tentei fazer um charme, um pouco do poder de sedução e persuasão, mas ainda tenho que exercitar mais o meu pulso firme. Ainda chego lá.

Faço o caminho até a praça, não ultrapassando os trinta quilômetros por hora, mesmo que a via rápida, as placas indicam até cinquenta. Mas se eu ousar em acelerar a Pretinha, é capaz do Luiz sair voando da moto de medo. Então vamos com calma e paciência que ele chega lá. Ainda vou ajudar ele a escolher uma moto gigante para ele....

– Chegamos. – Mal desligo a moto e ele já está saltando do banco quase caindo no chão de desespero. – Deixa de ser fiasquento.

– Chão firme! Amém. Não via a hora. – Ele me entrega o capacete enquanto eu tiro o meu e coloco ambos na corrente para não ter que ficar com eles na mão.

– Tio “Uiz”!

– Hey, Perereco Mijão. – Antônio, filho da Elis chega correndo ao nosso encontro junto com a Fofinha.

– Tia Carla? – Ela arregala aqueles olhos azuis gigantes para mim.

– Oi, Fofinha. Tudo bem?

– MANHÊ! A TIA CARLA VEIO JUNTO COM O TIO LUIZ! – E os dois saem correndo e gritando para todo mundo na praça que chegamos.

– Recepção melhor que a dos eventos de vocês. – Luiz pega na minha mão e começamos a caminhar até onde todos se encontram.

Luiz aperta a minha mão quando vê que eu vacilo. Nada contra o pessoal aqui, mas é que estou acostumada a ver todos enquanto estou trabalhando, não em momento família, assim eles estão.

– Relaxa que todos aqui vão te tratar como amiga. – Ele sussurra quando chegamos perto.

E aí começou a chuva de brincadeiras e gozação de todos os lados. Descobri que somos apelidados de “casal vinte” pelo Noah, André e AC. Su, Elis e Liv mandam eles calarem a boca, e isso funciona, por cinco minutos.

Fico à vontade sentada com eles e conversando. Elis conta, nos mínimos detalhes que não aguenta mais a barriga gigante. Que não vê a hora de dar um espirro e o Otávio sair de dentro dela. Ela está realmente gigante, e o fato de ser magra, contribui muito para a barriga aparecer mais ainda.

Outra que já apresenta alguns sinais de barriga é a Olívia. Percebo como ela está sempre com a mão por ali, como se estivesse protegendo a pequena filha que se desenvolve com saúde dentro dela.

Freio os meus pensamentos. Não posso entrar naquele estado emotivo deplorável sempre que eu vejo uma mulher grávida. Estou com duas, e outra que é mãe e todas falando de maternidade, enjoos e dores. Ah se elas soubessem qual é a maior perda de todas, com certeza, não estariam falando destas como se fossem péssimas e que não desse para aguentar.

– Carla? – André, o namorado da Olívia, me chama. Graças que ele me tira daqueles pensamentos que eu deveria ter evitado desde o início.

Não se trata de inveja. Bem pelo contrário. Su e Elis são as melhores pessoas do mundo para mim, e sei que a Olívia também se enquadra como elas. Mas mesmo assim dói, dentro de mim ainda me machuca certas coisas. E por isso eu fico quieta, para não passar a ideia que estou invejando o que elas estão passando ou algo do tipo. Apenas sorrio e falo frases repetidas sobre o assunto. Para elas, só desejo toda a felicidade do mundo, porque sei que todas merecem.

– Oi. – Me viro para ele.

– Então, aquela moto é tua? – Um sorriso toma conta do meu rosto.

– A Kawasaki Ninja 650.

– Eu sempre tive uma queda por motos, mas sou muito medroso e mal sei andar de bicicleta.

Começamos a conversar sobre motos. E eu me empolgo no assunto, já que é uma coisa que eu realmente gosto. André e eu falamos tanto que quando percebi, eu havia convidado ele para dar uma volta.

– Sério?

– Claro. O Noah e AC já tiveram essa experiência, e eu estou tentando – falo essa palavra

mais alto para o meu alvo ser atingido – ensinar o Luiz a gostar, mas o véio é cabeça dura.

– E gosto dos meus pés no chão. – Ele fala e o meu objetivo foi concluído com sucesso.

– A Carla colocou mais de cento e dez comigo atrás. – Noah fala se metendo no assunto. – Pensei que ia voar.

– E galinha voa? – AC faz todos rirem do seu comentário. – Comigo ela foi mais light, estávamos na cidade mesmo. Nem lembro a quanto chegamos.

– Uns oitenta. – Confirmo e vejo o Luiz gemendo atrás de mim. – Tem uma via rápida aqui perto, acho que nessa hora está tranquila para fazer isso de novo.

– Sério? – Os olhos do André se iluminam. E eu vejo ele olhar para a Olívia que dá só um sorriso.

– Já andei de carro com o Luiz na estrada, nada mais justo que emprestar o André para a Carla por alguns minutos.

– Traíra. – Luiz resmunga, misturando com um espirro falso.

– Sem medo meu véio, em poucos minutos estaremos de volta. A pretinha já estava me xingando por andar tão devagar com a potência que ela tem. E tu sabe que potência não deve ser desprezada assim. – Pisco para ele, que ri satisfeito com o meu comentário.

E depois disso, eu saio com o André para “voar” na estrada com a minha nada pequena e silenciosa moto.

Capítulo 27

Coloco a minha bike, novinha em folha, que comprei semana passada, dentro da garagem e entro pela porta da cozinha em casa.

Pego o meu celular que deixei na bancada e reviro os olhos para as milhares de mensagens do Luiz dizendo que era para eu me cuidar e que era para eu colocar o número do telefone dele dentro do tênis (não no sutiã, como ele mesmo escreveu com letras maiúsculas e gritantes), e que se acontecesse alguma coisa, era para ligar para o número dele. Só respondi com um joinha e um emoji de entediado irônico para ele.

Passo as mensagens com milhares de emojis que ele me mandou e estranho o fato de já passarem das dez da manhã e ele não falou nada sobre a data de hoje. Duvido muito que ele tenha esquecido, até porque ontem ele estava falando animadamente para mim que completaríamos um mês juntos.

Tudo está tão ótimo e perfeito que ainda tenho o receio de acordar e perceber que eu estou sonhando. Só isso para explicar tantas coisas boas que o Luiz me traz.

A cada dia que passamos juntos, mais certeza eu tenho de que o conhecer, e deixar ele entrar na minha vida, foi a decisão certa e louca que eu fiz na minha vida. Eu, que não confiava na minha sombra, me deixar ser invadida por ele, foi uma coisa estranha da forma como aconteceu, de supetão e me levando completamente na sua onda.

Ainda ontem à tarde, antes dele sair para o plantão, estávamos conversando sobre isso. De como o nosso início foi louco. Chegamos à conclusão que se não fosse daquela forma, hoje ainda seríamos dois estranhos com amigos em comum.

– Bom dia, filha. – Minha mãe aparece na cozinha. – Chegou uma coisa para ti.

– Bom dia. – Dou um beijo nela e subo as escadas. – Deve ser alguma coisa que eu comprei pela internet semana passada.

Ela responde alguma coisa, mas eu não escuto.

Nosso relacionamento ainda está estranho, desde a leitura do meu falecido diário. Agora que ela sabe que eu não tenho amigos, tenho a impressão que ela não acredita muito no que eu falo para ela. Mesmo quando digo que vou para a casa do Luiz e passo a noite. Sinto como se ela acreditasse por acreditar, porque dentro a confiança em mim se desestabilizou. E eu não posso culpar ninguém por esse fato, a não ser eu mesma.

Tem dias que eu chego a perceber que ela não acredita no meu relacionamento com o Luiz. Quando saio de casa com a mochila com roupas, sinto o seu olhar para mim, meio que reprovando o que eu faço, mas nunca ela me disse uma palavra que fosse para tal caso. E se falar, eu tenho inúmeras fotos que comprovam onde eu estava, digamos que o Luiz sempre que pode, tira uma foto minha, ou nossa e coloca no seu facebook. E faz questão de me marcar em todas elas, desde as mais fofas nossas juntas, ou quando eu estou fazendo alguma coisa diferente, como por exemplo, olhando com muito afinho uma embalagem de milho no supermercado.

Abro a porta do meu quarto e quase grito quando vejo a “encomenda” que recebi. Um, nada pequeno buquê de flores, uma de cada cor e forma que eu possa reconhecer.

– Meu Deus! – Exclamo com as mãos no peito de emoção.

Fui criada vendo o meu pai presenteando a minha mãe com flores, seja de floricultura, ou em algum jardim que passávamos e ele dava uma para ela. Lembro como a minha mãe ficava, e ainda fica, emocionada com esse gesto. Até o meu irmão, que é um ogro em pessoa, dava flores para as inúmeras namoradas que ele tinha. Ficava com inveja e sempre dizia que ia conhecer alguém que me desse, nem que seja uma folha de grama.

E pelo visto o meu dia chegou!

Me atrapalho toda pegando o buquê e sentando na cama com ele no meu colo. Passo a mão por entre as flores me deliciando com a textura de cada pétala e ficado extasiada com o cheiro que elas soltam.

Encontro um envelope, um pouco grande, para ser os que enviam com flores, abro e sinto o meu coração se enchendo de felicidade em cada palavra que eu tento decifrar naquela folha, que é um receituário com a logomarca do hospital que ele trabalha.

Carla,

Primeiro de tudo, eu sou médico, então, teoricamente minha letra é péssima. Caso não consiga ler, leve à uma enfermeira ou farmacêutica, elas têm o dom de entender garranchos como ninguém. (Às vezes nem eu entendo a minha própria letra e culpo a miopia dizendo que estou sem lente....)

Agora sim, vamos ao que interessa realmente aqui.

São um pouco mais de quatro da manhã e o plantão está parado. Coisa boa, sinal que ninguém está sobre cuidados médicos ou com risco de vida. Tu sabe como eu amo a minha profissão e ajudar as pessoas, mas gosto mais ainda quando não sou solicitado para usar as minhas habilidades de médico para salvar vidas.

Estava olhando algumas das nossas fotos juntos, neste um mês que estamos juntos. Sabe o que eu pensava a cada uma que aparecia? Nossa, como eu sou um cara de sorte por ter alguém como tu ao meu lado.

Não são todas as pessoas que têm a felicidade de ter uma Carla na vida delas. Uma guria que, mesmo com pouca idade, tem mais cabeça e personalidade que as pessoas levam anos para conseguir. Com um senso de humor aguçado, assim como o meu, e acima de tudo, que despertou sentimentos em mim que há muito tempo, ou nunca, haviam sido notados.

Alguém que compreende tudo o que eu passei na vida. (Isso ainda me intriga, pelo fato das coisas que tu me fala, e eu não entendo como tu pode sentir tais coisas) Acima de tudo, me aguentar, e ainda por cima, me escutar quando eu começo a relembrar de coisas que aconteceram no meu passado.

Eu sei que essa tarefa não é nenhum pouco fácil, nenhuma mulher é gosta de escutar as inúmeras histórias que o namorado passou com a ex-mulher, e ainda ficar fazendo perguntas que me fazem reviver certas coisas. Gosto quando tu faz isso e aceita o meu passado como forma de quem eu sou hoje.

Quando a Joana morreu, eu jurei para mim mesmo que nunca iria conhecer uma pessoa que me completasse tanto como ela. Mas acredito que, de onde ela estiver hoje, alguém mexeu alguns pauzinhos para te colocar no meu destino. E acertaram em cheio, Carla. Tu era exatamente a pessoa que eu precisava na minha vida. Aquela que me impulsiona para o futuro e que eu quero que esteja comigo em cada dia que vier.

Palavras e sentimentos são poucos para expressar tudo o que eu quero nesse receituário médico. Eu espero, realmente, que tu consiga decifrar as minhas letras, e mais ainda, o que eu quero dizer na entrelinhas desta carta. Prefiro não escrever o que eu pretendia, pois quero fazer isso olhando nos teus olhos, em todas as oportunidades que eu tiver daqui para a frente.

Luiz

Lágrimas escorrem livres pelo meu rosto. Releio umas três vezes para não perder nenhuma vírgula e ponto dessa carta. Um sorriso se firma em mim e eu não sei se choro ou rio, então opto pelos dois.

Ahh, meu véio! Meio maluco, chato e ciumento, mas quando faz essas coisas, eu me derreto toda.

Limpo o meu rosto e tento escrever alguma coisa bonita para ele, mas não consigo, pois estou tremendo de felicidade. Envio uma mensagem para ele, mas que não é recebida e nem visualizada, porque ele deve estar dormindo neste momento. E eu deixo, porque preciso dele bem acordado hoje à noite.

Parece que a Elis tinha razão quando fez eu e a Su entrarmos em uma loja de *lingerie* semana passada. Ela disse que toda a mulher deve ter alguma roupa bonita de reserva para momentos como esses. Eu e a Su ficamos meio de lado quando ela falava isso e dizia que já estava com planos para quando o Otávio nascesse e ela saísse do resguardo. E não sossegou até fazer eu e a Su comprarmos alguma coisa também.

Parece que hoje vai ser o dia de estreia....

Por Luiz

Sentado no piano, esperando o tempo passar, me pego cantando. Em trinta e um dias a minha vida mudou radicalmente, e do melhor jeito possível que poderia acontecer. A presença da Carla nela fez tudo ficar mais simples, calmo e sereno.

Como eu disse naquela carta, que fiz de última hora, eu havia jurado que nunca iria conhecer outra pessoa que me completasse tanto, e cá estou eu mordendo a minha língua com essas palavras absurdas.

Eu a conheci e essa teoria caiu por terra por completo. Sou outra pessoa na presença da Carla, e adoro o novo Luiz que ela me mostrou e aguenta. Acho que essa é a melhor característica dela, me aguentar, porque eu sei que não sou nenhum pouco fácil de lidar.

Mas ela faz o trabalho parecer tão simples que me assusto com a sua aceitação como que

eu sou. Ela ainda me incentiva de um jeito espetacular e, acima de tudo, respeita o meu passado com uma comoção que me balança.

Isso me cativa. Principalmente quando começamos a falar do passado e eu remeto a algum assunto que envolva a Joana no meio, se fosse qualquer outra mulher teria um ataque só de escutar a letra J, mas a Carla não. Ela me escuta e ainda me instiga a falar mais.

Não sei qual seria o meu futuro, caso a Joana tivesse sobrevivido ao acidente. Poderíamos estar juntos até hoje, mas também a opção de separação estaria em jogo. E caso essa última acontecesse, tenho a absoluta certeza de que ela teria adorado conhecer a Carla e me jogado para cima dela como ninguém.

Aceitar o passado de outra pessoa, pode ser mais dolorido do que o nosso próprio. Apesar da pouca idade da Carla, esse fator de abnegação dela me surpreende e me deixa mais tranquilo. A Joana foi um fato marcante na minha vida, e nunca ela irá me abandonar em pensamento. Se não fosse ela, com certeza eu não seria vinte por cento de homem que eu sou hoje. Por isso esta aceitação da parte da Carla vale muito para mim.

Claro que não é só isso, bem pelo contrário, tenho inúmeros fatos que me levam a ficar neste estado embaçado que eu fico ao seu lado. Ela é linda, perfeita para mim e para todos que precisam dela. Seu senso de humor me cativa, seu sorriso me hipnotiza e a cada vez que me despeço dela, é como um pedaço de mim saísse junto.

Pode parecer loucura, em pouco tempo ela me causar tantas coisas assim. Mas eu sempre fui desse jeito, de me entregar de corpo, alma e rapidamente, ainda mais sabendo que ela se sente assim como eu em cada coisa que citei.

A sua preocupação comigo é genuína. Sempre acordo com alguma mensagem dela perguntando se eu havia passado bem a noite, ou assumo algum plantão com as palavras dela me dizendo que estará me mandando boas energias para que a minha noite seja calma e sem nenhum problema.

Esses gestos nos deixam mal-acostumados. Agora todos os dias que cruzo a porta do hospital, espero o meu celular apitar, e quando acordo quero ver as suas mensagens de bom dia. Me tornei um viciado, e não quero, de forma nenhuma, me livrar dessa dependência.

Ouçó o barulho do portão, o motor da sua moto (que, por incrível que pareça, já não me causa mais arrepios, e aumentamos a velocidade de cada passeio para 50km/h). Fecho a tampa do piano e vou ao encontro dela na porta da cozinha.

Ela se atira nos meus braços e começa a beijar o meu rosto diversas vezes.

– Obrigada, obrigada, obrigada. – Não me esquivo dela e deixo ela abusar de mim. – Elas são lindas! Eu amei!

– De nada, guria. Porém....

Ela sai do meu abraço e eu pego a flor que eu havia tirado do buquê e entrego para ela.

– O mês é de trinta e um dias, e só tinha trinta no buquê. A de hoje eu queria dar pessoalmente.

– Ahhh, Luiz! – E ela se atira novamente nos meus braços e eu a beijo.

Que esse seja só o nosso primeiro mês juntos de muitos que virão!

.

Depois de jantarmos, o que eu fiz. Resolvemos sair.

Nada melhor do que o bar que nos encontramos e conversamos pela primeira vez.

Tomamos um pequeno porre. Dançamos alegremente, entre um amasso e outro na pista de dança. Tudo arquitetado pela bebida na nossa cabeça. Estávamos felizes e queríamos comemorar a nossa data. E então fizemos isso.

Saímos junto com os funcionários do bar, isso porque eles nos expulsaram, pois queriam fechar o estabelecimento. Caminhando de mãos dadas, e entre uma prensada na parede para nos beijarmos e outra, conseguimos chegar até a minha casa, onde a segunda parte das comemorações iriam começar.

Jogo a Carla em cima da cama e tiro os meus sapatos e camiseta. Acredito que os últimos botões da camiseta eu devo ter arrancado, porque não consegui abrir direito. Me junto a ela na cama e começo a tirar a blusa dela.

– Jesus, cadê o sutiã branco com bolinha rosa de algodão? – Passo as mãos sobre a renda preta em contraste com a sua pele clara.

– Acho que hoje merecia uma coisa diferente, não é? – Ela se contorce embaixo de mim.

– Meu Deus, tem mais? – Começo a trabalhar no botão das suas calças.

Adoro quando ela fica embalada a vácuo nelas, mas detesto o trabalho que dá tirá-las.

– Logo hoje que coloquei aquela cueca branca com listra azul para combinar contigo, guria. – Ela ri manhosamente.

Bora matar o véio do coração aqui.

Termino o serviço, e antes de começar a segunda parte do trabalho enfio a mão na gaveta da mesa de cabeceira para deixar o preservativo a mão e não encontro nenhum.

– Oh merda. – Digo e me estico para ver mesmo se não tem nenhum sobrevivente de guerra escondido.

E não encontro nenhum.

– O que foi? – Carla pergunta desconfiada.

– Acabou os preservativos. – Digo me deitando em cima dela e a esmagando.

– Bom, sinal que usamos bastante.

Rimos e eu tento me convencer de que hoje a noite vai ser só para dormir mesmo.

– Hmmm... – Carla começa a me beijar novamente e isso vai contra o meu pensamento de dormir. Completamente. – Acho que não precisamos usar...

Puxo ela para cima de mim e trocamos de posição. Ela senta em cima de mim, em uma posição, muito agradável e começa a descer e subir as mãos sobre o meu peito. Tento manter a sanidade, mas estou a perdendo por um fio. De seda, ainda por cima...

– Não precisamos usar o quê.

– Preservativo, Luiz. Não corremos riscos.

Minhas mãos param na cintura dela e eu analiso a situação.

– Não corremos riscos? – Ela nega com a cabeça mordendo o lábio inferior. – Ora, não corremos riscos!

E depois disso eu deixo o meu fio de sanidade arrebentar por completo.

Capítulo 28

Por Carla

O celular desperta e eu tateio até conseguir encontrar ele passando por cima do Luiz que dorme e ronca. São sete da manhã e eu quero voltar a dormir. Volto para o meu lado na cama e me agarro no edredom, já que o ar condicionado passou a noite ligado e o quarto está frio.

Posso usar a desculpa de que o celular despertou e eu desliguei e voltei a dormir. Ninguém vai perceber a minha peraltice, eu vou poder dormir mais um pouco e...

– Nem inventa de fazer isso que eu sei que tu está pensando, guria.

E eu sinto um monte em cima de mim, me consumindo por completo.

– Vamos levantar essa bunda linda e começarmos a nos arrumar que daqui a pouco a Pequena Coisa e o Emo vão vir nos buscar.

E depois disso, eu gemo e me enfio mais na cama.

– Levanta de uma vez, ou eu vou aí te buscar. E tu sabe que eu vou mesmo...

– Seu chato! – minha voz é abafada pelo travesseiro.

– Para de resmungar que o velho aqui dessa casa sou eu.

Luiz sai da cama e me dá o aviso que assim que ele desligar o chuveiro quer ver eu parada na porta esperando a minha vez, ou se quiser me juntar a ele para o banho, também serei bem-vinda. E por causa desse último convite eu resolvo dormir mais um pouco mesmo.

Estamos indo para a fazenda dos pais da Elis, ela e a Su vão deixar os filhos para uma semana em um retiro acompanhados dos pais dela e a D. Eulália, vó da Elis. Voltamos domingo à tarde para segunda ser a cesárea do Otávio.

Luiz está todo empolgado, enquanto eu preferia ficar o final de semana aqui de boa, olhando filme com ele, comendo e bebendo, como sempre fazemos. Mas não, o senhor quase ermitão, resolveu que hoje vamos sair e sem direito a reclamação.

No final de tudo, que vai sair perdendo naquela troca que fizemos, o final de semana por passeios de moto, fui eu.

– Tu ainda está deitada? – Escuto ele gritar do banheiro e penso em fugir daqui, pegar a minha moto, que está na garagem e sumir por alguns dias.

Posso dizer que fui abduzida por um ET....

.

– Chegamos! – Elis grita quando sai do seu carro.

As portas dos três carros se abrem e todos saem. As crianças começam a brincar com os cachorros que vem cheirar a todos e começamos a descarregar as malas.

– Até que um dia chegaram. Pensei que o Noé e o Atchim haviam se perdido. Até o gurizinho veio junto com a Olívia.

Ahh Dona Eulália, sempre um anjo de pessoa. Ainda mais no que diz respeito a apelidos, Noah vira Noé, AC Atchim e André gurizinho. E o que se salva de todos eles? Claro que o Luiz. Ele e a sua presença que conquista todos a sua volta.

– Minha filha, acho que tu vai explodir a qualquer momento. Ou engoliu uma melancia?

– Cala a boca, pai. – Ela fala enquanto ele o abraça. – Segunda me livro dessa barriga.

– E aí vem o Otávio. – Sua mãe completa pegando o Antônio no colo e a Sarah abraçada nela.

– Nem me fala que ele anda jogando futebol dentro de mim. Acho que ele pensa que os meus órgãos são bolas para ficar chutando eles.

Cumprimento os três, que descobriram agora que eu e o Luiz estamos juntos e vou para o quarto que vai ser nosso, porque o Luiz deixou isso bem claro. Só ia aceitar um quarto se fosse o meu. Realmente esse final de semana vai ser bem comprido.

Aproveito os minutos de silêncio e ligo para casa para avisar que chegamos bem.

– Oi, mãe. Tudo bem por aí?

– Oi, filha. Sim, eu e o teu pai vamos tirar o final de semana na casa da tua tia na serra. Decidimos agora, estamos correndo aqui.

– Aproveitem. – Sorrio e concluo. – Se cuidem na estrada e não dirijam à noite.

– Vocês também aí, Carla. Beijos.

Me despeço da minha mãe e vou para a janela, onde vejo o Hélio, pai da Elis brincando com os netos, tantos os oficiais como os de coração. Uma coisa fica presa na minha garganta quando eu coloco a imagem do meu pai como avó.

Droga, eu sabia que vir para cá com eles não seria boa coisa. Ando com os meus sentimentos à flor da pele nos últimos dias. Precisamente desde que recebi a carta de um mês junto com o Luiz.

Aquilo me desestabilizou por completo. De um jeito perfeito, mas devastador, levando todas as minhas amarras e medos que me seguravam. Sei que ainda tenho que contar para ele sobre o meu infortúnio acidente com o aborto. Ele precisa conhecer essa última parte de mim que falta. E entendo que quando eu criar coragem para fazer isso serei compreendida e amparada por ele.

Nada melhor do que ter alguém ao teu lado, que sabe o que significa uma perda, do que pessoas que não sabem o que falar e acabam dizendo aquelas frases feitas e clichês, que só nos fazem cair mais ainda.

Ainda tenho que me estabilizar mais para criar coragem e contar. Sinto como se eu estivesse com uma TPM das raivosas, naquela fase onde o que mais precisamos e de abraços e a companhia certa, mas isso seria irônico já que eu não tenho útero e muito menos menstruo.

Preciso marcar uma consulta com o médico para ver se os meus medicamentos de

reposição hormonal estão ajustados. Da última vez que andei assim, tive que fazer uma bateria de exames para adequar aos níveis que preciso.

Só um final de semana, Carla. Nada de ruim pode acontecer em dois dias. E outra, o Luiz estará aqui ao teu lado, como sempre te fazendo esquecer tudo que está na tua volta e te acalmando quando precisar.

Por Luiz

– Acho que eu não deveria ter deixado a Sarah e o Antônio irem com eles. Já estou com saudade dos meus filhotes. – Elis choraminga abraçada no AC.

– Eu disse que não precisávamos fazer isso. – Su completa. – Teríamos dado conta da chegada do Otávio e com as crianças na volta.

– Claro, o Yago já viu o teu pai fazer o parto de uma vaca, ia ser quase a mesma coisa. – Noah recebe uma advertência visual da esposa. – O que foi?

– Não sei vocês, mas eu tenho um presente para entregar para a Elis e o AC. – André quebra o clima de despedida e pais chorando com a partida dos filhos.

Nem falo nada. Minha filha está há quatro anos na Europa e o deles há quilômetros daqui. Se eu abrir a minha boca o estrago estará feito.

Falando em filha, falta quinze dias para a Luiza desembarcar aqui. Quinze dias, três horas e alguns minutos. Não que eu esteja contado...

Não vejo a hora de as minhas duas gurias se encontrarem. Vou estar perdido nas mãos das duas me dominando por completo. Estou ansioso de ver as duas juntas, sei que elas vão ser grandes amigas, e irão unir forças para me derrubar por completo. Pobre coração do véio aqui...

– Demorei um pouco, mas ficou pronto. – André estende uma caixa para o AC.

– O que é isso? – Elis se intromete.

– Todos os cd's Emo dele. A Olívia pediu para ele se livrar disso antes que a Bibi nascesse. Nem o Leco aguenta mais.

– Infelizmente não é os cd's emo dele, Luiz. – Liv me responde com um sorrisinho no rosto. – Ainda vou usar eles para alguma arte plástica ou coisa do tipo.

– Deixem os meus cd's em paz. – O Emo retruca.

– Abram isso de uma vez que eu quero saber o que tem aí dentro. A última vez que eu recebi uma caixa desse tipo tinha uma lagartixa morta dentro. – Su diz.

– Quando o Gato te entrega as dele tu não reclama, né Fofa?

– A diferença do Gato para ti Noah é que esses são os presentes dele. Como se fosse uma demonstração de carinho e afeto para mim e a Fofinha. No teu caso é maldade mesmo e vontade de dormir no sofá. Abre de uma vez, Elis.

E então ela abre e uma pasta preta aparece. AC retira a pasta e abre, e tem uma reação de surpresa ao ver uma foto dele com o terno do casamento comigo e o Noah atrás dele. Começa a

folear e as fotos que tiramos antes do seu casamento aparecem em cada página, algumas coloridas e outras em preto e branco. Mas uma mais linda que a outra.

– Isso... – Ele fala e limpa a garganta. – Isso é lindo. Obrigado, André.

– Não foi nada, cara. Tenho elas digitais também, caso queira passar para o teu computador ou imprimir em tamanhos menores.

– Quero essa no meu celular. – Elis fala da foto em que os dois aparecem descontraídos abraçados, Antônio olhando para eles e a Sarah sorrindo largamente.

– Acho que vou fazer uma montagem com todas e colocar no meu computador da agência.

– Só acho que uma não vai ficar legal. – André diz e quando a Elis vira a página, todo mundo começa a rir, menos o Noah, alvo da brincadeira.

Eu e o AC abraçados enquanto nos vestíamos e o Noah só de cueca agachado no chão procurando uma das suas abotoaduras que ele conseguiu derrubar no chão enquanto se vestia.

– Acho que essa deveria ser a imagem do computador da Su. – Falo e vejo ela rindo da cara do marido como se não houvesse amanhã.

Me afasto um pouco do grupo e me aproximo da Carla, que está olhando pela janela a paisagem. Beijo seu pescoço e abraço até ela se esquivar de mim. Sinto que ela está distante, pensando em alguma coisa filosófica e quero a minha guria de novo para mim.

– Tudo bem? – Dou um beijo nela que se deita no meu ombro.

– Sim. Só tinha vindo para cá no casamento da Elis. Achei lindo, mas não pude conhecer o lugar como ele precisava.

– Amanhã podemos dar uma volta cedo. – Mexo no cabelo dela. – Antes de todos acordarem.

– Sei muito bem o que essa mente brilhante está pensando.

– O que? Não estou pensando em nada. Só em conhecer a propriedade.

– Sei... Só que tem um problema. Acho que amanhã vai chover.

– Será? Não senti as minhas juntas doendo. Nem as minhas cirurgias.

Carla ri do jeito que eu tanto amo. De todo o corpo se contorcer e o seu sorriso ocupar todo o seu rosto. Meu coração se agita toda a vez que eu sou o causador desse sorriso.

– E o senhor idoso, como é, sente todas essas dores.

– Claro. – Afirmo e sorrio. – Anos e mais anos me arrebatando por aí deve servir como uma ótima previsão do tempo.

– Então já sei. Dá próxima vez, eu não vou consultar nenhum site de previsão do tempo, já tenho o meu vó para me dizer como sair na rua.

– De burca, todos os dias. – Mais uma vez ela ri e coloca a mão no meu rosto.

Nossos olhos nos encontram e ela se aproxima de mim para um beijo. Minha mão desce para o seu pescoço e a outra para a sua cintura. Grudo o corpo dela no meu e percebo que a minha felicidade está completa.

.

Jantamos na rua. Todos brincando e implicando um com os outros, como sempre fazemos. Até a Carla estava mais solta depois que ficamos o resto da tarde no lago natural que tem aqui.

Terminamos de jantar e enquanto o Noah e AC são postos na cozinha para limpar, o resto vai para os quartos tomar banho. Fico por último zoando a cara do Noah, já que a do AC não tem graça, já que ele adora uma faxina, independentemente da situação.

Sigo o corredor para o meu quarto e encontro a Elis escorada na porta.

– Hey, engolidora de melancia, como está o meu afilhado?

– Enfiando os pés em algum lugar dentro de mim que não deveria. E apertando a minha bexiga, acho que ele pensa que deve ser brinquedo. Se em situação normal já quase me mijo perna abaixo, quem dirá agora.

– É normal, Elis. Já que tu não sentiu nada com o Antônio, está passando tudo em dobro com o Cabritinho. – Coloco a mão na sua barriga e vejo que ela está meio endurecida. – Não está sentindo nada de estranho?

– A princípio não. E eu preciso falar contigo. Vem aqui.

Ela me puxa até um quarto desocupado e senta na cama com as mãos nas costas.

– Estou contando as horas para segunda, e o Lindo não está atrás. Acredita que ele enquanto não fez a mala do Otávio para o hospital vir junto não sossegou?

– Elis, esqueceu que estamos falando do sr. Certinho?

– Eu sei. Mas mesmo assim, estamos ficando paranoicos com tudo isso. E eu preciso de um favor, Luiz. Uma coisa que eu não posso pedir para o AC e nem para a Su, que é uma vaca-irmã para mim.

Até eu me sento depois dessa ao seu lado. Vindo da Elis, coisa pouca não deve ser.

– Eu faço qualquer coisa, Elis. Só me pedir.

Ela assente com a cabeça e começa a falar.

– Esta gravidez pegou todo mundo de surpresa, inclusive eu. Não que eu seja parâmetro para gravidezes, mas enfim, essa sempre foi especial. Desde que marcamos a data do parto eu tenho tendo alguns sonhos, pressentimentos, ou sei lá o que.

– Isso é pelo nervosismo, Elis. Tu está amparada por um ótimo obstetra e eu vou acompanhar a cesárea o tempo todo.

– Eu sei, não tenho o que me queixar do meu médico e nem da tua ajuda neste momento, mas eu preciso que tu me dê a certeza de uma coisa, Luiz. Só vou conseguir entrar naquela sala de cirurgia com a tua palavra me prometendo.

Engulo à seco. O que será que esta doida está imaginando?

– Luiz, eu queria te pedir que fique como meu responsável se caso acontecer alguma coisa na hora do parto?

Abro a boca de espanto, mas não consigo formular nenhuma resposta coerente que seja. A

Elis está doida, mais que o normal, só pode.

– Elis, isso é cargo do AC. – Enfim falo.

– Mas a gente conhece o AC, e se caso acontecer alguma coisa e ele tiver que decidir entre eu e o Otávio ele vai escolher os dois. Eu tenho certeza disto e não posso ser colocada em anestesia sabendo que isso pode acontecer.

Tento falar alguma coisa, mas a Elis me corta.

– Por favor, Luiz. Se alguma coisa, o mínimo que for, diz para o médico salvar o Otávio, não eu.

– Cala a boca, Elis. Pelo amor de Deus, vira essa boca para lá mulher.

Ela começa a chorar e eu a abraço.

– Não vai acontecer nada Elis, eu te prometo isso. E se algo acontecer eu e o teu médico vamos salvar os dois.

– Não. Dá a prioridade para o Tavinho, Luiz. Por favor. Eu amo o AC e os meus filhos, mas eu ando sentindo que alguma coisa vai sair errado e eu não quero passar por tudo isso sem o Otávio ter nascido.

– E então eu te deixo morrer e arrasar com a vida de todos nós? Isso é, para início de conversa, loucura, e o que tu me pede é insanidade. Quando tu terminar de amamentar o Otávio vou te marcar uma consulta psiquiátrica!

Não consigo nem pensar na possibilidade de o AC passar por tudo que eu aguentei. Ele, assim como ninguém, não merece perder a esposa depois de anos de casado e quem dirá com recém casados. E perder um filho, depois de esperar tanto e mais os problemas da gestação....

Não. Absolutamente não.

– Elis, eu não posso prometer isso. É loucura e antiético da minha parte. Minha missão como médico é salvar os dois, acontecendo o que acontecer. Isso sim eu te prometo de coração, mas optar pela vida de um dos dois e escolher a do Otávio e te abandonar, o AC nunca me perdoaria isso.

Ela limpa as lágrimas e se encolhe na cama.

– Eu estou morrendo de medo, Luiz. Desde que eu me descobri grávida de novo eu estou assim. Com o Antônio foi tudo mais simples porque quando eu vi ele saiu de dentro de mim e foi amor à primeira vista. Mas com o Otávio é amor desde o primeiro borrão que ele parecia um cabritinho. E passar as ameaças de aborto, repouso e descolamento de placenta. Ver o meu filho, desde dentro de mim lutando pela própria vida, eu... eu não sei o que seria de mim se algo acontecesse...

– Não vai acontecer nada, Elis. Tu está nervosa pela aproximação do parto, isto é normal. Milhares e milhares de hipóteses começam a se formar na tua cabeça, e acredite, na do AC também estão borbulhando. Mas vocês dois, especialmente tu, tem que manter a calma acima de tudo, ok? Eu vou estar aqui hoje e amanhã para o que acontecer, e se, escuta bem, se acontecer alguma coisa pegamos o carro e vamos para o hospital mais próximo, certo?

Dou um beijo na testa dela e mais um abraço. Seco as lágrimas da minha amiga e espero

ela se acalmar antes de deixar o quarto em que estamos. Alguns minutos depois, entro no meu e solto a respiração que acompanhava o peso do mundo nos meus ombros.

Capítulo 29

Por Carla

Saio do banheiro enrolada em uma toalha e me assusto com a visão do Luiz, escorado na porta, e olhando para o nada com cara de quem viu um fantasma.

Por favor, que ele não tenha visto nenhum fantasma, senão eu vou dormir no carro. Morro de medo destas coisas.

Aproximo-me dele, que não fez nenhum movimento com a minha presença. Estranho...

– Luiz? – O chamo e nada.

Faço isso mais algumas vezes e até estalo os dedos na frente do catatônico à minha frente, e nenhuma resposta. A minha última tentativa é um banho de água gelado, mas não tenho nenhum copo aqui no quarto para encher e atirar na cara dele.

– Hey, se tu está se fazendo de catatônico para me dar um susto, pode tirar esse cavalinho da chuva. Ou melhor, vai colocar ele lá, já que está se armando para chover feio.

– Hmm?

Ele olha para mim e pisca algumas vezes.

– Que foi?

– Eu que te pergunto, já faz uns cinco minutos que eu te chamo e nada de uma resposta. Pensei que estava catatônico ou coisa do tipo.

– Nada não. – Vejo ele caminhar pelo quarto, passar as mãos nos cabelos e se sentar na cama. – A Elis me chamou para conversar e foi meio insano a coisa.

– E desde quando uma conversa com ela não é insana?

Começo a me vestir enquanto ele se deita atravessado na cama e começa a falar.

– Esse foi diferente. Ela me pediu uma coisa completamente insana e eu fiquei sem resposta.

Até paro na metade do trabalho de colocar o meu pijama depois do que escutei. Luiz sem palavras. Parem o mundo que o apocalipse chegou. Continuo a observar ele que recomeça a falar.

– Ela me falou para ser a responsável dela na hora do parto. Tirar a autoridade do AC se caso acontecer alguma coisa na hora do parto, já que eu vou acompanhar lá no bloco cirúrgico.

– E aí, o que ela te pediu? Deve ter sido uma coisa muito estapafúrdia para ti ter ficado desse jeito.

– Estapafúrdia é apelido. – Ironiza. – Ela pediu para se caso acontecesse alguma coisa na hora do parto, eu desse a ordem de salvar a vida do Otávio em prioridade em vez da dela.

Pisco para o Luiz que está a admirar o teto com as mãos cruzadas sobre o peito. Um choque atravessa o meu corpo, e o Luiz volta a falar.

– Tinha um professor na faculdade, ele era meio louco da cabeça, e lembro quando estávamos em uma discussão acalorada sobre quem salvar... Na real, salvar não é a palavra certa para essa situação, mas sim priorizar, para depois de estabilizar voltar ao outro paciente. A frase que o meu professor falou calou a boca de toda turma, mais de trinta pessoas, adolescentes praticamente que não sabiam nada da vida.

Uma onda emotiva atravessa o meu corpo. E eu preciso de alguns segundos para me estabilizar para então murmurar a pequena frase, que saiu com um gosto muito amargo na minha boca.

– E o que ele disse?

– Uma frase chocante, na minha opinião. Preferível é se sacrifique o ser que ainda não existe a sacrificar-se o que já existe. – Meu corpo se tenciona todo. – Depois ele explicou com outros métodos e a discussão recomeçou. Alguns falavam que salvariam o filho e outros constataavam que a criança iria ficar órfã e a mulher poderia ter a oportunidade de engravidar novamente.

Sinto uma facada no meu peito quando ele pronuncia essas últimas palavras. Silenciosamente eu termino de colocar o meu pijama e passo por ele com a cabeça baixa em direção ao banheiro onde colocaria a minha toalha estendida, mas não sem antes limpar algumas lágrimas que começaram a se formar nos meus olhos com essa conversa.

Demoro um pouco para voltar ao quarto, só consigo caminhar novamente quando tenho a certeza de que vou conseguir me controlar. Encontro o Luiz na mesma posição e pergunto para ele.

– E tu? Salvaria a mãe ou a criança?

– Os dois, sem sombra de dúvida. Fui o único que respondi isso em sala de aula. O professor me achou louco, mas heroico se conseguisse realizar o feito. Mas eu falei isso porque dentre todas da sala eu era o único pai. Então ponderei isso. Me coloquei na posição da mãe e depois do pai, acho que se alguém me perguntasse se eu tivesse que salvar entre a mãe de um filho meu e o meu filho, eu escolheria os dois sem pensar duas vezes. Mesmo que a tarefa fosse impossível, eu optaria por ambos.

Tento sorrir, mas me engasgo com um quase choro. Ahh Luiz, por que não te conheci quando estava grávida? Tu faria de tudo para salvar o meu bebê e, se caso não conseguisse, pelo menos, eu ainda teria outra oportunidade de engravidar. Nunca que tu me trataria como uma mera paciente, uma pessoa sem sentimentos e assustada com tudo que estava acontecendo ao seu redor.

Ele seria o médico perfeito. Me atenderia com respeito e responderia todas as minhas questões sobre o que estavam fazendo comigo. Não me deixaria assustada, esperaria o meu tempo para entender o que estava acontecendo e o que precisava ser feito. E acima de tudo, não iria com tanta força dentro de mim a ponto de romper o meu útero e sem chance de uma nova oportunidade de vida para ele.

– Por mais altruísta que a Elis possa estar pensando em ser, não consigo me ver optando pela vida do Otávio ao invés das duas. Penso no AC passando tudo que eu passei por perder a esposa tão novo e com filhos pequenos. Imagino o Antônio e a Sarah tendo que enfrentar tudo

que a Luiza enfrentou. Simplesmente não consigo. É uma hipótese que não existe para mim.

Luiz se levanta de supetão da cama me assustando.

– Se alguma coisa acontecer eu coloco aquele hospital abaixo, simples assim. Quando chegar segunda no hospital, vou deixar mais médicos sobre aviso. Vou mais cedo para lá para recrutar os melhores daquele prédio. E se alguma coisa acontecer, nós vamos trabalhar em conjunto para salvar os dois. Ou então eu rasgo o meu diploma e nunca mais entro em um hospital novamente para atender.

E sai para o banheiro. Sento na cama e a minha respiração tranca dentro de mim, e só quando as lágrimas começam a sair, eu volto a respirar entre um soluço e outro.

Por alguns segundos me coloco no lugar da Elis. Grávida, passando por alguns problemas na gestação e com o parto de aproximando. A cada chute que recebesse do meu filho, mais certa eu estaria de que escolheria a sua vida ao invés da minha. Sem pensar duas vezes.

Colocaria ele, assim como todos os filhos que eu tivesse, acima de tudo. E se sobrasse, aí sim eu seria cuidada. Acredito que é esse o papel de uma mãe, se colocar na frente de um carro ou uma bala perdida para não atingir o seu filho. Mães que choram pelas dores dos filhos, assim como eu vi a minha em prantos por mim quando acordei da anestesia e fui informada de tudo que havia se passado comigo.

Acredito que naquele momento, a minha mãe faria de tudo para estar no meu lugar e sentindo as minhas dores.

Arrumo a cama o mais rápido que posso, me deito do meu lado e me viro para a parede, um hábito que sempre tive, e agradeço hoje imensamente por ele. Porque assim posso fingir que estou dormindo para que o Luiz não veja as minhas lágrimas e me questione sobre elas.

Consigo me acalmar até o ouvir desligar o chuveiro. Espero, sem me mexer, ele se deitar ao meu lado, distribuir alguns beijos sobre o meu cabelo, murmurar um boa noite para mim, me agarrar pela cintura até estar grudada no corpo dele fazendo com que assim eu me sinto protegida e consigo dormir em paz.

Por Luiz

A chuva cai torrencialmente aqui na fazenda. Estamos todos trancados dentro de casa esperando a tempestade diminuir para pegarmos a estrada. Fui um dos que votou para essa opção. Ninguém sai daqui de carro com o mundo desabando lá fora.

– Estou com calor! – Elis fala pela quinta vez, já com a blusa levantada na altura dos peitos.

– Vai para o quarto dos teus pais que tem ar-condicionado, Linda. Descansa que quando estivermos prontos eu te aviso.

– Não consigo ficar sentada, muito menos deitada, AC. Estou estranha hoje.

– Acalma esse útero aí, Elis. – Noah fala olhando o tempo pela janela. – Não quero sair correndo para te levar ao hospital às pressas novamente.

– Vira essa boca para lá, Noah! – Ela xinga e coloca a mão sobre a barriga. – Otávio só sai

daqui amanhã.

– Até eu entrei em pânico naquela vez. – Liv diz com a mão agarrada no André. – Também voto pela calma do útero da Elis.

– Calem a boca que eu já estou enjoada aqui.

Fico atento a cada palavra, ou sintoma, que a Elis fala e alguma coisa faz o meu radar de alerta ficar de, em modo de espera, para ser acionado a qualquer segundo.

– O Otávio está se mexendo hoje? – Questiono como quem não quer nada.

Elis faz uma cara estranha para mim, pensa um pouco e depois de alguns segundos responde:

– Ontem ele estava agitado, deu uma mexida em mim que parecia que estava pulando corda com os meus intestinos e teve uma hora que eu jurei que ele fosse sair de dentro de mim.

– Foi àquela hora em que tu segurou a barriga e abaixou as calças no quarto? – Todos na sala olham para a Elis como se ela fosse um alien.

– Sim. E depois disso ele parou. – Ela franze a testa. – Parou demais. – Elis se curva e fala para a barriga. – Hey Otávio, está tudo bem aí dentro, filho?

Gemo mentalmente.

– Acho bom tu seguir o conselho do AC, Elis. – Digo calmamente sem levantar alarde nenhum. – O calor está forte e não temos hora para sair daqui.

Carla olha para mim e eu aperto a mão dela que está no meu colo.

– É Linda, vamos lá que eu te ajudo.

O seu marido se posta na sua frente e estende as mãos para a ajudar ela levantar.

– Quer um guindaste? – Brinco para quebrar o clima.

– Cala a bo... Ai!

Ai, merda!

Levanto mais rápido que posso e volto a deitar a Elis no sofá. Junto os pontos e o meu alerta começa a soar alto dentro da minha cabeça: a Vaca está entrando em trabalho de parto.

– Elis, o que tu está sentindo? – Pergunto calmamente. E faço sinal para que ninguém se aproxime dela, tudo que ela não precisa nesse momento é ficar nervosa.

– Doeu. – Seus olhos se arregalam e eu toco na sua barriga, que está dura como uma pedra.

– Onde? – Sorrio para ela, fingindo que nada está acontecendo?

Ela toca a parte de trás das costas e eu começo a me preocupar.

– Consegue levantar e ir para o quarto? – Estendo a minha mão e ela aceita com hesitação.

AC chega perto de nós com o rosto assustado. Levantamos a Elis e com cuidado levamos ela para o quarto dos seus pais que tem ar-condicionado. Su vem atrás de nós e ajeita os travesseiros, liga o ar e ajuda a deitar a Elis na cama.

– O que está acontecendo, Luiz? – AC é o primeiro a me questionar.

Tomo uma respiração profunda e explano o que eu acho da situação. Não tenho muita experiência na área obstétrica, mas acredito que qualquer um consegue saber o que a junção desses sintomas que a Elis está sentindo significa.

– Acho que a Elis está em trabalho de parto. Acredito que esteja começando, mas não tenho como dizer em que estágio ela se encontra sem fazer um exame de toque.

E nesse momento, todos chegam à porta e fica aquele silêncio entre todos no quarto.

– E agora? – Alguém do bolinho da porta pergunta.

– Posso fazer um. – Digo como se isso fosse a coisa mais comum do mundo, enfiar a mão dentro da esposa do meu melhor amigo.

Porém, neste caso, é a opção que temos. Existe um “senso ético” que todos os profissionais da saúde desenvolvem ao longo do tempo. Todas as pessoas são iguais. Mulheres têm seus corpos e homens os deles. Não tem distinção de fulano é diferente de outro. Todos são tratados da mesma forma, não há vergonha, curiosidade ou qualquer tipo de malícia nos procedimentos. Se tem que ser feito, irá ser realizado, ignorando qualquer regra da sociedade que possa ser julgada como imoral. Claro que sempre mantendo a dignidade do paciente.

E fora que, já fiz tanto exame de toque nos plantões antes de passar as pacientes para o plantão obstétrico que nem vou achar a última coisa do mundo a ser feita. É uma coisa relativamente normal, simples e que quase todas as mulheres passam por algum momento na vida.

– Tu vai enfiar a mão nela? – AC se vira para mim.

– Não como Luiz, mas sim como médico. Acredito que tu me conheça bem mais que isso, AC. – Falo para ele sério.

– Eu sei, não estava pensando nesse lado, eu juro. Eu estou começando a ficar nervoso aqui.

– Então vamos acalmar esses ânimos e fazer isso de uma vez para ficarmos todos tranquilos aqui, certo?

Olho para a Elis em cima da cama e ela me acena um sim trêmulo.

– Elis, tu sabe se os teus pais tem algum tipo de luva de procedimento, ou parecida?

– Na sala onde eles guardam os medicamentos e instrumentos deve ter. Su, tu pode...?

– Claro. – Ela sai do quarto e leva todos para a sala, menos a Carla, porque eu peço para ela ficar.

– Tu pode me ajudar aqui? – Pergunto baixinho enquanto o AC e a Elis também conversam na cama.

– Não sei no que posso ser útil, mas ajudo sim.

Se ela soubesse que só o fato dela estar aqui comigo já é de grande valia...

– Fica ao meu lado. E vou pedir para a Su ficar do outro, se caso a Elis se contorcer vocês segurem as pernas dela, ok? – Coloco uma mecha do cabelo dela atrás do seu ombro e ela me confirma com um aceno de cabeça.

Espero a Su que volta com uma caixa de luvas do meu tamanho certo. Explico para ela o tipo de ajuda que necessito e fico de lado quando o AC ajuda a Elis a retirar a saia que está usando e as calcinhas.

Por mais que para a mim a situação seja corriqueira, tento me colocar na situação da Elis e dou toda a privacidade que ela possa ter nesse momento. E quando eu escuto que está tudo pronto tomo uma respiração profunda e deixo o meu lado médico vir à tona sobre mim.

Faço o exame e me sento na cama de costas para a Elis enquanto retiro as luvas. Olho para a Carla, que está na minha frente, e com uma simples troca de olhar ela entende tudo. Se ela fosse uma enfermeira teria ido, neste momento, chamar um obstetra ou estaria ligando para o centro cirúrgico, avisando para eles, se prepararem para uma cesárea.

Capítulo 30

Por Carla

Neste tempo que eu convivo com o Luiz, comecei a reconhecer cada trejeito dele. O sorriso malicioso, diferente do afetivo, a risada nervosa e os olhos preocupados com alguma coisa. Noto a oscilação de cada um deles em apenas uma troca de olhar com ele, e com essa que e recebi aqui, percebi que a coisa não é boa.

A Elis está em trabalho de parto, e pelo visto, já deve estar avançado.

Me sento ao lado dele, pois fiquei meio tonta com essa novidade. Preciso manter a calma acima de tudo, e isso já leva metade da minha concentração embora, já que eu acabei de presenciar o Luiz fazendo um exame de toque na Elis.

Não no sentido de ele ser o meu namorado e ter enfiado a mão dentro da Elis, sei que ele é médico e está mais acostumado a fazer isso do que eu a me olhar no espelho nua e ainda ficar com vergonha. Falo do fato de ele ter feito isso de uma maneira tão simples e delicada, e acima de tudo sem forçar a barra e nem deixar a Elis assustada por isso.

Claro que ela já deve estar acostumada com essa situação, mas como eu só tive a minha experiência, altamente traumática, nesse quesito, sempre vou comparar.

– E então? – AC fala depois de ter colocado a Elis deitada novamente.

Olho para o Luiz, ao meu lado, focando os olhos no chão e pensando no próximo passo a ser feito. Calmamente ele se levanta e se vira para os três apreensivos que aguardam uma resposta, Su, Elis e AC.

– Elis, quando tu entrou em trabalho de parto do Antônio, tu teve muitas dores, não é? Chegou ao hospital com quantos centímetros, mais ou menos?

– Eu quase morri, pensei que estavam me cortando ao meio de dentro para fora, isso sim. Acho que já cheguei pronta, porque já me levaram para a sala de parto e quando eu menos esperei o cabeçudo estava saindo de dentro de mim. Por que?

– O colo do útero e como se fosse isso – ele fecha a mão e mostra para nós. – Estão vendo o espaço que não tem entre o meu polegar e o outro dedo? Ali é o colo do útero e a dilatação, nada mais é que a abertura do colo do útero para o bebê passar. O que a gente sente no exame de toque, o quanto já abriu e o colo do útero já apagou. O médico introduz os dedos dentro da paciente e pelo tato, e uma tabela aproximada, dá a dilatação. Conforme o colo vai se apagando, ou seja, se abrindo é que dá a dilatação. Consideramos o parto ativo, onde a criança está próxima de nascer, quando se atinge de quatro a cinco centímetros de dilatação. Nessa hora é que começamos a ver contrações, posicionamento fetal e afins. E quando chega a dez centímetros, começamos os procedimentos para o nascimento.

– E com quanto a Elis já está? – Su pergunta.

Luiz olha para o AC e Elis na cama, toma uma respiração e com toda a tranquilidade responde.

– De oito para nove centímetros. Eu até senti a cabeça do Otávio.

– Mas como se eu não senti nada? – Elis questiona perplexa.

– Cada parto é um parto. Não é porque tu quase morreu de dor em um que vá morrer de dor em outro.

– E agora? – AC pergunta, depois de sentar na cama. Acredito se ela não estivesse por perto, ele teria caído de bunda no chão.

– Temos três opções. Podemos fazer o parto aqui, ou entramos no carro neste momento e rezamos para que ele não ocorra antes de chegarmos no hospital. E a última opção é entrar no carro, ir para o hospital e ele nascer lá.

O silêncio toma conta do quarto. Minha vontade é sair correndo daqui e me esconder em algum canto até tudo isso passar e a Elis estar em casa com o Otávio no colo e ambos bem. Porém eu sei que se fizesse isso, seria uma covardia da minha parte, e geraria motivo para desconfiança do porquê da minha ação.

– Quanto tempo nós temos? – Su pergunta.

– Infelizmente a medicina não é uma coisa tão exata assim. Ainda mais nestes casos. O trabalho de parto pode progredir de forma rápida, de uma hora para outra, ou como pode ser lento e gradual. Não tem como dar certeza, tudo depende do Otávio, a pressa dele, e do corpo de Elis.

Luiz chega perto da barriga da Elis e coloca as mãos sobre a sua barriga e apertar por alguns instantes.

– Eu sou obstetra, minha formação é outra, mas já vi alguns partos, e acredito que o Otávio já está em posição para nascer. Meu medo é o cordão enrolado no pescoço. Isso é um risco para o parto normal.

– O médico disse que ele estava em posição já e que o cordão estava longe do pescoço. – Luiz olha para o amigo e assente.

– Então a escolha é de vocês. Podemos tentar remover a Elis para o hospital mais próximo para um parto acompanhando por uma equipe médica, correndo o risco dele nascer no carro no meio do caminho.

Todos nos entreolhamos e a Elis geme na cama. Coloca a mão na barriga e choraminga para o AC. Ele, chega perto da sua esposa, beija a sua testa e murmura alguma coisa para acalmá-la.

Su chega perto do Luiz e eles conversam baixinho. Vejo ela sair do quarto quando a Elis tenta se levantar da cama, mas não consegue.

– Vamos te carregar no colo para o carro, Linda. E vamos chegar a tempo no hospital. O Noah dirige e nós vamos conseguir chegar a tempo.

Su volta para o quarto com uma cara assustada.

– Eles ligaram o rádio da sala, acabou de sair a notícia que a ponte principal está alagada e fechada. Só vão liberar quando a chuva ceder e a água do rio escoar. – E um trovão, que estremece a casa toda, dá a resposta que a chuva não pretende parar por algum tempo.

Estamos ilhados aqui, com a Elis em trabalho de parto, eu não sei para onde me viro e

todos estamos em uma sinuca de bico.

Por Luiz

– Merda! – Resmungo baixo, tomo uma respiração grande e passo as mãos nos cabelos.

Começo a andar de um lado para o outro sentindo o peso de ser um médico nos meus ombros. Tudo que eu não queria sentir dentro da Elis era o seu colo do útero tão dilatado como está. O seu trabalho de parto está adiantado demais, e se a chuva não parar, o Otávio vai nascer aqui mesmo.

Analiso as possibilidades a minha frente e vejo que não temos saída, a não ser esperar e rezar para que nada de ruim aconteça. Se com a equipe médica e todo o aparato para uma cesárea a Elis já estava com medo, imagina neste momento. Me aproximo da cama, onde ela está deitada e com os olhos cheios de lágrimas.

– Calma, Elis e AC. – Digo para os meus amigos, ambos em pânico. – Vai dar tudo certo, eu só preciso que vocês mantenham a calma acima de tudo. Vou fazer o que tiver, e não estiver ao meu alcance aqui, certo? Mas preciso que vocês também me ajudem.

– Eu não vou conseguir – Elis fala. – Eu sabia que alguma coisa não ia dar certo. – Suas lágrimas brotam mais rápido. – Por favor, Luiz.

Vejo a súplica nos seus olhos e evito responder isso. Não tenho como prometer que vou negligenciar ela para salvar o Otávio e vice-versa. Vou dar o meu máximo para os dois.

Obstetrícia não é a minha praia, mas trabalhando em um pronto socorro, já assisti alguns partos e auxiliei alguns, porém, nunca fui o responsável por trazer uma criança à vida. E eu estou tremendo de medo por dentro.

Sei que tenho que manter a calma e o sangue frio em primeiro lugar. E como a ética me impulsiona, tenho que tratar a Elis como uma paciente normal, sem nenhum vínculo afetivo entre nós. Mas neste ponto eu estou em um dilema extremamente difícil. Porque se falhar, eu corro o risco de arruinar as suas vidas e perder a amizade deles para sempre.

– Elis, calma. Eu estou te pedindo para te acalmar e tu está fazendo ao contrário. – Coloco a mão no seu rosto e vejo que está quente e suado. – Su e Carla, vocês podem me trazer um ventilador e, se acharem um aparelho de pressão. Acho que a tua vó tem, não é Elis? – Ela me confirma.

– No quarto dela, dentro do guarda-roupa. Se ela não levou o digital, tem o antigo.

– Melhor ainda, prefiro esses do que os digitais.

Olho para as duas. Su decidida e a Carla assustada. Caminho até elas e converso com a Su para que ela deixe o Noah sobre aviso sobre o estado da Elis, mas não mencione para a Olívia. Não quero correr o risco de ela ficar em estado de pânico com isso, sei que o André pode lidar com ela como ninguém, mas só de saber que não preciso me preocupar com ela e a Bibi já é um peso a menos.

Carla fica no quarto e seus olhos assustados me deixam em alerta. Puxo ela para um abraço e sinto que ela se agarra em mim como se eu fosse uma âncora. Beijo ela e encosto a

minha testa sobre a dela, para a acalmar e me acalmar também.

– Está nervosa? – Sussurro para ela que movimenta a cabeça milimetricamente.

– Um pouco.

– Quer ir para a sala e aguardar lá?

– Não. Quero ficar aqui e ajudar se puder. – Abençoada seja a minha guria.

Só o fato dela estar no mesmo recinto que eu, já me traz um alívio que não consigo descrever. Fique, Carla, eu posso ser um médico. Ter estudado anos para ser um, mas ainda continuo dotado de medos e receios. Por mais que eu saiba a teoria, a prática pode ser completamente diferente do que vista nos livros acadêmicos. Muitas vezes os estudantes podem ser nota dez nas teorias, mas uma negação nas práticas, assim como os com as práticas perfeitas não sabem muito da teoria a cabo à rabo. É fazendo que se pega o jeito.

E neste momento, eu não tenho a menor prática do que irei fazer, mas vou usar de toda a teoria que conheço para aplicar. E preciso de alguém que me apoiará em tudo que eu preciso, e essa pessoa é tu, minha guria. Por favor, não me abandone agora.

– Pronto. – Su chega com as coisas que eu pedi. – Avisei o Noah e o André, pedi emprestado o telefone da Liv e falei quando ela foi buscar no quarto. Nenhum dos dois vai falar para ela.

Assento para ela. AC liga o ventilador quase em cima da Elis enquanto eu afiro a sua pressão arterial, pelo menos isto está ótimo. Espero mais um tempo e faço outro exame de toque na Elis e encontro o seu colo do útero completamente apagado. Algumas dores de contração começam a aparecer e segundos depois a sua bolsa amniótica rompe.

– Agora é a hora do show. – Falo, mais para mim do que para eles.

Ainda tremendo na base, mas adquirindo confiança em cada respiração que eu tomo, deixo o meu “modo médico” vir à tona.

Eu estudei para isso. Passei anos em cima de livros e horas em plantões para dar o melhor de mim em cada caso que passava em minhas mãos. Sempre obtive êxito em todos os procedimentos que fiz, e não vai ser agora que São Luca, padroeiro da Medina e Esculápio, o deus grego, vão me abandonar.

Digo o que preciso para a Su, que agiliza para buscar, como panos limpos, água fervendo para esterilizar a tesoura, caso precise cortar o cordão, e se ela encontrar alguma fita, ou algo do tipo, melhor. Saio para o banheiro para lavar as minhas mãos o máximo que eu consigo, ainda mais que não vou usar luvas estéreis e o perigo de uma contaminação é grande.

Ouçó os gemidos da Elis e o AC se postar atrás dela para que ela se deita no seu colo, e assim ficar mais confortável. Peço para a Carla ficar ao meu lado, e ela e a Su ficarem incentivando a Elis na hora das contrações que começam a ficar mais doloridas e perto uma das outras.

– Elis, preciso que tu me escute, certo? – Falo quando volto para a sua frente e a encaro nos olhos. – Nós temos que trabalhar como uma equipe aqui, mas o astro principal é tu e o Otávio, e desde o início da gravidez vocês vem se tornado uma dupla imbatível em um só ser.

Agora é a hora dele sair de dentro de ti, e sozinho ele não consegue. Tu te lembra do parto do Antônio? Como foi, me fala dele?

– Eu... – Sua voz sai fraca e um pouco melosa. – Eu cheguei no hospital nos braços do Noah porque eu não conseguia mais caminhar. Todo mundo ficou me perguntando se eu estava grávida e eu respondia que não. Nunca... – ela soluça para chorar – imaginei que estivesse grávida. Aí me deixaram sozinha na sala com a Su e logo quando uma enfermeira voltou a minha bolsa estourou. Fui removida para outra sala e lá fizeram uma ecografia em mim e viram o Antônio pela primeira vez.

– E depois disso? Vamos lá, nunca escutei essa história, e confesso que partos sempre me emocionam. A Luiza e a Ju, minha sobrinha, nasceram de cesárea, e já foi emocionante, o normal de um afilhado deve ser bem mais.

Ela sorri para mim e eu consigo fazer ela falar mais um pouco.

– O médico me disse que ele ia nascer naquele momento e me xingou quando eu disse que não poderia ser verdade. Me chamou de irresponsável e que se eu não colaborasse iria matar o meu filho. Eu entrei em pânico.

– Eu imagino, isso não se fala nunca para nenhum paciente. Acho que eu sei quem era o teu médico na ocasião. Ele perdeu o direito de exercer a profissão, sabia? Muitos casos de negligência dele e por tratar mal os pacientes. Se eu estivesse de plantão aquela noite iria rir da tua cara e chamar o noticiário para o anuncio do novo filho de Deus, o único problema dessa vez é que a mãe não era uma santa e nem virgem.

– Até eu queria ter visto isso. – Meu amigo, agarrado na mão da esposa e sendo o seu porto seguro fala com os olhos cheios de lágrimas.

– Então dessa vez tu vai ver, AC. Se quiser, posso te dar acesso VIP ao palco de exibição e tu ter a melhor visão do espetáculo. Mas voltando ao teu parto, como foi a hora da ação, Elis? Tu levou anestesia?

– Não dava mais tempo, o Perereco já estava na saída e não queria mais ser deixado de lado. Fiquei com muita vontade de empurrar, até quase não aguentar mais, cheguei a desmaiar uma vez, mas quando retornei, fiz a maior força da minha vida e apaguei de novo quando escutei ele chorando. Acordei depois no quarto sem saber onde estava.

– Ok, pelo o que eu vi, acho que a fase das dores já foi boa parte e tu nem sentiu nada. Está com vontade de empurrar?

– Um pouco, na real não sei. É uma pressão aqui atrás das minhas costas como se eu estivesse pronta para ir ao banheiro.

– É assim que começa. Vamos iniciar com pressões leves quando a dor vir até o Otávio sair por completo, está pronta Elis?

Ela me acena que sim e começamos a trabalhar.

Aos poucos vou percebendo que as dores, e a força que a Elis faz aumentam de intensidade. Não marquei no relógio quando começamos de fato o trabalho de empurrar, mas já devemos estar aqui há uns quinze minutos. Faço de tudo para poupar as forças da Elis, porque não tenho nenhum material para ajudar a saída do Otávio, como um fórceps, e acredito que, se os

pais dela tiverem, com certeza não dá para serem usados neste caso.

Elis faz força mais uma vez, com as mãos dadas com a Carla e a Su e o AC a estimulando com palavras e carinhos. E percebo que o trabalho em grupo está dando certo, porque começo a ver o topo da cabeça do Otávio saindo de dentro da Elis.

O parto normal, pode se uma maravilha de recuperação, mas o esforço materno, e da criança, devem ser levados em consideração na hora do parto. Não adianta querer forçar a passagem de uma criança de quase quatro quilos em uma mãe completamente sem cintura pélvica, ou como chamamos, de anca, para realizar esse trabalho.

A cada contração, a cabeça da criança se estreita mais, graças à moleira, aquela falha de ossos cranianos no topo da cabeça. Os ossos se espremem utilizando aquele espaço para conseguirem passar pelo canal vaginal da mãe. Os seus batimentos cardíacos caem consideravelmente a cada contração e o sofrimento fetal começa a dar sinais, com a falta de circulação abundante no seu corpo.

– Vamos lá, Elis, eu estou vendo a cabeça do Otávio. Falta pouco.

Estimulo ela que, mesmo suando bica, e com os olhos injetados de dor, sorri para mim. Ahh o amor de mãe... mesmo passando por tudo isso nunca se abala.

Ela força mais uma vez, e eu vidrado na cena, consigo perceber a expulsão do corpo do Otávio de dentro dela maravilhado com o milagre da vida na minha frente. Nenhum outro procedimento é mais bonito do que a luta pela vida de duas metades genéticas de células que se unem e desenvolve até formar um ser humano completo.

Começo a sorrir quando vejo o Otávio se virando de lado, para conseguir passar os ombros pelo canal estreito o qual está saindo. Ajudo ele, amparando a sua cabeça com a minha mão e com a outra, o seu ombro. Meus olhos salpicam de lágrimas quando o resto do seu corpo resvala para fora e, finalmente ele nasce por completo.

Alguém me alcança um lençol o qual eu enrolo rapidamente o Otávio. E começo a verificar se ele está respirando, mas não consigo perceber nenhum movimento dele e sim a sua tonalidade começar a ficar roxa.

Viro ele de lado, para desobstruir as suas vias aéreas e nada dele reagir.

– Vamos lá, Otávio. – Digo baixinho para ele enquanto estimulo o seu corpo com as minhas mãos esfregando o pano dele. – Respira, cara...

Viro ele de ponta cabeça pelos pés e nada. Coloco em cima da cama enquanto escuto a Elis começar a me perguntar o que está acontecendo e porque o Otávio não está chorando.

Sinto ele estremecendo sobre a cama e, mesmo com ele todo sujo, começo a fazer uma manobra respiratória de urgência. Forço, fracamente, a sua cabeça para trás, coloco a minha boca sobre a dele e sopro com força para dentro do seu corpo. Faço isso, uma, duas, três... e na quarta vez, sinto o líquido amniótico, que estava obstruindo as suas vias aéreas, sair pelo seu narizinho e o quarto se encher com o choro forte do Otávio.

Capítulo 31

– Bem-vindo à vida, Otávio. – Digo quando o seu choro preenche o quarto por completo.

Me sento no chão, deixando ele esperneando em cima da cama. Ótima oxigenação, deixo ele limpar bem as vias aéreas enquanto chora e eu, paro de tremer com o que acabei de fazer. Sinto o gosto da gosma que o cobria na minha boca e limpo o meu rosto no meu braço antes de me virar e finalmente conseguir segurar ele nos meus braços.

Quando me viro, AC e Elis, estão petrificados. No calor da hora, nem percebi que eles estavam vendo de camarote tudo o que eu havia feito. Virado o Otávio de ponta cabeça e a manobra respiratória. E nem quero imaginar a apreensão que os meus amigos passaram nesses segundos. Com certeza, foi bem pior do que a minha.

Carla e Su estão me olhando e alternando olhares entre elas e o pequeno ser que agora está vermelho de tanto chorar. Começo a rir, de nervoso, feliz, emocionado e acima de tudo, aliviado por tudo ter dado certo.

Me recomponho e volto a cobrir o meu afilhado com o lençol que me foi dado assim que ele nasceu. Ainda “amarrado” a Elis pelo cordão, limpo o seu rosto e o seu corpo com o pano. Ele para de chorar alto, mas ainda treme os lábios e abre os olhos para mim. Cruzo o meu olhar com o dele e vejo a perfeição da vida nos meus braços que eu ajudei a colocar no mundo.

– Oi, Tavinho. – Passo o pano de novo no rosto dele, que não gostou nenhum pouco da minha “agressão” e me olha feio. – Vamos conhecer a mamãe e o papai?

Com cuidado, para não forçar a expulsão da placenta a força, coloco o Otávio em cima do peito da Elis e deixo ela e o AC conhecerem o seu filho.

– Oi meu Cabritinho. – Elis beija a testa do filho, ainda meio suja. – A mamãe estava louca para te conhecer.

– Olá, Otávio. O papai também.

Volto a me sentar na cama e percebo as minhas mãos, com as luvas ainda sujas tremendo descontroladamente. Por mais que eu esteja acostumado com toda essa rotina, nada se compara a fazer um parto de urgência sem material adequado nenhum e conhecendo os pais da criança tão bem como eu conheço. Para tudo dar errado, bastava um movimento, uma falta de colaboração ou um erro de manobra para esse momento, ao invés de ser de alegria extrema, passassem para a tristeza imensa.

Sinto alguém se aproximar de mim, e me abraçar pelo pescoço em direção ao seu corpo. Mãos sobem até a minha cabeça e acariciam os meus cabelos, do jeito que eu sempre gostei. Somente duas pessoas sabem que eu gosto disso, e uma encontra-se no outro lado do mundo.

Carla me solta e se agacha na minha frente. Não a toco, pelo fato de eu estar todo sujo e ensanguentado. Mas ela faz o trabalho completo. Quando os nossos olhos se cruzam, e eu vejo os delas marejados, os meus começam a transbordar. Delicadamente, Carla limpa as minhas lágrimas e beija o meu rosto. E eu, me conhecendo do jeito que eu faço, neste momento eu me apaixono perdidamente por ela.

O apoio, confiança e carinho não são nada perto do nível que chegamos aqui neste momento. Acabei de passar pela experiência mais bonita, e ao mesmo tempo, arriscada e forte em todos os meus anos de médico, e ela estava aqui. Ao meu lado, mesmo quando eu vi nos seus olhos que ela preferiria estar longe deste quarto. E isso, para mim, é a melhor prova de amor que eu já recebi na vida.

– Tudo bem? – Ela me pergunta baixinho.

Aceno com a cabeça e murmuro para ela, com a minha garganta fechada, se estava tudo certo com ela.

– Agora sim.

Mais uma vez ela me beija e me ajuda a levantar, porque o meu trabalho, ainda não acabou.

Su, que estava na volta do seu novo afilhado, aparece na minha frente me perguntando o que deveríamos fazer agora. Tento organizar os meus pensamentos para o próximo passo e digo que precisamos esperar o corpo da Elis terminar o trabalho de expulsão. Esperamos o resto do processo acabar, e eu corto o cordão do Otávio, encerrando assim, de fato, o parto.

– Acho que teríamos que te levar ao hospital, ou coisa mais próxima para ver se está tudo bem com vocês dois. – Digo vendo a Elis ainda agarrada no Otávio e o AC atrás dela.

– Pode acontecer alguma coisa agora? – Ele questiona.

– Acredito que não, mas por desencargo de consciência. Pode ter ficado alguma coisa por dentro e o nó que fizemos no cordão não ter pressão suficiente.

– Temos que dar um banho nele. – Su pega o Otávio.

– A mala está no carro, o AC disse que não ia sair de casa sem ela. – Elis diz exausta.

– Vou lá buscar então. – Vejo a Carla indo em direção à porta. – Posso avisar o pessoal?

– Por favor. E diz para o Noah para ele ver se consegue alguma notícia sobre a ponte aqui. – Ela sorri para mim e sai do quarto. – Elis, tu quer tomar um banho, ou coisa do tipo? Esse colchão parece que teve alguém esartejado.

– Acho que sim.

– Se tu está te sentindo bem para isso, pode ir com a ajuda do AC.

Eles trocam um olhar e eu ajudo a levantar a Elis para o banheiro. Su me entrega o Otávio nos braços, que já cansou do mundo aqui fora e dorme calmamente, para ajudar a amiga no banho.

Carla chega no quarto com a bolsa azul dele e eu sorrio com o pacote que estou segurando.

– Iríamos conhecer a tia Carla agora, mas eu resolvi dormir. Já cansei de ficar aqui fora, muita agitação e eu ainda não me acostumei a tudo isto.

Carla se aproxima de nós e para alguns centímetros antes de chegar. Viro o dorminhoco e astro principal do dia e vejo as lágrimas dela começarem a escorrer pelo seu rosto rapidamente.

– Deu tudo certo, guria. – Encosto o meu rosto no dela, já que não posso a abraçar como queria neste momento. – Pronto. Eu sei que ver um parto assim não é muito agradável, mas deu tudo certo.

– Eu sei. Foi...foi lindo de ver. – Ela encosta a mão de leve no rostinho dele que abre os olhos para ver o que era desta vez, mas resolve fechar novamente.

– Me ajuda a limpar ele decentemente? Ficar lindão como o dindo?

Entre as lágrimas, Carla sorri que sim para mim e saímos do quarto.

– Hey pessoal, vim aqui para fora conhecer vocês, pensei que eram pessoas legais, mas são todos uns chatos. – Digo quando entro na sala com três pares de olhos assustados.

– Ai meu Deus! – Liv é a primeira a dar um salto, tão rápido que o André nem conseguiu segurar ela. – Como vocês conseguiram fazer isso?

E eu tenho o Otávio roubado do meu colo antes que eu piscasse.

Deixo os três cuidando dele enquanto eu e a Carla vamos ao banheiro do nosso quarto preparar um banho para o Otávio. Ela está silenciosa e nem quase rindo das minhas piadas. Me limpo, o melhor que consigo, já que só vou conseguir fazer isso depois de um banho de uma hora de duração e antes de sairmos eu intercepto a Carla para um verdadeiro abraço.

– Obrigado por ficar comigo naquela hora. – Digo depois de a beijar de leve.

Limpo outras lágrimas que caem dos seus olhos e ela não me responde como sempre faz. Apenas retribui o meu beijo com uma emoção acima da média e voltamos para a sala onde todos estão babando em cima do Cabritinho apressado. Essa conversa vai ter que ficar para quando tudo se ajeitar e estivermos sozinhos no quarto.

Por Carla

Sigo colocando água quente no Otávio enquanto o Luiz esfrega ele inúmeras vezes.

– Tu não está machucando ele? – Digo a primeira frase completa depois de que assisti tudo.

Escuto a risada do Luiz enquanto ele vira o Otávio de costas de novo.

– Tem que ver como as enfermeiras lá do hospital fazem. Parece que estão lidando com uma boneca de pano. Mas não te preocupa que ele estava dentro de um útero apertado e todo comprimido, isso aqui para ele está sendo fácil e sem nenhuma reclamação. E outra, ele passou quase nove meses sem tomar banho, agora tem que tirar o atraso, não é Tavinho?

E não obtivemos nenhuma resposta além de um choramingo fraco dele.

A porta do banheiro se abre e o AC aparece. Sinto que essa é a minha deixa para a retirada. AC entra dentro do banheiro para observar o filho no seu primeiro banho e eu entrego a mangueira do chuveiro para ele auxiliar o Luiz. Vejo um olhar de agradecimento dele e me retiro do local.

No quarto encontro a mala do Otávio que ele usaria no hospital. Retiro algumas coisas, como uma toalha azul com uma ovelhinha desenhada, um pacote de fralda e uma roupinha

simples. Tento achar ocupação para a minha mente, já que se eu parar para pensar em tudo que acontecer aqui hoje, eu vou desmoronar e espero que não tenha ninguém perto de mim para ser soterrado.

Luiz aparece na porta com o Otávio pingando e reclamando que havia saído da água e coloca ele em cima da cama embaixo da toalha. E nós três nos vemos no dilema de conseguir vestir um recém-nascido. Com alguns resmungos, e choros mais fortes (confesso que depois que eu vi ele roxo em cima da cama e com o Luiz em cima dele tentando o animar, prefiro que ele chore e demonstre que está respirando), conseguimos deixar ele vestido.

Elis foi mudada de quarto, já que o dos seus pais estava completamente “destruído”. Luiz deixou ela cuidando do filho e amamentando pela primeira vez, enquanto ele ia para o banho. Quando ele voltou para o quarto, me puxou pela mão e fez eu entrar embaixo do chuveiro junto dele.

E então eu comecei a me segurar.

Nós vestimos e o nó na minha garganta começava a afetar a minha respiração. Eu estava em frangalhos internamente. Acabei de presenciar uma das cenas mais lindas e fortes da minha vida.

Vi uma criança nascer, uma mãe sofrer as dores do parto e, mesmo assim, tirar forças de um lugar inexistente e fazer de tudo para ajudar o filho a nascer. Vi o mais bonito milagre. A luta de duas pessoas para a vida. A Elis em ajudar o seu filho a nascer e o Otávio a viver.

Assisti o Luiz dar o melhor de si no parto e dar a vida ao Otávio, que estava sufocando sem conseguir respirar. Sabia que ele não ia desistir de escutar o choro do Otávio, custasse isso o valor mais alto que pudesse. Estávamos sem condições nenhuma de realizar um parto, e mesmo assim Luiz não desistiu um momento que fosse de nenhum deles.

Assim como ele havia me dito que não desistiria.

Ainda estava sobre o efeito do choque em ver tudo isso. Sei que no momento acho a coisa mais intensas que já vivi, mas em alguns dias, semanas e anos, essa vai ser a experiência mais linda que fui testemunha.

Vou começar a criar imagens dentro da minha cabeça e situações que me colocassem no lugar da Elis. As dores, a angústia de ver alguém em cima do seu filho para ajudar ele a vir para a vida e além de tudo, a emoção em colocarem ele em cima do meu peito para que ele escute os meus batimentos cardíacos sobre o meu peito, e assim pensar que está no seu lugarzinho de sempre.

Vou me martirizar com esses pensamentos, sonhar com isso e, acima de tudo, me lembrar todos os dias que eu nunca iria passar por isso na minha vida. Pois perdi a capacidade de gerar outra vida dentro de mim anos atrás.

E nesse momento eu desabo com tudo.

Sento na cama. Cubro o meu rosto com as mãos e começo a chorar torrencialmente. Acho que mais do que a chuva que cai lá fora, só que cada raio que dispara, é direto sobre o meu coração o despedaçando por completo.

– Carla!? O que houve? – Sinto a aproximação do Luiz perto de mim, mas não consigo me

virar para ele, pois eu me abraço e isolo de tudo em quanto eu choro.

Choro do medo e apreensão que vivi naquele quarto. Pela criança que eu era e passou por tudo aquilo. Por mim que tive que aguentar isso me acompanhando e, ainda por cima, o fato de que não como reverter a minha situação.

– Por favor, me diz o que está acontecendo? Eu sei que não é apenas pelo parto, Carla. Foi intenso, mas nada se compara a essa tua crise de choro aqui, minha guria.

Ele me coloca no seu colo e tenta me acalmar, e por mais que eu tente fazer isso não consigo. Ainda me dói por dentro. Mais do que eu me orgulho em dizer que não me abalo por esse fato.

Sinto o conforto dos braços dele ao meu redor e suas frases para mim. Uma ânsia dentro do meu corpo ameaça a sair em formas de palavras, tento me controlar para reassumir o meu controle e quando consigo, me pego falando a coisa que só a minha família sabe. A única pessoa para quem eu contaria o meu passado está me segurando e amparando.

– Eu tinha dezesseis anos quando engravidei de um namorado. – Luiz me abraça mais firme e eu tento tomar fôlego para continuar a falar. – Não vou falar no que isso significou, mas sim no que realmente interessa. Acordei um dia, estava com umas dores estranhas e me levaram ao hospital. Eu sofri um aborto e precisava ser “limpa”, como o médico disse.

Cuspo essas últimas palavras para demonstrar a minha dor. Eu não estava suja e sim com o meu bebê sem vida dentro de mim.

– Eu... Eu estava em pânico, era uma criança ainda praticamente. Chegaram um monte de enfermeiras para a minha volta e começaram a me tocar, me perguntar coisas que eu não sabia e a me tratarem como um lixo. O médico me xingou quando eu comecei a chorar e me humilhou quando falou que eu deveria ter gostado quando engravidei e agora estava me negando a abrir as pernas para ele fazer o trabalho dele.

– Meu Deus, até sei quem te falou essas coisas. – Luiz beija os meus cabelos. – Se eu não soubesse que o filho da puta tivesse perdido a licença eu mesmo iria dar um jeito de fazer isso com as próprias mãos.

Chego até a rir de leve com a proteção do Luiz comigo. Mas essas palavras que ele me proferiu, não foram nada perante ao que ele me tirou.

– Isso não foi nada, Luiz. O problema é que não parou por aí. Ele me levou para uma sala e começou a fazer uma curetagem em mim, e foi muito forte. Ele arrebentou o meu útero e eu tive que fazer uma histerectomia de emergência. O médico fez eu perder o meu útero. Eu nunca vou poder ter um filho como a Elis acabou de fazer...

Minhas palavras se acabam e eu recomeço a chorar novamente nos braços do Luiz.

Capítulo 32

Por Carla

O som da chuva e o barulho de um trovão, que chega a fazer as luzes da casa piscar e os vidros tremerem, são os únicos companheiros para o meu choro incessante.

Sinto os braços do Luiz me segurando e a sua voz soando ao fundo, mas não consigo escutá-lo pela minha dose de auto piedade que estou tendo nesse momento.

Eu tento, com todas as minhas forças superar esse fato. Ver por outro lado da moeda. Aquele de saber que não vou colocar no mundo mais uma criança para sofrer com doenças que assolam todas as casas, com até simples mosquitos, com a violência, drogas e marginalidade que eu sou acostumada desde pequena de ver o meu pai e o meu irmão discutirem. Ou até o fato de não ser uma boa mãe para o meu filho, de ser relapsa em alguns pontos e o fazer sofrer.

E juro, por tudo que há de mais sagrado neste mundo que eu tento, mas eu sou egoísta e o meu subconsciente e alma não perdoam esses tais pensamentos. Eles me recriminam me deixando desse jeito estúpido que eu estou nesse momento.

Tantas pessoas sofrendo problemas reais e eu “fazendo drama” por não conseguir engravidar. Ou melhor, de um dia der tido essa capacidade, mas agora perdido por completo. Carla, para, por favor....

Saio do abraço do Luiz e tento me estabilizar. Limpo as minhas lágrimas, me amaldiçoando por cada gota que saiu de mim.

– Desculpa. – Falo por fim para ele que está me olhando sem expressão nenhuma. – Já me acalmei, – minto e escondo as minhas mãos trêmulas atrás do meu corpo. – Desculpa. – Murmuro novamente e saio para o banheiro para lavar o rosto.

Evito me olhar no espelho abaixo da pia para não ver o meu papel de idiota que fiz aqui neste quarto. Tomo algumas respirações profundas antes de conseguir retornar para o quarto e encarar o Luiz. Empino a minha cabeça e dou de cara com ele me observando da porta, ainda sem expressão nenhuma.

Passo por ele e me sento na cama, Luiz me segue e fica parado na minha frente, ainda me olhando. Tento entender o que ele quer de mim, até que desisto e resolvo falar alguma coisa.

– O Otávio está bem. É isso que importa hoje.

– Não. Neste quarto, não. – Luiz fala calmamente. – Aqui, para mim, quem importa é tu.

Encaro ele e ficamos por alguns segundos assim.

– Acho que ainda o nosso assunto não terminou, Carla. Ainda estou esperando mais...

Me levanto e fico cara a cara com ele.

– Acabou sim, eu já pedi desculpas pelo papelão que eu fiz. Só fiquei abalada com o que vi e tudo isso me veio à tona.

Ele dá uma risada irônica.

– Ahh minha guria, neste ponto tu estás enganada completamente. Eu posso não ser uma pessoa muito certa da cabeça, mas eu observo muito as pessoas. E no teu caso não foi diferente, ou tu acha que a função de esconder dos teus pais que tu não tem amigos, ou até me pedindo para adiar sempre que eu toco no assunto de eu conhecer eles uma coisa tão normal assim?

Volto a me sentar na cama, e o Luiz volta a falar.

– O teu jeito desconfiado com tudo e todos eu até estou começando a entender pelo pouco que tu me disse. Imagino que foi uma barra ter passado por isso com tanta pouca idade, e ainda carregar cicatrizes tão profundas disso, mas esconder dentro de ti é errado. Tu sabe tudo de mim e eu tão pouco de ti, pensei que agora seria a hora em que tu me contaria tudo da tua vida e eu conseguisse encaixar as últimas peças do nosso quebra-cabeça.

– Falar mais o que? Que eu fui uma idiota e cai na lábia de um guri que só queria uma coisa de mim, consegui e ainda tirou sarro da minha cara estando com a minha melhor amiga? E que desta maldita noite, a qual eu me senti péssima pelo o que tinha feito eu havia engravidado, sendo que eu nem sabia o que isso significava e depois... – as lágrimas voltam aos meus olhos. – Depois que eu havia aceitado e começado a amar aquela criança, que eu não sabia se era nem menino ou menina, estava sem vida dentro de mim, e quando foram me limpar o médico acabou com a possibilidade de que eu engravidasse de novo?

Luiz volta a cruzar os braços e me observar enquanto eu explodo.

– Enquanto todas engravidam na minha volta e eu com a realidade me batendo na cara dizendo que isso nunca vai acontecer comigo? Ou então ver tantas atrocidades com a vida de crianças com mães que abandonam, destratam e até matam os filhos enquanto eu não consigo ter um meu? É isso que tu quer que eu fale para tu satisfazer? Pois pronto, Luiz, tu conseguiu!

– Não é para me satisfazer, longe disso Carla. – Ele dá um passo em minha direção. – Quero que tu fale para eu ficar a par do que está acontecendo contigo e te ajudar. Eu sei o que é ficar com coisas presas dentro de nós. Faz mal para a gente, para quem está ao nosso redor e para quem a gente ama. Eu te amo e me dói em saber que tu tinha alguma coisa te afligindo e eu não sabia como te ajudar. Lembra quando nós transamos pela primeira vez e eu te questioneei sobre abusos no passado? Eu pensava que era isso, e fiquei extremamente aliviado em saber que não era nada deste sentido. Mas agora vejo que o estrago foi tão grande como se fosse.

Volto a chorar.

– Olha para mim, minha guria. – Mais um passo em minha direção e suas mãos tocam o meu rosto delicadamente e fazem com que eu incline e foque nos seus olhos com aquele azul acinzentado. – Quero te ajudar, quero te fazer feliz, quero estar ao teu lado a cada dia que eu tiver, mas para que eu consiga fazer isso, preciso entrar aqui – ele toca a minha cabeça – e aqui – desce a mão para o meu coração que está agitado.

Volto a me sentar na cama com essa revelação que ele me faz. Sei que sou uma pessoa distante a até mesma esquisita, mas o que eu sinto pelo Luiz é a mesma coisa que ele me falou. E por ser um livro aberto comigo, eu já conheço a sua mente, do jeito que ela trabalha ao modo como pensa, e o seu coração gigante e amoroso.

Ele senta ao meu lado e escora a cabeça no meu ombro.

– Me ajuda a te ajudar, Carla. Preciso de tudo que tu possa me fornecer para conseguir isso.

Sinto suas mãos me puxando para ele, que deitou na cama e me colocou em cima do seu peito, em um local que eu escuto as firmes batidas do seu coração. Ficamos em silêncio com o barulho da chuva nas janelas e os trovões, cada vez mais distantes.

– Por mais que eu amasse aquela criança. – Me pego falando depois de um tempo. – Eu sabia que se fosse só o aborto em si, me curaria mais rápido. Cresceria, viraria uma mulher e quando achasse alguém que eu amasse e me fizesse bem, poderia engravidar de novo. Mas agora nem a possibilidade de tentar engravidar eu tenho.

– E a adoção, nós temos exemplos que isso funciona.

– Eu sei, a Sarah e o Yago foram as minhas confirmações quando eu comecei a pensar no assunto, mas... – hesito sem saber como falar sem soar estranho e egoísta. – Tu pode pensar coisas sobre mim, não vou me ofender, mas eu queria sentir uma gravidez acontecendo. Colocar a mão na minha barriga e saber que ali dentro se desenvolve uma vida, que vai interagir comigo desde os primeiros dias.

– Eu que fico ofendido por saber que tu acharia que eu poderia te ofender por causa disto.

Olho para o Luiz ainda deitada nele.

– Sou da concepção que todas as pessoas têm fases, assim como todo o ser vivo: nascer, crescer e se reproduzir. Isso está ligado ao que somo e quem somos. Por mais que as pessoas tenham a ideia convicta de que não querem ter filhos, no momento em que uma criança recém-nascida é colocada nos seus braços, ela vai dar uma engasgada com a situação. Vai pensar em como seria a sua vida se acaso engravidasse e por mais que negue de pé junto que não imagina isso, o seu inconsciente vai dar uma bela rasteira nesta pessoa. Principalmente mulheres que têm o corpo preparado para isso, hormônios, estrutura física e afins. Eu não te julgo Carla, bem longe disso. Entendo que tu esteja ainda em um período que o teu corpo não reconheceu isso em ti. Tu faz algum tipo de tratamento hormonal para suprir os hormônios?

– Sim, mas acho que ultimamente eles andam desregulados. – Admito. – E agora com o que eu acabei de presenciar eu acredito que foi a gota d’água.

– Se tu tivesse me falado antes eu teria evitado isso. Não pediria que tu ficasse no quarto e visse o parto. Mas uma coisa eu tenho que reconhecer, Carla, tu foi corajosa e sensível ao ponto de deixar te abalar apenas agora. Se fosse outras pessoas teriam desmoronado enquanto eu fazia o Otávio tentar respirar.

– Apreendi na prática a quase controlar isso por completo. Não é uma coisa difícil eu lidar com pessoas grávidas no trabalho, ou até mesmo as filhas das amigas da minha mãe nos encontros delas. Eu vejo que isso afetou os meus pais também, eles sempre quiseram netos e o meu irmão já disse para não esperarem isso dele tão cedo, que a profissão dele é arriscada para ter família.

– Acho que controlar não é a palavra certa para ti, Carla, e sim aceitar. Pode ser uma coisa difícil de conviver, ainda mais com tantas pessoas grávidas ao redor, mas acho que é o caminho certo a se fazer. Não é fácil, eu sei disso e confesso que de todas as fases que passamos na perda

de alguma coisa tão importante para nós, essa é a fase mais distante, sofrida e confusa que passamos. E outra, geralmente não conseguimos ingressar nelas sozinhos.

– Como assim?

Luiz passa a mão no meu rosto inchado de tanto chorar e sorri.

– Digamos que eu aprendi isso na pele. Antes, quando eu me isolava do mundo, tudo parecia mais difícil do que agora que eu reacendi para a vida, por assim dizer. Conheci pessoas, fiz amizades, voltei a me relacionar com outra pessoa afetivamente enfim... tu entendeu onde eu quero chegar. Ocupei a minha mente, enxerguei novos horizontes, faço planos para o futuro e outras coisas.

Volto a me deitar nele e penso nas suas palavras. Alguma coisa dentro de mim se modificou após essa conversa. Apesar de estar em frangalhos, sinto como se cada lágrima que saiu de dentro de mim limpou um pedaço da minha tristeza e deixou a minha cicatriz limpa, pronta para começar a se regenerar.

Meu coração está mais leve, limpo e calmo como um dia de sol após uma tempestade como estamos vivendo aqui. Sinto o peito do Luiz e os movimentos rítmicos da sua respiração abaixo de mim. Me aconchego mais perto dele, como seu eu quisesse a sua proteção para mim por tempo integral e percebo que ele entendeu a minha ideia e me abraça mais forte.

,

Acordo no meio da madrugada, tato até encontrar o vazio deixado pelo Luiz na cama. Me viro para o outro lado e vejo que os lençóis ainda estão quentes. Levanto e vejo que no banheiro ele não está.

Saio pelo corredor e noto uma penumbra na sala acesa. Caminho até lá e dou de cara com o Luiz deitado na sala com o Otávio em cima dele, completamente acordado.

– Hey, tia Carla. Dei um baile e os meus pais cansaram já na primeira noite. Quando o tio Luiz chegou o meu pai estava quase dormindo comigo no colo, aí eu vim fazer festa com ele. Quer participar?

Me aproximo dos dois e dou um beijo em cada um. Sento no chão e fico com os dois.

– Como está a Elis?

– Igual a uma vaca leiteira. – Rio. – Sério, o AC disse que ela estava vazando pelos peitos enquanto dormia. Nojento.

– Antes vazar do que não ter para o Cabritinho aqui.

Coloco a minha mão sobre ele e sinto a textura leve como uma pluma da sua pele. Tão lisa e delicada.

– Quer segurar ele um pouco? Estou me mijando aqui e não consigo fazer malabarismo. Faço partos de emergência, mas ainda não me viro tão bem com uma mão só sem fazer bagunça.

– Eu nunca segurei um bebê assim.

– Sempre tem a primeira vez, guria. Senta aí que eu não vou demorar tanto assim. Vamos lá superar esta coisa com crianças pequenas. Ainda há esperanças para ti ser uma ótima mãe de

um bebê lindo, então vamos começar a treinar?

Até sorrio com a brincadeira. Sento no sofá e ele me entrega o pacote que resmunga um pouco. Luiz me ajuda, posiciona os meus braços e sai para o banheiro enquanto eu fico na penumbra com o Otávio no colo.

Analiso o rostinho enrugado dele, os seus olhos, que desta vez não são com heterocromia tão perceptível como os do seu pai, mas com uma leve mudança de tonalidade de castanho entre eles. Seus cabelos finos e escuros e o nariz meio arrebitado com o da Elis. Otávio mexe as mãozinhas para todos os lados e faz um barulho bem estranho para um bebê.

– O que foi isso? Foi ele? – Luiz reaparece na sala.

– Eu que não fui.

– Acho que vamos ter que fazer um trabalho sujo em pouco tempo. Olha a cara de bravo dele, está fazendo alguma coisa altamente complicada nas suas fraldas.

E assim ficamos na volta do Otávio até ele começar a choramingar mais frequente de fome. Trocamos as suas fraldas e eu pensei que fosse vomitar quando vi a cena. Luiz me chamou de fiasquenta e queria me ver dentro do asilo, onde ele é voluntário, cuidando de pessoas idosas, mas que se sentiam como crianças, com fralda e tudo.

Briguei com ele dizendo que queria ver ele em meio de uma festa com um bolo de aniversário derretendo com o calor e não entrando dentro do freezer, sem contar uma noiva histérica ou uma aniversariante de quinze anos dizendo que a festa dela iria ser a pior do mundo se não tivesse a tal vela que combinasse com o vestido dela. Isso depois de toda a decoração, inclusive a porcaria da inútil vela, ser aprovada previamente. E lá teve que ir a Carla atrás de uma vela às dez da noite de um sábado.

– Então cada um com as suas funções, guria. Eu com os meus pacientes e tu com as velas.

– Exatamente, meu véio. – Digo para ele assim que entramos no quarto depois de deixar o AC e a Elis acordados e cuidando do filho deles.

A chuva começou a dar uma trégua na parte da manhã. Fico na cama por mais algum tempo, curtindo um bom sono e a tranquilidade da minha alma por ter colocado tudo para fora com o Luiz. Sinto ele levantando da cama, conversando comigo e dizendo que iria acompanhar a Elis e o Otávio até o posto de saúde da cidade para assegurar que ambos estão bem.

Me viro novamente na cama, agarro o travesseiro com o cheiro dele e aproveito para aproveitar mais o mar de tranquilidade que tudo estava após a tempestade.

Capítulo 33

Chegamos em casa no meio da manhã. Eu tinha alguns pacientes à tarde e passar no asilo para dar uma checada nos meus velhos, já a Carla tinha reunião com clientes. Trouxemos a chuva com a gente da fazenda, e tivemos uma pequena discussão por causa do meio de locomoção dela.

– Por que tu não vai no meu carro? – Digo vendo ela subir naquela moto gigante e sem proteção nenhuma. – Vai te molhar toda.

– Tenho que passar em casa e tomar um banho antes de ir para a reunião. E quando sair de novo eu coloco o macacão de proteção. Não vou nem sentir a água em mim. E outra, e tu? Vai ficar como?

– Táxi. Geralmente em dias de chuvas eu deixo o carro em casa e ando de táxi. Mais seguro. – Estendo as chaves para ela que coloca o capacete e abre o portão da minha casa.

– Não precisa, Luiz. – Ela se aproxima de mim e me beija de leve. – E eu não tenho a mínima ideia de como se dirige um carro automático como o teu. Já me perco toda no carro do meu pai e os comandos de freio, embreagem nos pés. Quem dirá nesse teu gigante. Ia mais bater nos outros carros do que andar. Um para-choque ou espelho teu devem valer metade da pretinha.

– Eu não ligo se tu bater, arranhar ou amassar o meu carro. É só um carro, nada demais. Se acontecer alguma coisa com ele eu não vou me importar. Ou tu acha que eu deserdei a Luiza quando ela quase enfiou o carro dentro da piscina quando aprendeu a dirigir?

– Acredito que tu não vá ficar bravo com isso, mas acho que as outras pessoas com os carros delas irão ficar bem putas comigo. Então prefiro não me arriscar. – Ela me beija de novo, me deseja bons atendimentos e eu sorte para a reunião dela.

E eu voltei para dentro, para colocar as minhas roupas sujas para lavar antes de sair.

Sinto que as coisas entre nós estão diferentes desde aquele dia em que o Otávio nasceu. Meu mundo desmoronou um pouco com a história que a Carla me contou sobre ela. Eu sabia, apostava todo o meu dinheiro que ela tinha alguma coisa complicada no seu passado e que evitava tocar na ferida. E como eu só não jogo na mega-sena para não tirar a oportunidade dos outros, eu acertei novamente.

Só faltava adivinhar o teor do assunto, aí sim eu seria o acertador máster. Mas nunca sonhava com as palavras que a Carla me pronunciou naquela noite de chuva depois de um evento tão traumático, lindo e renovador de esperanças.

Eu tive que pensar muito sobre o que havíamos conversado. Perdi completamente o sono aquela noite. Estava nervoso, agitado pelos acontecimentos e com o meu coração completamente partido com o que eu acabara de escutar.

Não é fácil aceitar o fato que a pessoa que está junto de nós tenha sofrido um baque tão grande e com tão pouca idade. Certo, eu também sofri uma rasteira da vida, mas tinha alguém com que pudesse me agarrar com todas as minhas forças e me reerguer, nem que seja em partes, por ela. Mas e a Carla? O que ela tinha naquela época?

Era só uma criança. Que carregava outra criança dentro dela, um pequeno ser que não tinha nada a ver com a história toda. Eu sei que abortos, ainda mais em idade tão precoce é uma coisa normal até, por mais perverso que isto seja. Sei que muitas pessoas consideram um ser vivo no momento que ele nasce, mas eu sou da concepção de que no momento em que as células começam a se multiplicar e a se desenvolver no útero já é considerado vivo.

A discussão é antiga e cheia de altos e baixos, mas tenho a minha formação e acredito no que acho certo, e para mim, um aborto, seja ele feito clinicamente ou por fatalidade, sempre vai ser visto como a morte de uma vida.

E passar por isso, com uma idade tão nova, é de marcar para sempre. Mas nada supera o “além” de tudo isso. Se eu em ficar sabendo fiquei devastado, imagina sentir na pele.

Na minha profissão, além de ter o sangue frio para lidar com certos procedimentos, temos que manter um lado empático. Pois se ficarmos nos colocando no lugar das pessoas que atendemos, iremos cair em depressão e outros problemas psicológicos em seguida. Imagina trabalhar escutando os problemas, doenças e prognósticos não favoráveis de cada pessoa que passa por nós e ainda ficarmos remoendo isso. Nossa função é ajudar, aconselhar e dar os melhores caminhos para os pacientes, amenizar a dor e confortar os familiares com o que sabemos e dar a esperança para todos.

Sou acostumado a escutar problemas todos os dias. Os pacientes psiquiátricos não vão ao meu consultório para conversarem de receitas ou sobre o clima. O tempo é dado para eles desabafarem, falarem os medos que os afligem, dramas da vida real e acima de tudo buscar a minha opinião sobre o que eles devem fazer para que isto se resolva. Claro que há uma grande diferença entre a psicologia e a psiquiatria, mas digamos que, muitas vezes eu tenho que fazer o papel dos dois para conseguir diagnosticar um paciente. E outras vezes, encaminho o paciente para a psicóloga, já que não está na minha alçada e o problema que o paciente tem é com ele mesmo, e nada que medicamentos podem ajudar.

Eu tento, com todas as minhas forças e estudo não “levar para casa” o que os pacientes me falam. Devia até fazer acompanhamento psicológico. É de praxe quem lida com esta área fazer consultas egulares, eu até cheguei a fazer algumas vezes, mas larguei por pura preguiça. E quando preciso, converso com a Fabi, uma amiga psicóloga que me manda casos e vice-versa.

Mas o que importar aqui, é que no momento em que a Carla me disse que havia sido, praticamente violentada, eu levei uma punhalada nas costas e me coloquei no lugar dela.

Sim, usei a palavra violentada para o que ela sofreu. Violência nas mãos de médicos, enfermeiras e afins. Isso é mais comum do que, infelizmente, pensamos. Os médicos, se acham superiores em atendimentos e com a ânsia de acabar o procedimento rápido ou fazer uma troca de plantão, acabam abusando de pacientes.

Isto é tão errado, que eu fico enjoado em escutar esses casos. Tanto que nos juntamos em uma comissão no hospital para banir o cara que estava fazendo essas agressões. Era desumano o jeito que ele tratava os pacientes, nem veterinários faziam com animais selvagens. Os relatos de humilhação e abuso de autoridade vinham de todas as partes: técnicos em enfermagem, enfermeiros, funcionários, outros médicos recém-formados, pacientes e até acompanhantes.

O cara, que devia estar lá para confortar o paciente e se dedicar à saúde dele, fazia

completamente ao contrário. E saber que ele agiu em cima da Carla e fez um erro crasso com ela, que custou a possibilidade dela de gerar um filho, me deixa muito irritado. Se eu não soubesse que esse desgraçado não mora mais aqui na cidade, e nem tem mais o seu diploma de medicina, de tantas denúncias ao conselho regional, eu mesmo ia lá na casa dele quebrar a sua cara em mil pedaços que nem um buco-maxilo facial iria achar pedaços para remendar.

A medicina é um ramo incerto. Nós nunca vamos saber, com cem por cento de certeza, como o corpo do paciente vai reagir. Por isso temos que estar atento a cada sintoma, dor e diferença que o paciente apresentar. E se ele estiver agitado e nervoso, é um passo a mais para que alguma coisa possa dar errado, misturado com a falta de paciência e decência do médico, tudo colabora para um desastre.

E foi isso que aconteceu. A curetagem de aborto não é nada agradável de ver, fazer e principalmente sentir. Imaginem em uma adolescente de dezesseis anos. Eu senti a aflição da Carla em cada palavra que ela me falava, elas atingiram o meu coração como facas, o despedaçando por completo. Precisava ser forte naquele momento, engoli o choro diversas vezes durante a sua narrativa, tinha que demonstrar que eu estava lá por ela e que seria o seu porto seguro naquele momento. Ela não precisava de mim chorando a sua perda ou sentindo algum tipo de compaixão, e sim de alguém que estivesse ali para escutá-la e dizer que estava com ela naquele momento.

E foi o que eu fiz.

Naquele momento eu a amparei. Falei coisas que ela precisa escutar. Que amava ela do jeito que ela era, mas precisava entender por completo o que se passava na sua cabeça para conseguir isso. E agora, sabendo de tudo, posso manter um pensamento coerente de como cuidar dela e dar tudo o que ela precisa de mim, e mais um pouco.

.

– Hey Elis, como está o meu afilhado?

– Acabamos de chegar do pediatra com ele. Tudo tranquilo, ele até sorriu para o médico. Acho que a benzedura da vó para ninguém colocar “quebranto” nele não adiantou. Fazer o que se os meus filhos são lindos e causam inveja por onde passam?

– Ótimo. E o teu marido, ele está por aí? Preciso dele por uma hora, uma hora e meia para me cansar, fazer suar e me deixar extasiado.

– Sinto muito em te dizer, mas o AC é casado e, por mais que eu esteja subindo pelas paredes, ele ainda não virou a casaca, tenho certeza disto. E tu não está com a Carla? Ela não....

– Não, nesse ramo estamos bem, pode confiar em mim. Hoje eu preciso do teu marido.

– Eu acabei de parir e tu quer roubar ele de mim?

– Eu te pari e conheço ele há mais tempo. E sou mais velho, tenho prioridade por isso. E se tu não deixar, eu posso ligar para a tua avó e concordar com os quatro meses de resguardo.

– AC! O LUIZ PRECISA DE TI! – Ouço ela gritar. – Reduzi o resguardo para quinze dias.
– Ameaça.

– Vinte. – Contesto.

– Dezessete.

– Dezoito e não falamos mais nisso.

– Fechado. Só me devolve ele inteiro porque alguém precisa me ajudar a colocar o Otávio no banho e o Antônio para mamar de madrugada.

– Como? O Otávio no banho e Antônio para mamar?

– Ahhhh, a criança não tem nem três dias de vida e eu já estou confundindo ela com o Antônio! – Começo a rir. – Pobre criança! Será que vou ser julgada se colocar um crachá nos meus filhos? Estes dias chamei o Yago de JB!

– Cuidado que isso pode ser início de Alzheimer, Elis. Se precisar de uma consulta é só marcar.

– Vou desligar porque o Otá... sim, o Otávio, acertei, vomitou agora e o Gato está olhando para como estivesse me julgando por ainda não ter limpado ele. Já o peguei lambendo a cabeça dele hoje pela manhã enquanto tirava o bolo da Sarah do forno.

– Manda um pedaço de bolo para mim! – Imploro. – Pede para o teu marido me levar em um pote, eu devolvo o pote. Juro!

– Vou ver o que posso fazer. Tchau!

E assim ela desliga o telefone. Ahhh Elis, será que algum dia tu vai tomar jeito na vida?

.

Entro dentro da academia e já encontro o AC se aquecendo dentro da quadra. Ele me atira uma bolinha, que eu desvio por reflexo. Conversamos um pouco e eu não deixo de notar a felicidade no seu rosto.

Me aqueço rapidamente e começamos a jogar. Meu dia girou em torno de atender pacientes e pensar no que aconteceu. Preciso desestressar para manter o meu foco.

Jogo até meus músculos começarem a reclamarem de dor. Libero o AC, depois que ele me entregou o meu pote de bolo da Sarah, já que quase esquecendo deste grande detalhe, e se não lembrasse, iria fazer ele ir até a casa dele e me entregar de a pé.

Chego em casa e encontro ela vazia. Ruim demais para o que eu estava já me acostumando, de ter a Carla todos os dias ao meu lado e acordando com ela agarrada em mim. Me controlo para não ligar para ela e pedir que ela venha passar a noite comigo. Eu já pedi hoje e ela disse que a mãe dela havia perguntando se ela ainda morava naquela casa, e eu senti a pontada de indireta para mim.

E agora coloquei na cabeça que: preciso fazer a minha sogra se apaixonar por mim.

Vou manter a paciência com isso. Agora que eu e a Carla estamos de boa, sem nenhum segredo entre nós, posso fazer disso um aliado. Sua mãe vai ver como eu a faço feliz, esquecer de tudo que passar e um futuro lindo ao meu lado e pronto. Viro o genro mais adorado do mundo. Até porque, quem resiste ao meu charme? Se eu conquistei a filha, a sogra devo também conseguir.

A Carla protela as apresentações formais, ela diz que é uma coisa bem antiga. Eu ri da cara

dela, porque eu sou antigo, então é óbvio que pretendo conhecer os pais dela, mas ela sempre inventa uma desculpa. Antes eu não entendia o porquê, agora que eu sei, ela não vai poder fugir por muito tempo.

Como o meu bolo e lamento quando ele acaba. Preciso subornar a Sarah por mais bolos como esse, cada vez estão melhores. Ligo para a minha filha e conversamos sobre os quinze dias, dez horas e alguns minutos que falta para ela desembarcar aqui. Não que eu esteja contando as horas...

E depois de estar deitado na minha cama, espaçosa demais, ligo para a Carla que também está deitada.

– Acredita que ela mandou todo aquele papo de estar abandonada em casa e quando eu volto para cá, inventa a história de que vai para a casa de uma amiga e vai dormir lá?

– Aproveita e fica com o teu pai. – Digo já com o quarto todo escuro.

– Ele está de plantão! Só vai voltar amanhã às dez da manhã. Estou sozinha em casa.

– Coitadinha. Eu também estou sozinho em casa. – Fecho os olhos.

Ficamos um pouco em silêncio até a Carla começar a falar novamente com um tom diferente da sua voz atual.

– A gente pode unir o útil ao agradável, não é? – Abro os olhos, completamente em alerta no breu.

– Quer vir para cá?

– Não... – ela dá uma risadinha cheia de malícia.

– O que tu está pensando aí, guria?

– Quando o meu irmão trazia as namoradas dele escondidas aqui em casa e eu tinha que guardar segredo, por cinco reais a noite.

– Taxa de juros alta essa.

– Ele pagava cada centavo com um sorriso no rosto. Aí eu fico pensando comigo aqui sozinha, nesta casa e sem ninguém. Não precisaria subornar ninguém. Vantajoso, não acha?

Não respondo porque eu estou levantando, tropeçando por estar sem lente e nem lembro onde coloquei os meus malditos óculos.

– Que horas o teu pai e a tua mãe devem voltar?

– O pai vem pelas dez da manhã e provavelmente ele vá dar carona para ela.

– Tenho que estar às sete no consultório amanhã. Achei! – Vibro quando acho os meus óculos tateando por dentro do guarda-roupa.

– Achou o que, Luiz?

– A cartela do Viagra! – Brinco enquanto passo a camisa pela cabeça. – Os meus óculos, se eu for colocar as lentes de novo, não chego aí antes das seis da manhã.

– Então neste caso, foi bom ter encontrado os dois.

– Amém!

– Te espero com o portão aberto.

E ela desliga o telefone e eu quase caio no chão tentando enfiar uma bermuda.

Menos de cinco minutos depois eu estou dentro da casa da Carla. Ela me beija e eu sinto uma entrega completa dela, um pouco diferente do que estávamos acostumados. Por isso eu sempre sou um livro aberto, nos entregamos e somos recebidos bem melhores quando nada impede o nosso coração de ser feliz.

Carla me solta já com a respiração acelerada e um brilho nos olhos que me deixa hipnotizado.

– Eu não acredito que eu estou fazendo isso. Trazendo um namorado escondido para dentro de casa. Virei uma delinquente.

– Não, só vamos virar infratores quando chegarmos no teu quarto. Alguém já esteve lá, Carla?

Ela olha para mim, sedutoramente, e balança a cabeça. E no outro segundo está me puxando escada acima para o seu quarto.

Percebo as paredes em tons de branco e rosa com uma cama de solteiro no meio entre um guarda-roupa e uma escrivaninha com um notebook fechado e uma TV no outro lado. Sem muitos enfeites, mas algumas fotos dela.

– Uma cama de solteiro. – Digo sentando e puxando ela para o meu colo.

– É o que temos. – Carla passa as mãos no meu pescoço e se aproxima para beijar ali.

E aí, nós fomos testar a qualidade da cama dela.

Capítulo 34

Por Carla

Esqueci de fechar a cortina do meu quarto, e, como a minha sacada dá para rua, a luz do poste entra e ilumina todo o ambiente. Gosto de dormir no escuro, no breu total. Cada pequena partícula de luz que entra pelas frestas me incomoda, e por isso que eu estou acordada agora.

Não levantei para extinguir a luz pelo fato de que eu estar completamente amassada pelo Luiz, que está dividindo o pequeno espaço da minha cama de solteira comigo, e também, porque de onde eu estou, consigo observar cada feição dele. E não estou nenhum pouco incomodada por isso.

Sinto o seu coração batendo forte através do seu peito, sua respiração tranquila tocando a minha pele ritmicamente e vejo sua expressão relaxada a centímetros de mim. Nossas pernas entrelaçadas e a sua mão por dentro do meu pijama na curva da cintura.

Não sei há quanto tempo estou aqui o observando dormir serenamente. Minha mão acaricia o seu rosto, passando pelos cabelos macios até a sua bochecha com a barba por fazer. Me perco descobrindo os contornos do seu rosto enquanto eu penso em como eu estou bem ao seu lado.

O que antes começou para mim como uma fuga da realidade, um parêntese no meio de uma frase complexa, para quebrar a seriedade, a cada dia se torna mais concreto, real e palpável. Alguma coisa sólida e cada vez maior.

Somos tão diferentes, e ao mesmo tempo, tão iguais que tenho medo de colocar em palavras tudo o que eu sinto em relação ao Luiz. Sei que já extrapolei a linha de gostar/admirar há muito tempo, mas tenho medo de verbalizar palavras que pode ser cedo para ser escutadas.

Mas desde o momento em que eu contei a minha história para ele, de tudo que aconteceu comigo e a condição que carrego, a minha vontade é de colocar tudo para fora de uma vez.

Aprendi com os meus pais que amor não é uma coisa fútil. Um sentimento barato que se sente no momento em que vivemos. E sim ações, pensamentos e confirmações de pequenos atos que fazemos no dia a dia.

Cuidar, proteger, confortar, estar lá para todas as ocasiões, se preocupar, brincar nos momentos bons, ser sério nas vezes que precisar, a parceria para as ideias do companheiro e dividir as responsabilidades das ações escolhidas.

Neste pouco mais de um mês que convivo com ele, não todos os dias, mas sempre que podemos, posso dizer que já passei por todas essas ações. E a cada uma que enfrentamos, eu me entrego mais para ele, e sou recebida da mesma forma.

O Luiz pode ser uma pessoa excêntrica, mas eu nunca me senti tão protegida e bem com ele, e comigo mesma, e isso deve ser uma coisa que não deve ser colocada em escanteio em nenhuma hipótese.

Durmo alguns minutos e acordo com o barulho de alguém fechando a porta do quarto no fundo do corredor com uma força excessiva. Dou um pulo na cama e fico em alerta total e quando ouço o som do chuveiro do banheiro dos meus pais sendo acionado eu empurro o Luiz.

– Acorda! – Ele geme e me abraça mais. – Acorda que tem gente em casa! – Falo para ele.

– Hmmm.

– Vamos, Luiz! Minha mãe chegou! – O sacudo de novo até que ele entenda o que estou falando e cai da cama de bunda no chão.

– O que?

– Não grita! Rápido que quando ela sair do banho vai passar aqui para me ver. Já foi uma sorte ela não ter feito isso primeiro como sempre faz! Levanta e te veste, Luiz! Ou tu quer que a minha mãe te encontre só de bermuda no meu quarto?

– Calma que eu estou meio lerdo aqui. Onde estão os meus óculos? Não enxergo nada!

Entrego para ele que está sentado de bunda no chão do meu quarto só de bermuda. Ele enfia os óculos no rosto e continua parado olhando para o nada.

– Vamos! Que ela não demora tanto assim! E tu vai ter que pular a janela desse jeito!

– OK, estou levantando. Dormi de mal jeito, não consigo ser mais rápido que isso. – Levanto e começo a jogar as roupas dele na sua direção. – Só tu mesmo para me acordar e me fazer sair como um fugitivo. Acho que voltei a minha adolescência. Só espero não ter um ataque cardíaco aqui no meio do quarto por causa disso.

– Tu ter ou a minha mãe?

– Não reclama que a minha intenção era dormir sem nada. Isso sim seria um choque e tanto para ela.

– Cala a boca e espera aí que eu vou ver se a barra está limpa.

Abro a porta do meu quarto e espio o corredor. A porta do quarto dos meus pais está fechada e eu faço sinal para o Luiz sair, mesmo que ele ainda esteja com os sapatos na mão e esquecido a chave do carro em cima da minha escrivaninha.

– Nada como começar o dia com uma dose de adrenalina no corpo. É motivador. – Ele me beija no portão de casa. – Bom dia, guria.

– Bom dia, Luiz. – Outro beijo e então sai para o seu carro que estava estacionado aqui na frente.

Corro para dentro, fecho a porta sem nenhum som e volto para o meu quarto para fingir que estou dormindo. Deito a cabeça no travesseiro no momento em que escuto o chuveiro sendo desligado.

Eu sei que está mais do que na hora dos meus pais conhecerem o Luiz, formalmente, assim como ele mesmo disse. Mas tenho receio de que ainda não está na hora, minha mãe anda fazendo umas indiretas e não sei em qual sentidos elas são. Queria conversar com ela essa noite que passou, mas acho que vai ficar para hoje mesmo. Meu pai já, teoricamente, conhece o Luiz dos plantões do hospital, e pode ser já meio caminho andado.

Fico alerta em cada movimento da casa enquanto finjo estar dormindo. E como eu já imaginava, minha mãe abre a porta do meu quarto para a fiscalização diária.

– Carla? – Escuto ela entrar no quarto e me empurrar de leve. – Filha?

– Hmmm? – Gemo, como se estivesse sendo acordada neste momento.

– Só para avisar que cheguei. – Murmuro mais alguma coisa para ela que continua a falar.
– Levanta para sair comigo. Estou te esperando para o café.

E sai.

Levanto, tomo um banho e desço as escadas com a maior cara de pau que eu tenho. Pela primeira vez eu levo alguém escondido para dentro de casa. Posso dizer que a minha adolescência está completa agora.

– Bom dia, mãe. – Encontro ela sentada à mesa e dou um beijo nela. – Como foi a reunião ontem à noite? Veio de carona da filha dela?

– Foi ótima. Sim, ela foi bem querida em me trazer para casa. – Droga, eu devia ter me lembrado desse pequeno detalhe que às vezes acontecia. – E a tua noite, como foi?

– Solitária aqui. – Minto virada para a geladeira pegando uma coisa para comer.

– Ahh que pena.

Me sento ao seu lado e começo a fazer o meu café em silêncio.

– Imaginei que o Luiz não iria querer ficar para o café mesmo. – Minha mãe fala e eu fico com a xícara no meio do caminho em direção aos meus lábios.

– Como? – Finjo não estar entendendo.

– Às vezes eu pensava que o teu irmão se achava inteligente o bastante para supor que eu não sabia que ela trazia as namoradas aqui para casa escondido. Mas tu me surpreende mais que ele, Carla. Todas as mães sabem o que os filhos aprontam.

Fico piscando sem para olhando para ela.

– Primeiro sinal que eu tive foi o carro importado aqui na frente de casa. – Abro a boca para falar alguma coisa, mas ela me cala com um olhar. – Segundo, tu estava com as cortinas do teu quarto abertas e o quarto claro, tu quase chorava quando eu deixava a luz do abajur acesa, filha, e até hoje não suporta claridade no quarto. E terceiro, quando tu subir para o teu quarto, vai perceber que o Luiz esqueceu uma peça de roupa – ela limpa a garganta delicadamente – bem importante.

Começo a rir e sinto as minhas bochechas começarem a esquentar.

– Ainda bem que eu dei a vantagem de tomar um banho antes de entrar no teu quarto. Sempre fiz isso com o teu irmão, e acho que tenho que ser justa com os dois.

– Obrigada, mãe. – Seguro a sua mão.

– Não tem de quê. Se fosse o teu pai iria querer uma explicação de ambos. Mas eu dei essa vez de bônus.

– Eu sei – suspiro. – Eu e o Luiz estamos bem juntos e...

– Por que tu não trouxe ele aqui ainda? Ele não quer ou...?

– Por ele se eu quisesse estaria aqui tomando café com a gente como se não fosse nada, mas é que eu ainda estou com receio de como vai ser esse encontro.

certeza de que o Beto não irá me reconhecer, já que ele só me viu uma vez na vida e...

– Carla, não é? – Ele para na minha frente e é impossível não focar nos seus olhos, tão iguais ao do seu irmão.

– Sim, precisa de alguma coisa, senhor. – Dou o meu sorriso profissional para ele.

– Sou o irmão do Luiz, vocês não estão mais...

– Estamos sim. – Confirmo e ele me dá um sorriso. Acho que deve ser uma marca registrada da família. – Vem cá que eu vou te apresentar para o Gê. Acredita que o Luiz, depois que te conheceu, esqueceu, mais ainda que tem uma família?

E eu sou arrastada pelo salão por ele. Engulo à seco quando sou colocada na frente do irmão mais velho do Luiz.

– Gê, essa aqui é a Carla, a namorada do Luiz.

– Olá, prazer. – Estendo a minha mão e, mais uma vez, o sorriso Lavorini faz presença.

– Olá, Carla. Eu sou o Gerson, mas todos me chamam de Gê. Confesso que já pensava que tu era uma invenção da cabeça do Luiz. Todos nós sabemos que ele é bem capaz de inventar essas maluquices.

Sorrio para eles, que me fazem ficar alguns bons minutos conversando sobre o Luiz e outras coisas. Encerramos a conversa com um convite para a fazenda deles, na saída norte da cidade. Eles me fizeram jurar que o Luiz me levaria para lá e me deixaram sem graça com a situação. Eu sei porque o Luiz não vai mais para a fazenda, e não tenho poder nenhum de mudar essa situação.

Capítulo 35

– Perereco e Fofinha, venham aqui passar protetor solar. – Digo quando dispenso o Yago e a Sarah para a piscina novamente.

Os dois nadam, como peixinhos, até a escada e saem correndo em minha direção na sombra.

– Cadê a tia Carla – Fofinha pergunta enquanto eu espalho protetor no seu rosto.

– Fecha os olhos. – Ela aperta bem os olhos azuis e chega a fazer uma careta. – Ela está comprando comida para nós. Daqui a pouco ela chega. Vira de costas.

Ela se vira e eu espalho o creme sobre o seu maio rosa das “pincesas”. Termino o trabalho nela e começo no Antônio, que já está um pouco vermelho nos ombros.

– E tu, seu Perereco Safado? Também gosta da tia Carla? – Ele olha para mim e acena a cabeça rapidamente. – Eu também gosto dela. Fecha os olhos. – Espalho no seu rosto.

– “Po quê” Tavinho não veio? – Antônio me pergunta e eu começo a rir.

– Tu queria o teu irmão na piscina? Vira de costas.

– “Mamãi” não “dexa”.

– Ela é um chata, isso sim. Onde já se viu não deixar o Tavinho vir para a casa do dindo, não é? Mas acho que ele está de castigo, ontem ele vomitou em mim.

– Ele vomita sempre. – Fofinha fala. – Até no Gato e JBebê.

– Quando ele crescer mais ele vai vir para a piscina aqui também. Agora vão vocês.

Os dois saem correndo e pulam dentro da água junto com o Yago e a Sarah. Estava de bobeira hoje à tarde e me candidatei ao cargo de babá. Su estava arrumando o salão para um evento à noite, Noah em uma reunião da escola e o AC trocou o último dia da sua licença paternidade por uma folga futura, deixando assim a Elis com os cinco de uma vez. Então me escalei para ficar com os quatro hoje.

E como eu não faço uma coisa pela metade, trouxe eles para a minha casa para uma noite do pijama, versão dois. Aproveitei o fato de que a Carla não estava trabalhando também, e todos estamos aqui curtindo esse dia de calor. O portão eletrônico se abre e a moto da Carla aparece com ela em cima de com algumas sacolas para o lanche da tarde.

Ajudo ela a descarregar as coisas e entramos na água junto com as crianças para brincar com elas até dar um cansaço em todas. Ou elas darem um cansaço em nós.

O sol dá uma trégua no final do dia e recolhemos as crianças, e os brinquedos, para dentro de casa. Arrumamos a janta enquanto eles tomavam banho para tentar tirar um pouco do cloro da piscina no corpo, e depois de muitos risos, brincadeiras e folia, eles finalmente, dormem.

Carla e eu estamos sentados à mesa, cada um com um olhar mais cansado que o outro.

– Se ainda fumasse, esse seria a hora exata de tragar um belo cigarro bem descansado.

– Ainda não consigo acreditar que tu fumava.

– Era o único vício que eu poderia ter sem ferrar com o psicológico da Luiza, depois de tudo. Era bem mais fácil ser fumante do que qualquer outra coisa.

– Ainda bem que tu parou.

– Hoje eu bebo. – Dou os ombros.

– Nisto eu posso te fazer companhia. – Ela levanta e vai até a geladeira de onde tira uma garrafa de cerveja.

– Boa pedida. – Ela volta para à mesa com dois copos e quando eu penso que a garrafa está aberta, ela leva até a boca e retira a tampa com os dentes. – Tu é louca?

– O que? – Vejo ela retirar a tampa da boca e distribuir a bebida entre os copos.

– Nunca vi uma mulher fazer isso. – Ela ri.

– Ganhava dois reais dos amigos do meu irmão a cada vez que eu fazia isso. Era uma boa renda e eles ainda me davam bebidas aos quatorze anos. Uma vez um amigo dele tentou e o dentista dele ganhou bem mais de dois reais. – Carla encosta o copo dela no meu e tomamos a bebida.

– Bom saber. Eu sempre perco o abridor de garrafa e estava arrancando os pedaços do mármore da bancada. Agora vou pedir para ti abrir para mim.

– Pode ser, meu pai também pede. A mãe xinga ele sempre que vê. E falando nos meus pais, trouxe a tua cueca limpa, lavada e passada.

– Tua mãe nem me conhece, mas já me ama. – Brinco.

– Na real, ela está louca para te conhecer. Diz que não vê a hora de conhecer o “famoso Luiz”, como ela se refere a ti lá em casa.

– Eu sei que sou irresistível. Já conquistei a filha, o pai eu já conheço, a mãe vai ser o meu próximo alvo, e o teu irmão, pelo que notei, vai ser fichinha.

– Falando em irmão. – Carla começa a tirar o rótulo da garrafa. – Eu não te falei antes porque eu queria falar isso ao vivo, não por telefone ou mensagem.

– Manda, minha guria. – Tomo mais um pouco da cerveja e ela serve mais o meu copo.

– Lembra do evento de terça passada? – Balanço a cabeça. – Eu encontrei os teus irmãos. Pensei que o Beto não fosse me conhecer, mas ele fez isso.

– O desgraçado tem quase uma memória fotográfica, ao contrário da minha que se depender, esqueço até de colocar a roupa antes de sair de casa. – Carla olha para mim através do seu copo e eu entendo o recado. – Viu só...

– Continuando.... Ele me reconheceu e ainda me levou para conhecer o teu irmão mais velho. Tenho que reconhecer que os três têm uma marca bem registrada na parte de sorrisos e olhos. São idênticos.

– Ainda bem que é só isso. E o que eles falaram?

– Que tu te afastou mais dele depois que me conheceu, que o Gê achava que eu era uma invenção tua. – Neste ponto, até concordo com o meu irmão. – E que eles fizeram eu tentar te

incentivar a ir a fazenda.

Observo a Carla falando isso séria para mim. Termino o meu copo de cerveja e derramo o resto da garrafa no copo.

– Eles não têm o direito de te pedir isso. – Digo depois de tomar mais um copo.

– Eu sei, por isso quis te falar pessoalmente. Se depois eles te perguntarem, tu pode dizer que eu falei, mas que tu não vontade.

Fico olhando para a mesa e com algumas lembranças da fazenda chegando até mim.

Eu brincando na infância, as primeiras artes, o modo de vida que levávamos, o desinteresse da minha mãe em mim, meus irmãos me ignorando e a Joana.

Milhares de lembranças relacionadas a ela. Brincadeiras, os pontos secretos que achávamos, as descobertas da idade, literalmente, a nossa vida. Todo o tempo que estivemos juntos, nesta vida, foi naquelas terras. Lá nos conhecemos, nos apaixonamos, casamos e ainda acompanhamos os dez primeiros anos da nossa filha.

Só em pensar em cruzar aqueles portões sem ela, me enjoa.

Levanto e vou em busca de outra cerveja, abro no mármore da pia e volto tomando ela no bico mesmo. Carla arranca a garrafa da minha mão, toma um gole e depois despeja o resto nos nossos copos.

– Hey. Não quis te perturbar com esse assunto, ok? Eu sei o que te leva a ficar deste jeito, respeito isso e compartilho da tua dor. Só quero que sabia que eu vou estar aqui para o que tu decidir. Se não quiser voltar lá, tudo bem, se quiser ir sozinho, beleza, mas se em algum dia, a minha companhia for solicitada para esse passeio, vou sem hesitar.

Estendo a mão para Carla, e quando ela aperta, eu a puxo para o meu colo. Me abraço nela, sinto o seu cheiro e o seu calor me inundando. Suas mãos encontram o meu pescoço e ela me puxa para um beijo. Aperto mais ela contra mim e espero pelo momento em que a minha alma vai se unir com a dela e nunca mais se separar.

– Acho bom a gente não exagerar. – Ela diz enquanto distribui beijos no meu rosto. – Tem quatro crianças dormindo a metros de nós. E ainda tu andou faltando algumas lições de como ser ninja.

– Ok, me contento em ficar contigo no meu colo.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, comigo remoendo as lembranças que continuam a me atormentar. Se não fosse a Carla e as crianças aqui, eu deixaria essa cerveja de lado e partiria para uma coisa bem mais forte do que isso. Mas preciso me controlar.

– Eu imagino que a tua dor seja bem pior que a minha. – Carla diz baixinho. – Por mais que já amasse aquela criança que perdi, vocês viveram uma vida inteira juntos. Pelo o que eu vejo, e tu me conta, vocês formavam um casal lindo.

– Ao meu ver sim. Éramos ótimos juntos. A Joana sempre teve um coração de ouro. Sempre colocando o bem-estar dos outros a frente do seu. Aprendi muito disso com ela, tanto que hoje tento compensar de alguma forma a gratidão que tenho por ter tido ela esses anos comigo.

– Tu é incrível, Luiz. – Ela foca nos meus olhos. – Tu não tem ideia das coisas que tu realiza. É um ótimo médico, ajudou a Elis no parto do Otávio e faz tudo pelos outros. E o teu trabalho com os velhinhos do asilo, aquilo é mais que incrível. Eu não conheci a Joana, mas gosto muito dela por te ensinado essas coisas, então.

– Se ela estivesse aqui, também iria gostar muito de ti. Ela não aceitaria qualquer mulher para eu me apaixonar assim.

Sinto a Carla ficando tensa no meu colo. Os olhos dela e a sua expressão não negam que eu a peguei de surpresa completamente. Fito-a e aproximo o rosto dela até colar com o meu.

– Eu te amo, Carla. – Murmuro. Vejo o sorriso dela se formar lentamente no seu rosto.

– Eu também, Luiz. – E nos beijamos.

Ficamos na nossa bolha por algum tempo, ou melhor, até um certo Perereco Mijão aparecer, com o seu pijama verde, dizendo que precisa fazer xixi. Carla acompanha ele até o banheiro e eu fico tentando fazer um tetris na distribuição de colchões na minha sala para não deixar ninguém fora dele.

.

– Carla, só para te avisar que tu não está dirigindo o corcel velho do meu pai, ok? Aquele sim a gente precisava pisar no freio uma quadra antes e ainda contar com o freio de mão para que ele freasse por completo. Esse aqui é mais delicado, mal se toca no pedal do freio e ele para.

Ainda bem que estou com o cinto de segurança, ou já teria voado pelo vidro umas três vezes em menos de cinco minutos.

– Não me deixa nervosa que é pior. O meu negócio é acelerar com as mãos. O carro do meu pai não é tão sensível assim. E a direção, olha – ela larga o volante – posso dirigir com um dedo apenas.

– Jesus, agarra esse troço! – Carla ri da minha cara e volta a segurar o volante.

– Em posição de dez para as duas, capitão.

– Isso aí, agora, com cuidado, – friso bem – pisa, delicadamente no freio e.... – por reflexo coloco a mão na frente do rosto para não bater no painel. – Chega de direção por hoje! – Desafivelo o cinto de segurança. – Tira essa bunda gostosa do meu banco e me deixa dirigir antes que a gente cause um acidente aqui por nada.

– Ainda bem. – Carla senta no meu colo no meio da transição de bancos dentro do carro e eu aperto ela contra mim nada inocente. – Minha área não é quatro rodas mesmo, e sim duas. Vento na cara, cabelos voando, escutando o barulho do motor entre as minhas pernas.

Olho para ela de soslaio enquanto ajusto o banco para mim.

– Sem essa cara de safado para mim, Luiz. Tu entendeu a conotação da coisa!

– Não falei nada! – Me defendo. Coloco o carro em movimento e sinto ele agradecendo por toda essa delicadeza que está recebendo de mim.

– Mas pensou que eu sei.

– Inocente até que criem uma máquina que lê pensamentos! Agora presta atenção aqui em

mim para aprender a dirigir um carro de verdade!

Mostro para ela como um verdadeiro instrutor de autoescola faria para ensinar alguém a dirigir um modelo automático. Ainda tenho esperança de que a Carla deixe aquela moto mais em casa e pegue o meu carro. Ficaria mais tranquilo sabendo disso. Sei que é uma questão de adaptação, não vai demorar muito para que a Carla se acostume com ele.

Muitos acham o meu carro de “tiozão”, mas poucos sabem que ele é um dos mais seguros da categoria, por isso não reclamei o preço que paguei. E outra, ele é um clássico, com a sua personalidade e requinte, assim como o dono. A Carla não tem nenhuma chance de resistir aos seus encantos.

Voltamos para a casa depois que a Carla assumiu o volante novamente, e desta vez, mais leve e delicada com ele. Fizemos uma janta rápida regada à uma dose de vinho à beira da piscina, aproveitando a brisa fresca que a noite apresentava. Matamos a garrafa e resolvemos olhar um filme na sala, onde os colchões da noite passada ainda estavam. A preguiça de levar eles lá para cima gritou mais alto e veio à calhar perfeitamente para a ocasião.

Carla dormiu antes da metade do filme, e eu continuei firme e forte por mais um longa. Adormeci com ela enroscada em mim. Suas pernas no meio das minhas e um dos seus braços me abraçando com a mão descansando sobre a minha tatuagem. Gosto dessa sensação de preenchimento ao meu lado, faz com que tudo ao meu redor não pareça vazio e imenso.

Às vezes, me sentia tão sozinho e isolado dentro dessa casa, que poderia jurar que ela estava aumentando de tamanho, e que o calor mais escaldante lá fora, não conseguia entrar pelas janelas, fazendo com que parecesse que o inverno nunca abandonasse a casa.

Agora tudo está no seu lugar. A casa se parece exatamente com o tamanho que ela possui. O verão dissipou as geadas do inverno e, por mais que a presença da Carla nestes cômodos seja alegre e quase constante, a calma que se apossa na minha alma com a sua presença, vale mais do que qualquer coisa.

Acordo sobressaltado, dando um pulo. Carla se desvencilha de mim e se vira para o outro lado enquanto eu tento entender que o som que eu escuto é do telefone fixo. Não é raro ele tocar, ainda mais que sempre passo os meus contatos para os pacientes que me ligam em caso de urgência. Levanto e o atendo rapidamente antes que a ligação caia.

– Olá – uma voz receosa do outro lado da linha me faz sentar no degrau da escada ao lado da base do telefone. – É a casa do Luiz Lavorini?

– Sim, quem gostaria?

– Meu nome é Lúcia Denski, acredito que a minha filha, Carla, esteja por aí. Eu poderia falar com ela?

– Claro, um minuto, por favor.

Levanto do degrau da escada com o telefone me acompanhando. Volto para a sala onde a Carla está dormindo e tento acordá-la para atender a ligação. Fico apreensivo com a situação, porque ninguém liga às três da manhã para jogar conversa fora, ou exigir a volta da filha para casa depois de tantas noites que ela já passou aqui comigo.

– Que foi, Luiz! Me deixa dormir em paz!

– Carla, telefone para ti – digo enquanto tiro os cabelos de cima dela. – É a tua mãe.

E com isso, ela acorda assustada. Carla se senta e eu passo o telefone para ela e fico observando sua reação.

Vejo sua expressão mudar em alguns segundos de conversa e fico em estado de alerta total quando ela coloca a mão em frente a boca e pergunta se a pessoa está bem. Noto uma lágrima escorrendo livre na sua face, e ela desmoronar por completo quando larga o telefone.

– O Di... – murmura antes mesmo que eu pergunte o que está acontecendo. – Meu irmão foi baleado.

Carla se atira nos meus braços enquanto chora.

– E como ele está? – Me limito a perguntar somente isso e rezo para que não seja nenhuma tragédia.

As únicas informações que eu sei do Diego, é que ele não mora aqui neste estado e que trabalha para a polícia em missões em zona de tráfico de drogas como especialista em armas militares.

– Ninguém sabe. Só ligaram para avisar que ele foi atingido e que precisam de alguém da família lá. – Abraço ela mais forte ainda. – Ahh Luiz, se alguma coisa acontecer... eu... meus pais, nós não vamos aguentar.

– Não fala isso, Carla. – Solto ela e limpo suas lágrimas. – Se tivesse acontecido o pior eles teriam avisado de cara, eu tenho certeza disso. – Beijo o seu rosto e a abraço novamente. – Teus pais.... eles estão indo?

– Sim. – Carla me larga e levanta rapidamente. – Eu vou junto. Não posso deixar eles sozinhos. Vou tomar um banho e.... ah droga! O carro do pai está na oficina! Ainda tenho que procurar um táxi que nos leve até o aeroporto e...

– Eu vou levar vocês. – Me levanto.

– Luiz, não precisa, eu dou um jeito.

– Não, Carla. Não vou deixar vocês assim à mercê de táxi enquanto eu vou ficar aqui preocupado e sem fazer nada.

Ela assente e começamos a nos arrumar.

Menos de vinte minutos depois, eu espero estacionado em frente à casa da Carla, enquanto ela faz uma mala rápida e ajuda os seus pais.

Minha cabeça está à mil pensando no que eu posso fazer neste momento. Já me ofereci de ir junto com eles, mas a Carla negou isso e não aceitou argumento nenhum para reverter essa situação. Tive que acatar a ideia, mesmo que inconformado com ela. Sou médico, mesmo não sendo a minha área, posso ser útil! Toda a ajuda é bem-vinda e...

– Ah como eu sou burro! – Soco o meu volante, perante à minha burrice extrema, quando a porta se abre e eu vejo eles vindo em direção ao meu carro.

O Diego mora na mesma cidade de alguém que eu conheço muito bem, e pode me ajudar.

Carla entra no carro, e rapidamente sou apresentado aos meus sogros, que nem prestam

atenção em mim, eles estavam alheios a tudo ao seu redor, e com razão. Haverá outra oportunidade para apresentações melhores. Peço para a Carla conectar o meu celular com o bluetooth do carro e eu faço a ligação inesperada.

– O que foi, Luiz? Aconteceu alguma coisa para me ligar no meio do plantão? – Vivi me atende nos primeiros toques.

– Oi, Vivi. – Digo que estou com a Carla e seus pais comigo no carro e que preciso de um favor.

– Fala que eu dou um jeito.

– O irmão da Carla mora aí, e foi baleado. – Continuo a dirigir enquanto sinto o olhar da Carla em mim, não entendendo o que eu estou fazendo. – Quero que tu encontre em qual unidade ele está sendo atendido, encaminhe para o teu hospital. E também que seja atendido por quem tu confie, e se der, para nos manter atualizado de tudo.

Falo o nome dele e a linha fica em silêncio por alguns segundos. Vivi pede alguns minutos e me deixa na espera.

– O que está fazendo? – Carla me pergunta.

– A única coisa que eu posso fazer neste momento. – Seguro a sua mão e a beijo enquanto aperto.

Alguns minutos se passam e eu começo a praguejar com a demora da Vivi, a tensão no carro e a apreensão de todos aumenta a cada segundo.

– Pronto, desculpa a demora, mas foram vários feridos no combate. Ele foi baleado no ombro, estava esperando vaga em um hospital, já que estão passando os casos mais graves na frente. Já solicitei a transferência dele para cá. O estado dele é estável, porém só vamos saber mesmo quando ele chegar aqui em uma meia hora, mais ou menos.

– Obrigado, Vivi. – Falo aliviado e estacionando o carro dentro do aeroporto.

– Como se eu fosse negar algum favor para ti, não é? – Sinto a indireta, bem direta atingindo o alvo: eu. – Outra coisa, a Carla e os pais dela sabem chegar aqui? Tem algum lugar em mente para ficar?

Olho para a Carla que me nega com a cabeça.

– Não. – Respondo.

– Me mantem informada sobre o voo deles que eu vou pedir para a Júlia pegar o táxi e buscar eles para trazer aqui.

– Não precisa. – Carla se intromete.

– Vai por mim, Carla. O hospital da Vivi não se chega fácil, e vendo que vocês não são de lá, os taxistas vão abusar. – Respondo e ganho a batalha com um olhar. – Vivi, assim que eu souber os dados do voo eu te aviso. Mais uma vez, obrigado.

– Não há de quê. Vamos nos falando.

– Ok, e Vivi... – hesito – eu vou fazer o que tu me pediu.

– Como se eu tivesse acreditado, quando tu me negou o meu pedido tantas vezes.
E desliga o telefone.

Capítulo 36

Por Carla

Nunca fui fã de viajar de avião. As poltronas geralmente não são confortáveis e, todas as vezes que eu estava voando, passamos por uma turbulência. E elas sempre foram das piores.

Hoje a história não poderia ser diferente. Estou sentada ao lado da minha mãe, e do outro lado, o meu pai. Eles estão tensos. De mãos dadas e quietos. E eu estou tentando me acalmar aqui neste voo.

Deixei o Luiz no saguão de embarque quando já estavam chamando para o entrar no avião. Ele me beijou, me disse que tudo ia dar certo e que quando eu chegasse no aeroporto era para avisar. Agora eu sinto falta dele segurando a minha mão e me dizendo que tudo está bem, que a cirurgia do Diego estava ocorrendo conforme o esperado, que logo ele estará no quarto e pronto para voltar para a casa com a gente.

Mas não, ao contrário de estar sendo consolada, eu estou tirando forças para consolar os meus pais neste momento. Quando eu cheguei em casa para arrumar a minha mala, encontrei a minha mãe no meio do caminho e ela em prantos. Até aquele momento, estávamos às cegas quanto ao estado do Diego, e assim como ela, pensava que o pior teria acontecido. Que o ele poderia estar morto, ou gravemente ferido e podendo não resistir a cirurgia.

Tive que tirar forças de um lugar desconhecido meu para abraçá-la e dizer que tudo estava bem, o Diego iria sair desta e ainda voltar para casa com a gente. Dei um beijo no rosto da minha mãe, trazendo um pouco de esperança ao seu olhar e fui até o seu quarto, onde eu encontrei o meu pai com uma foto nossa de quando éramos pequenos e ele tem na sua cabeceira. Engoli o choro e vi o Delegado Denski tão abalado como a minha mãe segundos atrás.

Sempre tive o meu pai como uma âncora, ele que dizia que todo o machucado iria parar de doer mais se não chorássemos por ele, o mesmo que me contou que eu nunca mais poderia ter filhos, enquanto a minha mãe soluçava no outro canto do quarto. Meu pai, o mais forte de todos, abalado completamente com a possibilidade do seu filho estar gravemente ferido.

Sinceramente, se o Luiz não tivesse tido a brilhante ideia de ligar para a sua cunhada e pedir para ela descobrir como estava o Diego, eu e os meus pais, já teríamos entrado em colapso por não saber nenhuma notícia. Acho que devo um presente para a Vivi e um melhor ainda para o Luiz quando eu voltar para casa.

Tento me distrair com aquelas televisões que existem na parte de trás dos assentos na nossa frente, mas mais zapeio entre eles do que realmente assisto. Escuto a minha mãe murmurando alguma coisa, como se estivesse rezando, e o meu pai com o olhar fixo para frente. E isso me destrói por completo.

Nunca na minha vida, pensei que pudesse passar por uma situação destas. Claro que todos nós, sabemos dos riscos do trabalho do Diego, escutamos na televisão milhares de notícias todos os dias sobre a eterna guerra dos policiais com os traficantes. Mortes para todos os lados, execuções de policiais à paisana, só pelo fato de serem policiais, e fora outras atrocidades que percorrem os noticiários. E mesmo assim, o meu irmão, sabendo o risco que corre cada vez que

sai de casa, não consegue parar.

Não é a primeira vez que ele é atingido. Ele já foi machucado uma vez, e só nos avisou depois que estava em casa. Se só esse fato, já fez a minha mãe entrar em pânico e pegar o avião para cuidar dele, quem dirá um telefonema no meio da noite dizendo que ele havia sido atingido e que ninguém sabia o estado dele, só precisavam de um familiar por perto.

Tento percorrer novamente os canais da TV para tirar estes pensamentos da minha cabeça. O Diego está bem, foi só um susto, e logo ele vai estar recuperado e vamos conseguir colocar na cabeça dele a ideia de que continuar nesse trabalho é loucura. Com o dinheiro que ele já fez, dá para voltar para casa e continuar a advogar numa boa até outro concurso bom aparecer. Ou então pedir um serviço administrativo.

Desligo a TV pensando que é mais fácil eu encontrar alguma coisa que preste na programação o que o Diego parar de trabalhar....

Desembarcamos e fomos atrás das nossas malas. Saímos no saguão e de cara eu vejo uma guria, segurando uma folha de papel com o nome Júlia Lavorini com cada letra de uma cor, e uns cabelos cor de cobre, inconfundíveis.

– Olá. – Me aproximo dela. – Eu sou a Carla.

– AH MEU DEUS! – Ela grita e faz todo o saguão olhar para nós! – É tu mesmo! Eu não acredito que tu estás aqui! Só falta o meu dindo para ficar perfeito! – Ela me abraça e eu quase fico sem reação com a recepção.

Ela me solta e eu apresento ela aos meus pais, que também não estão entendendo nada do que está acontecendo por aqui.

– Ahh eu tenho que avisar que vocês chegaram. – Julia pega o telefone do bolso e liga para alguém. Conversa um pouco e me entrega o telefone.

– Oi Carla, desculpa mandar a Júlia. – Vivi fala. – Ela é meio espetivada, não cala a boca, mas depois de alguns segundos ela se cansa.

– Não tem problema. Acho que consigo lidar por um tempo.

– Com certeza, ela tem por quem puxar esse lado, e tu, mais que ninguém sabe por quem. – Sorrio sentindo falta do Luiz aqui do meu lado. – Eu vou esperar vocês aqui na minha sala. O teu irmão ainda está em cirurgia.

– Obrigada, Vivi. Eu... eu não sei o que seria de nós sem esta tua ajuda.

– Capaz, guria. Agora tu é da família, e isso é uma coisa que eu aprendi com o Luiz, família sempre ajuda a família. Agora me passa para a Júlia, que conhecendo bem, como eu conheço, ela deve estar atormentando os teus pais com mil perguntas.

E realmente ela estava conversando com eles, e até consegui ver um princípio de sorriso no rosto deles.

Um táxi estava nos esperando no estacionamento, Júlia não calou a boca um segundo que fosse na viagem. Contou de como pegar táxi aqui era perigoso, que o Seu Jorge, o taxista, carregava ela para tudo que era canto desde que elas moravam aqui. Que o Luiz quando vinha passar alguns dias com ela a levava em todos os lugares que ela queria e quando ela ia para lá,

ele fazia todas as vontades dela, diferente do seu pai que nunca fazia nada que ela queria. E como ela está com quinze anos, e não fez festa, está esperando alguém ir para fora do país e levar ela. Ela estava contando com o dindo Luiz, mas como a Luiza está vindo para cá, e trazendo presentes para ela, ela disse que não vê a hora de alguém ir e levar ela. Nem que seja para algum lugar perto. E ela disse que não quer ir para a Disney porque o Luiz sempre falou que o Mickey não era de confiança, já que bolinou ele quando a Luiza fez quinze anos.

Cheguei a ficar tonta no meio da viagem de tanto que ela falou em um espaço tão curto de tempo. Meus pais estavam encantados com a Júlia e a sua desenvoltura. Isso foi até um alívio para mim depois de tanta aflição das últimas horas.

A corrida foi longa, mas quando chegamos ao hospital, pensei que tivessem se enganado e nos deixado em frente a um hotel de luxo. Júlia tomou a frente da nossa pequena comitiva falando e cumprimentando todo mundo que ela via pela frente, desde as recepcionistas, impecavelmente arrumadas, até as pessoas que faziam a limpeza nos corredores.

– Eu fui criada aqui dentro. – Ela fala depois de abanar para o acionista do elevador. – A mãe não tinha com quem me deixar quando chegamos aqui, então me trazia junto. Conheço esses hospitar... Oi Tinaaaaa!!! – Ela grita e abana mais uma. – Recebi o recado pela mãe! – E volta a olhar para nós. – ... melhor do que os funcionários novos.

– Ele é gigante. – Meu pai fala olhando para tudo.

– Sim, são oito andares. O andar da mãe é o quarto.

O elevador faz um sinal sonoro e saímos em um andar com os dizeres “Neurologia”. O piso lustrado e um balcão com outra recepcionista impecavelmente arrumada nos recebem. Júlia conversa e ri alguma coisa com a mulher e vamos para o consultório com os dizeres Viviane Andrade Lavorini em uma porta. Entramos em uma sala, que eu acredito que seja o consultório da Vivi. Diversas fotos espalhadas, até encontro o Luiz em algumas delas, e o meu coração se aperta em saber que ele não está aqui comigo.

– A mãe desceu para ver alguma coisa, fiquem à vontade. Vocês devem estar com fome, esses lanches das companhias aéreas são horríveis. Aqui no armário tem de tudo um pouco. Eu e a mãe sempre estamos comendo. Ah, tem café ali também.

Ela nos mostra e o meu estômago dá um pulo em ver a comida. A última vez que comi estava na beira da piscina com o Luiz brincando comigo sobre alguma coisa ridícula e bebendo vinho.

Esperamos por um tempo, aviso o Luiz que chegamos e estamos bem, mas ainda não tive resposta. Ele deve estar dormindo ou foi correr. Consigo fazer os meus pais comerem e tomarem um café, enquanto eu mesma engano o meu estômago com o que a Júlia nos ofereceu.

A porta se abre e uma mulher entra sorrindo para nós.

– Bem-vinda, Carla. – Ela caminha em minha direção e me abraça. – É um prazer te receber aqui, mesmo que em uma ocasião tão delicada assim.

– Obrigada, Vivi. Não sei como te agradecer essa ajuda.

– Deixa disso, guria. E esses devem ser os teus pais. – Dou um passo para trás e apresento eles.

– Lúcia e Rogério.

Ela cumprimenta os meus pais, que também agradecem a ajuda que ela está nos dando neste momento. Vivi dispensa qualquer tipo de agradecimento e nos fala que o Diego está na recuperação e que vai nos levar até lá para nós o vermos quando ele acordar da anestesia.

– E tu, – ela aponta para a filha que está sentada atrás da mesa e mexendo no celular. – Se tu tocar no meu cérebro de plástico e quebrar de novo, vai ter descontado da mesada do teu pai o valor dele, certo? Não aguento mais ligar para o fornecedor e encomendar outro.

– Foi só duas vezes, mãe. Não precisa exagerar...

– Só estou avisando. – Ela se vira para nós. – Essas crianças de hoje em dia, ela pega o meu cérebro de plástico que uso para demonstrar as áreas para os pacientes, e começa tirar foto como se fosse uma estudante de primeira. Já me quebrou dois só este ano.

Sáímos do consultório da Vivi em direção ao elevador que nos levou até o último andar, onde era a área de cirurgia do hospital. Sentamos em uma sala aconchegante com a TV ligada no canal local, jornais, revistas e coisas para passar o tempo. Mas convenhamos que quando tu sabe que tem algum familiar atrás daquelas portas gigantes, fazendo algum tipo de cirurgia, não há nada no mundo que vá conseguir chamar a tua atenção.

– Vão chamar vocês assim que ele acordar. Eu tenho que ver alguns pacientes, e se precisarem de qualquer coisa, avisem a recepcionista que ela me encontra.

Agradeço mais uma vez e ela sai nos deixando na sala. Pego o meu telefone e vejo algumas mensagens do Luiz e quando respondo a primeira, ele me liga.

– Oi. – Digo levantando e indo até o banheiro.

– Hey, guria. Como estão vocês aí?

E neste momento, depois de escutar a voz dele, eu começo a chorar. Toda a ansiedade e preocupação que eu estava sentindo começou a sair sem piedade.

– Ahh Carla, eu sabia que não deveria ter te deixado ir sozinha.

– Não precisa... – me tranco em uma cabine e sento em cima do vaso. – Só preciso colocar para fora.... Daqui a pouco eu melhoro.

A linha fica em silêncio por alguns segundos enquanto eu me acalmo.

– Às vezes tu também precisa ser consolada, Carla. Tu não precisa ser forte para os teus pais, geralmente é ao contrário que a coisa tem que ser. Este teu excesso de cuidado com eles só te prejudica. E a eles também. Lembra quando conversamos e tu me disse que mentia só para ver eles felizes? Isto é errado, eles têm que aprenderem a saber quem é a verdadeira Carla. Aquela que tem receio de magoar eles pelas suas escolhas.

– Luiz...

– Deixa eu acabar o meu monólogo. Depois tu fica falando coisas que não vão desmentir o que eu disse agora, ok?

Fico em silêncio e escutando ele falar.

– Não é uma coisa normal os filhos protegerem os pais. Ok, alguma coisa ali outra aqui,

tudo bem, é aceitável. Mas tu já extrapolou isso. – Luiz suspira. – Todos os pais são dotados de medos, Carla. Eu mesmo morro de medo que alguma coisa aconteça com a Luiza, por mais que eu não aparente, por dentro eu fico apreensivo quando não tenho notícias dela por muito tempo, ou quando eu mando uma mensagem e ela demora para responder. Os pais têm que se preocuparem com os filhos, não há nada no mundo que impeça eles de sofrerem. Não vai ser tu sendo esta fortaleza toda que vai deixar que eles sofram menos. Acredita em mim, se tu fosse a minha filha, eu ficaria mais preocupado com o modo que tu me protege do que demonstrando as tuas fraquezas, medo e apreensões. Caramba, tu esperou até agora para te libertar desses sentimentos de preocupação com o teu irmão para não desmoronar na frente deles! Porque disso? Eles são fortes também, não imagino viver no stress como os teus pais vivem, de um telefonema no meio da noite podendo destruir tudo ao redor.

– Eu só não quero preocupar mais eles comigo. Já tive a minha cota de decepção com eles e problemas. – Desabafo.

– Ahh minha guria.... Sabe o que o meu pai me falou quando eu disse que tinha decepcionado ele engravidando a Joana? Que os filhos nunca decepcionam os pais, e se isso aconteceu, é por causa deles mesmos. Os filhos são reflexos do que eles aprendem em casa, e se eles fizeram alguma coisa de errado, os culpados são quem os ensinou, ou deixou de ensinar. E gravidez nunca é uma decepção, Carla. Vai por mim. Filho só nos traz felicidades.

– Isso é uma coisa que eu nunca vou saber, Luiz. Acho que tu imagina o porquê.

– Meu Deus, Carla. Quem te vê falando assim pensa que tu é a pior pessoa do mundo e nunca vai conseguir ser mãe. Acredito que conhecemos casos de adoção e de como isso funciona. Ou para ti, o Yago e a Sarah não são filhos legítimos da Su e Elis? As crianças também não veem o Noah e o AC como os seus pais e o Antônio, Otávio e Fofinha não são seus irmãos.

– Não é isso que eu estou dizendo é só que... – Suspiro. – Não quero falar isso trancada dentro de um banheiro e por telefone, ok?

– Tudo bem minha guria, mas não pensa que eu vou esquecer deste assunto, certo?

– Tenho certeza que não vai mesmo. Já te conheço há tempo para saber disso.

– É isso aí. Agora vai lavar esse rosto, já que eu não estou aí para limpar as tuas lágrimas, vai até os teus pais e se tiver vontade de chorar, escabelar, gritar e tentar te jogar da janela... não! Isso não, vocês estão no último andar e não vai ser uma experiência agradável. Fica só no chorar, escabela e gritar. Nos falamos mais tarde, estou saindo para ir ao asilo ver os meus velhos, mas o meu celular vai estar no meu bolso o tempo todo. E não esquece, o que menos me custa é entrar em um avião e te encontrar aí.

– Nós vamos ficar bem aqui, Luiz. Eu prometo.

– Acho bom, e se alguma coisa acontecer, eu tenho duas espiãs ao meu favor. Ahh tu nem me disse como foi o encontro com a Júlia. Acho que esqueci de dizer que ela é um pouco inquieta.

– Digamos que eu já tenha uma certa experiência com um certo inquieto, também.

Luiz ri.

– Bom saber, pelo menos ela não é chata como o meu irmão. Tenho que ir, Carla. Qualquer

coisa me avisa, ok?

– Ok. Obrigada.... Por tudo.

– Deixa de ser boba, Carla. Nós estamos juntos, não é? Então, não era mais do que a minha obrigação te ajudar. Esqueceu que eu te amo?

– Não, eu também te amo. Mas preciso agradecer, isso foi mais do que alguém poderia fazer.

– Deixa para agradecer quando tu voltar para casa, aí sim eu vou poder receber toda essa gratidão com gosto.

– Pode deixar, vou caprichar nos agradecimentos.

– Guria, falando assim, me deixa com mais vontade de entrar no primeiro avião, com destino a felicidade e ver isso de perto.

– Vai para os teus velhos, Luiz. – Rio. – Mais tarde nos falamos.

– Sua estraga prazer, literalmente. Depois dessa vou até lá ver como estão os meus velhos mesmo.

Capítulo 37

Esperamos até o meio da tarde para sermos chamados até onde o Diego estava, Júlia e Vivi nos arrastaram até a cantina do hospital para almoçarmos.

– Saco vazio não para em pé, já dizia o Seu Lavorini, e ele ficava repetindo isso a cada hora que estávamos na sua casa. O Diego está bem, só precisa se acordar da anestesia. Daqui ele não vai sair. – Vivi disse.

O dia passou lento. Parece que as horas levavam semanas para passar, e quando nos chamaram, eu dei um pulo na cadeira em direção à porta onde a enfermeira estava.

Entramos em um corredor com a enfermeira a nossa frente, ela nos indicou o caminho e abriu a porta onde o Diego estava. E quando eu o vi deitado naquela cama, com o braço enfaixado eu quis bater no meu irmão, e ao mesmo tempo, chorar.

– Ahh Diego, meu filho! – Minha mãe foi a primeira.

Foi o quanto o meu pai a agarrou pela cintura antes que ela se jogasse em cima do Diego.

– Ei, povo. Como foi que eu vim parar neste hospital chique? – Um sorriso meio débil e as palavras lentas saem do meu irmão. – Eles tiraram o meu rim para cobrirem a conta?

– Não seu idiota – digo limpando as minhas lágrimas. – Tu tem um plano de saúde que cobriu isso.

– Sério? E porque eu sempre sou levado para os piores hospitais da cidade?

– Por que tu não tem um “QI” como eu tenho.

– Para alguma coisa tu tem que servir, Patotinha.

Rio enquanto engasgo. Quero bater, abraçar, xingar e beijar o meu irmão. O que ele pensa em ressuscitar o meu apelido de infância num momento como este? Mas relevo, hoje tudo que mais quero é saber que o Diego está bem.

Ele nos contou que estava escondido para entrar em combate com alguns traficantes da pesada. Começaram a disparar fogo e ele foi atingido, depois de atingir uns três. Fico arrepiada sempre quando ele fala algo do tipo.

Não é muito humano ver o irmão mais velho contar quantas vidas ele já tirou nestes combates. Mesmo que eu sabia que, muitas vezes, as pessoas envolvidas no tráfico, tiram bem mais vidas do que eles.

Conversamos com o médico que atendeu ele. O tiro foi profundo, quase pegando na artéria e por pouco não atravessando um nervo importante da movimentação do braço. Ele vai precisar de muita fisioterapia para conseguir ter o total movimento do braço.

Diego foi para o quarto algumas horas depois. E nós, de comissão fomos atrás. Ele estava com dor e dormiu depois que administraram um remédio forte nele. A noite chegou e o pai disse que ele ficaria essa noite com o Diego de companhia. Minha mãe e eu negamos, mas ele não nos deixou escolha.

Nós duas descemos até o andar da Vivi e a encontramos no meio do corredor.

– Já estava indo atrás de vocês. – Ela nos fala sorridente. – Estou indo para casa.

– Nós viemos pegar as nossas malas e vamos sair em busca de um hotel aqui perto. – Minha mãe responde.

– Hotel? Para que? Vocês vão lá para casa.

– Vivi, não precisa. – Digo já sem jeito.

– Como não precisa? Claro que precisa. Vocês estão cansadas e não vou deixar as duas saindo à cata de um hotel agora! Venham, a Júlia já foi para casa, e eu não vejo a hora de tomar um banho. Plantões de dia inteiro são estressantes demais.

– Nós não queremos incomodar, tu já foi tão generosa com a gente. – Minha mãe acrescenta.

– Bobagem, vamos.

E ela nos carrega até a sua casa.

Pegamos um trânsito pesado na ida para o seu apartamento. Os sinais de cansaço já eram visíveis em mim e na minha mãe. Eu precisava muito tomar um banho. Quente e relaxante. Deitar em alguma coisa macia e acordar somente amanhã.

Chegamos à um prédio antigo, mas preservado. Júlia está deitada em cima do sofá em uma pose estranha olhando TV e comendo pipoca.

– Hey, o pai ligou. Oi gente.

– Sai do sofá. E eu vi o que tu fez café na cafeteira, eu já te disse para não mexer nela. O que o teu pai queria?

– Queria tomar café. Sei lá o que ele queria, só disse para ti ligar para ele.

Vivi suspira.

– Leva a Carla e a mãe dela para o quarto de hóspede, sai deste sofá antes que tu comece a reclamar de dor no pescoço por ficar nessa posição e eu não vou fazer nada para te ajudar. E se tu fez alguma bagunça de pipoca na cozinha, nem aparece na minha frente antes de arrumar tudo.

Júlia bufa alguma coisa, levanta do sofá e nos leva até o quarto de hospedes.

Tomei um banho longo. Deixei a água cair em cima dos meus ombros e tirei um pouco do peso do mundo. Vi que não tive muito tempo para escolher roupas na minha mala, já que atirei tudo que vi na minha frente dentro dela – até uma cueca do Luiz veio misturada – e, por isso, coloquei um pijama mesmo, o clima estava começando a se armar para chuva e o calor de matar um.

Minha mãe e a Vivi foram para a cozinha, e ambas me expulsaram de lá quando eu cheguei para ajudar. Elas se deram muito bem e eu e a Júlia escutávamos as risadas delas da sala onde estávamos olhando filme na tv. Um alívio passou pelo meu corpo ao ver a minha mãe mais relaxada e descontraída.

Percebi, que assim como o dindo, a afilhada, não consegue ficar parada por muito tempo, e nem ficar em silêncio. Júlia conversou o tempo todo comigo, vi seus olhos brilharem quando ela me perguntou se aquela moto que ela viu nas fotos do Luiz era realmente minha. E quando eu

disse que ela estava convidada a dar uma volta comigo, eu ganhei uma amiga e aliada.

Apesar de conversadeira e inquieta ao extremo, ela é um amor. Seu jeito ainda de criança, encanta. A ingenuidade misturada com a vontade de descobrir tudo ao seu redor é contagiante. Confesso que senti uma ponta de inveja dela e a sua idade, ainda sem saber das tragédias do mundo, com todo seu futuro pela frente e sem a mancha de nenhuma facada irônica do destino. Que tu continue assim, Júlia, que nenhum mal que me afligi na tua idade caia em ti.

Depois de jantarmos, e eu e a Júlia assumirmos a limpeza da cozinha e fomos dormir. Minha mãe e eu conversamos um pouco e logo depois fiquei sozinha acordada, conversei com o Luiz por mensagens e, mais uma vez a saudade bateu.

Sei que não faz nem vinte e quatro horas que nos separamos, mas sinto a falta do apoio dele ao meu lado, do jeito que ele iria me abraçar quando eu precisava e das brincadeiras bestas que ele dar um jeito, ou outro, de fazer rir quando o meu mundo estivesse preste a desmoronar.

Desisto de ficar rolando na cama e saio em direção à cozinha para tomar um copo de água gelada. Saio silenciosamente, e quando chego à sala, me deparo com a Vivi sentada no sofá, encolhida e com o rosto vermelho, como se estivesse chorando.

– Tudo bem, Vivi? – Questiono quando ela começa a limpar o rosto, nada delicadamente.

– O de sempre. – Ela sorri tristemente para mim. – Eu e o Beto, mais uma vez, sem conseguir bater o recorde de ficar mais do que dois dias sem querer matar o outro.

Vivi suspira e olha para o teto.

– Eu realmente não deveria me importar mais, sabe? Mas a vontade de pegar a cabeça dele e arrancar o cérebro e levar para estudo para saber como alguém pode ser tão cabeça dura não me sai da cabeça.

– Quer um copo de água? – Ofereço?

– Por favor, se não for nenhum incômodo.

Vou até a cozinha e encho dois copos e volto. Entrego um para ela e me sento no sofá a sua frente.

– Tudo isso é culpa do Luiz, se ele não tivesse dado aquele convite da festa dos bichos para o Beto, e a minha amiga me arrastado para àquela festa, eu estaria de boa hoje, sem me preocupar com nada.

– Então a culpa não é exatamente do Luiz, tem a tua amiga no meio. – Brinco.

– Não, é totalmente do Luiz. A culpa sempre foi dele. Eu iria de um jeito ou de outro, era a minha primeira festa da faculdade, e eu estava entrando no último ano. Eu estava lá, no canto, tomando uma água com essa minha amiga quando ela quase desmaiou ao ver o Beto do outro lado do salão, e acredito que tu sabe como o sorriso dos Lavorini são arrematadores.

– Sei. Aliás, nunca vi irmãos com sorrisos e olhos tão idênticos.

– Maldita genética. – Ela suspira. – Mas voltando a minha trágica história com ele. Eu vi aquele rapaz e pensei se ele fosse algum dos novatos, entrando atrasado na faculdade, ou era acompanhante de alguém, mas não me preendi muito aos detalhes. Ele estava se divertindo e eu pensando nas matérias que eu tinha deixado de estudar em casa. Eu batalhei muito para

conseguir aquela vaga na faculdade, Carla. Anos e mais anos enfiadas em estudos, não podia me desviar logo no último ano. Enquanto as minhas amigas tomavam porre a cada final de semana, eu levava um livro gigante para casa e estudar. Depois de formada eu aproveitaria a minha vida, eu tinha isso como meta.

Vivi abraça as pernas em cima do sofá.

– Minha amiga não sossegou enquanto não arrastou ele para o nosso bolinho. Eu fiquei sem saber onde me meter com o modo que ele olhava para mim. Era intimidante. E uma semana depois da festa, ele bateu no meu apartamento, lembro até hoje da confusão que eu fiz! Jurei que ele estava atrás da minha colega de quarto, e quando ele disse que queria sair comigo, eu quase caí da cadeira. Nunca na minha vida pensei que alguém, tão bonito como ele, fosse me notar e muito menos sair comigo.

– Às vezes eu penso a mesma coisa sobre o Luiz. Como ele foi me notar no meio de tanta gente.

– O Luiz é fácil de entender, ele sempre foi um cara de qualidade e não quantidade. Sei que não foram poucas as mulheres que se atiraram para ele nestes anos todos, mas tu é diferente, Carla. Eu sei que em momento nenhum tu viu o Luiz como uma conta bancária ou coisa do tipo. Ele fala muito de ti, aliás, ultimamente é só sobre isso que ele fala. É bonito de se ver ele tão apaixonado assim. Cá entre nós, eu nunca vi ele assim.

Tomo mais um pouco da minha água para esconder o meu sorriso bobo e a vermelhidão que me sobe ao rosto. E isso dá motivação para ela continuar a sua história.

– Voltando ao tópico. Comecei a namorar o traste. Naquela época ele não era o traste e sim uma pessoa ótima, impossível não se apaixonar pelo Beto. Ainda mais no meu estado de tonta que eu era. Conheci seus pais e logo senti uma afeição especial pelo Gê, Lena e o Seu Lavorini, sem contar o Luiz e a Jo. Todos eles me receberam de braços abertos, menos a mãe dele. Olha Carla, tu nem sabe como é bom estar conhecendo o Luiz agora que a mulher morreu. Deus que me perdoe por falar isso, mas a mulher era uma praga em pessoa.

– O Luiz me contou algumas coisas dela, ele nem gosta muito de tocar no assunto.

– Bem faz ele, por que aquela ali tocava o inferno naquela casa. Coitada da Lena, que teve que aguentar tudo aquilo sozinha. Se não fosse o Gê sair de casa antes de casar, a coitada teria desistido do casamento por causa da sogra. A mulher era o demônio em pessoa. Fazia e acontecia e descontava em quem estivesse na sua frente. E o Beto sempre foi muito ligado a mãe, tanto que ele só saiu da aba dela quando ela veio e tentou cantar de galo para cima de mim, dizendo que lugar de mulher era em casa trabalhando e cuidando dos filhos e não no hospital correndo o risco de levar doenças para dentro de casa. Guria, eu me enfureci naquele dia, aliás, eu e o Luiz, porque eles batiam de frente toda hora. Foi um almoço que quase acabou com ela na churrasqueira. Se não fosse o Seu Lavorini mandar ela calar a boca, teria sido tragédia. Ela só respeitava ele, e mais ninguém. Se ele mandasse ela sair para catar coquinho, ela ia na Bahia atrás dos cocos.

Fico atônita escutando, sabia que a mulher já não era muita flor que se cheirasse com o pouco que o Luiz me falou, mas agora...

– Mas eu relevei, e acabei casando depois que me formei. Continuei trabalhando de dia e a

noite ficava em casa. Até que a mulher começou a me encher o saco para ter filhos. Eu não tinha nem um ano de casada, estava naquela fase de pós lua-de-mel e ela me pedindo neto. Eu queria matar a mulher. Nunca me esqueço da Lena me contando o que ela falava para ela depois de casada com o Gê? Tu conhece a Lena e o Gê?

– O Gerson eu conheço da escola, como o Roberto. E de um evento que eu organizei e ele me reconheceu porque já tinha me visto com o Luiz em um restaurante.

– Tu precisa conhecer ela então, é um anjo de pessoa. O Gê é super querido também, o mais parecido de todos com o pai. Ambos são calmos e justos. E agora tu imagina, uma flor de pessoa, como a Lena, que não tem boca para reclamar uma coisa, aguentando a mulher atucanando a cabeça dela por um neto, não neta, ok? Como se fosse a coisa mais normal do mundo tu falar com os espermatozoides do teu marido e mandar um com cromossomo “Y” fecundar o teu óvulo e vir um guri. Sentiu o drama da lavagem cerebral que ela fazia? Era para pior o que a coitada viveu até o Maurício nascer. Porque o filho mais velho tinha que ter um filho mais velho também, como se estivéssemos em mil e oitocentos e lá vai pancada. A Lena me disse que só ficou tranquila quando descobriu que o Maurício era menino, aí sim ela pode curtir o que era ser mãe. Mas enfim, a velha começou a me importunar por isso, e eu falei para o Beto que se ele não desse um jeito na mãe dele, eu ia dar um jeito de dar alguma medicação errada para ela e mandar ela para bem longe.

Vivi termina de tomar a água dela.

– Ele deu um jeito na mãe, tanto que a mulher começou a me evitar, para a minha felicidade. Bom, encurtando a história, nós estávamos bem. Eu nunca tive tanta mordomia na minha vida, carro, casa ótima e um marido que me amava e eu amava ele. Meu trabalho estava perfeito, eu comecei a ter uma boa reputação entre os médicos e achei que era o momento certo de engravidar, e foi o que fizemos. Não levou muito tempo e engravidei da Júlia. Trabalhei até um dia antes do parto e fiquei um bom tempo em casa cuidando da minha filha. O problema começou quando eu resolvi trabalhar novamente, voltar à ativa. O Beto quase surtou, dizendo que agora que eu era mãe, eu devia me comportar como uma, ser igual a Joana e a Lena que ficavam em casa cuidando do Maurício e da Luiza enquanto o Gê trabalhava e o Luiz estudava. Eu respondi que não. Não ia ficar tempo integral com a Júlia e colocar o meu estudo fora. E contra a vontade dele, eu voltei a trabalhar alguns dias da semana, reconquistar os meus pacientes e coisa do tipo. E depois de um bom tempo, a tragédia assombrou a todos nós.

Me endireito no sofá para escutar atentamente. Eu sei que o Luiz me contou isso, inúmeras vezes. Mas a visão de alguém de fora, com certeza, abrange tópicos que as pessoas que vivem não reparam.

– Aquele dia já amanheceu estranho, sabe? A atmosfera na fazenda, que todos nós já estávamos, só faltavam eles, estava carregada. E quando o telefone tocou, e o Seu Lavorini atendeu, eu percebi que a notícia não era nada agradável. Nós chegamos ao hospital sem saber nenhuma notícia, acho que é por isso que eu, sempre que posso, aviso os familiares dos meus pacientes sobre o estado do paciente. Ficar sem notícia é angustiante demais. – Neste ponto eu concordo, vivi isso na pele hoje. – E depois de horas esperando, foi nos avisado que o corpo da Joana estava liberado, a Luiza estava em observação e o Luiz em estado regular. Eu nunca vi um pai ficar tão desnordeado e fora de si como o Seu Lavorini, ele, naquela época, já estava

começando a enfrentar o Alzheimer e nada me faz pensar que isso tudo ajudou agravou o seu estado. A Joana era como uma filha para ele, amada por todos nós e uma mãe excelente para a Luiza, e de uma hora para outra a família estava destruída.

Ela fica em silêncio por alguns segundos, como se procurasse as palavras certas para continuar a falar. Toma uma respiração profunda e recomeça.

– O Luiz ficou destroçado. Ninguém conseguia prever o que ele faria dali para frente. Eu e a Lena, já estávamos com planos de levar a Luiza para a nossa casa enquanto ele ficava no mundo dele sem saber como agir. Eu nunca fui fã de velórios, Carla, e acredito que ninguém, seja, mas aquele me chocou muito. A juventude da Joana no caixão, o Luiz, mesmo todo estupefocado do acidente sem sair do lado dela e a Luiza assustada com tudo na volta dela. Pessoas sem acreditar no que tinha acontecido e todas se perguntando, como nós, e agora? E nós tivemos a resposta assim que saímos do cemitério algumas horas depois. O Luiz não deixou que ninguém ficasse com a Luiza, nem mencionasse isso perto dele, ou dela. Ele foi para a casa e eu morri de medo que naquela noite ele fizesse alguma coisa, sei lá o que poderia passar na cabeça dele quando chegasse em casa e encontrasse tudo como eles deixaram.

– Ele me disse que foi a noite mais difícil da vida dele. Que não teve coragem de entrar no quarto e muito menos dormir ali.

– Sim, ele e a Luiza demoraram algum tempo para conseguirem voltar à rotina em casa. Mas uma coisa eu tenho certeza, porque vi de camarote, o Luiz fez um trabalho excepcional com a Luiza. Ele criou aquela filha de um jeito de dar inveja a muita educadora por aí. Viraram cúmplices. Se ajudaram quando um precisava do outro. Eu tenho certeza que se eu tivesse morrido com a Julia na idade da Luiza, o Beto não teria feito metade do que o Luiz fez pela filha. Ele mimou, fazia tudo que ela pedia, se ela quisesse uma coisa impossível, ele dava um jeito de conseguir, mas também cobrava. Lembro até hoje do Beto dizendo que o Luiz era o único pai da reunião de pais e filhos da classe dela, como se ele precisasse ir, todos os professores tinham o telefone dele para qualquer passo fora da linha que a Luiza desse. Fora as milhares de outras coisas que um pai nunca faria para uma filha, por se tratar de coisa de mulher. O Luiz fazia questão de fazer cada uma delas, ele era o pai mais presente de todos. Ainda está para nascer um assim.

– Eu vejo que eles têm uma relação bem diferente.

– Muito! Começando que eles são amigos. Eu para arrancar uma confissão da Júlia, tenho que pensar muito, e com eles sempre era tão natural que dava inveja. Queria ter um pouco dessa cumplicidade deles. Bom, quando ela chegar aqui tu vai perceber isso, não é nada comparado com as conversas deles.

– Tenho até medo, vá que ela não goste de mim.

– A Luiza? Impossível! Primeiro de tudo, tu faz o pai dela feliz. Pronto, isso basta para ela.

– Assim espero.

– Vai por mim. – Agradeço com um sorriso. – Agora vamos voltar ao meu drama aqui. Conforme o tempo ia passando, eu senti a necessidade de fazer uma especialização, e quando abriu a turma aqui de neurologia eu disse para o Beto que estava pensando em fazer. Nosso

casamento já tinha dado uma esfriada, e naquele dia passou para uma nevasca polar. Ele surtou, dizendo que eu estava inventando moda para pedir a separação. Aí eu disse para ele, só um pouquinho, meu amor, só estou dizendo que vou viajar alguns dias para estudar e volto para casa em pouco tempo. Não estou indo para outro lado do mundo, nem fazer trabalho voluntário na África, calma o coração. Mas ele não escutou e isso começou uma guerra particular mais complicada do que as que vemos hoje em dia. O Beto ficou paranoico completamente. A família aos poucos tinha se recuperado do baque duplo das mortes da Joana e do Seu Lavorini, depois a mãe dele morreu de um ataque cardíaco enquanto dormia, e o Beto enlouqueceu dizendo que eu tinha amantes nos meus plantões tudo mais. Eu dei um tempo para ele acordar desta insanidade, até porque eu havia me inscrito no curso, mas não tinha esperança de passar pelas classificatórias.

Ela suspira.

– Um tempo depois, eu já nem mais me lembrava do curso, eu recebi a correspondência que havia sido selecionada. Meu casamento já andava pelas cordas, e quase arrebrandando, e era a oportunidade de dar um novo rumo para a minha vida. Todos os dias era uma briga diferente, pelas coisas mais ínfimas que poderia ter, e com a Júlia sendo expectadora em cada uma delas. Isso me machucava mais do que qualquer assédio verbal do Beto, eu mandava ele para a puta que o pariu e deixava ele falando com as paredes, dormia no quarto da Júlia, com quase sempre, ela agarrada em mim e chorando. E quando eu fui conversar com o Luiz sobre isso ele só me disse: vai atrás do teu sonho e eu acatei a ideia. Cheguei um dia, avisei para o Beto que estava indo, mas sem romper o nosso casamento, ia dar uma respirada para nós o afastamento, mas ele não aceitou e ainda me disse que se eu saísse de casa, não precisava mais voltar. E comigo não precisa falar duas vezes, arrumei a minha mala e a da Júlia e sai de casa sem olhar para trás. Peguei um táxi, nem o meu carro eu usei, e fui direto para o aeroporto com a Júlia a tira colo com nove anos e vim para cá recomeçar a vida.

– Não deve ter sido fácil. – Digo vendo ela limpar as lágrimas novamente.

– Nenhum pouco. Eu tinha o dinheiro que eu ganhava nos meus plantões, quase nunca mexia nele porque tinha tudo dentro de casa e sempre fui muito econômica, pão-dura como diz o Luiz, mas foi o que me motivou a ficar aqui. Bom, não demorou muito para o Luiz e o Gê virem atrás de mim. Eu morava num muquifo. Coitada da Júlia que teve que aguentar isso. Os dois vieram para me ajudar e ver o que eu precisava, nenhum deles aceitou que eu vivesse onde estava, e que se eu tivesse que aceitar, que fosse pela Júlia, que era afilhada de ambos. O Beto ainda estava irredutível com a minha saída de casa e não queria escutar o meu nome nem me ver pintada de ouro. Luiz e Gê me alugaram esse apartamento, ajustaram tudo para a escola da Júlia e outras coisas que eu precisava. Que como eu sempre disse, aceitei por causa dela, se fosse só eu, teria sido a minha maior honra ter me formado em neurologia pelas minhas pernas.

– Acredito que dá um gostinho a mais.

– Com certeza! Mas não poderia sacrificar a minha filha por isso. Ela estava acostumada com a vida boa e de uma hora para outra mudar tudo. Sabe que o Luiz também pensou em vir para cá uma vez para fazer a especialização dele aqui, mas ele pensou na Luiza. Outra mudança radical de vida, depois de que ela já estava bem em casa novamente, se não fosse isso, nós teríamos dividido um apartamento tranquilo aqui. Mas foi bom que isso não aconteceu. O Beto

veio falar comigo depois de três meses que eu já estava aqui. Imagina a saudade da Júlia neste tempo, nem para a própria filha o desgraçado ligou, se não fosse ela correr atrás do pai.... Enfim, ele me ligou e disse para eu passar os dados da imobiliária, que ele ia assumir as dívidas junto com a escola dela. No fim, para a minha surpresa, ele acabou comprando o apartamento e eu vi isso como o prego que faltava para fechar o caixão do nosso casamento. Fica aí e não volta mais, indiretamente falando. E assim temos vivendo desde então. Ele lá, eu aqui e a Júlia no meio. Por isso não me admiro quando ela fala que se voltar para lá, e eu ficar, ela vai ficar na casa do Luiz. Ele procurou ela bem mais que o pai, que só agora acordou para a realidade.

– O Luiz me disse que o Roberto falou que vocês tinham um caso.

– Ahh nem me fala nisso que toda vez que eu lembro, me dá vontade mesmo de abrir aquela cabeça dura. Onde já se viu eu e o Luiz. Nunca. Ele é um irmão para mim, isso sim. Não precisa te preocupar com isso, viu?

– Não. – Me apresso em dizer. – Eu nunca pensei isso de vocês.

– Já basta o outro lá pensando essa merda. Não sei de onde ele tira essas ideias. Não é à toa que o Luiz deu um soco na cara dele estes dias. Queria ter sido eu, mas aceitei a representação.

– Ahh o olho roxo do Luiz, eu lembro desse episódio. Foi bem quando começamos a ficar juntos.

– Exatamente! E depois disso, acho que ele colocou alguma coisa no lugar, porque o Beto mudou. Depois que nos “separamos”, por assim dizer, porque no papel ainda somos casados. Ele não demorou muito para esfregar na minha cara que estava com outra, eu também tive alguns casos depois dele, mas nada do nível que ele andava. Com mulheres que só estavam com ele por causa do dinheiro que ele tem, isso me deixava enjoada, mas eu guardava para mim. Pelo menos não estava me incomodando. Mas agora ele disse que cansou desta vida, que esses dias sentiu saudade de quando eu e a Júlia morávamos lá, a casa era mais alegre e coisa do tipo. O desgraçado mexeu os pauzinhos certos e me atingiu em cheio. Sei que ele é um cafajeste, e como tal, sabe exatamente onde futricar. E sem falar que desses que a gente gosta.

Ela solta a respiração em tom de raiva.

– Eu realmente deveria ter mandado ele para puta que pariu, novamente, e eu acho que eu fiz isso, mas ele veio me falar em coisas antigas, coisas que nos fizeram felizes e caramba, até me pediu desculpa sobre algumas coisas que ele me disse e fez. Em todos os anos que tivemos casados, ele nunca me pediu desculpa de nada, e agora me vem com essa? Por dentro eu estou me esfaqueando por pensar em algumas coisas, mas não consigo evitar. Ele é um cafajeste, de marca maior e registrado, mas é o meu cafajeste! Ele me deu a coisa mais importante, que pode ser uma chata, irritante e estabanada, mas me deu a oportunidade de ser mãe. E isso está me matando por dentro. Aí eu choro pelos cantos sem saber o que eu faço da minha vida. Se pego o meu currículo e me mando de volta, porque lugar para eu trabalhar não vai faltar, ou fico aqui isolada de todo mundo.

– Tu tem que fazer o que o teu coração diz. – Respondo depois de alguns segundos de silêncio.

– O Luiz me disse a mesma coisa, por isso que pedi para ele sondar qual é a do Beto, se

ele está querendo me fazer de trouxa, ou se mudou mesmo. Sei que ele foi até a casa do Luiz e eles conversaram um pouco, fiquei sabendo de tudo, mas ainda não me convenci realmente. – Vivi limpa novamente as lágrimas e olha para mim. – Ai credo, tu deve estar me achando uma maluca, mas é que o Luiz fala tanto em ti, que já te considero uma amiga de anos, e eu precisava desabafar com alguém. Desculpa te fazer de penico para as minhas merdas, ainda mais depois de um dia agitado que vocês tiveram e a barra que enfrentaram quando ligaram para vocês! Mas como eu disse, sei tanto de ti, que é como se nos conhecêssemos há anos. O Luiz me disse exatamente como tu era.

– Fico feliz em saber que eu excedo as expectativas.

– Sim, Carla. Tu e os teus pais, por mais conturbado que seja o momento para conhece-los, são uns amores. Fico muito contente pelo Luiz ter te encontrado.

Capítulo 38

Por Luiz

– Quem é a coisa fofa da mamãe? Quem? Quem? Vamos lá buscar o papai com o Dindo Luiz?

Vejo pelo retrovisor do carro a Elis brincando com o Otávio enquanto estamos parados no trânsito. Tirei o dia para fazer nada, e como ontem à noite e fui para a casa da Olívia e André, hoje eu levei a Liv para passar o dia comigo com a Elis e as crianças.

Minha intenção não era somente ficar com a Elis e levar a Liv de companhia. Ontem, quando eu saía do asilo com os meus velhos, recebi uma ligação da Fabi, psicóloga da Liv. Ela me disse que achou a pequena coisa um pouco cabisbaixa demais, mais do que o normal. Ela estava receosa e inquieta com alguma coisa. E eu, como curioso e por querer o bem-estar da Liv, não pensei duas vezes antes de mudar o meu caminho para o seu apartamento.

Realmente a Liv estava mais quieta e isolada do que o normal. Até o André notou e comentou comigo em off, eu apenas assenti e fiquei de olho nos passos dela

Eu e o André matamos algumas garrafas de cerveja importada. Tive que dividir o sofá com o Leco, que não gostou muito da ideia de ter que dormir no tapete, até que no meio da noite, ele resolveu deitar em cima de mim. Acordei meio desorientado, pensei que estava em casa com a Carla ao meu lado, mas na verdade era o cachorro babando em cima de mim.

Liv não foi trabalhar e eu a arrastei até a casa da Elis para passarmos o dia com as crianças. O Otávio está crescendo como abóbora, cada dia que eu vejo o meu afilhado, ele está maior e mais gordo, em compensação a Elis mais magra de tanto que o guri fica pendurado nela. Realmente ela virou uma vaca.

E agora, depois que o Noah chegou em casa, para assumir as broncas, eu tirei a Elis de casa, já que ela estava com aquele olhar psicótico de tanto ficar em casa. Deixei a Liv em casa, com um sorriso novo no rosto, depois de receber algumas dicas da Elis e até ajudar com algumas coisas e agora estou indo para a agência do AC busca-lo para jogarmos squash com a Elis e o Otávio de plateia.

– Meu Deus, Elis. Vai amamentar de novo? Não aguento mais ver os teus peitos. Vi mais eles hoje do que meu próprio corpo.

– Não posso fazer nada se o Otávio está mais para bezerro do que cabrito. Ele mama aos poucos, mas frequente. Ainda estou regulando ele. E para de olhar os meus peitos, tu tem os da Carla para olhar.

– Não posso, ela está longe de mim, e a malvada nem para me tirar umas fotos mais quentes. – Elis dá uma risada.

– Ela é certinha demais para essas coisas. É a mesma coisa que eu pedir um nude do AC, é capaz dele nem saber o que é isso.

– Pois é! Bem isso! Falei com ela hoje, e ela me disse que na pressa de fazer as malas levou uma cueca minha na viagem e ainda tem a capacidade de relatar que estava usando hoje.

Isso não se faz.

– Meu filho, não me fala de cueca que lá em casa está uma briga, porque eu ando usando as do AC e não deixo para ele.

– Manda ele usar as tuas calcinhas. Ia ficar lindo de se ver ele se trocando no vestiário da academia.

– Acho que vou fazer isso. Colocar na mala dele por engano. Ooops, errei, lindo.

Começamos a rir enquanto o AC entra no carro e se depara com a cena.

– Qual foi a piada que eu perdi? – Ele dá um beijo a Elis.

– Nenhuma. – Ambos respondemos e caímos na risada novamente.

Dou uma surra no AC e levo outra no squash. Elis ficou sentada do outro lado da quadra conversando como uma louca com o coitado do Otávio, que estava louco para mandar a mãe calar a boca para ele dormir em paz antes da próxima refeição.

Deixei os dois em casa e parti em direção à casa do Gê. Ele me ligou mais cedo sobre o orçamento da quadra de squash para a escola que eu disse que bancaria. No início do próximo ano letivo, a escola contará com mais esse extra esportivo para crianças. E eu sei que a Sarah já não fala de outra coisa a não ser convidar todos os seus colegas para começarem a jogar.

Deixo o carro estacionado atrás do automóvel do Beto e percebo que vamos ter uma pequena reunião dos irmãos Lavorini, chego até a sorrir, mesmo que ironicamente.

Toco a campainha e sou surpreendida por uma Lena me abraçando antes mesmo de eu a ver.

– E aí, Lena? – A abraço forte e a levanto do chão, como eu sempre fiz.

– Quase apostei com o Gê que tu não viria, ficaria só na promessa, novamente.

– Sou um cara ocupado. – Brinco.

– Sei bem das tuas ocupações. Ou melhor, das novas. Vem, eles estão no pátio.

Atravesso a casa deles e encontro os meus irmãos sentados na varanda.

– Quer beber alguma coisa? O Gê tem aquele whisky que tu gosta.

– Pode ser alguma coisa sem álcool? – Todos me olham não acreditando que eu estava falando alguma coisa assim. – Estou dirigindo.

– Vou ver se tenho alguma coisa além de água. Acho que sobrou um pouco de refrigerante do Maurício.

– Obrigado, Lena.

Ela sai e eu me sento entre o Beto e o Gê. Ambos continuam a me olhar e até eu olho para a minha roupa, vai que o Otávio tenha vomitado em mim quando eu peguei ele no colo para a Elis sair do carro.

– Algum problema? – Questiono?

Beto nega com a cabeça e desvia o olhar enquanto o Gê ainda fica me observando com

cautela.

– O Maurício está?

– Saiu com a nova namorada. – Gê me responde.

– Nem sabia que ele estava namorando. – Abro um sorriso mental, pelo menos não vou precisar me preocupar com ele e a Luiza juntos demais.

Acho que chega de namoros entre primos nesta família.

– Falando em namorada. – Beto fala quando a Lena me traz o refrigerante. – A Júlia me contou que a tua está na casa da Vivi.

– A Vivi me disse também. – Lena se senta ao lado do marido. – Impressão minha ou eu sou a única que não a conhece? E olha que a Vivi nem mora aqui.

– O irmão dela foi baleado e mora lá, pedi para a Vivi levar ele para o seu hospital e dar assistência para ele. – Me explico. – Foi uma correria, por que avisaram eles no meio da madrugada e sem informação nenhuma.

– E porque tu não foi junto?

– Ela não quis e eu ainda não conheço os pais dela oficialmente, então... – Dou os ombros e o Beto começa a rir.

Olho para ele de soslaio e começo a contar até dez de trás para frente.

– Desculpa, Luiz. Mas convenhamos que não é uma situação corriqueira por muitos motivos. Primeiro tu namorando, segundo, vocês têm uma grande diferença de idade, e agora tu falando que não conhece os pais delas formalmente. É estranho.

Reviro os olhos por dentro, mas fico quieto.

– Na verdade, – Gê se intromete. – Eu reconheci a moça em questão. Ela foi nossa aluna, não é? – Confirmo com a cabeça. – Acredito que todos aqui conhecem ela e a sua família. Lembram do rapaz que ganhou por três anos as olimpíadas de matemática do estado? Diego, não é, Luiz?

– Isso aí.

– O filho do delegado? Meu Deus, Luiz. Tu está namorando a Carla? A irmã mais nova dele? Lembro dela desde pequena na escola, não tinha nada de excepcional de aprendizagem como o irmão, mas nunca deu problema, exceto no último ano de ensino médio. Ela mudou muito, se antes era quieta, depois ficou mais ainda. Pensei que não ia conseguir concluir os estudos naquele ano.

Lena fala e eu fico com o meu coração na mão imaginando tudo o que a Carla passou naquela situação toda. Desde o aborto passando pela extirpação do seu útero e a perda de confiança total dela com as outras pessoas. Porém, um outro lado meu, fica feliz em saber que agora ela está bem, confia em mim, assim como eu confio nela e me deixar ficar ao seu lado nos momentos que ela precisa, nem que seja pelo telefone.

Voltar a confiar nas pessoas é uma das coisas mais difíceis que temos que enfrentar. As lembranças das decepções anteriores são como pêndulos. Com uma lâmina afiadas há poucos

centímetros da nossa cabeça, e a corda que a segura, antiga e pronta para arrebentar a cada minuto que se passa. Com o menor esforço ela é rompida fazendo com que nos machuquemos e uma nova ferida aberta em nós.

– Essa mesma. – Respondo a minha cunhada. – Temos dezoito anos de diferença, mas ela é diferente de qualquer pessoa que já tenha visto na minha vida.

– O pai dela é um homem exemplar. Agora entendo o porquê do ser apresentado formalmente, Luiz. – Gê complementa. – Fico feliz que tu tenha encontrado uma boa pessoa para ficar ao teu lado.

Agradeço o meu irmão com um olhar e mudamos de assunto por completo.

Gê me passa o orçamento da construção da quadra de squash e eu assino embaixo autorizando. Conversamos por mais algum tempo, até a Lena suplicar que eu e o Beto ficássemos para jantar. E eu não tive como escapar.

Quando estava de saída, vi o Beto vindo atrás de mim em direção ao meu carro. E quando eu o encarei, ele não teve tempo de esperar para tocar no assunto de vez.

– Eu sei que tu e a Vivi são bem amigos. Confidentes até. Demorei para entender isso por este panorama e já me desculpei por isso, mas eu quero a minha esposa de volta, Luiz. E tu é a única pessoa que pode me ajudar.

Me escoro no meu carro e observo o meu irmão pela luz que o poste reflete na rua.

– Acho que tu tem que falar isso para ela, não para mim.

– Já disse, mas ela não acredita em mim. Eu estou perdido.

– Ok, e tu esperava o que, Beto? Que ela desligasse o telefone e pegasse um avião de volta para viver feliz para sempre contigo. Depois de tudo? Tu te lembra das coisas que fez para ela? De deixar ela sair de casa só com as malas dela e da Júlia sem condições nenhuma?

Meu irmão vai até o carro dele e chuta o pneu tristemente, como que se testasse a calibragem dele.

– Eu sei, Luiz. Eu sei de cada coisa que eu fiz e como eu agi. Eu estava cego, sei lá, não me orgulho nenhum pouco das coisas que eu fiz, mas eu me arrependi, isso não conta?

– Sinceramente? – Ele olha para mim arrasado.

– Por favor.

– Arrependimento da boca para fora não significa nada, Beto. Se tu quer que a Vivi volte para ti, começa a fazer alguma coisa para mudar isto. Palavras, ainda mais depois de tudo que vocês passaram, é furada. Ela não vai acreditar em nenhuma vogal que tu pronunciar. Tu machucou feio, não só a tua esposa, como a tua própria filha. E não vai ser em um estalo de dedos que tu vai conseguir as duas de volta.

– Eu preciso de ajuda, Luiz. Sozinho eu não vou conseguir.

Percebo o tom de desespero na voz do meu irmão. Fecho os olhos e lembro da promessa que eu fiz a Vivi antes de desligar o telefone na noite em que levei a Carla ao aeroporto. Ele havia me pedido alguns dias atrás, para que ficasse de olho no Beto para ver se ele estava

arrependido mesmo, ou não passava de armação para derrubar ela mais uma vez. Eu, no primeiro momento, disse que não faria isso, e agora cá estou eu pronunciando essas palavras.

– Eu vou tentar, Beto. Mas não vai depender de mim saber se tu está no caminho certo ou não. As únicas pessoas que podem te responder isso é a Vivi e a Júlia, e é por elas que eu estou fazendo isso.

Entro no meu carro e saio em direção à minha casa, sem dar chance de escutar mais alguma palavra do Beto, e eu acabar me arrependendo do que disse.

Sem querer querendo, acabei de me tornar um guri de mensagens, misturado com cupido de dois cabeças duras.

Deixo o meu carro estacionado no pátio de qualquer forma. Tomo um banho rápido e me deito na cama gigante sozinho. Pego o meu celular e ligo para a Carla. Tudo que eu mais quero agora é adormecer depois de escutar a voz dela, nem que seja através do telefone.

Capítulo 39

Subo as escadas depois de comer. Começo a tirar a roupa já no meio do caminho em direção ao banheiro. Tomo um banho com a luz do sol já me batendo na cara. Acabei de sair do plantão e estou totalmente moído. Não tive nem tempo de ir ao banheiro para lavar o rosto, quem dirá fazer outras coisas.

Sei que a Carla chegou no meio da tarde, esta foi a última vez que falei com ela. Ou melhor, que “briguei” com a guria. A doida só passou em casa, largou as malas e foi direto trabalhar. Falar que eu e a Su estávamos putos da cara com ela era bobagem. Mas não adiantou dizer que era para ela ir para casa descansar para amanhã voltar ao trabalho. Claro que ela não ia aceitar isso de jeito nenhum, segundo a Carla, ela já esteve fora por alguns dias e precisava recuperar.

Nem preciso comentar que a Su me ligou dizendo que se a Carla aparecesse lá, eu ia precisar achar um quarto para internar ela no hospital, porque ela ia apanhar da patroa. Passei a noite esperando que a Carla chegasse com um braço quebrado ou afins, e como o meu telefone acabou a bateria logo depois disso, ainda não sei qual foi a resolução para o caso em questão.

Entro no meu quarto, vestindo a primeira coisa que achei na minha frente, já que eu havia tirado as lentes e não estava enxergando mais nada na minha frente. O frio do ar-condicionado me pegou de surpresa. Será que eu acordei tão louco assim que esqueci de desligar? Não seria a primeira vez que eu deixo essa coisa ligada. Tenho que me lembrar de começar a programar ele para desligar depois de um certo tempo.

Me atiro na cama e caio em cima de alguma coisa que me xinga assustada.

– Mas que....? Carla? O que tu está fazendo aqui, guria? Voltou para o teu lugar, meu amor?

Pulo em cima dela e a abraço, mesmo com ela ainda me xingando.

– Sai, Luiz! – Ela geme e me empurra, mas eu sou mais forte, pesado e com uma saudade imensa.

– Saio nada, foi tu que veio se enfiar na minha cama, agora aguenta as consequências.

Começo a beijar ela que me corresponde a altura depois de alguns segundos ainda lutando embaixo de mim. Minhas mãos exploram suas coxas e sobem por baixo do que ela está vestindo. Sinto suas pernas me abraçando pela cintura enquanto ela trava uma luta ferrenha com a única peça de roupa que eu estou usando.

– Eu estava com saudade. Muita saudade. – Falo sentindo ela sufocando um gemido quando eu consigo atingir o meu objetivo.

– Eu também. – Seu sussurro/gemido e a recepção calorosa que eu recebo aqui era o que faltava para que eu perdesse todo o controle da minha situação e, ainda por cima, levo a Carla de carona junto comigo.

.

– Hey, eu ainda estou aqui embaixo de ti. – Desperto do meu cochilo rápido.

– Fica aí. Está bom assim. – Me enterro mais no pescoço dela.

– Eu estou com calor e querendo respirar. Sai de cima, Luiz.

– Tu sabe que eu gosto de ficar por cima. O ar já está ligado no máximo e oxigênio envelhece as células. Ficar sem respirar é a fonte da juventude.

E com isso ela começa a espernear embaixo de mim, e eu tenho que sair de onde eu estava. Deixo ela achar que estava livre de mim e volto a abraçá-la para o seu delírio. Carla geme em protesto e eu começo a rir baixinho.

– Tu é um chiclete. Daqueles de cinco centavos que o Diego grudava nos meus cabelos e não saía mais.

– Estava com saudades, e eu sei que tu também estava, ou não teria vindo para cá agora.

– Mandei uma mensagem avisando. Tu recebeu?

– Não. Estava sem bateria e não tive tempo de colocar o celular para carregar neste meio tempo. Me conta como foi a briga com a Su?

– Para quem aguentou o Diego reclamando do braço o tempo todo, lidar com a Su é fácil.
– A reclamona de eu estar pior que um chiclete se gruda em mim e começa a passar as mãos nos meus cabelos.

– E falando nisso, como está o teu irmão? A viagem foi tranquila para ele?

– Foi tudo ótimo. Minha mãe cuidando dele como se estivesse com cinco anos de volta, ele está amando, até certo ponto, ser o centro das atenções. Homens, todos mimados.

– Eu gosto de ser mimado. – Puxo mais a Carla para o meu lado.

– Tu é o rei dos mimos, Luiz. Mas e aí, o que foi que eu perdi aqui nestes últimos dias?

– Nada de relevante. Passei um dia com a Elis e a Liv junto com as crianças. O Otávio está grande e gordo, o Gato pensa que ele é um filhote e fica querendo dar banho nele a toda hora. Até a Elis tem deixado para poupar água em casa. Eu vi os peitos dela inúmeras vezes nesse dia e cheguei a uma conclusão. – Carla não me responde, mas em compensação, puxa os meus cabelos, e com uma certa força. – Eu prefiro os teus do que os dela.

E depois dessa, eu tenho que mostrar toda essa reverência que eu possuo dentro de mim.

,

– Tu precisa fazer a barba. Ou vai deixar crescer, mais ainda?

– Estou aproveitando que a Luiza não chegou para não ter que ficar fazendo sempre. Um tipo de férias. Ele me incomoda desde que aprendeu a falar para fazer sempre. Digamos que eu arranhava ela sempre que podia com a barba.

Eu sempre fazia isso. Adorava ver a minha filha esperneando no meu colo comigo fazendo isto nela, e gostava mais ainda da carinha de brava dela aos seus quatro anos de idade saindo correndo indignada para contar para a sua mãe que eu havia feito. O tempo passou e sempre que eu conseguia, deixava ela se distrair e roçava a barba nela, a fazendo sair correndo e me xingando pela casa.

– Eu fico gato de barba. – Faço uma pose para o espelho a nossa frente. – Olha esse charme, misturado com esses olhos. Sou uma perdição!

– Menos, Luiz. Bem menos. – Carla se vira para mim. – Está reto o traço?

Ela está se maquiando para trabalhar hoje à noite. Passamos o dia, quase todo, na cama. Só saímos de lá porque a fome bateu. Agora ela está saindo para trabalhar, um evento mais formal, e por isso está se produzindo toda.

– Guria, não adianta perguntar para mim. Minha função é te deixar pior que um palhaço quando tu chegar em casa.

– Sem palhaço hoje. Minha mãe pediu para eu ir para casa ajudar com o Diego amanhã. Parece que a criança de cinco anos está encrocando com algumas coisas e eu vou ter que colocar ordem em tudo.

– Ahhh. – Tento disfarçar o meu desgosto com essa notícia, mas pela expressão da Carla, eu não consigo.

– Não fica assim. Tu sabe que eu ainda moro lá.

– Eu sei, é só que.... Gosto quando tu está aqui comigo. Não fico sozinho nesta casa gigante. Eu sei que passei um bom tempo aqui sem ninguém, mas agora que conheço o gosto, literalmente, – Carla para de passar o batom e olha para mim – o prazer, – uma levantada de sobancelha – de te ter ao meu lado, não é fácil lidar com a solidão novamente.

– Por que tu não vai sair com os guris? Pelo menos tu ia chegar em casa bêbado e nem ligar que eu não estou aqui.

– Amanhã cedo tenho pacientes, não gosto de chega de ressaca para atender. Acho que vou para o piano para o tempo passar. Talvez a Luiza esteja online eu converse com ela. Ou até com a Vivi. Eu me viro.

Carla termina de se maquiar e arrumar as suas coisas na bolsa. Fico escorado na pia do banheiro em que estamos e quando ela termina, me abraça e me dá um beijo rápido para não estragar a produção.

– É apenas uma noite. Não um ano. Para de fazer drama.

– Não é drama. É a realidade. Te quero na minha cama, todos os dias. Acordar do teu lado, mesmo contigo me xingando quando eu faço isso. Escutar tu cantando desafinadamente no banheiro, descer as escadas pulado como tu sempre faz nos últimos degraus e, acima de tudo, deixando roupas espalhadas pelo banheiro inteiro para eu sair catando quando vou pegar a roupa para lavar.

– E alguém me perguntou se eu quero escutar tu roncando sempre que janta e bebe à noite, cantando Lady Gaga enquanto cozinha e, acima de tudo, me incomodando por causa da minha moto?

– Quer sim. – Digo fitando nos seus olhos e vendo o brilho da alegria.

– Tu te estima muito, sr. Lavorini.

– Não posso fazer nada se eu sou o cara, fodão e tu me ama desenfreadamente.

Carla ri do meu comentário jogando a cabeça para trás enquanto eu aperto a sua cintura.

– Diz que eu não estou certo. Vamos, desmente na minha cara que não está loucamente apaixonada e considerando a minha proposta.

Ela hesita, e era a confirmação que eu esperava.

– Não disse. Sou irresistível. Um pedaço de mau caminho em pessoa.

– Talvez, – tento responder, mas ela me cala com um olhar, – Talvez. Presta atenção nesta palavra.

– Nunca gostei dela.

– Cala a boca e deixa eu terminar. Talvez, um dia, mais para frente, quem sabe.

– Muito vago.... Quero datas, previsões concretas e coisas do tipo.

– Apressadinho demais. Primeiro de tudo, tu tem uma tarefa árdua na frente, conquistar os meus pais. Depois eu tenho, fazer a Luiza gostar de mim, aí sim podemos pensar na possibilidade de... para de me fazer cócegas!

– Conquistar a Luiza é fácil, tu já conseguiu de primeira. É só me fazer feliz que já está ganho. E eu acredito que neste quesito tu está se saindo muito bem. – Colo o meu nariz com o dela.

– A Vivi disse que nunca te viu assim, me senti orgulhosa de mim mesma.

– Eu te amo, Carla. Como nunca pensei que pudesse amar novamente.

– Eu também. Como nunca pensei que pudesse amar um dia.

Tento beijá-la, mas ela se esquiva por causa da maquiagem, mas me recompensa com um selinho demorado.

– E sobre conquistar a tua mãe, duvido que ela resista aos meus encantos. Sou um amor de pessoa. Todos me amam.

– Ela levou três anos para conseguir deixar o meu pai se aproximar dela, não vá contando com o ovo sem sair da galinha, meu véio. Ela pode até te achar charmoso, mas isto só vai colocar mais uma pulga atrás da orelha da dona Lúcia Denski.

– Sério? Por que?

– Ninguém nunca vai estar à altura dos filhos dela. Por que tu acha que eu tinha que guardar segredo sobre as namoradas do Di? Nenhuma delas era boa suficiente para o seu filho, quem dirá para a sua filha.

– Pronto. Vou te sequestrar, negócio resolvido. Podemos nos mudar para a Europa, ou algum país escondido por aí.

– E tu acha que ela não colocaria a CIA atrás de nós? Meu irmão tem contatos onde trabalha. Seria fácil para ele nos encontrar.

– Então, vamos começar os trabalhos logo. Quando eu posso conhecer a minha sogra?

Carla pensa um pouco e eu faço mais um pouco de cócegas nela que ri e me bate ao mesmo tempo.

- Amanhã?
- Plantão. Sexta?
- Evento. Sábado?
- Pode ser. Marquei de ver os meus velhos, mas vou à tarde cedo e fico livre a tempo.
- Vou ver com ela e te aviso. Preparado para conhecer a fera?
- Já disse que sou encantador, ela vai me amar de primeira.
- Veremos, Luiz.

Vamos ver sim. Até hoje nunca vi ninguém falando que eu não conquisto as pessoas de primeira. Posso ser meio louco, mas sei impressionar com o meu jeito carismático de ser. Acho que todo mundo já deve ter notado isso.

Capítulo 40

Por Carla

– Oi, guria. Estou com um problema.

Gemo ao escutar isso. Minha mãe está desde ontem em pânico com esse tal “jantar de apresentações” aqui em casa. A cada hora ela muda o cardápio para uma coisa mais sofisticada. Disse para ela parar de paranoia, se colocar uma panela com arroz queimado, feijão amanhecido, mexido com um ovo frito, o Luiz vai amar ela. E sim, eu já vi ele comendo isso mais de uma vez, e confesso que ficou ótimo.

– O que aconteceu?

– Hummm, eu estou internando um paciente aqui. Ele está bem instável e agitado, é uma das crises das grandes.

– Tu não vai vir?

– Não, vou sim. Não é por isso que eu liguei, meu problema é outro e sei que tu vai me xingar por isso. Esqueci de tirar a lente e fui pegar uma coisa no depósito e acho que deve ter pegado um pouco de poeira. Parece que eu fumei um quilo de maconha de tão vermelho que os meus olhos estão.

– Eu te disse para ti começar a tirar elas mais frequente, Luiz. Ainda vai pegar alguma coisa e piorar a tua miopia!

– Eu sei, eu sei. Por isso estou te ligando. Estou sem carro e o meu colírio acabou. Tem como tu ir lá em casa, pegar os meus óculos e o colírio e me trazer aqui? Realmente eu não posso sair daqui sem o paciente estar completamente estabilizado.

– Ok. Já tiro o meu irmão de casa pelo menos.

– Isso, aproveita e pega o meu carro e leva para a tua casa. Estava chovendo hoje pela manhã e eu vim de táxi.

– Ainda não sou muito acostumada com o teu carro.

– Mais um motivo para aprender a dirigir ele. E tu sabe que eu não ligo se tu bater, sei que vai estar bem protegida dentro dele.

– Tenho uma leve impressão que isso foi uma indireta para a minha moto. E que tu está me forçando a aprender a aprender a dirigir ele para que tu tenha uma motorista.

– Ainda bem que é só uma impressão, guria. – Ele ri. – Me dá um toque quando tu chegar aqui. – E desliga o telefone.

Levanto da minha escrivaninha, onde eu estava respondendo algumas mensagens de clientes pelo facebook e e-mails. Desço as escadas e encontro o meu irmão deitado no sofá, com o braço enfaixado e uma cara nada contente.

– Vou sair, quer ir junto? – Pergunto colocando o meu rosto a centímetros do dele.

– Onde vai?

– Buscar algumas coisas na casa do Luiz e entregar no hospital para ele.

– Mãe, – ele grita e se levanta rapidamente do sofá. – Vou sair com a Patotinha!

Reviro os olhos. Ele vai fazer questão de ficar me chamando assim a noite toda. Estou prevendo a minha morte lenta nas mãos do meu irmão junto com o Luiz. Eu mereço.

Minha mãe aparece na sala com um semblante assustado. Aposto que ela mudou de cardápio de novo.

– Aonde vocês vão? Podem passa no mercado para me trazerem algumas coisas? Mas tem que ser rápido, ou não vai dar tempo! Carla, por que tu me avisou tão em cima da hora?

– Te avisei antes de ontem, mãe. E já disse para parar de ficar de torturando por isso. Se tu colocar na mesa pão, presunto, queijo e uma sanduicheira, o Luiz vai te pedir em casamento logo de cara.

– E eu lá sou pessoa de servir isso para um convidado? Servia isso para os amigos do teu irmão. Agora a situação é outra, ele nos ajudou quando precisamos e o mínimo que posso fazer é uma refeição decente!

– Mãe, eu estou falando sério. Não precisa te preocupar com o Luiz. – Quase digo para ela dar graças que ele está vindo do hospital para cá, se fosse de casa viria de chinelo, bermuda e uma camiseta surrada. Fora a barba de quase uma semana que ele está cultivando no seu ato rebelde antes da Luiza chegar.

Ela resmunga mais uma coisa, mas pelo menos, ou eu imagino que pelo horário, já decidi o cardápio. Risoto, a primeira opção que ela disse quando eu anunciei a data. E agora, tenho que sair à cata dos ingredientes que faltam.

Saio com o Diego ao meu lado. Desde o ocorrido, ele está mais quieto. Diferente do irmão agitado e que sempre estava inventando alguma coisa ao lado do meu pai, ou deixando a minha mãe de cabelos brancos a cada dia que passava com a gente aqui.

Agora vejo ele tão retraído, distraído e sem ânimo para algumas coisas. Fica o dia todo deitado olhando TV, reclamando que está com dor e quieto. Isto me corta o coração. Nem para andar de moto, que eu ofereci ontem à tarde, ele quis.

Sinto que alguma coisa dentro dele mudou. Tenho quase absoluta convicção que foi alguma coisa que o meu pai falou para ele na primeira noite que ficou acompanhando ele no hospital. Nosso pai sempre foi contra a ida do Diego para o “campo de ação”, ele, mais do que ninguém, sabe de todos os riscos, perigos e tantas outras coisas mais que um policial dentro de um antro de tráfico corre.

Mantenho uma conversa com o Diego até quando eu viro para entrar na casa do Luiz. Pego a minha chave reserva, desativo o alarme e olho para ele.

– Vai ficar aí parado no sol? Entra aí.

– Eu sabia que o cara era rico, mas só pelo tamanho da casa, percebo que estava enganado ao quanto ele era. – Ignoro a frase e dou espaço para ele entrar na cozinha.

Subo as escadas e vou até o guarda-roupas do Luiz, encontro o seu óculos e quando pego o colírio, vejo que ele acabou. Que ótimo...

Aviso pelo celular para ele que me responde dizendo que vai deixar uma receita médica na recepção do hospital para eu pegar, junto com o cartão do banco dele para na volta comprar em alguma farmácia. Só o fato dele tirar as lentes e colocar os óculos, já aliviava um pouco.

Ainda bem que o mercado e a farmácia ficam um ao lado do outro.

Volto ao andar de baixo e encontro o meu irmão na sala olhando as fotos do Luiz. Especialmente, uma minha com ele depois de um passeio de moto, com o pôr-do-sol atrás de nós. Luiz me abraçando pelas costas e eu deitada no ombro dele sorrindo junto com ele. Estávamos felizes.

– Bela foto de vocês. – Meu irmão diz, colocando a foto no lugar de onde ele a tirou. – Acho que nunca vi um sorriso tão bonito em ti, Patotinha. Isto é bom.

Ele me abraça, meio de lado, para não pegar no seu braço. E eu retribuo o afeto do meu irmão. Ele também foi um dos que mais sofreu e lutou ao meu lado quando eu mais precisei.

– Eu estou feliz com ele. Também faço ele feliz. Acho que nada além disto importa, Di. E quero que tu seja feliz também. Não estou gostando nenhum pouco do teu jeito agora. Está triste pelos cantos, isso não é o meu irmão que conheço.

– Vai passar, maninha. Eu juro que vai. Só preciso de um tempo para assimilar o que aconteceu. Perdi alguns companheiros, e amigos, nesta ação e ainda estou tendo muitas dores no braço. Agora vamos de uma vez, que a Dona Lúcia já está em pânico!

Diego me dá um beijo na cabeça e saímos para o carro do Luiz.

– Tem certeza que consegue manobrar essa coisa? Ele é bem maior que o carro do pai e...

– Automático, sensível e cheio de botões que eu não tenho a mínima ideia para o que servem, mas vamos lá. Temos um quase cego à espera dos seus óculos e uma cozinheira em surto dependendo dessa viagem.

Com muita tensão e o Diego me incomodando, consegui chegar ao hospital do Luiz. Deixei na recepção os seus óculos e peguei a receita do seu colírio junto com o cartão do banco. Nem senti o peso da responsabilidade disso. Voltei para o carro com o meu irmão mexendo no som.

– Sério que ele escuta Lady Gaga, Rolling Stones, Amy Winehouse e Roupas Nova tudo na mesma playlist?

– Acredita que ele canta, dança e interpreta tudo isso quando está cozinhando ou tomando banho? – Respondo ao meu irmão que começou a rir e coloco o carro em movimento em direção ao mercado e a farmácia.

Por Luiz

Toco a campainha e vejo o meu reflexo na porta. Realmente eu pareço um mendigo com essa barba deste tamanho e os cabelos que vão veem um pente há um bom tempo. Pelas minhas contas, nem me lembro, já que hoje pela manhã lavei eles e ajeitei enquanto me vestia.

Carla abre a porta e arregala os olhos para mim.

– Não estou atrasado! – Já digo em minha defesa.

– Certamente não está, mas parece que veio da guerra dos farrapos. E esse cabelo? – Ela tenta domar com as mãos, mas acho que não consegue. – E a vermelhidão nos olhos? Meu Deus, Luiz. Quantas vezes já disse para ti tirar as lentes antes de dormir?

– Que eu me lembre, ontem à noite não deu tempo, não é? – Olho para a Carla com um sorriso meio sacana e ela me bate no peito.

– Te comporta! – Ela me puxa pela mão e entramos na sua casa.

Eu já tive aqui, naquela fatídica noite que tive que acordar correndo porque a mãe dela havia chegado antes do tempo. E preciso me lembrar de como se fosse a primeira vez que entrasse na casa. Imagina que lindo seria falar na mesa do jantar que adorei a decoração do quarto a Carla, e ainda ter que explicar como eu o conheço.

Ela me carrega até a sala, onde o seu pai e seu irmão estão olhando o replay de algum jogo de ontem. Ela limpa a garganta e ambos se viram em nossa direção.

– Pai, eu sei que vocês já se conhecem do hospital. – Ele se levanta e me estende a mão.

– Como vai, Doutor Luiz?

– Só Luiz, Delegado Denski. – Aperto a mão dele com uma firmeza moderada.

– Então pode me chamar de Rogério. – Sorrio para ele que alterna o olhar entre eu e a Carla e retribui os nossos sorrisos.

– E esse é o Diego, o meu irmão. – Carla me puxa até o seu irmão com o braço enfaixado e junto ao corpo. Ele faz uma careta de dor, mas levanta para me cumprimentar.

– Prazer, Luiz. E muito obrigado pela força aquele dia.

– O prazer foi meu, e era o mínimo que eu poderia fazer. Como está o braço?

– Doendo. Amanhã vou ao médico ver o que pode ser feito. Chega essa hora da noite e ele começa a doer mais.

– Não te deram remédio para dor? – Questiono tendo a minha veia de médico querendo apaziguar a dor de todo mundo começando a pulsar.

– Não. Só me disseram para fazer curativos e procurar um fisioterapeuta depois que retirar os pontos daqui há uma semana.

– Eles deveriam ter de dado alguma coisa para tomar em casa. Vou xingar a Vivi por isso. Eu devo ter alguma coisa dentro do carro, amostra grátis que eu levo para o asilo. Ou te receito algum.

– Aproveita que ele sabe de uns remédios que vão te fazer andar de unicórnio da lua. – Carla acrescenta.

– Então eu vou aceitar. – Diego sorri para mim, como se estivesse aliviado por saber que não vai sentir dor hoje à noite.

Como a Carla disse, posso levar ele para dar uma volta de unicórnio na lua, sem ele nem sair de casa. Um dos meus maiores medos, quando passei pela época mais dark da minha vida,

foi ficar dependente de remédios. Sei de inúmeros casos de médicos completamente viciados em medicamentos, tantos que algum se perdem para o vício por completo. Perdem o trabalho e até o diploma por causa da facilidade inicial de substâncias controladas e depois não conseguem parar mais.

Por isso, só tomo medicamentos, no último caso. De preferência quando estou a ponto de não conseguir ficar mais em pé ou coisa do tipo. Já tenho uma predisposição para vícios, e sucumbir a um que eu tenho fácil acesso, assim como o álcool, pode ser a minha ruína.

E por falar em medicamento, preciso do meu colírio. Por mais que eu tenha tirado as lentes, ainda sinto a comichão nos meus olhos e só vai parar quando eu colocar o medicamento.

Todos sentamos na sala e eu peço para a Carla colocar em mim. Ela, delicadamente, quase quebra o meu pescoço para trás para colocar. Até o seu pai e irmão chegam a gemer com a sutileza dela em fazer isso.

Começo a chorar como uma criança, pela ação do medicamento e escuto os passos apressados de alguém vindo em nossa direção.

– Eu não acredito que vocês três estão aí sentados e não foram nem capaz de oferecer alguma coisa para o convidado. – Recoloco os óculos, esperando um pouco para que tudo entre em foco quando escuto o pai da Carla dizer alguma coisa, o Diego dizer que estava impossibilitado pelo braço e a Carla falar que se eu quisesse alguma coisa iria pedir, ou até mesmo pegar. Que eu não sou de fazer cerimônia nenhuma.

– Não precisa, Dona Lúcia, eu... – Pisco algumas vezes até tudo entrar em foco novamente.

– Claro que precisa! Tu foi tão generoso com nós aquele dia. – Ela para na minha frente e sorri para mim, ou pelo menos eu acho que sorri. Está tudo nublado na minha frente e deve ficar assim por mais alguns segundos.

Ela pega na minha mão e aperta com um carinho quase que maternal. E eu, mais perdido que cego em tiroteio aqui neste meio.

– Carla, vai colocar a mesa. Diego, vai ajudar a tua irmã. – Ela ordena e eu percebo a Carla apertando o meu ombro como quem mandasse um recado de “boa sorte” para esse momento em que eu fico a sós com os dois.

Engulo à seco por vários motivos. E enxergar é o menor deles.

Ficar à sós com eles é uma ideia interessante, já que tenho medo de abrir a minha santa boca e falar alguma besteira. Acho que todo mundo já sabe que a possibilidade de isso acontecer é bem grande. Então eu resolvo ficar em silêncio e esperar qual vai ser o assunto que eles vão me colocar para teste.

Claro que eu estou ciente disto. A mãe da Carla não ia dispensar os dois filhos de uma tacada só para me dizer como o tempo está louco ou coisa do tipo. Com certeza eles vão fazer alguma pergunta capciosa que pode fazer eu me perder no meio do caminho. O pai da Carla é delegado, já deve ter participados de inúmeros interrogatórios e coisas do tipo. Ele não vai perder a oportunidade de me colocar sobre a mesa e me estripar aos poucos. Se fosse eu no lugar dele, faria a mesma coisa.

– Então Luiz, – A mãe da Carla é a primeira a me dirigir a palavra. Agora com mais foco,

consigo ver mais suas feições. – A Carla me disse que tu tens uma filha. Qual a idade dela?

Rá! Touchê! Ela vai cutucar a ferida da diferença de idade entre nós. Sabia que este ia ser um dos assuntos dessa noite.

– A Luiza tem vinte e dois. Fui pai bem novo, diga-se de passagem.

– Dois anos de diferença entre ela e a Carla. – Ela divaga como se me cutucasse com um alfinete. Ou uma agulha para misturar medicamento, calibre 40x12, que ninguém ousa pensar em usar para administrar medicamentos.

– Exatamente. Dois anos. Passei um bom trabalho com a Luiza na adolescência, ainda mais que eu a criei nesta idade sozinha. Devo ter passado as mesmas apreensões que vocês: o medo das amizades ruins, instruir corretamente contra o perigo de oferecerem coisas ilícitas e a preocupação quando eles saíam de casa sem conseguir fechar os olhos um segundo que fosse até eles voltarem para casa.

Termino de falar, já com a minha visão quase completa, e percebo que a minha resposta, como pai coruja e preocupado que eu sempre fui, abaixou um pouco das armas nucleares que estavam apontadas para mim. Então continuo falando, como disse o comentarista no jogo agora há pouco, time que está ganhando não se mexe.

– Minha filha saiu de casa com dezoito anos para morar em outro país há quilômetros de mim. Os meus primeiros dias sem ela em casa foram horríveis, eu parecia um zumbi caminhando, e ainda sem um pedaço meu. Ainda me preocupo muito com ela, todos os dias faço questão de dar uma checada para saber como ela está. E quando a Carla me contou o que aconteceu com o Diego, eu me coloquei no lugar de vocês, me imaginei recebendo um telefonema no meio da noite me falando que a Luiza estava machucada, mas sem nenhuma outra informação sobre o seu estado. Fiquei tão aflito que falei para a Carla que eu ia junto, mas ela não deixou, então fiz a única coisa que eu pude naquele momento.

– E foi a nossa salvação. – Rogério diz, e eu sorrio mentalmente. Um já foi cativado por mim. – Nós estávamos cegos na ocasião e tu nos trouxe à luz no fim do túnel. Ainda não temos palavras para agradecer.

– Não foi nada. Era a ação que um pai faria para outro nesta ocasião.

Tento não me vangloriar, mas no fundo eu sei que nem conseguiria tirar vantagem desta tragédia, pois o que eu relatei para eles foi a mais pura verdade.

– A mesa está pronta e o Diego derrubou um copo no chão e quebrou. Era daqueles, mãe! – Carla nos chama.

– Ah eu não acredito, Diego! Era um dos copos do meu enxoval de casamento que eu ganhei da tua dinda! – Lúcia sai para a cozinha rapidamente.

– Que eu nem sei como ainda sobreviveu por tanto tempo. – Rogério diz para mim em tom de brincadeira e rindo para mim.

Fomos chamados para jantar e eu quase morri comendo. Ajuda o fato que eu estava só com o almoço que eu engoli antes de passar no asilo. Tive que me controlar para não pedir para levar o resto para casa, acho que ainda está cedo demais para tal abuso. Mas a Lúcia que me aguarde, acho que vou virar um visitante assíduo aqui se todos os pratos terem o mesmo gosto do de hoje.

A Carla vai ser só um pretexto para esses jantares.

– O que houve o asilo? – Carla me pergunta depois de um tempo.

– Um paciente despirocou mais do que o normal. Estava agitado, começando a se debater e se continuasse assim poderia se machucar e ainda ferir alguém. Aí tive que interferir para o próprio bem dele. Um senhor de idade já, mas quando eles ficam neste estado conseguem ser mais forte do que se pode imaginar.

– Do asilo aqui perto? – Diego pergunta, tentando comer com apenas uma mão.

– Sim. Eu faço trabalho voluntário lá. O asilo só trabalha com pacientes com Alzheimer e eu atendo eles.

– Tu é concursado? – Lúcia questiona me observando ainda como se eu fosse um experimento científico, ou coisa do tipo.

– Não. Eu atendo de graça mesmo. Meu pai teve Alzheimer e eu cuidei dele, por isso me especializei em psiquiatria. Depois de um tempo atendendo particular e fazendo plantões, peguei um paciente deste asilo em um estado quase crítico. E fui atrás de informações. Ele é público e a maioria, infelizmente, está lá porque a família não quer cuidar, alguns por denúncia de maus tratos e a foram por ordem judicial e outros porque quem cuidava não tinha condições de bancar um tratamento adequado. Quando eu fui lá pela primeira vez e vi o estado deles, percebi que não poderia deixar passar esta situação. Então comecei a visitar eles com mais frequência, medicar, ajudar e continuo até hoje. Adoro os meus velhos.

Tenho quase convicção que a mãe da Carla pensa que eu estou tentando me exhibir para impressioná-la. Porém, novamente, eu abri o meu coração nesta questão do asilo.

– Interessante. – Ela fala. – Tem muitos lá?

– Nunca contei. Mas é um número considerável. Alguns em casos mais simples, outros mais agressivos. Conheço todos, praticamente. Tem uns que não gostam da minha cara, outros conversam comigo como se nem tivessem a doença e poucos que tem momentos de delírio, que vivem em outro mundo. Tenho uma senhora que me chama de filho, sendo que o filho dela morreu há alguns anos. Outra acha que eu sou o noivo dela, aliás, Carla, ela me pediu em casamento hoje.

– De novo? – Carla entra na brincadeira? – E quando tu vai te decidir? Preciso preparar outros currículos para distribuir. – Diego ri.

– Ela me deu uma flor hoje. – Pego no bolso da calça a pequena flor, já amassada por estar ali dentro e coloco em cima da mesa. – E ainda disse que falou com o pai dela e ele autorizou o casamento.

– Vou perder o cargo! – Ela cruza os braços e bufa.

Começo a rir e entrego a minha flor amassada para ela que tenta desamassar as pétalas.

– Elas fazem isso? – Rogério pergunta.

– Essa senhora foi uma das que chegou para nós por maus tratos. Então para descobrir mais dela tenho que entrar na onda. Consigo descobrir bem mais fazendo isso do que forçando ela a encarar a realidade e ela entrar em surto. Claro que quando o paciente já está em surto eu tenho

que interferir de qualquer jeito. E eles ficam mais influenciáveis que crianças, dependendo do caso, se viajo com eles, posso induzi-los a se comportarem melhores. Mudar conceito que eles têm com as enfermeiras e coisas do tipo. É tudo um jogo de xadrez que eu vou fazendo o meu jogo conforme os movimentos deles.

– E agora, vai casar ou não? – Lúcia entra na onda.

– Não sei. Eles estão bem agitados porque realmente teve um casamento lá há uns meses atrás. Dois pacientes resolveram casar e ainda estão casados até hoje. Então as enfermeiras se juntaram para fazer uma pequena cerimônia para os dois. O marido de uma se vestiu de padre, eu levei a noiva até o altar e entreguei as alianças e teve uma festa. Os velhinhos dançaram, comeram cachorro-quente com refrigerante e aproveitaram. Foi um santo remédios, só os que já são agressivos que não surtiu efeito, mas os outros.... Uma calmaria total

– Eu tenho que conhecer a minha rival.

– Vamos, a Luiza sempre vai comigo, levo as duas uma tarde. Vai se apaixonar pelos meus velhos.

E com isso, eu sinto a mão da Carla em cima da minha coxa.

É, eu sei que ela já é apaixonada por um velho...

Me perdi na sobremesa. Ninguém me avisou que teria sobremesa, senão eu teria diminuído o prato principal! A primeira coisa que eu vou fazer quando chegar ao carro é abrir o botão da minha calça, porque eu comi demais.

Voltamos para a sala para conversar um pouco mais. Todo o momento eu fiquei na minha, conversando assuntos aleatórios e de zonas pacíficas. O Diego começou a reclamar de dor e eu achei a minha deixa para ir embora. Me despedi de todos, agradecendo pelo jantar e convidando eles para a minha casa quando a Luiza chegar, assim todos estariam reunidos de uma vez só.

Carla me leva até o portão e eu lembro dos medicamentos do seu irmão para dor. Entrego uma caixa de amostra grátis de uma coisa potente, e como sempre ando com um receituário de controle especial dentro do carro, fiz uma receita rápida para o seu irmão.

– Tu conquistou o meu pai de primeira. – Ela me fala assim que eu entrego a receita para ela.

– Sempre disse que era irresistível. Não consigo imaginar porque tu não acreditou em mim.
– Desdenho.

– E o mais incrível de tudo, até a minha mãe tu conseguiu admirar. Ela não fez nenhuma ironia ou desdenhou de ti em qualquer momento.

– Que maravilha, além de barriga cheia, vou sair daqui com o meu ego inflado. Será que não vou explodir até chegar em casa?

– Ok, sr. Cheio de Si. Vamos abaixar essa bolinha aí. – Penso em fazer alguma piada sobre isso, mas a Carla me cala com um olhar.

E para compensar, eu a agarro na frente da casa dos seus pais e ainda a preno entre o meu carro.

Capítulo 41

– Por que vocês dois estão aí? – Pergunto assim que chegamos na casa do AC. Viemos para jantar.

– Responde, porque o teu pai colocou tu e a Fofinha de castigo aí no cantinho por quinze minutos, Antônio. – Elis troca o Otávio de braço e olha para o filho mais velho que não responde. Apenas faz um bico de choro.

– Eu... – ele funga e faz mais beicinho ainda. – “quelia” dá leite com “chocoiate” “po” “Bitinho”.

– E ele consegui. Eu sai por dois minutos, para fazer xixi, e quando voltei estava os dois – ela aponta para as crianças – dando a mamadeira deles para o Otávio. Não é a primeira vez que eu pego eles fazendo isto. Antes de ontem foi a primeira vez e o coitado do Otávio vomitou, sem contar que tive que gastar quase um tubo de pomada para assadura nele. E o que a Tia Elis tinha falado para vocês da última vez, Fofinha?

A menina olha para nós, sentadinha no banquinho, e fala baixinho.

– Que o “Cabitinho” não pode tomar leite com “chocoiate” “poque” ele é “titiquinho” ainda. E só pode “toma” o leite da Tia Lis.

– Isso aí. Então o tio AC colocou vocês aí para não repetirem isso mais, não é?

Os dois se entreolham e murmuram um sim baixinho. Palmas para a Elis e o AC. Se todos os pais educassem os seus filhos assim, não haveria tantas notícias de filhos batendo nos pais e coisa do tipo. Também gostei do fato que a Fofinha também foi enquadrada no delito e nem por isso escapou do pequeno castigo. Assim como eu já vi o Noah chamar a atenção do Antônio em algumas ocasiões.

É estranho e ao mesmo tempo bonito de ver essa educação à quatro mãos das crianças. Todos respeitam os mais velhos e ninguém sai impune em nada. Se eu ainda estivesse estudando, ou criasse vergonha na cara para encarar um mestrado, poderia fazer um artigo sobre isso.

– O Noah está na praça com a Sarah e o Yago. André e Liv ainda não chegaram e a Su está chegando de um evento. O AC deve estar lá em cima, limpando alguma coisa, ele estava com um balde e pano na mão. Sobe lá e vê o que ele está fazendo, da última vez, era lavando a borda da piscina, ele disse que fica suja por causa do protetor solar. Deixa a Carla aqui comigo, ela vai me fazer companhia até a bomba atômica aqui – ela olha para o Otávio que está encantado na Carla – explodir.

– Acho que eu vou lá para cima mesmo. E tu, pequeno, tira os olhos dela. Ela é só minha. – Falo para o meu afilhado que sorri para mim descaradamente.

Subo as escadas e encontro o meu amigo de bunda para cima limpando as cadeiras que tem ali. Acho que o seu TOC por limpeza tem acentuado um pouco, porém, morar com três crianças, mais duas dos amigos, deve fazer muita bagunça.

Contudo, eu entendo a necessidade dele em limpar constantemente. Ele viveu ao meio da sujeira até quando os seus pais resolveram sair de casa e o abandoná-lo a sorte. E a mania de

limpar sempre esteve nele, agora, mais que nunca. Já que ele mesmo me confidenciou que nunca irá ser como os seus pais, faz de tudo para manter a ordem em casa. E particularmente, ele deu um brilho de dar inveja a muita gente em uma panela minha, nunca consegui reproduzir tal feito.

– E aí, cara. – Digo para ele que se levanta quando me aproximo. – Teu filho está olhando demais para a Carla, e estou repassando o recado. Manda ele ficar na dele, certo?

– Não posso fazer nada neste quesito. Qualquer mulher que esteja na sua frente, ele fica hipnotizado. Acho que pensa que é mais alimento para ele, sei lá.

– Eu sei que a Elis não é dotada de peito como a Carla, mas mantenha teu filho longe dela, ok?

AC ri de mim e me atira um pano.

– Deixa de ser besta e me ajuda aqui, ou não vamos ter onde sentar para jantar hoje à noite. Os pássaros fizeram um pequeno estrago aqui.

Me agacho e começo a contar sobre a minha vista aos pais da Carla ao meu amigo.

Acredito que me sai mais vitorioso do que quando acabei a minha última prova da faculdade. Sai do campus em êxtase, com os pensamentos a mil e portas se abrindo à minha frente. Foi um momento fantástico, e reviver estas expectativas foi revigorante.

Quando encontrei a Carla no outro dia, ela veio me perguntar qual foi o feitiço que eu havia feito. Sua mãe havia perguntando se eu tinha falado tudo aquilo para impressioná-la, como eu já havia suspeitado desde o início. E quando a Carla revelou que eu nunca tiraria vantagem de quem eu era em cima dos meus velhos, ou da Luiza, ela reconsiderou a ideia e disse que eu era muito distinto.

Óbvio que tanto eu como a Carla somos livres. Eu tenho a minha vida completamente independente, e ela, se quisesse também poderia ter. Carla já é bem grandinha para se relacionar com quem quiser, com ou sem o consentimento dos pais, mas convenhamos que é bem mais tranquilo quando isto é possível.

E também, eu me sentiria muito mal em saber que ela estaria comigo, mas brigada com os seus pais. Sei como a Carla é apegada à família e como isso a atingiria direto se acontecesse. Não suportaria ver ela sofrendo e estando dividida entre nós e seus pais.

Então posso dizer que passar por isto foi um alívio e tanto para mim, e até para ela, como eu já pude notar.

– Cheguei!

– Mais gay que che! – Digo para o André que me dá um sorriso sarcástico.

– Engraçadinho. E aí AC, eu saio daqui e tu limpando, eu volto aqui e tu ainda limpando. Algum dia tu descansa?

– Geralmente quando estou no trabalho. – Ele ri. – Mas ultimamente nem lá eu ando relaxando. Vou esperar o Noah chegar para contar tudo de uma vez. Agora vou lá libertar o meu filho do castigo.

E com isso eu chego a gemer. Maldita curiosidade!

Noah demorou cinco séculos para chegar, depois disto o André emendou um assunto com o AC sobre as crianças do orfanato e o Noah se meteu e eu fiquei para escanteio me corroendo por dentro sobre o tal assunto.

– Pelo amor de Deus, calem a boca antes que eu tenha uma úlcera gástrica sobre o tal assunto do AC na agência. – Digo depois de uma meia hora de assunto. Já estava querendo matar um deles na churrasqueira, mas não conseguia me decidir entre qual dos três.

– Calma, Luiz, ia começar a tocar no assunto agora.

AC levanta, ajusta a churrasqueira e eu olho para ver se eu estou perto de alguma faca ou coisa do tipo que eu possa usar para machucá-lo. Para a sorte dele, não encontro nada.

– Todos já sabem que a gerencia da agência mudou, e que uma mulher assumiu.

– Ela é gostosa? – Pergunto e os três olham para mim ao mesmo tempo. – O que foi?

– Quer que eu chame a Carla para participar do assunto? – Noah questiona.

– Ela passou um filme inteiro falando que o ator era gostoso e eu fiquei na minha. – Me defendo. – Posso estar com ela, mas não sou cego.

– Então... – AC se intromete. – Voltando ao assunto, que é esse também, Luiz. A mulher é bonita e...

– Deixa a Elis saber disso. – André ri. – Ela vai te matar por dizer estas palavras.

– Eu sei, por isso estou contando para vocês primeiro. Aí algum pode ser o iluminado a me ajudar nessa questão.

– AC, eu juro que tu falar alguma coisa que envolva traição eu te jogo daqui de cima. – Noah defende a Elis como um irmão.

– Dá para vocês calarem a boca e me escutarem? E Noah, vai à merda antes que eu me esqueça. Eu mesmo me atiraria daqui se essa fosse a questão.

– Então fala de uma vez antes que eu morra! Não tenho idade para tanta apreensão assim!

– Se vocês pararem de me interromper eu vou chegar lá, certo? – AC olha para nós três que ficamos em silêncio. – Ótimo! A mulher sabe que é bonita e usa isso ao seu favor. Reza a lenda que ela saiu da outra agência exatamente por isto, ela estava de caso com o gerente estadual e foi promovida a gerente da agência. Não sei como funciona os trâmites, mas dizem que foi por estas vias. E ela chegou matando lá na minha.

– Já está com alguém lá? – Pergunto curioso.

Ainda mais com o fato da ligação do poder com o sexo. Uma coisa altamente antiga na nossa civilização.

– Ela quer começar. – AC toma um pouco da sua bebida como quisesse recuperar a fala para continuar. – E acho que comigo.

– Como assim? Ela se avançou em ti? – Noah indaga.

– Não avançou. Ela me chamou na sua sala estes dias e puxou a minha ficha. Toda ela, coisa que nem sabia que estava disponível assim. Do meu emprego nos correios e o pouco tempo

que fiquei lá, das dívidas da Olívia que eu banquei, de cada empréstimo que eu tirei, depois a história do Antônio, divórcio, de que eu e a Elis entramos na justiça para adicionar o meu sobrenome ao dele, sem precisar de DNA, da adoção da Sarah e agora do nascimento do Otávio. A mulher me falou e colocou tudo na mesa, sem rodeios, na cara limpa. E ainda me disse que pode me ajudar a crescer na agência.

Ele olha para nós, com aqueles olhos de cores diferentes, e nós entendemos tudo.

– Uau. – André é o primeiro quebrar o silêncio. – E o que tu fez?

– Disse que estava bem onde estava. Gostava do meu trabalho e a minha família estava feliz e não precisávamos de uma promoção assim. O que é uma mentira, já que na atual crise que estamos, dinheiro nunca é demais, ainda mais com três em casa. Mas prefiro vender o meu apartamento, desistir do financiamento do outro e deixar o carro na garagem a me submeter a isso.

– E como tu pretende contar para a Elis? – Questiono.

– Não tenho a mínima ideia. Sei que preciso fazer, já que a louca tocou no nome dela e das crianças, mas conheço a minha esposa...

– E uma vaca em fúria não deve ser deixada sem cuidados. – Noah arremata e eles trocam um olhar cúmplice.

– Exatamente.

Vejo o AC se esticar na cadeira e olhar o céu acima de nós. Meu quase irmão está muito preocupado com toda esta situação.

– Tu não pode denunciar ela? Sei lá, assédio sexual no trabalho, isto existe, não é? – André fala.

– É complicado, já que eu não tenho provas reais sobre isto, e fora que a situação é bem diferente. Um homem acusando uma mulher de assédio sexual.

– Mas não deixa de ser o que aconteceu. – Afirmo. – Acho que tu tem que contar para a Elis, antes de tudo, e te preparar. Se ela já tem a predisposição de fazer isto, todo o cuidado é pouco. Anda sempre com o telefone no bolso, qualquer coisa um áudio pode ser tudo o que se precisa para acabar com a situação.

E com estas palavras encerramos o assunto, pois escutamos o barulho e as risadas das mulheres vindo pela escada.

Por Carla

Luiz me deixa com a Elis e ela começa a falar como uma tagarela. Às vezes não sei se ela está falando comigo, com o Otávio ou com ela mesma.

– Segura ele aqui um pouco. Preciso ir ao banheiro de novo. E agora posso ir descansada sem perigo de encontrar alguém em cima do Cabritinho ou ele tentando mamar no rabo do Gato.

Ela me senta no sofá e coloca a criança no meu colo e sai correndo como uma louca em direção ao banheiro. Otávio dá uma choramingada no meu colo e eu começo a entrar em pânico,

por não saber o que fazer com uma criança nesta situação.

– Calminho aí, Otávio. – Digo baixinho, colocando a minha mão no seu rosto e acariciando.

Ele faz uma cara feia, franzindo a testa e um beicinho para começar a chorar. Jesus! O que eu faço? Se o Luiz estivesse aqui ele já teria feito alguma coisa para que isto não acontecesse.

Olho para o Antônio e a Fofinha que estão em um papo muito cabeça no castigo deles e o Gato me observando com aquela cara de sempre, entediado com tudo e todos. Otávio esperneia no meu colo e eu levanto do sofá.

Começo a embalar ele no meu colo e conversar baixinho com ele, e parece que o acalma um pouco. Otávio boceja, sem tirar os olhos dos meus e começa a fechá-los lentamente, até cair em um sono profundo.

Emballo ele por mais alguns segundos e volto a me sentar no sofá. Continuo a observar a pequena perfeição nos meus braços. O rostinho delicado, o nariz minúsculo, acompanhado de uma boquinha em forma de coração. Passo a ponta dos meus dedos, delicadamente, sobre suas feições e agarro a sua mãozinha que, involuntariamente, ele segura durante o seu sono tranquilo.

E com isso, milhares de pensamentos começam a invadir a minha cabeça. Tento frear cada um deles, mas a minha mente é traiçoeira e malvada, não me deixando os bloquear.

O primeiro, e mais arrebatador, seria fazer as contas de com quantos anos o meu filho estaria hoje. Sete anos, acredito eu. Já teria passado a fase de bebê e agora seria um pequeno homem, ou uma pequena mulher. Olharia filmes sobre carros, ou princesas, dormiria no seu próprio quarto e estaria na escola.

Ahh a escola! Como me esquecer desta pequena coisa que nos mostra que as crianças cresceram. Claro que colocaria o meu filho na mesma que eu estudei. Levaria ele todos os dias, e me despediria com o coração na mão toda as vezes que ele entrasse no portão em direção à sala de aula. Conversaria com as outras mães sobre o desempenho dos nossos filhos, e deixaria colado na geladeira, todos os trabalhos que ele me trouxesse.

Mas essas opções só existem na minha cabeça. E assim que eu acordo para a realidade, elas se esvaem como fumaça ao vento.

– Oi, Carla, imaginei que vocês tivessem chegado pela moto lá na garagem.

– Oi, Su. – Tento sorrir para ela.

– Mamãe, eu “tô” de castigo. – Fofinha fala chamando a atenção dela.

– Eu estou vendo, o que vocês dois aprontaram de novo?

– Nós demos a nossa “mamadela” po” “Bitinho”. E não pode. – Fofinha estica o dedo e balança significando não.

– De novo, filha? A mãe já não tinha dito que não podia?

– Eu “squeci”.

Su vira para mim e balança a cabeça. Ela senta ao meu lado e suspira de cansada.

– Pelo menos ele não está chorando de cólica ainda. Da última vez não sabíamos mais o

que fazer para passar. – O Gato sobe no seu colo e coloca a pata dele no meu braço.

– Acho que o Gato não gosta de mim com o Otávio.

– O Gato? Não. A única pessoa que ele não gosta perto do Otávio é o Noah, mas eu acho que em qualquer situação ele não gosta dele. Então nem dou mais bola da briga entre os dois. Falando nisso, onde ele está?

– Acho que saiu com a Sarah e o Yago.

– De certo foram levar o JB para passear e....

– Chegamos! – A porta se abre e a Liv e o André entram.

Levo um susto ao ver a barriga da Liv estando bem maior desde a última vez que eu a vi, há algumas semanas atrás. Novas imagens começam a brotar na minha cabeça e eu imploro que pare. Tudo que eu não preciso hoje é uma queda livre na autodepreciação.

– Homens lá em cima? – André questiona após soltar a mão da Olívia.

– AC e Luiz sim, Noah está com Yago e Sarah.

– Então vou para lá. – O casal troca um beijo. André sai que é parado pela Fofinha que explica, novamente, que ela e o Antônio estão de castigo.

Otávio se mexe no meu colo, suspira alto e volta a dormir, levando nós três a rir. Elis aparece na sala com os cabelos molhados e uma roupa diferente.

– Desculpa, Carla. Mas aproveitei de ti para tomar um banho. Sabe como estas oportunidades são raras?

Murmuro um sem problemas e continuo a observar o Otávio dormindo no meu colo tranquilamente. AC aparece na sala e liberta as crianças do castigo. Conversa com elas dizendo, mais uma vez que não podem dar comida para o Otávio assim, e ambos vem dar um beijo no “Bitinho” e pedir “deculpa” para ele que está no décimo sono no meu colo.

– Vou usar a Carla de berço hoje. – Elis brinca quando me pergunta se eu quero entregar ele.

– Não dou bola. – Brinco.

A sensação de ter uma criança no meu colo é indescritível. Arrebenta com o meu psicológico completamente, mas me traz uma espécie de anestesia para a minha alma, depois de tanto que eu já sofri por causa da minha condição.

Sei que no momento que eu sair daqui, vou desatar a chorar. Ainda estou com os meus nervos à flor da pele, como se fosse uma TPM constante. E não preciso de muita coisa para chorar ultimamente, porém, sempre que desmorono, prefiro ficar sozinha para não preocupar ninguém. Um dia isso passa.

Otávio se remexe no meu colo se espreguiçando e acorda. Ele dá um sorriso para mim e eu fico encantada com ele fazendo isto, até me perco no meio da conversa que elas emendam tão animadamente. Não noto o Noah chegar, as crianças brincarem e muito menos o tempo que se passa.

– Acho que está na hora de trocar as fraldas dele. – Elis fala me acordando do devaneio que

eu entrei. – Ou tu vai fazer isso também, Carla? – Ela ri e estica os braços para mim.

– Eu posso? – Questiono com um quê de esperança.

– Minha filha, nem precisa pedir! – Elis fala e eu levanto animadamente em direção ao quarto do Otávio com ele nos meus braços.

Nunca troquei uma fralda na minha vida, mas fiquei tão empolgada com a possibilidade que aceitei sem pensar duas vezes. Passei um pouco de trabalho, mas o meu pequeno cobaia me ajudou ficando quieto quando eu precisei. E depois do trabalho feito, eu comecei a brincar com ele no seu quarto com alguns brinquedos que havia ali.

Me deitei ao seu lado, acariciei os seus cabelos, beijei suas mãos delicadamente, e pude sonhar, por algumas horas que era mãe.

Adormeci com o Otávio ao meu lado, e fomos despertados quando a Elis veio a nossa procura.

– Pensei que tu ainda estava brigando com as fraldas dele. Eu, Su e Liv começamos a conversar e nem percebemos a hora passar. Aposto que a comida já deve estar quase pronta lá em cima, as crianças estão com fome, e eu também.

Elis pega o Otávio no colo e vamos até a sala novamente. Eu ainda estava meio desorientada por ter dormido e com uma ponta de inveja que o Otávio não está comigo. Me sento novamente ao lado da Su enquanto ela e a Liv falam sobre peso que ganharam na gestação.

– Eu parecia uma bola. E olha que eu já sou uma, mas quando estava grávida da Fofinha eu me superei.

– O obstetra disse que eu estava ganhando peso normal, mas estou achando a minha barriga grande.

– É porque tu é magra. Tipo, – Elis fala começando a amamentar o Otávio – eu virei uma melancia encostada em uma vareta. Nem peito eu tenho.

Penso em abrir a minha boca para falar que no início da minha gestação, eu fiquei com os meus doloridos e maiores, mas depois de falar isso, o que eu poderia dizer? Que sofri um aborto e a possibilidade de engravidar novamente é impossível para mim? A única oportunidade de ser mãe que eu tive, foi esse tempo que eu tive o Otávio nos meus braços?

A conversa continua a rolar e eu fico em um beco sem saída. Minha mente começa a me trair com imagens de bebês no meu colo, crianças chorando, e a última coisa que eu me lembro antes de apagar na mesa da curetagem. O médico retirando as mãos de dentro de mim e o sangue nas suas luvas.

– Carla? – Su me chama. – Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem?

Sinto o meu rosto molhado e percebo que comecei a chorar sem querer. Limpo as lágrimas dos meus olhos e saio correndo para o banheiro. E lá dentro eu desabo em um choro nada silencioso.

– Carla, do céu, o que aconteceu? – Escuto a Elis gritando do outro lado da porta. – A fechadura deste banheiro não funciona desde que o AC arrombou a porta porque o Antônio se trancou aí. Nós vamos entrar.

E não dá outra, em menos de dois segundo as três estão me consolando.

– Conta para nós o que houve. – Liv fala.

– Quer que alguém chame o Luiz? – Elis questiona sentando no vaso e continuando a amamentar o Otávio.

Nego com a cabeça e tento encontrar uma explicação para o que aconteceu comigo.

– Ultimamente eu não ando no meu melhor estado psicológico. – Liv assente para mim, sabendo mais ou menos o que eu passo.

– Sei como é isso. Mas uma coisa que aprendi depois de tantas crises e medo é que não precisamos guardar dentro de nós o que te aflige. Nós somos tuas amigas, e o Luiz é um ótimo ouvinte. Esses dias eu estava meio para baixo com algumas coisas e ele me deu uma força enorme.

– Eu sei. Já conversei com ele sobre isso.

E depois disto eu conto para as três, dentro do banheiro, tudo o que eu passei. Elas me escutam em silêncio deixando eu contar cada passo que tomei, cada ação que fiz e tudo o que passei. Chorei em mais algumas partes, vi elas limpando as lágrimas e acabei de falar sentindo as três olhando para mim e o Otávio arrotando.

– A gente sempre soube que tu passou por alguma coisa, Carla. – Su é a primeira a falar. – Mas nunca imaginei que fosse uma coisa deste tipo.

– O Luiz sabe? – Aceno com a cabeça.

– Conte para ele depois de um acesso meu quando o Otávio nasceu.

– Se a gente soubesse, não teríamos falado como umas matracas sobre isso, Carla. – Elis tenta se desculpar, mas não aceito.

– Sempre lidei com a situação muito bem. Gosto de crianças e vocês duas sempre estão falando dos filhos. Me acostumei, mas de uns dias para cá a coisa vem se tornando mais complicada de se lidar.

– E adoção, Carla? Já pensou nisso? – Olívia é a primeira a tocar no assunto.

– Muito. Mas não consigo me ver mãe assim. É complicado, tenho medo de falhar ou coisa do tipo. Sei que tenho exemplos ótimos de como funciona, mas lá dentro de mim fosse como se quando chegar a minha vez, tudo vai ser tirado de mim novamente.

Levanto e vou até a pia lavar o meu rosto.

– Eu e o Luiz conversamos sobre isto seguido. Ele meio que me tem como uma paciente e disse que é normal eu sentir este medo, já que passei por tudo isso, mas preciso confiar em mim mesma. Ainda estou pensando na ideia de entrar com os papeis de adoção. Sou nova ainda, como ele mesmo disse, e quando eu estiver pronta vou dar entrada sim.

– Isso aí, e enquanto isso, pode treinar com o Otávio, ou qualquer um daqui. Pode colocar o nome deles em um potinho e sortear. Tem de todas as idades e tipo. Vai ser um treino e tanto. – Elis fala e eu sorrio.

Somos interrompidas pelas crianças que já estão chiando de fome e encerramos o assunto,

e misteriosamente, eu fico mais tranquila e com a minha alma mais leve.

Capítulo 42

– O que tu está fazendo? – Vivi me pergunta.

– Tirando a roupa para entrar na piscina. Mas estou te escutando bem, pode continuar a falar. – Continuo o trabalho árduo de tirar a roupa com apenas uma mão e quase caio quando me enredo nas calças.

– Continuando o assunto. Teu irmão apareceu aqui na porta da minha casa, como um cachorro abandonado em um dia de chuva. Ele não ligou nem para avisar que viria. Perdi a chance de dizer que eu estava acompanhada, ou coisa do tipo.

– Que maldade! Ah, merda! O piso está quente e eu descalços! – Corro até a piscina e sento na escada com a metade do corpo submerso. – Agora sim, bem melhor.

– Eu vou te bater se tu não parar de me interromper.

– Tu não tem como me bater porque eu estou bem longe de ti, e outra, eu estava me queimando. Pode falar agora, meu irmão chegou na tua casa como um cachorro perdido, não ligou nem para avisar que estava indo e tu não teve tempo de mentir que estava acompanhada ou coisa do tipo. Viu como eu estava prestando atenção? – Começo a rir.

– Seu idiota. É sério, o que eu faço com ele aqui?

– Sei lá, o ex-marido é teu. Amarra ele na cama e se lembre dos velhos tempos. Ah meu Deus, eu não acredito que eu falei isso, agora estou imaginando o Beto amarrado na cama. Jesus, como eu apago isto da minha mente?

– Bem feito, quem mandou falar merda. Agora aguenta. Ele saiu com a Júlia, tem noção como ela está nas nuvens com isso? Chegou a dar uma dor no meu coração quando ela viu o pai parado na porta dizendo que ia passar uns dias aqui.

– Pode ser a oportunidade que faltava para se redimir, Vivi. Ele me disse isto e me perguntou o que poderia fazer para reconquistar vocês duas e eu disse que ações valia mais que palavras. Acho que ele entendeu o recado desta forma e resolveu fazer uma visita.

– E aí eu fico perdida sem saber o que fazer.

– Então trata de te encontrar aí. Conversem, tentem não se matarem na frente da Júlia e se acertem. Ou acabem com tudo de uma vez. Acho que ficar nesta coisa que vocês andam não é nenhum pouco saudável para ninguém. Posso não me dar muito bem com o Beto, mas sei ver quando ele está mentindo ou coisa do tipo, e atesto que não vi nada disso quando falei com ele. Só depende de vocês pararem de serem cabeças duras.

Falo e a linha fica em silêncio. Ouço a Vivi suspirar e desligar o telefone na minha cara. Pelo menos foi melhor que da última vez, ela chorou e me chamou de sem coração e outras coisas. Dois dias depois estava me ligando de novo sem saber o que fazer.

Sei que ambos têm alguns anos de remorsos, brigas, ofensas e muitas coisas para resolverem. Mas ajuda muito se um deles ceder e aceitar o outro, e pelo o que eu vi, o Beto já começou a fazer. Falta um pouco de boa vontade da Vivi em afrouxar um pouco e eles se acertarem.

Mando uma mensagem para ela explicando isso e recebo um emoji revirando os olhos, melhor que o do dedo do meio. Um raio de luz de esperança brilha no fim do túnel.

O portão da minha casa é acionado e o barulho da moto da Carla me faz parar tudo. Ela estaciona no meio do pátio, deixa o capacete em cima do banco e, assim como eu, começa a tirar a roupa enquanto caminha em direção à piscina.

– Strip-tease no meio da tarde, como não amar. – Ela desdenha de mim e me beija. Entrego o meu celular para ela colocar em cima da mesa junto com as suas roupas e me atiro dentro da água logo após que ela pula.

Nado até ela e a puxo para perto de mim. Grudo o corpo dela no meu e a beijo diversas vezes.

– Como foi a reunião?

– Ótima. Fechei mais um contrato. – Carla enlaça as pernas dela na minha cintura. – E o teu?

– Meus parabéns, rainha dos eventos. O meu foi chato. Clinicar nunca foi o meu forte. A maioria dos meus pacientes no consultório realmente não têm problemas graves. As pessoas passam por um mínimo problema e já querem tomar remédios para ajudar a sair da crise, sendo que eles nem estão mesmo. Parece que os remédios são as curas milagrosas para ser feliz.

– O erro da sociedade. – Carla faz e se atira para trás.

Ela se solta de mim e volta para a superfície. Um sorriso e eu percebo alguma coisa diferente nela. Mas nada comparado ao que eu vi quando ela apareceu na minha frente esses dias lá na casa do AC. Olhos inchados de quem havia chorado e um pouco mais reclusa do que o normal.

Assim que coloquei os meus olhos nela, eu soube que alguma coisa estava errada. E o modo que a Elis me olhou, não negou nada. Quando eu questionei a Carla, ela me negou e disse que estava tudo bem. Eu posso ser velho e cego, mas nem tanto ao ponto de não notar a diferença da Carla que eu larguei lá em baixo para com a que subiu depois.

Ela passou a noite toda conversando com a Olívia. Outra coisa que eu desconfiei muito, já que a Liv, nestas junções que nós fizemos, sempre tenta se misturar com todos. E naquela noite as duas estavam conversando muito de perto, como se confidenciassem um segredo.

Só pude, realmente, questionar a Carla, depois que a Sarah e o Yago imploraram para que eu fizesse pipoca para eles, já que a minha era incomparável. Arrastei a Carla para a cozinha e fiz ela me falar o que havia acontecido.

Receosamente, e com um misto de vergonha, ela me confidenciou que havia revelado o seu segredo para as meninas, depois do episódio de choro que ela se meteu. Mais uma vez o meu coração sangrou junto com o Carla sobre o seu pesar.

Se eu, que já sou pai, sofro cada vez que ela toca no assunto, não quero nem imaginar a dor dela. Conversamos muito sobre esse assunto, tento levar mais pelo meu lado profissional do que namorado nessas vezes. Escuto, induzo ela a falar sobre seus sentimentos em relação a tudo isso e deixo ela desabafar, como nunca fez com outra pessoa.

Minha opinião, quanto a isto tudo já está formada. O mal já foi feito e nada poderá reparar a cicatriz. Por mais avançada que a medicina hoje possa ser, não há possibilidade dar à luz a uma criança por vias naturais. Infelizmente não tem como mudar. Ela pode recorrer à barriga de aluguel, caso queira um filho biológica, só achar alguém que se prontifique a ser uma. Mas os trâmites legais para tal coisa ainda são burocráticos no país. Começando pelo fato que para que isso se realize, a pessoa que doaria o seu útero, teria que ser parente em até segundo grau dos doadores genéticos.

Então, vista de todos esses percalços, a via mais aceitável e menos traumática, seria a adoção. Mas ela ainda tem alguns receios sobre esta questão. Todos eles ainda vão cair por terra, eu tenho mais certeza a cada dia que passa. A Carla recém está lidando com a tal seriedade que merece. Antes ela só empurrava com a barriga, pensaria quando chegasse a hora, e agora, ela começa a se aproximar.

Seu estado de nervos atuais, acredito que seja por isto. E sinceramente, gostei de saber que ela se abriu para as gurias naquela noite. É mais um passo em direção a aceitação, um grande pulo para a recuperação e uma jornada a menos para que ela tome a decisão que tão necessita. Ela nem imagina o quão bem isso irá fazer para ela.

– E tu? – Ela volta a se aproximar de mim. – Ansioso por amanhã?

– Um pouco. – Minto.

Estou muito ansioso por amanhã. A essa hora vou estar indo para o aeroporto buscar a minha filha. Nem sei como vou me segurar até lá. Preciso encontrar alguma coisa para me distrair até lá.

– Te conheço e não é de hoje. Não sei como ainda tu não começou a te arrumar para ir até o aeroporto.

– Digamos que sabia que tu viria para cá e resolvi aproveitar mais o último dia sozinho em casa contigo. Porque depois só vamos fazer programas a três, e eu duvido que eu consiga fazer isso – tiro os cabelos molhados da Carla e começo a beijar ali – e isso. – Desço a alça do seu sutiã rosa com alguns ursinhos estampados.

– E eu tenho uma péssima notícia para ti. Já fui convocada para dormir em casa esta noite.

– Como? – Paro o meu trabalho no meio do caminho em direção à felicidade. – Acho que a água afetou o meu aparelho de surdez.

– Não afetou não. Escutou bem, tenho que dormir em casa. – E aproveitando a minha síncope, ela se desvencilhou de mim.

– Calma aí. Que história é esta? Vai me abandonar hoje? Nossa última noite sozinhos em casa?

– Quem te vê falando vai imaginar que a gente nunca mais vai ficar junto.

– Longe disso. – Me apresso em dizer. – Mas é que com a Luiza em casa não dá para dar amassos fenomenais no sofá e nem no meio da piscina. Acho que a minha filha não precisa presenciar certas coisas.

– Também concordo. Mas não posso desobedecer uma ordem tão direta assim. Não adianta

ficar me olhando com esta cara de mendigo coitado.

– Vou fazer a barba amanhã ante de sair, eu juro. Mas ainda não entendo do porquê disto. – Carla me dá um sorriso com mil e um significados.

– Ok, tu tem duas opções. – Ela vai até a escada e começa a sair da piscina. Se enrola em uma das toalhas que eu trouxe e olha séria para mim. – Ficar se lamentando aí dentro, ou aproveitando o tempo que ainda temos.

E eu saio da piscina pela borda mesmo, sem nem me dar ao trabalho de nadar até a escada.

.

– Tu vai sair com essa roupa? – Percorro os meus olhos pelas pernas nuas dela e a coisa maior um pouco que um cinto, que ela chama de saia.

– Nem está curta. – Ela puxa um pouco mais para baixo, mostrando um pouco da sua barriga, porque a blusa não é tão comprida assim. – E tu, vai sair assim? Com essa calça te deixando com uma bunda gostosa.

– Eu tenho uma bunda gostosa? – Olho para a minha bunda. – Nunca percebi isso.

– Tem sim, da última vez que saímos tinha umas duas mulheres cochichando sobre ela. Tive que te puxar pela cintura para elas pararem de comentar assim. – Ela volta a passar o lápis no olho.

– Então vamos ser o par de bundas gostosas da noite. Já está pronta?

– Acho que sim. Vamos?

– Primeiro uma foto no espelho. – Pego o meu celular e entrego para ela.

Abraço a Carla por trás, e quando ela está pronta para tirar a foto, eu mordo a sua bochecha, fazendo com que a foto fique comigo com uma cara de louco e ela rindo de mim.

– Perfeita. – Posto a foto e saímos para o bar.

O plano é o seguinte: encher a cara e dançar. Voltar para casa, eu para a minha e a Carla para a dela, não que eu tenha digerido isso, antes do sol nascer. Simples, prático e quase impossível de se esquecer.

Caminhamos de mãos dadas até o bar, nada de carro, ou moto, para nós hoje. O garçom Luiz, meu tocaio, quando nos vê já entrega um copo gelado e uma garrafa de cerveja para nós. E aí, começamos os trabalhos cedo.

Dançamos, bebemos, comemos, bebemos, dançamos mais um pouco, demos uns amassos comportados no meio da pista de dança, outros mais ousados no canto, cantamos no karaokê e bebemos mais ainda.

O ambiente fechado e com alta concentração de fumaça e o gelo seco nos faz suar por todos os cantos, mas nem por isso nos entregamos. Sinto os olhares sobre a Carla em todos os cantos do bar, os homens babam nela e eu sinto um orgulho neanderthal todas as vezes que ela se vira para mim e me beija no meio da sua dança.

Chupa sociedade, a novinha está com o tiozão e não é por dinheiro. E sim porque eu sou fodão e ela me ama, e eu amo ela!

Perdi as contas de quanto nós bebemos, só sei que estamos caminhando nos agarrando um no outro e rindo como se não houvesse amanhã. Até tive que me sentar no cordão da calçada para conseguir parar de rir de alguma coisa que eu nem lembro o que é.

– Vamos, Luiz! – Carla me puxa por uma mão. – Levanta daí e vamos!

– Eu não consigo. Senta aqui do meu lado. – E ela se joga meio no meu colo, meio no cordão da calçada.

Carla enlaça os braços no meu pescoço e se escora em mim.

– Lembra da primeira vez que fizemos este trajeto? – Ela geme que sim. – Eu já sabia, lá no fundo do meu ser, que tu era a mulher da minha vida.

– Ouuunnn – suas mãos apertam as minhas bochechas. – Coisa fofa da Carlinha. Meu véio carente.

Deito a minha cabeça no seu peito, e me sinto no paraíso, literalmente.

– Agora levanta de uma vez! – E ela pula do meu colo tão rápido que os meus olhos podem acompanhar.

Continuamos o nosso caminho até o portão da sua casa. Ainda estou meio tonto, mas consigo ver a Carla na minha frente. Me despeço dela com inúmeros beijos e a promessa de que amanhã ela irá comigo ao aeroporto buscar a Luiza. E só depois disso, eu sigo caminho, sozinho para a minha casa.

Caio na cama depois de um banho rápido para tirar o cheiro do suor do corpo. Me xingo por ter trocado a roupa de cama e não ter mais o cheiro da Carla no travesseiro ou no lençol, mas não consigo ficar bravo comigo mesmo por muito tempo, pois caio no sono profundo.

,.

Sinto uma coisa pulando em cima de mim. Uma risada familiar, mas ao mesmo tempo distante. Me esquivo para voltar a dormir mais um pouco e a coisa em cima de mim se movimenta. A risada aumenta e eu percebo o nível de bêbado que eu estou. Ela é igual à da Luiza.

Sinto cócegas no meu corpo e me parabenizo, bebaço a ponto de estar sentindo cócegas. Atingi um novo nível até para mim. A risada da Luiza se intensifica, até que eu não aguento mais e abro os olhos.

– Oi pai! – Uma avalanche de braços e cabelos se agarra em mim.

Não pode ser!

Não...

Simplesmente não posso acreditar!

– Luiza? O que tu está fazendo em casa! – Abraço a minha filha e não consigo evitar de chorar.

Me sento na cama com a minha vida nos meus braços. Ela me solta e eu coloco a mão no seu rosto para senti-la.

– É tu filha? Sério isso?

– Seríssimo! O que mais poderia ser, hein, meu véio? Uma alucinação? Claro que sou eu! Em carne e osso! Mais carne do que osso!

– Eu dormi tanto que perdi o teu desembarque? – Procuro meu celular e vejo que passa um pouco das seis da manhã. Caralho, eu dormi por mais de um dia?

– Não, pai. Meu voo até o Brasil foi adiantado e eu peguei outro até aqui mais cedo! Surpresa!

E eu realmente começo a chorar novamente abraçada na minha filha e ainda um pouco bêbado.

Capítulo 43

Não consegui curar o meu porre dormindo. Depois de chorar agarrado na minha filha, de tanta saudade que eu estava, ela se deitou ao meu lado e adormeceu de cansaço da viagem. E eu fiquei meio acordado rezando para que não fosse um sonho e realmente a minha filha estivesse de volta, dormindo na minha cama, como ela sempre gostou de dizer.

Cama dos pais tem um imã para os filhos, e no caso da Luiza é um super-bonder mesmo.

Levantei depois das dez da manhã. Eu percebi, como bom brasileiro que sou, que deixei tudo para a última hora. Não tinha nem uma migalha em casa para os ratos, ia ao mercado hoje pela manhã para fazer uma generosa compra para tornar a casa habitável.

– Pai? – Luiza acorda.

– Fica aí que eu vou até o mercado comprar algumas coisas. Vai querer o que de almoço?

– Feijão, arroz branco, bife acebolado e batata-frita. Ah e uma Coca-Cola bem gelada.

– Nem sei porque eu ainda pergunto. – Me aproximo dela e beijo o emaranhado de cabelos em cima do seu rosto.

– E pai, antes do almoço, vai fazer essa barba!

– Ok, já estou indo!

Fecho a porta do quarto e cumprio a minha promessa. Faço a barba e me despeço do meu look projeto mendigo. Desço as escadas e começo a perceber a presença da Luiza em cada cômodo que passo. As malas perto da escada, o celular em cima da mesa do telefone do outro lado, chaves em cima da mesa e os sapatos jogados perto da porta.

Bem-vinda ao lar, filha.

Nem comento da saudade que eu estava de ficar de bunda para cima catando os rastros dela pela casa enquanto crescia, senão é capaz da Luiza achar isso um convite para fazer toda a bagunça que não fez enquanto estava fora.

Mando uma mensagem para Carla dizendo que o plano das duas funcionaram perfeitamente. Se ontem eu estava desconfiado que a Carla estava me escondendo alguma coisa, eu, mais uma vez, acertei. A Luiza contou para ela que chegaria mais cedo e pediu para a Carla me dar um cansaço daqueles para que eu não acordasse quando ela chegasse às escondidas. E a Carla fez o seu trabalho direitinho. Acho que as duas vão unir forças contra mim...

Corro até o mercado e compro as coisas que preciso para o almoço.

Ligo a música do meu celular e começo a cantar enquanto cozinho para a minha filha. Faço o prato que ela pediu, e quando estou pondo a mesa para nós dois, ela aparece na cozinha, de pijama e uma cara de sono.

– Acordei pelo estômago! – Ela vem até mim e me abraça. – Agora sim reconheço o meu véio, sem aquela barba horrível.

– Não entendo a implicância de vocês com ela. Estava um estilo legal, queria começar a fazer um bigode decorativo, enrolado na ponta com gel e tudo.

– Que ridículo, pai! Não inventa de fazer isso.

– Pronto, já basta uma me falando isso todos os dias, agora vou ter duas.

Luiza me dá um sorrisinho sarcástico.

– Bom saber que a Carla tem bom gosto. – Trago as panelas para cima da mesa e começamos a nos servir. – Falando nela, pensei que ela estaria aqui para almoçar.

– A Carla? Aquilo é bicho do mato. Tem medo de gente. Para levar ela para a casa dos pais da Elis, sendo que elas se conhecem há anos, foi um parto. Contigo aqui, lá por semana que vem ela aparece, se deixar.

– Sério, por que? – Dou os ombros.

– Louca de pedra. – Luiza ri de mim. – Brincadeira, mas ela parece que tem medo de gente mesmo. Mas eu convenço ela até o final da tarde a aparecer aqui.

– Que ótimo, não vejo a hora de a conhecer!

Por Carla

– Alerta, NoivaZilla Rex acionado. – Um dos meninos da organização me fala e eu chego a gemer.

Detesto quando elas ficam paranoicas um dia antes do casamento. Dá vontade de pegar a cabeças delas e grudar na parede. Ainda mais em um casamento que está sendo organizado há mais de seis meses. E sendo que desde o mês passado que a noiva deu o ok de cada detalhe, eu mesma que fui até esta reunião. Então qual é o problema desta vez?

Caminho até o escritório e escuto duas risadas muito cúmplices. E quase sou atropelada por dois baixinhos.

– Tia Carla! – Fofinha abre os braços para mim e eu me agacho para abraça-la e beijá-la.

Antônio faz a mesma coisa e depois deste pequeno desvio de atenção, os dois partem em direção ao salão onde estão arrumando a decoração para um aniversário e os brinquedos já estão todos armados. Abro a porta e encontro uma Su com aquela expressão pronta para matar um na sua frente.

– Hey. – Falo calmamente e deixo ela respirar umas cinco vezes antes de me responder.

– Eu vou matar aquela mulher. – Tento esconder o riso, mas não consigo.

– Precisa de ajuda? A Elis deixou umas facas aqui na cozinha, e elas estão bem afiadas...

– Não me dá ideia, Carla. Capaz de eu levar uma na minha bolsa. Deve caber umas três dentro dela.

Su chega até a sorrir com a possibilidade. Me sento na sua frente e começamos a trabalhar. Repassamos todos os passos do casamento e do aniversário, conversamos sobre eventos futuros e também se eu estava bem depois do que aconteceu na casa da Elis naquele outro dia. E aí eu travo.

– Carla, tu é quase como uma irmã para mim. Te conheço há muito tempo, e eu e a Elis

estamos bem tristes em não termos percebido que havia alguma coisa contigo.

– Vocês são as minhas patroas...

– Já passamos disto. – Su me corta. – Somos mais que isso, Carla. Tu é uma vaca para mim. – Sorrio em lembrar que esse é o apelido carinhoso entre ela e a Elis.

– Eu também considero vocês umas vacas. – Digo com o meu coração aberto.

– Então chega de segredos entre nós e.... – A porta se abre e as crianças entram como dois furacões. – Ah eu até já tinha me esquecido que estava com vocês. – Su olha para mim. – Elis foi levar o Otávio no pediatra, ele fez vacina e estava com febre.

– “Cabitinho” dodói. – Antônio diz. – Peleleco não deu mais leite com “chocoiate” “pa” ele.

– Nem a Fofinha. – A menina complementa.

– Isso aí, nenhum dos dois deu mais leite com chocolate para o Tavinho. E agora o que eu faço com vocês dois? O AC ainda vai demorar um pouco para chegar e o Noah está na escola com os outros. Tenho que me encontrar com a Noivazilla Rex em meia hora.

– Deixa eles aqui comigo. – Digo.

Su chega a me olhar com os olhos brilhando.

– Sério? Posso deixar os dois por um tempo? Até eu matar a mulher e acabar com os vestígios?

– Não é melhor o casamento acontecer, ela nos pagar e depois a gente faz isto?

Su levanta, dá um beijo nas crianças, diz que eu estou no controle e antes de sair se vira para mim.

– Bem pensado. Vou esperar o noivo pagar o resto da festa e depois acabo com ela. – E fecha a porta me deixando com os dois pequenos.

Levo eles para o salão e começo a ajudar na montagem dos enfeites para o aniversário. Um olho na decoração e outro nas crianças, para tirar eles de cima da mesa dos convidados, não enfiarem as mãos nas toalhas limpas e, principalmente, pararem de roubarem doces das caixas que estão chegando.

– Suas formigas! – Pego os dois nos flagra. – Comendo doce de novo? As mães de vocês vão me matar.

– “Chocoiate” é bom, tia Carla. – Fofinha me fala, vai até a caixa e me coloca na boca um.

– Hmmm é bom sim, mas não podem comer tudo. Deixem um pouco para as outras crianças que vão vir.

Dou mais dois doces para cada um e disperso a atenção deles para outras coisas. Consigo mais alguns minutos de paz, mas logo sou solicitada para participar da farra na piscina de bolinha, e depois, da cama elástica com as crianças.

Chego em casa moída de cansada. Estaciono a minha moto na garagem de casa e encontro o meu irmão sento na beira da piscina tomando uma cerveja.

– E aí, Patotinha. Como foi o dia? – Retiro a garrafa da mão dele e termino de tomar o resto.

– Tu pode estar bebendo? Já acabou o remédio?

– Me livro de uma e a outra vem me incomodar. – Coloco a língua para ele.

– Meu dia foi cansativo. – Digo respondendo a sua pergunta. – Cadê a mãe?

– Consegui fazer ela sair de casa. – Ele aponta para a garrafa vazia. – Pega outra lá dentro e entra dentro dessa piscina. Estou derretendo só de te ver nessas roupas.

E eu faço exatamente isso. Visto um biquíni e pego mais uma garrafa. Abro do estilo Carla de abrir garrafas, com os dentes, e tomo um pouco antes de entregar para o meu irmão.

– Ainda vale dois reais fazer isto? – Ele ri.

– Nem me lembra que eu fazia os meus amigos te pagarem para fazer isso. – Di toma um gole.

– Bons tempos. – E assim, entramos na piscina.

Ficamos de bobeira até o sol se pôr por completo. Senti falta deste tempo com o Diego. Ele foi o meu único amigo durante anos. Aquele que eu podia contar, não tudo, mas boa parte do que eu sentia e passava. Ele foi o melhor irmão/amigo/ouvinte que alguém poderia ter.

Ainda me lembro da dor que senti por um bom tempo depois que ele saiu de casa para assumir o seu concurso. Ligava chorando para ele todos os dias, pedindo para ele voltar para casa. Realmente eu fiz uma tortura psicológica no meu irmão até me acostumar com a sua falta em casa.

– Teu telefone está tendo um ataque aqui, Patotinha.

– Para de me chamar assim, Di. Já convenci o Luiz a não me chamar assim, agora só falta tu.

– Como tu conseguiu essa façanha?

Nado até ele.

– Digamos que eu tenho um vídeo dele cantando Dancing Queen do ABBA, isso cala a boca de qualquer um.

Diego começa a rir.

– Boa, Maninha.

– Tenho por quem puxar essa mente brilhante. – Diego me puxa, com o braço que não está machucado e em beija na testa.

Saio da piscina, seco as mãos e pego o meu celular da minha mochila. Vejo as milhares de notificações do Luiz, desesperado atrás de mim. Dezenas de ligações, sem exagero, e quando abro as mensagens, meu celular quase tranca.

Luiz: Onde anda o meu amor o que será que aconteceeeeeeeeeeeeeeeeeeu? Andará pensando em mim, ou será que me esqueceeeeeeeeeeeeeeeeeeu?

Luiz: Cadê tu, Guria?

– Ele é um cara especial. – Sorriu para ela, e noto à similaridade impressionante dos olhos

dela com o do seu pai.

– É sim e tu também. – Ela me abraça novamente. – Nós vamos ser boas amigas, Carla. Temos o mesmo propósito aqui. Fazer esse cara feliz e ele nos fazer ser as mulheres mais sortudas de todas.

E eu tenho que concordar com ela em todos esses quesitos.

Capítulo 44

– O que nós vamos jantar? – Pergunto. – Eu até fiz almoço hoje, mas a Luiza comeu tudo.

– Comi mesmo e estava bem bom. Por mim poderia ser a mesma coisa, pai.

– Não. Não vou para a cozinha de novo. – Me sento ao lado da Carla e apoio a minha cabeça no seu ombro. – Estou cansado de brigar com aquele jacaré.

– E eu vou para casa. – Diego fala. – Meu braço está começando a doer e eu quero dormir um pouco.

Ele troca um olhar com a irmã e se levanta. Se despede de nós e eu fico sozinho com as duas.

– Por que esse sorriso bobo aí? – Luiza me pergunta.

– Estou com as duas mulheres mais lindas do mundo. Uma minha namorada e outra minha filha. Preciso de mais algum motivo para sorrir? – Minha filha senta no meu colo, como se ainda tivesse seus cinco anos.

– Acho que não. – Ela beija a minha bochecha e antes de sair do meu colo, finaliza. – E eu estou morrendo de fome. – E sai para dentro de casa

– Normal. Essa sempre foi a palavra favorita dela. Fome. – Carla ri e ocupa o lugar da Luiza no meu colo.

E então, eu finalmente, consigo beijar ela decentemente hoje.

Meu coração está feliz. Cheio de sentimentos bons que há muito tempo eu não experimentava. Sempre quando a Luiza voltava para casa, ou eu a encontrava lá, era como se ainda faltasse alguma coisa.

Um vazio inexplicável, como se entre nós, sempre faltasse alguma coisa. E realmente faltava, e sempre vai faltar. Mas antes, era um fardo tão pesado que muitas pessoas não entendem o que significa carregar dentro de si.

A Joana sempre vai ser uma parte de mim. Devo grande parte do que eu sou hoje a ela. Nunca vou esquecê-la, até porque cada vez que eu passo tempo sem ver a Luiza pessoalmente, percebo como ela está parecida com a mãe. O jeito de andar, de observar as coisas, e até o modo de dormir enrolada e encolhida.

Acredito que esta semelhança era como uma faca no meu peito me lembrando de como eu sentia falta da Joana ao meu lado. Do modo como nós vivíamos a nossa vida sem dar explicações a ninguém, de como criamos a nossa filha e como eu sentia a sua falta todos os dias me dizendo e nos ajudando nos problemas que enfrentávamos.

Não posso dizer que isto é uma coisa ruim. Longe disso. Amo a similaridade entre a Luiza e a Joana. Sempre disse para a minha filha que ela se parece muito com a mãe, e era um motivo de felicidade tão grande para ela que eu falava isto sempre que eu tinha a oportunidade. Era uma forma que eu tinha de nós dois nunca esquecermos de como a Joana se parecia.

Lembro como a Luiza gostava de escutar isso nos primeiros anos após o falecimento da

mãe. Na sua cabecinha, era a melhor coisa do mundo. E quando os anos passaram e as lembranças da mãe já não era tão nítida, eu a levava ao espelho e dizia que se ela quisesse se lembrar com mais clareza do rosto da mãe, era só ver o seu reflexo.

Hoje mesmo, enquanto almoçávamos eu reparei o jeito da Luiza se portar à mesa. Tão idêntico que eu quase me senti de novo na idade da minha filha e era casado. Foi uma coisa tão intensa, e ao mesmo, pensada com tanto carinho e saudade, ao invés de um aperto no peito e a angústia me subindo à garganta quase em tom de desespero.

Isso me atingiu tão em cheio que posso classificar como uma epifania. A sensação de compreender que eu havia ultrapassado uma barreira quase intransponível e que tinha me custado doze anos de pesares.

Eu superei a morte da Joana. Ainda nem acredito que eu consigo pensar nisto com tanta tranquilidade e uma sensação de paz dentro de mim. Levei, quase em todo este tempo, a Joana comigo. Não a deixei descansar como deveria. Isto é irônico, porque é uma das coisas que sempre dizemos para os pacientes é deixar o passado onde estava e encarar um futuro. Contudo, como diz o ditado, santo de casa não faz milagre, em casa de ferreiro espeto é de pau, ou o meu favorito, faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.

Hoje, quando eu fechar os meus olhos antes de dormir, vou conseguir descansar sabendo que a Joana também está fazendo a mesma coisa. De um lugar com uma visão privilegiada de nós, e sempre, cuidando de todos que ficaram aqui, especialmente a nossa filha. Que agora está em casa.

Por Carla

Luiza resolveu jantar um lanche, daqueles que o Luiz, e pelo visto a Luiza também, é apaixonado. Grande, gorduroso, cheio de maionese, que faz uma bagunça quando se come, mas de gosto inconfundível. Estou estourando de tanto que comi, e briguei para o Luiz parar de olhar para o que eu não ia conseguir comer. Só de birra eu comi todo o meu.

Tenho quase certeza que eu vou passar mal essa noite, mas não podia perder para o guloso ao meu lado.

Resolvemos ir para a sala assistir um filme, já que nenhum conseguia se movimentar muito sem estourar de tanto comer. Luiz ainda trouxe os colchões lá de cima e nos espalhamos com o ar condicionado ligado no máximo.

Dormi alguns minutos depois, e senti um peso em cima de mim logo depois, o Luiz. Acordei no meio da madrugada sufocada com o peso dele sobre mim e empurro ele para o outro lado, como eu sempre faço.

– Como tu consegue dormir com ele roncando desse jeito? – Levo um susto com a voz no quarto totalmente escuro.

Esqueci por completo que a Luiza estava aqui.

– Que susto! – Escuto a Luiza rindo e se desculpando. – Meu pai é um trator também quando dorme. Meu quarto é perto do deles e o Luiz ressona perto dele.

– Sério? E eu achava que o véio aqui que fazia um estrago. – Ela faz alguma coisa no seu pai e ele resmunga e volta a quase me esmagar com uma perna dele em cima de mim.

Consigo me distanciar dele mais ainda e levanto para ir tomar um copo de água. E quando começo a me mexer, a Luiza me imita e sai atrás de mim para a cozinha.

– É ótimo estar em casa. – Ela fala abrindo a geladeira. – Mas até eu me acostumar com o fuso é uma coisa chata.

– Imagino. – Pego dois copos e ela nos serve.

Conversamos bastante hoje. Ela é muito parecida com o seu pai, um furação em pessoa, e que conquista a todos com apenas alguns minutos de conversa. Carisma nato.

Ela me perguntou mil coisas e enquanto eu tentava responder, ela continuava a falar e a cavocar coisas da minha vida. De qual era a minha turma na escola, já que quase frequentamos a mesma época, o nome de algumas colegas e os professores. Alguns nomes em comum surgiram na conversa e isto a deixou mais encantada ainda.

Ela me disse que depois que se mudou, perdeu o contato com qualquer amiga que tinha naquela época, e que pela primeira vez, teria alguém da idade dela para conversar e não ficar só reclusa a passar o dia com o pai e mais ninguém.

– Então, Carla. Teu irmão é solteiro? – Chego a me engasgar com essa pergunta tão direta.

– Como? Solteiro? – Tomo mais um pouco de ar. – Sim... ou melhor, não sei. Nunca falamos sobre isto, ele deve ter algum rolo lá por onde mora, mas nada oficial.

– Ele é bem bonito. Belo corpo, bem distribuído e... – ela percebe a minha cara de nojo. – Ah, sem essa, ou tu acha que ver tu e o meu pai se agarrando pelos cantos não é nojento. Ele é meu pai, eca.

Começo a rir e me sirvo de mais água.

– E ele é meu irmão.

– Imagina a loucura que seria. Eu seria a tua enteada e cunhada e tu minha madrasta e cunhada ao mesmo tempo. Que coisa, não é?

Pisco algumas vezes até perceber que eu não tenho o que responder depois desta frase tão complexa e perturbadora ao mesmo tempo.

– Eu estou brincando, Carla. – Luiza ri da minha cara de espanto. – Mas não sou cega, teu irmão é gostoso.

– Ok, chega de falar isso, ou começo a falar do teu pai. – Entro no jogo dela.

– Encerrei o assunto. – Luiza ergue as mãos em sinal de rendição. – Mas quero conversar sério contigo, Carla.

Meu coração, neste momento, dá indícios que pode falhar. É agora que a Luiza me esculacha em via pública e diz com todas as letras que eu não mereço o seu pai. Lá no fundo, eu sempre soube que era isso que ia acontecer no final das contas. A Luiza ia se opor ao nosso relacionamento, o Luiz ficar balançado com isto e tudo o que temos seria colocado em uma balança por ele e nem preciso ser a gênica da matemática, ou lógica, para saber para qual lado

tudo penderia. E no final, eu acabaria, de novo, no meu quarto, provavelmente voltando a escrever no meu diário e levando uma vida de aparências para as pessoas não pensarem que eu sofro tanto, mas no fundo é como se eu tivesse levado uma facada no peito que nunca vai cicatrizar, ou melhor, mais uma facada e....

– Hey, está pensando no que? – Luiza se põe na minha frente com os olhos iguais aos do pai, será muito cedo para começar a sentir saudades dos dias que as cores variam do azul até o cinza? – Meu Deus, Carla. Parece que eu acabei de dizer que o teu cachorro morreu. Vem cá.

Ela me puxa pela mão em direção ao seu quarto. Abre a porta e o ar infantil/adolescente nos invade. Luiza solta a minha mão, passa a mão pela estante dos livros até encontrar o controle do ar condicionado e ligar.

– Eu sempre amei o meu quarto. Foi um dos únicos lugares que eu não deixei o meu pai interferir. Ele pode parecer meio infantil, mas é cem por cento Luiza.

– Gostei dele quando vim aqui a primeira vez. Os livros na estante, a foto, tudo é exatamente a tua personalidade. Alegre e cativante.

– Minha opção nunca foi sair de casa, Carla. – Ela fala depois de um suspiro carregado de sentimentos. – Mas eu precisava fazer isto, e quando eu voltei das outras vezes jurava para mim mesma que só ia voltar quando realmente essa casa mudasse por completo.

Carla senta na cama e olha para mim e desdenha da minha cara de confusa.

– Senta aí.

Obedeço e ainda me agarro a um dos milhares de ursos de pelúcia espalhados.

– Eu amo o meu pai, Carla. De todo o meu coração mesmo, mas eu não aguentava mais ver ele vivendo só para mim e para o passado. Eu aceitei bem antes que a minha mãe havia morrido do que ele, consolei ele em cada aniversário, datas comemorativas e afins, e isto me matava por dentro. No fundo eu também queria ser consolada e me apegava ao fato de que fazendo isto com ele estava ajudando. Só que eu cheguei a um ponto de que não aguentava mais. Tudo nesta casa era voltado para a mãe, e já fazia oito anos que ela havia ido embora.

– Teu pai amava muito ela, Luiza. Não dá para esquecer um amor assim tão rápido.

– Eu sei, cresci escutando esta frase e blá, blá, blá. Por isto que eu fui, deixei o pai aqui e me aventurei do outro lado do mundo. Passei um bocado de trabalho, nem a metade das coisas eu contei para ele, mas precisava desta independência de dar para ele isso também. Nem que fosse por um tempo e depois que eu visse que o velho não teria conserto eu voltaria. E quase cheguei a fazer isto depois do segundo trimestre quando a dinda Vivi me ligou dizendo que o pai estava entrando em um estado de alcoolismo e se afundando.

– A Vivi me disse isso quando eu fiquei na casa dela. Até eu senti a dor do Luiz quando escutei o que ela me falava. Todo mundo tem um jeito de sofrer, alguns tentam passar por cima de tudo e acharem que está tudo bem, mas no fundo estão quebradas e outras se afundam em um sofrimento quase eterno.

Luiza assente e continua a falar.

– A Dinda não deixou eu voltar. – Ela admite. – Disse que isto era reversível e quando o

pai se desse por conta iria acordar para a vida novamente. E foi isto que aconteceu, ele fez novos amigos e eu consegui respirar aliviada e voltar a seguir a minha vida. Era um passo tão pequeno, mas ao mesmo tempo, tão grande que aquele ano eu voltei para casa. Conheci o AC e a Liv, eles são uns amores de pessoas, e não vejo a hora de conhecer a nova família deles, meu pai fala tão bem de todos. – Concordo. – Mas quando eu chegava em casa, ainda via uma boa quantidade do que eu deixei aqui.

– E foi por isto que tu não voltou mais? – Questiono e ela concorda.

– Tu deve estar me achando a pior filha do mundo, mas eu juro que tudo o que eu fiz foi para o bem dele. Assim como ele fez muitas coisas para o meu bem.

– Não estou te julgando, bem pelo contrário. – Luiza levanta os olhos para mim, um pouco espantada. – Tu queria ver a melhora do teu pai e conseguiu. Pelo menos ao meu ver.

– Sim! Comecei a notar algumas coisas diferentes nas conversas com ele. Era mais Luiz do que o pai protetor e o marido de luto constante. Era como se eu estivesse com outra pessoa e isto me fez tão feliz que eu não podia acreditar que estava acontecendo. Meu pai estava se virando bem, saindo com amigos, conhecendo mais pessoas e quando ele me disse que tinha te conhecido, nossa...! Foi o dia que eu fiquei mais feliz e preocupada ao mesmo tempo. – Ela ri. – Não me leva à mal, Carla, mas conhecemos a figura, não é?

Concordo e rio do comentário.

– Meu pai é todo coração e um pouco ingênuo, e ele pintava um quadro teu tão fantástico que eu cheguei a me perguntar se era verdade mesmo, ou ele havia descoberto o meu plano e estava me iludindo.

– Acho que se eu estivesse no teu lugar, faria a mesma coisa. – Concordo sem hesitar. Amo os meus pais, e se estivesse no lugar da Luiza, faria a mesma coisa por eles.

– E agora eu chego em casa e.... Uau, ainda nem posso acreditar que o meu pai está de volta. Sorrindo sempre, brincando e aprontando junto comigo e com quem estiver por perto. Isto me dá uma sensação de dever cumprido e com sucesso pleno. Tudo o que passamos sendo recompensado, depois de tanto sofrimento a felicidade. Eu sei que ele te ama, posso dizer isso com muita convicção, conheço aquele velho há vinte e dois anos, nunca vi ele assim.

– O Luiz foi a melhor coisa que me aconteceu. – Confesso. – Passei por alguns problemas também e estava quase no mesmo jeito que ele, só que ao invés de externar, como ele fazia, eu guardava para mim e nem me dava conta de como isso me consumia. O teu pai me ajudou, e ainda ajuda, a lidar com o que eu passei, e eu acredito que também ajudo ele às vezes.

Luiza dá um pulo na cama e fica de joelhos.

– Às vezes? – Ela desdenha. – Guria, tu não tem noção do que ajuda, Carla. E nem sabe como eu fico feliz, e tranquila, em saber que o meu vó está bem aqui e com uma pessoa que compreende ele tão bem. Todo mundo disse, lá onde eu trabalho, que nós duas íamos brigar como gato e rato, mas eu sabia que não ia acontecer isso. Já tinha uma bela ideia de como tu era e confirmada pela Dinda. Nós dois amamos aquele velho trator lá embaixo.

E a Luiza se atira nos meus braços para um abraço. Retribuo o afeto e ainda reitero.

– Amamos aquele velho, surdo e não consegue dormir sem estar em cima de ti o tempo

todo.

Luiza limpa uma lágrima que desceu para a sua bochecha e resolve dormir no seu quarto mesmo. Desço as escadas e vou até a sala onde o Luiz está atirado no chão e dormindo no meu lugar do colchão.

Me deito do lado contrário que eu estava, passo a minha mão pelo seu torso e me aproximo dele. Beijo as suas costas e sinto ele se mexendo à minha frente. Luiz geme, se esquiva e quando eu penso que ele dormiu de novo, ele se vira para mim e me abraça.

– Onde vocês duas estavam? – Ele murmura me apertando.

– Conversando um pouco. – Distribuo alguns beijos pelo seu rosto e pescoço.

– Estão unindo forças contra mim?

– Talvez.

– Hummm acho que vou perder feio essa batalha.

Não Luiz, bem pelo contrário, tu ganhou. Aliás, todos nós ganhamos.

Capítulo 45

– O que tu está fazendo dentro do meu guarda-roupa, Luiza? – Olho para o chão e encontro pilhas de roupas minhas atiradas no chão. – Por que tu está jogando elas no chão? Eu não vou juntar isso...

Ela atira outra pilha e sai de dentro do meu guarda-roupa embutido na parede. Sim, cabe uma pessoa dentro dele e ainda se esconder. Luiza aparece toda escabelada e com o rosto vermelho de calor.

– Estou tirando estas milhares de roupas que tu não usa há anos. O cheiro de coisa guardada nem sai mais das roupas e tem umas aqui que são da época que eu nem era nascida. Vamos renovar isto, não é?

– Mas....

– Nada de “mas”, pega um saco e vamos separar estas coisas. – Ela volta para dentro do guarda-roupa e me atira outra pilha de roupa, quase me acertando.

– Eu preciso estar aqui para que isso aconteça?

– Agradeceria se não estivesse. Assim posso separar as coisas sem tu ficar tirando e colocando no guarda-roupa de novo. Caramba, acho que encontrei o meu vestido de dez anos aqui. Como tu me deixou eu ir com essa coisa?

– E algum dia tu deixou alguém te dizer o que vestir? – Luiza ri.

Lembro até hoje as brigas aqui em casa sobre como vestir a Luiza, isto começou cedo, logo que ela descobriu que a mãe colocava as suas roupas em cima da cama antes do banho. Era uma briga diária, em várias edições, porque não bastava tirar o pijama e colocar alguma coisa para passar o dia, era preciso fazer um pequeno desfile de moda diversas vezes ao dia.

E quando eu, ou a Jô, a levávamos para fazer compras? Eu simplesmente sentava e deixava ela com a vendedora se entender. No final, quando tudo já estava escolhido, eu vinha e tentava convencer a Luiza de não levar certas coisas. Cada ano que passava eu perdia mais esta briga. Por isso fui um dos que pedi para o Gê não desistir do uso de uniforme na escola. Uma briga a menos já era uma vitória e tanta.

– Pai? Está aí ainda? – Luiza grita de dentro do guarda-roupa. Aviso que sim e quando ela sai com uma caixa pesada nas mãos, eu a ajudo a carregar e colocar no chão. – O que é isso?

– Não tenho a mínima ideia. Mas acho que os desenhos da caixa devem ser teus.

– Será que...? – Luiza se ajoelha e com as mãos tenta tirar a fita adesiva que lacrava a caixa. Fico na mesma posição da minha filha e ajudo ela a abrir. – Ahh... – Sinto a sua exclamação como um gemido e uma felicidade ao mesmo tempo quando ela abre a tampa. – Eu pensei que.... – Ela olha para mim com os olhos cheios de lágrimas. – Eu pensei que ela tivesse sido jogada fora.

– Para falar a verdade, eu nem me lembrava que ela estava aí. – Dou os ombros e ajudo a Luiza a retirar a antiga máquina de costurar que era da Joana, e onde a mãe ensinou a filha a dar os primeiros pontos.

Antiga, enferrujada e empoeirada. Este era o estado atual da coitada da máquina, que teve um bom descanso depois e anos sendo usada pela Jô e a Luiza.

– Eu devia ter o que? Uns seis anos quando a mãe começou a me ensinar? – Minha filha me pergunta limpando a lágrima que escapou dos seus olhos. Limpo a minha garganta, que de repente ficou estranha, e respondo.

– Acho que sim. Lembro que vocês duas ficavam horas em cima dela e a Joana morrendo de medo que tu te machucasse com a agulha.

– Sim, ela dizia que eu seria igual a bela adormecida se me espetasse. Iria dormir por cem anos. E eu acreditava, até hoje evito me machucar.

Rio, revivendo a cena na minha cabeça. A Joana contando isto para a Luiza, e ela, com a sua primeira década de vida incompleta, escutava com uma atenção extraordinária. Nem piscar ela se atrevia.

Luiza e Joana passavam boa parte do tempo em cima desta máquina costurando roupas. Lembro que uma vez encontrei a Luiza no telefone conversando com a Lena e ela dizendo para que a dinda trouxesse todas as roupas que estavam descosturadas que ela e a mãe iam arrumar. As aqui de casa já haviam acabado para o serviço. Claro que algumas a Joana teve que achar outra alternativa, já que a Luiza queria fazer sozinha, errava e acabava costurando de um modo que a roupa não servia mais. Mas conforme o tempo foi passando, a habilidade foi desenvolvida.

Ela não cobrava nada quando a Lena, ou a Vivi queriam pagar pelo seu trabalho. Poderia ter feito uma boa renda com isso, mas a Luiza queria mesmo era costurar e remendar as roupas. Quando a escassez de trabalho chegava, elas começaram a explorar outros ramos, como a confecção de roupas para bonecas e ursos. Acho que a Barbie e a Suzi nunca tiveram tanta opção de roupas como as aqui de casa. Algumas faltavam uma perna, braço, ou até mesmo cabelo e cabeça, mas o vestido era impecável.

Luiza e Joana iam à cata de pedaços de tecidos em lojas, e até mesmo, em outras costureiras para arrecadar. Ou então compravam os mais bonitos para os vestidos de festa das bonecas. Toda e qualquer moeda que havia pela casa iam para a caixinha de linhas da Luiza para comprar tecido e acessórios. Antes mesmo de me abraçar, quando eu chegava em casa, os meus bolsos e carteira eram revistado atrás de moedas.

Quando ela tinha vestidos suficientes, fazia um desfile de moda com as bonecas e promovia pequenas festas com as colegas, e aí começou o instinto de comerciante. Inúmeros pedidos de roupas de bonecas chegavam de todas as turmas e turnos da escola, assim que a sua “fama” começou a ser feita. Todas pagas à vista para que a Luiza pudesse comprar o tecido e ainda ter o seu lucro para comprar um aparelho de CD para o seu quarto. Ele me dava todo o seu dinheiro bruto, sem as moedas, no final de cada semana, para eu guardar no banco e assim foi até ela conseguir todo a quantia que precisava. E aos nove anos, a Luiza já era uma modista e empreendedora.

E depois que a Joana se foi, demorou um tempo até a Luiza voltar a se sentar sobre a máquina de costura da mãe para retornar aos trabalhos. O processo foi lento e doloroso para a minha filha, mas eu via que, por mais que sofresse, ela queria voltar à ativa.

E digamos que eu seja um pouco desastrado com roupa e tenha descosturado algumas

coisas enquanto ela estava na escola. Aí quando ela voltada, dizia que alguma camisa havia perdido o botão, ou descosturado em alguma outra parte. Acho que todo o pai faria isso pela sua filha. E eu não pensei duas vezes em meter a tesoura nas costuras das minhas calças favoritas algumas vezes.

Com quatorze anos, a Luiza pediu uma máquina nova de aniversário. Esta já estava antiga e, com a descoberta de moldes para roupas na internet, ela queria expandir o seu conhecimento e os modos de costura. Ela fez uma pesquisa meticulosa e me apresentou os modelos que ela queria, e eu, como um bom pai de uma ótima filha, não precisei pensar duas vezes em dar para ela queria. Mas me fiz de desentendido e não comentei nada até o dia do seu aniversário, e me conhecendo, a Luiza sabia que não me ganhava no cansaço de tanto repetir que queria tal coisa. Se eu dissesse não, não seria. Nesta ocasião, eu apenas assenti e não comentei mais nada.

No dia do aniversário, vi a expectativa nos olhos dela quando desceu as escadas, e ela caiu muito quando eu dei os meus parabéns e entreguei a pequena caixa com o celular novo, de última geração. Coisa que, naquela época, muitas crianças/adolescentes brigavam por ter um daqueles, mas não a Luiza. Ela queria a máquina de costura que estava escondida no meio das minhas roupas de cama.

A noite chegou e eu havia levado a Luiza para jantar em um restaurante da moda com algumas colegas dela. Chegamos em casa, já havia passado da meia-noite, e eu disse que deveríamos dormir na sala juntos, olhando algum filme. O plano era o seguinte: enquanto eu arrumava o colchão na sala, Luiza deveria buscar as roupas de cama e quando eu escutei o grito da minha filha, sabia que havia sido promovido a pai do ano naquele momento.

Subi as escadas e encontrei a Luiza chorando com a caixa da máquina de costura no chão. Ela não sabia se chorava, ria ou me abraçava com o presente que eu havia escondido dela. Logo o filme foi esquecido por completo, e a minha filha passou a noite em claro testando a nova máquina.

– Pai, acha que a mãe ficaria feliz com a minha escolha? – Ela me pergunta, me tirando das lembranças daquela época.

– Acredito que ela não iria se opor a nada, filha. Talvez à ida para a Europa, mas depois aceitaria como eu.

– Aposto que ela não faria tanto drama, meu véio. Isso sim. – Luiza se atira nos meus braços e beija o meu rosto. – Lembro de ti quase chorando no telefone implorando para que eu voltasse.

– Eu? Nunca fiz isto na minha vida. – Aperto a minha filha e faço cócegas nela.

– Fez sim! E ainda faz toda a vez que nos despedimos. Se bem que agora tu tem outra razão de querer eu fora daqui...

Ela lança um olhar com mil e umas intenções escondidas. Faço uma cara de desentendido sobre o assunto.

– Tu e a Carla, pai. Inicio de namoro e estas coisas.

– Não filha. Essa é a tua casa e sempre vai ser.

– Eu sei, mas não é a mesma coisa. Vocês tinham a casa só para vocês e agora eu cheguei

de intrometida.

– Intrometida? Nunca. A casa é bem grande para as duas. E eu vi que vocês se deram bem. E eu sou bem grandinho para ser dividido pelas duas. Tem Luiz para todas.

– Eu sei. Gostei dela, mais do que eu esperava que fosse gostar. Vocês se completam de um jeitinho fofo. E estou para dizer que a Carla tem mais cabeça que tu nisto tudo.

Começo a rir, mas não discordo e nem concordo com a minha filha.

Por Carla

Ter a Luiza por perto é uma casa cheia constante. Ela sempre inventa de fazer alguma coisa para quebrar a rotina, e o Luiz, com o seu modo pai coruja, vai atrás da filha sem pensar duas vezes. Chega a ser bonito de se ver a cumplicidade dos dois. A relação aberta e sem medo de represálias da outra parte.

– Carla? – Su me chama baixinho e eu vou para a cozinha onde ela se escondeu.

Estamos na sua casa preparando o jantar, Luiza queria conhecer todos os amigos do pai e nada melhor do que vir direto para o covil deles, e com isso, a bagunça está formada.

– Acabei de receber a lista de convidados do evento chique da semana que vem. – Ela fecha a porta da cozinha, onde a Elis já está sentada bem esparramada.

– Fiquei até com dor de cabeça em ver as páginas com todos os nomes. Acho que vamos ter que mudar a quantidade de algumas coisas que estava previsto.

Estamos em uma reunião de emergência, já que se alguém descobre este nosso pequeno refúgio, vamos ser rechaçadas com toda a veemência. Nada de trabalho enquanto estamos em casa, esta foi uma das regras impostas por todos, desde a última vez que começamos a discutir decoração de flores e a quantidade de cebolas que a Elis iria usar em uma determinada festa. Foi unanimidade contra nós três.

– A lista está no meu e-mail? – Puxo o meu celular quando ambas acenam com a cabeça que sim.

Baixo a lista e começo a percorrer na tela o número de convidados, solto um assovio longo quando eu não paro mais de rolar o arquivo em busca do fim, até que os meus olhos param em uma tal “mesa Lavorini”. Neste momento eu paro de percorrer os nomes e desço com uma lentidão que dê para ler.

Gerson Lavorini, Helena Lavorini e Maurício Lavorini.

Roberto Lavorini, Viviane Andrade Lavorini e Julia Andrade Lavorini. Sorrio em ver o nome dos três juntos.

Luiz Lavorini, Carla Denski e Luiza Lavorini.

Opa. Como assim? A tela rola mais do que eu precisava e eu tenho que voltar um pouco para ver se estava enxergando certo. Aproximo a tela e não tenho dúvidas de que o meu nome está incluso nesta lista quilométrica.

Minha cara de quem não está entendendo nada faz a Su e a Elis pararem de tagarelarem um

pouco, elas falam comigo, mas eu ainda estou tentando entender o que está acontecendo aqui.

– Vocês leram a lista de convidados? – Questiono alguns segundos depois.

– Não, parei na segunda folha, o Perereco estava tentando escalar o berço do Otávio que estava muito entretido tentando comer as mãos. Alguém de interessante nela? – Elis levanta da cadeira e pega o telefone da minha mão sem a menor cerimônia. – Uau, dona Carla Denski, na mesa de todos os Lavorinis. Que responsabilidade e intimidador.

– Deixa eu ver. – Meu celular passa para a mão da Su e ela comprova com os próprios olhos. – Só porque eu ia te pedir para me ajudar neste evento.

– Não, eu ajudo. Óbvio. Não vou ficar na mesa deles. Meu lugar não é lá. E aposto que o Luiz nem ia me colocar na lista sem falar comigo antes. Só pode ser coisa da Luiza, ela estava com os padrinhos ontem enquanto eu estava trabalhando, só assim para ela me deixar sair.

– Ela é um amor, não é? – Su me devolve o celular enquanto a Elis fala. – E as roupas que ela trouxe para as crianças. Não vejo a hora de colocar aqueles tênis Addidas no Otávio e a blusa da Lacoste do Antônio. Fora a blusa Dolce Gabanna que a Sarah ganhou. Acho que vou pedir emprestada para a minha filha.

Elis e Su continuam falando por mais alguns minutos quando a porta se abre e o AC chega com o Otávio, em pé no colo do seu pai, olhando para tudo ao redor. Ele chega a dar uma risada quando vê a mãe fazendo folia para ele.

– Vou ter que dedurar as três para os outros? Escondidas na cozinha e falando de trabalho?

– Estávamos falando de outras coisas, Lindo. Nada de trabalho, eu juro. – Ele lança um olhar para a esposa de como não acreditasse em nenhuma palavra que ela falasse.

– Eu sabia que ia encontrar vocês três aqui. – Noah é o próximo a aparecer na cozinha. – Qual foi a parte que ninguém fala de trabalho aqui que não entenderam?

– Ninguém estava falando de trabalho e – Su é interrompida pela outra pessoa que entra na cozinha e vai direto para a mesa onde o bolo de cenoura com cobertura de chocolate está.

– Ninguém quer mais esse bolo, não é? – Luiz olha para todos e não espera a resposta antes de começar a comer ali mesmo. – O que foi?

– Eu ia comer ele amanhã no café antes de ir trabalhar. – AC fala para o amigo.

– A filha é tua e tu pode pedir para ela fazer todos os dias. Eu não. Então deixa eu comer em paz. Por que está todo mundo aqui? Aconteceu alguma coisa?

Noah aponta para nós três e nos entrega.

– Já disse para ti não focar tanto no trabalho, guria. – Luiz fala para mim se aproximando. E quando está perto o suficiente, me dá um pedaço do bolo na boca. E está uma maravilha.

– Não estávamos falando de trabalho, só comentando uma coisa que chegou para nós. – Digo. – E eu acho que precisamos conversar sobre uma coisa. – Acrescento aproveitando a brecha que o Noah e o AC repreendem as esposas.

Luiz chega a gemer, não sei se por causa do que eu disse ou o bolo que está uma maravilha. Saímos da cozinha e quando chegamos na sala vemos os quatro pequenos em um

pequeno furacão que passou pela sala. Antônio e Fofinha em cima do sofá pulando, e o Yago e a Sarah jogando bola dentro de casa. Milhares de brinquedos espalhados e o Gato e o JB em uma mistura de carinhos e briga no meio de tudo isto.

Subimos para o outro andar e vemos Luiza, André e Liv em uma conversa muito animada. André e Luiza se encontraram por frequentarem os mesmos lugares da Europa, e até alguns shows e boates das grandes cidades.

Jantamos naquela confusão que é sempre. Pais falando para os filhos não comerem com as mãos e nem darem para os animais. As conversas paralelas com risos e pessoas tentando entrar no meio do assunto e falarem coisas nada a ver com o assunto e assim por diante. Uma bagunça generalizada, mas ao mesmo tempo divertida e um pouco exagerada.

Luzia havia levado duas garrafas de vinho para a janta, e eu fui a encarregada de não beber para levar todos para casa de carro depois. Pai e filha, além do vinho, já tinham consumido algumas coisas mais, que eu nem prestei a atenção nas garrafas na mesa, mas pelo visto não foram poucas, e a mistura acentuou um pouco o estado dos dois. Dirigi com os dois rindo como se não houvesse amanhã e implicando um com o outro. E neste momento eu decido colocar o assunto em pauta.

– Qual foi a pessoa que colocou o meu nome no evento em que toda a família Lavorini foi convidada? – Luiz olha para mim meio torto, da bebida, e eu escuto a risada acentuada do banco de trás.

– Que evento?

– Culpada. – Luiza fala se debruçando entre os bancos da frente.

– Eu vou trabalhar neste evento, Luiza. Não posso ser convidada. Amanhã eu já vou riscar o meu nome da lista.

– Que evento?

– Não! – Ela protesta. – A Su já falou comigo e disse que estava tudo certo. Tu vai como convidada. Não vou aceitar menos que isto, Carla. E todos concordam comigo.

Reviro os olhos. A guria é danada, pior que o pai. Estou bem arrajada! E a Su também, quem precisa de uma patroa dessa? Que ao invés de me socar serviço a goela abaixo, me dá folga no dia mais movimentado.

– Luiza, – tento remendar a situação. – Não tem como eu ir.

Como explicar para ela, tão alegre, dada a novas amizades, que eu sou o extremo oposto? Gosto da calma, mansidão, e de preferência, em algum lugar sem muita gente na volta. Trabalhar em algum evento chique e tumultuado é uma coisa, agora estar presente em um é outra. Não saberia me portar, falar e muito menos como agir em uma situação dessa.

– Me dá um motivo.

Penso por alguns segundos enquanto dirijo e quando abro a minha boca, sei que foi uma péssima ideia que eu tive ao tocar nesse assunto. Logo um que ela mais adora e entende.

– Não tenho roupa e.... – Luiza começa a rir, tão alto que até o seu pai, que ainda não sabe do que estamos falando e está em outra dimensão, chega a olhar para a filha afim de entender o

que se passa.

– Isso deixa comigo. – Gemo. – Não vejo a hora de colocar a máquina de costurar da mãe em ação. Tu vai ser a mais bonita de todas lá, Carla. Mais até que eu.

– Vocês duas calem a boca e me expliquem o que está acontecendo aqui? Aonde vocês vão? Eu vou junto? E por que estão brigando assim? Estou me sentindo meio perdido aqui.

Luiza começa a rir, se empoleira entre os bancos e beija o rosto do seu pai.

– Volta para o teu banco, Luiza. E coloca o cinto.

– Já voltei, paizinho! E estamos falando de um evento que a escola foi convidada e eu coloquei o nosso nome, junto com o da Carla. Até a Dinda Vivi e a Julia vão vir! Estou animada por poder ter um dia de princesa com a Carla. – Ai... – Vamos ser as mais linda de todas!

– Isso eu não tenho dúvidas. – Luiz coloca a mão na minha coxa e aperta.

Se ele diz que eu e a Carla formamos uma dupla contra ele, também posso dizer que os dois se juntaram para me derrubarem. E se o pai já é teimoso, que quando coloca alguma coisa na cabeça não desiste, posso concluir que a filha consegue ser pior que ele.

Eu estou muito bem arranjada!

Capítulo 46

Por Carla

O clima está estranho aqui em casa. Tenso, pesado, como se fosse uma falsa calmaria antes de uma tempestade que virá e deixará alguns estragos momentâneos.

Hoje levei o Diego para retirar os pontos do seu ferimento e marcamos as primeiras fisioterapias para a sua recuperação total. Viemos com a boa notícia do fisioterapeuta que avaliou a condição dele como praticamente reversível. O susto inicial de que ele poderia ficar sem alguns movimentos do braço foi descartado de cara, se ficar algum vestígio, será mínimo.

E desde que chegamos em casa eu estou com esse pressentimento.

Como sempre, fiquei na minha. Observando os meus pais e o modo como eles falam entre si, olhando de soslaio para nós. Esse sempre foi o esquema deles cada vez que tinha que passar um sermão em nós dois, ou individual. Primeiro as conversas entre eles, os olhares para depois despejar tudo nas nossas cabeças, que não tínhamos a mínima chance de escapar.

Então eu fui aproveitar este dia de calmaria e sol, já que o tempo também prometia uma chuva forte ao final do dia. Coloquei um biquíni e fui para a piscina com o meu irmão, ficamos conversando sobre coisas aleatórias e outras pertinentes.

– A Luiza me convidou para ficar na casa dela enquanto eu, teoricamente, estiver lá. Falei para ela que tinha a vontade de conhecer a Europa. – Ele ri. – Ela só faltou se oferecer para pagar a minha passagem. Disse que fará um roteiro e tudo para mim.

Balanço a cabeça. Ela consegue ser um pouco persuasiva, além da conta, e do normal. Basta falar um simples “a”, que ela já completa a frase e ainda com um ponto final sem poder abrir para discussões. E não adianta a gente se opor, enquanto ela não consegue o que quer, e como quer, não desiste.

Contudo, o mais impressionante nesta qualidade/defeito dela, é que o modo que ela consegue fazer as coisas como ela quer não é nenhum pouco chato, cansativo ou até mesmo para nos ganhar no cansaço. É de um modo tão natural, que quando nos damos por conta, estamos em cima de um banquinho, de calcinha e sutiã com a Luiza nos medindo com uma fita métrica em todos os ângulos possíveis e impossíveis. Alguns que eu não fazia nem ideia que poderia ser útil para a confecção de um vestido, por mais simples que ele possa ser.

A Luiza é imbatível. Alegre, espirituosa, um coração gigante, assim como o pai dela. Talvez o charme inegável seja uma coisa genética e nem preciso dizer que ela usa isso como uma arma sem fiscalização nenhuma, com o poder de alcance ilimitado e devastador por onde passa. Ela consegue levar todos enrolada nos dedos e como bem quiser.

– Diego – advirto. – Nada de nenhum tipo de qualquer coisa com ela.

Meu irmão abre um sorriso presunçoso.

– E teria alguma possibilidade de acontecer? – Reviro os olhos para ele.

Até parece que eu não me lembro de quantas vezes eu vi alguma menina saindo do quarto dele as escondidas no meio da noite. Ou até atender o telefone dele, modificando a minha voz,

para soar como a sua namorada, fazendo assim com que mais uma menina tivesse o coração quebrado pelo meu irmão.

– Só não entra na onda dela, ok?

– Por um acaso, ela falou alguma coisa de mim, Patotinha?

Não ousou responder que a cada vez que ficamos sozinha ela consegue algum jeito de tocar no nome do Diego.

– O silêncio é acusatório, maninha. Mas vou tomar isso como apenas uma indireta – vejo o meu irmão sair da piscina e depois olhar para mim. – Mas se isso te acalma, te dou a minha palavra de que não vou chegar perto da Luiza. Por mais que ela sonhe com isso. Combinado?

Diego pisca para mim e sai para dentro de casa. Mergulho uma última vez antes de fazer o mesmo trajeto dele e sabendo que o Diego nunca trairia a sua palavra comigo. Ele é uma das únicas pessoas que eu mais confio, desde sempre.

O clima no jantar não melhora nenhum pouco, bem pelo contrário, consigo perceber que a qualquer minuto a tempestade vai desabar sobre esta casa, só fico me perguntando qual vai ser o primeiro raio a começar tudo. E a minha resposta é descoberta no meio da refeição.

– Então, Diego. Já começou a escrever o teu testamento? – Minha mãe fala e eu fico com o garfo no meio do caminho para a minha boca.

Diego termina de mastigar, engole e ainda toma um pouco de água antes de responder. O silêncio entre esse tempo todo é absoluto, se um mosquito ousasse pousar na piscina, o barulho seria ensurdecedor.

– Talvez eu comece semana que vem, mãe. Ainda tenho mais alguns dias para aproveitar e pensar para quem vou deixar as minhas coisas. Mas a princípio, o meu apartamento vai ficar para a Carla, alguma objeção?

Olho para o meu pai que também está tão absorto como eu.

– Lúcia, por fa...

– Não começa, Rogério. – Ela começa a se inflar.

Minha mãe olha para nós três calmamente e demorando alguns segundos antes de retornar a falar. Eu e o meu pai estamos parados, apenas observando a cena, enquanto o Diego está comendo normalmente como se não tivesse acontecendo nada.

– Vocês não conseguem entender que o Diego está se suicidando? Um tiro para ele que quase atingiu uma artéria e que, por pouco, não o deixou sem os movimentos do braço?

– Risco de trabalho. – Diego fala como se não fosse nada. – O pai também tem esse risco e a Carla pode muito bem se machucar nos eventos que ela faz. Todos temos riscos, mãe, mas nem por isso deixamos de trabalhar.

– Riscos? Riscos é uma coisa. Já acho o que o teu pai faz perigoso. Ou vocês acham que a cada dia que ele sai de casa eu não fico com o coração na mão? Mas no teu caso, o risco é bem maior! Já não bastou o que passamos agora?

– Lúcia, todos nós ficamos com o coração na mão quando alguém sai de casa. O que eu e o

Diego fazemos é para dar a oportunidade de vocês duas saírem de casa com menos riscos.

– Menos riscos? – Minha mãe quase desdenha. – O que vai ser quando chegar ao real risco? Meu filho dentro de um caixão? Meu marido em outro? Não me peçam para que eu fique de braços cruzados em casa esperando uma ligação no meio da noite.

Começo a alternar os olhares entre os meus pais e o Diego e percebo o princípio de lágrima nos olhos da minha mãe.

– Todos os dias, – ela continua com as lágrimas já descendo dos seus olhos, e eu não ficando muito atrás. – Assim que ligamos a tv é o que mais vemos. Policiais mortos em confrontos, policiais feridos, agentes executados à sangue frio e tantas outras coisas. Meu filho e meu marido têm riscos de serem um destes! Não me digam para eu me acalmar! Isto não vai acontecer!

– Mãe, eu sou o melhor no que eu faço. Mas não me agrado nenhum pouco em saber que da minha arma as balas têm destino certo e o que o meu superior cobra, é quantas acertaram pessoas. Todas as noites, quando eu chego em casa o que eu mais penso é nisto, em quantas pessoas eu tirei a vida naquela missão e quantas ainda mais eu vou tirar.

– E tu não pensa em quantas estão querendo acabar com a tua?

– Sim, eu sei que a minha cabeça deve está colocada à prêmio pelos chefões do tráfico. Um alto valor, diga-se de passagem, mas não vai ser por isso que eu vou deixar de fazer o que eu tenho que fazer. É contraditório, mas a cada bala que eu enfio na cabeça deles, é um a menos querendo a minha.

E aí a minha mãe, e eu, começamos a chorar no meio deste trágico jantar.

– Lúcia, meu bem.... – Ele tenta pegar a mão dela, mas ela esquiva.

– Ninguém nesta mesa saber o que é carregar um filho por nove meses, criar ele como tudo que há de bom e melhor. Para depois de grande ele se entregar a um trabalho que tem risco de morrer toda a vez que sai de casa! Não vou aceitar isso! Se o Diego for de novo para lá, eu.... eu....

E antes de acabar a frase, ela sai da mesa deixando nós três, acabando definitivamente com o jantar aqui de casa. Limpo as minhas lágrimas enquanto vejo o meu pai levantando da mesa, beijando e abraçando o Diego, e depois fazendo comigo a mesma coisa antes de sair atrás da nossa mãe.

Perdi completamente o meu apetite. Levo o meu prato até a rua e coloco o resto do meu jantar no pote que a minha mãe sempre deixa aqui para o gato de rua que vem visitar ela todos os dias por esse horário. Com a ajuda do Diego, retiramos a mesa e quando estamos lavando a louça, onde o silêncio só é cortado pelas vezes que eu fungava audivelmente por causa do choro, ele começa a falar.

– Meu chefe me ligou hoje. Ele quer que eu volte o mais rápido possível. Ainda precisam de mim nas missões.

– E a tua fisioterapia? Vai fazer pelo menos? – Pergunto em vão, sabendo que a resposta é não.

– Embarco semana que vem, Patotinha. Volto à ativa em menos de dez dias.

Novas lágrimas escorrem pelo meu rosto.

– Não fica assim, Carla. – Ele me puxa para um abraço e eu começo a chorar com vontade.
– Vai dar tudo certo, eu prometo.

– Ou tu vai voltar em um caixão? – Uso as mesmas palavras que a minha mãe para ele e acerto o alvo com precisão.

– Não fala assim, por favor. Minha única preocupação quando eu entro em missão são vocês. Faço o que eu faço pensando que vocês vão estar seguros aqui, mana.

– Prefiro quando tu está aqui. Assim eu me sinto segura. Como vou saber como tu está? Se vai estar machucado ou se te pegaram para te judiar?

– Eles não vão me pegar, porque eu vou pegar eles primeiro, certo? Confia em mim, Carla.
– Ele beija a minha testa. – Agora eu também vou estar mais tranquilo em saber que tu está bem.
– E sai da cozinha me deixando sozinha.

Me abraço e tento acalmar as minhas lágrimas por alguns instantes. Meu coração sangra em saber que daqui uns dias vou ter que me despedir do meu irmão, sem saber qual vai ser a próxima vez que eu irei vê-lo. E com a consciência de que pode ser a última vez que eu poderei abraçar ele.

Termino de arrumar a cozinha, escuto o gato vadio limpando o potinho de comida e miando um agradecimento na janela. Subo as escadas, escuto a briga entre o meu pai e a minha mãe do quarto deles, pego o meu casaco e o capacete, e subo na minha moto.

Minha primeira parada é na casa do Luiz. Entro deixando a moto na frente da porta e quando ele me vê, já percebe que tem alguma coisa de errado comigo. Apenas entrego o capacete dele e ele entende que eu preciso sair. Ouço ele gritar para a Luiza que iria sair comigo e embarca atrás de mim.

Acelero a moto e sinto ele me abraçando por trás. Tudo que eu precisava neste momento. O Luiz me amparando e o vento cortando o meu corpo.

Luiz

Não preciso ser um gênio para perceber que o velocímetro está bem acima da velocidade permitida para este trecho. Abraço a Carla mais forte e isso faz com que ela acelere mais ainda.

Jesus Cristo!

Abro os olhos, coisa que eu não faço desde que vi que estamos indo para uma rota que eu evito há muito tempo (doze anos para ser exato), e confirmo que andamos mais do que eu queria.

Um clarão risca o céu e eu gemo. Tudo que eu precisava, Carla dirigindo a moto como uma maluca, a chuva chegando, e essa estrada.

– Carla!

Tento chamar ela, mas não adianta em nada, o som do motor, o vento e o barulhos dos carros, que ultrapassamos, abafam a minha voz para dentro do meu próprio capacete. Então eu

começo a pensar no que posso fazer.

Pensei em dar um beliscão nela, mas tenho medo de assustá-la e isso causar um acidente. E nesta velocidade que estamos, não vai ser nada agradável. Aperto a minha mão na cintura dela e tento me esconder atrás dela, para não ver apenas o borrão das luzes dos carros e caminhões na nossa contramão.

Chego até a rezar um pouco, para que a gente chegue, onde for que seja, sem problemas nenhum. Tento meditar um pouco, controlar a minha respiração e me concentrar nela, com a inspiração e expiração, para não me deixar levar pelos pensamentos do meu acidente.

Tudo que eu não preciso hoje, em cima dessa moto, é ter um colapso nervoso, me desequilibrar e sair rolando estrada fora por causa disto. Começo a focar o meu pensamento em outras coisas. Como o fato de que a Luiza vai sair com o Maurício e a namorada hoje.

Fiquei feliz em ver ela se arrumando e fazendo um pequeno desfile para mim com as possíveis roupas que ela escolheu. Até consegui gostar da ideia dela sair de casa, ainda mais acompanhada pela namorada do Maurício. Sei que sou paranoico em relação a minha filha, mas não me agradaria a história entre primos se repetir.

Nada contra o Maurício, ele é um exemplo de rapaz. Só que eu não engoliria isso. Puramente cisma minha.

Sinto a moto desacelerar e a Carla dar uma guinada nela em direção a um posto de gasolina na beira da estrada.

Amém, senhor!

Pulo da moto no instante que ela para. Chego a ficar com dor nas pernas da posição em cima do banco. Retiro o capacete e quando consigo voltar a ver novamente, percebo a Carla se atirando nos meus braços. Quase que não consigo agarrar ela.

– Desculpa, Luiz. Por favor, me desculpa mesmo! Me perdoa! Eu não fiz isso intencionalmente! – Vejo as lágrimas se formando nos olhos dela.

– Tudo bem, guria. – Abraço ela novamente.

– Eu precisava sair. Sentir a liberdade que a moto me dá e também queria que tu estivesse ao meu lado. E quando eu me dei conta já estava aqui e.... Ah eu sou uma idiota mesmo! Eu não deveria ter pegado aquela rota! Por que não peguei a saída contrária? Burra, idiota e....

– Carla, para! – Ela começa a se debater nos meus braços e a chorar. – Jesus, guria, para!

Seguro ela pelos ombros e vejo o seu estado alterado por completo. Puxo ela até o banheiro e não dou bola quando o frentista diz que o banheiro masculino é do outro lado.

Coloco a Carla sentada em cima da bancada, molho alguns papeis toalha e limpo as suas lágrimas que começam a descer como uma cachoeira. Deixo ela chorar o que precisa e a acalmo nos meus braços. Quando eu consigo realizar essa magia, ela me conta o que aconteceu.

A briga na hora do jantar, a volta do seu irmão para o trabalho e o risco de morte que zomba da cara deles todos os dias. Eu compreendo quando ela me fala que quando se despedir do irmão no aeroporto, poderá ser a última vez. A apreensão que ela vai sentir todas as vezes que o telefone de casa tocar no meio da noite, como da última vez, e a notícia ser tão devastadora a

ponto de não ter como consertar.

Meu coração se aperta com o sofrimento dela. E mais ainda em saber que eu vou acompanhar tudo isto de camarote, sem poder amenizar, além de me esforçar ao máximo para que isso não se torne uma coisa tão pesada para ela. E também o dever de lembrar que o lado bom da história também poderá acontecer. Diego pode matar todos os filhos da puta que ele precisa e voltar para a casa com segurança.

O barulho da chuva se aproximando faz ela pular no meu abraço.

– Precisamos voltar. – Murmura.

– Ou podemos andar mais um pouco e dormir em outro lugar. – Não acrescento a ideia de que estou morrendo de medo de fazer o caminho de volta em cima dessa moto. Ainda mais com ela ainda tão fragilizada pelo que passou aqui.

Minha única opção é minimizar o que já foi feito. Andar mais alguns quilômetros, se não me engano, chegarmos em uma casa completa e passar a noite. Amanhã é outro dia, e qualquer coisa eu posso chamar o AC para me buscar de carro em segurança, se a chuva ainda continuar.

– O que vamos fazer, então?

Pego o meu celular no bolso e busco o número do meu irmão para perguntar algumas coisas sobre a casa. Enquanto espero ele atender, falo para a Carla qual vai ser o plano da noite.

– Vamos ficar na casa onde eu nasci e cresci, guria.

Capítulo 47

A chuva chegou logo depois que eu dei partida na moto do posto de gasolina. Luiz fez uma ligação, e quando retornou para mim, me perguntou se eu estava bem para dirigir. Vi um fundo de preocupação nos seus olhos além do normal.

Claro que eu ia encontrar isso. A idiota aqui tinha tido um ataque histérico, pegado a sua moto, colocado na estrada que há anos atrás ele tinha se acidentando e ainda por cima, estava bem acima do limite de velocidade e cortando alguns carros que estava na nossa frente.

Parabéns, Carla. Tu conseguiu ser a burra e idiota da história. Continuo te dando os cumprimentos quando chegarmos, onde for que seja, e o Luiz te dar uma bela xingada. Reze para que seja só isto, senão tu acabou de assinar o termo de dispensa da vida dele por completo.

Simplesmente achei que a minha dor, aquela de ter que ver o meu irmão partir novamente para uma zona de quase guerra, pudesse me dar o direito de brincar com os sentimentos dos outros. Não conseguir usar da minha razão, sensibilidade e o diabo à quatro de que poderia estar ultrapassando uma baita zona de conforto da pessoa que mais vem me ajudado ultimamente.

Simplesmente arrastei o Luiz para cá sem pensar duas vezes. Sem me colocar no seu lugar e suspeitar de que ele não queria vir para estes lados e, muito menos, andar de moto com uma velocidade tão alta. Fui egoísta e mesquinha. E se não precisasse da minha concentração redobrada neste momento, estaria chorando dentro desse capacete.

A chuva começa a cair mais forte e eu aguento essa punição e ainda acho ela pouca para o que eu fiz. Me xingo mais um pouco, com vontade de simplesmente largar o Luiz lá, voltar para a minha casa e me esconder de vergonha pelo o que eu fiz.

Seria o certo a se fazer. Me recolher a minha casa depois de ter deixado ele em uma situação para lá de estressante e ainda sozinho. Eu poderia fazer isto, mas vou dar a opção para ele.

Conforme ele me instruiu, chegamos a um portão de madeira antiga. Mesmo com a chuva forte nublando tudo a nossa frente, consigo distinguir uma fachada escrita alguma coisa Lavorini. Luiz vai até o portão e com as chaves que ele retira do bolso, abre o portão. Agora eu sei porque o molho de chaves da casa dele tem duas diferentes de todas. São daqui.

Andamos por uma estradinha até começarmos a enxergar a casa por trás de toda essa chuvarada. Um casarão, por assim dizer. Estaciono a moto embaixo de uma garagem vazia e quando retiro o meu capacete, vejo uma senhora se aproximando de nós.

– O Gerson me ligou e eu não acreditei.

Luiz tenta, em vão, passar a mão no corpo para tirar um pouco da água que o encharca, mas não adianta. A senhora chega mais perto dele e o abraça pela cintura sem se incomodar com o fato de também ficar molhada. Luiz hesita um pouco, mas depois abraça a senhora com o mesmo afeto.

– Meu menino de volta em casa. Pensei que nunca mais ia ver isso na minha vida. E estava começando a me conformar com este fato, Luiz.

– Eu sei. – Ele diz baixinho com uma voz meio trancada. – Eu também pensei que nunca mais iria voltar. E olha eu aqui de novo.

Luiz beija repetidamente a senhora e eu fico de espectadora, completamente metida na cena deles. Mais alguns segundos se passam até ambos olharem para mim.

– Essa é a moça? – Luiz sorri e diz que sim. – Vem aqui, minha filha.

Me aproximo dela e meus olhos se chocam com o da senhora que já estão marejados. Ela me estende a mão e eu aceito sem hesitar. Sua mão quente aperta a minha gelada e logo após, ela me puxa para um abraço demorado.

– Bem-vinda, minha filha. – Ela fala baixinho. – É muito bom ter vocês aqui.

Agradeço silenciosamente com um meio sorriso perante ao gigante da senhora.

Ela nos carrega para dentro de casa quando eu começo a tremer de frio pelo banho de chuva que tomamos. Entramos por uma porta que liga a garagem à casa enquanto ela fala algumas coisas, eu e o Luiz nos perdemos olhando a decoração.

– Não foi reformado aqui? – Ele questiona enquanto eu tento absorver as milhares de fotos, de todas as épocas, que tem em cima de uma lareira antiga.

– E foi.

– Mas o Gê e a arquiteta me mostraram mil e uma coisa e aqui está....

– Tudo igual, eu sei, meu filho. Teu irmão desautorizou a mudança no último instante. Apenas arrumaram o que já estava quebrado e deram uma boa pintada. Acho que ele investiu o dinheiro na restauração dos móveis.

Luiz fica perplexo, e ao mesmo tempo, sorrindo para o nada. Ele caminha por toda a sala, passa a mão pelos sofás de camurça, de um estilo bem antigo e nos porta retratos da lareira.

– Vocês dois estão ensopados e molhando o meu chão. Caminhem trocar essas roupas molhadas. Luiz, usem o banheiro da Lena e do Gê. Tem roupas e toalhas lá. Rápido antes que peguem uma pneumonia e...

– E morram. Tu ainda fala isso? – Luiz se vira para mim. – Todos os dias de chuva ela fala isso para qualquer pessoa que chegava em casa.

– Algum deles teve pneumonia? – Luiz diz que não e ela sorri. – Então direto para o banho enquanto eu faço alguma coisa para vocês comerem. Luiz tu está magro demais, aposto que não está se alimentando direito!

E somos enxotados por ela da sala. Luiz pega a minha mão e me leva para cima em direção à um corredor cheio de portas.

– Há milhares de anos atrás era ostentação ter uma casa gigante. Tipo como a dos pais da Elis, mas acho que esta é maior. Cada um tinha um quarto em uma ponta, o que um gritava o outro não escutava, era bom até isso, o silêncio era afrodisíaco. – Ele me aponta os quartos e começa a dizer de quem era. – E este era o meu, parece que nada mudou.

Ele ri apontando uma porta com o nome LUIZ entalhado como se fosse na ponta de uma faca.

– Fiquei uns dois dias sem poder me mexer direito de tanto que apanhei quando eu fiz isto na porta. Devia ter uns nove anos. Nunca trocaram. Acho que para deixarem bem a vista de que era o meu quarto e ninguém precisava entrar nele.

Caminhamos mais um pouco até chegarmos em outra porta. Sem cerimônia, o Luiz abre a porta e liga as luzes. Um quarto, parecido com o de um hotel, com direito a uma cama arrumada com tal precisão que ficaria envergonhada perto do modo que eu arrumo a minha.

Luiz abre uma porta lateral e começa a tirar a roupa, um chuveiro e a água quente é convidativo, tanto que eu o sigo e começo a desgrudar a roupa do meu corpo. Entro no chuveiro e o calor da água, e do corpo dele me deixam um pouco mais relaxada, mas eu ainda não esqueci da merda que eu fiz. E logo começo a me desculpar novamente.

Luiz me abraça com a água correndo entre nós. Ele beija a minha testa diversas vezes, e vai descendo até o meu pescoço.

– Não precisa te desculpar, guria. Passou, ok?

– Mas eu te fiz andar naquela estrada, estava correndo e ainda viemos parar aqui. Eu poderia ter feito tudo diferente, mas não me liguei nisso, fui egoísta e por isso vou entender se tu quer que eu vá embora, ou faça o que tu me pedir.

Olho para ele que me vira de costas e ensaboa os meus ombros quase como uma massagem.

– Já acabou? Já terminou de falar tudo o que tu queria?

Aceno que sim com a cabeça.

– Tu está me vendo surtar ou coisa do tipo? – Não respondo e ele me belisca de leve nas costelas. – Responde. – Ele faz de novo, mas fala e sai quase uma cócega.

– Não. – Digo.

– Então relaxa, guria. Um dos tratamentos que os pacientes que passaram por um trauma é enfrentar o medo deles de cara. Já fiz isso com vários casos, mas nunca tive coragem de fazer isso comigo. Acho porque eu estava sozinho e não me achava capaz de enfrentar tudo sem ninguém para me acompanhar. Ou não estava pronto para reviver algumas coisas. Tu sabe que eu fiquei um tempo sem dirigir depois do acidente, não é? – Respondo que sim. – Então, era um trauma que eu venci depois de encarar ele de frente. A Luiza estava queimando de febre e eu não tinha nada em casa, a minha única opção era socar ela dentro do carro e ir até um hospital. E eu fiz isto, entrei no carro, que eu ainda não tinha tirado o plástico dos bancos e me vi forçado a encarar a situação. Venci o trauma batendo de frente com ele. A mesma coisa vai acontecer aqui. Posso estar animado agora, talvez amanhã eu decaia um pouco, mas vou sobreviver a isso e no futuro posso voltar a vir aqui sem medo.

– A diferença de agora é que eu não te dei a opção de escolha. Praticamente te arrastei para cá porque estava sofrendo com a história do Diego voltando. Coloquei a minha frustração na frente do teu bem-estar. Não vou me perdoar disso.

– Tu não precisa te perdoar, Carla. Nem tem o que se perdoar. Eu estava preocupado contigo também. Poderia ter te pedido que tomasse outro caminho, e confesso que estava assustado com a velocidade da moto, mas queria me certificar de que tu estava bem. E é isso que

eu te peço, já que tu está te sentindo culpada e coisa do tipo.

– Pedir o que?

– Se amanhã, quando eu acordar, começar a ficar inquieto e atordoado com algumas lembranças, fica ao meu lado me ajudando a enfrentar isso.

Me viro para frente e encaro o Luiz. Seus olhos, estão com um misto de preocupação e tristeza, e isso faz com que eu o abraçe fortemente.

– Eu vou ficar ao teu lado, Luiz. Eu prometo.

E ele sela isso com um beijo.

Por Luiz

Sinto a Carla tremer nos meus braços. Suas mãos estão tão geladas que eu sinto por cima da camiseta que eu peguei do Gê emprestada.

– Tu ainda está com frio? – Pergunto idiotamente, já que eu sei que ela está sim.

Me desvencilho dela e tiro a camiseta e volto a puxá-la para cima de mim.

– Regra um de sobrevivência. O calor do corpo é a melhor fonte de aquecimento. Ainda mais se for pele contra pele.

Carla geme alguma coisa e quase sobe em cima de mim. E volta a dormir como pedra.

Tiro os cabelos dela de cima do meu rosto e fecho os olhos para tentar dormir. Afasto todos os pensamentos que eu possa ter sobre estar de volta a minha casa de infância e tento me focar no que eu tenho agora. Das novas recordações que eu possuo e as que vou criar com a Carla ao meu lado. O passado está em um lugar de saudade do meu coração, não me machuca mais e nem me faz voltar para o fundo do poço.

.

Acordo com o barulho lá fora. Quilos de cabelo estão sobre o meu rosto e eu afasto eles sentindo a Carla se mexendo ao meu lado e virando de bunda para mim. Beijo o seu rosto e levanto em direção ao banheiro, onde já encontro as roupas que estávamos ontem limpas e secas.

Quem tem uma Nilza na vida, não precisa de mais nada. De adotar o filho excluída da casa do patrão há anos atrás a cuidar sempre dele como se fosse uma criança. Aposto que quando eu descer, vou encontrar as comidas da minha infância para o café da manhã. Ela sempre gostou de me mimar, para o delírio, dos meus irmãos.

Visto a minha roupa e desço as escadas e encontro o que eu já tinha previsto. Bolo de cenoura com cobertura de chocolate, café feito na hora e tudo mais. Ela me recebe com um sorriso e me deixa sozinho tomando café, mesmo que eu a tivesse convidado para me acompanhar. Ela nunca se sentava à mesa. E até hoje ainda faz isso.

Vejo as mensagens da Luiza e aviso onde estou. Tomo o meu café tranquilo e quando saio da mesa, escuto o barulho de risadas vindo da cozinha. Caminho até lá e tenho que piscar algumas vezes para saber que eu não estava delirando com a cena na minha frente.

– O que vocês dois estão fazendo aqui?

– Isso é jeito de tratar os teus irmãos, menino! – Nilza ralha comigo.

– Deixa ele Nana, – Beto fala sorrindo para mim. – Queríamos ver a volta do filho pródigo para a casa.

– Na real, não sou o filho pródigo.

– Não acertou essa, Beto. – Gê fala sendo servido pela Nilza com um pedaço de bolo. – Mas ele está certo, queríamos ver a tua volta para casa.

– Por um acaso é uma festa? Ou vieram rir da minha cara quando eu entrasse me surto?

– Luiz! Teus irmãos estavam preocupados contigo! Não fala assim com eles! – Outra ralhada e eu calo a minha boca. – Terminem de comer lá fora, vão achar o que fazer e me deixe preparar o almoço. A Lena e as crianças chegam que horas?

Detalhe para o “crianças”. O Maurício tem quase trinta anos na cara e a Luiza vinte e dois.

– Até o Maurício levantar e entender o que está acontecendo, antes do meio dia eles não aparecem aqui. A Luiza dormiu lá em casa e vamos convidar ela também.

– E a moça? – Nilza se vira para mim. – Que horas acorda?

– Até as dez e meia, eu acredito. Qualquer coisa eu acordo ela e resolvo o problema.

– Então vocês têm três horas para sumirem daqui e acharem o que fazer.

E não somos avisados duas vezes. Não duvido nada dela pegar a vassoura, me correr como fazia quando eu era criança e ficava incomodando na volta da cozinha. Isto acontecia até ela se irritar comigo e tentar quebrar a vassoura na minha cabeça. Claro que ela nunca iria fazer isso, mas eu achava o máximo ver ela correndo atrás de mim com a vassoura em punho e eu sentindo o vento quando ela abaixava em minha direção.

O sol começou a secar o gramado a nossa frente e nós três começamos a caminhar na propriedade. Vejo a moto da Carla estacionada ao lado do carro do Gê e o Beto se vira para mim.

– Por que tem aquela monstruosidade aqui na garagem?

– É da Carla. Nós saímos ontem e meio que ficamos na estrada. Por isto viemos parar aqui.
– Dou os ombros como não fosse nada demais.

Sinto os dois olhando para mim e depois trocarem um olhar de espanto.

– O que foi? – Pregunto na defensiva.

– Nada. Só o fato de tu estar em cima de uma moto e acabar aqui. Duas coisas improváveis. – Beto responde como se não fosse nada.

– A Carla pegou a estrada sem perceber, e eu estava preocupado com algumas coisas e também não percebi que estávamos neste rumo. Quando dei por conta estávamos aqui perto e com a chuva chegando. Não quisemos arriscar a volta para a casa e acabamos aqui. Simples assim.

Não penso em começar a falar sobre como eu estava preocupado com a Carla e o fato dela estar abalada com a ida do irmão novamente para o combate direto. É pessoal demais e nada

referente aos meus irmãos. É uma coisa nossa. Então decido encerrar o assunto de uma vez.

– E a Vivi? Como ela está? Vi que ela vai vir para o tal evento que tem por estes dias. A Luiza já está me deixando de cabelo em pé com isso. – E o meu tiro vai certo, pois o olhar do Beto mudou por completo.

– Ela está bem. – Óbvio que eu sei que ela está bem, conversamos todos os santos dias. Todas as conversas giram em torno deles. – Ela e a Júlia vão vir sim, vão ficar lá em casa, que é o lugar delas e vamos todos juntos como uma família.

Finalmente eles estão começando a se acertar, ou assim eu espero, porque às vezes a Vivi vem falar comigo puta da cara por causa de alguma coisa que o Beto fala. E aí, lá vai o Luiz se meter no assunto e tentar apaziguar as coisas. Tentar fazer ela interpretar de outro jeito até conseguir fazer ela entender algumas coisas. Eu juro que quando os dois se acertarem de vez eu vou tomar um porre daqueles para comemorar.

Caminhamos até a grade que protege a piscina e ficamos escorados nela conversando sobre algumas coisas.

– Vocês lembram como o pai detestava essa piscina? – Gê fala ao meu lado. – Tu, acho que não vai lembrar, Luiz, mas eu e o Beto vimos as brigas constantes quando ela foi posta aqui.

– Desde que eu me conheço por gente ela já estava aqui, gradeada e tudo. – Digo e o Beto ri do meu outro lado.

– Claro que ela já estava gradeada, por que tu acha que ele colocou isso?

Respondo com um olhar que não faço a mínima ideia.

– Tu caiu dentro dela quando tinha uns três anos. Meses depois que ela estava pronta. – Gê fala lentamente. – Eu cheguei de carro e vi alguma coisa dentro da piscina, pensei que era alguma coisa que havia caído, mas voltei para retirar, e era tu já de costas para cima. Pensei que já tivesse morto, mas mesmo assim me atirei de roupa e tudo dentro da piscina e te tirei de lá. Nossa, não gosto nem de lembrar desse dia.

– Foi uma correria e gritaria. – Beto continua a contar a história. – Tu não respirava e nem se mexia. O pai começou a gritar para alguém fazer alguma coisa, a Nana veio ajudar, te tirou do colo do Gê e começou um boca-a-boca. Eu em cima de ti tentando aquelas massagens, meio errado, e a mãe se trancou no quarto para não escutar nada. Ficou uns dois minutos assim até tu reagir e começar a tossir e chorar.

Ele se vira para mim.

– E no outro dia a briga recomeçou de novo. O pai queria enterrar a piscina, a mãe não, e eles entraram num consenso de gradear.

– E o pai contratou um professor para te ensinar a nadar. Por isso tu é o único que sabe nadar perfeitamente, enquanto tu não aprendeu ele não parou de pagar o cara.

– Eu não sabia disso. – Digo depois de alguns segundos. – Lembro de alguém me ensinando a nadar, só isto. Nunca imaginei que tivesse me afogado aqui e quando coloquei a piscina lá em casa, mesmo com a Luiza já grande, eu coloquei grade também, por medo de acontecer alguma coisa.

– Vai ver foi uma coisa do subconsciente. Tu não tem uma teoria na psiquiatra para essas coisas? – Beto fala rindo.

– Devo ter.

Gê bate nas minhas costas e eu fico sem saber como reagir.

Talvez mesmo, o meu subconsciente falasse que, por mais que eu brigasse com os meus irmãos, no fundo eu sabia que eles se importavam comigo. Do jeito deles, mas se importavam.

Capítulo 48

Por Carla

Acordei no meio da manhã sozinha na cama. Me espreguicei, levantei e fui direto para o banheiro. Encontrei as minhas roupas em cima da bancada e com um cheirinho de amaciante gostoso. Tomei um banho demorado e me vesti.

Fiquei meio perdida assim que sai do quarto e tentei fazer o caminho inverso de ontem à noite. Acabei na cozinha com a Nilza mexendo dentro de um armário. Ela me recebeu com uma amabilidade incrível, e eu começo a entender todo o carinho que o Luiz tem por ela. Apesar de ser excluído pela mãe, sempre teve alguém que o considera como filho e amando-o como tal.

Fui quase obrigada a tomar um café da manhã muito bem reforçado, e informada que o Luiz havia sido expulso de casa com os seus irmãos para a rua.

Mesmo dizendo que eu ficaria ao seu lado hoje, resolvi me manter dentro de casa. Deixei o “momento família” em particular continuar sem interrupções de terceiros. Acredito que este momento para eles seja bem mais importante sem a minha intromissão. Luiz anda se acertando com o seu irmão do meio e talvez essa seja a oportunidade que eles precisam para acabar com tudo de uma vez, ou pelo menos, amenizar a situação.

Fiquei vagando pela casa, entrando em tudo que é porta até encontrar uma pequena biblioteca com um piano, brilhante, como se recentemente alguém o tivesse lustrado, em um canto da sala. Sentei em um sofá de couro antigo e ligo para o Diego, querendo saber notícias da situação lá em casa.

– O café da manhã foi mais tranquilo que a janta. A mãe até falou comigo perguntando onde tu estava e eu dei a resposta mais óbvia de todas.

– Estou na casa da fazenda do Luiz. Peguei a moto e não me dei por conta que estávamos vindo por esse caminho. Pensei que havia estragado tudo, Di. Fazia doze anos que ele não voltava para cá, desde que aconteceu o acidente. – Suspiro. – Porém, ele aceitou de boa a situação em si. Tenho a leve impressão de que não mereço ele, se fosse qualquer outra pessoa normal, já teria me xingado com todo o direito.

– Patotinha, estamos falando do Luiz, então.... – Rio.

– Verdade.

– Mas voltando a situação aqui em casa. O pai deve ter dado uma amansada na fera. Depois do café, enquanto eu lavava a louça, ela veio conversar comigo. Me pediu que pensasse um pouco mais sobre o meu futuro, se não estava na hora de acalmar os ânimos, voltar para casa, e essas coisas.

– Casar, filhos, netos e tudo mais. – Completo o pensamento. – E tudo mais que coube para ti, repassar o sobrenome da família, já que eu sou impossibilitada de fazer isso.

– Aquela pressão psicológica básica de sempre. Acredita que a mãe teve a capacidade de dizer que eu era o único solteiro da família e já com essa idade?

– Até eu já te passei, maninho. – Brinco. – Mas eu nunca mais fui parte do ranking desde

de....

– Carla. – Sua voz sai em tom de repreensão.

– Calei a minha boca. Mas não posso dizer que não concordo com o fato de ti sair do trabalho e voltar para casa, ou até mesmo ficar por lá, mas em outro ramo, Di. Ficamos preocupados com as notícias que sempre vemos de lá e o que acontece todos os dias com as pessoas que trabalham em cargos menores, quem dirá nos altos. Ninguém está afim de receber mais uma ligação no meio da noite com a notícia que temos um corpo para reconhecer.

A linha fica em silêncio por alguns segundos, até eu escutar o suspiro cansado do meu irmão.

– Não dá, Carla. Ainda não dá.

Termino a ligação, novamente com lágrimas nos olhos, e as espanto com a mesma rapidez que elas chegaram. Fiquei sentada na sala absorvendo todos os detalhes e momentos que haviam acontecido nestas últimas horas. Só saí de lá quando escutei o barulho de carro chegando.

Segui o barulho até a sua origem e acabei encontrando o Luiz abraçado na filha, e ambos em uma bolha emocional tão intensa, que ninguém ousou estourar antes do momento certo. E enquanto isso, fui apresentada a esposa e filho do Gerson, as últimas pessoas que faltavam da família do Luiz.

.

– Aprendi a escalar essa árvore com uns oito anos. E aquela ali – ele aponta para o outro lado – foi a que eu caí e quebrei o pulso pela primeira vez.

– Que praga de criança. Caindo de árvore, se atirando na piscina e quase morreu afogado. – Luiz sorri para mim daquele jeito que ilumina todo o seu rosto e me abraça.

– Aproveitei a minha infância e tive todas as experiências possíveis e impossíveis que alguém poderia ter. Concordo que poderia ter me machucado feio muitas vezes, mas foi legal crescer aqui.

Continuamos a nossa pequena excursão pela fazenda, onde o Luiz me conta tudo o que aprontou aqui na infância e adolescência. Encontramos uma pedra alta, onde o sol já havia secado a chuva de ontem e fui puxada para o colo do Luiz.

– Havia me esquecido de como aqui era bonito. Aliás, esquecido não. Apenas o sentimento de saudade misturado com a raiva e a dor da perda. Na minha cabeça, até algum tempo atrás, voltar para cá era como me esfregar na cara de que eu nunca mais poderia pisar aqui sem ficar machucado.

– E agora é diferente? – Luiz me abraça pela cintura e eu me encosto no peito dele olhando para o horizonte. Uma imensidão verde e tranquila.

– Muito. Consegui mudar alguns sentimentos. Mudar não... – ele pensa um pouco. – Classificar eles de modo certo. Antigamente eu tinha raiva do que havia acontecido, é uma coisa normal. Todos que perdem alguma coisa passam por este sentimento. – Concordo, porque ainda

tenho os meus rompantes. – Mas agora eu consigo sentir que a raiva se acalmou e se transformou em uma coisa mais nostálgica. Uma saudade que ainda dói, mas que agora é lembrada com mais carinho, um sorriso por ter encontrado algum fato que relembre alguma história em especial e afins.

Luiz me aperta mais um pouco e continua falando.

– Se eu voltasse aqui há um ano atrás aqui, mais ou menos, teria surtado por completo. Chutado algumas coisas, quebrado outras e me enfiado em uma garrafa. Meu coração iria se despedaçar e as lembranças da época que eu era feliz iriam tirar sarro da minha cara. Agora posso conviver com elas e ainda me alegrar por elas voltarem e me trazerem um sorriso. Isso é revigorante, sabe? Quando entrei aqui pensei que iria querer ir embora na primeira chance. Até pensei em ligar para o AC vir me buscar de carro, mas quando as lembranças começaram a vir, eu percebi que estava enganado, elas estavam me fazendo bem. E até estou com um pouco triste de ter que ir embora daqui a pouco.

– Tu pode voltar quando quiser, Luiz. Aqui também é tua casa. – Digo olhando para ele por cima.

– Eu sei, já estou pensando quando pode ser a próxima vez que a gente vai voltar. Podemos trazer os teus pais, teu pai gosta de pescar, não é? Podemos marcar uma pescaria com os meus irmãos, eles gostam de fazer isto. Quero trazer o clã e as crianças também, variar um pouco a dos pais da Elis. E também quero vir contigo aqui, só nós dois. O que acha?

– Uma ótima ideia. Mas agora a gente tem que voltar. Tu não tem plantão hoje? – Luiz geme.

– Tenho. E ainda entro uma hora mais cedo.

– Vai de moto comigo? Ou de carro com alguém. – Vejo ele hesitar um pouco.

– Te importa de eu ir de carro? Acho que uma viagem de moto por semana já está ótimo.

– Medroso. – E quando eu falo isso, ele me derruba na grama e começa a me fazer cócegas, até eu pedir arrego.

Luiz me beija e me ajuda a levantar do chão. O brilho nos seus olhos me deixa feliz e com a alma mais limpa. Lembro de uma conversa que o Luiz teve comigo há um tempo atrás, pelo telefone, e quando estava bêbado. Ele havia me dito que quando eu estava por perto, o seu coração parava de doer, e eu entendi o que isso significa nesse sorriso que recebi.

Voltamos para onde todos estavam e nos despedimos da Nilza, que fez mil e uma recomendações para que a gente voltasse. Pego o meu capacete, escuto o Luiz me dizendo que não era para eu correr, me cuidasse, e repetir isso umas cinco vezes. E quando eu ligo a pretinha, sinto uma pessoa se sentando atrás de mim e agarrando a minha cintura.

– Nem acredito que eu vou fazer uma viagem de moto! – Luiza fala toda animada com a voz abafada dentro do capacete. – Sempre quis ter uma, ou chegar perto de uma, mas o meu véio não deixava, e agora ele anda mais que eu.

– Não por vontade própria digo para ela. Vai comigo? – Ela responde que sim extasiada. – Pronta para ficar com dor na bunda e nas pernas amanhã?

– Esse já era o plano inicial desde ontem. Não vai acrescentar em nada. – Ela ri e quando eu me viro, ela pisca para mim maliciosamente. – Digamos que ontem à noite eu reencontrei uma pessoa que me chamou para sair hoje. O pai vai para o plantão e eu vou ficar fazendo o que em casa sozinha? Vou aproveitar a oportunidade. Vamos que eu ainda tenho que me arrumar, Carla!

Acelero a moto, Luiza dá um gritinho de susto e felicidade ao mesmo tempo, e ganhamos a estrada com alguns correndo alguns quilômetros a mais do que o permitido naquela estrada.

Por Luiz

Quatro e meia da manhã e eu deitado em uma maca das salas de observação aqui do pronto socorro. O único barulho que quebra o silêncio é das máquinas e de algumas pessoas nos corredores.

O plantão acalmou agora, por isso eu estou aqui deitado e esperando o tempo passar. Estou cansado, dos acontecimentos de ontem e da agitação até agora. Não vejo a hora de chegar em casa e me deitar na minha cama.

Pego o meu telefone do bolso e vejo o que perdi nas últimas horas. Uma mensagem da Luiza de umas duas horas atrás dizendo que havia chegado em casa, a Carla me desejando um bom plantão e dois áudios do AC.

Escuto os áudios e percebo que é uma conversa dele com a sua “chefe”, que está dando em cima dele descaradamente. Respondo a mensagem, com aquele emoji de boca aberta, e em menos de dez segundos, ele me liga.

– Acordado?

– Estou tendo um tempo pai e filho aqui. Otávio acordou, mamou e resolveu ficar de boa. Estamos na sala tentando ver alguma coisa na televisão, mas nesta hora só está dando aqueles pornô de mal gosto que não servem para nada. E ele está achando tudo isso muito engraçado.

– Ele anda trocando o dia pela noite?

– Acho que não. Ele dorme bem a noite. Hoje que ele decidiu ficar acordado. Daqui a pouco ele volta a dormir e eu também. Mas e aí, como foi o final de semana?

Conto para o meu amigo tudo o que aconteceu. Ele me escuta com toda a paciência que ele possui. AC sempre foi um ótimo ouvinte e me entende como ninguém.

– Fico feliz em saber de tudo isso, Luiz. Tu é um cara que merece toda a felicidade do mundo, e ver que tu está chegando perto dela é motivo de felicidade para mim.

– Obrigado, cara. Tu é um amigo do verdade. Sempre digo que a minha “recuperação” começou quando eu te conheci.

– Eu ando assistindo de camarote, e aplaudo de pé.

– Digo o mesmo de ti e da pequena coisa. Aliás, ela veio aqui no plantão hoje. A Bibi anda com a cabecinha bem abaixo de uma costela da Liv, e fazendo ela ficar com dor e com falta de ar.

– O André me ligou avisando isso. Os dois estão bem assustados.

Concordo e escuto um barulho bem diferente do que deveria escutar nessa conversa.

– Bom, acho que entendi do porquê do meu filho está acordado nesta hora. Encher a fralda com estilo.

– Boa sorte, amigo. Se precisar de mim para ajudar, não me chama.

Escuto o AC rindo de mim e conversando com o Otávio, que resmunga alguma coisa incompreensível.

– Já estou me tornando perito neste assunto, Luiz. E não desliga aí que temos que conversar sobre aqueles áudios que eu te mandei.

Espero um pouco até o AC dizer que já pode falar. Ele levou o telefone e o Otávio para o quarto, fechou a porta e ligou o viva-voz.

– Primeiro de tudo – começo a falar. – Já contou para a Elis?

– Ainda não. Estou esperando ter mais coisa para contar para ela. Ou a merda toda estourar, sem trocadilho com o que eu estou fazendo neste momento.

Começo a rir ao telefone, e escuto ao fundo a risada do Otávio me acompanhando.

– Viu só, dindo. Também acho isso muito engraçado.

– Muito. Mas acho que tu está fazendo o certo. Continua gravando as conversas, sem medo e quando chegar a hora usar isso para te safar.

– Esse é o meu medo, Luiz. De estar entrando em um ninho de vespeiro grande e sem nenhuma proteção. E ainda perder o meu emprego. Tenho três filhos para criar, cara.

– Como assim, AC? A mulher louca está usando do poder dela como gerente para te assediar a querer forçar a tua promoção, desde que tu tenha um caso com ela?

– Exatamente, Luiz. Este povo não é certo e, com certeza, não fazem isso sem estar com tudo planejado. Vai ser a minha prova, o cara certinho que não se mistura no meio das fofocas gerais nos cantos da agência, contra a gerente fodonda que já dormiu com metade do alto escalão do banco. Ela tem todos na palma da mão. Não quero arriscar a Elis e as crianças com estas coisas. Se eu perder o emprego, como vou cuidar deles?

– E então tu vai te subordinar a sempre ser um capacho dela?

– Não vou ser capacho, só quero que esse assédio pare, ok? Pela primeira vez na minha vida eu tenho uma coisa minha e que me faz feliz. Não posso arriscar tudo, voltar para a miséria de onde eu sai e trazer eles de arrasto.

– Meu Deus, acho que tu está pegando o jeito dramático da Elis, AC. Colocar essa vaca, no péssimo sentido, na sarjeta é o mínimo que tu pode fazer. E se a merda acontecer, é um sinal que aquele banco não é para ti, meu amigo incorruptível. Com certeza, tu, a Elis e as crianças não vão passar fome e morar em baixo da ponte. Vamos fazer assim, amanhã, ao invés de jogarmos squash, vamos para a lanchonete ali e conversar um pouco sobre o que fazer.

– Tu vai me convencer a denunciar, não é?

– Ainda bem que tu me conhece, AC. – E encerro a conversa depois dele suspirar e aceitar o convite de me encontrar amanhã.

Eu amo o AC como um irmão, mas às vezes, o fato dele ser bonzinho demais me causa uma certa ânsia de esganar ele. E ainda digo, se alguém ousar a tocar nele, ou na sua família, vai ter que se ver comigo, e tenho certeza que eu terei mais dois ajudantes neste crime organizado.

.

Amo como a Luiza é uma pessoa desleixada. Ela me avisou que iria sair ontem à noite. Deixei até o carro com ela, de tanto que eu confio na minha filha. Mas nesse momento eu estou com uma vontade imensa de esganar ela, ou de afoga-la na piscina aqui de casa. A Luiza me deixou sem chave de casa! E agora eu estou aqui, um caco de pessoa, que ficou a noite toda acordada, cansado, louco por um banho, ligando desesperado para o celular dela e escutando ele aqui de fora.

Maldita Luiza e a sua mania de deixar tudo por onde passa!

Fico mais uns cinco minutos tentando fazer com que ela acorde e desisto. São quase seis e vinte da manhã e é bem capaz de um vizinho ligar para a polícia para saber o que está acontecendo do que a minha filha, e o seu sono de pedra acordar.

Ligo para a Carla, minha única esperança, antes de eu desistir de tudo e me deitar na porta de casa. Ela também não atende, será que fizeram um complô contra mim?

Bora deixar o véio dormir no relento, pegar uma gripe das fortes e acabar no hospital!

Ligo novamente para a guria e sou atendido pelo seu pai. Explico para ele a situação e sigo em direção a casa deles.

Rogério, o pai da Carla me recepciona na entrada. Ele está saindo para trabalhar, Lúcia me convida para entrar, e quando dou por mim, estou tomando café da manhã com os dois, e o Diego que está mais dormindo do que acordado à mesa.

Rogério sai para a delegacia, Lúcia e Diego para uma consulta com o oftalmologista dela, e eu fico sozinho em casa com a Carla. Chego até a abrir um sorriso malicioso para o nada quando percebo isso.

Subo as escadas, abro a porta do quarto dela e a encontro toda desengonçada na cama. E antes de tudo, eu me lembro que preciso tirar o cheiro de hospital de mim. Começo a fuçar nos guardas roupas e encontro uma parte só com roupas minhas que a Carla vem trazendo. Agora eu sei porque não tenho mais roupa em casa, com ela trazendo para cá e a Luiza limpando os guarda-roupas, não sobrou quase mais nada para mim em casa.

Tomo um banho rápido, visto uma roupa e vou para a cama de solteira dela, tentar encontrar um espaço para mim. Carla se remexe quando eu consigo me deitar. Sua mão toca o meu peito e vai descendo aos poucos.

– Se tu continuar a descer essa mão, não me responsabilizo pelo o que vai acontecer aqui.

– O que tu está fazendo na minha cama, que horas são?

– Deve ser umas sete da manhã. A Luiza me deixou sem chave e não atende o telefone, vim para a minha chave reserva. Teus pais me deixaram entrar, tomei café da manhã com eles. Batemos um papo legal, combinamos de quinta fazer uma junção lá em casa e agora que eles

saíram eu vim buscar a minha chave, mas acho que vou dormir por aqui mesmo. Alguma objeção?

Ela geme alguma coisa e sobe para cima de mim, colocando a cabeça sobre o meu peito. Enfio as minhas mãos por baixo da blusa do seu pijama e antes de fechar os olhos eu falo.

– Tua mãe ainda disse para eu te avisar que o almoço de hoje é contigo. E que eu sou convidado também.

E depois de escutar ela gemer em desaprovação do recado, eu fecho os olhos e durmo um pouco.

Capítulo 49

Por Luiz

Casa cheia. Coisa que há muito tempo eu não sabia o que era entre estas paredes. A noite clara, as luzes que iluminam o pátio, que eu tive que trocar umas lâmpadas, já que muitas estavam queimadas por falta de uso, acesas e as conversas em todos os cantos da casa. Risada na sala com a Sarah e o Yago olhando algum filme e se entupindo de pipoca que eu fiz, conversas paralelas das mesas à beira da piscina e tantas outras coisas mais.

Tomo um pouco da dose que a Luiza me serviu de vinho agora há pouco. Observo a movimentação da casa pela janela da cozinha, que dá para o pátio e chego a abrir um meio sorriso afetado no rosto.

– Amo conversar com as pessoas e elas não me escutarem. – Sinto o cutucão da Elis nas minhas costelas.

Ainda bem que ela não usou a faca que estava manuseando ao fazer isso.

– Onde tem arroz? – Ela pergunta e eu fico meio desorientado tentando entender o que ela quer dizer com isso.

– Segunda porta à esquerda, Elis. – Alguém atrás de mim responde. E quando eu me viro, o sorriso besta volta com mais força ainda.

– Obrigada, Carla. Já estava afim de pedir para o AC ir lá em casa buscar o que temos lá, porque perguntar para o Luiz é um caso perdido.

– Ela não deve ter trocado a pilha do aparelho auditivo. Só pode.

– Parem de falar dos meus problemas de audição. Sou sensível. – Elis ri da minha cara, daquele jeito que parece uma hiena e a Carla se aproxima de mim com os braços bem ocupados por um certo Otávio, que ao escutar a risada inconfundível da mãe, abriu os olhos.

– Alguém esquentou a fralda. Senti agora há pouco aqui.

Começo a brincar com o meu afilhado e quando faço menção de pegar ele no colo, a Carla se afasta de mim, ignorando o fato.

Desde que eles chegaram aqui, ela se adonou da criança, e não deixou ninguém chegar perto. Nem mesmo o próprio pai, que veio direto do trabalho, ou eu, o dindo favorito.

– Sai, Luiz. – Ela me xinga, e me olha feio, quando eu tento, outra vez, pegar por cinco segundos o Otávio.

– A bolsa dele está ali em cima. Quer que eu troque...?

– Não precisa. – Ela se apressa em dizer e ainda manda que eu pegue a bolsa azul com um desdenho de ovelhinha e bordado o nome do Otávio.

Nunca vou esquecer a briga da Elis, possessa da vida, quando descobriu que não havia desdenho de cabritos para as bolsas infantis. O AC teve que contorcer muito a esposa para conseguir, pelo menos, garantir o desenho de ovelhinha no fundo azul. Quem não tem cabra, caça com ovelha. Bordão adaptado por mim.

– Vamos lá trocar a fralda do Tavinho e fazer xixi na cama do dindo Luiz! – Carla fala animadamente e sai cantarolando com o pequeno nos seus braços.

– Vai rindo, – Elis eleva a voz para que ela escute. – Ontem ele me mijou na cama enquanto eu trocava ele.

Espero, realmente que a Carla e a Elis estejam brincando. Xixi de criança, é a última coisa que eu pretendo encontrar na minha cama hoje quando eu me deitar. Espero encontrar outras coisas, bem melhores, e que pelo o que eu notei de canto de olho, está usando um sutiã amarelo com estrelinhas coloridas.

– Impressão minha, ou eu acabei de perder o meu filho? – Elis pega o recipiente do arroz e leva até a bancada. – É maldade minha dizer que eu estou descansada com esta situação? Sem estar me preocupado se a Fofinha e o Antônio estão em cima dele, ou se o Gato está tentando dar um banho no Otávio ao seu modo?

Entrego a panela que servirá para o arroz a ela.

– Acho que não. Tu é mãe de três, muitas pessoas acham isso uma loucura na atual circunstâncias que vivemos. Está tirando isto de letra, e nada mais normal do que levantar as mãos para o céu quando uma ajuda chega assim de tão bom grado, e um pouco possessiva com o Otávio.

– Tirar de letra não é bem a expressão, Luiz. Às vezes eu confundo os filhos, esqueço as coisas em cima do fogão aceso, quase colocando fogo no prédio. E estes dias fui fazer uma hidratação caseira nos cabelos da Sarah e por dois segundos de descuido, quase que o Perereco comeu a mistura pensando que era mingau.

Rio. Elis pega uma faca e escolhe a pobre vítima que vai sentir a sua ira: uma inocente cebola. Ela começa a cortar, nada delicada, e quando eu me viro para ela novamente, vejo uma lágrima escorrendo pelo seu rosto. Fico na dúvida se é pela cebola ou alguma situação. E também tenho receio de perguntar e a Elis resolver me assassinar pela questão inconveniente.

– Mas eu não reclamo de nada, Luiz. Amo os meus filhos, como eu nunca pensei que pudesse amar uma criança. Não mudaria nada neles. Também não posso me esquecer do AC. Antes mesmo dele chegar em casa do trabalho já está de bunda para cima juntando as coisas e começando a deixar tudo em ordem. Somos uma dupla imbatível. A desorganizada e o certinho. Ele ajuda a Sarah com os deveres de casa, todo o santo dia. Janta e banho no Antônio, coisa que não é nenhum pouco fácil, e quando eu estou quase cansada, ele assume o Otávio. Eu sei que ele também cansa, o dia todo enfurnado naquele banco, resolvendo os problemas dos outros, sendo penico para desaforo alheio, porque o que o pessoal mais gosta de fazer é xingar os funcionários, como se fossem eles que fizessem as regras. E nem por isso, ele deixa de ser o mesmo AC de sempre e o melhor pai que eu poderia sonhar para os meus filhos. Ter ele ao meu lado faz o número três ter um significado bem menor do que ele realmente representa.

Ela abre um sorriso, e eu percebo que a lágrima é provocada pela cebola assassinada. Ajudo ela a colocar tudo em ordem na cozinha e continuo a falar.

– Não é uma coisa fácil ser pai hoje em dia, e acho que nunca foi. As responsabilidades sempre foram as mesmas. Lembro quando eu chegava da faculdade, podre de cansado, sujo de formol por estar trancado em um laboratório de anatomia, e tu sabe como eles deixam a gente

super cheirosos. – Ela faz a menção de quem está passando mal e vomitando de brincadeira. – E quando eu via a Joana com a Luiza no colo e as olheiras profundas de cansada eu sabia que não poderia deixar de ajudar ela, por mais moído que eu estivesse aquele dia. O trabalho de casa e cuidar um filho é mais cansativo do que qualquer outra coisa. Passei pelos dois lados e posso afirmar isso com precisão.

– Com certeza, e ainda mais do que eu tu pode falar isso, já que teve que aprender tudo de dentro de casa sozinho. Eu, além do AC, tenho o Noah e a Su ao meu lado sempre me ajudando quando eu preciso, e vice-versa. Porém, cheguei à conclusão de que quando eu voltar a trabalhar, vamos ter que encontrar alguém para nos ajudar com as crianças. Os horários não batem e uma coisa é cuidar de crianças na mesma faixa etária, como o Antônio e a Fofinha, e dar uma olhada no Yago e a Sarah que já estão grandes e se viram sozinhos dentro de casa. Mas com o meu Cabritinho, a história complica mais um pouco, não tenho como conciliar tudo, então vamos ter que ir por este caminho. E sem falar na Kombi que vamos ter que comprar em conjunto para carregar toda a trupe junto. Esses dias levei a Sarah e o Yago ao dentista e tive que carregar de arrasto os três pequenos, o coitado do meu carro quase pediu arrego no meio do caminho. Eu não sabia se cuidava o trânsito ou o Otávio no colo da Sarah, o Antônio e a Fofinha na cadeirinha deles ou no guarda de trânsito que poderia me multar.

– Um perigo mesmo, Elis. Não dá para andar assim mesmo.

– Com certeza. Levei o maior xixi do AC e do Noah por causa disto. Mas era a única solução para o caso. Aí os dois estão pesquisando uma Kombi, besta, minivan, utilitário ou até um caminhão para carregar todo mundo adequadamente. Antes que eu atasse algum dos maiores em cima do carro.

Elis começa a rir daquele jeito estranho dela, que chega a chamar a atenção do pessoal que está na rua. André, Liv e uma Bibi causando dores a mãe, Noah, Su, os pais da Carla, minha filha e o Diego. E sem contar o meu cúmplice de todas as horas, o AC. Que assim que escuta o guincho, que a Elis chama de risada, olha para nós e sorri alegremente, bem diferente do que estava comigo ontem à noite.

Desmarcamos o squash para fazermos uma rodada de lanche gorduroso na lanchonete ali perto. Conversamos muito. Começou comigo, como sempre o impaciente Luiz e a sua ânsia de vomitar os seus problemas para os outros sem remorso nenhum. Falei do fato que aconteceu no final de semana, eu voltando para a fazenda onde nasci e há muito não retornava. Comentei que, ao invés do que eu imaginava, voltar me deixou mais em paz comigo mesmo, e com os meus sentimentos, do que eu esperava. A raiva e remorso havia dado lugar a saudade com um misto de nostalgia saudável, aquela que sentimos e nos alegramos de recordar os bons momentos vividos e excluindo tudo que possa manchar essas lembranças.

Comentei da minha harmonização com o Beto, batemos o recorde de não brigar este final de semana. Acredito que depois de anos de brigas ferrenhas, e uma pequena competição de “mijo”, nossos ponteiros se acertaram. Talvez o fato clichê dele estar sentindo o tempo passar e perceber que já tinha perdido muito nessa vida tenha o atingido e o feito abrir os olhos para tudo que está a sua frente e como ele as afastou com o seu temperamento explosivo.

E o mais importante, pelo menos para mim, nisto tudo. O meu relacionamento com a Carla. Sei que estamos juntos há pouco tempo, mas não posso deixar de dar créditos a ela para

essa mudança radical. No fundo, eu sei que tanto o meu regresso para casa, como a minha calma e compreensão para lidar com o Beto, vem do fato dela estar na minha vida. Nunca neguei que eu sou/era uma bomba ambulante. Não aceitava o fato de sequer pensar em ir à fazenda novamente e não suportava ficar por muito tempo na presença do Beto sem trocar palavras de puro afeto entre irmãos (ironicamente, claro).

Depois de descarregar tudo isso, e ser escutado com o melhor psicólogo, sem registro no conselho regional, foi a minha vez de ser o ouvinte. Até porque é para isso que servem os amigos. Escutar, aconselhar, falar, agir e entender o lado da questão. Uma via de mão dupla, onde a confiança e a plena certeza de poder falar e conseguir dividir o fardo, é mais que garantida.

Fiz questão de tocar no assunto da patroa que quer o corpo nu do AC na sua mesa. Novos áudios foram adicionados a pasta que eu tenho salva no meu celular, caso alguma coisa aconteça com o dele. Uma cópia de segurança.

Meu amigo me contou que estava com muito medo de mexer em um ninho de vespeiro sem nenhuma roupa protetora, e ainda por cima, levar algum resquício para a sua casa. E eu, conhecendo bem, e assistindo de camarote boa parte da sua vida, entendo cada receio que ele tem com essa questão.

Poxa, o cara nunca teve nada até pouco tempo atrás. Salvou a prima sem cobrar nada em troca, casou-se com ela para dar a oportunidade da Olívia sobreviver e hoje ser feliz à espera da sua princesinha ao lado do André. Milhares de reais em dívidas hospitalares, que eu sei que não foi nenhum pouco barato, ou abatida com descontos por parte do hospital. Lá o lema é o seguinte: SUS é um pouco melhor que nada, particular ou tu paga, ou nem te atendemos. A vida de uma pessoa se resume a um papel dizendo que tu deixa todos os teus bens em mãos do hospital até não dever nenhum centavo para eles.

Mas enfim.... O AC só conseguiu se estabilizar na vida há pouco tempo. Achou um novo sopro de esperança, que se transformou no furação louro da Elis, e que agora tem o pacote completo. E para quem conhece ele há tempos, sabe o quanto ele é feliz com o que tem. A esposa, os filhos e tudo mais que a vida de casado proporciona.

E ter uma mulher, poderosa, que pode acabar com a vida dele só porque ele se nega a trair a esposa que ama com ela é revoltante. Ver ele ser ameaçado a ser transferido para cidades no fim do mundo, ou até mesmo, um “pequeno deslize”, que pode acarretar em uma demissão por justa causa, como ficou subtendido em um dos áudios.

Meu conselho para o AC ainda é o mesmo: a denúncia. Sair dessa história o mais rápido possível, escancarar a verdade para todos e rezar para que a justiça seja feita.

Por Carla

No silêncio da sala, Otávio dorme no meu colo. O barulho das conversas e os gritos das crianças, que voltaram para a piscina após o jantar não significam nada para o sono do pequeno. Mesmo na penumbra eu consigo distinguir as suas feições delicadas, sua respiração quente batendo sobre o meu peito através da minha blusa. E batendo direto no meu coração.

Assim que ele chegou aqui eu o assumi por completo. Dei uma folga para a Elis e o AC, para eles aproveitarem a noite com os amigos. Eu não ligo, bem pelo contrário, já que estou começando a ficar triste por saber que eles estão quase encerrando a noite e irão levar o Otávio para casa.

Minhas horas de brincar de mãe de verdade estão acabando. E isso já começa a me preocupar pela pequena ressaca que vou ficar.

Novamente, a vontade avassaladora de ser mãe me castiga. Se eu já penso nessa questão quase todos os dias antes de dormir, quem dirá agora depois deste gostinho.

Eu sei que as mulheres têm um chamado “relógio biológico”, nosso corpo começa a reconhecer os sinais de que devemos engravidar. Deixar os instintos falarem mais alto de que tudo. Mas como dar ouvidos a ele quando a minha situação é completamente a oposta. Meu corpo nunca conseguirá gerar uma vida dentro dele. E isto me machuca sempre.

Porém, eu ainda tenho possibilidades de realizar esse “chamado da natureza”, por assim dizer. A opção de adotar uma criança ainda é a possibilidade mais viável, e palpável, para mim.

Até já andei dando uma pesquisada, e também uma desmotivada em saber do tempo de espera desestimulante, tanto que algumas pessoas desistem do sonho de adotarem pelo tempo de espera ser tão grande. Incrível como até para fazer um bem a burocracia atrapalhada do nosso país atrapalha.

Sigo observando o pequeno Otávio dormir no meu colo, quando a porta da sala se entreabre e eu vejo o meu pai entrando.

– Te achei, minha filha. Pensei que tivesse saído. – Ele se aproxima de mim, beija a minha cabeça e se senta ao meu lado no sofá.

– Estou de babá hoje e estava muita conversa e grito das crianças para o Otávio dormir. Aqui está mais tranquilo. Elas ainda estão na piscina?

– Sim, e agora o Luiz entrou junto. Acredito que antes de amanhecer eles não saem de lá.

– Ai meu Deus, se o Luiz entrou junto ele não vai sair mesmo. Ele é pior que as crianças. Capaz de dar um cansaço em todos e ainda ficar lá. Ainda mais se ele bebeu.

– Ele não bebeu pouco, aliás, nem eu e a tua mãe não escapamos de beber além da conta. Comida, conversa e companhias boas, não dá para resistir ao encanto.

Um sorriso se apresenta ao meu rosto em saber que o meu pai acha todos aqui pessoas do bem. Nossa família não é muito social. Para assumir o concurso, há anos atrás, meus pais tiveram que se mudar de cidade e ficar afastando de amigos e parentes. E pessoas do interior vindo para a cidade grande, não são tão dadas a novas amizades assim. A desconfiança sempre foi um marco na família Denski. A única pessoa mais dada a fazer amigos é o Diego, e agora morando longe, a monotonia era a companhia lá de casa.

Otávio suspira no meu colo e faz um bico de choro e volta a dormir. Deve estar sonhando.

– E essa coisinha aqui? Faz tanto tempo que eu não fico tão perto de um bebê assim. Acho que a última foi tu, Carla.

– Já faz um tempão então. – Completo.

– Uma vez eu pensei que fosse ver mais essa cena. – Ele fala como se estivesse medindo as palavras. E eu entendo do que ele quer dizer. – Depois do choque inicial, eu comecei a querer me acostumar. Lembrei do que tudo poderia significar e voltar a repetir. O choro na madrugada, o jeito como nós teríamos que redecorar a casa para não ter perigo, quando aprendesse a caminhar. E depois de grandinho aprendendo a andar de bicicleta, assim como eu fiz contigo e com o Diego há anos atrás.

– Pai. – Tento o calar. Já basta a minha ressaca que eu vou ficar, não preciso dele me lembrando de tudo que eu não quero recordar.

– Deixa eu falar o que eu nunca te disse, filha. – Ele me cala. – Não foi só tu que sofreu, claro que as tuas cicatrizes são mais profundas que as nossas, mas também sofremos, principalmente eu. Tinha passado aquilo com a tua mãe antes de ti nascer, e agora te vendo sofrer. Não foi justo, Carla. Aquilo não era para ter acontecido, e se tivesse que acontecer, com certeza não nas proporções que foi.

– Por favor. – Eu sinto as lágrimas se formando no fundo dos meus olhos.

– Eu já acabei, filha. Não queria te trazer sofrimento novamente, só precisava verbalizar tudo. Não tive coragem de fazer isso antes porque eu sei que seria demais para ti. Mas agora tu está bem.

Ele beija novamente a minha cabeça e um afago na minha bochecha. Ele faz menção de levantar e eu abro a minha boca, confirmando a minha vontade que vem crescendo a cada dia que se passa.

– Pai. Eu estou pensando em adotar uma criança. O que tu....

– O que eu acho? – Ele completa a minha frase e eu aceno que sim.

Ele se levanta e, mesmo na penumbra, eu vejo o sorriso no seu rosto e ele se iluminar.

– Uma coisa ótima, Carla. Estava até com medo de que este dia não chegasse nunca.

E depois de dizer isto, sai da sala me deixando sozinha com o Otávio, e novamente, milhares de imagens na minha cabeça. Porém agora, todas elas são uma esperança real de acontecer e não apenas o que poderia ter sido.

,

– Não consigo dormir. – Luiz fala enfiando as mãos dentro da blusa do meu pijama e apertando a minha cintura.

Olho no celular e vejo que são três horas da manhã. Consegui tirar ele da piscina um pouco depois das duas, depois do Antônio estar dormindo em pé e a Fofinha tendo uma briga ferrenha com o seu pai. Quando alguém perguntava para ela o que ela ia ser quando crescer a sua resposta era a mesma: “namorada do Peleleco”. E juntando ao nível de álcool de todo mundo, ninguém mais sabia se ria ou incomodava o Noah pela questão.

Levei os meus pais para casa, enquanto a Luiza levava o Luiz para o banho e tentava curar um pouco do porre dele. E agora estamos aqui, eu quase dormindo e ele querendo me levar para Nárnia de tão louco que está.

– Tu não deixou eu pegar o Otávio no colo. Eu sou o dindo legal, tenho eu ter contato com ele sempre.

– Ele estava bem comigo. Cuidei dele direitinho, a Elis e o AC não reclamaram por eu ter ficado com ele esta noite.

Luiz geme. Rio do seu estado deplorável e me aconchego mais nele para conseguir dormir um pouco. Escuto ele ressonar um pouco e fecho os olhos.

– Tu fica bonitinha com ele no colo. – Levanto a cabeça para e esqueço que o quarto está escuro por total.

Ele deve ser a única pessoa que ronca até acordado.

– Parece que foi feita para ter uma criança no colo. Mas isso... – Ele ressona de novo e dá um pulo de susto.

– Vai dormir, Luiz. Amanhã a gente conversa.

Ele me aperta mais um pouco e troca de lugar comigo, me deixando em baixo dele.

– Teu pai falou comigo. Por que tu não me disse que quer adotar? – Fico sufocada em baixo dele. Às vezes eu acho que o Luiz é igual aqueles cachorros gigantes, mas que pensam que são filhotes. Não têm noção do tamanho e peso deles.

– Eu estava pensando nisto hoje à noite enquanto estava com o Otávio dormindo em cima de mim. Achei que estava na hora de começar a me mexer para quando chegar a minha vez de adotar, estar pronta.

– Gostei. – Empurro ele que cai como uma abóbora gigante ao meu lado.

Sua mão procura a minha e ele aperta.

– Nunca pensei em ter mais filhos. – Novamente ele geme e suspira. – Mas agora eu vejo os meus amigos todos com crianças e me sinto mais velho do que eu já sou. E olha que isso me classificaria como uma múmia ambulante.

Levo um susto quando ele dá um pulo na cama e liga um dos abajures de cabeceira. Ele sobe em cima de mim, de novo, e fica olhando especificamente dentro dos meus olhos enquanto fala.

– Será que eu ainda vou estar caminhando até a resposta da adoção chegar? Ou vou ser daqueles pais que são confundidos com o avô das crianças e eu vou ter que explicar que sou o pai da criança.

Luiz continua falando, mas a minha mente parou quando ele mencionou a palavra pai.

–... não, eu sou o pai dessa cria. – Ele fala como se estivesse falando com alguém invisível dentro do quarto.

– Luiz?! – Chamo ele que volta a olhar para mim, com um sorriso afetado pelo álcool no seu rosto.

– Fala mamãe. Ah eu vou te chamar assim. É meio excitante, não é?

– Shiu, cala a boca e me escuta. Tu disse que vai ser o pai?

– É claro, ou tu tem outra pessoa para este papel? Se for guri tenho que ensinar algumas coisas para ele, e se for guria, tenho que fazer um intensivo com o Diego sobre armas. O véio vai voltar à ativa.

E a minha única opção agora é beijar o Luiz e quase ficar bêbada por isto. Mas agora a ocasião é totalmente especial. Não é todos os dias que alguém veste a camiseta da tua causa e ainda se escala para o time titular.

Capítulo 50

– Tu não dorme nunca? – Vejo, ou melhor, uma sombra desfocada que eu acredito ser a minha filha, por cima dos óculos e dou os ombros. – Não faz cinco horas que eu te vi sendo arrastado para cima pela Carla. E agora está aqui acordando a quadra toda com esse piano.

– Bom dia para ti também, filha. E eu dormi sim, mas acordei com a guria saindo da cama há pouco e aí perdeu a graça ficar sozinho lá.

Ela faz um som de quem está forçando o vômito e eu volto para as minhas partituras do piano à minha frente. Escuto ela se atirando no sofá pequeno que tenho ali e o barulho dela digitando ferozmente no telefone.

– Tudo certo para amanhã? – Pergunto, repito e tenho que me virar para dar um tapa na perna da Luiza para ela me responder.

– Sim. Terminei o vestido dela ontem à noite e ajustei um que trouxe para mim. Amanhã preciso convencer a Carla a ir ao salão comigo, e eu tenho a impressão que o sapato que ela quer usar não vai combinar com o que eu quero que ela use.

– Boa sorte nesta tarefa, filha.

– Eu vou precisar mesmo. – E ela volta para o celular.

Volto a remexer nos papeis.

– Ah, e eu peguei o teu cartão de crédito. – Me viro para ela que está focada no celular.

– Para que?

– Ué. – Ela me olha como se não entendesse. – Alguém precisa pagar o salão e eu preciso de um sapato novo. – Luiza me dá um sorriso inocente, mas cheias de inúmeras pretensões por trás. – E nem adianta me olhar deste jeito, Seu Luiz, amanhã à noite tu vai me agradecer.

Luiza larga o celular em cima do sofá e vem se sentar ao meu lado no banco do piano. Ela passa o braço sobre o meu ombro, encosta a cabeça no meu peito em um abraço estranho e eu até esqueço do que estávamos falando mesmo.

– Lembra quando teve aquela apresentação de talentos na escola e os pais tinham que participar? – Ela fala.

– Claro, eu toquei e tu cantou uma música. Foi ali que eu percebi que tu era igual a tua mãe. Uma porta surda para música. Ainda bem que era boa com linha e agulha como ela.

– Que horrível, pai. Tu disse que eu fui a melhor de todas!

– E eu ia dizer que era a pior? Não, né? Os pais nunca fazem isto com os filhos, e só contam quando eles crescem e podem lidar com a realidade. E a realidade é esta Luiza, tu é péssima com tudo que envolve música.

– Ai credo, pai. E tu ainda colocava aquela fita cassete da apresentação em looping quando chegou aqui.

– Claro, eu queria que tu chegasse a conclusão sozinha. E tinha um vespeiro perto da janela

da sala. Como tu acha que ele foi dizimado? As pobres vespas não aguentaram tu cantando.

Luiza chega a se afastar de mim, e emburra a cara. De um jeito até que fofinho.

– Ah deixa disso. – Pegó uma partitura alheia e mostro para ela. – Vamos ver se os anos foram generosos contigo, Luiza. Eu toco e tu canta. Como nos velhos tempos.

Convenço ela e quando ela abre a boca para cantar, eu percebo que não melhorou em nada a sua performance.

.

– E aí, Zilda. Como está a criança hoje? – A paciente idosa pega a boneca de plástico e embala ela junto ao seu peito.

Escuto ela atentamente me relatando de como a “Zinha”, nome da boneca, não a deixava dormir à noite. Ela era uma criança esfomeada e precisava ser cuidada sempre que estava acordada. Anoto os pontos altos da conversa no prontuário e deixo ela fazendo a Zinha dormir, já estava na hora das crianças irem para a cama.

Caminho por entre os pacientes e converso com aqueles que o pessoal da enfermagem me relatou alteração nos últimos dias. Luiza veio comigo e ficou na ala dos que estavam na rua, os mais calmos e estáveis que podiam ter a liberdade de caminhar pelo pátio sem a supervisão constante.

Para dizer que eu não fiz nada hoje, eu vim para o asilo dar assistência para os meus velhos. Não bato o cartão só na parte psiquiátrica daqui, aproveito e faço de tudo, desde o mais simples resfriado aos pacientes acamados que precisam de um cuidado mais intenso. Assim, a chefia de enfermagem não necessita ligar para todos os postos de saúde da região para mendigar alguma consulta com médicos que não estão nem aí para o paciente, só querem acabar com os atendimentos e voltarem para os seus consultórios e ganharem mais dinheiro.

Realmente, a cada dia que se passa, penso que os médicos escolhem a profissão pela recompensa salarial e não a verdadeira essência. Médicos deste tipo me deixam enjoado. Tanto que sempre quando há confraternização do conselho da cidade, eu rejeito o convite e, dependendo do médico que está de plantão antes de mim, faço questão de assumir exatamente na hora certa, para não ter que cruzar com certos “colegas”. E sem contar o fato da bagunça deles que eu tenho que apaziguar e limpar.

– Doutor. – Escuto uma voz receosa atrás de mim. Me viro e encontro uma mulher assustada me olhando.

– Pode me chamar de Luiz. – Sorrio para ela que se assusta bem mais.

Estendo a minha mão para ela que, depois de hesitar, aceita e aperta com uma leve pressão.

– Eu sou a filha da Cecília. – De cara eu já lembro da paciente.

Um caso novo. Ela chegou para o asilo semana passada e eu conversei com ela alguns dias depois. Um caso avançado, onde a única coisa que podemos fazer é amenizar as crises, e fazer de tudo para que a paciente se sinta confortável. Infelizmente um quadro irreversível.

Caminho por entre os corredores do asilo conversando com a filha da paciente. Explico todo o quadro dela e o que podemos fazer pela sua mãe. Consolo ela que chora enquanto eu falo

e digo que sei exatamente o que ela está sentindo por ter passado por uma situação igual.

Acredito que esta sensibilização que eu tenho é uma coisa que me dá certa vantagem no que eu faço. É como se eu ganhasse uma confiança dos familiares por esse fato. Uma cumplicidade. E comprovo mais uma vez isto quando a conversa encerrou com a filha da paciente dizendo que poderia ficar mais calma, pois saber que a mãe vai estar bem melhor cuidada aqui, com todos os recursos e eu para atendê-la, do que na sua casa sem estrutura nenhuma e sem dinheiro para comprar os remédios adequados.

E é como um banho de paz para a minha alma.

Encontro a Luiza no portão de saída. Passamos no mercado para comprar alguma coisa para comer, vamos até o aeroporto buscar a Vivi e a Júlia, que o Beto me pediu, já que ele estaria em reunião na escola com o Gê.

Vejo a minha ex, ou atual, cunhada com um sorriso diferente e a Júlia, a mesma coisa espreitada de sempre. Ela e a Luiza engrenam um assunto aleatório, enquanto eu e a Vivi focamos no caso dela.

A princípio, os dois estão se acertando. Ambos chegaram a um consenso que estavam errados e agindo no mesmo. E que querem tentar consertar o que ainda resta para eles. Fiquei muito feliz em saber disto e de que eu pude ajudar a intermediar um pouco eles.

Chego em casa, quase noite. Vejo a moto da Carla estacionada em frente ao portão da garagem, e quase tenho um ataque do coração quando vejo o Diego surgindo sei lá de onde, de capacete e todo de preto.

– Caralho, vai assustar outro, Diego! A sorte que eu não tenho problemas no coração. Senão tu ia te entender com a tua irmã para explicar a minha morte.

Ele se desculpa e diz que precisa conversar comigo um pouco. Luiza entende o recado e sai para o seu quarto dizendo que ia tomar um banho e depois fazer alguma coisa para nós comermos.

– Aconteceu alguma coisa, Diego? – Pergunto enquanto desvio a mão de uma garrafa de cerveja. Chega de porre por essa semana.

– Não. Só queria conversar contigo algumas coisas. – Ofereço alguma coisa para ele que nega.

Vamos até a sala e eu sento no sofá e vejo ele no outro.

– Eu estou voltando à ativa, Luiz. E queria te pedir um favor. Assim como eu já fiz com o pai.

– E o que seria.

– Bom... – ele hesita. – Tu já deve ter percebido que o meu trabalho não é convencional. Corro riscos reais e estas coisas. O meu pedido é simples. Se acontecer alguma coisa comigo, quero que tu cuide da Carla. Acredito que ela já sofreu demais – ele olha para mim e eu entendo o que ele quis dizer. – E o pai já está encarregado de cuidar dele e da mãe.

Uau.

Abro a boca para falar alguma coisa, mas acabo fechando por não saber o que falar. Logo

eu, a pessoa que nunca cala a boca na vida.

– Eu sei que é um pedido bem estranho. Mas eu preciso deixar tudo acertado caso eu não....
– Diego passa a mão no rosto. – É importante para mim isto, entendeu? Posso estar sendo exagerado, mas sei que se acontecer alguma coisa, eu vou em paz sabendo que a Carla vai estar bem. Tu faz bem para ela, Luiz, acredito que não tem noção de como.

– Eu.... Eu acho que entendo. Mas confesso que escutar isto era uma das últimas coisas que eu esperava hoje.

– Desculpa. Eu já viajo na terça à noite e hoje era o único dia que eu ia te pegar em casa sozinho.

– Tudo bem. Compreendo a situação, sei que o teu trabalho tem riscos, a Carla me contou que tu estava indo para combate. Ela classificou isto como suicídio, eu tentei amenizar a situação, mas ela não entende. E cá entre nós, ninguém entende. Porém é uma decisão tua e deve ser respeitada.

– Obrigado, Luiz. Eu sabia que alguém poderia me entender.

– Entender não é bem a situação. Como pai me coloco na situação dos teus e imagino que não deve ser fácil. Contudo, como tu disse, pode estar sendo exagerado, e daqui uns anos estar de volta para cá em outro emprego ou em outra função. Cabe a nós nos agarramos nesta esperança, não é?

Ele confirma.

– E quanto ao teu pedido. Acredito que ele não precisava nem ser feito. Eu amo a tua irmã, e assim como tu diz que eu fiz bem para ela, a recíproca é a mesma. Ninguém tem noção de como ela me faz bem e feliz. Se acontecer alguma coisa, de qualquer magnitude que seja, eu vou estar ao lado dela, para o que der e vier.

Vejo o semblante do Diego se acalmar um pouco e um breve vislumbre de sorriso chegar ao seu rosto. Assustador, mas ao mesmo tempo, tranquilizante.

– Ela chegou a te falar sobre o que conversamos ontem? – Resolvo tocar no assunto, pode ser que isso deixe ele mais tranquilo ainda e ciente de que eu vou ficar com a Carla.

– Não cheguei a ver ela hoje. Quando ela foi em casa pegar o uniforme do trabalho, eu estava na rua com a mãe. Quero ir embora com pelo menos a mãe ainda falando comigo.

Assento com um movimento de cabeça. A guria me disse que a situação entre ambos ainda não está das melhores.

– A Carla decidiu entrar com o pedido de adoção de um recém-nascido. – Diego olha para mim e arregala os olhos. – E eu me escalei para o pai da criança. – Concluo.

Diego fica incrédulo, e depois de alguns segundos, sorri em minha direção com os olhos um pouco marejados.

– Isto é ótimo. Eu pensei que ela nunca fosse tomar esta decisão. Eu já tinha falado isso com ela há um tempo atrás, mas a Carla não me escutou e nem deu continuidade ao assunto. Realmente uma ótima notícia. A mana será uma ótima mãe, já tinha essa certeza da primeira vez, e agora a história vai se concluir.

– Assim esperamos. Eu vou estar ao lado dela, Diego. Em todas as situações que vierem.
Diego levanta, me agradece e vai embora.

Fico um pouco alheio ao que acontece na minha volta, até ver a Luiza parada na minha frente, de pijama e com um olhar questionador.

– Tu não perdeu a mania de escutar a conversa dos outros? – Questiono ela.

– E desde quando nós tivemos segredos, pai? Tanto faz eu ouvir ou não, tu ia me contar de qualquer jeito, não é?

Tenho um pequeno déjàvú com a Luiza aqui, mas na situação anterior era a Joana com esse olhar inquisitório e questionador. Ambos me colocam medo.

– Claro que ia. Mas isto não é uma coisa minha, filha. É da Carla e eu acredito que ela fosse querer te contar, ou me autorizar a falar isso.

– E por que tu não perguntou isto quando o assunto surgiu?

– Porque eu estava podre de bêbado e acho que ela nem acreditou no que eu falei. Aí ela saiu hoje pela manhã e nem deu tempo de tocar no assunto. Satisfeita?

Ela cruza os braços e analisa a minha resposta. Déjàvú parte dois.

– Qual é, Luiza. Tu sempre quis um irmão ou irmã. Eu e a tua mãe que ficamos ressabiados de ter outro. Já pensou uma Luiza dois na nossa volta. Deus me livre!

– Eu sei, mas eu era pequena naquela época. E ainda achava que as crianças vinham pela cegonha. Só não entendi o porquê de adotar. Vocês praticam bastante isto, pelo o que eu vejo e ouço. Por mais que isso seja bem nojento.

Paro.

– Aí é uma coisa que só a Carla pode te contar. Não é uma história minha.

Luiza se emburra. Como ela fica bonitinha assim.

– Ah deixa disto, Luiza. – Puxo ela pela cintura e esmago a minha filha.

– Para, pai!

– Não posso, é compulsivo meu. Essa tua cara de emburrada me dá vontade de te fazer cócegas até não querer mais.

– Não tenho mais doze anos para ti ficar fazendo isso.

– E se tem idade para fazer isto? Sinto muito te informar Luiza, mas não existe. Tenho todos os direitos como pai para fazer cócegas na minha filha quando bem entender. E isso se aplica neste momento.

Luiza tenta se esquivar de mim, mas eu prendo ela com uma perna minha. Ela não tem escapatória.

Capítulo 51

– Luiza! – Ofego. – Eu não vou conseguir respirar.

– Vai sim, só mais um pouco.

Vejo o seu reflexo no espelho à minha frente no seu quarto. Ela puxa mais ainda as fitas e eu acho que daqui a pouco ela vai colocar o pé nas minhas costas, para conseguir mais apoio e, por fim, quebrar as minhas costelas.

– Tu vai ver como vai ficar tudo perfeito. Ainda mais com aquele sapato que achamos. Ainda não consigo acreditar que eu encontrei aquela preciosidade naquela ponta de estoque. Estou orgulhosa de mim mesma por este fato. Agora tranca a respiração que eu vou puxar mais uma vez.

Meu Deus, o sapato! Como eu pude me esquecer daquele andaime ambulante? Estou prevendo um pé torcido na melhor das hipóteses.

Luiza puxa mais um pouco e eu chego a me inclinar para frente e me agarrar na cadeira para não desmaiar. Pontos pretos atrapalham a minha visão e segundos antes de eu desmaiar volto a respirar.

– Pronto. Não precisa ficar com essa cara de quem vai desmaiar. Se fosse uma amiga minha apertando isto tu não sairias de casa antes de vestir um manequim 36. Agora senta aqui que tu me fez o favor de estragar a maquiagem.

– Chega, Luiza. Já basta o que aquelas mulheres fizeram comigo lá no salão. Não estamos indo para a entrega do Oscar ou coisa do tipo.

E a Luiza chega a virar a cabeça para mim como a garota do exorcista.

– Te senta aqui, agora! Tu não vai sair deste quarto até que eu deixe, entendido? Tu estás tendo a honra de usar um legítimo Luiza Lavorini no corpo e nenhum vestido feito por essas mãozinhas aqui – ela levanta as duas me mostrando – vão estar associados a uma imagem não perfeita.

– Mas....

– Sem “mas”, – ela me cala com o olhar. – Já disse para ti te sentar aqui e não reclamar. Vamos!

Reviro os olhos, e acabo sentando com uma cara de emburrada. Luiza pega a minha cabeça, quase a quebra para trás e, com um algodão, começa a limpar alguma coisa invisível que eu borrei. Coisa imperceptível ao olhar humano, mas que não escapou dela.

Desde hoje pela manhã que estamos nesta função. Ela me acordou às sete, sendo que eu havia chegado um pouco depois das três em casa de um evento. Luiza me pegou em casa e nos levou até umas lojas de sapato para encontrar um ideal para mim, já que o que eu tenho em casa não serve nem para ir à missa. Palavras dela.

Fiquei experimentando sapatos até quase as onze da manhã. Estava com vontade de grudar um salto na cabeça dela, e quando achei que havíamos terminado, Luiza me inventa um salão de beleza. Daqueles que só de passar uma quadra antes, já é tarifado.

Massagem, esfoliação, cabelo, unhas e maquiagem. Tudo isso quase que ao mesmo tempo. Teve uma hora que eu tive que dispensar a massagista. Muitas pessoas perto de mim e manipulando o meu corpo. Me senti desconfortável. Enquanto todo mundo lá tomava champanhe e relaxava, a Carla se sentia um pouco invadida.

Demoramos mais por causa disso. Pedi para que uma de cada vez trabalhasse comigo, Luiza tentou me fazer mudar de ideia, mas quando eu disse que ou era assim ou eu ia embora, ela cedeu.

Por este motivo, ela está agitada dizendo que estamos atrasadas. Sendo que ainda falta um bom tempo até sairmos. E se bem eu conheço o Luiz, ele deve estar deitado no sofá dormindo, ou olhando alguma coisa na televisão. Meia hora antes do programado, ele vai tomar um banho, se arrumar e ainda esperar pela Luiza.

– Quero ver qual vai ser a mulher louca que não vai virar o pescoço quando tu chegar, Carla. Todas vão te invejar. Eu sou foda.

– Tenho a leve impressão que eu vou para ser a tua cobaia.

– Também. – Luiza ri de leve. – E a mais bem vestida de todas. Meu pai vai pirar quando te ver. É nojento eu falar isso, mas eu não quero estar em casa quando essa festa acabar.

Ela passa, nada delicadamente, alguma coisa em mim e me dá um tapinha no ombro.

– Levanta que agora é a hora do principal. E pode tirar esse pano de chão que tu chama de calcinha.

– Hey, ela é de algodão puro!

– E cheia de ursinhos. Eu não uso uma dessas desde que eu tinha quinze anos.

– Teu pai nunca reclamou das que eu uso. – Cruzo os braços e vejo a cara de nojo da Luiza.

– Bom saber que o meu pai é homem mesmo, até isto que tu chama de roupa íntima o agrada. Mas ele não vai se opor a outra coisa hoje à noite.

Aquele sorriso cheio de intenções toma conta do rosto da Luiza. Chego a gemer quando eu vejo essa expressão. Ele nunca vem associada a uma coisa boa.

Luiza abre o seu guarda-roupa rosa e tira uma sacola de dentro. Coloca ela na minha frente e, com um sorriso a mais, pede que eu retire o que tem ali dentro. Enfio a mão e não encontro nada, tanto que eu tenho que olhar dentro para encontrar alguns centímetros de pano.

– Não. Nem pensar. Prefiro a minha de ursinho. – Luiza me fita com aquele olhar de quem não vai aceitar um não como resposta.

– Ninguém vai usar um vestido meu com aquela calcinha. Aquilo é para se usar quando está menstruada e o teu útero vomitando as tripas. E não é o teu caso, não é?

Penso em dizer para ela que esse não é o meu caso e nem vai ser. Mas acredito que este não é o momento para esse tipo de assunto. Se eu começar a chorar, vai ser mais algumas horas até ela arrumar tudo novamente no meu rosto. E mesmo com todas estas brigas entre nós, está interessante servir como Barbie gigante para ela brincar. Luiza me alcança o pedaço de pano que ela chama de calcinha e ainda acrescenta.

– A tua de ursinho – desdenha – vai marcar o vestido. E ainda corre o perigo de aparecer por baixo dele. Confia em mim.

Mesmo contrariada, levanto e faço o que ela diz.

– Agora só falta a cinta liga e colocar o vestido.

E que recomeça mais uma briga, que eu provavelmente irei perder....

Por Luiz

Olho para o relógio e falta vinte minutos para nós sairmos. Horário perfeito para começar a me arrumar.

Subo as escadas, paro em frente ao quarto da Luiza, onde ela e a Carla estão se arrumando há horas. Penso em bater, chego a levantar a mão para fazer isso, mas escuto as duas discutindo. Então dou meia volta e vou para o meu banho. Eu que não sou louco para me meter entre elas.

Em briga de cachorro grande, os pequenos se escondem. Já dizia o meu pai há anos atrás.

Em menos de quinze minutos eu já estou sentado no sofá, esperando as duas, que pelo visto estão quase se matando lá dentro do quarto. Mais uma vez eu passei reto pela porta ignorando as palavras amigáveis que eu escutava.

Apesar da briga das duas, sei que é só por esta noite. A Luiza adora a Carla, fica seguindo ela para todos os lugares aqui em casa. E sei que a recíproca é a mesma. Nunca pensei que as duas seriam tão amigas como são. Teve dias que eu fiquei jogado para escanteio, pelas duas. Sai de casa, fui jogar squash com o AC e quando retornei as duas nem tinham sentido a minha falta.

Pelo visto eu acertei em cheio, em todos os sentidos....

– Ele chega a estar roncando aí. Acorda, pai! – Sinto o empurrão da Luiza e ela quase em cima de mim. – Estava dormindo sentado aí.

– Caramba, Luiza. Que horas são?

– Hora de irmos! Levanta que o táxi já está chegando e.... – Ela continua a falar como uma tagarela, mas eu não registro nada.

Meus olhos fixam na Carla. O vestido colado ao corpo, uma mágica inexplicável com o decote mostrando um volume bem maior do que realmente existe (e isto é um assunto que eu conheço bem). A cintura bem definida e as pernas. Meu bom Deus, se eu já era louco pelas pernas dela, com esse salto e o modo como este vestido deixa elas, imagina agora. Posso até recitar poemas daqui até o final do evento sobre as pernas da Carla.

Faço a viagem de volta para o seu rosto, dando uma checagem dupla em cada centímetro dela novamente. E quando paro no seu rosto, quase desmaio de tanta beleza que eu vejo.

– Para de babar, que o principal só vem mais tarde. – Luiza me dá um cutucão para eu acordar do transe. – E eu sei que arrasei com a Carla. Não estou estudando e trabalhando como uma louca para nada.

Realmente, milhares de euros bem investidos. Parabenizo eu mesmo por este investimento.

– Eu vou cair daqui de cima. E não respirar a noite toda. – Carla fala meio que apreensiva.

– Não vai cair, eu vou estar ao teu lado, guria. – Me aproximo dela e estendo o meu braço para ela que agarra firme. – Teu pai está de plantão hoje?

– Sim, por que?

– Se eu for preso por bater em alguém que olhar para ti, pelo menos, tenho uma chance de sair livre da prisão.

– Bobo. – Ela ri, e eu abro um sorriso bobo mesmo.

– Dá para os dois pararem com essas coisas de apaixonados. Táxi chegando, vamos?

– Vamos tirar uma foto antes. – Luiza chega a revirar os olhos quando me escuta. – Para de fazer cara feia e vem tu junto. Tenho que posar de fodão com as duas mulheres mais bonitas da noite.

Luiza posiciona o celular em cima da bancada e programa a câmera para disparar depois de alguns segundos. A foto sai, eu posto no facebook com a legenda de vários corações e o emoji de óculos escuro de fodão, e saímos.

Chegamos ao salão de evento, o mesmo que muitas vezes eu já levei a Carla para trabalhar e o recepcionista chega a ficar de boca aberta quando vê a Carla assim, gostosura em pessoa, e só minha.

– Oi Thiago, como está as coisas aqui?

– Carla... é... ãh... Tudo ótimo. A mesa de vocês é a dezesseis.

– Obrigada, qualquer coisa me chama, certo?

– Hey, sem trabalho hoje. – Digo baixinho para ela ao meu lado enquanto caminhamos.

Carla aperta o meu braço, com medo de desequilibrar e sussurra de volta.

– Força do hábito. Não vou conseguir relaxar aqui sem ficar vendo o andamento das coisas. É como tu chegar em um hospital e começar a palpitar na rotina deles. É automático.

– Eu entendo, mas vamos aproveitar a noite, certo? Eu aposto que consigo desviar a tua atenção quando tu te perder.

– Ah, isso eu tenho certeza. – Ela olha para mim e sorri.

Que noite, amigos. Que noite!

Júlia é a primeira a nos enxergar. Ela sai da mesa e vem em nossa direção com os braços abertos. Claro que a Carla é o seu alvo, e quase a derruba no chão quando se encontram.

– Ai, Carla!!! Que saudade! Não via a hora de vocês chegarem! Tu está linda! A mais linda de todas. Vem que já chegou todo mundo.

E com isso, ela rouba a Carla de mim.

– Tu viu isso? – Luiza questiona, também impressionada. – Acho que o meu cargo de a mais esperada da noite foi ocupado. – Rio.

– Isso é um bom sinal, não é? – Dou o braço para a minha filha que ocupa o lugar da Carla.

– Maravilhoso. – Ela olha para mim e sorri.

Caminhamos até a mesa onde a Julia conversava por todos na mesa. Lena e Vivi conversam baixo e o Beto e Gê ficam encantados com a beleza das minhas acompanhantes. Nem me sinto mais fodão por isto. Nada melhor do que ser o centro das atenções de todos no evento.

Como sempre, cada evento organizado pela Su é esplendido. Tudo perfeito, desde a decoração até o serviço de bebida e comida. Tenho que apertar a perna da Carla, todas as vezes que ela começava a olhar para todos os lados, como se procurasse alguma coisa para fazer.

A conversa flui da maneira ótima. Legítimo encontro de família, algumas histórias engraçadas, outras desastradas e vergonhosas. Como a de agora, quando eu dei o primeiro porre do Maurício.

– Eu queria matar o Luiz. – Lena fala me fuzilando.

– E eu neste meio tempo? Louco de sono, tendo que trabalhar no outro dia e tu me chutando a noite inteira. “Gê, o Luiz vai esquecer o Maurício”. “Eu não acredito que eu deixei os dois saírem juntos”. “Nunca mais vou ver o meu filho novamente”.

– E tu roncando ao meu lado. Nem para me ajudar a me acalmar, Gê.

– Eu não lembro de nada disto. Só do dindo me servindo sempre que me via e depois acordando em casa. – Maurício fala.

– Lembro de tudo. Era a festa de faculdade do Maurício e eu fui levar ele. Tu já tinha dezoito anos e eu fui te cuidar. Cuidei tão bem que até hoje ele nunca mais tomou um porre na vida.

– daquelas proporções, não mesmo. Até os meus amigos ressabiaram desde aquela vez.

– Mas nada se compara ao nosso casamento, lembra, Beto? – Meu irmão coloca o copo na mesa e concorda.

– Minha sogra queria desistir do casamento ali mesmo. Todo mundo estava de porre. Até o pai. O Luiz foi parar em cima do telhado lá de casa, o que tu foi fazer lá?

– Buscar uma coisa que o Maurício e a Luiza jogaram lá para cima.

– Isto! Todo mundo pensou que tu ia te jogar. – Carla olha para mim, depois do comentário do meu irmão, e eu só dou os ombros.

– O pai começava a falar em italiano na mesa. Ele discursou em italiano, se não me engano.

– Exatamente, o seu Lavorini estava muito bêbado. – Lena afirma.

– Também, acho que ele nunca acreditou que o Beto ia se casar. – Gê fala.

– Ainda mais com alguém tão certo e que pudesse colocar ele na linha. – Vivi, que está na minha frente, me manda um beijo.

Sinto a Carla virar o pescoço, pedir licença, e levantar rapidamente. Acompanho ela com o olhar e quando eu vejo ela indo em direção à Elis e a Su, que apareceram ao fundo do salão.

O pessoal volta a conversar paralelamente e eu sigo até onde as três estão. Claro que elas

estão falando sobre o trabalho, e quando eu chego por trás da Carla, abraçando por trás, e ainda enfiando o meu nariz no seu pescoço, já mando elas pararem.

– Já encerramos. – Carla responde colocando os braços em cima dos meus ao redor da sua cintura.

– E o Otávio? – Questiono.

– Estava aqui agora há pouco para mamar. Agora o AC leva ele para casa e o Cabritinho só acorda amanhã quando o despertador toca para mamar. Estou amando esse relógio interno do meu filho.

– Sorte. Com a Fofinha e o Antônio passávamos a noite toda de plantão com eles. – Su arremata. – Dá uma saudade de quando eles eram bebês assim, mas por este ponto, não.

Carla olha para mim e se vira para as amigas.

– Falando e bebê, eu tomei uma decisão e preciso da ajuda de vocês. – Ambas olham para nós sem entender nada e a Carla continua. Não me atrevo a cortar a felicidade dela assim. – Eu resolvi entrar na fila de adoção de um bebê e preciso do número do advogado que fez o processo para vocês.

Su e Elis ficam estáticas por alguns segundos, antes de começarem a gritarem, que foi abafado pela conversa alta no salão, e a parabenizar a Carla pelo ato. Solto ela e deixo ser abraçada e beijada pelas amigas.

– Parabéns, Carla. Esta é a coisa mais linda de todas. – Elis é a primeira a abraçar ela e a falar sem parar.

– Ah Carlinha, que emocionada eu fico. Daqui um tempo vamos ter mais um pequeno, ou pequena, para nós cuidarmos no meio dos brinquedos.

– Eu não posso chorar, senão a Luiza me mata. Mas sim! Eu sei que pode demorar um bom tempo, por isto preciso entrar o quanto antes. Aquele dia que eu fiquei com o Otávio percebi que eu quero muito ser mãe e quando a minha hora chegar eu vou estar pronta.

E eu fui completamente ignorado nessa conversa. Incrível como as pessoas acham que somente a mãe que merece os parabéns nesse caso. Os pais também querem um pouco de bajulação por estar tendo um filho.

Limpo a garganta, nada delicadamente, para lembrar que eu também sou parte ativa nessa história toda.

– Que foi? – As três olham para mim. – Vocês acham que eu vou ter cara de pai ou avô da criança? Não estou afim de fazer uma tatuagem na testa para comunicar isto para as pessoas.

E só assim que eu consegui receber as felicitações. E ainda ouvir as duas dizendo que acham a tatuagem uma boa coisa.

A noite acabou da melhor forma possível. Júlia, enquanto não levou a Luiza para a casa do Beto, para dormir com ela, não sossegou. Preciso me lembrar de dar um presente para a minha afilhada amanhã, ela merece por esta ajuda. A casa vai ser toda nossa.

Descemos do táxi já com a Carla desfazendo a minha gravata na porta e me puxando escada acima. Antes mesmo de chegarmos no quarto eu já tinha descoberto o fecho lateral do

vestido. Estava quase rasgando aquela coisa, só não fiz isso para não ser morto pela Luiza amanhã.

– Meu Deus, tu está de cinta liga e espartilho. Por isto que tem peito a mais aí em cima. E essa calcinha aí, até estes dias eram as enfeitadinhas e infantis. Nunca dei bola para isso, mas nós temos uma vencedora essa noite.

– Me ajuda que eu não consigo tirar essas coisas sozinha, e já estou sufocando aqui.

Claro que ela não precisa dizer isto duas vezes. Como uma criança em dia de natal, desembrulho o meu presente com um belo sorriso no rosto. Agora eu entendo porque a Luiza disse que iria agradecer a ela pelo presente. Liguei perguntando onde ela estava e o porquê que eu não parava de receber mensagens de uso do meu cartão de crédito.

Abençoada seja a minha filha.

Capítulo 52

Por Carla

Quando eu pensei que havia me livrado de lojas de roupas por um bom tempo, eis que a minha mãe é convidada para uma festa à fantasia no clube de mães do bairro para juntar fundos para uma instituição da região.

Minha mãe sugeriu a asilo, onde “o meu genro atende”, levando as senhoras do clube ao êxtase com a informação. Nada melhor do que várias mães juntas falando das façanhas dos filhos. Acredito que para isso não há idade, tanto das mães como dos filhos, elas sempre vão dar um jeito de se vangloriar.

Depois da votação feita, o asilo ganhou com uma margem de votos pouco maior do que o segundo colocado. Parece que há uma briga interna entre as mães de lá, para saber qual o filho se deu melhor. Pelo visto esse ano fui eu.

Pelo menos desta vez não vou ser vista como a filha solteirona (adjetivo que eu já estava recebendo) da Lúcia. Orgulho que não cabe mais dentro de mim.

Homens de um lado, mulheres de outro. Luiza estava na casa de uma das dindas dela, eu em casa com a minha mãe. Já o Luiz, seus irmãos, meu pai, Diego, sem contar o Noah, AC e André, se mandaram para a fazenda da família Lavorini para pescar. Pelas fotos que eu ando recebendo, o que eles menos andam fazendo é pescando em si. Os peixes devem estar rindo da cara deles e ainda brincando com anzóis em baixo d’água.

– Vai de anos cinquenta, mãe. – Digo depois de encontrar alguns vestidos rodados.

– Não posso, aquela bruxa velha da Isaura já disse que vai. E tu saber como o meu santo não bate com o dela. Acredita que ela se afastou da comissão de organização porque o que ela escolheu para nós ajudarmos não ganhou.

Ah, claro. Como esquecer da Isaura, a archi-inimiga da minha mãe. Clubes de mãe, com a grande maioria da terceira idade, pode virar um octógono de MMA de uma hora para outra.

– Então a tua fantasia precisa ser bem melhor. – Digo.

– Exatamente! Esse ano, sem a presença dela na organização a festa vai ser bem melhor.

– Se precisarem de uma ajuda, acho que consigo passar algum esquema de evento para vocês.

– Ah não precisa, filha. Tu já trabalha demais e ainda ajudar um monte de senhoras que não fazem nada o dia todo. Nós podemos fazer uma festa de arromba.

Minha mãe continua a caminhar e eu dou os ombros.

– Então está bem, só pensei que queriam fazer uma festa melhor do que a tal Isaura, tenho vários contatos que em saber que a festa é da minha mãe, e ainda para caridade, fariam vários descontos em artigos de festa.

E com isso, ela se vira e me encara.

– Que tipo de descontos? – Sorrio maliciosamente para a minha mãe.

Impossível alguém nesta cidade saber desse assunto mais que eu e a Su.

– Todos os tipos. Desde os guardanapos até a decoração. – Os olhos da Dona Lúcia chegam a brilhar com a possibilidade de uma festa deste tipo. Iria ficar na memória do clube de mães do bairro. Talvez até uma estátua dela na entrada do salão.

– Acho que posso repassar o recado para as outras organizadoras. Uma ajuda tão valiosa deste tipo não se ignora, ainda mais se for de tão bom grado assim. – Continuamos a caminhar. – E se for para deixar a vaca da Isaura com inveja, acho que todas vão aceitar.

Começo a rir pelas costas da minha mãe. E que comece mais um round do MMA Clube das mães.

Rodamos por muitas lojas, eu já estava começando a ficar cansada de caminhar sem encontrar nada. Até que deixo a mãe olhando algumas coisas e me sento naqueles sofás que os homens esperam as mulheres. Respondo algumas mensagens do trabalho, já que hoje estou de folga. E espero.

Muito tempo.

Quando eu canso de ficar sentada e volto a caminhar, me vejo na seção infantil da loja. Um mar de roupas rosas de um lado e azuis do outro. Começo, como uma pessoa interessada, a olhar e tocar em cada cabide que encontro.

Meu peito, pela primeira vez em anos, se alegra perto de artigos de crianças. Ainda mais que eu já marquei a minha primeira consulta com o advogado para tratar sobre a adoção. Segunda, às 15h, bem no meio do atendimento do Luiz, que também não está ciente.

Eu sei que poderia ter escolhido outro horário e contado para ele, mas queria ir sozinha.

O primeiro passo de todos. Aquele que vai me matar de ansiedade e medo, mas quando eu estiver com o meu bebê nos braços, vai ser a melhor recompensa que eu poderei ter. Tenho a consciência de que o Luiz quer, e vai participar de todos os passos daqui em diante, por isso guardei este momento só para mim.

Muito egoísta da minha parte, admito. Mas todo mundo sabe que a primeira pessoa a perceber que está grávida é a mãe. A ansiedade de fazer o exame e ver o positivo no papel e saber que, daquele dia em diante, a tua vida nunca mais vai ser a mesma. Uma vida começa a se formar dentro de ti, e nada pode ser mais perfeito e bonito do que isto.

E eu associo a minha ida ao advogado como a visita ao laboratório para realizar o exame. Uma coisa que só as mães podem fazer, sentir e depois compartilhar com o mundo.

Chegar em casa e entregar o papel do advogado com a entrada do meu pedido de adoção, vai ser como entregar o resultado positivo. Só espero que ele não tenha um ataque do coração.

– Te achei. – Levo um susto quando a minha mãe aparece na minha frente. – O que tu está fazendo....?

Pego o vestidinho rosa que estava na minha mão e coloco no lugar no meio das roupas. Parece que eu fui pega no flagra roubando doce antes de cantar parabéns.

– Já está começando a fazer o enxoval? – Vislumbro um traço de felicidade e emoção na voz dela.

– Não... eu....

– Está sim, eu quando comecei a desconfiar que estava grávida do Diego fui até uma loja e comprei um mijãozinho para ele. Até hoje tenho guardado, assim como a tua primeira roupinha que comprei.

Assim como o meu primeiro sutiã e tantas outras coisas socadas no fundo do guarda-roupa do quarto de hóspedes lá de casa.

– Eu só estava passeando aqui, enquanto o tempo passava. Já decidiu a fantasia?

Ela me olha, como se não acreditasse no que eu dissesse e começamos a caminhar.

– Acho que sim. Achei um vestido roxo e pensei em ir de bruxa. O que acha?

– Legal. – Escuto o meu celular tocando.

Puxo ele da bolsa e abro as mensagens.

– Eles estão voltando. Parece que o Gerson e o pai salvaram a pescaria do total fracasso e o Luiz está indo lá para casa com o pai e o Diego para fazerem o peixe para jantar.

– Eu que não vou para a cozinha para eles. Estava pensando em irmos ao cinema e depois aparecermos lá em casa, o que acha?

– Perfeito. – Sorrio. – O Luiz se vira muito bem na cozinha, e acho que ele e o Di conseguem fazer um peixe sem colocar fogo em casa.

– Assim espero porque o teu pai é uma negação.

Dou o braço para a minha mãe e seguimos para o cinema mais perto.

.

– Aposto que vocês ficaram mais pescando do que conversando.

– Tu sabe que eu não tenho paciência para esperar um peixe fregar a isca, não é? – Luiz fala para mim limpando um peixe. – Então deixei o teu pai e o Gê com esta parte, enquanto o resto conversava sobre outras coisas.

– Que coisas? – Questiono vendo que hoje eu não vou dormir ao lado do Luiz. Nem se ele tomar um banho de gasolina para tirar esse cheiro de peixe dele.

– Coisas de homem, mulher. Vocês ainda não podem saber destas conversas. – Reviro os olhos para ele que se aproxima de mim.

– Sai fora que tu está fedendo. Não pescou, mas parece que estava dentro de um tanque cheiro de peixe.

E aí mesmo que ele me agarra e se esfrega em mim. E eu fico fendendo a peixe como ele.

Luiz ri da minha cara e ainda me beija, na frente do meu pai e do Diego. Está todo alegre porque os dois gostam dele. Meu pai mesmo tem uma leve queda pelo Luiz, e o Diego se dá muito bem com ele. Confesso que não esperava essa harmonia dos três tão cedo assim.

Então ele se aproveita.

O barulho da campainha toca e o Diego sai da cozinha para atender, minha mãe chama o

meu pai lá em cima e ficamos sozinhos. Já que eu estou fedendo a peixe mesmo, deixo o Luiz me amassar um pouco.

– Acho que vamos dormir aqui hoje. Não tenho condições de caminhar até em casa.

– Então vamos para o quarto de hóspedes. Não estou nenhum pouco afim de ficar naquela cama de solteiro apertada.

– Eu gosto dela. Juntinhos, apertadinhos e....

– Fedendo a peixe. – Concluo. – Sabe o que eu acho? Que vocês foram para outro lugar, e para não dizer qual, se enfiaram na primeira peixaria que encontraram e esfregaram os peixes em vocês.

– Tu nos pegou, Carla. Estávamos naquelas casas de massagem por 19,90 a hora. Depois fomos até a peixaria e compramos alguns para disfarçar.

– Eu sabia. – Dou um tapa de brincadeira no ombro dele.

– Gastei uma fortuna em massagem, todas com finais felizes.

– Acabou com o estoque de viagra? – Ele acena seriamente que sim. – Então vai te embora daqui, Luiz. O que eu vou querer contigo aqui esta noite?

– Ah, guria. Até parece que eu preciso de alguma coisa deste tipo contigo.

E ele me beija.

– Meu Deus, eu saio de casa vocês estão se agarrando, eu chego aqui vocês estão se agarrando. Já estou ficando com nojo de vocês dois. – Luiza fala da porta e com uma cara estranha.

– E tu está com inveja porque não tem ninguém para te agarrar. – Luiz implica com a filha que coloca a língua para ele.

– Inveja nada. Sou livre, leve e solta. Posso sair hoje à noite e encontrar alguém para me agarra assim ó.... – Ela estala os dedos.

Luiz olha para mim, e depois para a filha. E então resolve acabar com a sua felicidade, correndo atrás dela e também deixando a Luiza com o inegável cheiro de peixe.

– Agora sim tu pode dizer que está com nojo, mas de ti mesma.

Luiza começa a brigar com o pai e eu a rir da situação. Mais uma noite normal com a presença dos dois na minha vida.

Capítulo 53

Entrego mais uma camiseta ao meu irmão que coloca dentro da sua mala e a fecha.

– Acho que era isto. – Diego murmura e eu chego a morder o interior da minha bochecha para não começar a chorar desde agora.

Quero ter a dignidade de esperar até o portão de embarque no aeroporto. Ou pelo menos entrar dentro do estacionamento. Já vai ser um recorde pessoal e tanto.

Meu irmão olha em volta do seu quarto, com alguns pôsteres de bandas de rock, fotos da sua adolescência em lugares que visitamos, ingressos de alguns grandes eventos e a sua coleção de carrinhos clássicos, que ele e o pai juntaram durante os anos.

– Olhando por cima, não me esqueci de nada. – Ele sorri para mim, como se tentasse me alegrar.

– Se esqueceu vai ter que voltar aqui para buscar.

– E o meu privilégio de envio pelo correio?

– Revogado. Entregas só em mãos de agora em diante.

Diego levanta e me puxa para um abraço. Me agarro no meu irmão, e a minha vontade é bater, esmurrar e até chutar ele é gigante. Machucar mais um pouco até ele ter que parar no hospital e receber um atestado por mais uns cinco anos. E quando ele vencer, eu faria tudo de novo. Ou subornar algum médico para um atestado frio dizendo que ele estava impossibilitado de trabalhar para sempre. Um atestado psiquiátrico dizendo que ele não tinha mais condição para porte de armas também seria bem útil neste momento.

– Carla, tu e a mãe tem que pararem de drama. Eu preciso ir. – Saio do abraço dele com a minha mão coçando para começar a distribuir uns tapas nele.

– Não precisa! Não precisa te enfiar no meio da guerra com os traficantes.

– Não quero recomeçar esta briga. – Suspira. – Já sou crescido e dono do meu próprio nariz para saber quais guerras eu me meto. Não vai ser tu ou a mãe que vão me impedir. Até o pai já entendeu.

– Até parece. – Ironizo. – Ele acabou de aceitar mais plantões à noite para fugir de casa. Tu sabe que ele faz isto, fez quando eu fiquei mal e está fazendo de novo. A mãe anda com os nervos à flor da pele, e também, se enfiando em tudo que é trabalho para não ficar em casa pensando no que tu está fazendo, ou não vendo as milhares de notícias que ficam passando em todos os canais sobre esse conflito constante. Isso é maldade com eles, Diego.

– Ele te tem a ti também, mana. Tu é filha dos dois.

– E já dei a minha cota de preocupações para os dois pela vida toda. Como tu acha que eu me sentia quando via os dois daquele jeito? Eu queria morrer cada vez que escutava a mãe chorando pelos cantos e o pai a consolando. A minha dor pessoal não era nada perto da que eu fazia eles sentirem.

Diego desvia o olhar de mim e eu faço ele me encarar na marra novamente.

– Não te faz de culpado também, Diego. Isto não vale a tua vida, e nem a nossa preocupação. Tu sempre foi o mais inteligente, e o modelo de filho para os dois, por que se enfiar nessa coisa suicida?

– Vocês falam como se eu estivesse indo para a morte certa. Mas eu posso voltar vivo, vocês já pensaram nessa possibilidade?

– Quer ir para as estatísticas? Não vamos ser matemáticos agora. Os riscos existem e são reais. Agora o que ninguém entende é ânsia de viver isso. Meu Deus, Diego! Tu te formou como o melhor da turma, passou na prova da OAB antes mesmo de te formar. Poderia fazer outro concurso para delegado, ou juiz, que era o que tu queria na verdade.

– Ficara atrás de uma mesa gigante de cabeça baixa e enfurnado dentro de um terno não tem mais graça.

– Claro, ver companheiros morrer, levar tiros e quase morrer é bem melhor. Emprego dos sonhos, onde me inscrevo para trabalhar?

– Carla, por favor. Eu embarco em pouco tempo, não quero sair daqui brigado contigo, Patotinha. Depois tu me xinga pelo telefone. Agora eu só quero um abraço.

E nesse momento, eu não consigo quebrar o meu recorde de chorar apenas no aeroporto. Começo no peito do Diego mesmo.

A ida até o aeroporto é uma peça, muito mal ensaiada, sobre uma família feliz. Assuntos superficiais, ninguém quer estragar o clima. Diego vai até a fila de despacho da mala quando o Luiz e a Luiza chegam.

– Ainda está sem falar comigo? – Digo quando ele me beija e se vira para o meu pai para conversar sobre como é ruim achar estacionamento aqui. Mas claro que ele pega na minha mão e não solta.

Às vezes eu acho que o Luiz gosta de fazer mais birra do que criança. Ele está de cara comigo por causa do advogado. Aposto que até o final da noite ele vai estar de boa novamente, ainda mais que Luiza me convidou para fazer uma pizza caseira hoje à noite.

– Se não vai falar comigo, pelo menos me solta. – Tento soltar a minha mão, mas não consigo. Como eu disse, pior do que criança.

O único fato que não me fez entrar em um quadro de depressão profunda foi o fato de que eu conversei com o advogado ontem. Esclareci umas dúvidas e recebi a lista de papeis que preciso para dar entrada no processo, e já sai de lá correndo atrás deles. Pedi para a Su e a Elis me escreverem a carta de recomendação e hoje peguei no fórum a de antecedentes criminais. Se tudo correr bem, até o final da semana eu já entrego. E depois é sentar e aguardar a ligação dizendo que eu vou ser mãe.

Expliquei para o Luiz que isso era uma coisa que eu precisava fazer sozinha. Contei a minha relação da ida ao advogado como se fosse o exame de laboratório para a confirmação, daqui a pouco ele esquece isso e foca no principal ato. O primeiro passo de todos e o impulsador.

Meus pais choraram, me abraçaram e ficaram felizes. Alguma notícia boa teria que vir para contrabalancear a ida do Diego para a sua casa, não é? E falando nisto, é chegada a hora da

despedida.

Abraço o meu irmão, a ponto dele me levantar do chão.

– Não fica assim, ok? Eu te prometo que eu volto. Tenho um sobrinho, ou sobrinha para ensinar algumas coisas, não é?

– Acho bom. – Digo limpando as minhas lágrimas na manga da minha blusa.

Meu irmão se despede do resto, e antes de entrar na sala de embarque, acena para o pequeno grupo. Tento me controlar, mas choro copiosamente como a minha mãe, que está amparada pelo meu pai. E segundos depois, sinto o Luiz me abraçando e beijando a minha cabeça.

– Não fica assim, guria. Daqui uns dias ele volta. – Luiz limpa as minhas lágrimas e logo remenda. – Droga, não estou falando contigo hoje!

Ele faz uma cara estranha e eu começo a rir. Só ele para conseguir fazer isso mesmo.

Sáímos do aeroporto depois de alguns minutos. Meus pais vão para casa e eu sou arrastada pela Luiza para a ir com eles. Começamos a preparar as pizzas enquanto o Luiz reclamava dizendo que não ia limpar nenhuma bagunça que nós fizéssemos. Além de velho, hoje ele estava rabugento.

Jantamos, com ele dizendo que uma pizza estava salgada e outra sem sal. Eu e a Luiza nem estávamos mais dando bola para ele, e isto o deixou mais chato ainda. Recebi uma mensagem do Diego, dizendo que ele havia chegado e que já estava com saudades de casa.

Resolvemos dormir na sala, com a Luiza junto. Alguém dormiu no meio do filme, e lá pelas tantas, eu e a Luiza trocamos de lugar na disposição dos lugares. O filme acabou, desligamos as luzes e fomos dormir. E então, alguém resolve acordar e incomodar mais um pouco.

– Pai, a Carla trocou de lugar. Ela está do outro lado, se tu quer apertar alguém, que seja ela, não eu.

– Oh merda, bem que eu senti que essa bunda não era a dela. Desculpa, filha.

– Que nojo!

Sinto uma perna em cima de mim e um braço na minha cintura. Finjo que estou dormindo, mas isto não é nada para o Luiz. Quando ele está com esse espírito, nada o impede. Ele começa a esfregar a bochecha com um pouco de barba em mim e eu quieta na minha. Não achando suficiente, ele enfia a mão dentro do meu pijama e começa a fazer um pouco de cócegas em mim.

Tento me esquivar, mas isto não adianta, nem o impede. Quando eu menos espero, ele monta em cima de mim, sem a menor cerimônia.

– Quero dormir. – Digo e ele nem me responde. – Sai de cima de mim, Luiz.

E a cobra vai se contorcendo para me enrolar toda.

– Parem quietos que eu quero dormir!

Sinto o Luiz rindo, pelo movimento do seu peito e ele começar a me beijar. Ai meu Deus,

eu mereço!

As investidas começam de leve, mas logo partem para a artilharia pesada. E nisto, o véio não poupa esforços. E eu, me dou por vencida depois de uns ataques mais pesados. Já que parar não é com ele mesmo....

– Paaaaai, tu não estava nem falando com a Carla!

– Não estou falando com ela, estou amassando e beijando ela, é diferente.

– Ah! Desisto de vocês dois! Vou para a minha cama dormir mesmo. Nunca mais me peçam para olhar filme com vocês dois! Seus nojentos!

A porta da sala se abre e o Luiz sai de cima de mim e começa a rir da filha e as palavras que ela ainda grita enquanto sobe as escadas.

– Não acredito que tu fez essa cena para tirar a Luiza da sala. Não era mais fácil pedir?

– Sutileza não é o meu forte. Acho que todo mundo sabe disse.

– Ahhh, agora tu está falando comigo?

– Já passou da meia noite. Eu disse que não ia falar contigo ontem, agora já é hoje.

E eu reviro os olhos no escuro mesmo. Criança é pouco mesmo!

– Já começou a arrumar os papeis? – Ele me pergunta.

– Sim.

– Levar eles eu posso contigo, não é?

– Vou pensar na questão. Ai! – Levo um susto quando ele monta em cima de mim de novo.

– Tu ainda vai me machucar fazendo isto no meio da noite. Tu não tem noção de como é pesado e se atira em cima de mim como um saco de batata velho.

Ele começa a rir e a me beijar.

– Também fiquei triste em ver o teu irmão indo para casa. Me fez perceber que a Luiza também vai voltar daqui poucos dias.

– Mas a Luiza não vai para uma zona de guerra constante. E ela já disse que quando acabar a faculdade vai voltar.

– Ai dela se não voltar. Busco ela pelos cabelos, do lado de fora do avião se for o caso.

– Vai ser uma cena interessante. – Abraço ele e inspiro o seu perfume.

– Acredito que não seja aqui para casa, provavelmente nem neste estado, mas já vai ser um alívio e tanto saber que estamos a poucas horas de distância só. Um avião apenas. Mas ainda temos que aproveitar enquanto ela está lá.

– O sonho dos meus pais é comemorarem os quarenta anos de casados na Europa. Estava fazendo as contas, vai coincidir com a formatura da Luiza.

– Já podemos propor um encontrão por lá. Será que o bebê já vai estar com a gente? Viajar com criança não é tão bom assim, judia muito os coitadinhos pelo fuso horário e a troca de ambiente.

– Não estou sendo tão otimista assim. Pode levar anos, Luiz.

– Já acho ruim me parecer com o avô, pelo jeito que tu fala, vou ser o bisavô desta criança, isso sim.

– Exagerado como sempre.

Ele se remexe por cima de mim e sussurra.

– Tivemos a nossa primeira briga.

– Eu não estava brigada com ninguém.

– Caramba, guria. Para de cortar o meu barato hoje. Deixa eu continuar o meu raciocínio lógico aqui.

– Estou até com medo de escutar isso, ainda mais esta hora da madrugada.

– Tu vai gostar, eu aposto. O que vem depois da briga?

– Reconciliação?

– Exatamente!

– Ui! – Grito quando ele enfia as mãos geladas por dentro do meu pijama.

E não tenho mais tempo de falar, ou pensar em alguma coisa, já que sou tomada de assalto por ele.

Tenho a leve impressão de que o Luiz inventou essa “briga” só para depois ter essa conversa e a reconciliação que ele tanto deseja. Até parece que eu não conheço a criança que eu lido todos os dias...

Capítulo 54

Por Luiz

Chego em casa assoviando, bem tranquilo. Deixo o carro estacionando no pátio de qualquer jeito, não vejo sinal da moto da Carla e muito menos da Luiza, já que ela parece um cachorro quando o dono chega em casa. Enquanto não cheira e fica abanando o rabo por atenção, não sossega.

Então eu aproveito, tiro a roupa, fico só de cueca e me atiro na piscina para nadar um pouco. Aproveito os minutos de paz e solidão para descansar a mente. Às vezes é preciso parar para acertar os ponteiros novamente.

Se antes eu vivia uma monotonia sem fim, agora eu estou no meio de um furacão. E não estou nenhum pouco afim de sair dele. Claro que boa parte disto tudo é a presença da Luiza aqui em casa. Ela é um ótimo catalizador para a ventania se formar. Consegue fazer de uma noite calma a mais desastrosa de todas.

Mesmo assim, eu já começo a ficar meio chateado por saber que ela vai voltar para a Europa em pouco tempo. Não vejo a hora dela acabar estes estudos e voltar definitivamente para o Brasil. Nem precisa ser aqui para casa, só estando no mesmo país já é uma grande coisa, e uma felicidade extrema para o meu coração de pai.

E por falar em pai.... Quem diria, não é, Luiz?

Fiquei tão contente quando a Carla me disse que tinha ido ao advogado, que eu tive que arranjar um jeito de encrencar com ela. Inventei que estava “de mal”, só para tirar uma com a cara dela. É claro que ela percebeu isso, e eu nem gosto quando ela me dá corda assim e entra na minha onda....

Será que eu ainda me lembro de como é ser um pai de uma criança pequena? Dos choros durante a noite, o horário de sono prejudicado por cólicas, febres, ou simplesmente, farra?

Aposto que deve ser como andar de bicicleta, depois dos primeiros tombos, só vai...

Sei que o mérito todo vai ser da Carla. É um sonho dela. O desejo de ter um filho é todo seu, eu iriei apenas ser um mero coadjuvante, mas que vai amar esta criança como um filho biológico. Assim como Noah é com o Yago e o AC com a Sarah.

Vou estar lá para tudo que eles precisarem. Se a Carla me permitir, futuramente, daqui um tempo, a gente pode até oficializar a união. Casar na igreja, perante o padre, acho que eu nem posso, já que eu já fiz isso uma vez, mas no cartório já bem-vindo.

Quero cuidar dos dois. Tanto da Carla como a criança. Ser pai novamente, ser chamado assim de novo. Passar todas as preocupações, aflições, noites mal dormidas, brigas e mais brigas de novo. Ter mais vinte e tantos anos de deitar na cama e ficar repassando tudo o que esta pessoa precisa. Se a nota de matemática não está baixa, se aquele novo amigo não é um aproveitador e quer apresentar drogas ilícitas ao meu filho (a), ou então querer saber se eles comem fermento à noite para as calças de dois meses atrás começarem a ficar curtas novamente.

Caramba, só de pensar nisso, já sinto os meus cabelos começando a ficar brancos. Mas isso

me assusta? Nenhum pouco!

Fico até com inveja quando o Noah e o AC começam a falar sobre filhos, daqui uns dias o André vai começar também, já que a Liv está quase explodindo. E eu também quero estas preocupações novamente! Quero receber desenhos sem significado nenhum e colocar na geladeira para deixar exposto. Brigar por não querer dar um brinquedo caríssimo que vai ficar mais guardado explodindo as pilhas, do que brincando, ou então completamente quebrado de não conseguir achar as peças depois.

Quero beijos sujos de chocolate depois de uma saída rápida e o sorvete que está derretendo no estofamento do meu carro. Os gritos depois de um comercial de filme de terror na televisão no meio do jogo que eu estou assistindo, mas logo vou ter que desistir, já que o desenho favorito vai começar em breve. E eu tenho que assistir ao lado dele (a), mesmo que eu nós já decoramos as falas de todos os bichos irritantes que vai aparecer.

Preciso da dose diária de invasão na minha cama todos os dias pela manhã, ou quando começar a chover forte e principalmente quando eu e a Carla começarmos a fazer alguma coisa. Estas são as melhores vezes! Sem falar no ciúme que vai rolar depois de alguns anos quando eu querer beijar a sua mãe. Só posso fazer isso quando a criança não estiver olhando, pois ele está pensando que eu vou roubar ela. E não que ele que está a roubando de mim. Teremos que entrar em um acordo sobre como dividir a Carla.

Sem contar as brigas. Para comer, tomar banho, juntar os brinquedos, dormir, fazer as lições de casa, não gritar, não responder eu e a Carla com má educação, juntar as roupas sujas no banheiro, fechar a geladeira direto e até para não esquecer de escovar os dentes. Brigas intermináveis, com gritos horríveis e a cada dia vão surgir novas e piores. Elas são infinitas e cada dia crescem mais.

Parece loucura, não que eu seja uma pessoa muito certa, mas eu quero tudo isto de novo, sim. Sem pensar duas vezes. Ainda mais agora, passando tudo o que eu passei com a Luiza e vendo o trabalho bem feito que eu fiz com ela. Não foi fácil. Não vai ser fácil, mas com certeza, vale todo o trabalho que se passa.

Deixar para o mundo uma pessoa de bem e de caráter, que todos reconhecem e admiram é o maior legado que alguém pode ter. Posso não ter feito nada de extraordinário na minha vida. Não descobri a cura para o Alzheimer, nem do câncer e muito menos da AIDS, mas em compensação deixei a Luiza. E sei que quando ela tiver os filhos dela, ela vai se espelhar em mim para cria-los e também deixar para o mundo pessoas ótimas.

Acho que o sentido maior de uma vida é esse. Repassar as boas maneiras e criar pessoas que inspirem novas gerações para serem o mesmo que um dia tu foi.

Nado mais um pouco e sai da piscina para aproveitar mais um pouco da solidão momentânea. Tomo um banho, visto uma roupa de ficar em casa e quando eu estou abrindo a geladeira para pegar uma lata de cerveja, o meu celular toca.

– Fala, Rogério. – Digo um pouco apreensivo, até porque não tenho ideia nenhuma do porquê que o pai da Carla está me ligando.

– Oi Luiz, está em casa? – Respondo que sim. – Bom, tem como tu dar um pulo aqui na delegacia? Estou com o AC e a Elis aqui e ambos estão bem perturbados com um acontecimento

e...

– Aconteceu alguma coisa com as crianças? – É a primeira coisa que me vem à cabeça.

– Está tudo bem fisicamente com todos, posso te assegurar isso, mas prefiro que tu venha para cá para saber o que aconteceu.

E ele não me pede duas vezes. Deixo tudo do modo que está, embarco no meu carro e sigo para a delegacia.

Entro porta a dentro e vejo o AC com um olhar raivoso. Até parece aquela vez em que eu o forcei a falar e ele me atacou com uma raquete de squash. Assim que ele me vê, caminha na minha direção e eu penso que ele vai vir para cima de mim me matar. Elis aparece, logo atrás, segurando o Otávio com os olhos arregalados e atento a tudo a sua volta, e em um canto, vejo a Sarah, assustada com tudo.

– O que tu está fazendo aqui? – Meu amigo pergunta rispidamente. – Ainda bem que alguém chegou. Tira a Sarah dessa delegacia agora, e o Otávio também.

– Primeiro de tudo tu vai me contar o que aconteceu. Nunca te vi com o diabo no corpo desse jeito.

– Tira. Os. Meus. Filhos. Daqui agora! A porra da casa caiu e eu estou ajudando a derrubar ela mais ainda.

AC sai e a Elis aparece na minha frente, jogando o coitado do Otávio no meu colo, me deixando com a Sarah. Sento ao seu lado e ela se agarra em mim, e quando eu a questiono, se encolhe e não me responde. Mas que porra...?

Tento amenizar o clima, desviar a atenção dela, mas é em vão. Brinco com o Otávio, levo eles até a padaria da esquina, compro doces para a Sarah, mas ela simplesmente não me responde nada. Voltamos para a delegacia e eu encontro a Carla, conversando com um dos policiais que estava ali na frente.

– Hey, o meu pai me ligou dizendo que eles estavam aqui. O que aconteceu?

– Não sei, ele também me ligou e quando eu cheguei aqui o AC me mandou tirar as crianças daqui e se sumiu lá para dentro. A Sarah está calada e não quer me contar o que aconteceu, e o Otávio está curtindo um sono legal no colo do dindo aqui.

– A Elis disse que eles estavam com vocês, me falou para pegar o Otávio e levar para casa. Tem uma mamadeira de leite para ele dentro da mala e...

– Alguém pode nos dizer o que está acontecendo? – Noah e André aparecem na porta.

– Ninguém sabe. – Digo entregando o pequeno para a Carla, que não está nem aí com a movimentação a sua volta. – Foi o pai da Carla que me chamou e viemos o mais rápido possível.

– Vou levar a Sarah lá para casa. – André diz e vai pega-la. – Qualquer coisa me liguem que eu volto. – Noah e eu assentimos.

Vemos ela se agarra nele e sair porta a fora. Carla, que está com as chaves do carro da Elis, leva o Otávio para a casa da sua mãe e eu e o Noah esperamos até alguém voltar e nos explicar que porra que está acontecendo aqui neste momento.

Chegamos ao consenso de que tem alguma coisa a ver com a sua chefe na agência. Já que a cada dia, os áudios que todos nós recebemos (para cada um guardar e ficarmos com uma cópia) são mais explícitos.

Esperamos por quase uma hora. O AC é o primeiro a aparecer e quando nos vê, senta no banco da frente e a sua expressão, e os olhos vermelhos, não negam o seu choro de raiva.

– Luiz, se eu for demitido, tem uma vaga de professor de educação física na tua escola? E eu vou voltar a dar aula de squash como treinador.

– Foi demitido? Ela armou alguma coisa para ti? – Noah é o primeiro a perguntar.

– Armou? – Ele sorri irônico. – Aquela desgraçada xingou a Sarah de tudo que foi coisa na frente da agência toda. E eu acabei de meter um boletim de ocorrência acusando ela de racismo.

– Como é que é? – Noah se levanta e eu fico perplexo com a revelação.

Como é que é?

– Simples. – AC volta a narrar. – A Elis buscou ela no treino de squash, elas saíram atrasada já e a Sarah não tomou o banho que ela sempre faz. As duas vieram para cá me pegar e o Otávio resolveu vomitar nele e na Elis. Eles foram ao banheiro e eu buscar a mala dele no carro. A Sarah ficou sentada na minha cadeira e quando a Valquíria viu ela sentadinha, começou a gritar para todos os funcionários escutarem, perguntando quem tinha deixado a “neguinha suja” entrar ali e que se ela roubasse alguma coisa quem estava ali dentro que ia pagar. E eu estava passando a porta eletrônica e a Elis saindo do banheiro.

– Não prestou. – Completo.

– Mas nenhum pouco, meu amigo. Ainda mais que eu contei para a Elis e mostrei os áudios para ela. Foi o quanto as duas não se agarraram no pau no meio da agência, se não fosse o segurança se enfiar no meio eu estaria aqui por agressão. Mas o que me deu raiva mesmo, foi ver o estado que a Sarah ficou, ela olhou para mim e começou a dizer que não ia roubar nada. Aí eu explodi.

– Uma bomba atômica de hidrogênio, bem concentrada.

– Isto. Peguei as minhas coisas e vim direto para cá. Uns dois colegas vieram atrás de mim e estão servindo de testemunhas. E também estavam sofrendo assédio. Além de um BO de racismo, amanhã estamos entrando com um processo administrativo de assédio em local de trabalho. Das duas uma, ou ela está bem fodida, ou eu perco o emprego.

– Não acho que tu vá perder o emprego, AC. As provas são bem contundentes. – Digo.

– Ah, e os dois colegas que vão entrar comigo. Um deles tem vídeo, bem pior que os áudios. Mexer comigo é uma coisa, até relevo e não dou bola, mas mexer com um dos meus filhos, ou a Elis, eu não aceito.

Noah e eu ficamos acalmando o AC depois de tudo isso. Ele estava nervoso e caminhando de um lado para o outro. Queria sair para buscar a Sarah, mas nós não deixamos ele sair de carro daquele jeito. Su estava com o Antônio e ele iria passar a noite no apartamento deles.

Elis saiu, depois do seu depoimento, quebrada. Ela não conseguia parar de chorar e agarrada no seu marido. Realmente, ambos estavam esgotados emocionalmente. AC pelo

estresse que havia passado com o assédio e agora explodido com situação da Sarah, e a Elis por saber que alguém estava cantando o seu marido descaradamente e que feriu a sua filha de uma maneira tão baixa e ridícula que alguém pode fazer.

Acompanhei o Noah e os dois até o seu apartamento, peguei mais algumas coisas para o Otávio, como outra mamadeira pronta que havia na geladeira. A Elis está bem servida neste quesito e anda retirando o que sobra para não ficar com dores e doando no banco de leite do hospital da cidade. Avisei para eles não se preocuparem com as crianças que todas elas estavam bem amparadas e irem descansarem um pouco. Amanhã era outro dia e, com certeza, ainda haveria muito o que se fazer e falar ainda sobre o caso.

– Obrigado. – AC me puxa para um abraço firme.

– Não estou fazendo nada de mais. Apenas cumprindo o meu papel de dindo e de irmão mais velho. Agora vai dormir que amanhã tu ainda vai ter muito o que fazer.

Deixo os dois já prontos para dormirem. Dirijo até a casa dos pais da Carla, onde eu encontro o carro da Elis estacionado na frente. E quando abro a porta, vejo as duas em cima dele, que está rindo alegremente.

– Vocês já estão fazendo farra? – Pergunto.

– Estamos treinando. – Lúcia me responde com um sorriso largo no rosto. – Tomamos um baile do moço para trocar a fralda dele antes.

– Mas conseguimos, não é Tavinho?

– Eu trouxe umas roupas a mais e outras coisas. Ele vai passar a noite com a gente aqui. A Elis e o AC estão meio que impossibilitados de ficar com as crianças hoje à noite.

Conto para as duas, que também se revoltam com a situação. Acho que qualquer pessoa que já tenha conhecido a Sarah se revoltaria com o que aconteceu hoje à tarde.

Ligo para a Luiza, já que eu nem sabia onde ela estava enfiada o dia todo, e escuto ela me narrando o dia com o Maurício e a namorada dele. E quando ela descobre que eu vou dormir aqui na casa dos pais da Carla ela decide ficar por lá mesmo. Jantamos, todos na volta do Otávio que estava comendo as próprias mãos e fazendo uma babança sem fim. E depois que estamos arrumando a louça, ele faz uma bagunça nas fraldas tão grande, que a Carla quase saiu vomitando porta a fora e eu e a Lúcia tivemos que assumir a bronca. Porém, devido ao nosso estado de enferrujados com essa questão, optamos pelo banho no Otávio.

Carla, Lúcia e eu nos revezamos no seu pequeno banheiro. Vencemos a batalha e, depois de todos vestidos, começamos outra, já que o pequeno Cabrito abriu a garganta chorando de fome. Lá fomos nós três esquentar o leite e fazer ele pegar na mamadeira, já que é bem diferente do peito da mãe dele. Claro que ele não gostou de nenhum pouco da versão silicone de peitos. Isso aí Otávio, peito bom é de verdade! Aprende desde já.

Carla senta na cama do quarto de hóspedes e amamenta o Otávio que olha fixamente para ela. Vejo o sorriso no seu rosto e me aproximo dos dois para participar da cena.

– Uma imagem interessante, dadas as circunstâncias dos últimos dias. Um treino básico.

– Cala a boca, Luiz. – Vejo ela esconder um sorriso de felicidade.

O pequeno se esquivava da mamadeira e não aceita mais. Carla me alcança ele e o coloco em pé no meu colo e escuto ele dando um baita arroteio em mim. Eita que eu acho que ao invés de Cabritinho, temos que chamá-lo de Porquinho. Carla arruma a cama e ficamos em um impasse de como dormirmos. Ela ficou com medo de ficar os três em cima da cama.

– Tem certeza de que não tem perigo dele ficar no nosso meio?

– Nenhum. Tu vai perceber que nós dois não vamos dormir hoje. Qualquer movimento na cama os dois vão dar um pulo para ver o que está acontecendo.

– Ok. Mas ainda prefiro pegar o bebê-conforto do carro e deixar no nosso meio.

– Então pega ele aqui que eu vou lá buscar o trambolho. Quando a nossa vez chegar vamos levar o berço para o nosso quarto então. Não vou dormir com aquela coisa gigante ao meu lado todos os dias.

Faço toda a via sacra de desafivelar aquela coisa (que eu já estava com vontade de pegar uma faca e cortar tudo, ainda mais que tem a dele e a do Antônio no banco de trás), subir as escadas, tropeçar em um degrau e depois colocar no nosso meio. Otávio dormiu rapidamente e conseguimos nos deitar, depois que a Elis ligou perguntando como tudo estava aqui. Ela parecia agitada ainda, mas bem mais calma do modo que eu a deixei em casa.

Desligamos as luzes e nos deitamos com o bebê-conforto no nosso meio. Agora estou com medo de cair da cama de tanto espaço que sobrou para mim aqui. Mas só de ver o sorriso da Carla com a cena dela do Otávio, não ligo em ficar com um roxo na bunda por cair no meio da noite.

Capítulo 55

Por Carla

No primeiro toque do despertador do Luiz eu o desliguei. Levantei da cama, fui até a cozinha e encontrei o meu pai tomando café sozinho.

– Bom dia, pai. Tudo bem na delegacia esta noite? – Me aproximo dele e o beijo.

– Tudo tranquilo. E os teus amigos? Como eles estão?

– Acho que bem. O Luiz deixou eles em casa quando estavam mais calmos e o Otávio veio para cá. Aliás, estou indo esquentar uma mamadeira para ele, daqui a pouco ele deve acordar para mamar.

– Bem que eu vi o carro estranho aqui na frente e a tua moto no estacionamento da delegacia. Bom, agora eu vou dormir um pouco.

– Bons sonhos. – Digo para ele e continuo o meu trabalho aqui.

Esquento a mamadeira até o ponto certo e subo as escadas em direção ao quarto de hóspedes aqui de casa. Abro a porta, ligo a luz e até suspiro quando vejo a cena na minha frente.

Um Luiz dormindo de bunda para cima, meio que roncando e o Otávio no seu sono profundo. Tenho pena de acordar ambos, mas precisamos começar o dia e alguém tem que trabalhar hoje pela manhã.

Tentar acordar o Luiz é quase um trabalho impossível. Tanto que ele coloca o despertador para tocar em três horários diferentes, e ainda tem dias que consegue acordar no último suspiro. Ele geme, se esquivando e tenta colocar o travesseiro em cima da cabeça, mas eu sou mais teimosa que ele e consigo acordá-lo.

– Que horas são? – Seus olhos embriagados do sono tentam se adaptarem a claridade.

– O primeiro toque do despertador.

– Quer me matar, guria? – Geme. – Ainda tenho mais meia hora de sono aqui. Esqueceu que os velhos precisam dormir corretamente? E esta noite eu fui espremido aqui nesse canto.

– Que fiasco. Dormiu e roncou a noite toda e eu aqui olhando para o escuro com medo do Otávio acordar.

Espero a resposta do Luiz enquanto eu pego o Otávio no colo e escuto ele começando a roncar de novo.

– Acorda! – Empurro o bebê conforto do Otávio, depois que retiro ele de lá, para cima do Luiz que dá um pulo.

– Ai. Acordei. – Ele senta na cama e fica piscando os olhos. – Calma que eu nem sei onde nós estamos.

– No quarto de hóspedes aqui de casa. O Otávio dormiu com a gente porque a Elis e o AC estavam nervosos ontem à noite depois da ida até a delegacia por causa da chefe do AC que xingou a Sarah.

– Agora eu lembrei. – Luiz fica parado olhando para a parede por alguns segundos.

– Quer ajuda para pegar no tranco, ou está difícil?

– Calma que as coisas começam lentas por aqui. Estou esquentando o motor para começar a andar.

– Por acaso tu é um carro movido à álcool? – Ele olha para mim e solta um sorriso debochado.

– Gracinha. – Levanta e sai para o banheiro do meu quarto.

Rio e o Otávio se acorda, piscando os olhos para mim e fazendo uma careta.

– Bom dia, Tavinho. – Ele boceja.

Pego a mamadeira e dou para ele, que faz uma cara estranha. Ainda não é a mamãe...

– Que bela cena tive agora. – Minha mãe entra no quarto, sem bater. – O Luiz tropeçando no tapete só de camiseta e cueca. Começarei bem o dia hoje.

– Ele ainda não pegou no tranco. Depois do banho e do café ele começa a ficar parecido com uma pessoa normal.

– E como foi a noite? Ele dormiu bem? Não ouvi choro nenhum.

– Ele acordou umas duas vezes, mas voltou a dormir em seguida. Uma vez troquei a fralda dele e só. A Elis já tinha me dito que ele não é muito de mamar à noite.

– Que rico anjinho. – Ela se aproxima e acaricia a cabecinha do Otávio. – Vou descer para preparar o café, espero vocês lá embaixo.

Aceno que sim e ela sai me deixando sozinha com o pequeno. Termino de amamentar ele e espero ele arrotar de leve. Luiz aparece no quarto, já de roupa, e sorri para nós.

– Já pegou no tranco?

– Sim. Agora já posso começar o dia. Bom dia, gurria. – Ele vem e me beija.

– Bom dia, meu véio. Minha mãe já desceu para preparar o café para nós. Sabe quando ela fez isto para mim depois que o pai chegava do plantão? Nunca.

Percebo o sorriso presunçoso do Luiz nesta hora da manhã.

– Sempre disse que sou irresistível. – E ainda pisca para mim.

Descemos as escadas para tomar café, e como eu desconfiava um pequeno banquete estava a postos. Claro que nada disto era para mim, mas eu entrei de gaiata na onda.

– Preciso saber onde está a minha filha. – Luiz pega o seu celular e eu já começo a falar.

– Foi para a casa dos teus pais, como Maurício e a Lena. Ela disse que está te esperando lá.

– Tomo um pouco do meu café observando o Otávio levar as mãozinhas até a boca para chupar.

– Havia tempos que ela me avisava. E não mandava recados. Bons tempos. E eu tenho plantão hoje à noite, e amanhã tu trabalha. Então não adianta em nada eu ir para lá. Ela sabe que eu não vou de carro.

– Posso te deixar de moto lá amanhã à tarde e depois volto para trabalhar.

Luiz balança a cabeça para mim enquanto pega um pão da cesta.

– Nem pensar. Jura que eu ia fazer isto e ainda deixar tu fazer essa volta de moto sozinha. Se nós formos, vamos domingo, almoçamos lá e voltamos. Juntos, não separados.

– Eu não me importo, Luiz. Vou trabalhar amanhã à noite mesmo. Tu vai ficar fazendo o que o dia todo? Por que não vai? Agora já está tudo bem, não é?

Ele hesita. Vejo ele preparando o seu pão, com toda a paciência do mundo. Não falo, apenas espero a resposta que vem depois de alguns instantes.

– Uma coisa é ir acompanhado para lá. Dormir no meu antigo quarto contigo, ou passar o dia com pessoas diferentes das que conviveram comigo naquela época em questão. Isso burla meus pensamentos. Ir sozinho, e ficar lá sozinho não é a mesma coisa. Ainda não me acho pronto para isto. Talvez nunca fique, ou com o tempo melhore.

Luiz fala olhando para o seu prato. E a única coisa que eu posso fazer neste momento é esticar a minha mão para tocar na dele. Seus olhos se voltam para mim e trocamos um olhar cúmplice. Eu entendo o que ele quer dizer com isto, e recebo um pequeno sorriso de agradecimento.

– E sobre amanhã. Acho que vou passar o dia com a Liv. Ela me liga todos os dias para conversarmos um pouco, e eu ando notando alguma coisa diferente nela. E depois de ontem, acho que por telefone não vai ser suficiente.

Abro a boca para responder, mas escuto as vozes vindo da sala e se aproximando.

– Bom dia gente, cadê o meu Cabrito? – Elis aparece na porta e quando vê o Otávio, ainda comendo as próprias mãos, vai até ele e o retira de lá.

– Bom dia, Elis. Como foi a noite? – Luiz pergunta, em vão. Já que a atenção da Elis estava completamente para o seu filho.

– Oi, Cabritinho da mamãe. Como foi a noite? Deu muito trabalho para a tia Carla e o Dindo, Luiz? É eu sei, meu amor. A mamãe está aqui. Está com fome? – E já começa a tirar a blusa ali mesmo e o sutiã junto.

– Jesus Cristo. Não basta ter que fazer o parto, agora tenho que presenciar isso.

– Nunca viu peitos, Luiz?

– Vi, vejo frequentemente, mas... – Olho para ele. – Vou calar a minha boca e terminar o meu café em silêncio.

– Bem mandado, hein. – Elis sorri para mim. Luiz limpa a garganta e continua um assunto nada a ver com o original.

– Como vocês passaram a noite? E o AC, mais calmo? A Sarah já está em casa?

– O AC, foi ele que me trouxe aqui. Ainda está subindo pelas paredes. Nunca vi aquele homem daquele jeito, estava bufando de raiva. E eu também, mas já me acalmei. Agora é esperar ela ser chamada para depor e o processo administrativo duplo nas costas, assédio a funcionário e racismo. Mas a minha preocupação maior é a Sarah. Ela não quis ficar na casa da Liv e o André teve que levar ela de volta para casa tarde da noite. Ela se enfiou na nossa cama e hoje foi uma briga para ficar na escola.

– Acho que foi bom ela ter ido para a aula. Ficar em casa assustada era pior.

Elis continua a amamentar o Otávio, já que ele não gostou muito da mamadeira mesmo, e começa a tomar café da manhã com a gente aqui.

– Não deu tempo de arrumar as coisas ontem à noite. E quando acordei hoje, estava transbordando de leite por causa da mamadas que perdi. Aí escolhi entre tirar o excesso ou tomar café, já que precisava arrumar as coisas para o lanche da Sarah e o AC estava no telefone com alguém. Era o gerente regional dizendo que queria falar com ele cedo sobre os acontecimentos.

– E isso é uma coisa boa? – Questiono?

– Sinceramente eu não sei. O cara não é lá essas coisas de honesto. Mas o AC está decidido a levar isto até o fim. Ele disse que se a coisa fosse só com ele, não teria problemas, mas a vadia lá mexeu com a Sarah e bateu boca comigo. E isso ele não ia perdoar, pelo que me disse.

– Agora é só esperar. – Luiz diz e nos três nos entreolhamos e assentimos.

Sai junto com a Elis no seu carro. Luiz vai para o hospital sorrindo à toa. Depois que a minha mãe apareceu para tomar café com a gente, repassamos os itinerários, e ele disse que ia almoçar lá pelo hospital mesmo, e a Elis perguntou se a cantina ainda era péssima, e teve a sua confirmação. Isso bateu direto no peito da Dona Lúcia que o convidou para almoçar aqui, com ela e o pai. E eu ia me virar em algum restaurante por perto do salão de eventos, ou pegar algum resto de comida da noite passada, porque ninguém se ofereceu para me levar nem uma marmita no trabalho. Uns com tanto, outros com poucos....

Por Luiz

Fecho a porta do consultório que eu atendo e me despeço da secretária, que eu nunca sei o nome da coitada. Sempre estão trocando de funcionário aqui neste hospital.

Caminho pelo corredor em direção à saída e vejo um vulto familiar entrando na sala da cantina.

– Fabi! – Falo mais alto e vejo ela retroceder e sorrir para mim.

– Luiz, há quanto tempo? – A abraço forte.

– Um bom tempo, como estão as coisas?

– Ótimas, e contigo também que eu sei. A mãe me disse que tu e a Luiza foram para a fazenda. Nem imagina o quanto eu fiquei feliz em saber disso.

Óbvio que a Nilza ia contar para a filha dela que eu havia retornado para casa. Como para a Nilza, eu também sou quase um filho para ela, eu e a Fabi, somos praticamente irmãos. Com uns bons anos de diferença. Lembro como a Joana e eu raptávamos a Fabi quando pequenos para brincar de casinha no meio da fazenda.

Depois que ela veio morar na cidade com o seu pai, nos distanciamos um pouco. Mas nunca deixei de saber notícias dela e vice-versa. A vida sempre separa amigos e conhecidos. Cada um toma o seu caminho e persegue os seus sonhos. Alguns casos o destino volta a se cruzar de modos que nunca imaginamos. Com o meu e o da Fabi. Depois de formada no ensino médio, entrou na faculdade de psicologia de primeira. E hoje, compartilhamos alguns pacientes. Ela me

liga pedindo opinião sobre alguns casos, e eu para ela seguidamente até.

Ficamos conversando no corredor e eu toco no episódio que aconteceu com a Sarah.

– Ela já teve um caso de racismo, não é? – Confirmo.

– E já veio de uma história familiar bem precária. Bom tu conhece o pai adotivo dela. O Arthur, ex da Olívia.

– Ah sim! Agora lembrei, a Olívia me comentou isso. Eu recomendaria algumas sessões Luiz. Não uma coisa tão profunda, como no caso da Olívia, mas pela idade dela, todo o passado e tudo o que ela passou agora.

– Eu também pensei nisto. Convencer o AC que não vai ser fácil, mas ele vai acabar cedendo depois de algum tempo. É para o bem da Sarah. Eu até pensei em conversar com ela, mas ela me vê como tio, não vai querer se abrir para mim com tanta facilidade assim.

– Com certeza. Acredito que com alguém de fora seja mais fácil. Eu posso atender ela quando eles precisarem, tu sabe disto. Só me dar um toque eu arranjo um espaço na agenda. Vai ser um prazer atender ela.

– Obrigado, Fabi. Vou conversar com eles para dar a ideia e depois te aviso.

– Isso. E eu também preciso falar contigo, é sobre a Olívia.

Chego a me escorar na parede quando escuto o nome da minha pequena coisa.

– Alguma coisa errada com ela?

– Errada não. Só o que nós já esperávamos, não é? A hora do parto está se aproximando e ela está muito assustada com tudo. Ela tem medo de não ser uma boa mãe para o bebê e isso já está começando a se sobressair um pouco mais. Eu até achei prudente marcar a próxima sessão conjunta com o noivo dela, o André. Quero conversar com os dois. A Olívia precisa extravasar este medo dela.

– Amanhã eu estava planejando passar o dia com ela mesmo. Faz tempo que eu não faço isto. E como a Luiza está para a fazenda e a Carla vai trabalhar, eu vou aproveitar.

– Que ótimo! Só não conta para ela que eu te disse. Ela é um pouco contra quando descobre que eu converso contigo sobre ela. Mas eu te conheço e sei que se visse ela assim, iria me ligar para me xingar.

– Bom saber que tu pensa assim, Fabi. Porque eu faria mesmo.

– Quer almoçar comigo? – Olho no relógio que estou usando.

– Vou para a casa da Carla, almoçar com os pais dela. A Lúcia está me esperando.

– Que inveja. Ninguém merece almoçar aqui nesta cantina. Aproveita e come por mim também.

– Pode deixar. – Abraço e beijo ela novamente.

Vou para o meu carro, ligo o som a todo volume e sigo para o meu almoço, preciso me lembrar de tirar uma foto e mandar para a Carla. Percebi que ela ficou morrendo de ciúmes dessa atenção que eu estou tendo, e não vou perder a oportunidade de tirar uma da cara dela.

É muito amor envolvido.

Capítulo 56

Por Luiz

Subo para o apartamento da Olívia sem avisar ninguém. O porteiro me conhece desde os tempos em que o AC e ela ainda eram casados. Sou praticamente de casa aqui.

Toco a campainha e estranho que não escutei nenhum latido, patas arranhando a porta ou coisa do tipo. Olívia abre a porta rapidamente, como se estivesse com medo de alguma coisa.

– Oi, pequena coisa. Como tu e a coisinha pequena estão? – Liv sai da frente da porta e dá espaço para eu entrar dentro do apartamento.

– Estamos bem. – Ela fecha a porta e caminha até o sofá para se sentar.

– Bem gigantes, não é? – Sorrio, mas isso não atinge a Liv. – Ainda consegue levantar sozinha da cama ou precisa de uma ajuda? Eu tinha que ajudar a Joana sempre que ela se deitava nesta época. E ela ainda passava a noite no banheiro, e lá ia o Luiz levantar as duas.

Como eu amo falar com as paredes. Adoro quando elas me respondem. Assim como a Olívia está fazendo.

– E o Leco e o André? Onde andam?

– André está com as crianças no orfanato e o Leco foi ao petshop. Ela olha para a tv e conclui. – Daqui a pouco os dois estão aqui.

– Hmm... Ok.

Me sento ao lado dela e começo a olhar o filme também. Ficamos em silêncio por quase uma meia hora. E eu deixo. Posso ser um chato de galocha, mas hoje quero dar um bom espaço para a Olívia. Tenho certeza de que a sua cabecinha brilhante está a mil. O filme acaba e quando eu tento falar alguma coisa, Liv avisa que vai para o banheiro e me deixa sozinho.

Levanto, caminho pela sala e vou admirar as fotos que o André andou fazendo da gestação da Olívia. Algumas estão expostas na parede, e o álbum completo, em cima da mesa do computador. Fotos aleatórias em preto e branco, sépia e coloridas, todas em ordem cronológica com o número de semanas que a Olívia está. Algumas com o Leco de companhia, outras com o André e com ambos.

– A Bibi vai ser a criança com mais fotos que eu já conheci. – Digo quando a Olívia volta.

– O André está sempre com essa câmera na minha volta. E quando ela nascer, vai ser a mesma coisa.

– É uma recordação e tanto. Guardo as minhas fotos da Luiza quando nasceu como um tesouro. Até digitalizei elas para não se perderem. Bate uma nostalgia daquela época. Hoje ela está quase do meu tamanho e incomodando mais do que quando nasceu. Agora ela deu para avisar a Carla onde está, não eu.

– Elas parecem bem amigas.

– Amigas é pouco. Tenho a nítida ideia de que as duas são cúmplices em algum plano para me deixarem mais louco do que eu já sou. – Mais uma vez sorrio, mas não recebo um sorriso de

volta da Olívia.

Não, Liv. Por favor, não faz isso comigo!

– Falei com o teu obstetra. – Mudo de assunto radicalmente. – E já avisei que vou estar junto na hora. Vá que o André resolva desmaiar. Alguém precisa registrar isso, ou vai virar lenda, tipo o Noah com a Fofinha. – Novamente nada.

Ela continua parada. Olhando para a frente em silêncio. Então eu resolvo entrar chutando o pau da barraca. Já que de leve não adiantou. Me sento ao seu lado e continuo a falar calmamente.

– Lembra quando eu te conheci. Tu parecia uma estátua. Meu primeiro pensamento foi te encaminhar para o tratamento com medicamentos. Tu tinha o perfil completo para isso. Mas eu nunca gostei de receitar medicamentos sem um estudo de caso mais profundo. E só faço isso quando não há mais opções para serem consideradas. Ninguém merece ser dependente de remédios assim, ainda mais tão novo e com a vida toda pela frente. A dependência medicamentosa é quase igual a de drogas ou álcool. Crises horríveis que levam o paciente a ficar internado em clínicas para recuperação.

A primeira reação da Olívia é limpar uma lágrima que desceu silenciosamente.

– Por isso eu te encaminhei para a Fabi. Ela é uma ótima psicóloga, e se ela me falasse que o teu caso não adiantaria, eu teria que pensar em alguma coisa. Mas graças que a ligação dela dizendo que este não era o teu caso, foi uma ótima notícia. Então eu respirei aliviado e disse para o AC que o teu caminho era este. Consultas regulares até a estabilização. Foi um caminho longo, Olívia. Ninguém sabe o que nós passamos. Eu senti a tua dor, mas em compensação, eu tinha a Luiza para me reerguer, e tu não tinha ninguém. Até agora.

Ouçó o soluço de choro.

– Eu sei que a tua depressão tomou caminhos diferentes da minha. Somos pessoas diferentes, por isso sofremos de formas diferentes. Eu afundei na tristeza e vivi a minha vida em função da Luiza. Mesmo sabendo que era errado, não quis ajuda externa e acredito que me sai muito bem. Tu não. Teu caso já vinha de outros fatores, bem mais profundos que os meus. A tua relação complicada com o AC, o que vocês dois passaram para a tua recuperação física contribuiu muito para o teu psicológico. Por isso eu te entendo, Liv. Com todas as dores, palavras e tudo que te envolve. Eu te entendo.

Pego a mão dela e aperto firme.

– Só, por favor, não te deixa sucumbir novamente. Eu ficaria muito triste, muito mesmo, em ter que te receitar alguma coisa forte para enfrentar o futuro. Não agora, quando a Bibi está chegando. Fala para mim, Liv. Esquece tudo o que está na tua volta e me diz, o que está acontecendo. Sou eu aqui, o Luiz. Aquele que te compreende mais do que ninguém.

Beijo a sua mão e espero ela se virar para mim. As lágrimas deixaram rios sobre as suas bochechas vermelhas, e eu sinto todo o seu sofrimento.

– Eu estou com medo, Luiz. Muito medo.

– De que? – Limpo uma lágrima que cai.

– De tudo. Da Bibi, de mim, do parto, de acontecer alguma coisa e tudo mais.

– Eu ficaria preocupado se tu não estivesse com medo disto tudo, isso sim. Mas eu quero os motivos. Tudo tem um motivo.

– De não conseguir dar conta. Até pouco tempo atrás eu não conseguia dar conta de mim mesma. Precisei do Cae por um bom tempo para me cuidar. E sei que o André faz a mesma coisa por mim. E eu fico pensando nisto. Como eu vou cuidar de uma criança se eu nem consigo cuidar de mim praticamente. Tenho medo de fazer alguma coisa errada, de machucar a minha filha, de não ficar atenta aos detalhes que farão diferença e estragar tudo. E principalmente, de não aguentar a pressão e me deixar quebrar novamente, eu não... Eu não quero judiar dela. Eu a amo desde que eu descobri ela dentro de mim, mas eu sei que ela não me merece como mãe. O que eu vou oferecer para ela? Uma mãe já quebrada.

– Tu não é quebrada, Liv. Arranhada, ou reconstruída, eu concordo. Mas quebrada não. Tu já foi e agora conseguimos passar um super-bonder por cima de quase tudo que aconteceu. E eu sei que tu não vai judiar dela, sabe porquê? – Ela nega com a cabeça. – Tu mesma já respondeu isso, tu a ama. E isto, vai proteger ela de qualquer coisa. Fazer alguma coisa errada? Todo mundo faz. Eu fiz, a Jo fez com a Luiza. A Elis fez com o Antônio, vai fazer com o Otávio e com a Sarah. Assim como a Su com a Fofinha e o Yago. Nós nunca estamos contentes com a gente mesmo sobre a criação dos filhos. Sempre que estamos com a cabeça no travesseiro, alguma questão sobre o que fazemos com as crianças vai aparecer e nos fazer pensar que deveríamos ter feito diferente.

Olívia me encara.

– É verdade. Ou tu acha que eu não sei que a minha superproteção com a Luiza não é o fator principal que levou ela se afastar de mim? Eu achava que estava sendo o superpai e nunca me questioneei sobre isto. Quando ela foi embora que eu percebi que eu errei neste quesito. Mas isso não fez com que ela me amasse menos ou que eu prejudicasse a vida dela por inteiro. Bem pelo contrário, ela mesmo tomou as rédeas da vida dela e está se saindo ótima. Sim, Olívia, tu vai errar. Não existe um manual de instrução de como criar os filhos e ser um pai, ou mãe, perfeito. É impossível tal coisa. Porém, minha cara coisa pequena, há uma coisa que as pessoas têm e precisam usar com mais sabedoria. A consciência.

– Co.... como assim? – Puxo a Olívia e beijo os seus cabelos.

– Saber o que é certo e errado. Saber educar com pulso firme, e ao mesmo tempo, com carinho e amor. Ensinar certos princípios e ajudar a criança a desenvolver eles conforme os anos forem passando. Não há um manual para isso, mas a gente vai pegando o jeito conforme o tempo passa.

Abraço a Olívia e deixo ela se acalmar no meu ombro.

– Eu andei lendo algumas coisas na internet. – Gemo.

Às vezes eu penso em proibir alguns pacientes de pesquisarem doenças na rede. Ou que pelo menos, usem fontes seguras. Estudos de casos comprovados ou coisa do tipo. Ninguém vai achar a cura do Alzheimer no site da *Terra.com*, ou muito menos, da depressão acessando o *Uol.com* e lendo aquelas baboseiras. Se fosse fácil assim, não teria feito seis anos de medicina e mais três de residência em psiquiatria.

– Alguns relatos de mães que não suportam ver os filhos depois que nascem. Tenho medo

que aconteça comigo.

– Não vai acontecer, Liv. Ninguém vai deixar. Nem eu, nem a Fabi e muito menos o André. Incluo o AC neste meio, porque ele ainda se preocupa contigo, e muito. A depressão pós-parto é uma coisa horrível, mas não vamos pensar e nem pesquisar sobre ela, ok? E se for o caso, a gente entra com medicamentos, só por um tempo. E depois que passar, a gente corta.

– Mas aí eu vou ter que parar de amamentar?

– Acredito que sim. Teria que falar com o teu obstetra para saber certinho.

– Não quero deixar de amamentar a Bibi.

– Então vamos esquecer, ok? E leite para ela nunca vai faltar. A Elis está uma vaca ambulante. Não pode ver uma criança que começa a tirar a roupa para amamentar. Acredita que o Otávio dormiu comigo e com a Carla ontem e ela, mesmo depois dele ter tomado na mamadeira, teve que amamentar ele de novo? Acho que era só para me mostrar os peitos dela. Coitada, mal sabe que eu tenho dois, bem maiores que os dela em casa.

E finalmente, eu consigo arrancar um sorriso da minha pequena coisa. Até chego a respirar aliviado. Estávamos tão entretidos que nem vimos o André e Leco chegarem em casa.

– Hm... estou interrompendo alguma coisa? – André olha para nós, com os olhos azuis arregalados.

– Ainda bem que tu chegou, Emo. Ela estava me agarrando, sabe como são os hormônios da gravidez. Acho que tu não está dando no couro, amigo.

Liv joga a cabeça para trás rindo, e eu percebo que fiz o meu trabalho por hoje aqui. Fico com eles para jantar, Leco fica ao meu lado o tempo todo, com aquela cara de bobão, tentando roubar o pedaço de pizza que estava no meu prato. Até que eu tive que dividir a minha com ele.

Voltei para a casa e fiquei sozinho, já que a Carla estava trabalhando. Pego o meu celular e resolvo ligar para alguém que está esquecendo de onde saiu.

– Vem cá, esqueceu que é minha filha e tem que ficar na minha casa?

– Oie, pai. – Escuto a risada meio enrolada da Luiza.

– Oi, sua bêbada. O que está fazendo aí?

– Te esperando. O Maurício fez uma caipirinha beeeeeem docinha. Nossa, acho que tomei quase metade, a dinda tirou o copo de mim. E o tio Gê fez churrasco. Já está vindo?

– Não, Luiza. Vou ficar, a Carla está trabalhando e eu não vou pegar o carro a essa hora da noite e ir sozinho.

– Ahhh que chaaato. Ainda bem que vim para cá. E amanhã, vocês vão vir? A Carla disse que ia vir de moto contigo. Aquele dia eu a-m-e-i – ela soletra cada letra vagarosamente – andar de moto com ela. Posso comprar uma para mim? Quero de aniversário.

– Não vou te dar uma moto de aniversário, Luiza. E eu acho que nós vamos ficar.

– Por que? Dinda, me dá um pouco aqui. – Escuto ela falar.

– Luiza, para de beber. E não estou a fim de irmos amanhã e voltar amanhã. Segunda eu

atendo pela manhã.

– Ahhhh, pai. Então depois de amanhã, à tarde, eu vou ficar contigo o tempo todo? Diz para a Carla nem aparecer aí em casa. Já sei! Vamos ao shopping comprar umas roupas novas!

– Roupas?

– Sim, seu Luiz! Sem discussão! Vi só uns cacos no teu guarda-roupa e tu precisa de um banho de loja. Ninguém melhor que a tua filhinha do coração fazer isto, não é? – Outra risadinha afetada dela.

– Mal posso esperar, filha.

– Eu sei, pai. – Ela suspira. – Vou desligar, a Dinda Lena fugiu com o meu copo de caipirinha, vou ter que ir atrás de outro ou pedir um novo para o Maurício. Beijãozinho pai, te “lovo”.

– Eu também te amo, filha. – E ela desliga o telefone.

Oh furacão bravo! Ainda mais quando está de pileque assim, fica mais impossível do que já é.

Por Carla

Abro a porta e a voz de alguém cantando, alto, junto com a música chega a quase a me empurrar para a rua novamente. Caminho até a origem e vou até a sala onde o piano do Luiz fica e encontro ele, e uma garrafa de vodka pela metade, sem falar no som do Notebook ligado a todo volume. Parece que não foi só eu que andei por uma festa hoje.

– But I'm in so deep. You know I'm such a fool for you. You got me wrapped around your finger. (Mas eu estou tão envolvido. Você sabe o quanto sou um tolo por você. Você me tem atado entre seus dedos.) *Linger – The Cranberries*

Luiz canta animadamente, e um pouco desafinado. E quando chega no refrão, novamente, ele fecha os olhos, apertadamente e solta a voz. Se vira para mim e quando reabre os olhos e me vê ali parado, sorri, levanta e me puxa para dançar.

A música acaba, e ele coloca para tocar novamente. Canto junto com ele, e chego a ficar quase bêbada quando ele me beija profundamente. Luiz se separa de mim e eu vejo os seus olhos e o sorriso besta no rosto. Completamente bêbado.

– A festa foi grande aqui. – Digo vendo ele caminhando até o piano, pegando a garrafa e tomando direto nela.

– Quer um pouco?

– Não gosto de vodka. – E já estou bêbada contigo ao meu lado.

Luiz mexe no notebook e coloca outra música, em espanhol. Ele me puxa por uma mão até eu estar sentada no colo dele. Luiz começa a tocar no piano junto com a música e falar de modo manso, perguntando se eu conhecia a música. Respondo que não, e então ele continuou.

– Ela foi feita a partir de um texto de Charlie Bukowski. A mais linda mulher da cidade. Não lembro bem o nome dela, mas acho que era Cass. Ela era a irmã mais nova de cinco, pai

bêbado e a mãe fugiu. Ela é a mais linda de todas as irmãs, que morriam de inveja dela. E o texto é narrado por um cara que conhece ela em um bar. Eu digo que era ela meio bipolar, e encantou este cara pelo jeito dela ser, mesmo que meio louco. Ela gostava de se machucar, por isso que ele canta assim. Brillaba, era una perla, y nunca hacía nada. Después dijo que me amaba, y se hundió la gillette. (Brilhava, era uma estrela, nunca fazia nada. Depois disse que me amava, e se cortou outra vez. *Polaroid de Loucura Ordinária – Fito Paez, Polaroid (versão português) – Nenhum de Nós.*)

– E o que aconteceu com ela? – Pergunto depois que a música acabou.

– Não vou te contar, é spoiler. Amanhã tu procura na internet para saber. Mas só para ti saber, eu já tenho a minha garota mais bonita da cidade, e que mesmo eu sendo feio e bêbado, ela gosta de mim. E não vou ter o mesmo final.

– Não sei qual é o final deles, mas o teu eu sei. Cama, depois de um bom banho, gelado.

– Gelado não, já basta o AC me dando banho assim. Não gosto.

Me levanto e puxo ele pela mão, que não adianta em nada.

– Vem, Luiz. Amanhã temos que acordar cedo para pegar a estrada.

– Nós não vamos. – Ele levanta, cambaleia e se agarra no piano. – Vamos ficar em casa, só nós dois.

Ajudo ele a subir as escadas, e quase desisto no meio do caminho, quando ele senta nos degraus e fica respirando pesadamente. Então eu vou arrumando as coisas antes de chamar o guindaste. Arrumo a cama, já deixo as roupas separadas, porque eu sei que se for dar um banho no Luiz, vou acabar tomando um junto e quando volto, encontro ele roncando agarrado no corrimão. Para hipótese de suborno, tiro uma foto e salvo na galeria do meu celular. Assim como ele tem uma minha dormindo no sofá com a boca aberta, agora eu também tenho.

Acordo e sou xingada, amorosamente, por ele quando coloco ele embaixo do chuveiro. Como eu esperava, em um momento de descuido, ele me puxou para a água com ele. E eu também xinguei ele de tudo que foi coisa.

Caímos na cama e o Luiz começa a gemer.

– O que foi? – Digo baixinho.

– Acho que amanhã vou estar imprestável.

– Acredito que tu esteja um pouco bêbado. – Ele ri.

– Como tu é sutil, Guria. Pouco... eu estou podre de bêbado, isso sim. – Mais uma vez ri e continua por alguns segundos.

– Vai dormir então. – Ele me abraça pelas costas e encosta a cabeça molhada em mim.

Se esfrega e começa a me amassar mais ainda. Uma perna em cima das minhas, como se fosse uma coisa bem leve, e as mãos me circundando. Alguém está em modo cachorro sem dono hoje.

– Luiz. – Chamo ele que geme. – Eu preciso respirar.

– O oxigênio envelhece as células. Já te disse isso. – Dou um cotovelo nele que tira uma mão de cima de mim e eu consigo me virar.

– Então, deixa eu envelhecer para ficar da tua idade.

Luiz se enfia no meu pescoço e começa a roçar a barba em mim.

– Eu já falei que te amo?

– Hoje não. – Digo sorrindo. Nada melhor do que chegar em casa e encontrar o meu véio, bêbado e carinhoso assim.

– Então eu vou dizer por ontem e hoje. Eu te amo, Carla Denski. Minha gurria.

– Eu também te amo, Luiz Lavorini, meu véio. Agora vai dor...

E eu nem chego a terminar a frase, porque ele começou a roncar.

No escuro mesmo, eu beijo o rosto do Luiz. Puxo o cobertor para cima de nós e me ajeito nos braços dele. Fico escutando a sua respiração alta e percebo como isso tudo é perfeito. Uma declaração, meio que induzida pelo álcool, mas que não deixa de ser verdadeira. Um abraço aconchegante para dormir e me sentir tão segura de tudo. O processo de adoção que eu entrei com os papéis e a vida que estamos levando. Mesmo que eu ainda diga que moro com os meus pais, sei que tenho também esta casa como um lar para mim.

A amizade com a Luiza, mesmo que às vezes eu tenha vontade de sufocar ela com o travesseiro ou com a almofada da sala, ou abraçá-la e não querer que ela volte para a Europa por mais uma temporada. Já estou vendo que essa casa vai ficar um pouco mais silenciosa depois que ela se for. Eu e o Luiz não vamos conseguir dar a mesma vitalidade a tudo, como ela consegue.

Segunda “perda” minha, por assim dizer. Primeiro o Di, que mesmo me mandando mensagens toda hora, ainda me faz falta aqui ao meu lado implicando comigo, e daqui uns dias, a Luiza.

Por um mundo onde há distância entre todos nós seja menor! Por favor! Quero todos juntos com a gente aqui!

Capítulo 57

Por Luiz

– Moça, esse é o vestiário masculino. – Escuto uma voz dizer, até me viro para ver de onde ela vem, mas é em vão.

Estou segurando uma pilha enorme de roupas. Nenhuma eu escolhi. Simplesmente me tiraram para cabide e jogavam milhares de peças nos meus braços. E agora estou sendo arrastado para um vestiário.

– E grande coisa. Já vi mais homem de cueca do que gostaria de dizer. Nada mais me impressiona. Vem, – sinto outro puxão em direção a algum lugar.

– As normas da empresa não admitem mulheres nos vestiários masculinos e homens no feminino.

Bato em alguma coisa, provavelmente a Luiza, e espero a bomba estourar.

– Ele é meu pai. Não estou indo para o vestiário transar com ninguém, ok? Já vi o meu pai pelado milhares de vezes e não vou deixar de entrar aqui. Quero ver quem vai me impedir de experimentar todas estas roupas dele. Essa loja está vazia, porque só tem roupas de coleções de, no mínimo, dois anos atrás, certo? Enquanto vocês acham que estão arrasando com estes pedaços de pano sem estilo nenhum, na minha casa eu uso eles para limpar o chão. Entra, pai!

E eu sigo o meu caminho às cegas. Conheço a fera que eu criei, e nem a pau que vou me meter na discussão. Entro em algum lugar e vejo ao meu lado aqueles provadores gigantes, deve ser de cadeirantes, e é nesse mesmo que eu me enfio. Largo as roupas em um banco e a cortina se abre com uma Luiza raivosa.

– Quem esta gente acha que está se metendo? Sou tua filha e se eu quiser entro no banheiro contigo e ainda....

– Chega. – Dou um aviso e ela se cala, mas não deixa de largar um resmungo.

– Tira essa camiseta e vamos começar a trabalhar.

Luiza se avança em mim e começa a abrir os botões. E que comece o martírio.

Eu detesto, com todas as minhas forças, comprar roupas. Ainda mais quando a Luiza vem junto, ela despenca meia loja para encontrar uma camisa. E a outra metade para achar uma calça. Sem falar que ela sai com a vendedora e eu fico trancado dentro deste quadrado minúsculo, como se estivesse de castigo em um manicômio em uma sala branca e com um espelho. Realmente uma coisa bem agradável.

Depois de horas esperando a Luiza volta com milhares de roupas e me força a experimentar todas elas. Sem deixar passar uma peça que falte. E não posso esquecer que preciso fazer um meio desfile para ela. Ando de um lado para o outro, sou virado para cantos e fico esperando a expressão dela de aprovação, ou repúdio.

Quando eu já estou começando a ver os rasgos nas roupas, é que começo a maturar a ideia de ir comprar alguma coisa. Deixo a opção cozinhando por um bom tempo, até, realmente, a roupa não ter mais opção de uso. E quando isto acontece, eu compro alguma coisa com uma

velocidade cada vez mais rápida que a última vez.

Meu plano é o seguinte. Pego uma peça de cada, experimento até encontrar o tamanho ideal. E depois disso, vou medindo na roupa que coube e ficou separado. Não tem erro e nem perigo de não servir. Tão mais prático e rápido.

– Meu Deus, Luiza. Tira a mão daí!

– Opa, desculpa. Estou enfiando a camisa para dentro das calças.

– Sim, calças, não dentro da minha cueca! – Ela ri.

– Isso eu deixo para a Carla. E preciso te dizer uma coisa, pai – ela aperta a minha barriga.

– Isto aqui não existia antes.

– Pois é, estou gordinho até.

– Daqui a pouco o teu dragão vai ficar estranho. Um lado magro e o outro obeso.

Rio alto, porque a Carla falou a mesma coisa ontem quando eu entrei na piscina da casa dela. “Teu dragão está ficandocoxudo, mas em uma perna só.”

– Quase morri comendo ontem, a Lúcia sabe fazer uma salada de maionese caseira, que eu raspei o prato. E sem falar no churrasco do Rogério, aquilo converteria qualquer vegano convicto a virar carnívoro em um dia.

– Isso, joga na cara e humilha! Passei o dia na água e coisa leve para curar a ressaca.

– Bem feito, se não tivesse enfiado a cara na caipirinha, não teria ficado assim. Aprende com o papai, filha. Vai beber certo.

Luiza resmunga mais um pouco e se vinga de mim no provador. Puxa calça para um lado, troca de camisa, tira casaco e tudo o que é possível, e até impossível, para se fazer naquele pequeno espaço.

Perdi noção de quantas vezes eu fiquei sendo usado pela Luiza, sem contar quando ela saía com a vendedora e voltava com mais opções. Fiquei tanto tempo parado lá, que até chamei a Vivi e a Julia para se juntarem a nós para comermos alguma coisa. Só assim eu consegui apressar a Luiza, senão iria fechar a loja e eu ainda estaria só de cueca dentro do provador esperando mais roupas que estavam vindo da matriz, só para a Luiza experimentar em mim.

Levei um soco no estômago quando ela apareceu com as sacolas dentro da minha cela. A rica pessoa, amor de filha e amado ser, simplesmente pegou a minha carteira e o meu cartão de crédito, passou no caixa, pagou e eu só recebi a mensagem no celular. Quase desmaiei quando vi o valor. Me enredei nas calças e quase cai de cara no chão.

Sabe quando eu, Luiz Lavorini, de estado civil viúvo, quarenta e dois anos e residente em território brasileiro, iria a uma loja de roupas e gastar aquela montanha de dinheiro?

Nunca.

Lembrete: falar com o AC para ele diminuir ao máximo o meu limite de crédito. Urgentemente!

Luiza sai sorridente da loja, e eu sentindo que deixei o meu rim esquerdo lá dentro. Vamos até a praça da alimentação e esperamos a Vivi e a Júlia. E assim que elas chegam as

gurias se juntaram e saíram a bater perna no shopping. Vivi e eu resolvemos comer e conversar um pouco.

– Está tentando ter um AVC, ou coisa do tipo? Só de respirar perto disso eu já sinto uma veia do meu cérebro se entupindo. – Reclama ela quando vê o meu nada pequeno hambúrguer.

O que é um furo para quem já está todo rasgado?

– Se vai falar que estou gordo, pega a senha e entra na fila. Estou gordo sim, e se eu quiser, como mais um pouco e fico obeso. – Olho para a salada que ela tem no seu prato e faço uma cara de nojo.

– Meu filho, tu pode comer o quanto quiser. Aliás, ia dizer até o contrário. Que tu está bem assim. Teve uma época que tu estava tão magro que se viesse um vento mais forte te levava voando.

– Naquela época eu fumava e bebia demais. Comida não era o meu foco principal. Nunca foi mesmo. – Rio. – Mas agora, com a Carla e a Luiza estão sempre inventando alguma coisa para comer. E eu descobri a habilidade da mãe da Carla. Eu acho que amo a minha sogra. Quase morri comendo ontem no almoço.

Meu Deus, como comer esse hambúrguer falsificado depois de experimentar alguma comida que ela faz? Impossível! Nunca mais vou querer comer em um restaurante novamente.

– Sentimos a falta de vocês ontem, falando nisso. Pensávamos que iam para a fazenda.

– Decidimos ficar em casa, nos pais dela.

– Decidimos, ou tu decidiu? – Olho para a Vivi que me encara.

– Faz diferença? – Revido o olhar.

– Não. Só pensei que tudo estava normal de novo. Tu foi lá duas vezes, pensei que não voltaria a se negar a ir novamente. É duas visitas de doze em doze anos?

Rio.

– Digamos que ir acompanhado de amigos, ou a Carla, é uma coisa. Mas ficar lá, sozinho, é diferente.

– Tu não ia estar sozinho, Luiz. Eu fico até magoada em escutar isto. Estávamos todos lá, Luiza, Julia, Maurício, Lena, eu, Beto, Gê e a Nilza. A tua família.

– Meu senso de família nunca foi bom, não é?

– Não fala assim, por favor. O Gê tem o jeito dele e o Beto está melhorando. Já consegui bater o recorde de ficar uma semana sem querer quebrar alguma coisa na cabeça dele. Tem noção do que isto significa?

– Não é isso, Vivi, é... – Hesito, e tomo uma respiração. – Voltar lá, só com vocês vai me trazer certas lembranças, e dirigir sozinho. Ainda não. Quem sabe um dia eu chego lá.

Ficamos em silêncio, comendo por mais alguns segundos.

– Então é oficial? Vocês dois voltaram? – Recebo um sorriso diferente dela.

– Oficial, não sei se é bem a palavra adequada. Mas estamos tentando achar um meio

termo entre reconciliação e não tentar se matar. Acredito que está dando certo.

– Que lindo. Vai ter outra cerimônia de casamento? Já estou imaginando a cena de ti entrando vestido de noiva novamente. Tu ainda tem o teu vestido de casamento?

– Deus me livre e guarde, Luiz. Não aguento nem ver aquelas fotos, quem dirá vestir aquilo novamente. Aliás, o que tínhamos na cabeça aquela época para usar aquelas roupas? E os cabelos? Pareciam capacetes espaciais, cinco horas em movimento e nenhum fio de cabelo fora do lugar.

– Ah eu estava gatão como sempre. E passei a cerimônia toda correndo atrás da Luiza também.

– Normal. Mas enfim, eu e o Beto estamos convivendo bem até. A Júlia está encantada. Eu e o pai dela na sua volta dando atenção total. Nunca vi a minha filha tão feliz. Sabia que ela sentia falta do pai e atenção dele, mas não neste nível.

– Fico feliz em saber que o Beto está tomando forma de gente. Nunca é tarde para começar.

– Com certeza, mas prevejo uma leve briga em breve. Eu tenho que voltar para casa, não é? E aí, como vai ser? O Beto pode falar aos quatro ventos que não vê a hora de sair da direção da escola, mas é como cachorro velho e não vai lagar o osso, não antes do Gê também fazer o mesmo. Os dois funcionam melhor juntos na direção. E aí, como vamos fazer? E a Júlia? Aqui ela tem mais liberdade, pode se virar sozinha, já lá é complicado, perigoso e tudo distante.

– Tu é uma médica excelente, Vivi. Pode conseguir uma vaga em qualquer hospital. Aliás, se tu te colocar à disposição, não precisa nem enviar currículo, os hospitais é que vão enviar os deles para ti.

– Não me subestima, Luiz. Eu gosto de trabalhar lá, mas o ritmo está me cansando já. Sinceramente eu já pensei em voltar para cá há alguns meses.

– E agora é oportunidade que faltava. – Concluo.

– Sim e não. Naquela época eu ainda tinha pensamentos assassinos contra o teu irmão. Se eu voltasse seria só para me estressar mais com ele. Acho que fiz uma ótima escolha ter ficado lá esta época. E agora seria o momento certo para isso.

– Mas... – Vivi me encara e suspira.

– Se tu tem medo de ir até a fazenda sozinho, eu também posso ter medo de voltar e estragar tudo de novo, não acha?

Aceno que sim e compreendo.

As mudanças são necessárias, mas às vezes, o medo de reviver o passado, ou passar por situações que possam repetir o que aconteceu é mais forte que o impulso de transformação. Sem contar que se isto acontecer, a dor voltará, e com certeza, de uma maneira pior do que antes.

Posso ser taxado de fraco, medroso e afins, mas eu não me sinto confortável se eu pegar o meu carro, colocar a Carla ao meu lado e dirigir até a fazenda novamente. Passar pelo trecho que o acidente aconteceu e o medo de acontecer novamente sempre falará mais alto. E eu não tenho vergonha nenhuma de admitir.

Por isto eu não falo nada para a Vivi. Eu imagino o receio dela em voltar a morar aqui e a hesitação de viver novamente com o Beto sobre o mesmo teto. Mas sei que ela vai pensar em todos os lados da moeda, e sem falar, que vai levar o fator da Júlia em consideração. Como uma mãe sempre faz por seus filhos.

E, como sempre, eu vou ser um dos primeiros a apoiar a decisão dela.

Terminamos de comer e continuamos a conversar. Saímos do assunto “nós” e fomos para outros lados. Falamos sobre filhos, besteira e sobre os nossos trabalhos. Até disse que, se ela voltar para cá, podemos fazer alguns trabalhos em conjunto. Vivi considerou a possível parceria, e isto me deu a confirmação que eu já imagina que ela iria tomar.

Algumas pessoas possuem o dom de encarar o medo e receio com uma habilidade invejável. O medo está lá, mas a ânsia de viver o novo, nestas pessoas, fala bem mais alto do que o resto que grita os erros do passado. Nem todos conseguem ser assim, e infelizmente, eu estou longe de conseguir fazer isso. Posso até chegar lá, mas como diz a música, com passos de formiga e sem vontade.

– Estou preocupada com as gurias. Aonde foi que elas se meteram?

– Devem estar enfiadas em alguma loja por aí e... – Coloco a mão onde era para encontrar a minha carteira e não sinto nada.

Começo a verificar todos os meus bolsos, sacolas com as roupas caríssimas que a Luiza comprou e procuro a minha carteira, com todos os meus documentos e....

– Por um acaso o Beto deu o cartão de crédito dele para a Júlia?

– Sim. Ele é louco, imagina colocar um cartão de crédito com todo o limite que ele possui para uma criança de quatorze anos.

Gemo.

– Ontem ele chegou em casa com um celular novo para ela, sendo que o que eu havia comprado estava funcionando perfeitamente. Até disse para o Beto não começar a dar coisas caras para ela assim. Não quero que a minha filha se estrague assim.

– E agora ela se juntou com a rainha dos cartões do pai. Tem dinheiro aí para pagar o que eu comi? Porque a Luiza pegou a minha carteira e eu não tenho a mínima ideia de quanto ela pode gastar em uma loja destas.

– Ai. – Vivi compreende a minha cara de quem está com uma dor de barriga desgraçada.
– O rombo vai ser grande?

– Já foi com essas roupas. Sendo que eu não vou conseguir usar a metade delas, e agora vem a parte dois.

Meu telefone toca ao lado do meu copo de refrigerante, indicando uma mensagem, e eu começo até a suar frio e considerar o fato de ter um AVC recentemente uma coisa bem possível neste momento.

Capítulo 58

Por Carla

Consultórios médicos sempre me deram calafrios e um medo horrível. Desde de pequena. Aquele ambiente silencioso com cartazes explicativos e pessoas sentadas em bancos esperando a hora do atendimento. Claro que tudo isso piorou milhões de vezes depois que eu passei por tudo.

Apesar de o meu caso não ter reversão, tive que se examinada por outros médicos diversas vezes. E sempre levava a minha mãe junto. Ou melhor, a minha mãe me arrastava até os médicos. Em nenhum momento ela saía do meu lado, e de quebra, o pai ou o Di ficavam na sala de espera no aguardo.

A consulta começava e ela já explicava o meu caso, alguns médicos não davam bola e outros entendiam a ocasião de uma mulher de quase vinte anos na cara levar a mãe para uma consulta. Mas as piores vezes, foram logo depois do meu aborto, quando eu precisei ir ao ginecologista.

Entrar em pânico foi brincadeira para mim. Eu estava apavorada, tanto que não entrei no consultório e fiz um escândalo generalizado. Minha mãe teve que consultar no meu lugar, enquanto eu chorava descontroladamente na sala de espera amparada pelo pai e o Di. Isto que era só para uma consulta preliminar, conversar, pedir alguns exames e essas coisas.

Precisei de muita conversa, inclusive com a psicóloga que eu frequentava na época, para conseguir entrar na sala do médico, um senhor de idade que era o médico de confiança da minha mãe. Foi agendado o último horário do dia, eu cheguei lá por volta das quatro da tarde e sai quase duas horas depois.

Noventa por cento da consulta foi conversa. Meu pai entrou junto na consulta e ficou de mão dada comigo o tempo todo. Algumas vezes eu ficava calada escutando eles conversarem e outras eu chorava com as lágrimas escorrendo livre sobre o meu rosto.

Naquele dia eu não fiz nada além de uma ecografia normal, para saber se que tinha sido feito em mim estava certo. E eu fiquei extremamente inquieta e dizendo para mim mesma que aquilo iria passar e quando eu desse por mim estaria em casa deitada no meu quarto, olhando para as minhas paredes no silêncio.

Quinze dias depois eu voltei com os resultados dos outros exames que haviam sido solicitados. Exames básicos de sangue, urina e outros complexos para saber a quanto andava os meus níveis de hormônios. Até gostei de realizar eles, já que a enfermeira do laboratório foi até lá em casa para coletar o sangue.

Na consulta de retorno, a coisa já foi bem mais rápida. Foi apenas eu e a mãe, o Di ficou na sala de espera e durou em torno de meia hora. E desde então eu faço reposição hormonal contínua.

Óbvio que isso não foi um mar de rosas. Até encontrar a dosagem certa, o tipo de hormônio e a adequação, foi um martírio. Me senti uma cobaia em forma de pessoa. Tudo o que eu fazia, sentia e apresentava era escrito para ser relatado ao médico.

Sexta-feira: Choro pela manhã, mal humor perto do almoço, tristeza pela tarde e falta de

sono à noite.

E isso durou por meses, até a estabilização completa. Aí sim, eu pude respirar mais tranquila.

Até hoje eu tomo medicação contínua. E todos os anos eu tenho que fazer exames para saber se a compensação hormonal sintética está adequada ao meu corpo e idade que me encontro. E por isso que eu estou aqui, com a minha perna inquieta, esperando neste consultório branco com uma parede azul, fingindo que estou lendo uma revista de fofoca sobre subcelebridades.

Porém, hoje está para acontecer uma coisa inédita. Tanto que até a secretária, que é esposa do médico perguntou: onde está a minha mãe? Pela primeira vez em oito anos eu estou indo ao médico, ginecologista ainda por cima, e sozinha. Um grande passo para mim.

Confesso que estou suando frio e tremendo um pouco, mas nada que eu não tire de letra. Tomo uma respiração mais profunda, e um sorriso da secretária, que escutou de lá onde ela está.

A porta do consultório se abre e eu recebo aquele sorriso confiante do médico para mim. Ele me chama e eu levanto, meio vacilante, e caminho para dentro do consultório.

– Olá, Carla. Como tu está? – Ela me cumprimenta e eu aperto a sua mão.

– Tudo ótimo. – Digo me sentando na cadeira a sua frente.

Ficamos por alguns minutos conversando sobre amenidades, como estava a minha mãe e o meu pai, clima e afins, até de fato a consulta começar.

Relato o meu status de humor de um certo tempo para cá, de mudanças que eu notei e outras coisas, inclusive que eu estava namorando e, teoricamente, com uma vida sexual ativa.

– Isso é ótimo, Carla. Tu é nova e tem que aproveitar a vida mesmo. Ainda mais neste campo. Não precisa deixar o que aconteceu contigo te dominar. Foi uma fatalidade extrema, mas não o fim de tudo. Tenho certeza que oportunidades para ti não faltarão.

– Falando em oportunidades, eu entrei com os papeis para adoção de um bebê. – Digo e vejo o médico olhar para mim sorrindo.

– Parabéns, Carla. Sei que vai ser uma mãe e tanto.

Agradeço e também concordo que irei ser.

Saio da consulta com as requisições para os exames de rotina, subo na minha moto e vou para casa me arrumar para trabalhar hoje à noite.

Por Luiz

– Então o gerente regional queria que tu cancelasse o processo administrativo e o BO de racismo? – Pergunto incrédulo para o AC que me confirma.

– Em troca de “vantagens”. Acho que as pessoas me veem como uma pessoa corrupta ou idiota demais para eu ceder a essas chantagens. Eu sei que vim de uma família pobre, mas mesmo assim. Não vou deixar aquela mulher fazer o que bem entendesse comigo e ainda xingasse a Sarah.

– Tu tem uma cara de pobre mesmo – ele revira os olhos e eu rio. – Porém, pobre não é sinônimo de burro. Tu está certo, AC. Leva isto até o fim, fica em cima para cobrar os

resultados.

– É exatamente isso que eu estou fazendo. E outra, o cara começou o papo puxando o meu saco. Falando que eu sou um dos melhores da agência, que as contas que eu gerencio são as que mais rendem.

– Hey, ele não tem o direito de usar este argumento. E tenho certeza que ele estava falando da minha conta e a da escola.

– Exatamente. E a do Noah, e empresa da Su também. Ele deve saber que somos amigos e se eu sair do banco...

– Eu levo a minha conta junto, e de quebra a do Beto, Gê e da escola. E o Noah e Su também. Imagina o prejuízo da agência.

AC sorri maliciosamente para mim.

– Meu emprego está assegurado pelos meus contatos externos. Ainda mais que eu estou quase fechando uma parceria com a loja do André.

– Monopolizando as empresas da cidade, senhor Arthur Caetano?

– Fazer o que se eu sou o rei das finanças? Se eu perder o concurso, posso abrir uma agência de finanças particular. Capaz de ficar rico em um piscar de olhos. E o gerente regional não é burro, ele pensou que poderia me ganhar no papo manso, mas nem fodendo que eu retiro uma acusação que seja.

Chego a até bater palmas para o meu amigo no meio do vestiário masculino da academia. Nem preciso dizer que ele tem o meu apoio total nesta questão. Quero ver qual o pai que não vira um leão, morto de fome, quando mexem com um dos seus filhos.

Saio da academia, passo no mercado no meio do caminho e compro algumas coisas que a Luiza me pediu para fazer a janta. Chego em casa e encontro ela no seu quarto, já com as malas espalhadas pelo quarto e arrumando algumas roupas.

Levo uma rasteira e caio de cara no chão com isto.

Me dou por conta que falta pouco para ela embarcar no avião e voltar para a Itália por mais um ano e meio. Dezoito meses longe da minha filhota. Sem chegar em casa e encontrar ela e a Carla conversando sobre alguma coisa ou rindo de alguma piada sem graça. Um bom tempo sem ela estar na minha volta, como um cachorrinho, louca por atenção, beijos e abraços no meio do dia.

Pensar nisto já me bate uma tristeza completa. E por alguns instantes, eu lembro de como eu suportava isso sozinho nesta casa, sem a perspectiva de companhia, como eu tenho a da Carla hoje. Realmente, eu era um guerreiro e tanto, munido com a minha arma principal, o álcool.

– Pai, para de fazer essa cara de quem está tendo uma dor de barriga e está longe do banheiro. Vocês não vão me visitar lá?

Luiza se aproxima de mim e me abraça pela cintura forte. Retribuo o abraço, mais forte ainda, beijo os seus cabelos e respiro o seu perfume, como se quisesse memorizar o cheiro para os dias que a saudade bater mais forte de tudo. Se pudesse, faria uma essência deste perfume e espalharia pela casa todos os dias.

- Eu vou, não sei quando, mas vou. – Digo e beijo ela novamente.
 - Vai tentar levar a Carla?
 - Vou fazer o meu melhor para conseguir isto.
 - Então ela não vai ter escapatória, ainda mais com a gente unindo forças para isso.
- Luiza me solta e seus olhos, iguais aos meus, me fitam.
- Eu te amo, pai.
 - Eu também filhota, mesmo tu me levando à falência às vezes.

Descemos as escadas e fomos para a cozinha juntos. Fizemos o jantar em dupla e estávamos conversando, rindo e brincando na volta do piano depois. Como sempre fizemos quando estávamos felizes. Cantamos músicas bregas e antigas até o meu telefone tocar e eu atender sem olhar o visor.

– Luiz. É o André! – Escuto a sua voz alterada e o Leco latindo ao fundo. – A bolsa da Olívia estourou!

.

Entro no hospital com a Luiza atrás de mim. Encontro o André na recepção, tremendo nas bases, com os papéis do plano de saúde da Liv.

– E aí, Emo. – Dou um tapa nas costas dele e quase desmonto o André.

– Ainda bem que tu chegou, cara. Eu não sei o que eu faço aqui, se corro para atender a Olívia, pego as coisas da Bibi ou se lembro qual é o tipo sanguíneo da Liv. – Começo a rir da cara dele.

– Só assina, André e vem comigo. Trouxe a câmera? Quero registrar a hora em que tu vai desmaiar na sala de parto.

Espero o André, todo atrapalhado, assinar a papelada e levo ele até a maternidade, onde estão preparando a Olívia para a cesárea. Deixo a Luiza encarregada de ligar para quem o André não conseguiu avisar de primeira e entro dentro ala.

Encontro a Olívia deitada, com os olhos arregalados e uma enfermeira tentando conversar com ela.

– Não presta atenção no que a Betânia diz, Liv. É tudo mentira. – Brinco com a enfermeira da maternidade.

– E olha quem fala. – Ela retruca. – O médico que mais mente neste hospital. Conheço todos os teus podres aqui, Luiz. – Rio e a Olívia percebe que estamos brincando.

Eu conheço todos os funcionários do hospital. Maternidade, pediatria, bloco cirúrgico, internações, enfermaria, administrativo, limpeza e tudo mais. E todos sabem que eu sou o mais brincalhão de todos, e ainda me dão corda. Já que estamos em um ambiente onde as notícias nem sempre são boas, pelo menos entre nós, os funcionários, conseguimos brincar.

– Olha só que a pequena coisa e a coisinha pequena vieram animar a noite nesta maternidade. – Me aproximo da mesa da Olívia e beijo o seu rosto. – Tudo bem, Liv?

– Eu não sei. Só senti um líquido escorrendo pelas minhas pernas e o André me trouxe para cá. Onde ele está?

– Levaram ele para colocar aquelas roupas de açougueiro, daqui a pouco ele chega.

– E tu? Vai entrar junto? – Seus olhos assustados refletem o medo.

– Desde quando eu perco uma festa? Acha que eu vou perder o parto da minha afilhada? Nem pensar! Estive presente no Tavinho, e vou estar presente no da Bibi sim. Já deixei todo mundo avisado nesta maternidade que ninguém me tira daqui. Só vou lá me vestir de açougueiro também e já volto. – Olho para a Betânia que está preenchendo o formulário da Liv. – Vocês duas se comportem aqui, ok?

Deixo a sala escutando as duas rindo de mim. Vejo o André, tão assustado como a Olívia e brinco com ele também, para acalmar os seus nervos. Se ele está assim antes do parto, imagina quando a Bibi nascer e começar a aprontar todas por aí.

Me visto o mais rápido que consigo. Detesto usar estas roupas cirúrgicas, lembro que quando a Luiza nasceu, eu me senti o top dos tops, fazendo isso. Na faculdade também, usar jaleco branco e estas roupas era a realização de um sonho e saber que estávamos começando a realizar a façanha de nos tornarmos médicos.

Hoje eu acho o meu jaleco uma camisa de força, quente demais e sufocante, e estas roupas cirúrgicas coisa de açougueiro. Ainda mais quando saímos da cirurgia pura sangue, quando não é algo pior.

Vou direto para a sala de cirurgia, onde encontro o obstetra da Olívia e bato um papo com ele antes do parto. Olívia ainda estava sendo preparada para a anestesia e ela estava bem mais calma.

Quando o parto começa de fato, eu vou para perto deles, Liv olhando para o teto e o André ao seu lado observando a cena. Faço o meu trabalho de sempre. Começo a contar piada, desviar o foco da atenção da Olívia para não ficar nervosa e consigo êxito na minha função. Até consigo arrancar alguns risos dos dois neste meio tempo.

– Luiz, – o obstetra me chama – está na hora. A Bianca já está aqui.

André levanta rapidamente e eu fico de olho nele, se ele desmaiar, antes de alguém se movimentar para atender ele, eu tiro uma foto dele estatelado no chão. Mas para a minha tristeza, ele não desmaia ou faz menção de tropeçar.

O choro fraco, preenche a sala e eu caço o André pela camisa que ele está vestindo para não se avançar no médico e ainda ver a Olívia toda aberta em cima de mesa. Não é todo mundo que suporta uma imagem desta e não é muito agradável para se olhar.

– Calma aí, André, ela tem que respirar primeiro e ser limpa antes de passar para ti. Eu também quase avancei o médico quando a Luiza nasceu e uma enfermeira me segurou.

Observamos a enfermeira desobstruir as vias aéreas dela e eu me lembro do parto do Otávio, onde eu não tinha nada disto e ainda tive que fazer uma manobra respiratória nele para que respirasse. André corta o cordão umbilical, tremendo mais do que vara verde em dia de ventania. E só depois de passarem um pano nela e a cobrirem com um cobertor, a Bibi é colocada no colo do André, que está chorando neste momento.

Eu, que peguei a câmera quando ele me passou, tiro umas fotos, ou pelo menos penso que tiro, já que eu aperto e tudo que é botão e vejo o flash sendo disparado. Acho que de cinquenta disparadas, meia foto se aproveita. André leva a Bibi para perto da Olívia, que também chora, e eu fico lá de fotógrafo do momento, até que a enfermeira pega a Bibi e leva para o banho.

– Bom, se vocês me derem licença, eu vou atrás da minha afilhada. Já que eu não consegui ficar perto dela e fui negligenciado neste momento. – Olívia ri de mim e, com os olhos cheios de lágrimas, começa a falar.

– Cuida da minha filha, Luiz. Foi por isso que eu te escolhi para dindo, ninguém vai cuidar melhor dela do que tu. – Me aproximo dela e falo no seu ouvido.

– Alguém vai sim, Liv. Tu mesma. A melhor mãe que a Bibi merece.

Capítulo 59

Por Luiz

Caminho por entre os corredores do bloco cirúrgico, já tirando a máscara, me sinto sufocado por aquela coisa. Entro na maternidade e encontro uma Bibi sendo revirada para todos os lados.

– Oi, Luiz – a enfermeira me cumprimenta. – Está fazendo o que por estas bandas? Cansou do pronto-socorro e veio auxiliar aqui?

– Não me canso do meu pronto-socorro nunca, só vim acompanhar esta princesinha nascer. Ela é minha afilhada.

– Essa coisa fofa aqui? Ela não está gostando muito do banho que está tomando. Acordou metade dos bebês da outra ala chorando.

– É isso aí, Bibi. Já chega mandando e colocando para quebrar geral.

Acompanho o banho dela até começar a ficar com inveja da enfermeira e dizer que eu assumia o comando agora. Termino o banho dela quando o André chega com a sua bolsa.

– Sai Emo, ela é minha agora. Minha Coisinha Pequena.

André não fala, tanto que eu penso que, finalmente, ele desmaiou. Mas o cara é forte, e só se sentou em uma cadeira que tem ali e deixou as lágrimas escorrerem.

Eu até penso em fazer alguma brincadeira para pegar no pé dele, mas não consigo. Já estive nesta mesma posição, há vinte e dois anos atrás, porém acredito que a intensidade de sentimento e a leva que eles chegam para o André, em velocidade o triplo da luz, ainda devem ser os mesmos.

Faço um movimento com a cabeça e chamo ele para o meu lado. Coloco a Bibi em cima de uma mesa onde começo a secá-la. Ela não gosta nenhum pouco deste tratamento de luxo que está recebendo. Chora de leve, esperneia e ainda mexe as mãos para todos os lados.

– Ela é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida. – André murmura ao meu lado.

– E sempre vai ser, cara. A partir de hoje, o teu mundo virou de ponta a cabeça por completo. Tu nunca mais vai conseguir dormir bem novamente, salvo as vezes que ela vai se enfiar na cama de vocês e se abraçar em ti. Aí tu vai ver como tu está completo com ela e a Liv ao teu lado.

André enxuga as lágrimas, nada delicadamente, e coloca a mão no rosto da filha.

– Oi, Bibi. Princesinha do pai.

E automaticamente ela para de chorar.

– Ela reconhece a tua voz. – Digo abrindo a mala que ele trouxe com as suas roupas. – Quero ver a cara que ela vai fazer quando conhecer o Leco.

– O Fedorentão ficou em pânico quando viu a Liv saindo de casa.

– Ele queria participar da festa, assim como eu. – Coloco a fralda nela, cuidando para não apertar a parte do seu umbigo.

E já posso criar uma teoria nova: trocar fralda é como andar de bicicleta, só uns minutos de treino e a habilidade volta que é uma beleza.

– Acho que ele vai ficar bem bobão na volta dela. Tanto que vamos ter que cuidar para ele não machucar ela nos primeiros dias. Ele não tem noção do peso que possui.

– Não sei se vai precisar de tanto cuidado assim, André. Cachorros, gatos e animais de estimação são bem mais cuidadosos com os filhotes que nós. Ele vai saber o que pode e não pode fazer com a Bibi, e daqui uns dias vai estar servindo de cavalo para ela montar e sair a trote pela casa.

Termino o trabalho de vestir ela, a enfermeira volta para fiscalizar o meu trabalho, anotar mais algumas coisas no prontuário dela e expulsar o André do quarto. Agora é hora de a Bibi descansar, mas não antes do Dindo bobo aqui expor ela mais um pouquinho. Ou até que me expulsem daqui também.

André segue para o lado de fora, onde a Luiza e o resto do pessoal deve estar aguardando e eu para outra sala. A tão vista da sala envidraçada, onde todo mundo espera para conhecer as crianças que nasceram.

E como eu esperava, do lado de dentro, encontro o AC, andando de um lado para o outro, Noah, Su e Elis sentados conversando, e Luiza e Carla em outros bancos. No momento que o AC me vê ele vem correndo até o vidro, chamando a atenção dos outros, que também fazem uma corrida para o vidro e conhecerem a nossa princesinha.

Eles falam, mas eu não escuto, até porque tiveram que colocar um tipo de isolamento na parte de dentro. Imaginem todos eles gritando do lado de fora e aqui, os recém-nascidos querendo sair um pouco dos holofotes por algumas horas. Muita agitação nos primeiros minutos de vidas, eles merecem uma calmaria depois.

Coloco ela no bercinho que está etiquetado com o seu nome e a coroa zinha enfeitada para quem está de fora saber que esse é o cantinho da Bibi. Pego em cima do balcão uma folha e escrevo para grudar no vidro.

Olívia e Bibi estão bem. Ela me disse que vocês são um bando de gente feia, e que só o dindo é bonitão.

AC digita no seu celular e cola no vidro para mim.

Qual dos dindos? Eu sou mais bonitão ainda que tu, seu velho!

Dou um sorriso e mostro o dedo do meio para ele que ri.

Saio da ala da maternidade e passo na recuperação para ver como a Olívia está. Encontro ela acordada e conversando com uma enfermeira que está administrando uma medicação nela.

– Oi, pequena coisa. A coisinha pequena já está de banho tomado e arrancando suspiros na maternidade.

– Ela está bem? – Liv sorri para mim.

– Melhor impossível. – Vejo as lágrimas se formando nos olhos dela.

– Eu nunca me senti tão feliz assim, Luiz. Mesmo com todo o medo que não cabe dentro de mim. Ela é a coisa mais linda deste mundo. Minha filha.

– É sim, Liv. Uma legítima princesinha, filha de um emo chorão e uma princesa guerreira.
– Novas lágrimas, tanto delas como minhas.

Talvez eu seja um velho, bobo e chorão com a felicidade dos meus amigos. E não tenho vergonha nenhuma de admitir, ou esconder isso.

Fico conversando um pouco mais com a Olívia, enxugando as suas lágrimas e respondendo todas as perguntas que ela me faz. Sejam elas sobre como cuidar da Bibi pelos próximos dias, ou então, de como a sua vida vai ser daqui em diante. E quando eu a deixo para descansar um pouco, ela me faz um pedido inusitado.

– Tu consegue fazer com que o Cae entre aqui? Eu preciso falar com ele, com vocês dois, juntos aqui.

– Aquela enfermeira ali, – aponto para a que está de plantão – já está me olhando feio.

– Estou mesmo. – Ela admite sem tirar os olhos do monitor cardíaco de outro paciente que está adormecido da anestesia geral.

– Mas ela não vai me negar um pedido destes, não é? – Ela só levanta os olhos para nós e fala quando volta a olhar para a máquina.

– Menos de cinco minutos, estamos entendidos?

– Não vou precisa nem da metade. – Liv fala e eu já estou na porta de saída indo atrás do AC para a Liv poder descansar.

Daqui a pouco ela vai ter outra pessoa para encarar, e se apaixonar mais uma vez por ela.

Carrego o meu amigo para dentro da recuperação do bloco cirúrgico. E quando ele aparece na porta, caminha para a cama dela, pega a sua mão e beija repetidamente.

– Hey, Liv. A Bibi é linda, assim como tu. O André disse que ela não tem nada dele quando era bebê assim. Os olhos, a boquinha e o nariz são todos teus.

– Acho que fazer filhos bonitos é uma genética nossa, não é?

– Genética nada, – intrometo – já disse que tanto o Otávio, como a Bibi, puxaram ao dindo. E o Antônio e a Sarah, também. Antes mesmo de me conhecerem.

– Cala a boca, Luiz. – AC ri para mim e se volta para a Olívia.

– Tu queria me dizer alguma coisa, Liv? Fala rápido porque o André ficou morrendo de ciúmes de eu estar aqui e não ele. – Olívia arregala os olhos e ele remenda. – Estou brincando, Liv, ele não saiu do vidro tirando fotos da Bibi de longe. Acho que nem percebeu que eu estou aqui.

– Eu tenho que falar com ele também. Mas primeiro preciso agradecer a vocês dois, especialmente a ti, Cae.

– Por que, Liv? – Questiono.

– Por nunca desistirem de mim. Por tudo o que tu fez, Cae. Todo o trabalho que passou para que eu pudesse voltar a viver e... – Ela começa a chorar forte, eu desligo o monitor cardíaco para ele não começar a apitar descontroladamente e a enfermeira nos expulsar daqui.

– Não precisa, Liv. Eu faria tudo de novo por ti. Tu é uma irmã para mim, sempre estive ao meu lado quando eu caia e o que eu fiz não foi nada. Eu não suportaria te perder e ficar sozinho.

– Liv, agora não é hora de agradecimentos. Tu precisa descansar para cuidar da Bibi daqui a pouco. Ela vai precisar muito de ti agora.

– Eu sei, mas também preciso te agradecer, Luiz. Tu também é como um irmão para mim. Vocês dois são os anjos da minha vida. Eu não estaria aqui se não fosse por vocês dois batalhando, mais do que eu mesma. – AC também entra para o time dos chorões aqui.

– Não chora, Liv. – Ele beija a testa da prima. – E não precisa me agradecer por isso...

– E nem a mim. – Me intrometo. – Na verdade, eu é que tenho que agradecer a vocês por serem meus amigos. Não imaginava que um dia o esquentadinho professor de squash que eu tinha iria me apresentar pessoas tão boas como foi. E de quebra, me presentear com dois afilhados e mais alguns de coração.

E o choro é livre para todos os públicos. Acho que conseguiremos acabar com a falta de água do país depois destes minutos conversando aqui.

Levo o AC para fora, depois que somos expulsos e eu sou xingado por ter desligados os aparelhos da Olívia. André ainda está embasbacado no vidro, com o Noah ao seu lado. Elis teve que voltar para casa com uma carona da Luiza, por causa que alguém estava colocando o prédio abaixo com a babá do andar de baixo, porque queria mamar. E, como sempre, a Su e a Carla estão conversando sobre alguma coisa de trabalho.

O movimento do hospital cai, consideravelmente, com a chegada da noite alta. Noah, Su e AC vão para casa, Carla vai para a minha pegar o meu carro, já que eu fiquei de a pé e pretendo passar a noite aqui com eles.

André ainda está em um estado de êxtase e perdido olhando as fotos que foram tiradas na sala de parto, no banho e depois no berçário. Ele muda as fotos e fica rindo sozinho da perfeição em forma de pequena pessoa que agora ele é pai.

E eu deixo e só fico observando, já que também faço isso com a minha, até hoje.

Saio para tomar um café na lanchonete, e depois de um tempo sozinho lá, alguém coloca a mão no meu pescoço e eu me arrepio todo.

– Hey, guria. – Carla me dá um beijo rápido. – Tudo bem?

– Tudo tranquilo. – Ela senta na minha frente. – E o pessoal como está?

– Olívia vai sair da recuperação em umas duas horas, o André ainda está babando nas fotos e a Bibi dormindo calmamente depois de tanta agitação. Café?

Ela me diz que sim, e eu faço um sinal para o cara que está mexendo na máquina, nunca me lembro o nome, trazer mais um.

– Que bom. A Luiza nos ligou quando estávamos fechando o salão. Por alguns instantes pensei que iria ser a mesma correria que foi com o Otávio. Até comecei a ficar nervosa quando cheguei aqui. Acho que nunca vou me esquecer daquela cena toda.

– Parto normal não é nada perto da cesárea. A mulher toda aberta em cima da mesa, com o

cheiro de carne torrada do cauterizador, o sangue saindo por tudo que é lado e depois costurar tudo isso de novo.

Carla faz uma cara de nojo para mim quando o seu café chega.

– Sem contar na recuperação quando os pontos infeccionam e temos que tirar eles e deixar que o buraco se feche de dentro para fora. Sai um cheiro de podre e....

– Já entendi! – Começo a rir quando ela quase vomita em cima da mesa.

– Calei a minha boca! – Ela toma um pouco do café. – E tu não me disse como foi no médico. Tudo tranquilo?

Espero ela terminar o seu café. Peço um pedaço de bolo de milho, horrível do cardápio, já que é a única coisa comestível daqui. Tenho uma breve concepção de que esta lanchonete é ruim para que os pacientes não peçam para os acompanhantes burlarem a dieta do hospital. Acredito que deve funcionar que é uma beleza. Oh lugar de comida ruim, e ainda por cima cara!

– Foi tudo ótimo. Pela primeira vez fui ao médico sem a minha mãe segurar a minha mão. Me senti gente grande.

Ela ri e eu me perco no seu olhar.

O bolo ruim chega e ela inventa de pegar um pedaço meu. E mais uma vez ela quase vomita na mesa.

– Agora eu sei porque tu chega em casa comendo um boi quase.

– Este aqui é a única coisa comível, imagina o resto.

Carla levanta e pega um pacote de salgadinho no balcão. E nós dividimos o pacote conversando na lanchonete do hospital

– A Luiza já começou a arrumar as malas. – Carla fala e eu faço uma cara de desgosto. – E já começou a me cantar para visitar ela lá.

– Adoro quando ela age sem rodeios. No início até me assustava, mas agora já ando achando isso interessante.

– Estou vendo que vocês dois vão pegar pesado com isso, não é?

Coloco a mão no peito em sinal de ofensa, em vão, já que a Carla revira os olhos para a minha dramatização.

– Eu? Só estava planejando os quarenta anos de casados dos teus pais, com todo mundo na Europa. Eles, eu, tu, o Diego e a Luiza, que agora também faz parte da família.

– Meu Deus, tu meteu os meus pais na história. Tu não tem coração, Luiz? Isso é golpe baixo, baixíssimo!

– Cada um joga com as armas que tem. – Olho para ela como quem já tivesse ganhado a briga, antes mesmo dela começar.

Não adianta, eu sou foda em todos os quesitos!

Carla me deixa a chave do carro e vai para casa de táxi. Disse para ela ir para a minha casa, amanhã pela manhã, quero encontrar ela deitada na minha cama. Mando o André, parar de babar

no vidro e ir dormir no sofá do quarto, já que eu estou acostumado a dormir nestas cadeiras horríveis aqui mesmo.

Capítulo 60

Por Carla

– Oi, Diiiiiiiiiii!

– Carla? Mana, aconteceu alguma coisa? – Começo a rir e a Luiza me empurra ao seu lado.

– Ele está falando contigo, sua louca. – Ela fala, também rindo.

– O que vocês duas estão fazendo? São duas horas da manhã e eu acabei de me deitar para dormir um pouco.

– Sempre sendo um chaaaaaaaaato.

– De galocha! – Luiza se atira em cima de mim e fala.

– Jesus, tu e a Luiza estão bêbadas? Cadê o Luiz?

Bêbada. Que palavra estranha. Começo a rir e a Luiza me acompanha.

– O pai está no hospital. Assaltamos o esconderijo de bebida dele. Misturamos um pouco de tudo e estamos aqui falando contigo.

– Vão dormir, as duas. – Diego fala. – Isso é uma ordem! Ou eu vou ligar para o pai te buscar, Carla.

– Shiiiiiu, que ele e a mãe não podem virem aqui me buscar. Eles estão dando graças que a casa está só para os dois. Esses dias peguei os dois num amasso no sofá. O Luiz não sabia onde ia se enfiar quando a gente chegou.

Começo a rir de uma forma exagerada.

– Imagina.... – limpo as lágrimas que caem dos meus olhos de tanto rir. – Imagina a cena... – gaguejo. – O pai e a mãe se amassando no sofá e o Luiz sem palavras. – Mais uma leva de risos. – Foi uma cena épica!

– Eu acho nojento, ver o pai te agarrando, Carla. E vocês fazem isto sempre! Parecem duas lagartixas juntos. Eca.

– Cala a boca, Luiza! – Empurro ela, que está com o copo de bebida na boca. Ela se desequilibra e se derrama toda.

Mais uma vez, choramos de rir.

– Eu ainda estou aqui e escutando as duas bêbadas. Será que posso dormir agora? Amanhã ainda trabalho cedo!

– Ahhh, que cara chatoooooooo! Nem sei como eu te aguento como irmão. Tu era melhor quando morava aqui! Volta para casa, maninho!

– Volta, Diegoooooooooo! Tu tem que me ensinar a andar de moto! Vou pedir para o pai comprar uma para mim quando eu voltar para cá e tu tem que me ensinar!

– Tá, eu volto para casa e ensino até o Luiz a andar de moto, mas me deixem dormir! – E a linha fica muda.

Olho para o telefone, mexo nele e me viro para a Luiza, virando o resto do copo.

– Ele desligou. Que cara chaaaaaaaato. Ele não era assim.

– Acabou a bebida! Olha. – Luiza vira a garrafa, coloca a língua para fora e sacode até a última gota cair. – E agora?

– Quer continuar a noite? – Sorrio para ela, me levanto, meio cambaleando do sofá e estico a mão para ela.

Luiza pega a minha mão e eu puxo ela para a minha direção. Parei no chão, de bunda, com ela em cima de mim. Mais uma vez, mortas de rir.

Subimos as escadas de mãos dadas e enquanto eu tomo banho, a Luiza escolhe uma roupa para mim. Saio do banheiro e vejo o que ela escolheu para eu vestir. Pensei que ia ser uma coisa extravagante, mas acredito que a bebida tenha ativando o bom senso dela. Ou medo do seu pai, caso ele me visse com as roupas minúsculas dela.

– O bom é que temos quase o mesmo tamanho. – Ela ri e começa a tirar a roupa na minha frente. – Só vou tirar o cheiro de bebida que tu derramou em mim. Aquele líquido precioso!

– Quem mandou ser uma pateta, Luiza! Te arruma de uma vez que eu vou ligar para o táxi! Ela sai cambaleando, tropeçando na cama e eu começo a me arrumar.

Sorrio para o espelho, com os meus olhos meio nublados e fico contente com a imagem que recebo de reflexo. Quem diria que eu estaria me arrumando para sair, com uma amiga de verdade e....

Corrigindo.

A Luiza não é teoricamente minha amiga, é filha do meu namorado, mas dadas as circunstâncias é a coisa mais próxima que eu posso ter como amiga. Mas com toda a certeza do mundo, é bem melhor do que uma imaginária.

Claro que eu não consigo ter a mesma liberdade de conversa que teria, caso a minha amiga não fosse filha do meu namorado, mas só fato dela estar ao meu lado hoje, já é uma grande alegria.

Nos arrumamos em tempo recorde. Tiramos uma foto para enviar para o Luiz, embarcamos no táxi e fomos para o bar terminar de encher a cara. E dançar! Muito!

.

Me sento no vaso, solto um suspiro de alívio e ouço um barulho.

– Carlaaaaaaaaaaaaaa! – Escuto a Luiza gritando. – Vem aqui!!!!

– Não posso!! Estou ocupada no banheiro!

– Para de mijar e me ajuda aqui que eu cai na escada!

– Não posso parar! Aguenta firme que daqui a pouco eu vou aí.

Fico mais uns bons minutos com o meu corpo expulsando todo o álcool, e água, que eu ingeri até o bar fechar. E como eu sou bem chatinha com banheiros públicos, me segurei para usar o de casa mesmo. Lavo as mãos e vou até a escada, onde eu encontro o colchão.

– Luiza? Cadê tu?

– Aqui em baixo.

Subo alguns degraus e levanto o colchão e encontro a Luiza, quase que dormindo atirada na escada.

– O colchão caiu em cima de mim. – Ela começa a rir, quando eu a puxo par levantar.

Digamos que quando eu passei para a água, ela ainda continuou, e muito, nas bebidas.

– E tu quase te matou por isso. Por que estava descendo esse colchão pelas escadas?

Termino de ajudar ela, que mais cambaleia do que caminha, e coloco o colchão no meio da sala, onde ela se atira, de roupa e tudo.

– Vamos dormir na sala! Como eu e o pai sempre fizemos. É bem melhor do que no quarto.

Naquela altura do campeonato, eu também me atiro no chão ao seu lado. Sem travesseiro, cobertor, ou outra coisa, me encolho e fecho os olhos para dormir um pouco.

– Nunca pensei que fosse tomar um porre com a namorada do meu pai. – Luiza fala. – Na escola eu tinha várias colegas que os pais estavam com outras mulheres, mas nenhuma delas gostava das madrastas.

– Talvez porque nenhuma das madrastas fosse dois anos mais velhas que as enteadas. Acho que isso é um fator que se deve considerar.

– Verdade. – Ela fala lentamente. – Não consigo ver o pai com uma mulher da idade dele.

– Muito menos eu. – Luiza solta uma risada que até os vizinhos acordaram.

– Com certeza. – Ela ri mais um pouco.

E quando eu penso que ela dormiu, sinto a Luiza se encostando em mim e me abraçando. Parece alguém que eu conheço....

– Eu tenho a melhor madraستا do mundo!

– Não puxa o saco que arrebenta! E amanhã vou te forçar a comer o dobro de salada!

– Eu como, sem problema!

– Então vai dormir que daqui a pouco... – Escuto o barulho do portão se abrir. – Teu pai chegou e a gente nem foi dormir.

– Opa. Madraستا mandou dormir! – Ela sai de cima de mim e se vira para o outro lado.

Desisto de dormir e saio da sala. Encontro o Luiz, com um rosto cansado e olheiras profundas.

– Anotou a placa do caminhão que te atropelou? – Me atiro nos braços deles e o beijo.

– Bah, dormir um dia naquelas cadeiras e depois um plantão puxado como o de hoje não é mais coisa para mim. Minha idade avançada já não permite tais proezas.

– Coitadinho do meu véio! – Beijo ele repetidamente.

– Enquanto eu morria trabalhando as duas na farra, não é? Acho que fiquei bêbado só de te

beijar. – E ele me beija de novo.

– Foi a noite das meninas. – Digo quando ele pega a minha mão e subimos as escadas em direção ao banheiro.

Por Luiz

Nem questiono quando abro a porta do meu quarto e encontro a minha cama sem colchão. Carla, que está quase dormindo em pé, me avisa que a Luiza desceu ele. E lá fomos nós dois para baixo de novo.

Me atiro no meio do colchão, entre as duas e fecho os olhos.

Tudo que eu mais quero é dormir e acordar, de preferência, amanhã à noite. Estou cansado, mas pelo menos, com a consciência leve me dizendo que tudo está sobre controle.

A Olívia está bem. Com dores, é claro, até porque fez uma cesárea, mas nada de alguns medicamentos não amenizem. E a Bibi, esbanjando todo o seu charme na maternidade.

Passei o dia envolvido com as duas, por assim dizer. Só vim para casa tomar um banho no horário do almoço, enquanto o AC estava lá. E só sai agora porque me obrigaram, e eu tinha assinado a alta da Olívia, que iria para a casa com a Elis.

Precisei dar este auxílio para ela. Tanto a Olívia, como o André não têm nenhuma experiência com crianças, fora algumas coisas que eles aprenderam quando o Otávio chegou. Nada comparado a ter um bebê nos seus braços agora.

E eu, como me sinto meio que pai/irmão/mais que amigo dela, me senti na responsabilidade de um quase avô/tio, sem contar no fator Dindo que eu já carrego.

Todo mundo sabe, que geralmente, quando as mulheres ganham os seus filhos, as avós vêm ajudar. Mas como a Olívia não tem mãe, coube a mim e o AC e o resto do pessoal ajudarmos o quanto pudermos.

O André está sempre na volta também. Mas assim com a Olívia, ainda tem certos receios de como ficar com ela no colo, e até mesmo, no caso da Liv, amamentar.

O processo de amamentação não é nenhum mar de rosas no início. Lembro da Joana reclamando de dores, da Luiza não pegando o peito direito e nem o leite saindo na quantidade normal. Nem todo mundo é uma Elis da vida, que parece uma vaca leiteira. Mal encosta e já jorra. Chega a ser nojento de se ver.

A Olívia, nas tentativas que já fez, vem se mostrando muito nervosa e ansiosa para que tudo dê certo. Tive que pedir para ela se acalmar diversas vezes enquanto tentava. E na cabecinha dela, era como se a Bibi fosse morrer de fome em algumas horas se não mamasse até ficar extasiada.

Não é à toa que neste quesito, nós a encaminhamos para a Elis. Nada melhor que uma vaca dar a dica para uma futura vaca.

E, acredito eu, que daqui uns dias, Liv, Bibi e André, já vão estar bem adaptados uns com os outros, e comecem a aproveitar a vida em família.

Capítulo 61

Por Luiz

– Pai, não fica assim. – Limpo uma lágrima que apareceu, sem ser convidada, no meu olho.

E pior que nem posso colocar a culpa que a lente deslocou e entrou alguma sujeira. Estou chorando mesmo e não escondo.

– Será que todas as vezes que nos despedirmos em um aeroporto vai ser a mesma coisa? Nunca vai te acostumar?

Luiza fita os olhos nos meus. Outra lágrima minha e vejo os olhos dela também se marejarem.

– Não. Nunca vou me acostumar com a ideia que tu vai estar longe de mim por mais um monte de tempo. Nenhum pai se acostuma com isso, Luiza.

E mais uma vez, ela me abraça e eu choro mais um pouco.

Não tenho vergonha nenhuma de ser um homem, com quarenta e dois anos na cara e fazendo fiasco no meio do aeroporto lotado. Foda-se o mundo e os seus paradigmas de que “homem não chora”. Eu choro sim, e se reclamarem, me atiro no chão e esperneio também.

Mas deixando os dramas de lado, eu estou com o meu coração velho de guerra, quebrado. Destruído. Reduzido a pó. E quando as turbinas do avião, que levará a Luiza para longe de mim se acionarem, este pó, vai se esvair por todos os cantos.

Meu corpo dói inteiro. Como se uma parte de mim fosse arrancado sem direito a anestesia. E por mais que eu tente me enganar, é exatamente assim que eu estou me sentindo neste momento. Ver a Luiza, depois de ficar um mês na minha volta, partindo novamente, chega a ser quase uma tortura.

– Vocês dois se cuidem. – Ela adverte. – Juízo. Os dois, entenderam?

Ela abraça a Carla e trocam algumas palavras que eu não consigo entender. E depois de alguns segundos, eu parto para um abraço triplo. Meus dois amores nos meus braços, e uma se despedindo.

– E tu também, Luiza. – Carla diz. – Juízo longe de nós. Isso é um aviso, ok?

– Certo, madrastra.

– Avisa quando chegar na tua dinda. Ou quando o avião aterrissar e depois quando tu chegar lá.

– Pode deixar, pai. A dinda Vivi vai me esperar no aeroporto. E amanhã cedo me levar de volta.

Aiiin! Me abraço novamente com a minha filha e choro mais um pouco. Distribuo beijos no seu rosto, até ela começar a reclamar que eu iria estragar a sua maquiagem. Foda-se a maquiagem!

– Estão chamando o teu voo. – Carla nos interrompe e eu me grudo mais na Luiza. Bem que eu poderia ter passado um pouco de cola em mim para colar nela.

Beijos, abraços, lembretes para ela se cuidar, já que a violência está por todos os lados até que chega a fatídica hora.

– Eu te amo, filha. – Digo para ela, que se não fosse pela maquiagem à prova d’água, estaria pior que uma panda. A pandinha mais bonitinha de todas.

– Eu também, pai. Hoje e sempre.

Ela caminha em direção à porta de embarque e solta a minha mão. Outra dor atinge o meu corpo e eu me sinto rachar no meio. Destroçado no meio do aeroporto. Luiza abana mais uma vez para nós, e entra porta adentro.

Sinto a mão da Carla no meu ombro, e ela me abraçando. Choro mais um pouco, com ela me acompanhando, e saímos de mãos dadas.

Entrego as chaves do meu carro para ela, já que eu não estou me sentindo bem para dirigir no trânsito movimentado da manhã. Sento no banco do carona e me isolo no meu mundinho no trajeto de volta.

Se isso estivesse acontecido há alguns anos atrás, neste momento, eu estaria com a minha boca seca por um gole, ou uma garrafa de alguma bebida. Encheria a cara com direito a enfiar o pé na jaca fenomenalmente. Seria mais um recorde padrão Luiz de beberagem. Geralmente, depois destas despedidas que eu alcançava um outro patamar neste quesito.

Me isolaria em casa, e só atenderia o telefone se caso fosse a Luiza me ligando. Poderia o papa e a rainha da Inglaterra bater a minha porta, eu não ousaria em levantar a minha bunda do sofá para atendê-los. No máximo para ir ao banheiro ou pegar outra garrafa.

Ficaria à deriva por alguns dias, até a saudade e sua ferida aberta recente começarem a cicatrizar aos poucos. E a cada vez que eu falasse com ela, reabriria novamente.

Não que a vontade de encher a cara agora não esteja, lá no meu interior, começando a fazer cócegas. Mas eu vou resistir. Sou mais forte do que a ânsia de sentir o álcool descendo pela minha garganta. Mais resistente que a vontade de apagar tudo na minha volta. E claro, eu sei que tenho alguém que não vai me deixar neste momento.

Olho para a Carla, tão atenta na direção. Ela não desgruda os olhos do movimento a sua frente. Olhos fixos, mãos no volante e atenta a qualquer infração que tenha que desviar. E neste momento, eu faço um agradecimento à Joana, aonde for que ela esteja, por mexer os pauzinhos do destino e colocar ela no meu caminho.

Mais uma despedida. E mais uma vez, a presença da Carla me ajudando a superar a barra.

Às vezes, eu tenho medo que tudo se destrua. Percebi que a vida é mais frágil do que um castelo de cartas, e que a mínima brisa, pode derrubá-lo e nos fazer ver que teremos todo o trabalho de montá-lo novamente. Sem previsão nenhuma de que outra brisa não virá novamente. Porém, montar é sempre bem mais divertido e repetimos quantas vezes for preciso.

Por Carla

– Tu vai para o plantão com essa tosse de cachorro? – Olho para o Luiz, deitado no sofá aqui de casa, bem esparramado com uma perna para cada lado, já que a intimidade com os meus

pais ultrapassou esta barreira.

– Uma tossezinha de nada. Ainda pego algum remédio lá na farmácia e fico bem. – Outro acesso de tosse e a minha mãe aparece na porta.

Vou até o sofá e encosto a minha mão nele.

– Jesus, tu está quente demais.

– Sempre fui quente, guria. – Ele ri meio entorpecido.

Minha mãe, se aproxima dele e faz a mesma coisa que eu, só que com uma habilidade de quem já criou dois filhos e sentia uma gripe chegando a milhares de quilômetros.

– Tu está queimando de febre, Luiz. Bem que eu vi que ti estava cabisbaixo hoje, e não só pela partida da Luiza. Nem pegou no meu pé quando eu estava conversando no almoço.

– É uma coisa pouca. Vou tomar um banho e ir trabalhar, quando voltar amanhã pela manhã vou estar novo.

– Só se passar por mim. – Pego o celular dele, desbloqueio, vendo uma foto nossa, com a Luiza. Cada uma de um lado, beijando a bochecha dele, e o Luiz, com um sorriso sacana no rosto e os olhos brilhando de felicidade.

– O que tu vai fazer? Já apaguei as fotos daquela enfermeira que me mandou nudes. – Mesmo doente, ainda encontra uma maneira de brincar comigo.

– Vou procurar o telefone dela aqui para avisar que tu está impossibilitado de trabalhar hoje. – Ele ri de mim. – Capaz de deixar os pacientes mais doentes ainda.

– E eu vou te preparar um chá. Sempre fiz isso para as crianças aqui e elas melhoravam.

Rio para mim mesma lembrando do tal chá milagroso. Aquilo acordava até defunto, de tão ruim que era. Sempre considerei ele um castigo para todas as vezes que a mãe mandava eu e o Di tirar os pés descalços do chão, ou colocar mais roupas antes de sair de casa. Bem feito vocês adoecerem, eu avisei, agora tomem isto e paguem os seus pecados.

Ligo para a administração do hospital e aviso que o Luiz está impossibilitado de atender. Uma moça simpática me agradece e eu sinto o morto-vivo tentar levantar do sofá.

– Deita que eu vou procurar o termômetro. E se tu não ficar aí, vou fazer ele funcionar em um lugar nada agradável.

– Eu disse para a Liv que ia visitar ela e a Bibi antes do plantão. A coisinha pequena teve um pouco de cólica ontem e....

– E nada. Bem capaz que eu, ou a Liv vamos deixar tu chegar perto da Bibi contigo sendo um vírus gigante e ambulante. Ela está ótima, Olívia acabou de falar isso lá no grupo. Agora deita essa bunda aí e te aquieta.

Homens. Enquanto uns são dengosos quando doentes, outros são mais teimosos que uma mula manca e vesga.

Luiz passou a tarde, até o início da noite deitado no sofá como um peso de papel que ronca. E quando ele ficava muito silencioso, eu ia lá para ver se ele estava respirando e levava um susto quando ele roncava. Sua febre continuou baixa, mas constante por um bom tempo. Na hora do

jantar, que todos na casa foram sorteados para comer canja de galinha, ele reclamou que a sua garganta estava fechando e doendo.

– Acho que preciso de antibiótico. – Ele resmunga.

– Tu que é o médico aqui, Luiz. – Ele sorri de leve.

– Às vezes eu esqueço isto. Pode ir ao meu carro e pegar um receituário no porta-luvas? Vou receitar para ti.

Luiz faz uma receita de antibiótico e mais alguns medicamentos e eu vou até a farmácia para comprar, como se fossem para mim. Errado, todo mundo sabe, mas foi um erro necessário. Dou os medicamentos para ele, e ainda marco no telefone, para despertar, quando vai ser a próxima dose.

Subimos para o quarto de hóspedes, minha mãe não deixou nós sairmos de casa, e o Luiz toma um banho. Ele deita e eu puxo o meu notebook para o meu colo, para trabalhar em algumas planilhas para os próximos eventos. Ele dorme, acorda, geme, abraça as minhas pernas e resmunga.

– Como tu fazia quando adoecia sozinho? – Pergunto uma hora, depois de dar um pouco de água para ele e ajuda-lo a trocar a camiseta, ensopada pelo suor.

– Me dopava de remédios, ia para cama e ficava lá até melhorar. – Responde meio dormindo.

Arrumo ele na cama e desisto de trabalhar. Luiz se abraça em mim e eu fico fazendo carinho nele até o sono chegar. Passo as mãos nos seus cabelos, na barba que está aparecendo e escuto o meu telefone, e o dele, tocarem quase ao mesmo tempo.

Desbloqueio o meu, com uma foto nossa, com os narizes encostados e nós sorrindo e vejo que é uma marcação da Luiza no facebook. E quando abro para ler, preciso segurar as lágrimas que ameaçaram a caírem.

Luiza Lavorini: *#ChoraLuiza #ChoraLuiz #SeguraQueVemLagrimas #VaiTerTextaoSim #SeReclamarVaiTerOutro*

Desde que eu sai de casa, há uns quatro anos atrás, eu sempre deixei um pedaço do meu coração por aqui: com o meu pai. Quem nos conhece, sabe que a nossa conexão é bem mais profunda do que pai e filha. Meu pai é tudo para mim, foi a pessoa que eu sempre precisei para me cuidar em todas as horas e ocasiões que eu, e nós, passamos. Se ele foi tudo isso para mim, sei que eu sou tudo isso para ele.

Porém, a decisão de sair de casa e ir atrás dos meus sonhos, por causa da distância, foi uma das decisões mais difíceis que eu já tomei na minha vida. E, mesmo sendo complicado para o meu pai, ele nunca deixou de me apoiar. Ainda que sorrindo com as minhas vitórias, sei que ele chorava por dentro. E o apoio que recebi dele, foi a única coisa que não me fez desistir de tudo isso.

Sei que muitas vezes eu liguei para casa, com intuito de dizer que estava morrendo de saudade dele e que queria voltar. Todo mundo passa perrengue quando se muda, quem dirá para outro

pais, outro continente e sem ninguém como referência para me ajudar. No momento que ele começava a me dizer que estava tão orgulhoso de mim, eu com apenas, dezoito anos, me virando sozinha e me cuidado tão bem, meu coração se enchia de amor. Neste momento, eu percebia o orgulho do meu véio comigo. E, mais uma vez, eu desistia de largar tudo e falava para mim mesma: vamos lá, Luiza. Mais uma semana, depois tu junta as tuas malas e volta de novo para os braços do teu pai e nunca mais sai da barra das calças dele. Posso me arranjar com um curso mais perto. Toda a semana eu falava estas duas coisas para mim, e até hoje, eu continuo falando, e revendo o meu incentivo de sempre.

Nas voltas para casa, ou vindas dele, eu ficava, e fico, tão feliz em ter o meu pai ao meu lado que não tinha vontade de sair perto dele. Dormia agarrada nele, seja na minha cama na Itália, ou no chão da sala lá de casa no colchão, uma tradição antiga que sempre preservamos e adoramos. Me perdia nas conversas com ele, e quem conhece o Seu Luiz, sabe que é um pouco difícil manter uma conversa com ele sem começar a rir. E também, ficava atenta quando a coisa ficava séria e o sermão vinha. Ele sempre vem. É papel dos pais educar, e acredito que não há idade para eles nos ensinarem. Seja com dois anos ou com vinte e dois.

Porém, em cada despedida, eu ficava com o coração na mão por vários motivos. Por sair da proteção da barra das suas calças, por não comer mais o feijão que só ele sabe fazer para mim, de não escutar a sua voz reclamando de alguma coisa, ou do seu jeito bobo de me fazer rir sempre que ele podia, do modo como ele conseguia me irritar, ou brigava comigo quando eu arrastava ele para alguma loja e enchia ele de roupas e um pequeno estrago na fatura do seu cartão de crédito. Eu sentia, sinto e sempre vou sentir falta de todas as faces do meu pai. Ele é único. Ele é meu. E só ele consegue ser desse jeito.

Este ano, há quase um mês e meio atrás, eu desembarquei aqui e encontrei o meu véio. Meu coração quase explodiu de tanto amor, carinho e felicidade em reencontrar o meu pai. Porém, eu tive uma surpresa muito agradável, e confesso que o medo que eu senti quando descobri, se acabou no momento em que eu a conheci.

Perdi, ou melhor, dividi o meu pai com uma pessoa que eu nunca pensei que pudesse existir e, mais ainda, fazer o meu pai tão feliz. Eu, como conheço cada trejeito do meu véio, percebi que o que estava vendo era uma versão feliz daquele cara que sempre tocou piano para eu cantar, mesmo sabendo que eu sou péssima nisto.

Até senti uma pitada de inveja em ver os dois juntos. Os sorrisos dele sendo compartilhados com ela, as piadas que eram contadas para nós duas e o modo como eles se relacionavam. Contudo, com o passar dos dias, eu percebi que o coração do meu pai é tão grande, que cabe mais uma pessoa para dividir espaço comigo nele. E comecei a enxergar a Carla não como uma “rival”, (no bom sentido, eu JURO!), e sim como uma aliada. Onde nós duas temos apenas um objetivo: fazer o Luiz Lavorini feliz.

E hoje, mesmo me despedindo deles, e com o coração apertado em saber que ainda vou ficar um bom tempo sem vê-los, eu embarquei no avião com a certeza que deixei o meu pai em boas mãos. Só ela para conseguir colocar o meu véio nos trilhos certos. E sei que ela consegue isso. Até melhor que eu.

Post editado.

PS: Ahhhhhh, não posso esquecer de todos que conheci/reencontrei neste meio tempo. Amigos

dele, que fizeram com que o tempo longe de mim fosse preenchido de alguma forma. Nem que fosse, no bar, bebendo e com performance dignas a um programa de calouros no karaokê. Noah, Su, Elis, AC, Liv e André! Sem contar nos pequenos, Yago, Sarah, Fofinha, Antônio e os babys que o meu pai ajudou a colocar no mundo, Otávio e Bianca. Obrigada por ajudarem o meu vóio a superar tantas tristezas. Sei que se não fossem por vocês, hoje o meu textão não seria revelando o alívio que eu sinto em deixar o meu pai mais uma vez, e sim ao contrário.

Luiz se mexe, mais uma vez ao meu lado e geme alguma coisa incompreensível. Bloqueio o meu telefone, depois de olhar todas as fotos que a Luiza postou junto com o texto e responder o quanto eu tinha me emocionado com o que ela escreveu, feliz por fazer parte destes momentos únicos e extasiada por conhecer uma relação de pai-filha tão forte como a deles.

Se ela me considera responsável pela felicidade que o pai, eu também considero o Luiz como responsável pela minha.

Beijo os cabelos dele mais uma vez e deixo ele se aconchegar em mim. E dou jus as palavras que a Luiza me falou, baixinho, enquanto me abraçava, antes de entrar na área de embarque.

Cuida dele para mim...

Capítulo 62

Por Carla

Um nada leve monte de carne está deitado sobre as minhas pernas em cima de um travesseiro. Às vezes ele tosse, como se fosse perder um pedaço do pulmão, outras geme e resmunga todo o tempo.

– Realmente tu precisa apoiar o teu cotovelo em cima da minha cabeça? – O pedaço pesado de carne me pergunta, meio fanho.

– Eu preciso trabalhar. – Digo mexendo no notebook apoiado no braço do sofá.

Assim como a Su e a Elis ficam em casa quando alguma das crianças ficam doentes, e trabalham em casa, eu com o meu “pequeno paciente”, também fui liberada. Depois da Su pegar o meu telefone e ligar para o Luiz para saber se ele estava morrendo mesmo para ficar me ligando a cada dez segundos.

E então aqui estou eu, de babá do Luiz e a sua gripe.

– Se estiver ruim, eu posso ir lá para cima e a mãe aproveita e te faz outro chá daqueles. – Cantarolo para ele.

– Deus me livre e guarde tomar aquela coisa de novo. O que a tua mãe cultivava no jardim para fazer um chá assim? Fungos podres?

– Melhor nem perguntar. Eu mesma tenho receio de saber. Mas pensa pelo lado positivo, – coloco a mão sobre a testa dele – pelo menos a febre cedeu.

– Claro que cedeu. Nem ela aguentou aquela coisa correndo pelo meu corpo.

E eu começo a rir, porque penso exatamente da mesma forma que ele. O chá da minha mãe é tão ruim, que ele expulsa qualquer coisa só com o cheiro. A doença não deixa nem rastro no teu corpo depois de uma dose.

Volto a trabalhar e o Luiz continua a olhar alguma coisa na TV aqui da sala de casa. Me concentro nas planilhas, valores, quantidades e não sinto a hora passar. Luiz dorme deitado em cima das minhas pernas por um bom tempo e só acorda quando chega a hora dele tomar os remédios de novo.

Mais uma vez eu me sinto como se estivesse cuidado de uma criança de cinco anos que faz birra para tomar o remédio direito. Nem parece que este ser pensante fez medicina! Brigo com ele, até a minha mãe se meter na história e ameaçar ele com o chá. Só assim para fazer o Luiz tomar os remédios direito. E ainda subiu as escadas com uma cara de contrariado, deixando eu e a minha mãe rindo da cara dele.

– E eu pensava que o teu pai ficava carente quando o Diego volta para a casa dele. – Minha mãe fala.

– O Luiz ganha de todos os homens carentes do mundo, neste quesito. A Luiza disse que antes, ele ficava trancado em casa, olhando para as paredes e bebendo. Ela até achou a gripe dele bem tranquila em comparação as outras vezes. Pelo menos, desta vez, ele está doente de verdade e não só triste e arrasado.

– Eu sei como ele deve estar se sentindo. Tu pai fica assim, e eu também. Nenhum pai gosta de ver o seu filho tão longe assim. Nós ainda te temos por perto, Carla. Não sei por quanto tempo ainda, tão perto, mas já é um consolo.

– Acho que não entendi bem a parte de “não sei por quanto tempo ainda, tão perto”, eu compreendi. Já que eu moro aqui ainda.

– Ainda filha. Tu acabou de falar a palavra chave disto tudo. Ainda. Em breve tu vai nos deixar também. Nós já percebemos isso.

Paro o que eu estou fazendo e olho para a minha mãe.

– Nem adianta fazer esta cara de quem não está entendendo, filha. Por mais que tu e o Luiz fiquem aqui por estes dias, quando ele for para a casa dele, tu vai junto.

– Mas eu sempre volto. – Justifico. – Fico uns dias lá e durmo aqui sempre que posso.

Minha mãe ri e beija o meu rosto.

– Até tu te cansar desta história de um dia em cada casa e optar por ficar lá por definitivo. Tu já tem mais roupas lá do que aqui, Carla. Tua mudança foi gradual, mas agora já é bem notável.

Paro e penso um pouco no que ela acabou de dizer e chego à uma conclusão. Uma coisa tão óbvia que eu estou me sentindo uma idiota em não ter pensado nisto antes.

– Mãe... – Vejo ela olhar para mim, e com um sorriso meio triste abanar a mão como se não estivesse dando bola para o que está acontecendo.

Ela pensa que me engana.

– Tudo bem, Carla. – Sinto o meu coração começando a ficar com remorso. – São apenas duas quadras, não é? Eu e o teu pai vamos sobreviver a isto. E vocês sempre vão estar por aqui, ou tu acha que eu estou me esmerando na cozinha para agradar o teu pai? Para ele qualquer coisa que eu jogue na mesa é o que ele vai comer. Ai dele se reclamar! – Ela ri maliciosamente.

– E então tu está agradando o Luiz para que nós sempre comermos por aqui... – Concluo com a certeza de estar completamente certa.

D. Lúcia volta para o que estava fazendo, sem nem corar de vergonha com a artimanha que está fazendo. E admito que funcionando muito bem. O Luiz, em qualquer brecha que encontra, vem como um cachorrinho faminto para a mesa da minha mãe.

– Golpe baixo. – Digo para ela que ri. – Te aproveitando da minha quase inapta sabedoria na cozinha para estes pratos mais dedicados para fazer com que o meu namorado coma aqui quase todos os dias e eu venha de arrasto.

– Cada uma luta com as armas que têm. – Ela dá os ombros.

Me levanto, depois de rir um pouco da situação e abraço a minha mãe.

– Desculpa estar fazendo isto. Eu nem percebi que estava quase de mudança de casa. Minha intenção não era essa.

– Deixa de ser boba, Carla. Tu e o Luiz formam um casal e tanto. Eu e o teu pai até gostamos dele, e isso é quase um milagre. Ele realmente está a tua altura. Fico feliz em saber que

tu está feliz. É isso que importa.

Chego a sentir algumas lágrimas nos meus olhos depois desta revelação.

– Tu sabe que sempre que precisarem de mim eu vou estar aqui, não é? São apenas duas quadras e em menos de cinco minutos eu consigo chegar.

– Este é o motivo por eu e o teu pai estarmos mais tranquilos. Ou tu acha que nós deixaríamos outro filho nosso sair de casa para longe? O Luiz ganhou incontáveis pontos neste quesito. – Rio.

– Ahh claro, este é um ponto altíssimo para ser levado em consideração, não é? – Brinco.

– Com toda a certeza.

Ela me abraça novamente e ficamos por alguns segundos. Sinto todo aquele amor que só uma mãe pode passar para o seu filho nos seus braços.

– Falando sério agora, filha. – Ela me solta e fita os olhos nos meus. – Nós sempre soubemos que tu sairia de casa. Algum dia tu ia conhecer alguém que te afastasse de toda aquela nuvem que tu carregava nos ombros. E que também te levaria de nós. Tu sempre foi a filha perfeita Carla, carinhosa e atenciosa, mais do que eu e o teu pai merecemos.

– Não, mãe... – Tento argumentar, mas ela não me deixa falar.

– Não quero ouvir nada, só me escuta. – E eu obedeço. – Até hoje nós ainda sentimos isto em ti, Carla. Por mais durona que tu tente parecer por fora, por dentro ainda é a mesma menininha que chorava sempre quando via o teu irmão dizendo que havia morrido em algum jogo de videogame. E agora não é diferente, o Luiz morrendo aqui em casa e tu veio correndo para cuidar ele.

– Não tinha escolha, não é? – Uma lágrima sai do meu olho e se mistura com o meu sorriso.

– Tu sempre tem uma escolha, Carla. E sempre optou pelos outros. Ou pensa que o Diego não nos contou quando tu teve a oportunidade de ir morar com ele há alguns anos atrás, e não quis.

– Como...? – Pergunto perplexa.

A única pessoa que sabia deste convite era o Diego. E eu pedi para ele não me contar para os nossos pais, porque eu sabia que eles iriam fazer de tudo para que eu fosse com ele. Eu estava com tantas dúvidas naquela época e precisava fazer alguma coisa da minha vida. Pedi alguns dias para pensar sobre o assunto.

Estava quase aceitando, quando recebi o e-mail da Su dizendo que eu havia passado na entrevista para trabalhar nos eventos. E com isto, eu desisti de ir embora com o Diego, resolvi dar uma chance para o trabalho e hoje estou aqui. Melhor do que eu esperava.

– O Diego nos contou, claro que depois que eu e o teu pai colocamos ele frente a frente com a gente. Ele não tinha escapatória, uma pena que só conseguimos fazer isto depois que tu havia desistido da ideia. Nós poderíamos ter te induzido a ir, mas sabíamos que de uma forma ou outra tu retornaria para nós.

– É. Eu acho que faria mesmo.

– E não pelo fato de estar de volta embaixo da barra da minha saia, não é?

Nego com a cabeça.

Minha única, e maior preocupação, sempre foi com os meus pais. Tudo que eu sempre fiz, faço e irei fazer, é para cuidar deles. Se eu sáísse de casa para longe, na primeira oportunidade que tivesse, ou alguma notícia que escutasse deles, faria as minhas malas e retornaria para casa. Sem pensar duas vezes.

– Eu e o teu pai vamos ficar bem aqui. Sozinhos. – Ela acrescenta. – Não somos dois velhos caquéticos que andam de cadeira de rodas. – Rio. – Está mais do que na hora de eu e o teu pai ficarmos um pouco à vontade em casa.

Ela ri e me abraça novamente. Muitos abraços, lágrimas e sorrisos.

– Quase trinta anos com esta casa cheia, estava na hora de um pouco de privacidade. E agora é hora de tu tocar a tua vida. Daqui um tempo o processo de adoção vai andar e tu terá uma família, filha.

Outras lágrimas me inundam.

Minha família. Uma mãe de coração que não vê a hora de colocar os olhos na criança que o destino colocará nos meus braços. Como é possível eu já amar esta criança sem nem mesmo saber como, e quando, ela chegará para mim?

Minha mãe me beija novamente e sai, me deixando sozinha onde estou. Limpo as minhas lágrimas e subo as escadas. Passo pelo meu quarto antigo e percebo que ele está vazio e silencioso. Abro a porta do quarto de hóspedes e encontro o Luiz, deitado e enrolado na cama.

Me deito ao seu lado, tentando não fazer barulho para não o acordar, mas antes mesmo que eu me deite, ele abre os olhos e geme.

– Pensei que fosse me abandonar nesta cama gigante sozinho.

– Olha, pensei em fazer isso. Assim não correria o risco de pegar alguma doença tua. – E quando eu falo isso, ele se agarra, e se enrola, em mim.

– Tua febre voltou. – Coloco a minha mão sobre a sua testa.

Luiz enterra o rosto na curva do meu pescoço e suspira.

– Eu percebi. Mas não quero o chá da tua mãe. Prefiro delirar de febre.

– Coitada dela. Sabia que ela vem usando os dotes dela para te comprar pelo estômago. Já que tu roubou a filhinha amada dela, ela te suborna com comida para que eu venha para cá todas as noites contigo.

Luiz se esfrega no meu pescoço, olha para mim com um sorriso sacana no rosto e com um brilho febril.

– Só descobriu agora? Demorou um pouco, guria. Já percebi isso há muito tempo.

Olho para ele que volta a se deitar ao meu lado.

– Por que tu não me contou isto antes?

Questiono e só vejo o sorriso do Luiz, mesmo de olhos fechados.

– Seu safado. – Empurro ele para o lado. – Aproveitando os planos mirabolantes da minha mãe para encher a barriga. Não é à toa que o teu dragão está pesando mais que o resto.

– É um preço a ser pago. Te roubo para mim e ainda como bem. Por que eu iria parar? Posso ser louco, mas nem tanto assim, guria.

Luiz fica em silêncio por alguns minutos e dorme. Adormeço também, pensando em todas as palavras que troquei com a minha mãe, e quando o celular desperta, para mais uma dose do remédio dele, questiono.

– Tu dormiu antes que eu te perguntasse uma coisa. – Entrego o copo de água para ele.

Ele geme uma coisa incompreensível.

– Falou com a Luiza hoje? – Luiz me entrega o copo de água e retira o termômetro, que diz que ele ainda está com febre.

– Ela me ligou antes de eu ir para o banho. Já chegou em casa e está bem. Falei com a Olívia também, escutei o chorinho da Bibi de longe, enquanto o André tentava embalar ela. Tentei ligar para o AC e a Elis, mas ninguém me atendeu.

– Vi a Elis hoje lá no salão. O Otávio estava junto. Parece uma bolacha Maria de tão redondo o rosto já. Cheio das dobrinhas nas pernas de tão gordinho. Está começando a ficar parecido com o Antônio nesta idade, ri das maluquices da Elis e de quem estiver ao lado dele. Fiquei quase uma meia hora brincando com ele enquanto a Elis e a Su estavam conversando. E tu está com febre ainda. Posso te dar mais um remédio?

Ele geme que sim e eu desço as escadas em direção à pequena farmácia que a mãe tem em casa. Levo a mala para ele e deixo livre demanda para que o Luiz escolhesse à vontade qual quisesse tomar.

Depois de divagar um pouco, ele escolhe o sorteado e volta a se deitar.

– Preciso me preocupar com estas duas noites de febre? – Pergunto a ele.

– É só uma gripe. Hoje a febre está bem mais baixa que ontem. E amanhã nem vou ter mais. – Murmura.

– Já podemos ir para casa, então.

– Tu já está em casa, e eu gosto de ser mimado aqui pela tua mãe. Ela me fez chocolate quente hoje pela manhã.

– Sério? Faz anos que ela não faz um para mim.

Isto é uma lei. Nenhuma mãe deve mimar o filho dos outros. Por mais que o outro seja o Luiz. Absolutamente não.

– Amanhã vamos para a casa. – Digo sem pestanejar. – Chega destas coisas e mimos assim.

– Ciúmes da tua mãe, Carla? – Ele ri. – Ok, eu me deixo ser mimado só por ti, minha guria. – Ele me abraça e me beija.

Acho bom isso.

Muito bom!

Capítulo 63

Por Luiz

– Acho que tu ainda não está bem para jogar, Luiz. – AC pega a bolinha de squash e fica brincando com ela e a sua raquete.

– Só estou tossindo um pouco.

– Nem os cachorros dos meus sogros tosem assim. A Carla me mandou uma mensagem dizendo que era para interromper o jogo se tu te atacasse mais. Ou eu mesmo ia ter que passar a noite contigo morrendo ao meu lado na cama.

Olho para o AC que dá os ombros e toca a bolinha em mim. Em um lugar bem delicado. Posso estar quase com tuberculose, mas desvio heroicamente.

– Palavras dela. – Completa. – Já basta a Elis e a Su me ameaçando, não quero ter a Carla neste grupo.

Aproveito a brecha e me sento no chão. Realmente eu não deveria ter vindo para cá jogar, mas não aguentava mais ficar em casa olhando para as paredes. Pelo menos na casa da Carla, eu tinha a Lúcia para conversar comigo. Mas agora, em casa, com a Carla trabalhando e a Luiza a bilhões de quilômetros de mim, a nostalgia bate forte.

E doente e nostálgico, nem eu me aguento.

Por isso que fui trabalhar hoje. Passei a tarde com os meus velhos no asilo conversando com eles. Mediquei alguns, diminui a medicação de outros e também não desmarquei o squash com o AC. Precisava sair de casa, nem que fosse para levar uma surra dele. E olha, a surra está sendo tão grande que eu já parei de contar os pontos há muito tempo.

– Desiste por hoje? Ainda temos uns vinte minutos de quadra.

Aceno que sim para ele que senta ao meu lado.

– É, a gripe te pegou feio. Só não passa nada para mim, três crianças te arrancando o couro com gripe não é uma coisa muito agradável. Ainda mais com o Otávio reclamando de espinho na cadeirinha dele. Mal encosta nela e já começa a chorar desesperado.

– Também, todo mundo colocando manha no guri. Ele está mais que certo de aproveitar. Estão fazendo rodízio?

– Nem o Antônio escapa dos turnos. Ele e a Fofinha cuidam dele pela manhã, brincam no tapete dele, às vezes temos que tirar um de cima dele. A tarde a Sarah e o Yago na volta fazendo estripulias com o JB na volta, mas o Otávio não reclama da folia e ainda chora quando acaba.

– Capaz que ia reclamar. – Brinco depois de um acesso moderado de tosse. – Tem uma cara de safado, igual ao irmão. Já se percebe de longe.

AC concorda e bebe um pouco de água da sua garrafa.

– Levei a Sarah na psicóloga ontem à tarde. – Ele bebe mais um pouco de água. – Tenho a impressão que aquela psicóloga não gosta muito da minha cara.

– A Fabi nunca faria isto. Mas tenho certeza que ela sabe que tu não vai com a cara dela.

Pode ser implicância tua mesmo.

– Não é que eu não goste dela. – Olho para ele sem expressão. – Ok, eu não gostava de algumas coisas que ela colocava na cabeça da Liv. Achava um pouco exagerado e...

– E se não fosse estas coisas exageradas que ela colocava na cabeça da Liv, vocês dois ainda seriam casados. Tu não teria o Antônio, Otávio, Sarah e Elis, e muito menos a Liv teria a Bibi e o André. E se for a fundo nesta história, nem eu estaria com a Carla. – Paro e penso um pouco. – Meu Deus, acho que devo um bom presente para a Fabi. E se tu voltar a falar alguma coisa dela eu te passo uma gripe dos infernos. Entendido?

– Não falei nada. – Ele se afasta de mim. – No início eu não ia com a cara dela. Mas agora eu estou de boa. A Liv está de boa e se ela fizer a Sarah também ficar de boa, eu serei agradecido.

Reviro os olhos. Poderia muito bem dar pano para essa manga e dizer que ele já deveria ser muito agradecido à Fabi. Mas não estou afim de queimar neurônios com isto e a vontade de me expressar neste momento é tão forte como a vontade de ser atropelado por um trem de carga lotado. Então volto ao enfoque original da conversa.

– E como foi a conversa com a Sarah?

– A Sarah não me disse, e nem quis forçar ela a me falar nada. Mas entrei por alguns minutos no consultório enquanto a Sarah ia ao banheiro. Estranho entrar lá para não falar sobre a Olívia. – Ele divaga. – Enfim, ela me disse que a Sarah era uma menina incrível, personalidade forte e apesar de ter passado por tantas coisas, mesmo sendo tão novinha, não estava abalada. Era um exemplo de pessoa. O trabalho dela não seria tão profundo e constante como o da Liv, mas que gostaria de conversar mais algumas vezes com a Sarah. Aí no carro eu questionei se a Sarah tinha gostado e se queria voltar e ela disse que sim.

– E então ela vai voltar semana que vem. – Concluo.

– Quinze dias. Achei que ia começar o tormento de ir quase todos os dias. Até me surpreendi com o tempo que ela disse.

– Eu recomendei levar a Sarah por descargo de consciência, AC. Digamos que por um excesso de zelo da minha parte. Sabia que o caso dela não era uma coisa grave nem nada. Só que a situação dela é diferente de todos.

AC concorda comigo e ficamos em silêncio por mais um tempo. O horário se encerra e vamos aos vestiários nos trocar. E quando estamos no estacionamento nos despedindo, ele resolve tocar em outro assunto.

– Tivemos uma “audiência interna” na agência hoje. – Fecho a porta do meu carro e me escoro nele, com uma cara de pouquíssimos amigos.

– Por que está só me dizendo agora?

– Porque tinha gente lá dentro que me conhece e que conhece a mulher louca. Não quero essa história vazando por aí. Quer saber o que aconteceu ou não?

– Conta de uma vez antes que eu comece a implorar aqui.

– O gerente regional veio e me chamou na sala dela e....

– Colocou vocês dois frente à frente?

– Não. Deixa eu falar, depois tu te mete. – Me calo. – Ela estava em horário de almoço e quando me vê sai correndo como o diabo da cruz. A Elis aquele dia falou umas coisas para ela, e tu conhece a minha esposa, não é?

Aceno que sim.

Mete medo até nos mais terríveis tipos de pessoas. Até eu tenho um pouco de medo da Elis, dependendo da situação. Quem dirá depois de uma que mexeu com o seu marido e com os seus filhos. A vaca não deve ter sido nenhum pouco sutil e nem deve ter poupado detalhes.

– Então estávamos nós dois lá e ele meio que tentou apaziguar as coisas. Pediu que eu reconsiderasse as queixas e fizesse um “acordo amigável”. Do tipo: eu tiro as denúncias de assédio e racismo, e ganho alguns benefícios.

– Posso imaginar que tu mandou o gerente regional para bem longe. Não é?

– Olha, longe eu não sei, mas que eu quase disse para ele socar estes benefícios em um lugar nada agradável. Falei que não ia aceitar este tipo de suborno e iria com isso até o fim. Pode não dar em nada, mas não vou me acovardar e ainda deixar que alguém faça mal à Sarah de mãos abanando. Nem que seja uma advertência administrativa ou outra coisa do tipo.

– Isso mesmo.

– Sem contar que depois eu descobri o que porquê ele fez isso. Digamos que já caiu nos ouvidos na sede e não está pegando nada bem. Ainda mais em uma agência pequena, mas com muitas contas “grandes”. – Meu amigo olha para mim e eu entendo a maldade das coisas.

– Claro. As contas são tuas, não é? – Ele acena que sim. – E como eu já te disse, se tu sair, eu, a escola, Noah, a empresa de eventos e...

– A loja do André, que eu fechei semana passada... – ele adiciona a lista.

– Então. Já pensou se nós, teus correntistas metêssemos a cara a tapa e pedirmos uma solução para este problema?

Pela luz do poste eu vejo que a cabeça do meu amigo deve ter imaginado a mesma coisa que eu.

– A gerencia regional não poderia se opor, ainda mais neste tempo de crise e perder contas tão preciosas assim.

– Tu pensa baixo, AC. – Dou um tapa na cabeça dele para ver se pega no tranco. – A gerencia nacional. Basta um e-mail daqui e uma vistoriada de lá e a justiça vai ser feita como deve. Assédio com funcionários e racismo com clientes. Sim, cliente sim, porque tu tem conta ali, não é? – Ele concorda. – E a Elis também, então a Sarah é uma cliente, e também tua filha, legalmente. Eles não vão querer correr o risco de se exporem à mídia, ainda mais que, infelizmente, o racismo está em alta.

Continuo a falar e o AC consegue pegar o fio da meada que eu quero chegar. Tão simples como acertar uma bolinha com a raquete de squash em uma velocidade astronômica.

Basta uma denúncia destas, para que a merda toda seja jogada no ventilador. Assédio no local de trabalho, vulgaridade nos áudios que temos todos no celular como prova, o boletim de

ocorrência de racismo, as testemunhas e agora o suborno. Tudo de errado enviado ao alto escalão por quem realmente faz a mágica toda acontecer nos bancos. Os correntistas.

Sempre tive pavor de ir à banco. Aliás, detesto matemática com todas as minhas forças. E já fui passado para trás por muitos outros bancários antes do AC assumir a minha conta. Ele foi o único honesto que me explica tudo com uma transparência incrível, desde cada centavo que sai da minha conta, até o que eu devo fazer para investir melhor. Depois de algumas “aulas” dele, eu marquei uma reunião com o Gê sobre as contas da escola. Não deu em outra, trocamos todo o método de pagamento para ser ajustada àquele banco, e até hoje, o Gê diz que foi uma dor de cabeça a menos para ele. Basta uma ligação para o AC que o problema se resolve.

Nada mais juntos que os correntistas dele, fazerem a magia acontecer, aqueles que com a sua honestidade angariou para a agência. Que não é nem a central da cidade. É uma pequena de um bairro classe média alta e fora de rota, por quem mora em outras partes da cidade. Mas a qualidade do serviço é que chama a atenção. Porque eu tenho a certeza que, assim como o AC me atende, ele faz com qualquer um que chegue lá para abrir uma conta. E hoje em dia, é isto que conta.

– Isso não seria errado? Usar de um “carteiraço”? – Questiona.

– Não. Eu sou cliente e como tal, exijo que deem uma solução para este problema. Ou então eu retiro a minha conta de circulação no banco. Nem que eu guarde dinheiro embaixo do colchão. Não admito ter relações com uma agência que tem como gerente uma racista e assediadora sexual com os seus funcionários.

AC olha para mim e ri.

– Cara, acho que embaixo do colchão, e nem do teu quarto inteiro cabe o quanto tu tem. Pobre da Carla dormindo em uma cama dura destas.

E depois disto eu encerro o assunto com o AC e começo a formular um plano de como mandar esse e-mail e fazer com que ele, e os outros que irão chegar, porque eu tenho a certeza que nem o Noah, Su, André e nem o Gê irão se opor em ajudar no caso.

Vou para casa, ainda tossindo um pouco. Mal estaciono o carro dentro da minha garagem e escuto a campainha tocando. Abro o portão e dou de cara com a Lúcia e um pote cheio de comida para mim. Segundo ela, eu ainda estava fraco e precisava me alimentar direito, e como a Carla passou o dia trabalhando, minha sogra sabia que eu ia chegar em casa sem nada para comer.

Abro o pote e quase gemo com o cheiro de pão caseiro quentinho. E nem menciono o que tinha junto, já que ela fez pouco e se a Carla soubesse que ela havia feito aquilo e não ter deixado um pouco para ela, a briga estaria feita. Quase beijo a minha sogra no meio da rua, só não fiz isso porque ela me mandou para dentro de casa e estava começando a esfriar.

– Não esquece de tomar os remédios. – Ela fala antes de sair da minha porta. Nem respondi com medo de me babar todo com o cheiro.

Tomei um belo de um banho. Mandeí uma foto para a Luiza, só para causar inveja que eu tenho um pote cheio de comida caseira, e ela não. Sou excomungado via mensagem pela minha filha, que está comendo alguma coisa sem definição, palavras dela, que comprou no restaurante

da esquina do trabalho. E finalmente, me sento no sofá para me empanturrar de comida antes da próxima dose de remédio.

Lavo o pote para o crime ficar perfeito. Nenhum rastro de comida ficou para trás para contra história. Tomo a minha dose de remédio, e quando estou subindo para o quarto, o meu telefone toca.

– Fala, pessoa. – Digo para a Vivi do outro lado da linha.

– Acho que acabei de cometer uma merda.

– Tu já fez isso quando se casou com o meu irmão. – Brinco, e sou repreendido.

– Não fala assim dele, só eu tenho esse poder de xingar o Beto. Tu perdeu este poder no momento em que eu entreguei a minha carta de demissão. Há uns cinco minutos atrás. Eu e a Júlia estamos voltando, Luiz.

Sento na minha cama tentando me recuperar do baque que eu tive neste momento. Ainda não consigo decifrar se é uma coisa boa ou não.

Claro que desejo toda a felicidade para a Vivi, ela merece, de todo coração, e também o meu irmão. Mas até onde as duas felicidades se cruzam que é a questão em pauta.

Eles já tentaram uma vez, no início, além das brigas constantes, havia felicidade. Era um casal típico implicante um com o outro, quem via de fora até achava interessante este tipo de relação. Mas com o passar do tempo as linhas que se cruzavam inclinaram-se, e aparentemente, cada uma seguiu o seu rumo paralelamente uma com a outra.

– Tenho o teu silêncio como uma coisa boa, ou já posso começar a me arrepender neste momento?

Tenho um acesso de tosse, e aproveito o tempo que estou colocando os meus pulmões para fora e pensar no que responder.

– Minha única pergunta é – falo depois de me recuperar – tu está feliz com isso?

– Eu... – ela hesita. – A Júlia está nas nuvens. Já começou a ver as malas e...

– Não estou perguntando da Júlia, Vivi. Ela eu sei que deve estar insuportável de tão feliz, mas eu quero saber de ti. Eu vi tudo o que tu passou com o meu irmão. Acompanhei a tua saída de casa, o trabalho aí para te estabelecer e crescer como profissional. E por isto eu te pergunto de novo, tu está feliz, ou pretende ser feliz aqui com ele?

Outra hesitação e um suspiro baixo que eu escuto pelo telefone.

– Felicidade é uma coisa complicada, Luiz. A gente passa a vida toda correndo atrás dela para no fim perceber que ela está nas pequenas coisas da vida. Uma frase bem colocada, um dia onde tudo dá certo no trabalho ou alguma coisa inusitada que acontece e que nos leva a rir. Eu não sei se estou feliz, ou se vou ficar feliz voltando com o Beto. Mas eu me conheço, e sei que não vou me perdoar se eu ficar aqui sem fazer nada.

Fico em silêncio esperando ela concluir.

– Assim como eu fiz as minhas malas para ir embora. Se eu ficasse, nunca iria me perdoar de perder a oportunidade. E hoje eu sei que foi o certo a ser feito. Agora a situação é

outra, eu tenho a minha independência, a Júlia já é grandinha e se tudo der errado eu faço as malas e recomeço em outro lugar. Como tu disse, meu currículo é bom, em qualquer lugar que eu vá posso encontrar trabalho sem problema nenhum. E a felicidade virá em consequência de uma coisa ou outra, ou eu com o Beto, ou eu sozinha.

– E também há o fato, que tu nunca negou, não é?

Ela ri, de um jeito que não deixa dúvidas.

– É. Eu sempre tive uma queda por aquele desgraçado. Ele é bonito, um mal da família Lavorini. Os homens têm um charme que ninguém resiste. Se juntar eu, a Lena e a Carla, podemos comprovar isso.

E eu fico satisfeito com a resposta que eu recebo.

Converso mais um pouco com a Vivi e adormeço do jeito que me atirei na cama. Acordo com alguém se empoleirando em cima de mim.

– Só queria ver se ainda estava vivo.

– Posso te mostrar toda a minha vitalidade em poucos minutos. – Digo meio dormindo.

– Passo. Trabalhei como uma vaca hoje, não tive tempo nem de te contar a novidade. – Carla passa a mão sobre a minha tatuagem. – Olha, o dragão até voltou para o seu tamanho normal depois desses dias sem comer direito.

Me finjo de morto para não retrucar e dizer que se depender da mãe dela me trazendo comida em casa, o coitado do meu dragão vai ficar obeso em pouco tempo. Então mudo de assunto.

– Qual é a novidade?

– Recebi uma ligação do advogado hoje à tarde. Marcaram aquelas avaliações psicológicas preliminares.

Abro os olhos, em vão, porque o quarto está um breu só. Meu coração dispara e quase eu tenho um ataque cardíaco com a novidade.

– Ele disse para eu não ficar muito ansiosa porque as avaliações são feitas logo depois de dar a entrada, o que demora mesmo é depois de liberada. Pode levar até uns cinco anos. Muita espera.

– Cinco anos ainda não vou ser confundido com o bisavô da criança. Como avô eu já me acostumei com a ideia mesmo. – Digo e levo um cutucão da Carla acompanhado por uma risada.

– Seu bobo. – Sinto ela se aproximando de mim e beijando o meu corpo.

– Mas já é um grande passo. Mais um em direção a esta criança, Carla. Nosso filho.

Ela suspira, esperançosa e eu aperto ela nos meus braços.

Tudo está entrando nos eixos.

Daqui para a frente a história continua, e eu tenho certeza de que tudo o que virá, será para o bem e a felicidade de todos.

Epílogo

Parte 1

Dizem que a monotonia é que leva os casais a se separarem. Viver durante anos na mesma rotina todos os dias, desgasta qualquer relação. Bom... pelo menos é o que dizem, no meu caso, nunca passei por um dia igual ao outro.

Ainda mais nestes quase dois anos que já se passou.

Desço as escadas cantarolando alguma coisa sem sentido e paro na porta da sala. No sofá, encontro uma guria atirada de qualquer jeito e adormecida no meio do emaranhado dos seus cabelos.

Me aproximo e tento encontrar um rosto no meio dos cabelos. Quando encontro, encosto nela que se contrai toda, e, como eu nunca perco a oportunidade, começo a fazer cócegas nela.

– Para, Luiz. Me deixa dormir! – Xinga e esperneia embaixo de mim.

Continuo o meu ataque até sentir ela arfar e começar a gritar em desespero no meio do seu riso.

– Já acordei! – Diminuo a intensidade e me deito junto dela no sofá.

Ela me abraça e as suas mãos sobem para os meus cabelos, molhados do banho que eu acabei de sair.

– Prefiro acordar com o Luiz cheiroso a um que me faz cócegas. – Carla me beija.

– Nem vou dizer como eu prefiro te acordar, ou daqui a pouco o pessoal chega e nós vamos estar um pouco ocupados aqui no sofá.

Carla ri, e como sempre, eu fico como um abobado escutando esse som e vendo a expressão no rosto dela.

– Já estreamos o sofá novo. Temos que ir para um lugar inédito. Precisamos fazer uma lista.

– Ou podemos repetir os lugares. Eu não me importo nenhum pouco.

Mais uma vez ela ri e eu a beijo.

Faz umas duas semanas que voltamos para casa. Nossa casa. Totalmente reformada, já que nos últimos dias, até uma lâmpada explodiu enquanto eu trocava ela, e sem contar no cano do andar de cima que quebrou e estava comendo a parede com uma infiltração.

Coitada da minha casa. Já estava precisando de uma boa reforma. Até porque, poucos reparos foram feitos desde que eu me mudei para cá. Há quase vinte e quatro anos atrás.

Com previsão de um mês inteiro de reformas, eu e a Carla tivemos que sair de casa. Ou então até o final da primeira semana eu morreria de tanto espirrar. Minha ideia era ir para um hotel, mas claro que ninguém aceitou esta opção. Acabamos na casa dos meus sogros.

Um mês vivendo com eles quase que vinte e quatro horas por dia. Óbvio que a minha relação com a Lúcia e o Rogério é excepcional. Desde que eu leve a Carla com certa frequência para eles checarem a filha, e nem preciso dizer que quase virei um filho mais velho para eles.

Entre muitas brigas, sim, porque todas as famílias brigam, brincadeiras e adaptações, nós voltamos para casa com uns quilos a mais e vontade de ficar lá com eles para sempre. Unimos o útil ao agradável. Mas, às vezes, o Rogério chegava em casa e encontrava eu e a Carla engalfinhados no sofá, ou via o meu sogro trocando de roupa com a porta do quarto aberta pela manhã.

– A campainha tocou antes, ou eu estava meio delirando?

– Tocou. – Respondo com um sorriso no rosto. – Era a tua mãe trazendo as coisas que ainda estavam lá na casa dela. Finalmente parece que terminamos de trazer tudo.

– Aleluia. Não aguentava mais a função de não saber por onde andava as minhas roupas.

– Sempre tem a opção de não usar. – Faço uma cara de inocente. Aquela que a Carla nunca acreditou que eu fosse.

Ficamos mais um pouco no sofá, conversando sobre o dia que havia se passado. Narrei como foi atender no asilo os meus velhos, e também de trabalhar em conjunto com a Vivi no consultório dela. Um psiquiatra e uma neurologista, sendo que nenhum é certo da cabeça, é uma mistura interessante para os pacientes. Passamos mais tempo implicando um com o outro do que realmente discutindo os casos.

Isto foi uma mudança e tanto para todos. A volta da Vivi não demorou muito para acontecer depois daquele pedido de demissão do seu antigo hospital. E como eu previa, oportunidade de trabalho para ela foi o que não faltou. Tanto que ela teve que selecionar onde iria trabalhar, e não ao contrário. Sua carreira como médica aqui está mais sólida do que nunca. E por incrível que pareça, ainda casada com o meu irmão. Isto sim é uma coisa que ninguém apostaria que fosse durar.

Eles ainda brigam, como gato e rato, mas não conseguem ficar de mal um com o outro por muitos dias. E sem contar que com a Júlia mandando os dois se aquietarem, não há briga que resista.

Percebi que os dois estão bem juntos. Final de semana passado estava, eu, Carla, seus pais, Diego, Luiza, meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, todos na antiga fazenda dos meus pais em um final de semana em família. E por incrível que pareça, estes encontros estão sendo cada vez mais constantes e agradáveis.

Ouçó o barulho de buzina na rua e a Carla me empurra, quase me derrubando de bunda no chão do sofá. Vou até o portão, aciono ele e vejo os dois carros entrarem e estacionarem no meio do meu pátio. Um carro gigante, daqueles de inúmeros lugares, só assim para que todas as crianças saiam juntas, e sem contar os pais juntos. E um outro normal com três pessoas.

– Tio Luiz! – Antônio, o Perereco mijão, é o primeiro a saltar do carro e correr em minha direção.

Com muito esforço, eu abraço ele e levanto no meu colo.

– Acho que vou ficar com dor nas costas se continuar a fazer isto. Tu está gigante demais, Antônio. Aposto que está comendo todas aquelas coisas que a Sarah faz e não deixa para mais ninguém, não é? – Seus olhos de cores diferentes, brilham e recebo um sorriso safado dele.

Solto ele no chão que sai correndo em direção à “tia Carla” que acabou de sair para a rua.

– Tia Carla! – Fofinha é a próxima do grupo e antes dela chegar ao seu destino, eu intercepto ela e a amasso um pouco.

– Que história é essa de tia Carla sem antes o tio Luiz? – Ela ri e se abraça em mim.

– Cadê a Luiza? – Me pergunta com os olhos azuis brilhando como sempre.

– Ela já voltou para casa, Fofinha. Mas em breve ela vai voltar. – Pisco para ela que sorri para mim e segue o seu caminho.

Nem preciso dizer que, desde quando a Luiza se mudou novamente para o Brasil, há alguns meses atrás, e, mesmo morando em outro estado, fez a alegria geral por aqui. Agora basta uma simples viagem de duas horas, de avião, para que eu possa matar a saudade da minha filha. Chega de horas e mais horas em aeroportos e em voos internacionais! E débitos em euros na minha fatura.

Sarah e Yago passam por mim e eu mexo com eles. Pergunto do solo de guitarra que o Yago estava treinando com o Maurício que eu presenciei na última vez que fui até a escola. E brinco com a Sarah, a nossa vencedora estadual juvenil de Squash. Orgulho do pai e do tio, e a torcida organizada que nós montamos em cada jogo. Um pouco vexativa para ela, um bando de gente louca gritando do outro lado da quadra, mas ninguém sai de um jogo sem conhecer o nome promissor “#TEAMSARAH”, estampadas nas camisetas de todos os integrantes, inclusive das crianças menores.

– Sair com todo mundo é um pesadelo. Arruma um, o outro derruba alguma coisa na roupa, um fica meia hora dentro do banheiro se arrumando. Sem contar que nunca sabemos em que apartamento está a chave do carro. As duas casas viradas de cabeça para baixo até achar ela esquecida dentro da bolsa do Otávio. – Su reclama fazendo todos rirem.

Noah aparece descansado, como sempre, apenas sendo mandado pela esposa para todos os lados. Coisa que a Su está sempre fazendo, com todo mundo a sua volta. Daquele jeito que só ela consegue.

– Eu nem me lembrava que a chave estava na bolsa do Tavinho! – Elis grita dentro do carro enquanto descarrega algumas coisas em cima do AC.

– Já disse para fazermos uma cópia da chave do carro e deixar uma em cada apartamento. Amanhã mesmo eu vou fazer isso! – AC fala.

– Amanhã eu vou ficar com as crianças. – Noah retruca. – Acho que sábado que vem é mais fácil de fazer isso.

Os dois começam a discutir sobre o dia melhor de fazer a tal chave e eu me abaixo no chão para abraçar uma pequena princesinha, de cabelos castanhos, a cara da sua mãe, que caminha em minha direção.

– Bibi, minha lindinha! – Ela estica os bracinhos para mim e eu a agarro no colo. – Como está a minha coisinha pequena?

Distribuo alguns beijos nela que deita a cabeça no meu ombro e boceja.

– Com sono. – Liv sorri para mim e olha para a filha no meu colo. – Ela dormiu assim que saímos na garagem de casa. O Leco e ela passaram a tarde toda brincando na sala.

– Tadinha da Princesinha do Dindo. – Entrego ela para a sua mãe e vejo o Emo do seu pai segurando uma bolsa rosa. – Esta combina direito contigo, André.

Ele me dá um sorriso irônico e segue caminhando atrás da Olívia e filha.

– Já esse aqui não parou ainda um segundo. – Vejo a Carla com um Cabrito agitado no seu colo, já de olho em tudo para sair correndo e tocando o terror com as crianças. Nem o sono da Bibi resiste com tanta bagunça ao redor.

– Tavinho! – Estico as mãos para ele vir para o meu colo, mas não adianta. Esse é capaz de roubar a minha mulher e ainda colocar a língua para mim.

Ele se agarra no pescoço da Carla e sorri.

– Só não te bato nestas fraldas porque eu também queria estar agarrado no pescoço dela e sei como é impossível resistir a isto. – Me aproximo dos dois e beijo o meu afilhado diversas vezes, e ainda faço umas cócegas para ele que ri alto.

– Não aperta muito que ele não anda bem da barriga. Pode ser uma bomba atômica em forma de gente. – Elis adverte. – Não aguento mais trocar fraldas hoje.

Carla e Elis continuam caminhando pelo pátio e eu vou até o AC que está trancando o carro junto do Noah e André que voltou para buscar mais alguma coisa no carro deles.

– E aí prejudicado? Já está conseguindo sentar? – AC me olha e acena que sim.

– Tu não ouviu o grito que ele deu ontem à noite. A Fofa pensou que alguém havia se machucado feio. Saiu correndo do apartamento em direção ao deles e encontro do AC agachado no chão com as mãos no meio das pernas. – Noah ri enquanto narra.

– Cara, quando tu fizer uma vasectomia e o Otávio resolver a pular em cima de ti enquanto tu cochila no sofá, a gente conversa.

– Eu imagino! – André sai em prol do amigo. – Dei uma topada em alguma coisa em casa, depois que coloquei o meu piercing, que quase chorei sangue enquanto estava enrolado tipo uma bola no chão de casa.

Olho para o Noah, e nós dois fazemos uma cara de dor solidária para ambas as situações. Chego a sentir um “frio” no meu corpo só de imaginar o tipo de dor que os dois passaram. Ai...

– Já aviso que não vou retirar os teus pontos. Ou ver se está machucado. Basta ter ido à tua cirurgia e ter ficado num canto conversando contigo. Só fiz isto porque me solidarizei com a situação toda. Não foi nenhum pouco agradável.

Parto da esposa e vasectomia dele. É muita confiança em mim.

– E eu espero, com toda a força do mundo, que a Fofa não invente de seguir o exemplo da Elis e comece a me pedir uma coisa destas.

AC faz o sinal de três para o amigo.

– Três filhos. Se a Su engravidar de novo, tu mesmo vai correndo até o médico mais perto para cortar o mal pela raiz.

– Pode ir ao segundo médico mais perto de ti. – Já tiro o meu da reta.

– Que seja. – AC continua a falar. – E não foi nada mais justo. Dois partos normais por uma vasectomia. Era o mínimo que eu poderia fazer.

– Vocês poderiam cortar o mal pela raiz de outro modo. – André fala com os olhos rindo da situação. – Não usando mais. Aí não tem perigo mesmo.

Começamos a rir, até o AC, depois que disse que isso era fora de cogitação mesmo para a situação. Continuamos a conversar no canto, até nos chamarem para o meio da agitação. Bibi e Otávio, já corriam e caíam, atrás do Perereco e Fofinha, e a Sarah e o Yago já haviam sumido para dentro da minha cozinha, onde eu exigi um bolo de cenoura com cobertura de chocolate para a sobremesa.

Nosso bolinho é desmontando quando a Bibi e o Otávio passam correndo por entre nós. A folia começou cedo hoje. Mostramos toda a reforma para os nossos amigos. Realmente, o trabalho que o Théo, tio da Su e a sua equipe fez aqui em casa, foi de primeira. Parece que eu estou em outra casa, completamente diferente da que eu morei por tanto tempo.

– E este é o “quarto”? – Liv questiona, depois de entrarmos em um totalmente pintado de branco e sem nenhum móvel dentro.

Sim, esse é “o quarto”. Aquele que está esperando apenas um telefonema para ser preenchido. Olho para a Carla que confirma com um aceno de cabeça para a Olívia. Instintivamente, eu pego na mão dela e aperto de leve, pois eu sei como ela se sente todas as vezes que toca nesse assunto.

Ela está, há mais de um ano e meio na fila de adoção de um recém-nascido. E não tem previsão nenhuma de ser chamada. Pode ser amanhã, semana que vem, ou então... Bom, nesta opção nós nem pensamos. Temos fé e esperança que quando menos esperarmos vamos preencher esse quarto, de azul, rosa, ou qualquer cor que seja escolhida.

Tudo está liberado. A vontade, que chega a machucar, de ser mãe da Carla, e até a minha de ser pai novamente, as avaliações da Carla, o quarto, o amor, a felicidade.... Absolutamente tudo. Só estamos à espera da peça principal.

– Estes dias lembrei de vocês – André comenta. – Vi uma matéria de um casal que estava na fila para adoção e fizeram um daqueles ensaio de gravidez com os preparativos. Tipo, eles com os papéis da liberação. Uma com uma boneca nos braços, outro com um carrinho. Tudo que nos vemos nos books.

– Que lindo! – Exclama a Carla enquanto saímos do quarto e descemos as escadas.

– Deu uma repercussão grande nas mídias. E as fotos também ficaram lindas.

– Eu ainda estou ressabiado de fotos. Acho que aumentei o grau da minha lente em um grau de tantas que tiramos na viagem.

– Ahh, mas elas ficaram lindas. Eu estava espiando ontem. Aliás, cadê os álbuns, André?

– No carro, Princesa. Vou buscar.

– Otávio desce daí! Agora! – Elis grita no meio de todos e sai correndo empurrando o pessoal.

– Ai meu Deus! Bianca! Tu também, saí daí agora!

Olho para o Noah e a Su que trocam um olhar cúmplice.

– Agora eu entendi porque o AC fez aquela vasectomia...

Por Carla

Saio da sala deixando as crianças com a TV ligada em algum filme que elas acharam, volto para a rua, na beira da piscina, onde todos estão conversando sobre alguma coisa. Não encontro uma cadeira para eu me sentar, e acabo sentando na guarda da que o Luiz está sentado e contanto alguma coisa muito interessante para todos.

Automaticamente, assim que eu me sento ao seu lado, ele passa o braço pelas minhas costas e descansa a mão em cima da minha coxa. Um gesto tão comum, mas que até hoje eu ainda fico feliz cada vez que ele faz isso.

Em contraproposta, eu o abraço pelas costas e deixo o meu braço no seu ombro. Observo todos os casais a nossa volta e vejo que cada um tem o seu jeito de ficar. Liv e André de mãos dadas, Elis com as pernas em cima das do AC, que deixa as mãos ali em cima e às vezes, faz um carinho mínimo. E a Su bem encostada no Noah.

Todos amigos. Grandes amigos e companheiros em um nível de irmãos. E eu me sinto uma privilegiada por estar incluída neste meio. Todo o receio que eu tinha de extrapolar a linha entre patrão e funcionário, foi se extinguindo conforme o tempo passava.

Se antes eu inventava amigos para fugir de perguntas dos meus pais. Hoje eu chego a perder saliva de tanto que converso com eles, sobre qualquer assunto que possa vir.

Eu, Su, Elis e Liv formamos um quarteto, tão pior como o dos guris. Ainda mais quando a gente se junta para ir ao bar aqui perto e exageramos um pouco na bebida. Elas deixam as crianças com os pais, a Su, sempre a nossa motorista por não beber, passa aqui, me pega e só voltamos depois de fechar o bar.

Eu e a Elis sempre acabamos na pista de dança e quase matamos a Su e a Liv de rir da mesa em que ficamos. Vídeos são gravados e mandados para os telefones, que a vergonha alheia bate em todos que veem, de tanto mico que nós duas passamos. Chegar em casa é um trabalho à parte, e a ressaca no outro dia é motivo de chacota dos guris.

Eu geralmente sou a que mais sofro, já que o Luiz não é uma pessoa completamente normal. Ele faz questão de azucrinar a minha cabeça toda a vez que eu chego de porre em casa. Como usar o liquidificador, por tempo indeterminado, ou afinar o piano dele. É por puro prazer de me ver sofrer, para depois ter a desculpa para “cuidar de mim”, significando se grudar e não soltar mais.

Claro que eu me vingo, porque se nós saímos, eles também saem. E chegam a voltar pior que nós. Tanto que uma vez, tiveram que ligar do bar para eu ir buscar eles, já que nem com o pessoal fechando a conta, eles saíam. Trouxe o meu véio para casa, com ele reclamando e me chamando de traíra por ter buscado ele cedo demais.

Ahhh, meu véio teimoso!

Mesmo ele me incomodando todos os santos dias, eu não consigo ficar brava com ele mais

do que alguns segundos.

Desde que eu comecei a me envolver com o Luiz, a minha vida deu uma reviravolta, me deixou tonta, e eu nem tive tempo de me segurar para não cair. Simplesmente afundei neste poço de aventuras com ele e não consigo, e nem faço vontade, para voltar a me reerguer.

Minha vida ficou mais leve. Tudo ao redor parece mais simples do que antes realmente era. Todos os problemas que eu tinha, hoje eu penso neles e percebia que eram bobagens. Claro que um em si nunca irá ser bobagem. Ainda é uma cicatriz do meu passado que eu carrego e a vejo seguidamente. Porém, a aceitação dele, está cada vez melhor.

Eu ainda tremo nas bases quando penso na incapacidade de não poder ter filhos meus, mas já consigo aceitar isso bem melhor do que antigamente. E isto, é uma coisa e tanto para mim.

Devo, quase tudo que hoje eu consigo sentir, ao Luiz. Ele foi o único que me fez falar de todos os meus medos possíveis e impossíveis com esta questão. Me incentivou, e ficou ao meu lado sempre que eu precisei. Fosse depois de cada entrevista que eu fiz para dar início ao processo, ou até mesmo naqueles dias em que eu não acordava bem e ficava triste por ainda não ter uma resposta para o meu pedido de adoção.

Ainda mais acompanhando de perto o crescimento do Otávio e da Bibi. Sendo o Luiz, dindo de ambos, eu não poderia ficar de fora e apadrinhar estes dois de coração. E cada vez que eu via eles interagindo com as mães, ficava me imaginando de quando será a minha vez.

Às vezes, a espera, ansiedade e dúvida conseguem ser uma arma e tanto para decairmos por completo. E nestas horas, o Luiz agia com toda a maestria que só ele consegue fazer. Bastava algumas horas com ele para que eu me esquecesse de tudo a nossa volta e passasse a ficar encantada com o meu véio.

Sou sortuda demais por ter ele ao meu lado. Todos os dias, construindo um futuro juntos e não nos importando para todas as histórias que rolam sobre nós dois. Até porque eu sou a que vai dar o golpe do baú nele e tantas outras coisas que eu já “escutei”, em até eventos que fiz, por estar com o Luiz Lavorini.

No início eu até me sentia estranha em relação a tudo isto. Com a aproximação do Luiz com os irmãos, ele, e eu também, começamos a comparecer em eventos da escola. Já que ele também é um dos herdeiros. Então associações foram feitas e o baque foi instantâneo. Conteí com a ajuda da Lena e Vivi para superar cara um desses obstáculos. Nada melhor do que duas experts no assunto para me ensinarem a relevar tudo o que falavam a nossa volta, ou como diz a Vivi “deixa que falem, se eles soubessem que é o Luiz, iriam correr é léguas dele. Só tu, Carla, para aguentar ele!”. E eu ficava aliviada em saber disto.

Só eu para aguentar ele dançando de cueca colorida no meio da cozinha e cantando alguma música velha. Ou então tentando aprontar com os meus pais no tempo que passamos lá na casa deles enquanto a reforma andava por aqui, como ele está contando agora.

– Nem lembro quando foi, mas eu pensei: é hoje que eu pego os meus sogros. Devia ser quase uma hora da manhã, a Carla estava trabalhando no notebook e eu comecei quase pular na cama. Fazendo com que a cabeceira dela batesse na parede.

– Que dá para o quarto dos meus pais. – Incluo esse detalhe na conversa.

– Exatamente. Aí eu comecei a aumentar o ritmo.

– E eu a mandar ele parar. Só que eu não me liguei o que ele estava tentando fazer. Que no caso era matar os meus pais do coração. – Luiz solta uma risada e continua a narrar o fato.

– E a Carla naquele, “para Luiz” e eu comecei no “vai Carla”. E batendo a cabeceira na parede desenfreadamente. Aí eu dei um tapa na minha perna, que ficou vermelho por uns três dias, e essa aqui – ele aponta para mim – começou a gritar, “para seu louco”. E eu gritando junto.

– Em resumo da história. Quando nós descemos para tomar café no outro dia, no momento em que chegamos e a minha mãe olhou para nós, deixou o prato cair e o meu pai se afogou com o café.

– Coitados dos teus pais. – Olívia coloca a mão na boca enquanto todo mundo começa a rir da história.

– Só imagino a cara do teu pai, Carla! Ele que é todo certinho! – Elis ri daquele jeito que só ela conseguia.

– O Luiz começou a rir e eu a gaguejar para contar a história. Levei uma manhã inteira para conseguir dizer para ele que era loucura do Luiz. Minha mãe até chegou a perguntar se éramos praticante de sadomasoquismo.

– Cinquenta tons de Luiz. – Noah fala entre risadas.

– Eu não sabia onde me enfiar naquele dia. E o debochado aqui, quando olhava para mim começava a rir sem parar. Queria afogar ele na piscina aquele dia, ou pegar um tijolo daqui e jogar na cabeça dele, para ver se os parafusos voltavam para o lugar.

– Olha, eu espero que a Bibi não me arranje um genro como o Luiz, nunca! – André diz.

– Mas a pior, que eu até senti um pouco de vergonha, foi a da semana passada. – A mão do Luiz, volta a apertar a minha coxa e ele se inclina para falar. – Nem lembro o porquê eu liguei para a Carla...

– Para pegar o piso do banheiro de cima. – O lembro.

– Isso. E aí ela não me atendeu. Não deu uns dez minutos e o meu celular tocou e eu vi que era ela e atendi “oh guria, te arruma que hoje chegou o carregamento de viagra”. A linha ficou em silêncio...

– E tu já imaginou que tinha feito merda, não é? – Luiz acena para a Su.

– Era a Lúcia, a voz das duas é igual! E ela me respondeu “ah que bom que chegou, consegue umas para o teu sogro?”.

O riso geral quase chega a acordar a quadra toda.

– Ela mesma entrou na tua! – AC ria.

– Exatamente. E como dar continuidade a esta conversa? Tive que dar uma enrolada nela até passar o recado original.

– E no final o meu pai ficou sem o viagra dele.

Concluo a história, e todos riem.

Nada melhor do que estar com os amigos, em uma noite agradável.

.

– Essa foto ficou tão linda.

– Como todas as que tu viu anteriormente. – Olho para o Luiz, deitado no sofá ao meu lado.

– Não posso fazer nada que somos lindos desse jeito, o fotógrafo ótimo e a paisagem melhor ainda. – Entrego a foto em questão para ele.

– Denski's e Lavorini's em uma foto só.

Eu, Luiz, Luiza, meus pais e o Diego, no frio em uma rua da Itália.

Depois de muitas brigas e ajustes nós fomos à formatura da Luiza. Aliás, todos mesmo, já que o Noah e Su, queriam levar a Fofinha e o Yago para a Inglaterra visitar o pai dele. Elis e AC que não tiveram lua de mel, e nem desta vez tiveram, porque não conseguiram deixar as crianças com os pais dela. E o André queria fazer um curso rápido e nem desgrudar da Liv e da Bibi. Foi uma loucura. Parecia aquelas excursões de escola, confusão para todos os lados. Nós nos perdendo pelas cidades, para no fim tudo dar certo.

A formatura da Luiza estava linda. Emoção para todos os lados, Luiz passou boa parte da cerimônia chorando e não deixando eu sair do lado dele, um minuto que fosse. Até eu derramei algumas lágrimas quando os dois se abraçaram, antes de eu ser inclusa no abraço triplo.

E o André, fez questão de registrar todos os momentos que pode. Presenteou cada um dos casais com um álbum com fotos da viagem. Tem desde fotos com todos, a únicas e umas que nem vimos ele tirar. E como o Luiz já disse, eu estou achando uma mais linda do que a outra.

– Aposto que a minha mãe vai fazer um quadro desta e colocar na sala. E acho que eu também vou fazer isso. O que acha?

– Ótimo. Mas eu quero escolher uma também. – Luiz pega o álbum das minhas mãos e foleia até encontrar uma nossa.

Uma das que eu nem vi o André tirar. Na festa da formatura, onde o Luiz está atrás de mim, encostado no meu pescoço e eu com o meu rosto no dele. Tão linda que me faz olhar mais de perto a foto.

– Somos um casal e tanto, não é? – Vejo as nossas mãos enlaçadas na minha cintura, marcada pelo vestido que a Luiza fez para mim. Um vermelho vivo e em contraste com o terno preto do Luiz.

– O mais bonito de todos. Desbancamos a Angelina Jolie e Brad Pitt sem pensar duas vezes.

Rio do comentário dele.

– Mas vai dizer que é mentira? Eu sou fodão como ele, e tu, meu Deus, olha esse corpo, Carla.

Luiz alterna os olhos entre a foto e eu.

– Acho que essa foto nem faz jus a tudo isso.

– Sério? – Questiono com um sorriso no rosto, já sabendo onde essa conversa vai acabar.
Ninguém mais conhece o Luiz como eu. Ainda mais neste quesito em questão aqui.

– Muito sério. Tanto que eu preciso conferir novamente, só para saber se é tudo de verdade.

E depois disso, o álbum de fotos cai no chão. E eu, como sempre, entro na onda do Luiz como ninguém.

Parte 2

Luiz ronca nada delicadamente ao meu lado. Parece um trator velho, com o motor estragado tentando subir uma rampa alta. E o mais engraçado disto tudo, é que quando eu estou sozinha na cama, sinto falta desse barulho constante. Como esta noite, que eu acordei umas duas vezes no absoluto silêncio e escuro. Até para dormir, depois que eu cheguei do evento de ontem é mais complicado.

Agora eu entendo a minha mãe, quando ela fala que sente falta do meu pai roncando ao lado dela nos dias de plantão na delegacia.

Continuo na cama, com ele quase desmaiado ao meu lado, vi ele chegando do plantão, tomando um banho e já deitando a cabeça no travesseiro e começando a roncar, quase que imediatamente. Nem tempo de me agarrar ele teve. Caiu na cama já dormindo.

Me aproximo dele e beijo os seus cabelos antes de levantar completamente. E nem sinal dele se mexer. Saio do quarto, encostando a porta levemente e tomo um banho demorado. Deixo um bilhete na cozinha dizendo que já fui para a casa dos meus pais e espero ele lá para almoçar. Como fizemos todos os domingos.

Caminho a pequena distância de duas quadras e encontro a minha mãe no portão de casa.

– Bom dia, mãe. – Dou um beijo nela.

– Bom dia, filha. Tudo bem?

– Tranquilo, cadê o pai?

– Dormindo ainda. Ele estava de plantão essa noite. E o Luiz?

Sim, o genro amado, preferido e querido não poderia ser esquecido. Tanto que a mãe fica olhando para a rua à procura dele, para ver se vem atrás de mim ou está estacionando o carro.

– Então era os dois de plantão. Daqui a pouco ele deve acordar e vir para cá.

E ela solta um “ah” meio triste. Chego a revirar os olhos para o nada com isso. Para o Luiz, um bolo de aniversário feito em casa, todo enfeitado e com uma vela bonitinha. Para a Carla é um horrível, comprado na padaria na última hora, e ainda com aquelas velas que usamos quando se falta luz em casa, derretendo em cima da cobertura.

Até o Diego já notou isso. E quando ele vem para cá, não recebe a maioria dos mimos que o Luiz recebe. Até a Luiza está sendo mimada por ela e nós não!

Entramos e eu começo a fazer o almoço junto com a minha mãe. Nestes dois anos, percebo com mais nitidez que o tempo para os meus pais passaram mais que para mim. Vejo eles já se sentindo intimidados por tarefas simples, e cada vez mais me solicitando para ajuda-los.

E eu ajudo, sempre. Deixo de fazer as coisas para mim para fazer as deles. Conto com a compreensão do Luiz nestas horas também, e a sua ajuda quando eu não estou disponível. Ele nunca reclamou, e ainda comenta que gosta de fazer e me conta que se fosse o pai dele, ele também largaria tudo que estivesse fazendo para atendê-lo. A hora que fosse. Para levar aos médicos, ao mercado para comprar a mínima coisa que fosse, ou à farmácia em uma noite de chuva e frio para um remédio para a gripe.

- Estou preocupada com o Diego, desde antes de ontem que eu não falo com ele.
- Ele deve estar em alguma missão. – E percebo ela suspirar.

Sim, isso é mais preocupante de tudo. As missões armadas do Diego. Quando ele fica uns dois dias sem dar notícia e sinal de que estava entranhando no meio de algum ponto do tráfico de drogas. Então a tensão de todos aqui fica à mil. Esses dias, recebi uma ligação de um número estranho e já imaginei o pior.

Nunca fiquei tão feliz por ser uma atendente de marketing me oferecendo um cartão de crédito. Até aceitei, e nunca desbloqueei, de tão aliviada que fiquei naquele momento. O Luiz até rui da minha cara quando o cartão chegou e eu contei a história para ele.

- Vou mandar uma mensagem para a Luiza.

Pego o meu celular e pergunto se ela tem visto o Diego nos últimos dias e recebo a resposta em segundos.

Luiza: Vi ele chegar e assaltar a minha geladeira. Quando eu subir com as roupas dele eu o acordo para falar com vocês.

Sinto como se um pouco de peso fosse tirado das minhas costas momentaneamente. E quando falo para a minha mãe, vejo o mesmo semblante de alívio temporário.

Quem diria que o fato da Luiza estar morando no mesmo prédio do Di iria via a calhar em momentos como este? Foi uma felicidade imensa para todos nós quando ela, finalmente, cedeu à pressão e voltou para o Brasil. Claro que ainda não é na mesma nossa cidade, mas só o fato de estar no mesmo país, já é alguma coisa.

Luiz teve que arranjar tudo para a vinda da Luiza. Ela conseguiu a gerência de uma loja de roupas, da mesma que ela trabalhava na Itália. Claro que o seu pai se virou em mil para resolver tudo. Com o fato da Vivi não morar mais lá, e ter vendido o antigo apartamento, ele pediu para o Diego uma dica de qual seria uma boa região, segura e perto do local que ela trabalharia. E foi uma boa hora, já que havia vagado um pequeno apartamento de dois quartos no mesmo prédio dele.

E bobo o Luiz não é. Já pediu para o Diego manter os dois olhos na filha sempre que puder. Já eu, usei do contrário, peço para a Luiza olhar o meu irmão e me dar informações privilegiadas sobre ele. Os dois moram com alguns andares de diferença, e às vezes um assalta a geladeira do outro e trocam alguns favores.

Começo a fazer o almoço ao lado da minha mãe e ficamos conversando por um bom tempo. Como sempre fazemos. Escuto a porta da frente se abrir e alguém se aproximando de nós. Duas mãos me agarrando pela cintura e um corpo se grudando com o meu, em uma pegada forte.

– Bom dia, guria. – Sinto ele me aconchegando no meu pescoço e dou acesso para ele que esfrega o rosto com barba e distribui uns beijos.

- Bom dia. Dormiu bem?

– Só vim para cá para questionar o porquê do teu pai só mandar problema nos meus plantões. Nunca dei tanto ponto na minha vida como essa noite.

– Bom dia, Luiz. O Rogério deve estar acordando, o almoço está quase pronto.

– Olá, minha sogra, está fazendo o que de almoço hoje? – Ele pergunta como uma criança faminta à espera do seu prato favorito.

– Aquela receita que a Nilza me ensinou.

Luiz me solta tão rápido que eu chego a sentir o vácuo me puxando. E com isso eu perco ele para a minha mãe por um bom tempo.

Meu pai não demorou muito para descer as escadas e almoçamos todos como uma família. Meu pai assume a louça, minha mãe sobe para um cochilo e eu e o Luiz nos sentamos nas espreguiçadeiras do pátio para aproveitar o solzinho. Temos duas, mas nada supera o fato de dividirmos uma.

– Como foi o trabalho? – Luiz afasta os meus cabelos e eu deito em cima dele.

– Corrido. Até a Bibi foi para lá essa noite.

– Todas as crianças? Como vocês sobreviveram?

– Era um chá de panela do casamento do mês que vem. Deixamos a cama elástica e a piscina de bolinha naquele canto da cozinha e deixamos eles brincando por ali. A Fofinha e Antônio estavam lá cuidando do Otávio e Bibi.

– Só imagino o cuidado deles com os pequenos.

– Foi tranquilo. Só não sei como a Elis e a Su deve estar com eles. O Antônio roubou uma caixa de doces e levou para eles comerem escondidos dentro entre as bolinhas. Percebemos isso depois do Otávio e a Bibi estarem com chocolate por todo o rosto e cabelos. Devia ter uns quarenta docinhos naquela caixa.

– Meu Deus. – Luiz ri e me abraça. – A Bibi deve ter se fartado de chocolate. Isso que a Liv andou proibindo o André de dar qualquer doce para ela em casa. Não sei quem ficou mais triste, se a Bibi ou o pai dela por também ser cortado na história.

– A briga é grande.

– Falando em Bibi, te disse o que aconteceu naquele dia que a Liv levou ela lá em casa? – Aceno que não com a cabeça. – Quando elas chegaram eu estava na piscina nadando um pouco. Aí saí e ela se agarrou na Liv e começou a chorar desesperada.

– Coitadinha. Por que?

– A minha tatuagem. Ela ficava apontando para mim e dizendo “bixu”. Levamos um bom tempo para entender que era o dragão. Aí a Liv teve que dizer que era uma tatuagem, igual as do pai dela, mas ela não gostou muito da história. Até eu colocar a camiseta, ela olhava desconfiada para mim.

A conversa continuou com o sol nos aquecendo, até que em algum momento nos dormimos nas espreguiçadeiras. Acordamos no meio da tarde e viemos para casa de mãos dadas pelo caminho.

E assim vem sendo a nossa rotina. Aproveitando cada minuto que estamos juntos, e também, com as pessoas que nos fazem bem, como as nossas famílias (mesmo com o Luiz ainda

um pouco distante deles), nossos amigos em comum e o trabalho, tanto o meu nos eventos como o do Luiz no hospital e no asilo com os seus velhos.

Às vezes, nós ainda vamos ao bar perto de casa para dançar e beber um pouco. Luiz me persuadiu até a cantar no karaokê junto com ele, e fomos aplaudidos pelo público que havia no momento. Eu acredito que eles fizeram isso para nós sairmos do palco de uma vez e deixar os ouvidos deles em paz.

Voltamos para casa bêbados, tropeçando e caminhando pelas calçadas. Dependendo do estado etílico que nos encontramos, até dançamos embaixo de algum poste no meio do caminho, felizes da vida por estarmos juntos naquele momento.

Talvez a tão sonhada felicidade em casal seja esses simples momentos. Aqueles em que o tempo passa rápido demais para nos preocuparmos se alguém está vendo o nosso mico no meio da rua. Ou então, deitados no sol na casa dos meus pais após almoçarmos em um domingo de preguiça. Felicidade não é um estado contínuo, e sim um conjunto de ações que acontece sem percebemos e nos trazem um sorriso ao rosto sem mesmo notarmos.

E com base nisto, eu posso dizer, com todas as letras que a sentença possui: eu estou feliz. Morando com a pessoa que eu amo, que me ama na mesma intensidade e, ao modo dele, faz questão de ter estes rompantes de felicidades comigo sem se preocupar no que os outros vão pensar e falar de nós.

Luiz, que está sentado e mexendo no seu notebook, coloca uma música e começa a cantar emocionadamente junto com a cantora, Like A Virgin. Ele levanta e começa a dançar na minha frente, focando os olhos no meu e interpretando a música em cada trecho. Começo a rir, e isso faz com que ele se aproxime de mim. E quando o seu corpo cola no meu, ele canta no meu ouvido, como se quisesse me seduzir.

E eu me deixo seduzir por completo.

A música acaba e começamos a nos beijar. Começando com uma coisa lenta, até a loucura completa. Luiz me prensa contra a primeira parede que ele encontra e as suas mãos começam a subir o meu corpo.

Não fico atrás e começo a tirar a sua camiseta de qualquer forma e atirar no meio da sala, ou seja lá qual cômodo nós estamos. Não consigo pensar nestes detalhes nesse momento. Uma das vantagens de se morar junto e sozinhos, podemos fazer o que quisermos e onde quisermos, sem dar satisfações para ninguém, ou ficar preocupados de alguém aparecer e acabar o clima.

Clima aliás, nós sabemos como esquentar como ninguém. E também...

– Já disse que vou quebrar este teu telefone? – Luiz ofega no meu ouvido quando escutamos ele tocando ao fundo.

Gemo e tento retomar o clima, mas o barulho incessante não deixa ninguém se concentrar aqui.

– Dois minutos. – Digo e o empurro para que me descolasse da parede que estamos.

Luiz dá um passo para o lado e se escora olhando para ele mesmo. Literalmente para uma parte do corpo dele em “evidência” neste momento.

– Um minuto. Não vou desperdiçar isso à toa. Não é sempre que conseguimos sem remédio assim.

Saio rindo da cara dele. Quem vê ele falando essas coisas, até pode acreditar que ele precise de algum estimulante ou algo do tipo. Mas eu posso confirmar para qualquer pessoa do mundo que isto não é preciso. Em nenhuma ocasião.

Pego o meu telefone e estranho o código de área. Penso duas vezes antes de atender ao invés de ignorar. Pode ser mais um vendedor de cartão de crédito querendo me pegar no desespero mais uma vez. Porém uma coisa a mais me faz atender essa ligação.

– É do telefone da Carla Denski? – Escuto uma voz, com um sotaque diferente e chego a ficar estática por alguns segundos. – Alô?!

– Sim, é do telefone dela. Quem gostaria?

Luiz chega mais perto de mim, notando a minha expressão.

– Quem é? – Ele murmura e eu dou os ombros.

– Carla, aqui é do juizado de menores. Estou entrando em contato contigo sobre um pedido de adoção de um recém-nascido.

Coloco a mão no meu peito, e sinto como se o meu coração fosse sair para fora dele com estas duas frases.

Parte 3

Por Luiz

Volto para a mesa equilibrando dois copos de café quente. Tive que deixar um dos meus rins e um pedaço do fígado, um pouco comprometido pelo álcool, para pagar as bebidas. Quem é a santa pessoa que cobra um absurdo de valor em um simples café em um aeroporto?

– Não mãe, não faz nada ainda. – Coloco o copo em frente à Carla e me sento a sua frente, tentando enxergar o painel na nossa frente e ainda constatar que o nosso voo está atrasado.

Essas últimas horas foram uma loucura.

Depois que a Carla desligou o seu celular, com o convite de comparecer, portando os seus documentos e os papéis do pedido de adoção o mais breve possível, nada mais foi calmo. Depois de chorar, rir e gritar pelo meio da casa, enquanto eu tentava entender o que estava acontecendo ela me explicou.

Vi tanta felicidade nos olhos dela que nem me contive de chorar abraçado nela depois que soube da notícia. Meu peito se encheu de amor e orgulho por esta mulher que eu sei que será a melhor mãe que essa criança, que nos aguarda, irá ter.

Como eu sempre disse, serei apenas um personagem secundário desta história que se iniciou há um tempo. O desejo, tão vívido no interior da Carla era tão intenso, que nem ela conseguia entender o que o seu coração pedia. E eu, fiquei nos bastidores, pronto para entrar em cena quando chegasse a minha vez. Coloquei a Carla em sintonia com ela mesma para se escutar e agora ela está pronta para começar a segunda parte do ato, e eu entrar em cena.

O mérito jurídico todo vai ser dela, inclusive o sobrenome da criança, já que não somos oficialmente casados. Uma mera formalidade da sociedade, já que para nós, não vai ser um simples papel que irá nos fazer menos pais. Assim como o Noah nunca se sentiu menos pai do Yago e a Elis, menos mãe da Sarah, até todos formalizarem a adoção depois de casados.

– Pode deixar, mãe.... Não, o Luiz está aqui comigo.... Não compra nada ainda, se precisarmos, eu ligo e aviso. Não mãe, eu tenho certeza... – Ela olha para mim e revira os olhos com um sorriso. – Não consegui falar com o teu filho, mas já avisei a Luiza, se ela ver ele vai intimar ele para me ligar. Eu sei, mãe. Eu estou bem. Tu e pai se acalmem aí que eu fico bem aqui também... Eu ligo quando chegar. Ok, pode deixar.... Tchau.

Ela desliga o telefone e antes de falar alguma coisa toma um pouco do seu café.

– Bom saber que eu não sou a única nervosa nesta situação. – Carla levanta os olhos para mim e sorri por trás da sua caneca.

– Acho que eu estou mais nervoso do que quando a Jo entrou no hospital para ganhar a Luiza. Ficava pensando na minha cabeça que ainda não estava pronto para ser pai e que ainda faltava muita coisa para arrumar para a chegada dela. E olha só, vinte e quatro anos depois, eu ainda tenho a mesma sensação.

– Com o bônus adicional que não temos nada mesmo. – Completa e esfrega as mãos para espantar o frio do ar-condicionado no polar na sala que estamos. – E eu também acho que não estou pronta para ser mãe. Achei que ainda fosse esperar mais uns bons anos pela frente antes de

acontecer.

Pulo uma cadeira e abraço a Carla pelos ombros. Ela se deita no meu peito e suspira enquanto eu beijo os seus cabelos.

Confesso que também achei que chegaria a ser avô primeiro, por parte da Luiza, antes de ser pai novamente. A burocracia no nosso país, às vezes é desmotivador e nos mata de tanta espera. E o mais irônico de tudo é o número de crianças esperando para serem adotadas.

Tantos casais, como eu e a Carla, na fila. Seja por um recém-nascido ou um de qualquer faixa etária. Como eu já havia falado para a Carla há alguns meses, se a de um pequeno passar de três anos, vamos partir para um de qualquer idade e continuar na fila para um pequeno. Pretendo ensinar a criança a andar de bicicleta pelo pátio lá de casa, ou então, a dirigir quando chegar a hora. E para isso eu preciso não estar tão velho, caduco e de preferência, caminhando sem a ajuda de uma bengala.

Coloco a minha mão junto com a da Carla, e a puxo para beijá-la. Ela sai do meu peito e me olha. E eu aproveito a brecha para dizer tudo que eu sei que irá acontecer.

– Tu será uma ótima mãe, Carla. Eu tenho certeza e vou estar ao teu lado em todos os momentos. Desde os dias que ele vai chorar dia e noite a ponto de nos deixar loucos para tentar descobrir o que é, aos dias que esta criança vai brincar e sorrir junto com a gente.

Ela sorri para mim e eu continuo.

– Não vai ser fácil, gurua. Isso eu posso te afirmar, mas te prometo que vai valer a pena. Todas as noites sem dormir, as brigas, as artes no meio da casa, tudo vai ser compensado de um jeito ou de outro. – Ela limpa uma lágrima que cai. – E tu vai errar, nós vamos errar, eu errei, e muito com a Luiza. Mas vamos aprender a corrigir esses erros, todos os dias vamos aprender uma coisa nova sobre essa criança e dar o melhor de nós para que ela seja amada e cuidada com tudo que ela merece. Amor, respeito, afeto e confiança. Ela vai ser abençoada por te ter como mãe.

– E tu como pai, assim como a Luiza. – Sorrio para ela.

Carla me abraça novamente.

– Obrigada. – Ela murmura. – Obrigada por estar ao meu lado hoje. E todos os dias. Não sei o que seria de mim sem tu estar ao meu lado.

Ela sai do meu abraço e eu a puxo para um beijo.

Sua mão encosta no meu rosto e eu sinto os meus olhos se inundando de lágrimas. Tudo por conta do que ela disse, já que eu tenho uma ideia bem vívida na minha mente do que seria de mim sem ela estar ao meu lado. E agradeço todos os dias por ela estar aqui.

– Eu te amo, gurua. – Digo quando ela se afasta do beijo.

– Eu também, meu véio. – Dou outro beijo rápido nela e vejo que mudaram o status do nosso voo.

Apenas a viagem que vai mudar três vidas.

Por Carla

Caminho de um lado para o outro enquanto o Luiz mexe no telefone. Ele deve estar atualizando o pessoal da nossa situação. Já que eu, quando fui escrever errei tudo e o Luiz teve que traduzir depois.

– Vai fazer um buraco no chão daqui a pouco.

– Olha quem está falando com esta perna inquieta aí. – Coloco a mão em cima da perna do Luiz, que continua a se mexer.

Sento ao seu lado e ele caça a minha mão para apertar em sinal de apoio.

Chegamos aqui, a Luiza nos buscou no aeroporto e nos trouxe direto para o endereço que me passaram no telefone. Nem parece que há poucas horas estávamos no sol, dormindo na espreguiçadeira no pátio dos meus pais.

Agora estamos em outro estado, em uma sala, esperando alguém, que eu não sei quem seja para que ele possa nos dizer como proceder. A pasta com todos os meus documentos está ao meu lado e quando a porta se abre, eu chego a derrubá-los no chão de tão nervosa.

Um homem chega e já começa a analisar todos os meus documentos. E depois, ele olha para mim e o Luiz, sem expressão nenhuma e sai da sala sem dizer mais nada além de um.

– Vocês têm contatos importantes...

Olho para o Luiz e ele dá os ombros para mim.

– Sou inocente. E estou tão perplexo como tu com o que ele disse.

E eu volto a me levantar e caminhar pela sala.

Ficamos um bom tempo esperando novamente, até alguém aparecer e começar a nos explicar o que estava acontecendo aqui. Fomos avisados que a criança, nasceu recentemente e devido a “circunstâncias”, como ele se referiu, foi posta à adoção.

Eu sei que eu deveria perguntar do porquê ela ser de outro estado. O certo não seria ser do mesmo nosso? Mas não me levem à mal, não quero levantar perguntas que gerarão dúvidas e impeça isto de acontecer. Por mais que eu esteja nervosa e com medo, minha vontade de ser mãe fala mais alto do que qualquer lei dos homens.

Por alguns instantes, deixo de ser racional e passo a ser emotiva. Coloco meu coração acima de tudo o que está acontecendo aqui. Quero voltar para casa com uma criança nos meus braços, independentemente de onde ela seja.

Ele não soube nos informar nada mais do que isso. Estado de saúde da criança, exames que fizeram ou além destas poucas palavras vão ter que ficar para as próximas pessoas que virão falar com a gente.

– Eu posso dar uma autorização para o hospital liberar a vista de vocês, antes de assinarem tudo.

– Por favor. – Quase avanço no cara quando ele me diz isso, e a mão no meu ombro, do Luiz, me impediu de fazer isso.

– Vocês já podem ir pensando em um nome que amanhã, o juiz liberará a certidão de

nascimento.

– Obrigado. – Luiz fala mais contido, mas conhecendo ele, sei que está tão nervoso como eu.

Nos atiramos no primeiro táxi que encontramos na rua. O horário de visita do hospital já se encerrou há muito tempo, mas eu precisava conhecer a pessoa que iria passar a fazer parte da minha vida daqui para frente. Entramos correndo e, só depois de um bom tempo é que fomos liberados para subir até a maternidade.

Foi a caminhada mais longa da minha vida. Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu andava de mãos dadas pelos corredores com o Luiz ao lado. Por alguns instantes, eu me recordei da época em que eu estava grávida e já gostando da ideia de ter uma criança dentro de mim.

De tudo que eu iria fazer para ela. Todos os planos que eu fiz naquele pequeno período de tempo, e os pós, depois que o perdi. Tudo aquilo, como uma onda gigante me inunda neste momento, com a possibilidade deles se concretizarem futuramente.

Uma enfermeira nos recepciona e eu deixo a parte social para o Luiz. Somos encaminhados a uma sala reservada com um sofá. E mais uma vez aguardamos.

– Acho que até o fim do dia eu vou desidratar. – Digo.

– Vai sim. Vai acabar com a seca deste estado. Eles vão te agradecer por isso, Carla.

E eu rio. Como sempre, o meu Luiz consegue me fazer rir nos momentos em que eu não esperava.

Suspiro e me abraço nele. Suas mãos vão para a minha cabeça e ele encosta a testa na minha.

– Mamãe. – Murmura. – Mamãe, Carla. A mais bonita de todas. Acho que vou ter que voltar para a escola, só para os pais não ficarem de olho em ti. Uma vez quase me atraquei de soco em um que cantou a Joana em uma reunião.

– Tu já quase te atracou com um no bar ano passado. Não precisa fazer de novo.

– Faça mil vezes. – E ele me beija. – Ninguém canta o que só eu posso cantar.

E neste momento a porta se abre.

Meu coração para quando eu vejo a enfermeira com um bebê minúsculo nos braços. Coloco a mão na frente do rosto e desato a chorar com vontade. O alívio de ser mãe, misturado com a ansiedade e o medo me detonaram com toda a força que eu não consigo me segurar.

Estendo os meus braços para a enfermeira que coloca a criança, envolta com um cobertor com o emblema do hospital, nos meus braços. Luiz aconselha que eu me sente, para que não desmaie no meio da sala com os braços cheios.

Coloco os olhos no bebê e me apaixono à primeira vista. Os cabelos escuros, o rostinho perfeito e delicado e as mãozinhas pequenas e fechadas.

– É guri ou guria? – Luiz, que sentou ao meu lado pergunta.

– Menino. Dois quilos e meio e quarenta e nove centímetros.

– Ele é perfeito. – Digo entre um soluço e outro.

Coloco a minha mão sobre o seu rostinho e ele abre os olhinhos castanhos para nós. A enfermeira pede licença e sai da sala.

– Olá, bebê. – Luiz fala se aproximando de nós. – Não vejo a hora de te levar para casa com a gente.

E eu não consigo falar de tão emocionada que eu estou. Fixo o meu olhar nele e nada mais no mundo importa neste momento, além da nossa pequena família que fica na sala.

– Posso segurar ele um pouco? – Luiz questiona e eu respondo que sim.

Entrego o nosso filho para ele e limpo as minhas lágrimas, que já encharcaram as mangas da minha camiseta.

– Então, guri, como vamos te chamar? A mamãe já tem algum nome em mente?

– Henrique. – Digo. – Henrique Denski.

– Prefiro mais Henrique Denski Lavorini. Mas por enquanto deixa só o Denski mesmo. Ninguém vai resistir ao charme dele só sendo um Denski, imagina se colocar o Lavorini junto, as recém-nascidas vão fazer fila para ficar no berço ao lado dele.

E eu misturo as minhas lágrimas com a felicidade que estamos sentindo nesse momento.

O período que tínhamos para a visita acabou e tivemos que deixar o pequeno no berçário. Me despedi dele com mais lágrimas nos meus olhos, um beijo nos seus cabelos finos e a promessa que voltaria em poucas horas para levar o Henrique para a casa com a gente. E principalmente, como nosso filho. Voltamos para o apartamento da Luiza, onde ela e o Diego nos esperaram acordados, mesmo já sendo madrugada alta já.

– Parabéns, Patotinha. – Diego me aperta em um abraço de quebrar as costelas e de me levantar do chão. – Tu vai ser uma mãe incrível, como eu sempre soube que tu seria.

– Obrigada, Di.

Ele beija a minha testa e quando me solta, a Luiza se atira nos meus braços, me fazendo cair no sofá atrás de nós.

– Parabéns, Carla! Não vejo a hora de conhecer o meu irmão. Eu vi a foto que o pai mandou, ele é tão fofo! Tenho que comprar mil roupas e fazer uma linha exclusiva para ele.

– E pode começar a fazer, – Luiz se junta a nós duas no sofá, nos esmagando, fazendo um sanduíche com recheio de Luiza. – O Henrique não tem nada. Nem uma fralda para ele sair do hospital.

– Deixa comigo, pai! Amanhã mesmo esta criança já vai ter um enxoval completo!

– Calma, que se depender de ti vamos com excesso de bagagem. Vamos comprar o básico e lá em casa o resto. A Lúcia vai querer comprar algumas coisas para o neto.

– Algumas? – Diego fala. – A mãe já está na porta do shopping esperando ele abrir para comprar tudo que ela ver na frente. E o pai junto.

– E o quarto! – Luiza exclama. – Vocês têm que projetar um quarto para ele!

– Já sei. Caso tu não saiba, eu já tive uma filha, e sei o que eu tenho que fazer quando chegar em casa.

– Tem uma filha, maravilhosa, ainda por cima, pai. Mas agora tu, ou melhor, vocês, têm um filho! Ai eu mal posso esperar para conhecer ele.

E eu fico tonta com tantas conversas paralelas ao meu redor. Luiza surtando sobre tudo o que o Henrique vai precisar para quando chegar aqui e o Diego “cobrando” responsabilidade do Luiz, já que agora temos um filho e vivemos em pecado. Pobre criança.

Ligo para a mãe e fico mais tonta com a gritaria que ela faz. Capaz de ter um ataque cardíaco quando eu chegar em casa com ele. Aviso que ainda temos que resolver algumas burocracias, mas assim que tudo estiver liberado voltaremos para casa.

Meu telefone não para de apitar de tantas mensagens de todos os nossos amigos. Até um áudio da Bibi, Fofinha, Otávio e Antônio eu recebi deles dizendo que não viam a hora de o “Rique” chegar em casa para todos poderem brincar juntos. Sarah já está planejando uma festa, junto com o Yago, e o pessoal vibrando com a nossa felicidade.

Luiz me obriga a dormir algumas horas até as repartições que precisamos visitar agora abrirem. Deito na cama e me agarro nele.

– Estou excitado demais para dormir. – Olho para ele. – Não neste sentido, mesmo o telefone tendo estragado a nossa brincadeira mais cedo. Mas de estar acelerado e eufórico.

– Eu também. Será que amanhã ele já voltará com a gente?

– Não sei, espero que sim. – Ele me aperta. – Sempre soube, e tive a confirmação de que a adoção funcionava, depois que conheci o pessoal. Mas viver a experiência é mais emocionante. Não esperava que eu fosse ter sentimentos tão fortes de volta assim.

– E eu de que poderia me apaixonar por alguém à primeira vista.

Luiz olha para mim sério.

– E isso não aconteceu com a gente?

– Não, a primeira vez que eu te vi, tu estava bêbado, e ainda falou mal da minha pretinha. Te detestei e queria te irritar naquele dia.

Ele para e pensa um pouco.

– Eu não lembro muito desse dia, estava bebaço mesmo. Mas lembro do segundo, na despedida de solteiro do AC. Tu estava soltando fogo pela respiração e eu achei isso interessante.

– Viu como não foi à primeira vista?

– Não importa em qual vista que foi, ainda mais a minha que é quase cego.

– O que importa é que estamos juntos. Eu, tu e agora o Henrique.

– Que assim seja!

Olho para o Luiz e me perco na promessa dos seus olhos que daqui para frente tudo que virá, será a melhor história de todas.

Parte 4

Abro os olhos no susto e dou um pulo na cama. Carla geme ao meu lado e chega mais perto de mim. Sua mão repousa embaixo da minha camisa do pijama sobre a minha tatuagem e uma perna no meio das minhas. Beijo a sua cabeça, escorada no meu peito, tomo uma respiração funda quando olho para o lado e encontro o Henrique dormindo profundamente no seu berço.

Olho no relógio, que tivemos que colocar no quarto para controlar o horário de amamentação dele, e vejo que está quase na hora dele acordar e reclamar o que é seu por direito. Fecho os olhos, por mais minutos, ainda tentando reunir coragem para levantar, descer as escadas e aprontar o aparato para ele mamar.

A Carla resolveu que queria ter a experiência completa, e isso inclui o ato de amamentar no peito. Então desde que voltamos para casa, iniciamos o processo de translactação. Que inclui alguns medicamentos que ativam os hormônios da Carla a produzirem leite e associado com a estimulação do Henrique. Com uma sonda de alimentação nasogástrica, onde, uma ponta fica imersa em um recipiente com o leite, que conseguimos no banco do hospital, e a outra parte, colada no seio dela e a ponta justada ao local onde o Henrique irá sugar. A sucção que ele fizer fará com que o leite seja ingerido e a Carla receba a estimulação para a produção de leite.

Uma maravilha e que já tem dado algum resultado. Tanto já começamos a reduzir a ingestão do leite doado para o dela próprio, e se não se cuidar, começa a vazar para as suas roupas. E até a sua produção se firmar continuamos com o trabalhão de que dá para ajustar em cada hora de amamentação. Mas tudo é compensado com a cena mais linda de todas, uma mãe amamentando o seu filho. Optamos por não induzir mamadeiras ou compostos fabricados para o leite. O Henrique está sendo amamentado como se deve e a Carla, mesmo cansada, adora fazer isto. Ela diz que é a coisa mais perfeita de todo o mundo. E eu concordo quando vejo a interação deles. Fico com um pouco de inveja, mas a interação, nos primeiros meses entre mãe e filho sempre é mais forte do que com o pai. Carla começa a falar longe dele, e o Henrique já fica atento para saber onde ela está.

E por falar em trabalho, incrível como uma pessoa com menos de cinco quilos e um pouco mais de meio metro consegue mudar a vida de cabeça para baixo. Nem comento da correria para conseguir montar o quarto, comprar roupas e outras coisas de necessidade básica, isto todo mundo já sabia que iria ser um Deus no acuda. Mas falo do resto, a mudança completa de rotina, tanto a minha como a da Carla. Ela está sem trabalhar, claro, eu reduzi para um plantão por semana, só saio de casa para atender os meus velhos e no consultório. E mesmo assim, nos primeiros dias, quando acabava, ia direto para casa. E a Carla, nem colocava o nariz para fora de casa.

Nós parecíamos dois zumbis dentro de casa. Quando o Henrique dormia nós dormíamos juntos, e ficávamos felizes quando conseguíamos dormir mais de quatro horas por noite, e que ainda interrompidas a cada vez que ele soltava um pio que fosse.

E o Sr. Henrique, aprontou todas com a gente aqui. Até nós pegarmos as “manhas” e “personalidade” dele, apanhamos bastante. E quando conseguimos ajustar as horas de sono dele com as mamadas, a Carla deu uma pequena surtada. Coisa básica, que eu também passei com a Joana quando a Luiza nasceu, e depois vi o André passar com a Liv.

A separação, nem que seja por algumas horas entre mãe e filho. Claro que mais puxado para a mãe, óbvio. Não que eu goste de ficar longe dele, longe disto. Quando saio de casa, já fico contando as horas para eu voltar para casa para os dois. Mas no caso da Carla, a coisa foi um pouco pior. E perigoso para a vida da pessoa que estivesse por perto.

A primeira vez que eu sugeria para que ela, pelo menos voltasse a andar de bike, por nem que seja meia hora, recebi um olhar tão mortal que me preparei para um ataque cardíaco naquele momento. Então recuei um passo e me aliei a minha sogra, nada melhor do que isto.

Lúcia está aqui todos os dias, disse para ela que vou colocar um relógio ponto aqui em casa para ela bater todos os dias e pagar por direitos trabalhistas. E brincadeiras à parte, como isto auxiliou. Muito. Na hora do aperto a avó vinha e acalmava as coisas entre nós e o Henrique fazendo a tradução perfeita.

Depois de unirmos forças, ela me ajudou a “cortar o cordão umbilical” de uma vez. Simplesmente chegou um dia para nós, depois que eu havia feito ele arrotar e a Carla tomado um banho de vômito, e disse para nós: vou levar o Henrique para casa, daqui há duas horas eu volto com ele.

Eu fiquei quieto, no meu canto, já conhecia a fera que morava comigo, mas a Carla surtou. E quando a Lúcia olhou feio para ela, já colocando a bolsa dele no ombro e pegando a criança do meu colo, a Carla teve que abaixar a bolinha dela e ainda abrir a porta para eles saírem.

Aí o alvo fui eu, deixei ela me xingar de santo para baixo. Não se discute com hormônios florescendo de uma mãe leoa longe do seu filhote. Virei o único alvo e depois que ela acabou a munição eu reagi. Me levantei, abracei ela e a beijei. Isso a fez chorar por quase meia hora, e eu a acalmei e conversei que isto não era o fim do mundo.

A separação dos dois iria acontecer de alguma forma. O Henrique iria crescer e não ficar enfurnado em uma bola de plástico sem contato com o mundo externo. Também, um dia, a Carla voltaria a trabalhar e teria que deixar ele comigo ou com alguém. Depois de muita conversa, choro e briga, ela aceitou. E ainda me disse que eu era muito forte por ter a Luzia longe de mim deste jeito. Eu que o diga. Eu que o diga...

Depois deste episódio, e com a Carla mais tranquila, ela já consegue ficar algumas horas longe do Henrique. Não que ela goste muito ou não fique mandando mensagem a cada dois minutos. Quando a Su precisa, ela faz algum trabalho externo, já voltou com a rotina de andar de bicicleta e, quando a tarde está bonita, até damos uma volta na sua moto, para não descarregar a bateria por completo. Um avanço e tanto.

E ontem, saímos de casa com ele. Não foi um passeio descomunal, apenas fomos para a casa do AC comemorar a sua promoção de gerente da agência. É como dizem, a justiça tarda, mas não falha. E no caso dele foi isso que aconteceu, depois de muita dor de cabeça com o seu processo contra a antiga gerente, tudo acabou da melhor forma possível. Ela sendo demitida por justa causa e, depois de algum tempo, o AC, ou melhor, o gerente Arthur Caetano, teve o seu trabalho reconhecido e valorizado como devia. E ele disse que não poderia comemorar nada, sem a nossa presença.

Então, fizemos uma mala para o Henrique, colocamos ele na cadeirinha do carro e fomos para lá. Ele foi o centro das atenções das crianças. Com os olhos bem abertos, querendo entender

o que se passava na sua volta, às vezes ele dormia como um rei, e minutos depois volta a ficar ativo e tentando comer as próprias mãos. E isso foi a noite toda, enquanto eu e a Carla conversávamos ele se entretia sozinho ou com a ajuda de alguém.

Voltamos para casa já com ele começando a ficar impaciente com a demora de mamar. E até prepararmos tudo, ele já estava gritando para toda a quadra escutar que ele estava com fome.

Volto a abrir os olhos e me desvencilho da Carla que se vira para o outro lado. Levanto da cama e vou até o berço onde ele dorme calmamente. Meu coração chega a transbordar de amor por este pequeno que anda roubando o meu espaço na cama quando eu estou de plantão. Estes dias ele ainda teve o peito de reclamar quando eu mudei ele para o berço com um resmungo.

Me aproximo dele e aproveito para trocar a sua fralda antes que ele acorde e comece a chorar. Faço o trabalho com uma habilidade que eu descobri que é como andar de bicicleta depois de um longo tempo se fazer isso. Basta um treino rápido para ficar expert contra jatos de xixi quando se tira a fralda. A Carla já levou bem mais mijada que eu, no placar eu estou ganhando disparado.

Beijo a cabeça do meu filho, que suspira e caminha para o corredor onde eu vejo a lâmpada acesa. Fico intrigado com isto, porque a Carla detesta iluminação enquanto dorme e já vem desligando todas as luzes de quando sobe para o quarto. Salvo agora que sempre temos um abajur fraco ligado para ficar cuidando o Henrique.

Vou até o interruptor e quando aperto para desligar a lâmpada, ela ainda fica acesa. E então sinto um arrepio passando pelo meu corpo.

Fecho os meus olhos e sinto uma brisa, de leve, tocar o meu rosto. Quando reabro eles, olho para as janelas ao meu lado e noto que todas elas estão bem fechadas. Tomo uma respiração profunda e, depois disso, o meu corpo inteiro se tenciona com o leve cheiro de perfume que eu sinto no ar.

Um perfume que, mesmo não o sentindo há mais de quatorze anos, eu nunca conseguiria esquecer. O mesmo que eu senti durante toda a minha infância e adolescência e que me fez apaixonar por ela: Joana.

Fico parado tentando aproveitar a sensação de leveza e paz que toma conta do meu corpo por este momento. A lembrança dela sorrindo e rindo para mim toma conta da minha mente mais uma vez com um tom de lembrança tão pura, que eu sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto quando me lembro de um texto que eu li em algum lugar há poucos dias atrás.

"...a morte não é nada. Eu apenas passei para o outro lado: É como se estivesse escondido no quarto ao lado. Eu sou sempre eu, e tu és sempre tu. O que éramos antes um para o outro ainda somos. Liga-me com o nome que você sempre me deu, que te é familiar; fala-me da mesma forma carinhosa que tens usado sempre. Não mude teu tom de voz, não assumas um ar solene ou triste. Continua a rir daquilo que nos fazia rir. daquelas pequenas coisas que tanto gostávamos, quando estávamos juntos. Reza, sorri, pensa em mim! Que o meu nome seja sempre uma palavra familiar.... Diga-o sem o mínimo traço de sombra ou de tristeza. A nossa vida conserva todo o significado que sempre teve: É a mesma de antes, há uma continuidade que não se quebra. Por que eu deveria estar fora dos teus pensamentos e da tua mente, apenas porque estou fora da tua vista? Não estou longe, estou do outro lado, na mesma esquina. Fica tranquilo,

está tudo bem. Vou levar o meu coração, daí acharás a ternura purificada. Seca as tuas lágrimas e se me amas, não chores mais, O teu sorriso é a minha paz"

A luz pisca diversas vezes me trazendo de volta para cá. Uma nova lágrima desce do meu rosto e eu a seco. Falo, para mim mesmo, que elas não são de tristeza ou de saudade, e sim de agradecimento por ter alguém, que mesmo longe de mim, ainda me cuida e me acompanha para onde eu for.

A morte não é um final, como eu pensava que eu fosse. Não encerra um ciclo, bem pelo contrário, abre a possibilidade de outro recomeçar de uma forma tão espetacular como o anterior.

Nunca vou ser capaz de esquecer quem eu fui e da Joana. Até falo dela para o Henrique quando estou com ele no colo em frente aos porta-retratos que tenho aqui em casa. Digo que ela foi uma mulher extraordinária, mãe da sua irmã, que tanto o ama, e que, hoje em dia, ela é um anjo da guarda que reza e acompanha todos nós aqui em baixo. E que quando todos nós estivermos juntos, em algum momento, ela vai abraçá-lo como um filho também.

– Obrigado. – Falo para o nada, fazendo a lâmpada dar outra piscada. – Eu sei que tu sempre estive ao meu lado nestes anos. Desculpa se eu fui um pouco teimoso para aceitar as coisas, mas eu não entendia, Jo. Eu não quis entender até que tu colocou ela na minha vida. Eu sabia que tu não ia descansar enquanto não me visse feliz novamente.

Sinto outra brisa, com o seu perfume me envolvendo, como se fosse um abraço. Aquele que sempre me confortou quando eu mais precisava.

– Eu estou feliz. Tudo está bem agora.

A luz começa a piscar diversas vezes, até que ela chega ao ponto de explodir. Deixando tudo escuro novamente.

.

Dou um pulo na cama e sinto o meu coração disparar do meu peito, como se eu tivesse acabado de sair da quadra de squash com o AC.

– O que aconteceu? – Passo a mão no meu rosto, tentando me acordar por completo e vejo a Carla com o Henrique no seu colo mamando.

– Um sonho. Eu acho. – Balanço a cabeça tentando me organizar nos pensamentos. – Que horas são?

– Quase seis. – Sento na cama e fico ao seu lado. Coloco a mão sobre a cabeça do Henrique que abre os olhos para nós.

– Nem vi tu amamentar as três. – Carla olha para mim séria.

– Tu estava dormindo, roncando como sempre, mas deixou tudo arrumado. A fralda trocada e o leite preparado aqui. Não lembra?

Nego com a cabeça e noto a Carla rindo para mim enquanto retira o Henrique do peito e coloca ele na posição para arrotar.

– Acho que andamos tão cansados que nem lembramos mais das coisas.

Aceno que sim com a cabeça e começo a lembrar do sonho que eu tive. De levantar, realmente trocar a fralda do Henrique e ter aquela cena toda com a lâmpada e a brisa com o perfume da Joana. Mas descer até a cozinha, preparar o leite e voltar para cá... Isto não aconteceu.

Ou será que aconteceu?

Fico pensando até a Carla dormir novamente e eu resolver levantar a cama com o Henrique nos braços. Geralmente ele ainda fica acordado até umas sete horas todos os dias. E eu o levo para o piano para tocar algumas músicas calmas para ele. Ele dorme que é uma beleza até as dez da manhã com esse momento pai e filho que instituímos.

Passo pelo corredor, e não evito de testar a lâmpada em questão. Mexo no interruptor dela e vejo que ela está queimada, e quando constato, sinto um arrepio percorrendo o meu corpo.

Olho para o Henrique, que está me observando sério e falo com ele.

– Os anjos sempre vão nos proteger, filho. Agora eu tenho certeza disto.

Ele abre um sorriso sem dentes para mim, eu o beijo e ainda repito as últimas frases que falei do meu sonho, ou sei lá o que foi aquilo.

Eu estou feliz. Tudo está bem agora.

Cena extra inédita

Por Carla

Desço as escadas da casa dos meus pais e paro quando chego ao térreo. Fico parada olhando a cena à minha frente e suspiro. Não existe nada melhor do que encontrar o seu filho dormindo em cima do peito do seu pai. Ainda mais quando ele está escutando a sua música de ninar favorita: o ronco do Luiz.

Sinceramente, não sei como o Henrique consegue pegar no sono bem mais rápido quando o Luiz está por perto. É só o Luiz começar a roncar, daquele jeito que acorda todo as pessoas próximas, que o Rique cai no sono que nem uma pedra. Ontem mesmo eu fiquei com os braços doendo de tanto embalar o meu filho esperando que ele dormisse, e só consegui este feito porque o cansaço falou mais alto. Senão ele ficaria esperando pelo seu pai até o final do plantão para dormir.

E agora mesmo, eu não subi nem por dez minutos e deixei os dois bem acordados e brincando.

Me aproximo do sofá em questão e aproveito o fato da mãe, conhecendo o genro e o neto, tinha sempre uma manta sobressalente escondida em uma das portas abaixo da TV da sala. Cobri as pernas do Luiz e boa parte do Henrique. Beijei os amores da minha vida e aproveitei o fato de estar livre por alguns minutos para trabalhar um pouco no celular.

Minha vida está ainda querendo entrar nos eixos depois da chegada do Henrique. A minha sorte é que o Luiz pega junto comigo para cuidarmos do Rique e a mãe não precisa de convite para se enfiar dentro da nossa casa. Ou nós na sua, como agora.

E sem contar também que tenho todo o apoio e compreensão da Su e a Elis no meu trabalho. Nós três formamos uma equipe de primeira, sempre segurando as pontas quando uma de nós está com algum filho doente. Esta parceria é única e somente entre nós três para dar tão certo. Agradeço aos céus todos os dias por ter um emprego tão bom e que me dê tanta satisfação como este.

Já a minha vida com o Luiz continua a mesma montanha russa de sempre. Pensei que ele fosse se acalmar com a chegada do Rique, ficar um pouco mais cansado e menos ativo, mas foi extremamente ao contrário. O véio está ligado no 220v todos os dias, não me dando descanso um minuto que for. E eu nem preciso dizer que amo cada um destes momentos.

O Luiz é único, e quando está feliz, faz questão de deixar todos que estão a sua volta no mesmo estado.

Hoje mesmo, enquanto ele não me convenceu a sairmos para o bar, não sossegou. Minha mãe se escalou de prontidão a ficar com o neto e eu não tive escapatória nenhuma. Quando o seu Luiz e a dona Lúcia se juntam contra mim, não tenho para onde me virar, os dois sempre ganham.

Trabalho respondendo alguns e-mails e vendo as programações para os próximos eventos, até uma certa pessoinha choramingar de leve em cima do seu pai. Largo tudo o que estou

fazendo e pego o meu filho no colo.

Meu mundo fica completo quando sinto o seu cheirinho de bebê e ele boceja se aninhando no meu colo. Sempre soube, desde que havia ficado grávida daquela vez, que o amor de uma mãe era o maior de todos. Os sentimentos que eu desenvolvi naquele pouco tempo que fiquei grávida, ficaram guardados em mim esperando a hora certa de voltarem. E quando eu peguei o Henrique nos braços pela primeira vez, eles reapareceram com força total e superando qualquer medo que eu poderia ter em relação a ser mãe.

Claro que o medo deu lugar a outros sentimentos. E o principal deles é a incapacidade de sentir todas as dores que o Henrique tem, ou irá ter. Estes dias ele pegou uma gripe, simples, causada pela troca de estação e completamente normal. Nunca me senti tão incapacitada na minha vida inteira. Faria de tudo para trocar de lugar com o meu filho.

Uma gripe normal me deitaria na cama um dia, no máximo dois. Saberíamos quais remédios tomar, dependendo dos meus sintomas, e ficaria bem. Mas quando se trata de um bebê, a situação muda por completo. O Rique não sabia me informar quais eram os seus sintomas, para eu e o Luiz pudéssemos ajudá-lo. Estávamos às cegas completamente, somente acalmando o seu pranto e dando os medicamentos que o pediatra havia receitado.

Desesperador era pouco para o que eu sentia. Queria ter o dom de poder passar toda a doença dele para mim. Para vê-lo bem, brincando com as suas coisinhas e sorrindo todos os minutos. Meu amor poderia ser ilimitado, mas a minha dor conseguia superar esta marca.

Por fim, percebi que uma mãe é o ser que mais sofre neste mundo. E a única coisa que eu pude fazer naquele momento era abraçar a minha e agradecer por todas as vezes que ela se preocupou comigo. E eu sei que não foram poucas.

– Vamos procurar a vovó, meu amorzinho? – Rique ainda curte um pouco da preguiça pós soneca e fica deitado no meu peito.

Caminho pela casa dos meus pais e encontro a minha mãe no pátio, sentada ao sol.

– Eu acordei, vovó. – Digo baixinho e quando a minha mãe se vira, já está com um sorriso no rosto.

Sento ao seu lado e aproveitamos o calorzinho do final do dia para ficarmos juntos e conversando. Não demorou muito para um ser aparecer, com mais preguiça que o Rique.

– Boa noite, Luiz. Dormiu bem? – Ele passa a mão sobre o rosto e bagunça mais os cabelos do que já estavam.

– Até que dormi. Pulei do sofá quando não vi o Rique em cima de mim, pensei que ele havia caído. Quase tive um infarto.

– Vaso ruim não quebra, Luiz. – Minha mãe respondeu amorosamente. – E tem bolo na travessa da cozinha que eu fiz.

Olho para a minha mãe sem entender essa predileção dela pelo Luiz. Estou aqui há quase uma hora e não sabia de bolo nenhum. E conhecendo bem o Luiz, como eu conheço, não vou comer nenhuma migalha se não lutar por ela. Ele é tão fominha que esconde as coisas de mim dentro de casa para comer sozinho. Quando a mãe não aparece de surpresa lá em casa, quando eu não estou, com um pote cheio de alguma coisa. O Luiz pensa que me engana dizendo que aquela

coleção de potes da minha mãe lá em casa não é nada.

Chego na cozinha e brigo com ele por causa do bolo. Só não bato no Luiz porque estava com o Rique no colo, no meio do caminho ele me beijou e riu da minha cara. Pelo menos garanti um pedaço.

A noite cai e enquanto eu dou um banho no Rique, Luiz vai arrumando as coisas no quarto de hóspedes, que agora virou o nosso quarto. Até um berço, que o pai comprou em um grupo de brick no facebook tem. Deito o Rique na toalha azul no meio da cama e deixo o Luiz assumir a fera, que não gosta nenhum pouco de sair de dentro d'água.

– Olha como eu sou bravo, mamãe! Esse beicinho de choro dá para fazer um bife amanhã, não é? – Rique ainda chora e esperneia enquanto é seco.

– O papai quer cortar o beicinho do Rique.... – Me deito ao seu lado e começo a o distrair.

– O papai quer é umas costas novas para mudar o Rique, isto sim. A coluna dele parece que tem duzentos anos. Sem contar nas articulações desgastadas. Acho que vou ficar trancado nesta posição a noite toda.

– Oba, aí vamos dormir em casa, nem vamos sair. – Henrique, bem mais calmo, olha para mim e sorri. Como quem dissesse que não quisesse que nós saíssemos esta noite.

Luiz rapidamente retoma a posição vertical e coloca as mãos nas costas.

– E o milagre aconteceu! Papai está inteiro novamente e pronto para ficar agarrado na mamãe a noite toda! Abençoado seja Santo André Avelino, o santo da terceira idade.

E como sempre, o Luiz me faz rir das suas loucuras.

Ele termina de vestir o nosso filho e deita ao nosso lado. Fazemos o Rique rir, até ficar com soluço e decidimos encerrar a noite para ele. Pego o Solucinho no colo, sento na cama e amamento o Rique com o Luiz ao meu lado.

– A Lena ligou para confirmar o jantar de amanhã, lá na casa deles. Nem me lembrava mais.

– Lembra sim, te falei ontem à noite.

– Esqueceu que tenho o mal de Alzheimer na família? Posso estar apresentando os sintomas iniciais de esquecimento, guria.

– Não brinca com isto, Luiz. – Ele ri. – E a Lena me ligou também. Já confirmei que nós três vamos.

O vóio geme ao meu lado. Por ele ficaríamos em casa, mas eu gosto das suas cunhadas e até mesmo dos seus irmãos. Não quero privar eles de verem o Rique. Meu filho é muito bem mimados pelos seus tios e primos.

– Por que tu faz isso comigo, guria? – Ele se aproxima de mim.

– Porque eu te amo, seu vóio, teimoso e resmungão.

– Minha Carlinha, minha guria. – Ele beija o meu ombro e esquece completamente que o Rique está pendurado em mim.

Termino de amamentar o meu filho, me esquivando o tempo todo do Luiz. Deixo os dois na cama para eu tomar um banho e quando eu volto o efeito ronco funciona novamente. Henrique dorme como o anjinho que é. Me arrumo e acordo o Luiz para que ele se arrume de uma vez.

Deixamos o Rique com a minha mãe e saímos em direção ao bar. Aquele mesmo bar de sempre. O que nos juntou de uma forma espetacular e única. Nunca na minha vida eu imaginaria que conheceria o melhor homem do mundo dentro daquelas paredes e com o ambiente na penumbra com as luzes piscantes da pista de dança.

O único que eu poderia aguentar e curar todos os meus problemas de uma forma que ninguém consegue explicar.